



n.º 1

Pessoa plural

Pessoa Plural

A Journal of Fernando Pessoa Studies

issn: 2212-4179

EDITORS-IN-CHIEF

Onésimo Almeida

Paulo de Medeiros

Jerónimo Pizarro

Nota dos Editores

Onésimo Almeida*, Paulo de Medeiros** e Jerónimo Pizarro***

Embora não haja nenhum “dia triunfal” na génese de *Pessoa Plural*, os diretores desta nova revista dedicada aos estudos pessoanos pensamos que a data do seu lançamento, no aniversário do nascimento poeta, assinala um novo marco no campo e por razões várias.¹ A necessidade de uma publicação electrónica periódica centrada na figura de Fernando Pessoa, mas seguindo as regras internacionais vigentes em publicações científicas, era óbvia, dado o contínuo crescimento do reconhecimento internacional da importância e singularidade de Pessoa no universo cultural europeu. Ela permitirá um veículo para a divulgação de materiais inéditos recolhidos da vasta coleção de documentos do espólio, assim como a correção e revisão de outros já publicados. Além disso, as novas técnicas de digitalização têm vindo a melhorar nitidamente o acesso a materiais de arquivo, o que, por seu turno, facilita a reflexão crítica e teórica sobre os escritos de Pessoa. A publicação tradicional, impressa, de edições críticas dos textos de Pessoa e de estudos críticos sobre eles mantém-se absolutamente necessária. No entanto, a publicação electrónica da revista trará vantagens definitivas também: possibilitará acesso fácil a novos materiais e estudos a investigadores internacionais, que os podem ler ou descarregar a partir das suas instituições; permitirá a publicação mais rápida de textos e materiais, sem os limites físicos de tamanho, qualidade gráfica e custo normalmente associados com volumes impressos; e permitirá ainda um grau maior de cruzamentos interdisciplinares, uma vez que se espera que tanto os leitores como os colaboradores possam ser estimulados pelas divergentes opções metodológicas e teóricas. A abertura a várias modalidades de estudar Pessoa é uma preocupação central, assumida já pelo próprio título, *Pessoa Plural*, que reflete a multiplicidade de Pessoa assim como o desejo de abrir para e albergar perspectivas variadas sobre a sua obra. Aliás, este último foi mesmo um dos objectivos principais que levaram à criação da revista, após várias conversações entre Jerónimo Pizarro, de quem provém a ideia inicial, com Paulo de Medeiros, assim como, um pouco depois, com Onésimo Almeida. A possibilidade de partilharmos as responsabilidades editoriais entre os três já reflete também o desejo de se ultrapassar os limites de abordagens estreitas à obra de Pessoa. Para além da multiplicidade, na base da criação da revista está igualmente a

* Brown University.

** Utrecht University.

*** Universidad de los Andes.

¹ Este primeiro número foi apoiado por uma Bolsa do Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences (NIAS).

preocupação de se adoptar as normas editoriais atualmente vigentes nas edições académicas. Consequentemente, será atribuído um papel essencial ao Conselho Editorial que, através do processo de arbitragem anónima, garantirá tanto a imparcialidade como o rigor. O facto de tantos dos mais distintos e reconhecidos especialistas pessoanos imediatamente terem acedido ao convite para serem parte de *Pessoa Plural* estimula-nos na tomada de consciência das responsabilidades ligadas a uma iniciativa deste teor.

O primeiro número de qualquer publicação periódica é simultaneamente uma janela para o presente e uma promessa para o futuro. *Pessoa Plural* ambiciona não apenas avançar e disseminar os estudos pessoanos, como reflete também uma opinião compartilhada sobre a importância material dos textos e outros artefactos para ancorar a reflexão crítica e teórica. Ficámos contentes e gratos com o número e a qualidade dos textos que recebemos. Enviamos agradecimentos sinceros aos membros do Conselho Editorial e aos leitores-consultores anónimos. Aos leitores em geral, que esperamos possam tirar proveito desta iniciativa e entrar em diálogo com os materiais, questões e casos expostos nos ensaios publicados em *Pessoa Plural*, fica um convite à leitura.

Note from the Editors

Onésimo T. Almeida*, Paulo de Medeiros** and Jerónimo Pizarro***

Although there is no “triumphal day” at the origin of *Pessoa Plural*, we, as editors of this new scholarly journal dedicated to studies of Fernando Pessoa, think that the date of its launching, on the poet’s birth anniversary, marks a new turn in Pessoaan studies for several reasons.² The need for an on-line, peer-reviewed, journal focused on Fernando Pessoa was obvious, given the increasing international recognition of Pessoa’s importance and singularity within European Modernism, the continuous publication of new materials retrieved from his vast collection of manuscripts, and the correction and revision of previously published ones. Furthermore, new digital techniques have also greatly improved the accessibility to archival material and this in turn facilitates further critical and theoretical reflection on Pessoa’s works. Conventional publication in printed form of critical editions of Pessoa’s texts as well as of critical studies of the same remains an absolute necessity. However, the electronic publication of a journal has definite advantages as well: it provides easy access to new materials and studies to an international body of scholars, who can read or download them from their institutions; it allows for a faster publication of certain texts and materials without the physical limitations on size, graphic quality and cost associated with printed volumes; and it also allows for a greater degree of cross-disciplinarity, as hopefully both readers as well as contributors will be stimulated by divergent theoretical and methodological options. Indeed, the openness to various modes of studying Pessoa is a central concern assumed in the journal’s title, *Pessoa Plural*, that reflects both Pessoa’s multiplicity as well as the desire for varied perspectives on his works. This was one of the explicit aims in starting the new journal, in the various conversations between Jerónimo Pizarro, whose initial idea it was, with Paulo de Medeiros, and later, with Onésimo Almeida. The possibility of having the journal’s editorial responsibilities shared among us, already reflects the wish to go beyond a single approach to the works of Pessoa. Besides multiplicity, at the base of the journal’s creation is also a shared emphasis on scholarly standards; and, consequently, on the essential role to be played by the journal’s editorial board and the process of double-blind peer-review to guarantee both impartiality and rigor. The fact that many of the most distinguished international Pessoa scholars readily

* Brown University.

** Utrecht University.

*** Universidad de los Andes.

² This first issue was supported by a Grant from the Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences (NIAS).

agreed to be part of *Pessoa Plural* gives us confidence in the work to be done and reminds us of the responsibilities that go with such an initiative.

The first issue of any periodical publication is both a window into the present and a promise for the future. *Pessoa Plural* aims not only at advancing and disseminating scholarship on Fernando Pessoa, it also reflects a shared sense of the material importance of textual and other artifacts for the grounding of critical and theoretical reflection. We are delighted with the number and quality of the essays that were submitted. To the members of the editorial board, the anonymous reviewers and the authors, we extend our sincere thanks. To the readers, in general, whom we hope will be able to profit from this venture and engage with the materials, issues, and questions that the essays published in *Pessoa Plural* raise, we extend a warm invitation to read.

Table of Contents

Número 1, primavera de 2012

Issue 1, Spring 2012

Nota dos Editores / A Note from the Editors i
Onésimo Almeida, Paulo de Medeiros & Jerónimo Pizarro

**Auto-tradução e experimentação interlinguística
na génese d’“O Marinheiro” de Fernando Pessoa**..... 1
[Self-translation and Interlingual Experimentation
in the Genesis of Fernando Pessoa’s “O Marinheiro”]
Claudia J. Fischer

O mago e o louco: Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Dias 70
[The magician and the madman: Fernando Pessoa and Alberto da Cunha Dias]
José Barreto

**Sebastianismo e Quinto Império:
o nacionalismo pessoano à luz de um novo *corpus***..... 139
[Sebastianism and the Fifth Empire:
Pessoa's Nationalism in Light of a New Corpus]
Jorge Uribe & Pedro Sepúlveda

**Fernando Pessoa leitor de Theodor Nöldeke.
Notas sobre a recepção do elemento arábico-islâmico por Pessoa**..... 163
[Fernando Pessoa reading Theodor Nöldeke.
Notes on the reception of the Arabic-Islamic element by Pessoa]
Fabrizio Boscaglia

**Dos poetas venezolanos lectores de Pessoa:
Rafael Cadenas y Eugenio Montejo** 187
[Two Venezuelan poets, readers of Pessoa:
Rafael Cadenas y Eugenio Montejo]
Ana de Bastos

**Mussolini é um louco: uma entrevista desconhecida
de Fernando Pessoa com um antifascista italiano** 225
[Mussolini is a Madman: a previously-unknown interview
between Fernando Pessoa and an Italian anti-fascist]
José Barreto

September 1930, Lisbon:

Aleister Crowley's lost diary of his Portuguese trip 253

[Setembro de 1930:

O diário perdido da viagem a Lisboa de Aleister Crowley]

Marco Pasi

**Fernando Pessoa and Aleister Crowley: New discoveries and
a new analysis of the documents in the Gerald Yorke Collection 284**

[Fernando Pessoa e Aleister Crowley: Novas descobertas e

novas análises de documentos na Gerald Yorke Collection]

Marco Pasi & Patricio Ferrari

Rebello de Bettencourt e Fernando Pessoa:

Dois poemas publicados no *Diário dos Açores* 314

[Rebello de Bettencourt and Fernando Pessoa:

Two poems published in the *Diário dos Açores*]

Vasco Rosa

Sobre a primeira gazetilha de Álvaro de Campos 320

[On the first *gazetilha* by Álvaro de Campos]

Jerónimo Pizarro

Film Fragments 335

[Argumentos para Filmes]

Paulo de Medeiros

Auto-tradução e experimentação interlinguística na génese d'“O Marinheiro” de Fernando Pessoa

Claudia J. Fischer*

Palavras-chave

Pessoa, tradução, auto-tradução, Marinheiro, drama

Resumo

É conhecido o facto de Fernando Pessoa ter traduzido vários poetas quer para o inglês quer para o português. Pouco sabemos contudo do seu trabalho enquanto tradutor da própria produção literária. Se Álvaro de Campos, por exemplo, se dedicou à auto-tradução de dois dos seus poemas, deixando-nos versos de “Opiário” e de “Naval Ode”, já o ortónimo escolheu “O Marinheiro” – seu “drama estatico n'um quadro” publicado no nº1 da revista *Orpheu* em 1915 – para o verter para as línguas francesa e inglesa. Nunca publicados e deixados em estado fragmentário, estes textos revelam não apenas uma condição de translinguismo muito evidente na restante obra de Pessoa como também processos de experimentação interlinguística que merecem ser analisados. Compararei passagens escolhidas, verificando se as versões diferem consoante as línguas de chegada. Com base nesta análise, procurarei finalmente apurar se se trata de traduções da versão portuguesa ou antes de esboços de criação poética directamente em francês e em inglês. Em anexo ao artigo serão apresentadas imagens de todos os manuscritos e dactiloscritos referentes a “O Marinheiro” nas três línguas, com respectivas transcrições e variantes.

Keywords

Pessoa, translation, self-translation, Marinheiro, drama

Abstract

It is a well-known fact that Fernando Pessoa has translated numerous poets both into English and Portuguese. Nevertheless, we know little about the translations that concern his own literary production. If Álvaro de Campos, for instance, partly self-translated two of his poems (“Opiário” and “Ode Marítima”), the orthonym chose the “Marinheiro” – his “drama estatico n'um quadro” published in the first number of *Orpheu* in 1915 – to translate it both into French and English. Never published before and left in a fragmentary state among the thousand manuscripts of Pessoa's archive, these texts not only confirm the translinguistic feature of his oeuvre but also reveal interlingual processes that deserve our attention. I shall compare selected passages in order to verify any deviations that may or not be due to a change in the target languages. Based on this analysis, I shall finally inquire whether these fragments are translations of the Portuguese version or rather creative drafts directly done in French and English. In annex I present images of all the autograph texts (handwritten and typewritten) pertaining to “O Marinheiro” in the three languages along with complete transcriptions and textual variants.

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Centro de Estudos Comparatistas.

[A] translation is a serious parody in another language.¹

A par de uma produção literária plurilingue (em português, inglês e em francês), Fernando Pessoa desde cedo se relacionou com o acto de traduzir entre estas línguas² e outras.³ Contam-se entre as suas traduções mais citadas as de Edgar Allan Poe⁴ e de Aleister Crowley,⁵ mas o número de poetas traduzidos por Pessoa ainda em vida ascende a umas dezenas, abarcando principalmente autores ingleses, como Coleridge, Shelley, Tennyson, Wordsworth, Robert e Elizabeth Barrett Browning, Kipling, Tennyson, e autores espanhóis como Góngora, Quevedo, Garcilaso de Vega.⁶ Algumas traduções de Pessoa, incluindo do português para o inglês, vieram ao prelo postumamente⁷ e, tendo em conta que grande parte da produção pessoana não está ainda publicada, muitas permanecem no fundo das famosas arcas e nas margens de alguns livros da sua biblioteca particular.⁸

Para além das traduções realizadas, Pessoa deixou-nos ainda uma série de documentos que revelam uma profícua multiplicação de projectos de tradução ou de antologias com traduções, muitas delas da sua responsabilidade. Mencione-se, a mero título de exemplo, o projecto da *Olisipo*, iniciado em 1921, cujo plano editorial incluía, além de obras escolhidas de autores portugueses (em português

¹ BNP/E3, 14^v-99^r; in Lopes, 1993: 220. BNP = Biblioteca Nacional de Portugal; E3 = Espólio número 3.

² Para além de traduzir para o português, Pessoa realizou também traduções do português para o inglês e para o francês (nomeadamente alguns poemas do livro *Alma Errante* de Eliezer Kamanesky).

³ Do alemão “tímidas tentativas de traduções” (Lind, 1962: 7) deixadas num livro hoje extraviado, ficando portanto a dúvida se Pessoa teria traduzido desta língua para o inglês ou o português (cf. Fischer, 2010); do grego para português (cf. Ferrari, 2009: 39) e do latim para inglês (BNP/E3, 77-23^r e 24^r; Pessoa, 1997: 196-197).

⁴ “O corvo”, publicado no n.º 1 da revista *Athena*, em Outubro de 1924 e “Annabel Lee” e “Ulalume”, ambos publicados no n.º 4 da *Athena*, em Janeiro de 1925, recentemente editados por Margarida Vale de Gato (Poe, 2011).

⁵ “Hino a Pã”, publicado no n.º 33 da revista *presença*, em Julho-Outubro de 1931.

⁶ De acordo com Arnaldo Saraiva (1996), todos estes autores foram traduzidos por Fernando Pessoa e publicados entre 1911 e 1912 na *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, colectânea em 24 volumes de que ainda existem alguns exemplares no Brasil.

⁷ Referimo-nos, por exemplo, ao soneto de Camões, “Alma minha gentil que te partiste” (“Oh gentle spirit mine that didst depart”), publicado pela primeira vez por Ley (1939) e a 31 sonetos de Antero de Quental, parcialmente traduzidos para o inglês e recentemente reunidos e publicados por Patricio Ferrari (Quental, 2010).

⁸ Destaque-se, a título de exemplo, a sua tradução de um grande manancial de passagens em verso e em prosa de *The Tempest* de Shakespeare, nas margens de dois exemplares existentes na biblioteca particular de Pessoa (CFP 8-507 e CFP 8-508). Recentemente, a colecção “Pessoa Editor” lançou uma tradução deste drama, a cargo de Fátima Vieira, mas não se recorreu às traduções de Pessoa, com excepção da transcrição de apenas seis versos, na introdução assinada por Mariana Gray de Castro.

ou em versão inglesa), traduções do inglês – em particular de Shakespeare⁹ –, do grego (Ésquilo, poesia grega e Aristóteles), do alemão (Lessing), do italiano (Maquiavel), do japonês (poemas haikai), do persa, do russo e do espanhol. Na lista de edições que idealizou para a Olisipo, Pessoa figura como tradutor de quase todos os textos ingleses e da obra em castelhano (Espronceda), enquanto Ricardo Reis assume a totalidade das traduções do grego. Em 1923, posta em suspenso a continuação da Olisipo,¹⁰ Pessoa propõe em carta a João de Castro, sócio e gerente de uma editora portuguesa, a tradução de nada menos do que onze dramas de Shakespeare, num ritmo de entrega trimestral, além de uma colectânea de poesia inglesa (BNP/E3, 114¹-32^r e 33^r; cf. Pessoa, 1999: 13-15). Outras listas de títulos sujeitos a traduções futuras ou em andamento, encontradas no espólio à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, apontam para uma contínua disposição de Pessoa para uma actividade que o próprio assinalava como sendo a sua profissão:

Profissão: A designação mais propria será “traductor”, a mais exacta a de “correspondente estrangeiro em casas commerciaes”. O ser poeta e escriptor não constitue profissão, mas vocação. (Col. Arq. F. Távora; Pessoa, 2011a: 193).

É objecto deste estudo um dos trabalhos de Fernando Pessoa enquanto auto-tradutor, nomeadamente o conjunto de 25 páginas d’“O Marinheiro” em versão francesa, elencados e transcritos no anexo I.¹¹ Nunca publicados na sua totalidade até à data, estes fragmentos, alguns deles extensos e, como veremos, profusamente trabalhados, encontram-se em folhas dispersas pelo espólio, o que dificulta a sua localização e organização, bem como a construção do que se poderia aproximar de uma versão completa e final. Contudo, a confrontação de todas estas peças soltas com a versão portuguesa constitui, sem dúvida, matéria preciosa para uma investigação sobre processos de auto-tradução em geral, servindo-nos porém aqui, mais particularmente, para o estudo do modo como parte da criação literária pessoana se desenvolveu em larga medida a partir da leitura em diferentes línguas.

Ressalta, à partida, o facto de Pessoa ter escolhido a língua francesa para nela verter o seu drama, em detrimento do inglês, língua na qual tivera lugar toda a sua formação escolar e para a qual tinha o hábito de traduzir (e de se auto-

⁹ Veja-se o modo como Pessoa defende a excelência de uma tradução de Shakespeare feita por ele-mesmo: “A maneira e o estylo de Shakespeare [são] tão individuaes que só pode traduzir Shakespeare bem quem [...] esteja [...] inteiramente penetrado do espirito da obra shakespeareana. — “Olisipo” é a primeira empreza editora dos paizes chamados latinos que tem elementos para realizar essa tradução” (BNP/E3, 137D-45^r; cf. Pessoa, 1986: 156).

¹⁰ No âmbito do projecto da Olisipo, foram publicadas, entre 1921 e 1923, as seguintes obras: *A Invenção do Dia Claro*, de Almada Negreiros, *English Poems I-II* e *English Poems III*, de Fernando Pessoa, *Canções*, de António Botto e *Sodoma Divinizada*, de Raúl Leal. Actualmente, a editora Guimarães (chancela Babel) publicou uma colecção de 10 títulos do plano editorial Olisipo.

¹¹ Segue-se ao anexo I um anexo II que contém os dois fragmentos para uma eventual versão inglesa d’ “O Marinheiro”.

traduzir¹²). É certo que se encontram no espólio algumas passagens d' "O Marinheiro" traduzidas para inglês, estas porém em muito menor número e em estado ainda mais embrionário do que as francesas, como se pode verificar no anexo II. Não constituindo por si só um *corpus* de dimensão razoável para um estudo da auto-tradução em Pessoa, trazem-nos contudo a possibilidade – tanto quanto foi apurado, única na obra de Pessoa –, de apreciarmos um mesmo texto poético redigido por Pessoa em três línguas diferentes, com todas as potencialidades para a crítica literária que a sua confrontação oferece.

I. Algumas influências para "O Marinheiro" na biblioteca particular de Pessoa

A mencionada estranheza perante a predileção pelo francês no que diz respeito à composição de uma versão não-portuguesa deste drama dissipar-se-á após um olhar atento à biblioteca particular de Pessoa.¹³ Permitir-nos-á esse olhar conjecturar com alguma segurança que esta opção estaria claramente motivada pela língua na qual Pessoa lera aquele que exercera uma indiscutível influência sobre a concepção deste drama: Maurice Maeterlinck,¹⁴ dramaturgo simbolista, criador do chamado teatro estático, descrito e defendido por ele no ensaio "Le tragique quotidien" (Maeterlinck 1896), datado de 1894.

Com o subtítulo "Drama estático em um quadro" – género que, atendendo a diversas listas no seu espólio, pretendia vir a desenvolver –, Pessoa publica "O Marinheiro" no primeiro número da revista *Orpheu* em Março de 1915, com indicação da data de escrita "11/12 de Outubro de 1913". Único drama alguma vez

¹² Referimo-nos às traduções parciais da "Ode Marítima" e do "Opiário" de Álvaro de Campos que, não estando assinadas, tanto podem ser atribuídas a Pessoa como a Campos. Não concordamos portanto com a certeza adiantada por Xosé Manuel Dasilva (2003: 140), segundo o qual "la excepcionalidad de este ejemplo tan singular de autotraducción viene dada por la circunstancia de que tal versión inglesa (...) haja que atribuirle en puridad a Pessoa en su condición de ortónimo, que aquí traduce a un heterónimo y no, por tanto, propiamente se autotraduce a sí mismo". Com os títulos em inglês "Naval Ode" – embora numa carta de 1915 ao editor Frank Palmer se lhe refira como "Marine Ode" (Pessoa, 1999: 190) – e "Opiary", estes fragmentos (BNP/E3 49B¹-7 a 8 e 49B-9) foram pela primeira vez publicados em Pessoa, 1990: 371-375. Assinale-se também, as autotraduções de Pessoa/Campos dos poemas "Tenho uma grande constipação" ("I have a bad cold") e "Apostilla" ("Make use of my time!"), publicados pela primeira vez na revista *presença*, número único, em 1977 (cf. Miraglia, 2007: 329, n. 11).

¹³ Cf. Pizarro, Ferrari, Cardiello (2010). Biblioteca online no site da Casa Fernando Pessoa: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/index.htm>.

¹⁴ Constam na sua biblioteca particular, albergada na Casa Fernando Pessoa, três volumes de peças de teatro de Maeterlinck (CFP 8-333), adquiridos em 1914, no dia de aniversário de Pessoa, e muito sublinhados e, de André Beaunier, *La Poésie nouvelle* (CFP 8-31), cujo capítulo sobre Maeterlinck se encontra igualmente muito sublinhado, sobretudo onde se transcrevem citações deste dramaturgo. Refira-se também uma página do diário de Pessoa que assinala a leitura de Maeterlinck nos dias 3 e 4 de Junho de 1914, alguns dias antes da aquisição do livro (BNP/E3, 68A-3^v; Pessoa, 2009: 449).

publicado por Pessoa,¹⁵ esta obra sempre mereceu por parte do seu autor uma convicção de excelência poética. São exemplo disso as suas palavras numa pequena biografia intelectual que publicou na *presença* em 1928 (Pessoa, 1928: 10), bem como o esboço de prefácio para uma antologia inglesa de poetas sensacionistas,¹⁶ onde exalta as qualidades de “The Sailor” em detrimento da subtileza simbolista comumente atribuída à produção dramática de Maeterlinck, assumindo assim abertamente a comparação entre a obra dos dois dramaturgos:

Fernando Pessoa is more purely intellectual; his power lies more in the intellectual analysis of feeling and emotion, which he has carried to a perfection which renders us almost breathless. Of his static drama *The Sailor* a reader once said: “It makes the exterior world quite unreal”, and it does. No more remote thing exists in literature. Maeterlinck’s best nebulosity and subtlety is coarse and carnal by comparison. (Pessoa, 2009: 216).¹⁷

Se bem que “O Marinheiro” encontrasse uma fonte de inspiração no teatro estático de Maeterlinck e em particular no drama “L’Intruse”,¹⁸ Pessoa recusa uma determinada dimensão dos dramas deste autor belga, a seu ver “falhados pela opressão excessiva do symbolo” (18-64; cf. Pessoa, 1967: 89),¹⁹ ambicionando

¹⁵ Encontram-se no seu espólio esboços de outros dramas, como o *Fausto*, publicado postumamente (Pessoa, 1952) e posteriormente editado numa versão mais completa (Pessoa, 1988). Outros dramas iniciados por Pessoa e cujos manuscritos foram pela primeira vez publicados por Lopes (1977) têm como títulos “Diálogo no jardim do palácio”, “A morte do príncipe”, “Salomé” e “Sakyamuni”. Eduardo Freitas da Costa, no prefácio da sua edição de 1952, refere-se também a fragmentos dramáticos, como “Calvário”, “Briareu” e “Lygeia”, cuja publicação, prevista para um segundo volume de *Os Poemas Dramáticos*, nunca chegou a ter lugar. A estes títulos, Lopes acrescenta ainda “Marino”, “Duke of Parma” e “The Multiple Gentleman” (trata-se provavelmente “The Multiple Nobleman”, recentemente publicado em Pessoa, 2011), “Circo Internacional Schildroth”, “Monólogo Dialogado”, “Mereia”, “Inês de Castro”, entre outros sem título. Encontramos ainda, numa lista encabeçada “Cancioneiro” sob o item “Teatro Menor” (Pessoa, 1988: 197-8), a referência a “A Cadela” e “As Coisas” e, noutra lista encabeçada “Theatro estático”, os títulos “Os Estrangeiros”, “O Erro” e “(Os Emigrantes)”, este último seguido da indicação entre parêntesis “children who pretend to emigrate, and their ardour of otherness”. Esta última lista (BNP/E3 48I-1r) foi publicada pela primeira vez por Cláudia F. Souza em *O Marinheiro* (2010: 10). Finalmente, outra lista, ainda inédita, encabeçada “Theatro d’Extase” inclui também o título “Chronos” (48I-3v).

¹⁶ Duas listas (BNP/E3, 48-9r e 48-17; Pessoa, 2009: 429 e 431) elencam o possível conteúdo de uma “Sensationist Anthology”. Numa delas, “The Sailor” figura entre as três obras de Pessoa (juntamente com “Slanting Rain” e “Beyond God”) previstas para a antologia, na outra mantém-se “O Marinheiro”, desta vez em português e apenas em companhia de “Na Floresta do Alheamento”.

¹⁷ Texto publicado pela primeira vez na revista *Tricornio*, a 15 de Novembro 1952, e de que não existe testemunho no espólio.

¹⁸ Evidencia-se uma semelhança entre estes dramas logo a partir da didascália inicial. Datado de 1891, “L’Intruse” está incluído no primeiro dos três volumes da obra de Maeterlinck, existente na biblioteca de Pessoa (cf. nota 15). Suely Aparecida de Miranda, na sua tese de mestrado, analisa com algum detalhe a intertextualidade entre estes dois dramas (2006: 58 e segs).

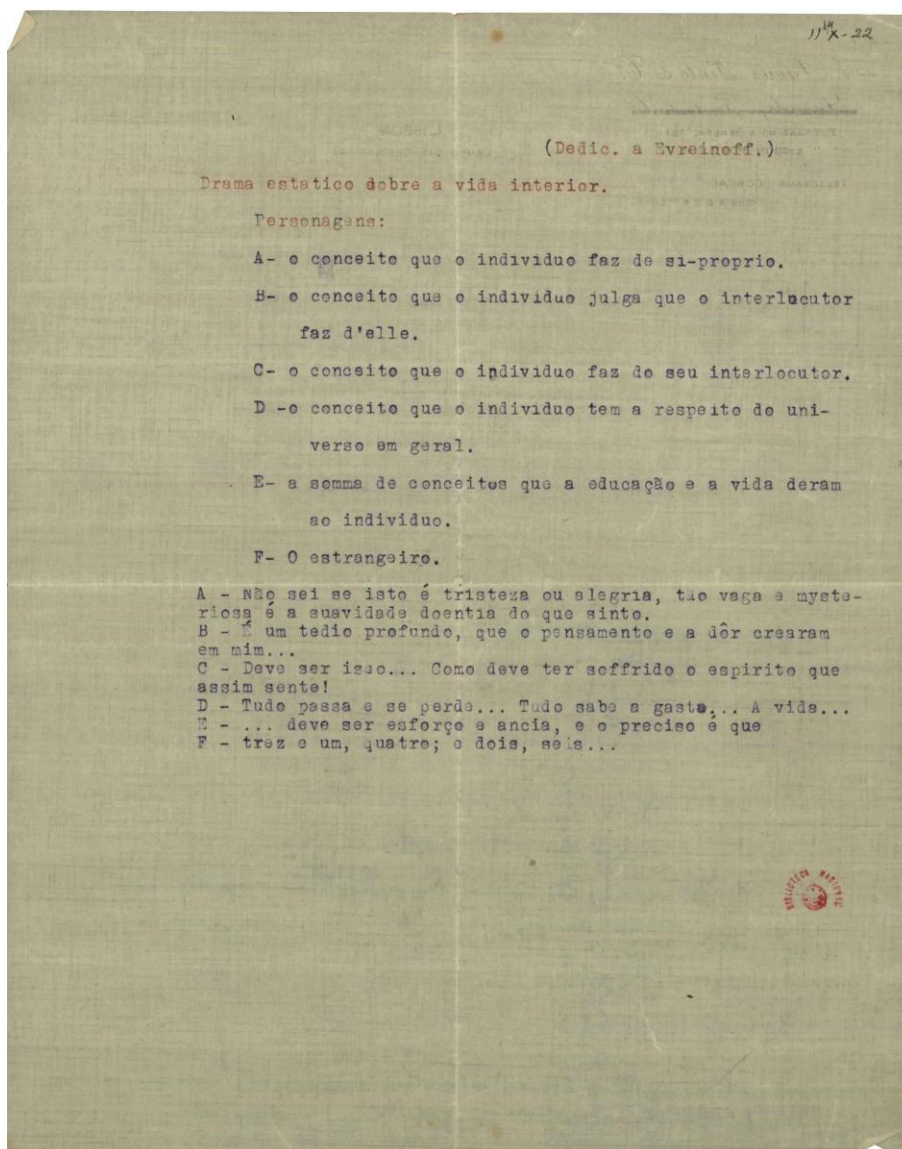
¹⁹ Num levantamento de textos interseccionistas seus e de Sá-Carneiro, Pessoa refere-se ao “Marinheiro” como “intersecção da Duvida e do Sonho” (BNP/E3 48I-5r; Pessoa, 2009: 106).

antes uma sobriedade grega que, de acordo com um trecho do próprio sobre a revista “Orpheu” – aquela que considerava ser porta-voz da corrente sensacionista –, se viu plenamente realizada no seu “Marinheiro”:

O mais extraordinario é a grande divergencia de individualidades que uma corrente tão nova já comporta. Ha os poemas de Sá-Carneiro, perturbadores e geniaes [...] e, finalmente, esse nocturno “drama estático” de Fernando Pessoa, revelação de uma vida interior espantosamente rica, e onde o fogo central de uma tragedia que se passa apenas nos sonhos de trez figuras (ellas proprias talvez tambem sonhos) é contido dentro de uma sobriedade externa difficil de encontrar fóra da Grecia antiga. (BNP/E3, 87-44r; Pessoa, 2009: 47).

Não é, porém, de descurar uma outra possível influência para a concepção d’ “O Marinheiro”, evidenciada num documento, até à data inédito, no qual Pessoa esboça um “drama estatico sobre a vida interior” dedicado a Nikolai Evréinof – dramaturgo russo representado na sua biblioteca com o livro *The Theatre of the Soul* (CFP 8-179), provavelmente adquirido em 1915 –, inventariando as personagens que, a propósito do drama de Evréinof, descreve como “as varias sub-individualidades componentes d’esse pseudo-simplex a que se chama o espirito” (18-67r; cf. Pessoa, 1967: 94).²⁰

²⁰ É notória a linha de continuidade do drama de Evréinof, subintitulado “A monodrama in one act”, cuja primeira didascália se inicia com a frase “The action passes in the soul in the period of half a second” e este plano de drama concebido por Pessoa. Todos estes elementos reforçam a tese já avançada por Lopes (1985: 52-55) de que “O Marinheiro”, na sua qualidade de teatro estático, contém em si o embrião da heteronímia, tendo por exemplo em conta que o número das veladoras corresponde ao número das três personagens do “drama em gente” encenado por Pessoa ao longo da vida.

Fig. 1. BNP/E3, 1114X-22¹

Finalmente, a linha de influência para o único drama estático concluído e publicado por Pessoa parece também ter passado por Oscar Wilde e a sua “Salomé”, especialmente nos moldes em que é descrita por Arthur Ransome no seu estudo crítico de Wilde (CFP 8-460), adquirido e assinado por Pessoa por volta de 1915, data de publicação d’ “O Marinheiro”. Neste volume, profusamente sublinhado e marcado por Pessoa, Ransome retrata a peça composta por Wilde em francês como “a potential as opposed to kinetic drama [which] expresses itself not in action, but in being unmoved by action, [...] an expression of the aspiration towards purely potential speech characteristic of the French symbolists” (Ransome, 1913: 163).²¹

²¹ É também de referir, a propósito, que Pessoa nos deixou um fragmento de um drama estático intitulado “Salomé”, redigido em português e publicado pela primeira vez por Lopes (1977).

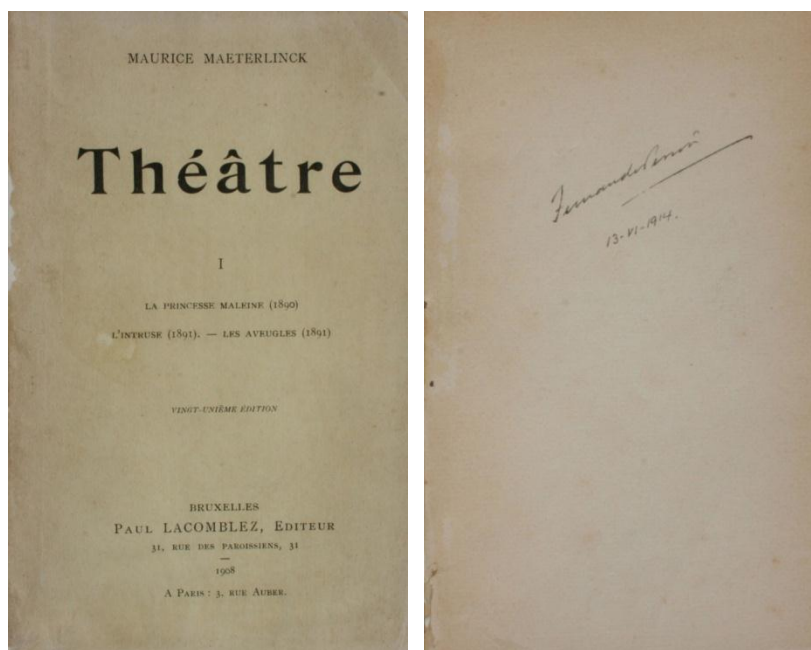


Fig. 2. CFP 8-333

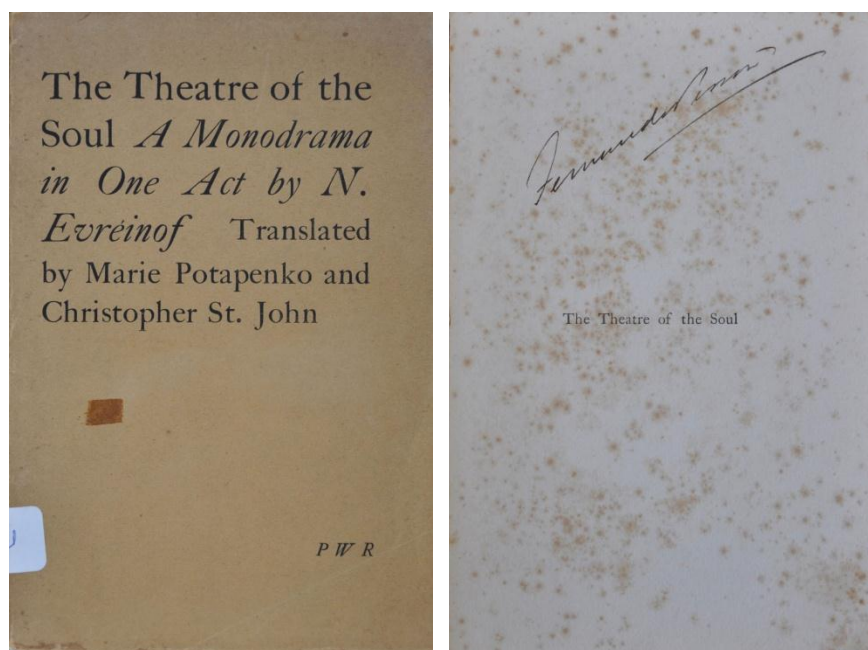


Fig. 3. CFP 8-179

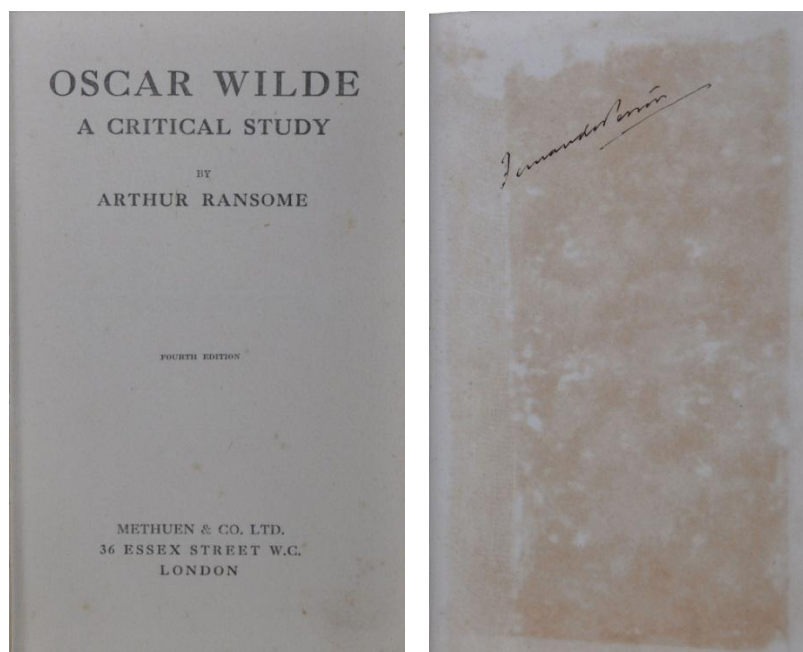


Fig. 4. CFP 8-460

II. Pessoa sobre o drama estático e a arte da tradução

Para podermos devidamente pesar os critérios a ter em conta numa tradução d' "O Marinheiro" (seja pelo próprio autor, seja por outrem) e avaliar a pertinência de toda uma quantidade de teorias sobre tradução de teatro que passam pela postulação de uma especificidade deste tipo de texto – tomado como um produto *"incompleto"* e não como uma entidade inteiramente acabada, pois é só no espectáculo teatral que todo o potencial do texto é actualizado" (Bassnett, 2003: 190) –, será de grande interesse tomar conhecimento do modo como o autor encarava este produto que tão insistentemente apelidava de drama ou teatro estático, uma designação que por vezes se converteu em "theatro d'extase"²² e que contava com "O Marinheiro" como sendo apenas o primeiro de muitos.

²² Cf. documento com a cota BNP/E3, 48I-3v, em que "O Marinheiro" e outros títulos são agrupados sob o título "Theatro d'Extase" (ver fig. 5). Existe outro documento datado de 12-1-1914, reproduzido pela primeira vez em Lopes (1977), sem indicação de cota, no qual figura uma lista manuscrita encabeçada "Obras, consoante ditas em 12-1-1914. Em Português" e que inclui o "Theatro d'Extase". (BNP/E3, 48E-29).

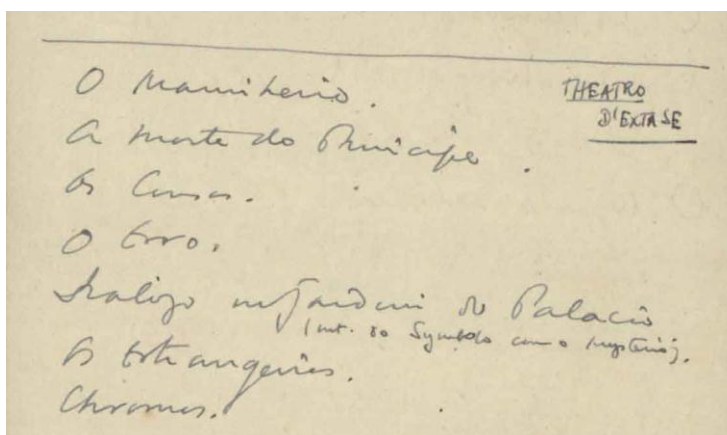


Fig. 5. Pormenor de BNP/E3, 48I-3v

Transcrição:²³

THEATRO
D'EXTASE

O Marinheiro.
A Morte do Principe.
As Cousas.
O Erro.
Dialogo no Jardim do Palacio.
(int[ersecção] do Symbolo com o Mysterio).
Os Estrangeiros.
Chromos.

Ora, de acordo com uma definição enunciada por Pessoa, provavelmente ainda antes da publicação d' "O Marinheiro", esta forma de drama exclui precisamente aquele ingrediente que as teorias do teatro (e da sua tradução) invocam como sendo fulcral no texto dramático – a disposição para a acção, o pressuposto de cada palavra no papel (a matéria do tradutor) constituir um potencial gesto em cena que, a par de outros gestos não-verbais e os restantes elementos cénicos, configura o sentido da peça no seu conjunto. Pois, Pessoa chama

²³ A localização no espólio e a transcrição dos documentos foram realizadas em colaboração com Patricio Ferrari. A todos os manuscritos reproduzidos no corpo deste artigo seguir-se-ão as respectivas transcrições. Estas incluem variantes, bem como passagens dubitadas, inacabadas e riscadas pelo autor. Foram utilizados os seguintes símbolos, estabelecidos na edição crítica das obras de Fernando Pessoa: □ espaço deixado em branco pelo autor; * leitura conjecturada; / / lição dubitada pelo autor; † palavra ilegível; < > segmento autógrafa riscado; < > \ substituição por superposição; < > [↑] substituição por riscado e acrescento; [↑] acrescento na entrelinha superior; [↓] acrescento na entrelinha inferior; [→] acrescento na margem direita; [←] acrescento na margem esquerda; [] acrescento pelo editor.

[...] theatro estatico áquelle cujo enredo dramatico não constitue acção — isto é, onde as figuras (portanto) não só não agem, porque nem se deslocam nem dialogam sobre deslocarem-se, mas nem sequer teem sentidos capazes de produzir uma acção; onde não ha conflicto nem propriamente enredo. Dir-se-ha que isto não é theatro. Creio que o é porque creio que o theatro transcende o /theatro/ meramente dinamico e que o essencial do theatro é, não é acção nem a progressão e consequencia da acção — mas, mais abrangentemente, a revelação das almas atravez das palavras trocadas ou a criação de situações atravez □. Pode haver revelação de almas sem acção, e pode haver criação de situações de inercia meramente de alma, sem janellas ou portas para a realidade. (BNP/E3, 18-115^r; cf. Pessoa, 1967: 112)

Longe portanto de lançar as bases para uma forma de anti-teatro, como já tem sido sugerido pela crítica,²⁴ Pessoa descreve-nos aqui uma determinada espécie de drama que apela ao leitor/espectador enquanto literatura e não enquanto entretenimento ou acção.²⁵ O facto de esta definição de Pessoa de teatro estático acumular uma multiplicação de negações dos traços habitualmente associados ao drama (onze negações nas primeiras cinco linhas) não nos deverá levar a inferir uma negação do próprio drama, ou do papel do carácter,²⁶ elementos desenvolvidos até à exaustão por aquele que sempre se considerou mormente como dramaturgo.²⁷

A corrente na qual se insere o contexto de criação d’“O Marinheiro”, o sensacionismo, é também ela-própria avessa à ideia de acção. “Sentir é crear. Agir é só destruir” (BNP/E3, 88-11^r; Pessoa, 2009: 179) e “Todas as sensações são boas, logo que não tente reduzi-las à acção. Um acto é uma sensação que se deita fora” (BNP/E3, 88-14^r; Pessoa, 2009: 152), escreve Pessoa num conjunto de papéis sob o signo do sensacionismo. Descendente do simbolismo (bem como do futurismo e de Walt Whitman) (cf. Pessoa, 2009: 151), o sensacionismo, embora rejeitando a sua “exclusiva preocupação do vago”, herdou deste “a preocupação musical, a sensibilidade analytica, [...] a sua analyse profunda dos estados de alma [...]” (BNP/E3, 20-105^r; Pessoa, 2009: 167).

²⁴ Richard Zenith, no artigo introdutório à tradução para inglês d’ “O Marinheiro” (“The Mariner”) a cargo de George Ritchie, refere-se-lhe como um “non-drama”, um “anti-play”, visto ser “the negation of action, plot, progress, and even character” (1993: 49).

²⁵ A tipologia do texto dramático organizada por Pessoa encontra-se no seu fragmento sobre o drama “Octávio” de Vitoriano Braga. (BNP/E3, 19-62^r; cf. Pessoa, 1967: 85-87). À primeira espécie (que nos interessa por literatura) dá o nome de transferida, à segunda (que constitui apenas entretenimento) chama deformada e à terceira (cujo interesse recai sobre a acção) chama representativa.

²⁶ Pelo contrário, o drama consiste, para Pessoa, na criação do carácter. Remetemos, a propósito, para um manuscrito em que consta apenas esta frase: “O romance é uma explicação d’um character; o drama é apenas a criação d’elle” (BNP/E3 18-114^r; cf. Pessoa, 1967: 111).

²⁷ Referimo-nos à famosa auto-descrição enviada a Adolfo Casais Monteiro no ano da sua morte: “O que sou essencialmente — por traz das mascaras involuntarias do poeta, do raciocinador e do que mais haja — é dramaturgo” (Pessoa, 1998: 266).

Se, no caso do drama estático, constatamos que a acção é, por definição, pura e simplesmente inexistente,²⁸ teremos, no papel de tradutores ou de críticos de tradução desta peça, de agir em conformidade, encarando este texto como um drama, é certo, mas um drama que se constitui essencialmente pelo desenho dos seus caracteres e seus respectivos estados de alma, expressos por um meio exclusivamente verbal, poético, musical.

Posto isto, interessar-nos-á saber que princípios orientaram Pessoa enquanto tradutor e se porventura estes poderiam ter entrado em jogo na sua auto-tradução d' "O Marinheiro". A epígrafe que abre o presente estudo parece apontar para um cepticismo relativamente à possibilidade de a tradução verter fielmente um conteúdo para outra língua. Mas vejamos o seguimento daquela afirmação:

[A] translation is a serious parody in another language. [...] In both cases there is an adaptation to the spirit of the author for a purpose which the author did not have; in one case the purpose is humour, where the author was serious, in the other one language when the author wrote in another. Will anyone one day parody a humorous into a serious poem? It is uncertain. But there can be no doubt that many poems — even many great poems — would gain by being translated into the very language they were written in. (BNP/E3, 14¹-99^r; in Lopes, 1993: 220).

Ao fazer referência a uma prática tão comum na tradução teatral quanto é a adaptação, Pessoa revela a consciência de que uma tradução tem sempre um propósito alheio ao autor do original e que o sentido do texto se deverá acomodar ao novo meio linguístico e, por conseguinte, cultural. A curiosidade desta passagem reside porém na ideia da tradução (logo, adaptação) de um poema para a língua em que já foi escrito, ou seja, a liberdade de o tradutor praticamente revogar o modo como o autor se expressou numa língua para devolver o poema a uma perfeição que não conheceu no original. Uma acepção de tradução que apenas consideraríamos legítima num acto de auto-tradução, cuja fronteira com a recriação é, no mínimo, difusa.

Outros trechos de Pessoa sobre tradução, ainda que muito dispersos, permitem-nos determinar alguns aspectos-chave considerados determinantes para Pessoa na tradução de poesia que, como vimos, se podem aplicar à tradução do drama estático tal como ele o descreveu. Num texto datável de 1912, a sua consciência de que "é quasi impossivel traduzir poesia lyrica" (BNP/E3, 19-103^v; cf. Pessoa, 1967: 321) leva-o a concluir que "[...] quem quizer ler um poeta lyrico não pode acceitar traducção alguma, por fiel que seja mesmo á alma do poeta. Tem da [sic] aprender a lingua em que a poesia foi escripta" (BNP/E3, 19-103^v; cf. Pessoa, 1967: 322), posto que, como declara noutro trecho, "nenhuma traducção, suppondo

²⁸ Repare-se, neste contexto, também no significativo pormenor de Pessoa ter apelidado "O Marinheiro" de "drama em um quadro", caracterização eminentemente estática e visual, em detrimento do habitual "acto".

que existe, pode dar conhecimento da obra em sua completa e verdadeira vida” (BNP/E3, 14¹-22^r; cf. Lopes, 1990: 110).

Contudo, como referimos, Pessoa não recusou o desafio de traduzir poesia. No esboço de uma introdução à sua tradução de Poe, prevista para ser publicada no âmbito da Olisipo (cf. Pessoa, 2011), já concebe a tradução de lírica, enunciando como principal prioridade o respeito daquilo que considera ser o elemento definidor da poesia, o ritmo.

Um poema é uma obra litteraria em que o sentido se determina *atravez* do *rhythmo*. O *rhythmo* pode determinar o sentido inteira ou parcialmente. Quando a determinação é inteira, é o *rhythmo* que talha o sentido, quando é parcial, é no *rhythmo* que o sentido se precisa ou precipita. Na tradução de um poema, portanto, o primeiro elemento a fixar é o *rhythmo*. (BNP/E3, 14D-13^r; in Lopes, 1993: 386).

Confirma a observância deste seu princípio a salvaguarda da cadência rítmica dos versos originais nas suas traduções de Poe (cf. Pessoa, 2011: 21-31).

Tendo em consideração que Pessoa descreve o drama estático enquanto forma eminentemente verbal e musical, é natural que a sua tradução d’“O Marinheiro” constitua terreno para um exercício que não se restringirá à mera transferência de sentidos, procurando antes de mais recriar na outra língua toda uma musicalidade que caracteriza a natureza deste texto. Ao cotejar as passagens traduzidas por Pessoa, e ainda que tendo em conta que se trata de uma auto-tradução, deparamo-nos contudo com alterações e intervenções que poderão surpreender-nos e lançar pistas para uma hipótese nova acerca da génese desta peça.

III. Um drama em três línguas

Quando João Gaspar Simões, em 1930, propõe a Pessoa que volte a publicar antigas produções, entre as quais “O Marinheiro”, num dos números da *presença*, Pessoa aceita sem reservas a republicação da sua “Chuva Oblíqua”, das duas odes e do “Opiário” de Álvaro de Campos, mas recusa-lhe o seu drama estático, visto que se encontrava “sujeito a emendas” (BNP/FP-JGS,10-1-1930; Pessoa, 1998: 115), prometendo enviar-lhe as ditas emendas, o que nunca terá acontecido.²⁹

Um único manuscrito no espólio remete possivelmente para estas emendas: a folha encabeçada “Marinheiro (alteração)” (Fig. 6).

²⁹ Pessoa tinha por hábito fazer correcções directamente sobre o seu exemplar impresso. Contudo, os dois números de *Orpheu* não existem na sua biblioteca nem há notícia de alguma vez terem sido inventariados.

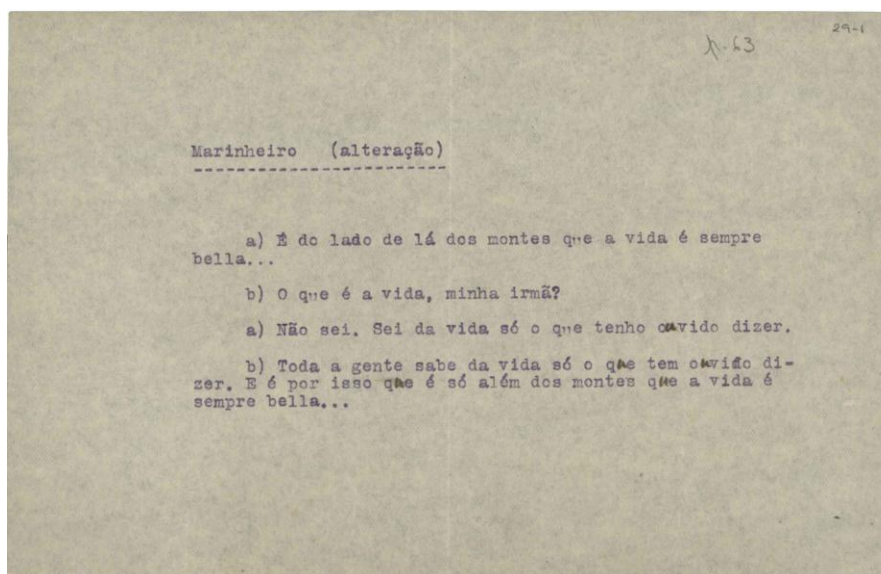


Fig. 6. BNP/E3, 29-1r; Pessoa, 1952: 63

Além desse documento e de outras duas folhas, uma delas com o esboço de uma fala e um ensaio de rosto (fig. 7) e outra com uma lista de acertos provavelmente a serem inseridos na versão pré-publicação do *Orpheu* (cf. Anexo III, n.º 2), não existem curiosamente no espólio quaisquer papéis que documentem a criação do drama na sua versão portuguesa.

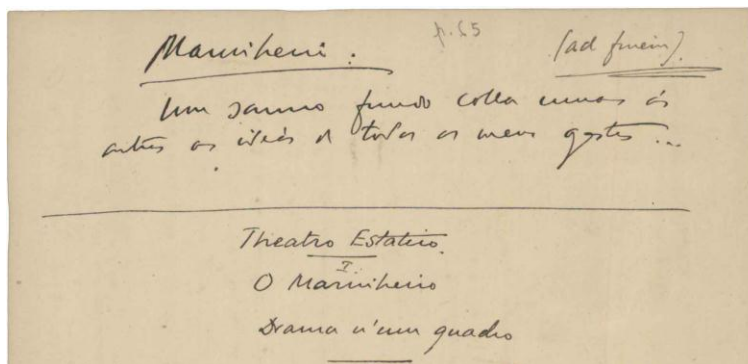


Fig. 7. Pormenor de BNP/E3, 29-2v; cf. Pessoa, 1952: 65

Transcrição:

Marinheiro:³⁰ (ad finem).

Um somno fundo colla umas ás outras as idéas de todos os meus gestos...

Theatro Estático.

I.

O Marinheiro

³⁰ A nota no cabeçalho "p. 65" não é autógrafa.

Drama n'um quadro³¹

Pessoa, que guardava qualquer ínfimo papel onde tivesse feito uma anotação, aparentemente não guardou os manuscritos (ou dactiloscritos) do seu único drama publicado em vida e para o qual planeava uma projecção internacional através de versões em francês e em inglês.³²

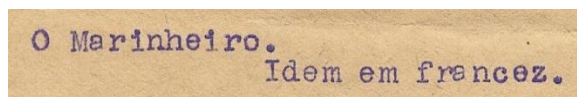


Fig. 8. Coleção particular Manuela Nogueira (pormenor); Pizarro e Ferrari, 2011: 67

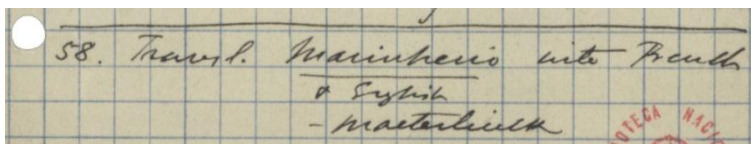


Fig. 9. Pormenor de BNP/E3, 133M-98; Pessoa, 2009: 438

Transcrição:

58. Transl[ation] *Marinheiro* into French
& English
– Maeterlinck

Mais curioso ainda é o facto de, em contrapartida, se encontrar no espólio uma razoável quantidade de folhas com passagens deste drama em francês (25 folhas manuscritas e dactiloscritas) e 2 folhas com passagens do drama manuscritas em inglês.

Só do início do drama encontram-se nada menos do que seis versões em francês, sendo que apenas uma delas apresenta o título e um pequeno fragmento da didascália inicial:

³¹ Repare-se no número I. após “Theatro Estatico”, que aponta para a intenção de criação de uma série.

³² Baseamo-nos num documento inédito e na posse dos herdeiros, encabeçado “Apontamentos para publicações” que numa lista de publicações projectadas que inclui outras auto-traduições contém o título “O Marinheiro” seguido de “Idem em francez”. Mais significativo ainda é o ponto 58 de uma lista de projectos datável de 1917, que diz respeito à tradução para duas línguas: “Transl[ation] *Marinheiro* into French and English – Maeterlinck”, voltando a fazer-se a associação entre a peça e o autor belga. (BNP/E3, 133M-98; Pessoa, 2009: 438).

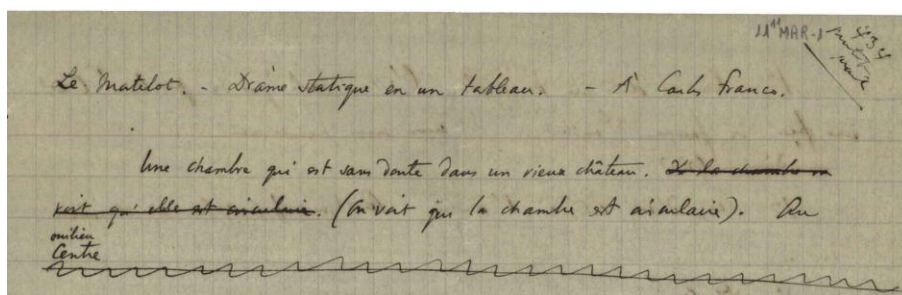


Fig. 10. Pormenor de BNP/E3, 11¹¹MAR-1^r; cf. Pessoa, 2010: 70

Transcrição:

434

frontispício
Marinheiro

Le Matelot. – Drame statique en un tableau. À Carlos Franco.³³

Une chambre qui est sans doute dans un vieux château. <De la chambre on voit qu'elle est circulaire.> (On voit que la chambre est circulaire). Au centre [↑ milieu] □

Todos os documentos respeitantes às versões francesa e inglesa foram localizados e transcritos para este estudo, tendo sido elencados nos anexos I e II, sem pretensão de uma ordem cronológica.

Veremos agora que uma análise dos rascunhos franceses de Pessoa, tendo em vista a elaboração de um hipotético *modus operandi* no tratamento interlinguístico desta sua matéria literária tão cara, poderá subverter a ideia vigente e consolidada de que os fragmentos em francês do drama estático “Le Matelot” serão apenas esboços de tradução do original português e trazer para a discussão a hipótese de o arquimarinheiro ter sido concebido em francês por um Pessoa que, como o fizera Wilde na sua “Salomé”, tentava criar o seu drama estático embalado na leitura de Maeterlinck. À semelhança do destino da maioria dos projectos gizados por Pessoa, este seria também um projecto abandonado, vindo – segundo a nossa hipótese – a dar lugar à composição d’ “O Marinheiro” em português, completo e burilado para ser dado à estampa no primeiro número do *Orpheu*.

Um escrutínio das seis versões em francês do início da peça (BNP/E, 11-11Mar-1^r; 2^r; 3^r; 74-76^r; 74-77^r e 74B-19) em confronto com a versão portuguesa apresenta-nos diversas variantes, próprias de um processo tradutório normal, que residem, por exemplo, em diferentes escolhas lexicais (*bougie/ chandelle* para *vela*), morfo-sintáticas (*est-ce que nous fumes/ est-ce que nous avons été/ avons-nous été* para

³³ Artista plástico, amigo de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro, Carlos Franco alistou-se como voluntário na Grande Guerra, morrendo em combate em 1916 (cf. Pessoa, 2007: 469). Num dos seus cadernos de notas (BNP/E3, 104-41), Pessoa anotou o seu endereço militar em França durante a guerra, provavelmente para lhe escrever.

fomos nós) ou em modulações (*c'est toujours faux / ce n'est jamais vrai* para *é sempre falso*). Entre estas escolhas destaca-se contudo uma hesitação lexical algo curiosa. Trata-se da primeira parte da sugestiva frase: **As horas têm caído**³⁴ e nós temos guardado silêncio, ora traduzida por *Des heures ont coulé / Les heures se sont écoulées*, ora traduzida por *Les heures ont tombé*, opção poeticamente mais forte, dado que pretere, à semelhança da versão portuguesa, uma metáfora estereotipada. Seria curioso que, já tendo encontrado uma imagem forte em português, Pessoa ainda hesitasse acerca da sua aplicação em francês.

As versões portuguesa e francesa de uma outra passagem merecem igualmente um olhar crítico, na medida em que aqui se volta a observar o que seria um empobrecimento na passagem do português para o francês, ou, caso admitíssemos a direcção inversa no acto de tradução, um enriquecimento:

SEGUNDA — À beira-mar somos tristes quando sonhamos. . . Não podemos ser o que queremos ser, porque o que queremos ser queremo-lo sempre ter sido no passado. . . **Quando a onda se espalha e a espuma chia**, parece que há mil vozes mínimas a falar. A espuma só parece ser fresca a quem a julga uma. . . **Tudo é muito e nós não sabemos nada...** Quereis que vos conte o que eu sonhava à beira-mar?

2^{ème} Au bord de la mer, on est triste quand on rêve. On ne peut jamais être ce que l'on veut parce [↑ ce] que [↑ ce que] l'on veut être, on veut que <ce ç> ç'/ait/ été dans le passé. **Quand l'écume crie**, elle semble parler de mille voix minimes. Elle n'est fraîche /que pour qui n'entend trop/. Voulez-vous que je vous conte ce que je revais au bord de la mer. (74B-15a)

Reserva-se naturalmente a um auto-tradutor o direito de omitir e de acrescentar o que quer que seja na sua própria obra criativa, mas não deixa de criar estranheza a elisão no francês de um cadência sintagmática e de um efeito rítmico tão apurados como na frase **Quando a onda se espalha e a espuma chia**, parece que há mil vozes mínimas a falar, reduzida a **Quand l'écume crie**, elle semble parler de mille voix minimes. Verifica-se nesta mesma passagem que, além desta redução, toda uma frase intrinsecamente pessoana (**Tudo é muito e nós não sabemos nada...**) desaparece na versão francesa.³⁵

No seguinte excerto, destacamos outro exemplo do que constituiria um gesto de empobrecimento, caso considerássemos a versão portuguesa como o texto de partida para a tradução francesa:

[...] quando alguém canta, **eu não posso estar comigo. Tenho que não poder recordar-me.** E depois todo o meu passado torna-se outro e eu choro uma vida morta que trago comigo e **que não vivi nunca.**

³⁴ No estudo comparativo, passaremos a citar primeiro a versão portuguesa e depois a francesa. Assinalamos a negrito as passagens colocadas em foco na nossa argumentação.

³⁵ Esta mesma frase aparece isolada numa folha manuscrita (14E-86^v) que contém apenas duas frases integradas no “Marinheiro” português. Cf. Anexo III.

Quand on chante, **je ne puis /pas/ me souvenir**. Tout mon passé devient autre et je pleure une vie morte que je porte en m<e>/o\i **et que je n'ai pas vécu**. (74B-15^r)

Repare-se que, na primeira passagem assinalada, o empobrecimento do português para o francês não só se manifesta pela redução de palavras, mas essencialmente pela substituição de imagens drasticamente pessoais (*não posso estar comigo e tenho que não poder recordar-me*) pela locução trivial *je ne puis /pas/ me souvenir*, o que não abonaria a favor de nenhum tradutor, sendo difícil de conceber na pena de um Pessoa auto-tradutor.³⁶

Chamemos agora a atenção para uma locução que, em português, cria um efeito sinestésico muito ao gosto de Pessoa (*“Eu podia cantar-vos uma canção que cantávamos em casa de meu passado”*), mas que parece ter nascido na língua francesa, embora no manuscrito apareça dubitada pelo autor: *“Je pourrais vous chanter une chanson que nous chantions /chez mon passé”* (74B-15^r).

Também a frase *“tout dans mon âme est des feuilles qui tremblent”*, na fala da terceira veladora, manuscrita num dos documentos (74B-23^v), onde precisamente aparece, esboçado por Pessoa com a mesma caneta e em francês, um diálogo de outra peça de teatro de título não identificado, parece ter nascido do contacto com uma das falas de *“L’Intruse”* de Maeterlinck: *“Les arbres tremblent un peu”* (cf. Maeterlinck, 1908-1912: I, 209).

Mas são os manuscritos com as cotas 74B-20 (folha frente e verso) e 74B-22 que parecem fornecer-nos as provas mais evidentes para a tese de que Pessoa começou por conceber o seu drama em francês e que, aparentemente perdendo o fôlego numa língua que não dominava com mestria, acabou por lhe dar uma forma completa e publicável em português. No primeiro caso, trata-se de um diálogo em francês num momento avançado da peça (20^r) e da didascália final (20^v). Numa escrita tortuosa em francês, o diálogo entre as veladoras deixa-nos entrever uma frase em português.³⁷

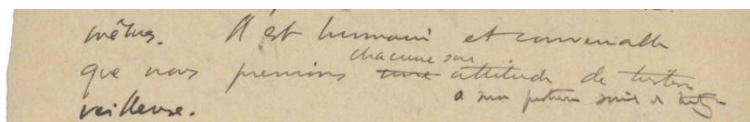


Fig. 11. Pormenor de BNP/E3, 74B-20^r

Transcrição:

³⁶ Esta mesma passagem traduzida por Pessoa para inglês no documento 74-86^r (*“When any one sings, I can’t be with myself. I have not to be able to remember”*) revela, pelo contrário, uma preocupação em manter intactas as imagens da versão portuguesa. Ao contrário do que sucede com o francês, esta e outras confrontações entre os fragmentos ingleses e as passagens correspondentes em português não oferecem dúvidas de que o português é o texto de partida da tradução para inglês.

³⁷ Frase que todavia não virá a corresponder à versão publicada, mais próxima da escolha lexical francesa (*postura/atitude*).

Il est humain et convenable que nous prenions <une> [↑ chacune son] attitude de tristesse [↓ a sua postura servil de tristeza] veilleuse.

Versão publicada em *Orpheu I*:

É humano e conveniente que tomemos, cada qual, a sua atitude de tristeza.

Já no verso da folha, o francês desaparece e o autor deixa-se inteiramente levar para a criação em português, neste caso, de um momento paradigmático da obra – as suas palavras finais – levadas ao rubro na versão publicada.

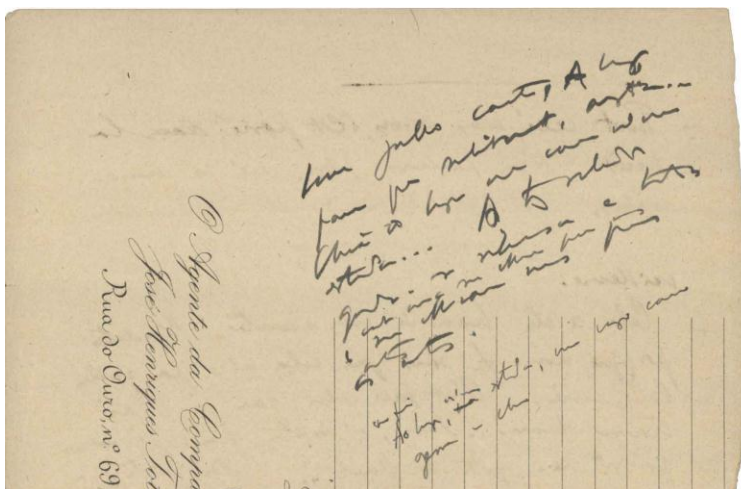


Fig. 12. Pormenor de BNP/E3, 74B-20^v

Transcrição:

Um gallo canta<,>/. \ <a>/A \ luz, parece que subitamente, aumenta... Chia ao longe um carro n'uma estrada... As três veladoras quedam-se silenciosas e tristes e sem olharem umas para as outras. [↑ cada uma sem olhar para as outras]
Ao longe [↑ No fim], <na> [↑ n'uma] estrada, um vago carro geme e chia

Versão publicada:

Um galo canta. A luz, como que subitamente, aumenta. As três veladoras quedam-se silenciosas e sem olharem umas para as outras. Não muito longe, por uma estrada, um vago carro geme e chia.

No documento 74B-22 torna-se ainda mais evidente a cedência à língua que predomina no poeta, transformando o processo criativo em francês num processo criativo em português.

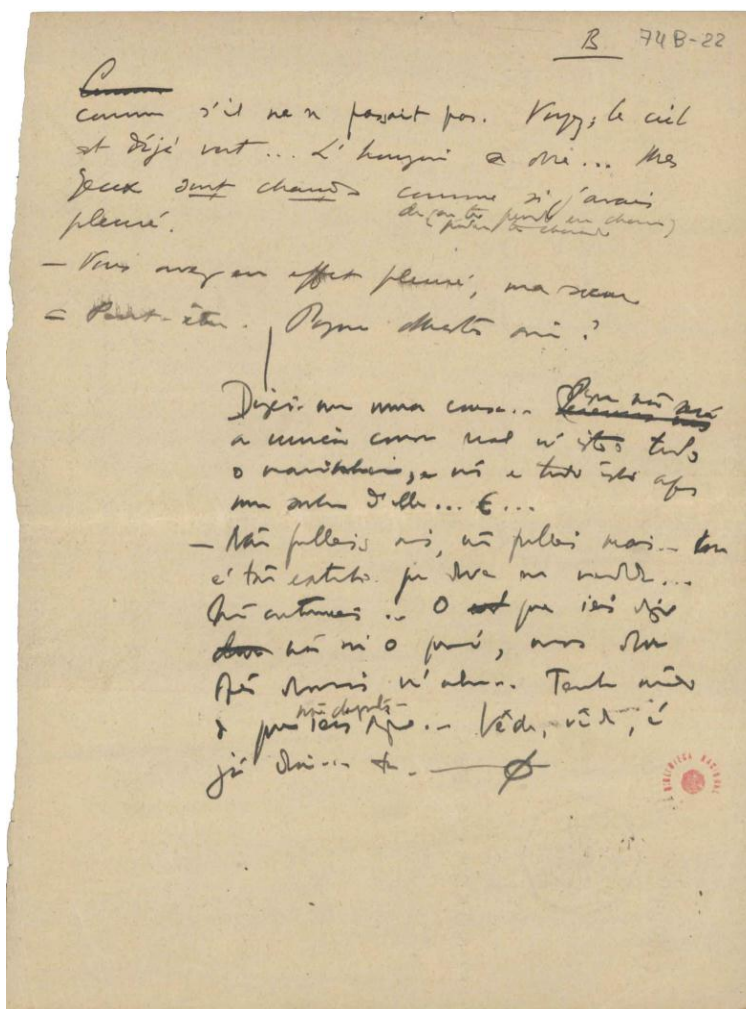


Fig. 13. BNP/E3, 74B-22'

Transcrição :

<Comme> comme s'il ne se passait pas. Voyez; le ciel est déjà vert... L'horizon se dore... Mes yeux /sont chaudes/ comme si j'avais pleuré. [↓ de (eu ter pensado em chorar) ↓ poder ter chorado]

- Vous avez en effet pleuré, ma sœur.

- Peut-être. [↓ Dizei-me uma cousa... <Seremos nos> ↑ Porque não será a unica cousa real n'isto tudo o marinheiro, e nós e tudo isto apenas um sonho d'elle... E... Porque olhastes assim?]

- Não falleis mais, não falleis mais... Isso é tão estranho que deve ser verdade... Não continueis... O <+> que ieis dizer <deve> não sei o que é, mas deve sêr demais n'alma... Tenho medo do que ieis [↑ não chegastes a] dizer.- Vêde, vêde, é já dia... etc. - Ø

Estamos perante uma questão melindrosa que, no entanto, não representa uma novidade no universo da auto-tradução. Uma teoria da auto-tradução, ainda que pouco desenvolvida, é relativamente consensual quanto a uma clara distinção desta prática relativamente aos condicionalismos do processo de tradução de uma

obra alheia, dado que, além de conferir uma legitimidade de total liberdade do “tradutor/autor”, quase sempre instaura um processo de escrita dupla, como afirma Samar Attar (2005: 139), escritora e auto-tradutora entre o árabe e o inglês:

Unlike conventional translation contexts, self-translators do not usually engage in the two-stage process of reading-writing activity (their reading activity is of a different nature), but rather in a double writing process. Thus, their translated text becomes a version or a variant of the original text, indeed an original work in its own right.

Assim, para muitos escritores que por motivos diversos vivem entre línguas, torna-se natural um processo de escrita literária que, após começar numa língua, transitará para outra mediante uma auto-tradução que se transforma numa criação,³⁸ tal como os manuscritos de Pessoa parecem revelar.

É evidente que esta prática assumida por alguns autores coloca problemas aos editores ou críticos literários quanto à classificação de certos textos, como acontece com Leonard Forster perante a poesia do dadaísta Hans Arp: “Many of Arp’s poems exist in parallel French and German versions, and it is often difficult to decide on the face of it which version came first” (1970: 82). Dissertando sobre Samuel Beckett, autor mais paradigmático do século XX no que respeita à prática de auto-tradução, Paul St-Pierre identifica essa dificuldade cronológica com a dificuldade de distinguir entre escrita e tradução e de estabelecer a língua do texto: “The translation by Beckett of his own texts not only undermines the distinction between original text and translation, and thus also between writing and translation; it also raises the question of the language, or languages of the texts” (1996: 242).

Não se trata obviamente aqui de questionar o estatuto d’“O Marinheiro” como obra portuguesa, visto que, para todos os efeitos, é nesta língua que o seu autor entendeu completá-la e publicá-la. No âmbito do estudo deste drama (e de uma eventual edição crítica de toda a obra dramática de Pessoa) não deveriam contudo ser negligenciados estes documentos em francês e em inglês que, como vimos, muito bem poderão ter contribuído para a sua génese, em lugar de constituírem meros produtos *a posteriori*, como até aqui têm sido considerados. A par de um estudo das leituras de Pessoa mediante investigação na sua biblioteca particular, estas apontam para processos específicos de criação entre línguas que também se manifestam noutros passos da sua obra, como, por exemplo, no

³⁸ Refira-se aqui também o exemplo de Waciny Laredj, escritor argelino que começou por se auto-traduzir, tendo renunciado a esta prática, precisamente por conduzir invariavelmente a uma recriação: “j’ai renoncé définitivement à cette pratique car j’ai constaté que je me permettais beaucoup de libertés ; la traduction devenait une réécriture où les deux versions ne se ressemblaient plus”. Entrevista a *L’orient littéraire*, online em:

http://www.lorientlitteraire.com/article_details.php?cid=33&nid=3315.

seguinte poema, iniciado – como se vê no manuscrito – em francês, convertendo-se, após os primeiros três versos, num poema português em três quadras.

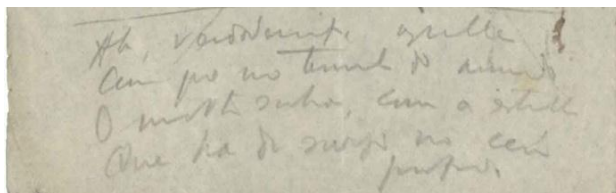
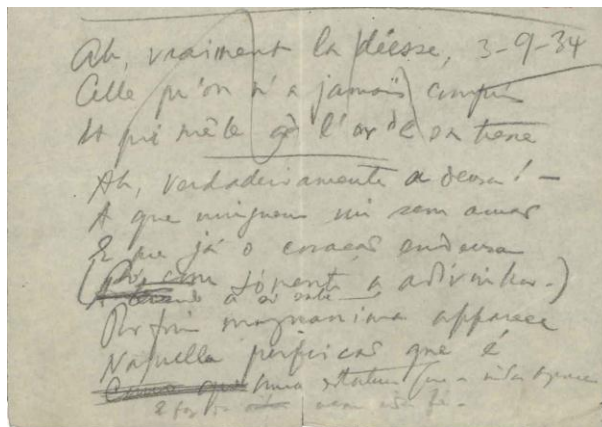


Fig. 14. Pormenores de BNP/E3, 33-42^v e 42^r; Pessoa, 2000: 144 e 384

Transcrição:

3-9-34

<Ah, vraiment la déesse,
Celle qu'on n'a jamais compris[e]
Et qui mêle à l'or de sa tresse>

Ah, verdadeiramente a deusa ! —
A que ninguém viu sem amar
E que já o coração endeusa
<Antes> [↑ Só com] sómente a [↓ a só sabe] adivinhar./

Por fim magnanima apparece
Naquella perfeição que é
<Como que> Uma estatua que a vida aquece
E faz da <vida> mesma vida fé.

Ah, verdadeiramente aquella
Com que no tumulto do mundo
O morto sonha, como a estrella
Que ha de surgir no céu profundo.³⁹

³⁹ Manuscrito problematizado por Ferrari (2012) num artigo que dedica toda uma secção à questão da auto-tradução e às passagens entre língua materna e francês na lírica de Pessoa.

Se, no que diz respeito a “O Marinheiro”, a comparação entre os fragmentos nos permite detectar diferentes formas de abordagem, apresentando as versões francesas dificuldades, uma caligrafia e um investimento mais indicadores de um processo criativo (recorde-se, por exemplo, o número de versões francesas do início do drama) e revelando as versões inglesas um processo de tradução bastante fiel de uma matriz que é, sem dúvida, a versão portuguesa, este material revela-se muito profícuo, podendo inclusive levar-nos ao ponto de questionarmos o testemunho do próprio autor sobre a génese desta sua peça.

IV. A questão das datações

Mencionámos no início deste artigo que Pessoa publica “O Marinheiro”, acrescentando-lhe a data de criação “11/12 de Outubro de 1913”, data que colidiria com a nossa tese de que este drama se teria constituído no contexto das leituras de Maeterlinck, documentadas pelo próprio Pessoa em 1914, e que a versão portuguesa teria emergido no seio dos rascunhos franceses.

Na correspondência de Pessoa, é também em 1914 que surge a primeira referência a “O Marinheiro”. A 25 de Maio desse ano, Pessoa escreve uma carta a Álvaro Pinto, director da revista *A Renascença*, onde lhe propõe a publicação de “um escrito num acto, dum género especial a que chamo drama estático” (Pessoa, 1999: 114). Promete enviar-lho “dentro em pouco”, mas a 12 de Novembro de 1914, numa carta em que rompe a sua ligação com *A Renascença* e na qual volta a referir-se à proposta de Maio, adianta que o drama ainda “não se encontra passado a limpo” (Pessoa, 1999: 128).

Testemunhos que nos levam a crer que, mais uma vez, Pessoa terá forjado a data de uma das suas criações⁴⁰ com intenção de desenhar (e manipular) uma história da génese da sua obra, como se verifica no caso da datação fictícia de outros dois textos publicados ainda em vida. O mais paradigmático é, sem dúvida, “O Guardador de Rebanhos” de Alberto Caeiro, cujo manuscrito apresenta a datação autógrafa de 1911-1912, embora, como foi demonstrado por Ivo Castro (1996), a evidência documental aponte para um período de criação que se situa no prolífico ano de 1914.⁴¹ Um exemplo mais próximo d’“O Marinheiro”, por ter sido

⁴⁰ Embora não sendo muito assertivo, Zenith (2007: 469) parece também questionar a veracidade da data divulgada por Pessoa, ao escrever na nota dedicada a “O Marinheiro”: “Publicado em *Orpheu* I, Março de 1915, onde está datado de 11/12-10-1913. Mas numa carta a Armando Cortes-Rodrigues, enviada a 4/3/1915, Pessoa escreveu: «O meu drama estático *O Marinheiro* está bastante alterado e aperfeiçoado; a forma que você conhece é apenas a primeira e rudimentar. O final, especialmente, está muito melhor.»”

⁴¹ Na famosa carta a Adolfo Casais Monteiro em que lhe conta “a historia directa dos [...] heteronymos”, Pessoa já indica o ano de 1914, contradizendo (e aparentemente corrigindo) o seu próprio testemunho no manuscrito, mas simultaneamente criando uma nova história da génese d’ “O Guardador de Rebanhos”, fazendo-a coincidir com o nascimento do seu mestre, a 8 de Março.

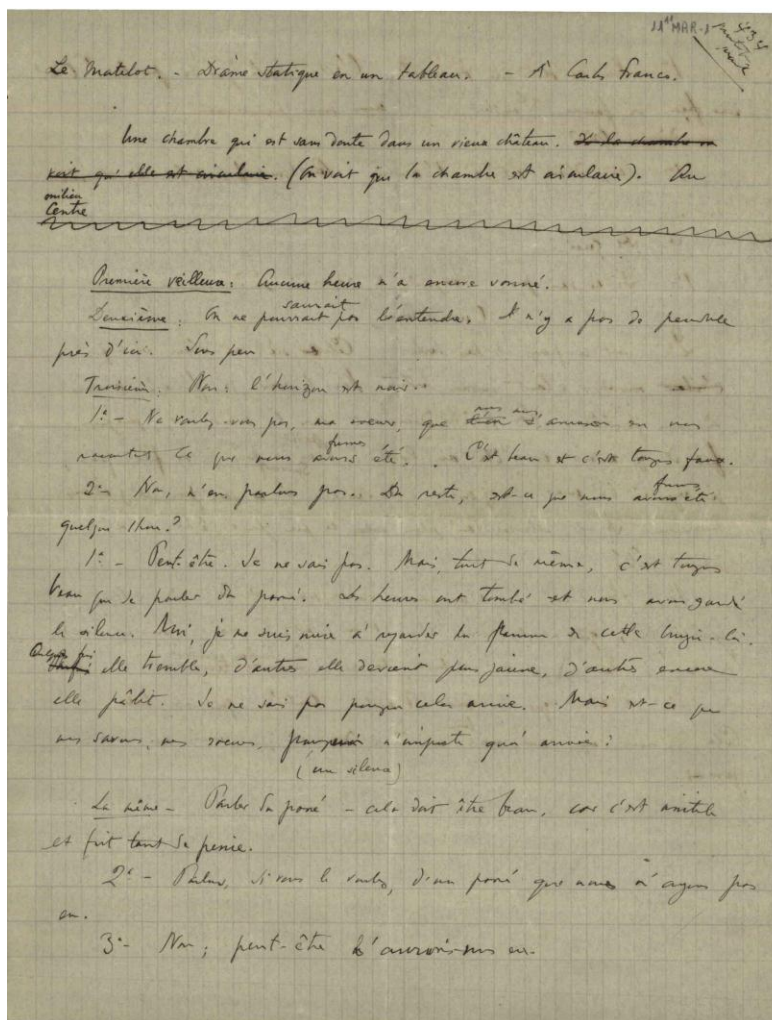
publicado no mesmo número do *Orpheu*, seria o “Opiário” de Álvaro de Campos, composto em Fevereiro ou Março de 1915 (cf. Coelho, 1949), ainda que datado de Março de 1914 pelo próprio autor. Segundo Jacinto Prado Coelho (1949: 36), Pessoa teria antecipado a data do “Opiário” por um ano com o objectivo de o inserir na primeira fase de Campos, a fase decadentista que teria de preceder a sua fase futurista, também representada no *Orpheu I* com a “Ode triunfal”, datada de Junho de 1914.

Se contudo no caso destes ajustes de datas, o universo em questão é o da obra dos heterónimos, onde se prevê uma disposição inventiva, a datação fictícia d’“O Marinheiro” já revela uma manipulação da história do ortónimo, “a historia da mãe que os deu à luz” (Pessoa, 1998: 255), reinventando-se também ela em diferentes línguas.

Como assinala Castro (1996: 60), Pessoa apresenta, num rascunho desta carta, o dia 13 de Março de 1914 como data para o seu dia triunfal.

ANEXOS⁴²

I. Documentos em francês

1. [BNP/E3, 11¹¹Mar-1]⁴³

⁴² Apresentam-se aqui as imagens de todos os documentos (dactiloscritos, manuscritos e mistos) que contêm fragmentos d'“O Marinheiro” em português, inglês e francês, seguidas das respectivas transcrições. Estas seguem os princípios aplicados no corpo do artigo, descritos na nota 23. Optámos pela transcrição *ipsis verbis*, incluindo pequenos erros ortográficos e gramaticais do original. Apenas procedemos à correcção de falhas tipográficas (ex. trsite / triste), dando disso notícia em nota de rodapé.

⁴³ O rosto da folha foi reproduzido pela primeira vez (sem indicação de cota) por Lopes (1977) e transcrito pela primeira vez (só 1^o) com algumas imprecisões por Cláudia F. Souza (2010: 70-71). Nesta edição, a passagem «parlons, si vous voulez» (2010: 71) deve ser transcrita «parlons, si vous le voulez» (1^o). Os critérios de transcrição na edição de Sousa não são claros, ora optando-se pela variante colocada por cima ora não.

Le Matelot. – Drame statique en un tableau. À Carlos Franco.

Une chambre qui est sans doute dans un vieux château. <De la chambre on voit qu'elle est circulaire.> (On voit que la chambre est circulaire). Au centre [↑ milieu] □



Première vieilleuse: Aucune heure n'a encore sonné.

Deuxième: On ne pourrait [↑ saurait] pas l'entendre. Il n'y a pas de pendule près d'ici. Dans peu □

Troisième: Non : l'horizon est noir.

1.^a – Ne voulez-vous pas, ma sœur, que <l'on s'> [↑ nous nous] amusions en nous racontant ce que nous avons [↑ fumes] été. C'est beau et c'est toujours faux.

2.^a – Non, n'en parlons pas. Du reste, est-ce que nous avons [↑ fumes] été quelque chose ?

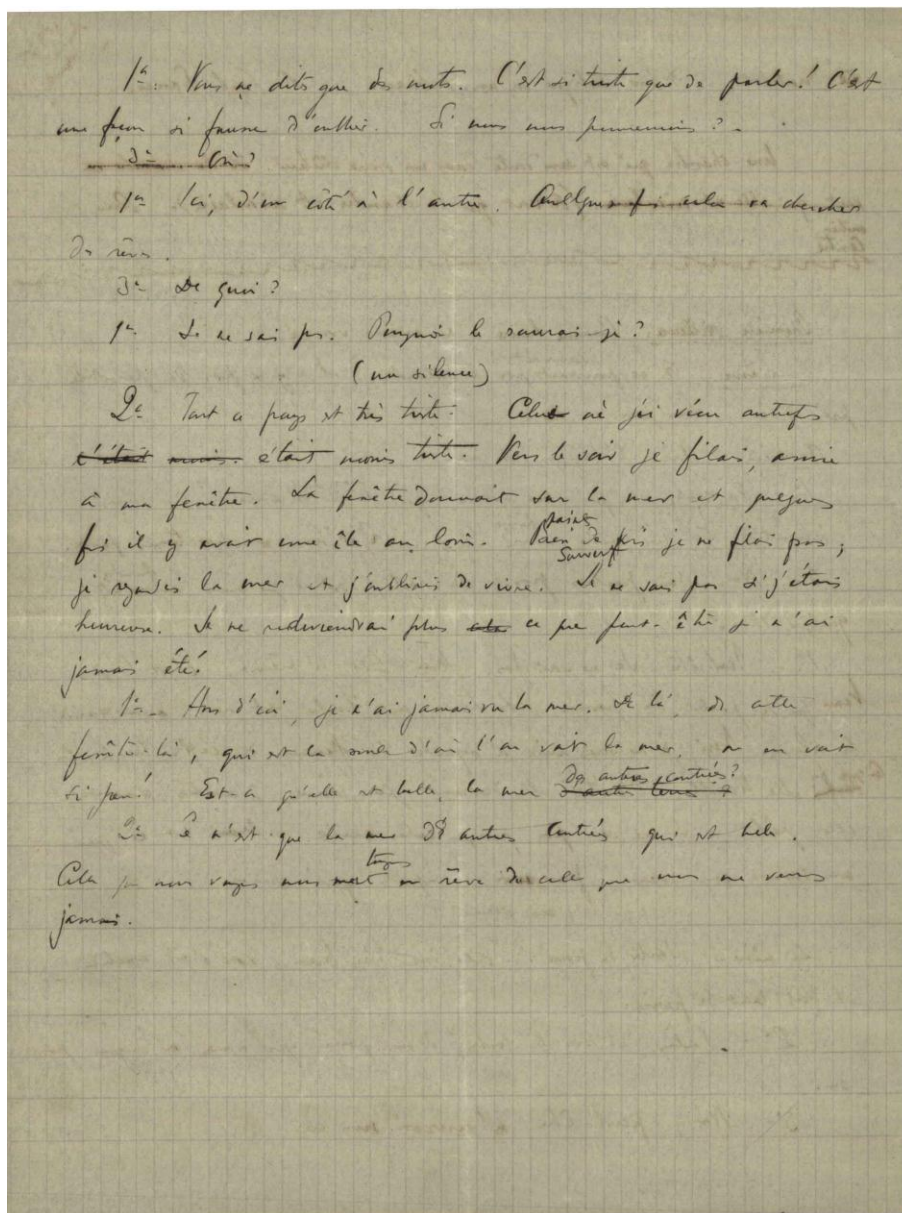
1.^a – Peut-être. Je ne sais pas. Mais, tout de même, c'est toujours beau que de parler du passé. Des heures ont tombé et nous avons gardé le silence. Moi, je me suis mise à regarder la flamme de cette bougie-là. <Parfois> [↑ Quelques fois] elle tremble, d'autres elle devient plus jaune, d'autres encore elle pâlit. Je ne sais pas pourquoi cela arrive. Mais est-ce que nous savons, mes sœurs, pourquoi n'importe quoi arrive ?

(un silence)

La même – Parler du passé – cela doit être beau, car c'est inutile et fait tant de peine.

2.^a – Parlons, si vous le voulez, d'un passé que nous n'ayons pas eu.

3.^a – Non ; peut-être <n>/l\ aurions-nous eu.

$$[1^v]$$


1^a: Vous ne dites que des mots. C'est si triste que de parler! C'est une façon si fausse d'oublier. Si nous nous promenions ? –

3^a Où ?

1^a Ici, d'un côté à l'autre. Quelque fois cela va chercher des rêves.

3^a De quoi ?

1^a Je ne sais pas. Pourquoi le saurais-je ?

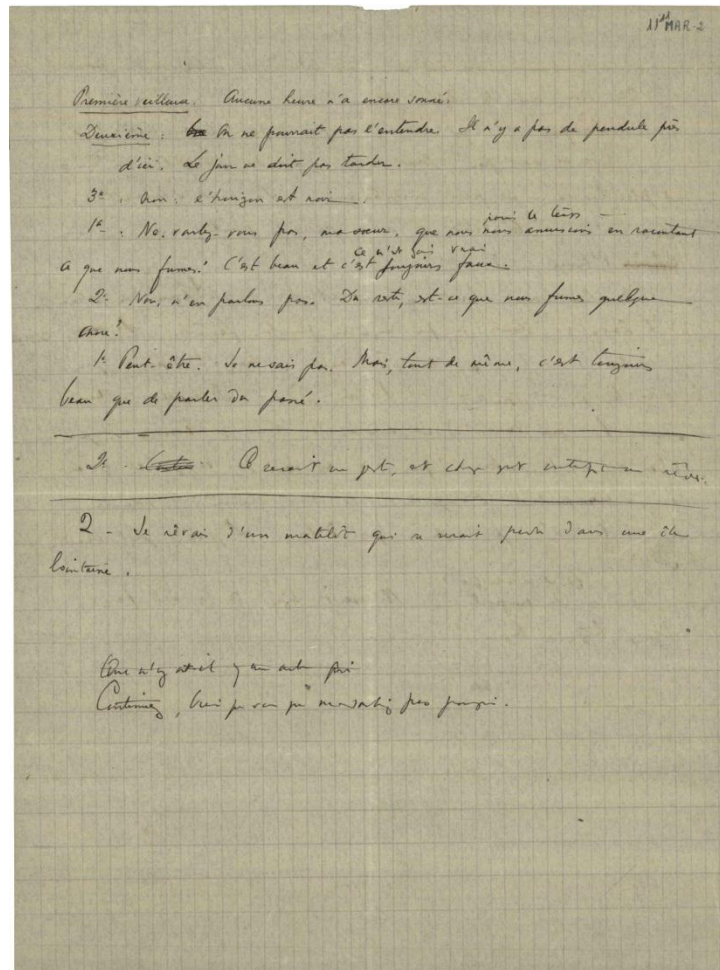
(un silence)

2^a Tout ce pays est très triste. Celu<n>/i\ où j<e>/'\ ai vécu autrefois <l'était moins.> était moins triste. Vers le soir je filais, assise à ma fenêtre. La fenêtre donnait sur la mer et quelques fois il y avait une île au loin. Bien de fois [↑ Maintes]

[↓ Souvent] je ne filais pas ; je regardais la mer et j'oubliais de vivre. Je ne sais pas si j'étais heureuse. Je ne re<v>/d\evierai plus <cela> ce que peut-être je n'ai jamais été.

1^a – Hors d'ici, je n'ai jamais vu la mer. De là, de cette fenêtre-là, qui est la seule d'où l'on voit la mer, on en voit si peu ! Est-ce qu'elle est belle, la mer <d'autres terres ?> [↑ des autres contrées ?]

2^a Ce n'est que la mer d<'>/es\ autres contrées qui est belle. Celle que nous voyons nous met [↑ toujours] un rêve de celle que nous ne verrons jamais.

2. [BNP/E3, 11th Mar-2]

Première veilleuse : Aucune heure n'a encore sonné.

Deuxième : <One> On ne pourrait pas l'entendre. Il n'a y pas de pendule près d'ici. Le jour ne doit pas tarder.

3^a : Non : l'horizon est noir.

1^a : Ne voulez-vous pas, ma sœur, que nous nous amusions [[↑] passions le temps] en racontant ce que nous fumes. C'est beau et c'est toujours faux [[↑] ce n'est jamais vrai].

2^a Non, n'en parlons pas. Du reste, est-ce que nous fumes quelque chose ?

1^a Peut-être. Je ne sais pas. Mais, tout de même, c'est toujours beau que de parler du passé.

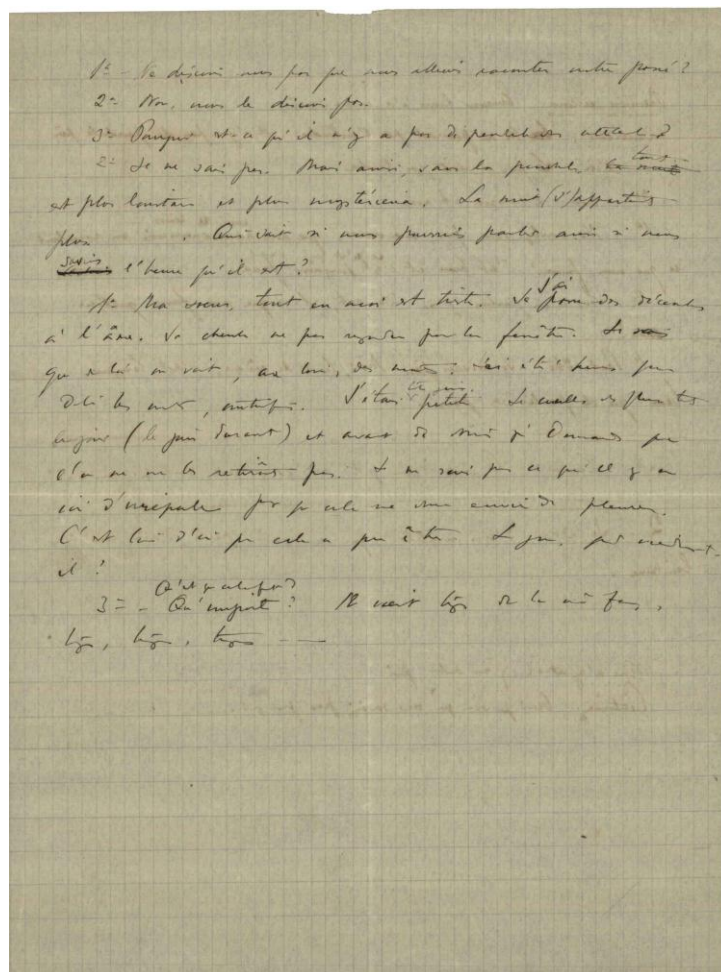
2^a – <Contons> Ce serait un geste, et chaque geste interrompt un rêve.

2 – Je rêvais d'un matelôt qui se serait perdu dans une île lointaine.

<Que n'y a-t-il q[']un autre qui>

Continuez, bien que vous que ne sachiez pas pourquoi.

[2v]



1^a – Ne disions-nous pas que nous allions raconter notre passé ?

2^a Non, nous le disions pas.

3^a Pourquoi est-ce qu'il n'y a pas de pendule dans cette chambre ?

2^a Je ne sais pas. Mais ainsi, sans le pendule, <la nuit> [↑ tout] est plus lointain et plus mystérieux. La nuit /s'/appartient plus. □. Qui sait si nous pourrions parler ainsi si nous <↑> [↑ savions] l'heure qu'il est ?

1^a Ma sœur, tout en moi est triste. Je [↑ J'ai] passé des décembres à l'âme. Je cherche ne pas regarder par la fenêtre. Je sais de là on voit, au loin, des monts. J'ai été heureuse par-delà les monts, autrefois. J'étais petite [↑ toute jeune]. Je cueillais des fleurs tout le jour (le jour durant) et avant de dormir je demandais que l'on ne me les retirât pas. Je ne sais pas ce qu'il y a ici d'irréparable pour que cela me donne envie de pleurer. C'est loin d'ici que cela a pu être. Le jour, quand viendra-t-il ?

3^a Qu'importe ? [↑ Qu'est-ce que cela fait ?] Il vient toujours de la même façon. Toujours, toujours, toujours...

3. [BNP/E3 11¹¹ Mar-3]

11 MAR-3

1^a - Aucune heure n'a encore sonné.
 2^a - On ne pourrait pas l'entendre. Il n'y a pas de pendule près d'ici. Il sera bientôt jour. (Il sera jour bientôt, sans doute).
 3^a - Non: l'horizon est noir.
 1^a - Ne voulez-vous pas, ma sœur, que nous nous divertissions en contant ce que nous avons été? C'est beau et c'est toujours faux.
 2^a - Non, n'en parlons pas. Du reste, est-ce que nous avons été quelque chose?
 1^a - Peut-être. Je ne sais pas. Mais, malgré cela, c'est toujours beau que parler du passé. Les heures ont tombé et nous avons gardé le silence. Moi, j'ai regardé la flamme de cette bougie (?). Parfois elle tremble, d'autres fois elle devient plus jaune, d'autres elle ~~elle~~ pâlit. Je ne sais pas pourquoi cela arrive. Mais est-ce que nous savons, mes ~~mes~~ sœurs, pourquoi n'importe quoi arrive? (un silence)
 La même. - Parler du passé - cela doit être beau, parce que c'est inutile et cela fait tant de peine...
 2^a - Parlons, si vous le voulez, d'un passé que nous n'avons pas eu.
 3^a - ~~Non~~ Non, peut-être l'avons nous eu.
 1^a - Vous ne dites que des mots. Que c'est triste que de parler! C'est une manière (façon) si fausse de nous oublier (?) Si nous nous promenions?
 3^a - Où?
 1^a - Ici, d'un côté à l'autre. Parfois cela va chercher des rêves.
 3^a - De quoi?
 1^a - Je ne sais pas. Pourquoi le saurais-je? (un silence)
 2^a - Tout ce pays (contrée) est très triste. Celui où j'ai vécu autrefois était moins triste. Le soir, je m'assis, assise à ma fenêtre. La fenêtre donnait sur la mer, et parfois il y avait une île au loin. Bien de fois je ne m'assis plus (pas); je regardais la mer et j'oubliais de vivre. Je ne sais pas si j'étais heureuse. Je ne serais plus ce que peut-être je n'ai jamais été. (Je ne ~~redeviendrai~~ redeviendrai jamais ce que peut-être je n'ai jamais été).
 1^a - Hors d'ici, je n'ai jamais vu la mer. De cette fenêtre-là, la seule d'où l'on voit la mer, on en voit si peu! La mer des autres pays (contrées, terres), est-ce qu'il est beau? (un silence)
 2^a - Il n'y a de beau que la mer des autres terres. (Ce n'est que la mer des autres terres qui est belle.) Celle que nous voyons nous donne toujours des regrets (?) de celle que nous ne verrons jamais.
 1^a - Ne disions-nous pas que nous allions conter notre passé?
 2^a - Non, nous le disions pas.
 3^a - Pourquoi n'y a-t-il pas de pendule dans cette chambre?
 2^a - Je ne sais pas. Mais ainsi, sans pendule, tout est plus lointain est plus mystérieux. La nuit appartient plus à elle-même. Qui sait si nous pourrions parler ainsi si nous savions l'heure qu'il est?
 1^a - Ma sœur, tout en moi est triste. Je passe des décennies dans l'âme. Je cherche ne pas regarder par la fenêtre. Je sais que l'on voit de là, au loin, des monts. J'ai été heureuse de l'autre côté des monts, autrefois. J'étais petite. Je cueillais des fleurs

1^a - Aucune heure n'a encore sonné.

2^a - On ne pourrait pas l'entendre. Il n'y a pas de pendule près d'ici. Il sera bientôt jour. (Il sera jour bientôt, sans doute).

3^a - Non : l'horizon est noir.

1^a - Ne voulez-vous pas, ma sœur, que nous nous divertissions en contant ce que nous avons été ? C'est beau et c'est toujours faux.

2^a - Non, n'en parlons pas. Du reste, est-ce que nous avons été quelque chose?

1^a - Peut-être. Je ne sais pas. Mais, malgré cela, c'est toujours beau que [← de] parler du passé. Les heures ont tombé et nous avons gardé le silence. Moi, j'ai regardé la flamme de cette bougie (?). Parfois elle tremble, d'autres fois elle devient plus jaune, d'autres elle <Pa> pâlit. Je ne sais pas pourquoi cela arrive. Mais est-ce

que nous savons, mes <souers> sœurs, pourquoi n'importe quoi [↓ quelque chose] arrive?

(un silence)

La même. – Parler du passé – cela doit être beau, parce que c'est inutile et cela fait tant de peine...

2^a – Parlons, si vous le voulez, d'un passé que nous n'ayons pas eu.

3^a – <Nous> Non, peut-être l'avons nous eu.

1^a – Vous ne dites que des mots. Que c'est triste que de parler ! C'est une manière (façon) si fausse de nous oublier (?) Si nous nous promenions ?

3^a – Où ?

1^a – Ici, d'un côté à l'autre. Parfois cela va chercher des rêves.

3^a – De quoi ?

1^a Je ne sais pas. Pourquoi le saurais-je ? (un silence)

2^a – Tout ce pays (contrée) est très triste. Celui où j'ai vécu autrefois était moins triste. Le soir, je filais, assise à ma fenêtre. La fenê<r>re donnait sur la mer, et parfois il y avait une île au loin. Bien de fois je ne filais plus (pas) ; je regardais la mer et j'oubliais de vivre. Je ne sais pas si j'étais heureuse. Je ne serai plus ce que peut-être je n'ai jamais été. (Je ne <revien> redeviendrai jamais ce que peut-être je n'ai jamais été).

1^a – Hors d'ici, je n'ai jamais vu la mer. De cette fenêtre-là, la seule d'où l'on voit la mer, <e>/o\n en voit si peu <!> La mer des autres pays (contrées, terres), est-ce qu'<il>/elle\ est <beau>? [→ belle]

2^a – Il n'y a de beau que la mer des autres terres. (Ce n'est que la terre des autres terres qui est belle.) Celle que nous voyons nous donne toujours des regrets (?) de celle que nous ne verrons jamais. (un silence)

1^a – Ne disions-nous pas que nous allions conter notre passé ?

2^a – Non, nous ne le disions pas.

3^a – Pourquoi n'y a-t-il pas de pendule dans cette chambre ?

2^a – Je ne sais pas. Mais ainsi, sans pendule, tout est plus lointain e<s>t plus mystérieux. La nuit appartient plus à elle-même. Qui sait si nous pourrions parler ainsi se nous savions l'<a>heure qu'il est ?

1^a – Ma so<ue>/eu\r, tout en moi est triste. Je passe des décembres dans l'âme. Je cherche ne pas regarder par [↑ vers] la fenêtre. Je sais que l'on voit de là, au loin, des monts. J'ai été heureuse de l'autre côté des monts, autrefois. J'étais petite. Je cueillais des fleurs

[3^v]

tout le jour (toute la journée) et avant de dormir je demandais (prieais) que l'on ne me les ôtât pas. Je ne sais pas ce qu'il y a d'irréparable en tout cela, mais cela me donne envie de pleurer (???) C'est loin d'ici que cela a pu être. Quand viendra le jour?

3^a - Qu'importe? Il vient tous jours de la même manière (façon). toujours, toujours, toujours. (un silence)

2^a - Contons des contes les uns aux autres. Je ne sais pas de contes, mais cela ne fait pas du mal. Ce n'est que vivre qui fait du mal. Ne touchons pas à la vie ni de de nos robes. Non, ne nous levez pas. Cela serait un geste et tous les gestes interrompent les rêves. À ce moment je n'avais (faisais) pas de rêve, mais il m'est doux de penser que je pourrais l' (en)avoir. Mais le passé - pourquoi n'en parlons-nous pas?

1^a - Nous avons résolu de ne pas le faire. Le jour naîtra bientôt et nous nous repentirons. Les rêves s'endorment à la lumière. Le passé n'est qu'un rêve. Du reste, je ne sais pas ce qui n'est pas (un) rêve. Si je regarde le présent avec trop d'attention il me semble qu'il est déjà passé. Qu'est-ce que c'est que quelque chose? Comment est-ce qu'elle passe? Ah, parlons, mes sœurs, parlons haut, parlons toutes à la fois. Le silence commence à prendre corps, il commence à devenir une chose. Je le sens qui m'enveloppe comme un brouillard. Ah, parlez, parlez!

2^a - Pourquoi? (?) Je vous regarde les deux et je ne vous vois pas de suite. Il me semble qu'entre nous se sont augmentés des abîmes. Il me faut fatiguer l'idée de ce que je puis vous voir pour que j'arrive à vous voir. Cet air chaud est froid du dedans, dans cette part(ie) qui touche à l'âme. Je devrais sentir maintenant des mains impossibles passer par mes cheveux (me passer par les cheveux). Les mains par les cheveux - c'est le geste dont on parle des sirènes. (Elle croise les mains sur les genoux. Un silence) Il y a peu de temps (?), lorsque je ne pensais à rien, je pensais à mon passé.

1^a - Moi aussi, sans doute, je pensais au mien...

3^a - Je ne sais plus à quoi je pensais. Au passé des autres, peut-être, au passé de gens merveilleuses qui n'ont jamais existé. Pres de la maison de ma mère il courait un Pourquoi y courait-il, et pourquoi ne courait-il plus loin ou plus près? Est-ce qu'il y a quelque raison pour qu'une chose soit ce qu'elle est? Est-ce qu'il y a pour cela quelque raison vraie et réelle comme mes mains?

2^a - Les mains ne sont ni vraies ni réelles. Ce sont des mystères qui habitent (en) notre vie. Parfois, quand je regarde mes mains, j'ai peur de Dieu. Il n'y pas de vent qui meuve les flammes de ces bougies, et voilà, elles se meuvent. Vers où s'inclinant-elles? Quel dommage si quelqu'un pourrait répondre! Je sens le désir d'entendre des musiques barbares qu'on joue sans doute à ce moment dans des palais d'autres continents. C'est toujours loin dans mon âme. C'est peut-être parce ~~qu'elles sont si proches~~ que, quand j'étais enfant, j'ai couru après les mondes au bord de la mer. J'ai mené la vie par la main entre des rochers, à la marée basse, quand il semble que la mer s'est croisée les mains sur le sein (poitrine) et s'est endormi (en s'endormant) comme une statue d'ange que personne ne regardât plus.

tout le jour (toute la journée) et avant de dormir je demandais (prieais) que l'on ne me les ôtât pas. Je ne sais pas ce qu'il y a d'irréparable en tout cela, mais [↑ en y pensant] cela me donne [↑ j'ai] envie de pleurer (???) C'est loin d'ici que cela a pu être. Quand viendra le jour?

3^a - Qu'importe? Il vient tou<r>jours de la même manière (façon). toujours, toujours, toujours. (un silence)

2^a - Contons des contes les uns aux autres. Je ne sais pas de contes, mais cela ne fait pas du mal. Ce n'est que vivre qui fait du mal. Ne touchons pas à la vie ni de □ de nos robes. Non, ne nous levez pas. Cela serait un geste et tou<s>/t\ <les> geste<s> interrompent les rêves [↑ un rêve]. À ce moment je n'avais (faisais) pas [↑

point] de rêve, mais il m'est doux de penser que je pourrais l'(en)avoir. Mais le passé – pourquoi n'en parlons-nous pas ?

1^a – Nous avons résolu de ne pas le faire. Le jour naîtra bientôt et nous nous repentirons. Les rêves s'endorment à la lumière. Le passé n'est qu'un rêve. Du reste, je ne sais pas ce qui n'est pa<q>/s\ /un/ rêve. Si je regarde le présent<e> avec trop d'attention il me semble qu'il est déjà passé. Qu'est-ce que c'est que quelque chose ? Comment est-ce qu'elle passe ? Ah, parlons, mes so<a>eurs, par<k>/l\ons haut, parlons toutes à la fois. Le silence commence à prendre corps, il commence à devenir une chose. Je le sens qui m'envol<l>/o\ppe comme un brouillard. Ah, parlez, parlez !

2^a – Pourquoi ? (?) Je vous regarde les deux et je ne vous vois pas de suite. Il me semble qu'entre nous se sont augmentés des abîmes. Il me faut fatiguer l'idée de ce que je puis vous voir pour que j'arrive à vous voir. Cet air chaud est froid du dedans, dans cette part(ie) qui touche à l'âme. Je devrais sentir maintenant des mains impossibles passer par mes cheveux (me passer par les cheveux). Les mains par les cheveux – c'est le geste

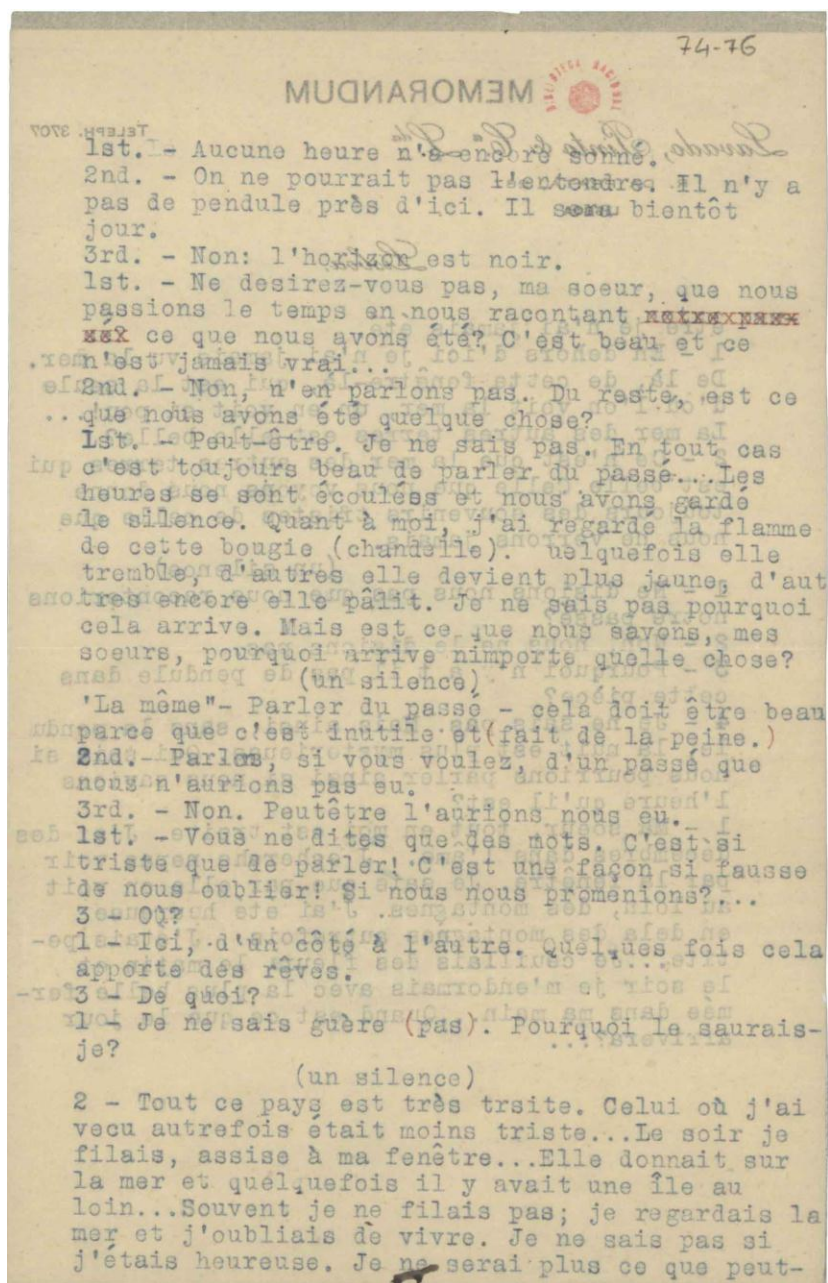
dont on parle des sirènes. (Elle croise les mains sur les genoux. Un silence) Il y a peu de temps (?), lorsque je ne pensais à rien, je pensais à mon passé.

1^a – Moi aussi, sans doute, je pensais au mien...

3^a – Je ne sais plus à quoi je pensais. Au passé des autres, peut-être, au passé de gens merveilleuses qui n'ont jamais existé. Près de la maison de ma mère il courait un □ Pourquoi y courait-il, y pourquoi ne courait-il plus loin ou plus près ? Est-ce qu'il y a quelque raison pour qu'un chose soit ce qu'elle est ? Est-ce qu'il y a pour cela quelque raison vraie et réelle comme mes mains ?

2^a – Les mains ne sont ni vraies ni réelles. Ce sont des mystères qui habitent (en) notre vie. Parfois, quand je regarde mes mains, j'ai peur de Dieu. Il n'y pas de vent qui meuve les flamm<a>es de ces bougies, et voilà, elles se meuvent. Vers où s'incli<a>nent-elles ? Quel dommage si quelqu'un pourrait répondre <!> Je sens le désir d'entendre des musiques barbares qu'on joue sans doute à ce moment dans des palais d'autres continents. C'est toujours loin dans mon âme. C'est peut-être parce <qu'étant enfant> que, quand j'étais enfant, j'ai couru après les <c> ondes au bord de la mer. J'ai mené la vie par la main entre des rochers, à la marée basse, quand il semble que la mer s'est croisé les mains sur le sein (poitrine) et s'est endormi (en s'endormant) comme une statue d'ange que personne ne regarda[↑^]t plus.

4. [BNP/E3, 74-76]



1st. – Aucune heure n’a encore sonné.

2nd. – On ne pourrait pas l’entendre. Il n’y a pas de pendule près d’ici. Il sera bientôt jour.

3rd. – Non : l’horizon est noir.

1st. – Ne désirez-vous pas, ma sœur, que nous passions le temps en nous racontant <notre passé> ce que nous avons été. C’est beau et ce n’est jamais vrai...

2nd. – Non, n’en parlons pas. Du reste, est ce que nous avons été quelque chose?

1st. – Peut-être. Je ne sais pas. En tous cas c'est toujours beau de parler du passé...
Les
heures se sont écoulées et nous avons gardé le silence. Quant à moi, j'ai regardé la
flamme de cette bougie (chandelle). [Q]uelquefois elle tremble, d'autres elle
devient plus jaune, d'autres encore elle pâlit. Je ne sais pas pourquoi cela arrive.
Mais est ce que nous savons, mes sœurs, pourquoi arrive n'importe quelle chose ?
(un silence)

'['] La même " – Parler du passé – cela doit être beau parce que c'est inutile et /fait
de peine./

2nd. – Parlons, si vous le voulez, d'un passé que nous n'aurions pas eu.

3rd. – Non. Peut être l'aurions-nous eu.

1st. – Vous ne dites que des mots. C'est si triste que de parler! C'est une façon si
fausse

de nous oublier. Si nous nous promenions ? ...

3 – Où ?

1 – Ici, d'un côté à l'autre. Quelques fois cela apporte des rêves.

3 – De quoi ?

1 – Je ne sais guère /pas/. Pourquoi le saurais-je ?

(un silence)

2 – Tout ce pays est très triste⁴⁴. Celui où j'ai vécu autrefois était moins triste... Le
soir je filais, assise à ma fenêtre. Elle donnait sur la mer et quelquefois il y avait une
île au loin... Souvent je ne filais pas ; je regardais la mer et j'oubliais de vivre. Je ne
sais pas si j'étais heureuse. Je ne serai plus ce que peut-

⁴⁴ trsite] *no original*.

3 – Pourquoi n’y a t il pas de pendule dans cette pièce ?

4 – Je ne sais pas. Mais ainsi, sans la pendule, la nuit est plus mystérieuse. Qui sait si

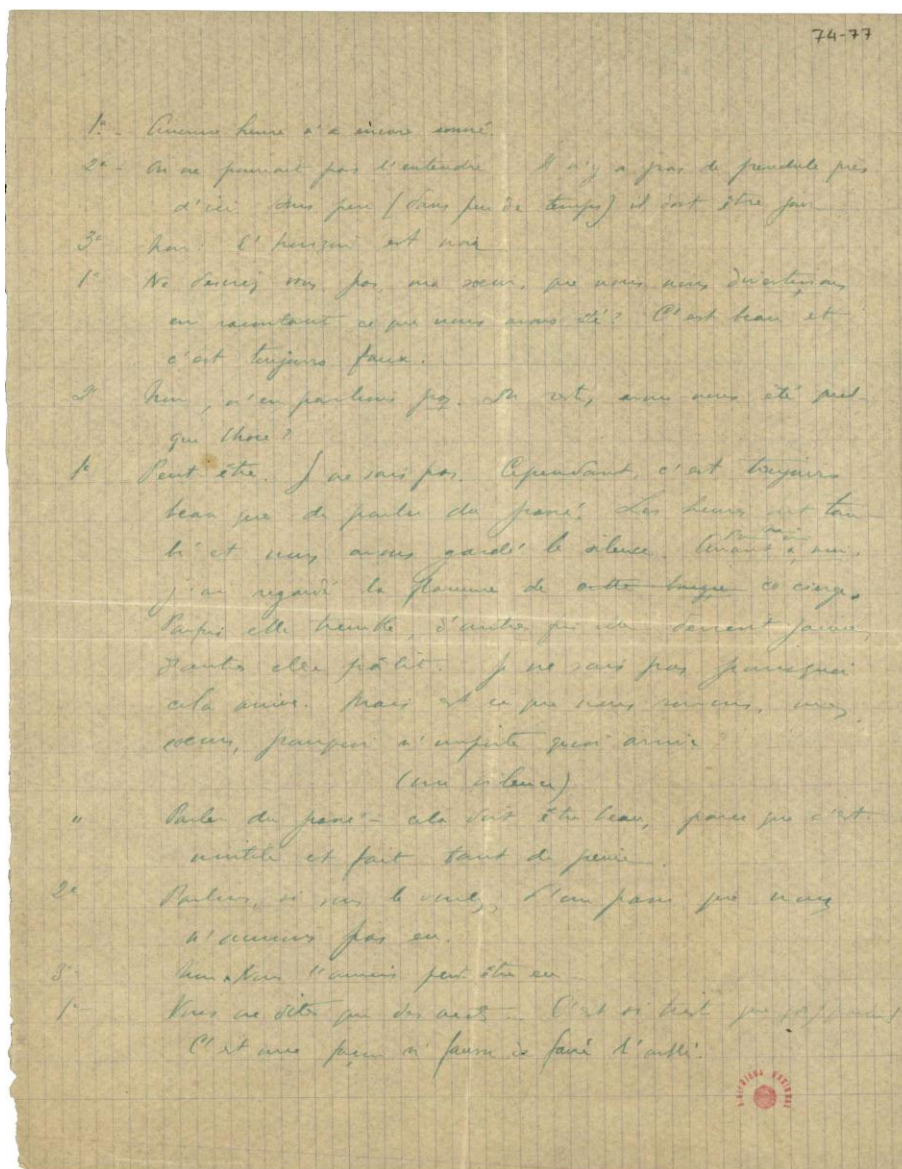
nous pourrions parler ainsi si nous savions l'heure qu'il est ?

1 – Ma sœur, tout en moi est triste⁴⁵. J'ai des décembres dans l'âme. Je cherche ne pas⁴⁶ voir par la fenêtre. Je sais que par elle on voit au loin, des montagnes. J'ai été heureuse en delà des montagnes autrefois... J'étais petite... Je cueillais des fleurs le matin et le soir je m'endormais avec la plus belle fermée dans ma main... Quand est ce que le jour arrivera ?...

⁴⁵ triste] *no original*.

⁴⁶ je cherche ne pas] *no original*.

5. [BNP/E3, 74-77]



1^a – Aucune heure n’a encore sonné.

2^a – On ne pourrait pas l’entendre. Il n’y a pas de pendule près d’ici. Dans peu (dans peu de temps) il doit être jour.

3^a – Non: l’horizon est noir.

1^a – Ne désirez-vous pas, ma sœur, que nous nous /divertissions/ en racontant ce que nous avons été? C’est beau et c’est toujours faux.

2^a – Non, n’en parlons /pas/. Du reste, avons-nous été quelque chose?

1^a – Peut-être. Je ne sais pas. Cependant, c’est toujours beau que de parler du passé. Les heures ont tombé et nous avons gardé le silence. /Quant à moi/, [↑ Pour moi] [↑ Moi] j’ai regardé la flamme de <cette /bougie/> ce cierge. Parfois elle tremble, d’autres fois elle devient jaune, d’autres elle pâlit. Je ne sais pas

pourquoi cela arrive. Mais est ce que nous savons, mes sœurs, pourquoi n'importe quoi arrive?

(un silence)

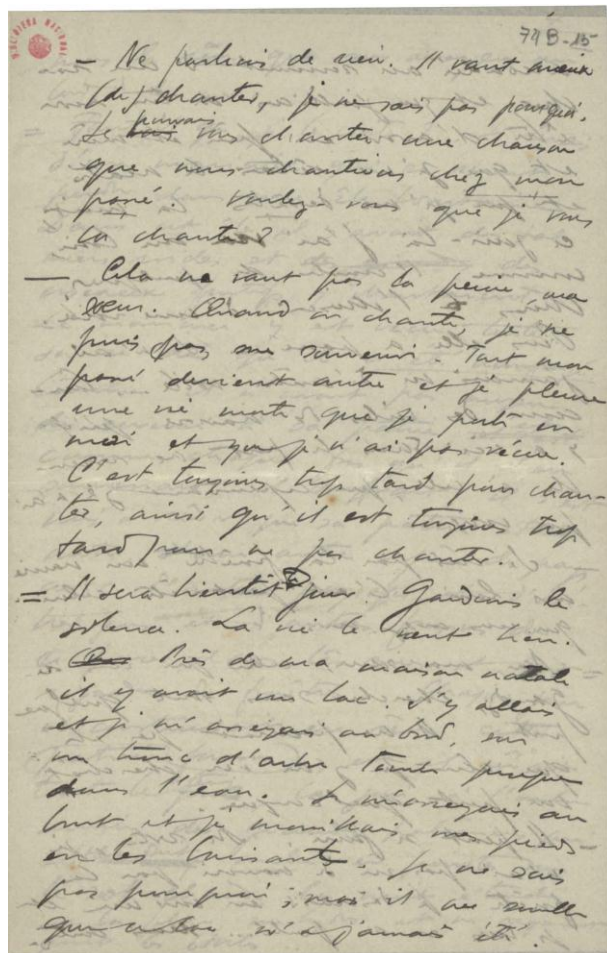
[1^a] Parler du passé – cela doit être beau, parce que c'est inutile et fait tant de peine.

[2^a] Parlons, si vous le voulez, d'un passé que nous n'aurions pas eu.

[3^a] Non. Nous l'aurions peut-être eu.

[1^a] Vous ne dites que des mots. C'est si triste que /de/ parler! C'est une façon si fausse de faire l'oubli.

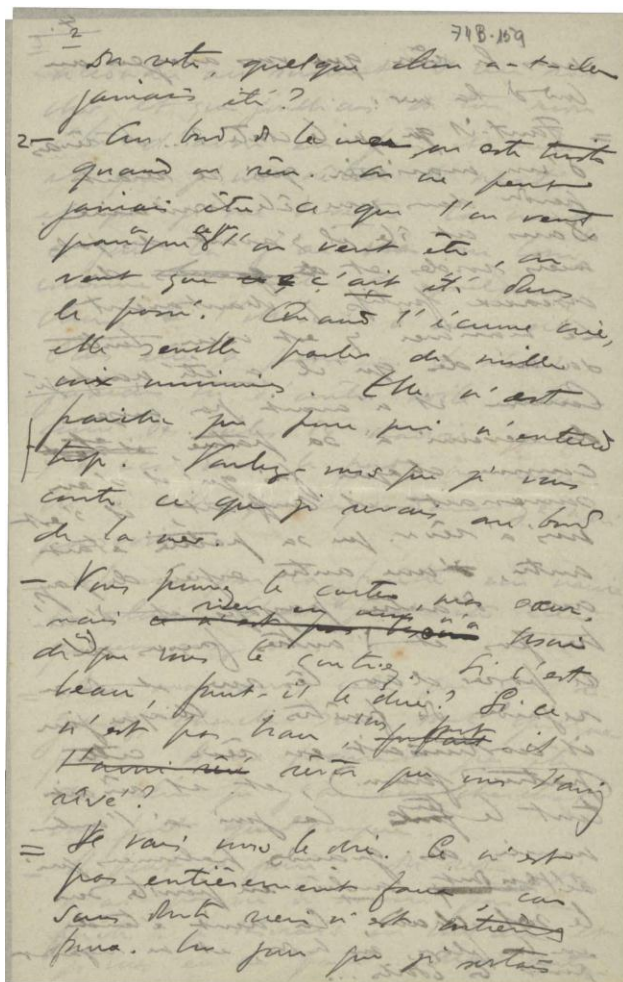
6. [BNP/E3, 74B-15 a 17]



- Ne parlions de rien. Il vaut mieux /de/ chanter, je ne sais pas pourquoi. Je <vais> [↑ pourrais] vous chanter une chanson que nous chantions /chez mon passé/. Voulez-vous que je vous la chante ?
- Cela ne vaut pas la peine, ma sœur. Quand on chante, je ne puis /pas/ me souvenir. Tout mon passé devient autre et je pleure une vie morte que je porte en m<e>/o\i et que je n'ai pas vécu. C'est toujours trop tard pour chanter, ainsi qu'il est toujours trop tard pour ne pas chanter.
- ⁼⁴⁷ Il sera bientôt [↑ /le/] jour. Gardions le silence. La vie le veut bien. <Que> Près de ma maison natale il y avait un lac. J'y allais et je m'asseyais au bord, sur un tronc d'arbre tombé presque dans l'eau. Je m'asseyais au bout et je mouillais mes pieds en les laissant, je ne sais pas pourquoi ; mais il me semble que ce lac n'a jamais été.

⁴⁷ Neste manuscrito e noutros que se seguem, Pessoa adopta símbolos para designar as diferentes personagens. Uma conferência com a versão portuguesa do drama permite supor as seguintes equivalências: – para a 1ª veladora, = para a 2ª veladora, + para a 3ª veladora.

[15a]



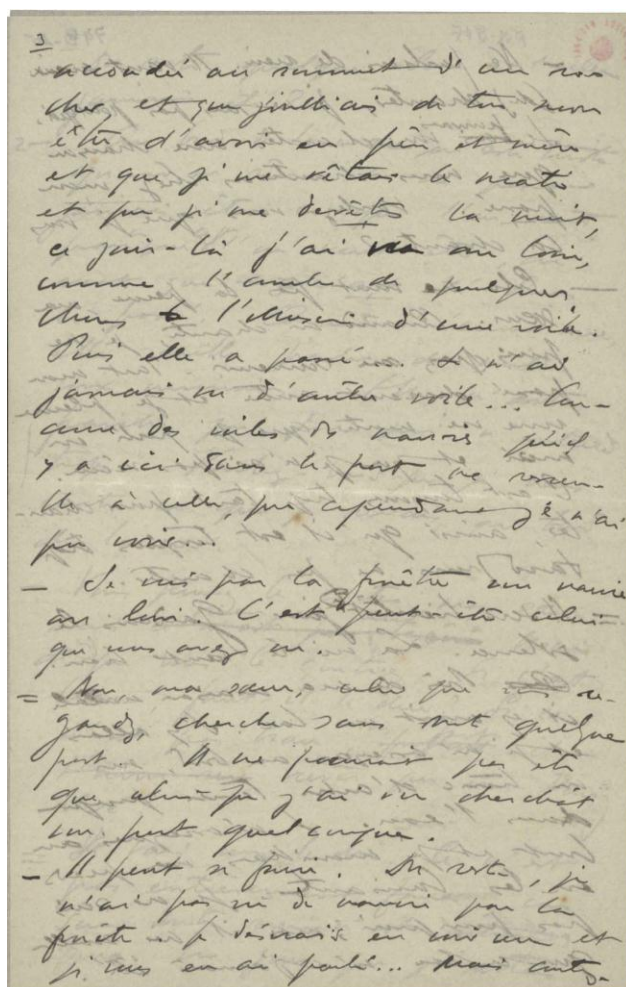
2

Du reste, quelque chose a-t-elle jamais été ?

2^{ème} Au bord de la mer, on est triste quand on rêve. On ne peut jamais être ce que l'on veut parce [↑ ce] que [↑ ce que] l'on veut être, on veut que <ce ç> ç'/ait/ été dans le passé. Quand l'écume crie, elle semble parler de mille voix minimes. Elle n'est fraîche /que pour qui n'entend trop/. Voulez-vous que je vous conte ce que je revais au bord de la mer.

– Vous pouvez le conter, ma sœur, mais <ce n'est pas besoin> [↑ rien en nous n'a] besoin de [↑ /ce/] que vous le contiez. Si c'est beau, peut-il le dire ? Si ce n'est pas beau, <pourrait> [↑ peut]-il <l'avoir rêvé> rêver que vous l'aviez rêvé ?

= Je vais vous le dire. Ce n'est pas entièrement faux, car sans doute rien n'est entièrement faux. Un jour que je restais

[15^v]

2

accoudée au sommet d'un rocher, et que j'oubliais de tous mon être d'avoir eu père et mère et que je me vêtais le matin et que je me /devêtais/ la nuit, ce jour-là j'ai vu au loin, comme l'ombre de quelques choses <la> l'illusion d'une voile. Puis elle a passée... Je n'ai jamais vu d'autre voile... Aucune des voiles des navires qu'il y a ici dans le port me ressemble à celle, que cependant je n'ai pu voir...

- Je vois par la fenêtre un navire au loin. C'est peut-être celui que vous avez vu.
- = Non, ma sœur, celui que vous regardez, cherche sans doute quelque port. Il ne pourrait pas être que celui que j'ai vu cherchât un port quelconque.
- Il peut se faire. Du reste, je n'ai pas vu de navire par la fenêtre. Je désirais en voir un et je vous en ai parlé... mais contez-

[15a^v]

4.
 nous le rêve que vous avez eu au
 bord de la mer.
 = Faut-il que je le conte?... Je rêvais
 d'un marinier qui se serait
 perdu dans une île lointaine.
 Dans cet île il n'y avait des palmiers
 raides et ~~de grandes~~ des
 oiseaux furtifs y chantaient.
 Le marinier y est vécu toute
 sa vie de qu'il a été naufragé.
 Comme il n'avait pas moyen
 de revenir à sa patrie, ~~il s'est~~
 comme chaque fois qu'il s'en
 souvenait il souffrait, il s'est
 mis à rêver que sa patrie était
 autre, d'une autre espèce de pays
 avec d'autres paysages et d'au-
 tres gens et d'autres façons de
 se passer dans les rues et de se
 regarder de fenêtres. Chaque jour
 il construisait en rêve cette
 patrie ~~fausse~~, et il vivait
 tout le ~~jour~~, le jour à l'ombre mince des grand<es>/s\ palmiers qui
 se <+> [↑↑ droit] /ourlée/ en pointes sur
 le sol chaud, la nuit étendu
 sur la plage, sur le dos, et ne regardant
 point les étoiles...

4.

nous le rêve que vous avez eu au bord de la mer.

= Faut-il que je le conte?... Je rêvais d'un marinier qui se serait perdu dans une île lointaine. Dans cet île il n'y avait des palmiers raides et <des grandes> des oiseaux furtifs y chantaient. Le marinier y est vécu toute sa vie ici dès qu'il /a été naufragé./ Comme il n'avait pas moyen de revenir à sa patrie, <il s'est> [↑ et] comme chaque fois qu'il s'en souvenait il souffrait, il s'est mis à rêver que sa patrie était autre, <d'> une autre espèce de pays, avec d'autres paysages et d'autres gens et d'autres façons de se passer dans les rues et de se regarder de fenêtres. Chaque jour il construisait un rêve cette fausse patrie, et il r<é>/ê\vait tout le <jour> [↑ temps], le jour à l'ombre mince des grand<es>/s\ palmiers qui se <+> [↑↑ droit] /ourlée/ en pointes sur le sol chaud, la nuit étendu sur la plage, sur le dos, et ne regardant point les étoiles...

[16]

5 79B-16

- Comment est-ce fait que je n'ai jamais rêvé ce rêve d'un rêve?

+ Laissez-la dire... ne lui parlez pas... Elle a appris les mots des sirènes... Je m'endors pour l'entendre... Dites, ma sœur, dites... Mon cœur se brise de n'avoir pas <ê>/é\té vous lors que vous rêviez au bord de la mer.

= <<L>/C\le marinier> Pendant des années le marinier construisait cette patrie. Chaque jour il <construisait> [↑ créait] une rue, il batissait un </chateau/> [↑ palais], il évoquait un chateau ancien... Tous les jours (jour à jour) croissait cette nouvelle patrie... Bientôt elle était tout un pays qu'il avait tout de près parcouru. Il avait passé mille fois par ses côtes et savait de quelle [→ s] couleur [→ s] étaient les crépuscules sur des p<é>/e\tites villes au nord, et combien doux c'était <de> d'arriver, /haute nuit/, aux eaux calmes d'une grande ville d'un autre sud...

= - Pourquoi vous taisez vous, ma sœur?

= Il ne faut pas parler trop haut de sa vie, mais il ne faut pas le savoir... Quand j'ai parlé trop j'ai commencé à me séparer d'avoir et à m'entendre parler... Cela fait que je n'ai plus un rêve et que je rentre mon cœur...

... Voyez, l'homme a parlé sans la nuit... Le jour

5

- Comment est-ce fait que je n'ai jamais rêvé ce rêve d'un rêve ?
- + Laissez-la dire... ne lui parlez pas... Elle a appris les mots des sirènes... Je m'endors pour l'entendre... Dites, ma sœur, dites... Mon cœur se brise de n'avoir pas <ê>/é\té vous lors que vous rêviez au bord de la mer.
- = <<L>/C\le marinier> Pendant des années le marinier construisait cette patrie. Chaque jour il <construisait> [↑ créait] une rue, il batissait un </chateau/> [↑ palais], il évoquait un chateau ancien... Tous les jours (jour à jour) croissait cette nouvelle patrie... Bientôt elle était tout un pays qu'il avait tout de près parcouru. Il avait passé mille fois par ses côtes et savait de quelle [→ s] couleur [→ s] étaient les crépuscules sur des p<é>/e\tites villes au nord, et combien doux c'était <de> d'arriver, /haute nuit/, aux eaux calmes d'une grande ville d'un autre sud...
- => - Pourquoi vous taisez vous, ma sœur ?

= Il ne faut pas trop parler⁴⁸. <†> La vie nous guette. <Il se peut que> Toute heure est /bonne/ [↑ maternelle] aux rêves, mais il ne faut pas le savoir... Quand je parle trop je commence à me séparer de moi et à m'entendre parler... Cela fait que je m'apitoye sur moi et que je sente mon cœur...
...Voyez, l'horizon a pâli dans la nuit... Le jour

⁴⁸ A primeira hipótese do autor apresenta a ordem inversa (parler trop).

[17^e]

6 748-17

~~mon intention~~
viendra bientôt... Faut-il que je vous
parle encor(e) de mon rêve ?

+ Contez toujours, ma sœur; Le jour ne vient
jamais pour ceux qui s'enferment
dans le rêve... Ne tordez pas vos mains...
Cela fait un bruit comme d'un serpent
furtif. Parlez-nous du marinier...

- Oui, je vous en parlerai... Je vous disais
qu'il créait une nouvelle patrie... S'a-
près il a créé les paysages, après il a
créé les villes et des gens qu'il y avait
et qui n'étaient pas des individus. Mais
bientôt il crée tel et tel autre - ~~de~~
Puis ~~de~~ les rencontrait bien des fois
sur les rues; d'autres il les croyait
toujours à de telles fenêtres... Il y avait
un prince et une princesse et des
étranges personnes en d'étranges

6

<nous interrompra>

viendra bientôt... Faut-il que je vous parle encor(e) de mon rêve ?

+ Contez toujours, ma sœur : Le jour ne vient jamais /pour ceux qui s'enferment dans le rêve/... Ne tordez pas vos mains... Cela fait un bruit comme d'un serpent furtif. /Parlez-nous du marinier.../

- /Oui/, je vous en parlerai... Je vous disais qu'il créait une nouvelle patrie... D'abord il a créé les paysages, après il a créé les villes et des gens qu'il y avait et qui n'étaient pas des individus. Mais bientôt il crée tel et tel autre - /Des/ /d'/uns <t>/il\ les rencontrait bien des fois <sur> [↑ dans] les rues ; d'autres il les croyait toujours à de telles fenêtres... Il y avait un prince et une princesse et des étranges personnes en d'étranges □

7. [BNP/E3, 74B-18^r]

6, 74B-18

- Vous ne dites que des mots. C'est si triste que de parler! C'est un oubli trop factice... Si nous nous promenions?

+ Ou?

- Ici, d'un côté à l'autre. Quelquefois cela fait rêver.

+ À quoi?

- Je ne sais pas. Pourquoi le saurais-je?

(un silence)

= Toute cette terre est très triste. Celle que j'habitais jadis l'était moins... Le soir je filais... La fenêtre donnait sur la mer... Quelquefois je regardais la mer. Je ne savais plus ce que j'ai été.

- Je n'ai jamais vu la mer, hors d'ici... Est-ce que la mer est belle autre part?

= Elle n'est belle qu'autre part. Celle que nous voyons nous rappelle toujours celle que nous ne verrons jamais.

(un silence)

+ N'est-ce pas que nous vivons que nous allons raconter le jour?

= Non, hors de là vivons pas.

- Pourquoi n'y est-il pas une petite chambre?

= Sans la fenêtre, la nuit est plus mystérieuse. Qui sait si nous pourrions avoir si nous voyons l'heure qu'il fait?

(b)

- Vous ne dites que des mots. C'est si triste que de parler! C'est un oubli trop factice... Si nous nous promenions?

<=>/+\ où?

- Ici, d'un côté à l'autre. Quelquefois cel<á>/à\ fait rêver.

+ À quoi?

- Je ne sais pas. Pourquoi le saurais-je?

(un silence).

- Toute cette terre est très triste. Celle que j'habitais jamais l'était moins... Le soir je filais... <L>/M\ a fenêtre donnait sur la mer... Quelques fois je regardais la mer [↑ et j'oubliais de vivre.] Je ne savais plus ce que j'ai été.

- Je n'ai jamais vu la mer, hors d'ici ... [↑ /D'ici on en voit peu./] Est-ce que la mer est belle autre part?

= Elle n'est belle qu'autre part. Celle que nous voyons nous rappelle toujours celle que nous ne verrons jamais.

(un silence)

- + N'est-ce pas que nous disions que nous allions raconter le passé ?
- = Non, nous ne le disions pas.
- Pourquoi n'y a-t-il pas une pendule dans cette chambre ?
- = Sans la pendule, la nuit est plus mystérieuse. Qui sait si nous <parlions> [↑ parlerions] aussi si nous voyons l'heure qu'il fait [↑ est] ?

8. [BNP/E3 74B-19 a 22]

74B-19

- Aucune heure n'est a encore sonné.
 = [↑ On ne pourrait /pas/ l'entendre. Il n'y a pas de pendule ici.] [↓ Mais] Il doit être jour bientôt.

+ Non, l'horizon est noir.

- Voulez-vous, mes sœurs, que nous racontions ce que nous avons été. C'est beau et c'est toujours faux.

= Non, parlons d'autre chose. Avons-nous, du reste, été quelque chose ?

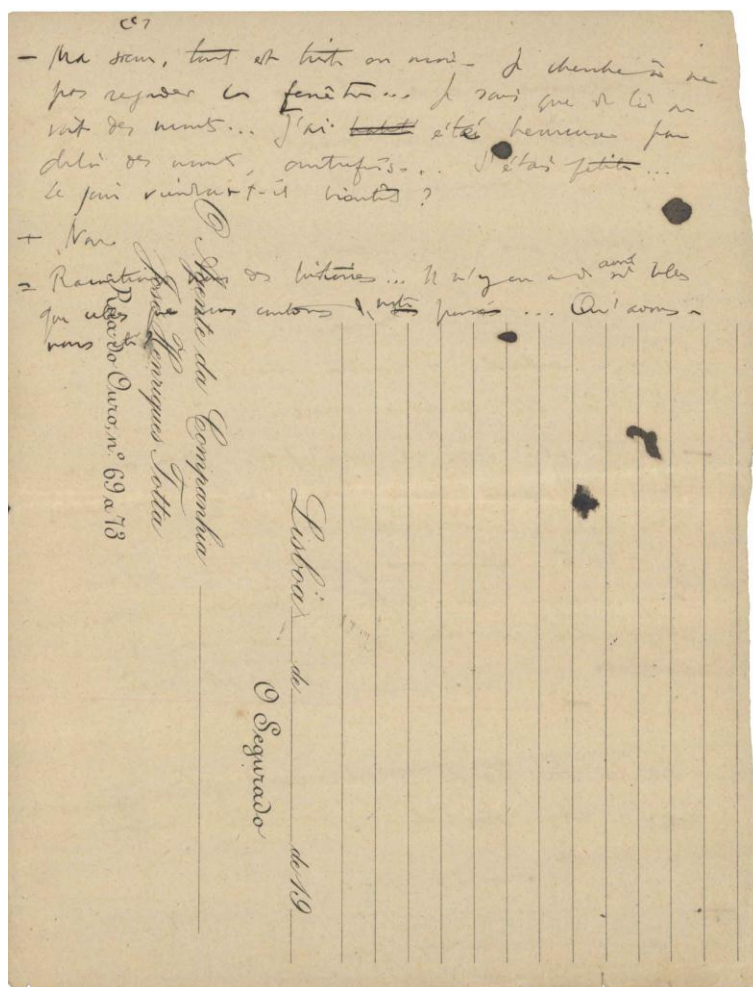
- Peut-être : je ne sais pas. Mais c'est tout de même beau de parler du passé. Des heures ont coulé et nous avons gardé le silence. Pour ma part j'ai regardé la flamme de cette chandelle ^{bougie} : elle + chancelle et elle [↑ s'est fait plus vive] et elle <se resem> [↑ a eu de diverses couleurs, toutes jaunes.] Ce n'est rien, [→ je l'ai <vu> regardé en ne la voyant pas.]

- Parler du passé - cela doit être beau - car c'est inutile et cela fait [↑ toujours] la peine.

+ Parlons, si vous voulez, de quelque passé que nous n'avons pas eu...

= Nous nous l'aurions eu peut-être.

- Aucune heure n'est a encore sonné.
- = [↑ On ne pourrait /pas/ l'entendre. Il n'y a pas de pendule ici.] [↓ Mais] Il doit être jour bientôt.
- + Non : l'horizon est noir.
- Voulez-vous, mes sœurs, que nous racontions ce que nous avons été. C'est beau et c'est toujours faux.
- = Non, parlons d'autre chose. Avons-nous, du reste, été quelque chose ?
- Peut-être : je ne sais pas. Mais, c'est tout de même beau de parler du passé. Des heures ont coulé et nous avons gardé le silence. Pour ma part, j'ai regardé la flamme de cette chandelle [↑ bougie] : elle + chancelle et elle [↑ s'est fait plus vive] et elle <se resem> [↑ a eu de diverses couleurs, toutes jaunes.] Ce n'est rien, [→ je l'ai <vu> regardé en ne la voyant pas.]
- Parler du passé - cela doit être beau - car c'est inutile et cela fait [↑ toujours] de la peine.
- <+>/=\ Parlons, si vous voulez, de quelque passé que nous n'avons pas eu...
- <=>/+\ Nous nous l'aurions eu peut-être.

[19^v]

(c)

- Ma sœur, tout est triste en moi - je cherche à ne pas regarder la fenêtre... Je sais que de là on voit des monts... J'ai <habité> ét<ai>/é\ heureuse par-delà des monts, autrefois... J'étais petite... Le jour viendra-t-il bientôt ?
- + Non
- = Racontions nous des histoires... Il n'y en a des si [↑ aussi] belles que celles que nous contons de <nos> [↑ notre] passé<s>... Qu'avons-nous été ?

[20^e]

74 B-20

Letra

= Tout ceci, mes sœurs, s'est passé dans la nuit. N'en parlons plus, ni à nous-mêmes. Il est humain et convenable que nous prenions ^{chacune son} attitude de tristesse ^{a ma future sœur a tout} veilleuse.

+ Cela a été beau de vous écouter. Ne dites pas /que/ non. Je sais que cela n'a pas valu la peine. C'est pour cela que je l'ai trouvé beau... Non, n'insistez pas : je ~~sais~~ arrange mes gestes de deuil... Du reste la musique de votre voix, que j'ai écouté encore plus que vos paroles, me laisse mécontente...

= Tout laisse mécontent, ma sœur. Les hommes qui pensent se lassent de tout ^{car tout change}... Les hommes qui agissent le prennent, car ils passent ^[↑ changent] avec /les choses/ [↑ dans tout]. Il ne reste /donc/, de beau et d'éternel, que le rêve.../ Voyez le jour... Il éclate comme de l'or en terre d'argent. Les nuages sont légers et ils s'arrondissent alors qu'ils se colorent.../ Pourquoi parlions nous encore ?

(Paraphrase de Pessoa sur l'Amor à 1907)

< tout ceci, mes sœurs, s'est >

= Tout ceci, mes sœurs, s'est passé dans la nuit. N'en parlons plus, ni à nous-mêmes.

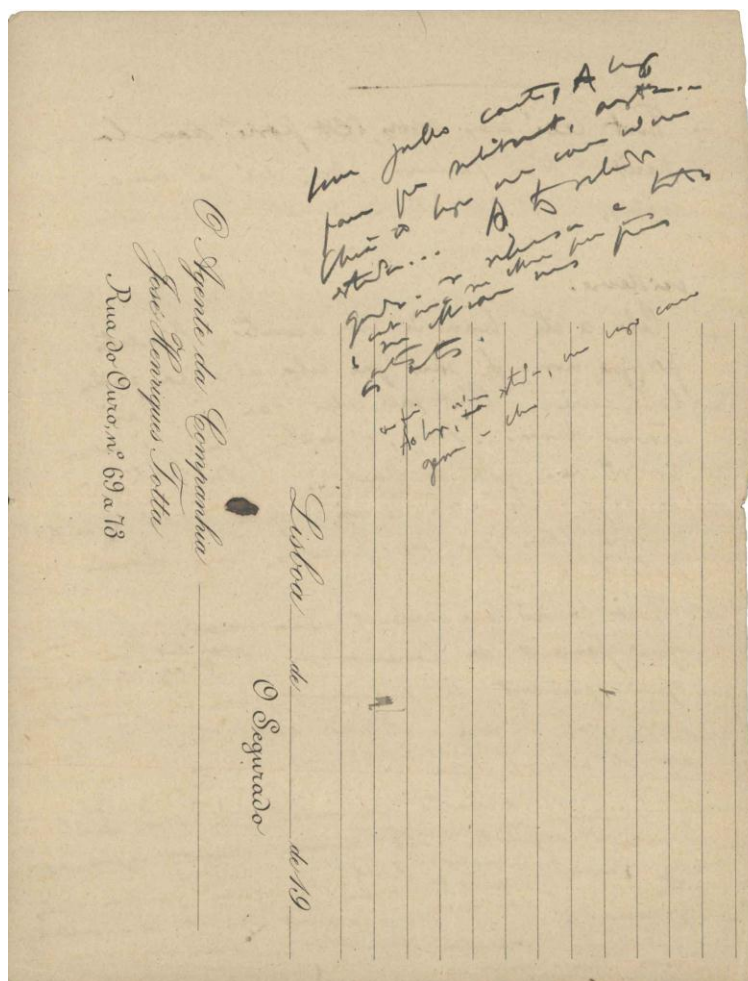
Il est humain et convenable que nous prenions < une > [↑ chacune son] attitude de tristesse [↓ a sua postura servil de tristeza] veilleuse.

+ Cela a été beau de vous écouter. Ne dites pas /que/ non. Je sais que cela n'a pas valu la peine. C'est pour cela que je l'ai trouvé beau... Non, n'insistez pas : je < m' > arrang< é > / e \ mes gestes de deuil... Du reste la musique de votre voix, que j'ai écouté encore plus que vos paroles, me laisse mécontente...

= Tout laisse mécontent, ma sœur. Les hommes qui pensent se lassent de tout [↑ car tout passe ↑ change]... Les hommes qui agissent le prennent, car ils passent [↑ changent] avec /les choses/ [↑ dans tout]. Il ne reste /donc/, de beau et d'éternel, que le rêve.../ Voyez le jour... Il éclate comme de l'or en terre d'argent. Les nuages sont légers et ils s'arrondissent alors qu'ils se colorent.../ Pourquoi parlions nous encore ?

- Quelqu'un viendra bientôt... [↑ Il y a du bruit quelque part. On se reveille.]
Vous croyez donc au rêve, ma sœur...
- = Non, [↑ mes sœurs] on n'y crois pas (Pourquoi le demandez-vous ? Non je n'y crois pas.

[20v]

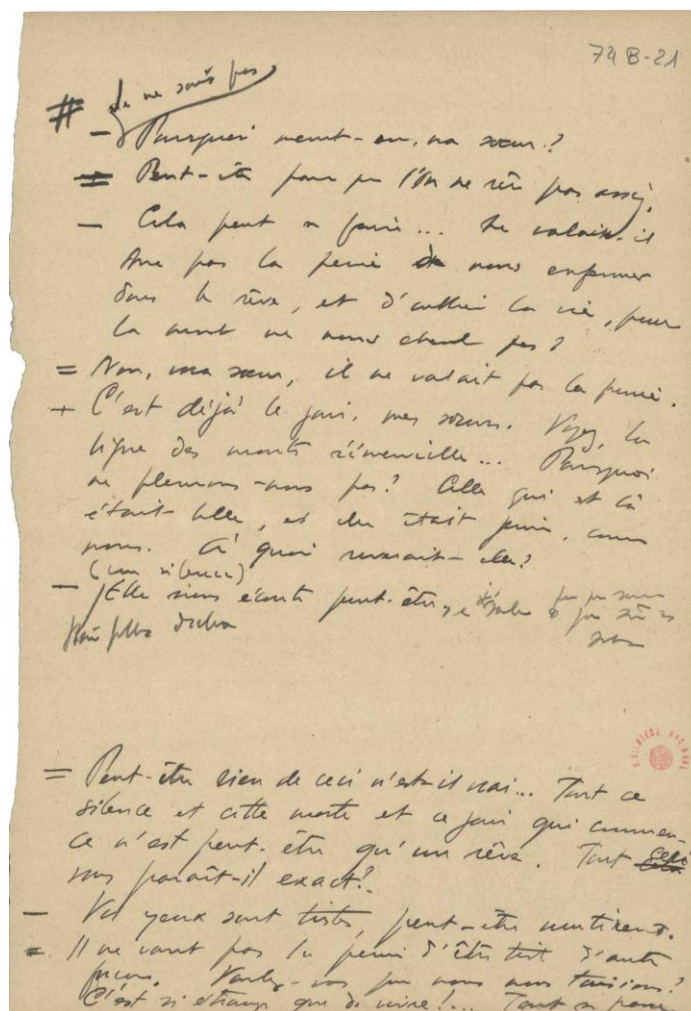


Um gallo canta<,>/. \ <a>/A \ luz, parece que subitamente, aumenta... Chia ao longe um carro n'uma estrada... As trez veladoras quedam-se silenciosas e tristes e sem olharem umas para as outras. [↑ cada uma sem olhar para as outras]

c/mo fim

Ao longe, <na> [↑ n'uma] estrada, um vago carro geme e chia

[21^r]

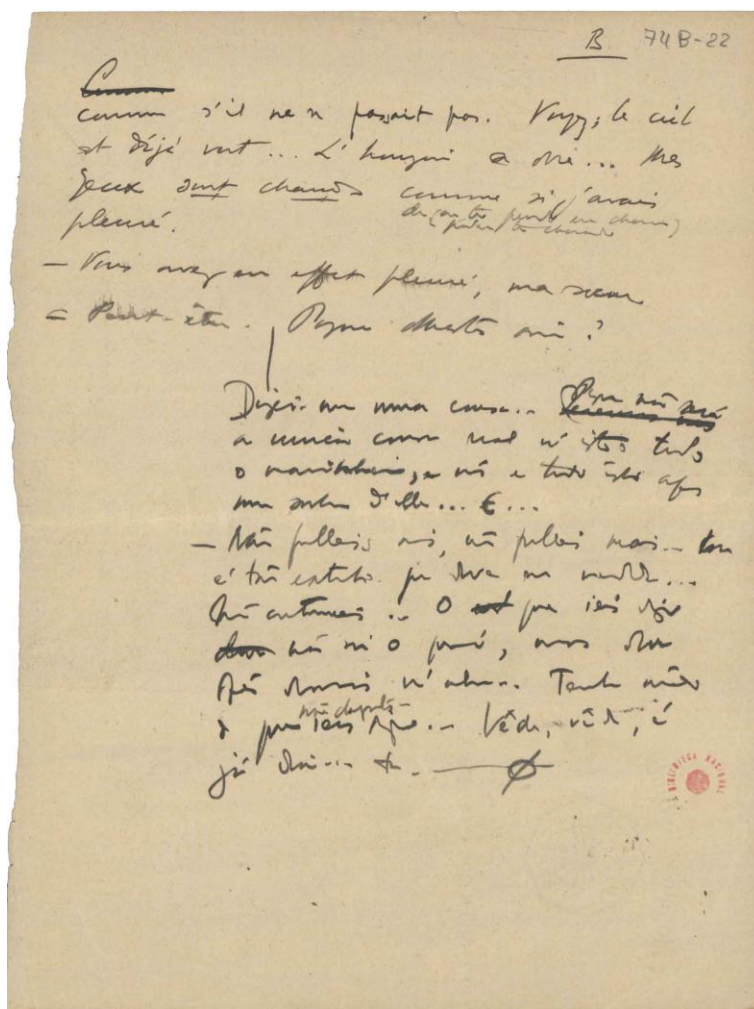


#

- [↑ Je ne sais pas] Pourquoi meurt-on, ma sœur?
- = Peut-être parce que l'on ne rêve pas assez.
- Cela peut se faire... Ne valait-il donc pas la peine <et>/de\ nous enfermer dans le rêve, et d'oublier la vie, pour la mort ne nous cherche pas ?
- = Non, ma sœur, il ne valait pas la peine.
- + C'est déjà le jour, mes sœurs. Voyez, la ligne des monts s'émerveille... Pourquoi ne pleurons-nous pas ? Celle qui est là était belle, et elle était jeune, comme nous. À quoi reverait-elle ?
- (un silence)
- [↓ Não fallaes d'ella] Elle nous écoute peut-être<.>/,\ e [↑ já] sabe o que são [↑ para que servem] os sonhos.
- = Peut-être rien de ceci n'est-il vrai... Tout ce silence et cette morte et ce jour qui commence n'est peut-être qu'un rêve. Tout <cela> [↑ ceci] vous paraît-il exact ?

- Vos yeux sont tristes, peut-être inutilement.
- = Il ne vaut pas la peine d'être triste d'autre façon. Voulez-vous que nous nous taisions ? C'est si étrange que de vivre !... Tout se passe

[22]



B

<Comme>

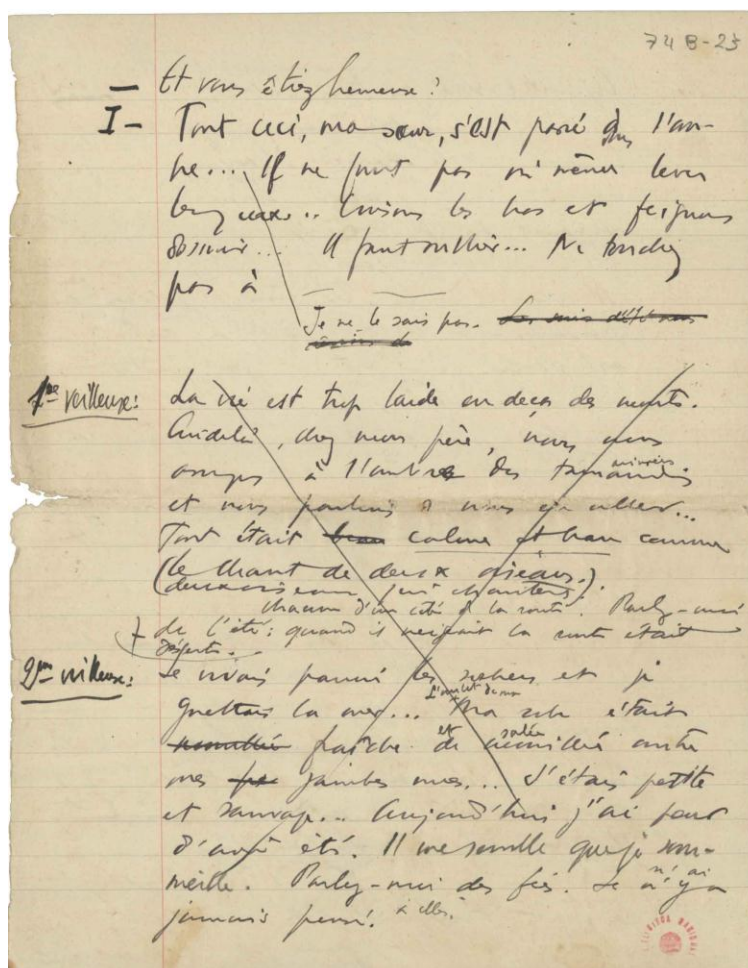
comme s'il ne se passait pas. Voyez ; le ciel est déjà vert... L'horizon se dore... Mes yeux /sont chaudes/ comme si j'avais pleuré. [↓ de (eu ter pensado em chorar) ↓ poder ter chorado]

– Vous avez en effet pleuré, ma sœur.

= Peut-être. [↓ Dizei-me uma cousa... <Seremos nos> ↑ Porque não será a unica cousa real n'isto tudo o marinheiro, e nós e tudo isto apenas um sonho d'elle... E... Porque olhastes assim?]

– Não falleis mais, não falleis mais... Isso é tão estranho que deve ser verdade... Não continueis... O <+> que ieis dizer <deve> não sei o que é, mas deve sêr demais n'alma... Tenho mêdo do que ieis [↑ não chegastes a] dizer.– Vêde, vêde, é já dia... etc. – Ø

9. [BNP/E3, 74B-23]



— Et vous <ê>/é\ tiez heureuse?

I — Tout ceci, ma sœur, s'est passé à [↓ dans] l'aube... [↓ Je ne le sais pas. < Les soirs d'été nous rêvions de>] Il ne faut pas ni même lever les yeux... Croisons les bras et feignons dormir... Il faut oublier... Ne tardiez pas à ☉

<2^a>/1^e\ *veilleuse*: <La vie est trop laide en deça des monts. Au-delà, chez mon père, nous nous asseyions à l'ombr<es>/e\ des tamarins [↑ ariniers] et nous parlions de nous en aller... Tout était <beau> /calme et beau/ comme le chant de deux oiseaux. [↓ deux oiseaux qui chantent.] Chacun d'un côté de la route. Parlez-moi de l'été: /quand il neigeait la route était déserte/.

2^{ème} *veilleuse*: Je vivais parmi les rochers et je guettais la mer... Ma [↑/ L'ourlet/ de ma] robe était <mouillée> fraîche de mouillée [↑ et salée] contre mes <pie> jambes nues... J'étais petite et sauvage... Aujourd'hui j'ai peur d'avoir été. Il me semble que je sommeille. Parlez-moi des fées. Je n'y en [↑ n'ai] jamais pensée. [→ à elles.]

[23v]⁴⁹

Le Roi: Apportez-moi les trois calices ou j'~~ai~~
 bu jadis - le calice d'or où je buvais
 le ; le calice d'argent où je
 buvais ; et le calice de
 airain où je buvais
 Pourquoi n'ai-je pas en un calice
 de fer?
 — : Nous avons donné les trois calices aux
 pauvres - le calice d'or à celui qui
 est venu de l'est et qui portait
 une robe verte; le calice d'argent
 à celui qui est venu du nord, et
 qui avait dont la robe était noire;
~~celui~~ le calice d'airain à celui qui
 venait ~~du sud~~ de l'occident et
 qui soulevait de ses mains penchées
 une tunique blanche. Aucun pauvre
 n'est venu du sud, de ~~Provençe~~
 la!

Le Roi:
 3^{me} veillesse: J'ai vécu parmi l'ombre des branches
 et tout dans mon âme est des feuilles
 qui tremblent. J'ai passé ~~la fuite~~
 de mes jours à côté des saules, on je
 tremblais, quand j'avais besoin d'air.
 Les vents troussaient de mes doigts. Par
 moi de la nuit, pour que je me souviens.

<3^{me} veillesse : J'ai vécu parmi l'ombre des branches et tout dans mon âme est des
 feuilles qui tremblent. J'ai passé <mes jours> [↑ la fuite] de mes jours à côté des

⁴⁹ Transcrevemos o trecho apontado no pé da folha, apenas esse referente ao "Marinheiro".
 Encontra-se riscado, provavelmente por ter sido copiado para outro lugar. O trecho acima, também
 em francês, inserir-se-ia igualmente num drama (estático?).

Transcrição:

Le Roi: Apportez-moi les trois calices ou j'<avais>[↑ai] bu jadis – le calice d'or où je buvais □; le
 calice d'argent où je buvais □; et le calice de /airain/ où je buvais □. Pourquoi n'ai je jamais en un
 calice de fer?

– : Nous avons donné les trois calices aux pauvres; le calice d'or à celui qui est venu de l'est et qui
 portait une /robe/ verte; le calice d'argent à celui que est venu du nord, et <qui avait> dont la
 /robe/ était noire; <celui> le calice d'airain / à celui qui venait <du sud> de l'occident et qui
 soulevait de ses mains /t/ une tunique blanche. Aucun pauvre n'est venu du sud, de <roi>

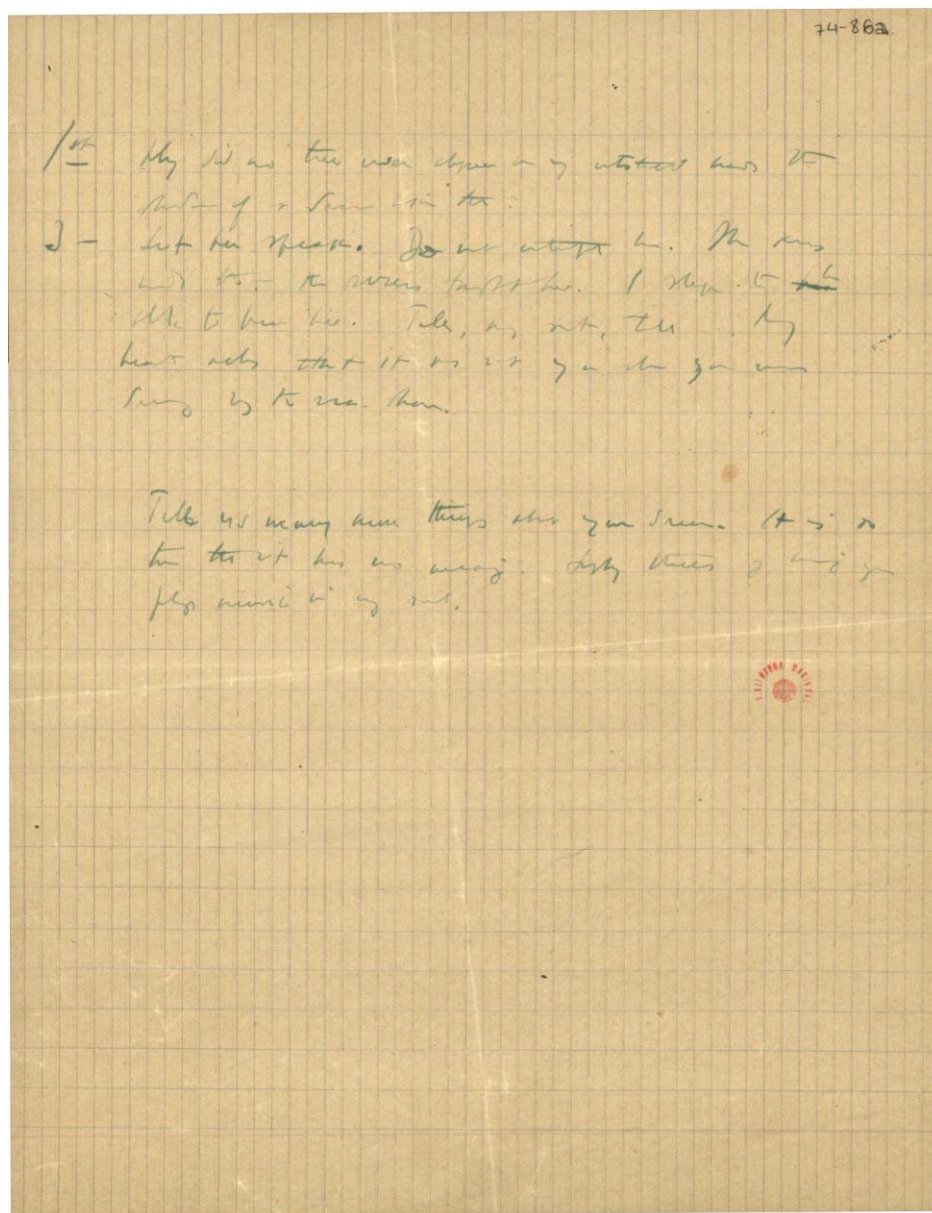
*Provençe!

Le Roi: □

sources, ou je trempais, quand j'avais besoin d'agir, [↑ je revais d'agir] les bouts tranquilles de mes doigts. Parlez moi de la mort, pour que je me souviene.>

II. Documentos em inglês

1. [BNP/E3, 74-86a^r]

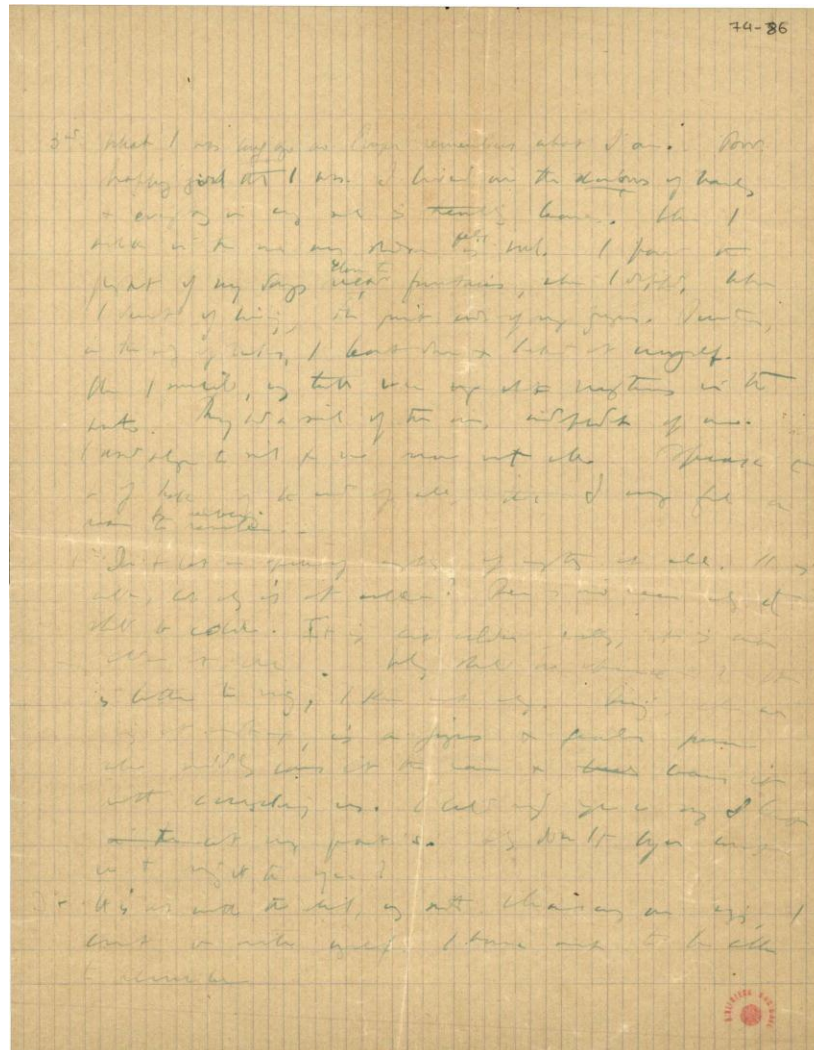


1st Why did no tree ever *obscure in my outstretched hands the shadow of a dream like this.

3 – Let her speak. Do not interrupt her. She knows words that the sirens taught her. I sleep to <hear> [↑ be] able to hear her. Tell, my sister, tell. My heart aches that it was not you when you were dreaming by the sea-shore.

Tell us many more things about your dream. It is so true that it has no meaning.

*Only thinking of hearing you plays music in my soul.

2. [BNP/E3, 74-86^r]

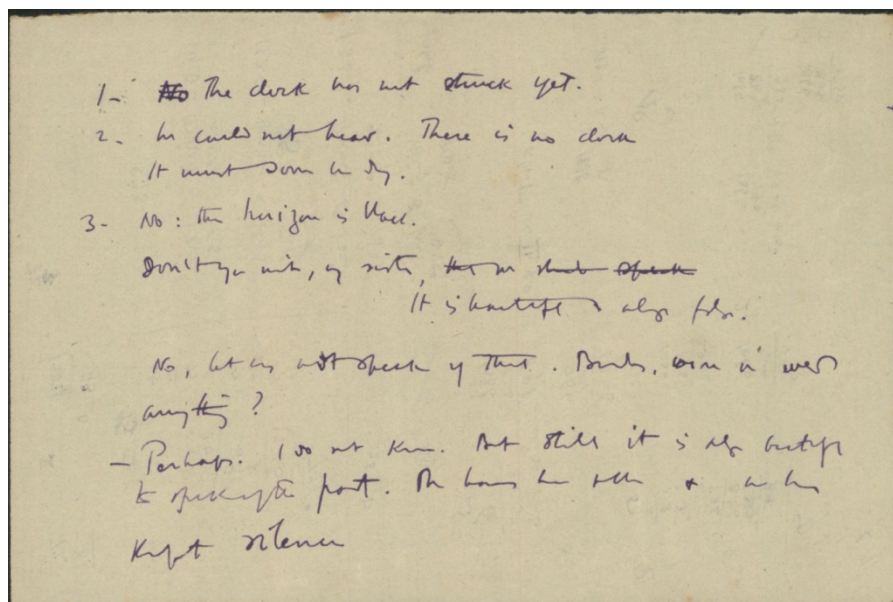
3rd What I was /long ago/ no longer remembers what I am. Poor happy girl that I was. I lived in the /shadows/ of branches and everything in my soul is trembling leaves. When I walk in the sun my shadow is [↑ feels] cool. I passed the flight of my days /near/ [↑ close to] fountains, where I dipped, when I dreamt of living, the quiet ends of my fingers. Sometimes, in the bay of lakes, I leant down and looked at myself. When I smiled, my teeth were <*of what> mysterious in the water. They had a smile of their own, independent of me. I used always to smile for no reason at all. Speak to me of death, of the end of all, that I may feel a reason to remember... [↑ for remembering...]

1^a Don't talk – speak of anything, of anything at all. It is colder, but why is it colder? There is no reason why it should be colder. It is not colder really, it is not colder at all. Why should we speak? It is better to sing, I know not why. Singing, when we sing at night, is a joyous and fearless person who suddenly comes into

the room and <heats> warms it with consoling us. I could sing you a song I *learnt
<in the> at my past's. Why don't you want me to sing it to you?

3^a It is not worth the while, my sister. When any one sings, I can't be with myself. I
have not to be able to remember

3. [BNP/E3, 90-2-41v]⁵⁰



1 - <No>The clock has not struck yet.

2 - One could not hear. There is no clock

It must soon be day.

3 - No: the horizon is black.

Don't you wish, my sister, that we <should speak>

It is beautiful & always false.

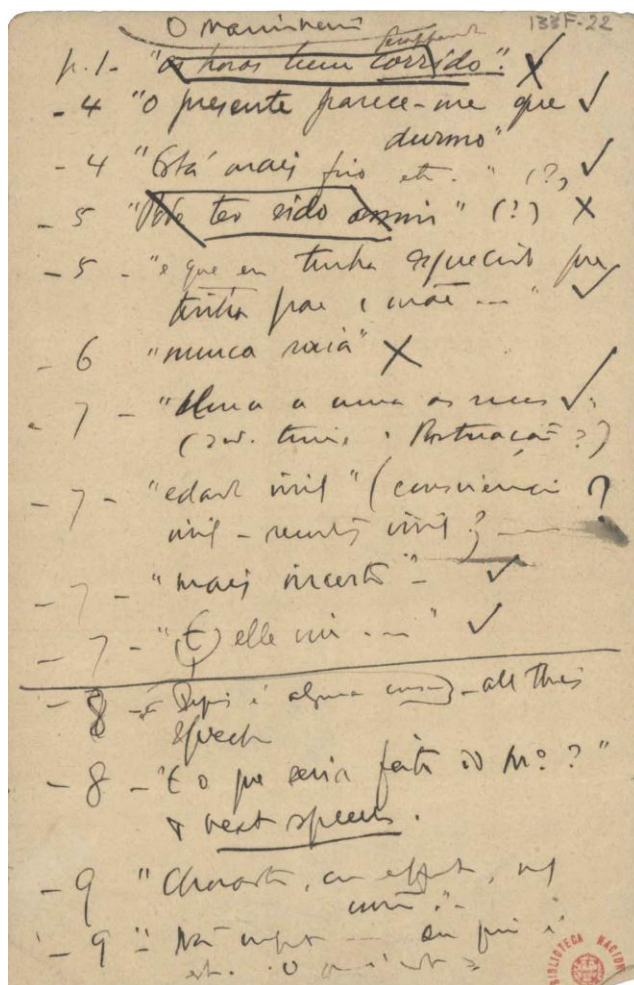
No, let us not speak of that. Besides, were we ever
anything?

- Perhaps. I do not know. But still it is always beautiful
to speak of the past. The hours have fallen & we have
kept silence

⁵⁰ Documento localizado e gentilmente cedido por Richard Zenith, a quem aqui agradecemos. A transcrição é da responsabilidade da autora do artigo.

III: Documentos relacionados com "O Marinheiro" (em português)

1. [BNP/E3, 133F-22]



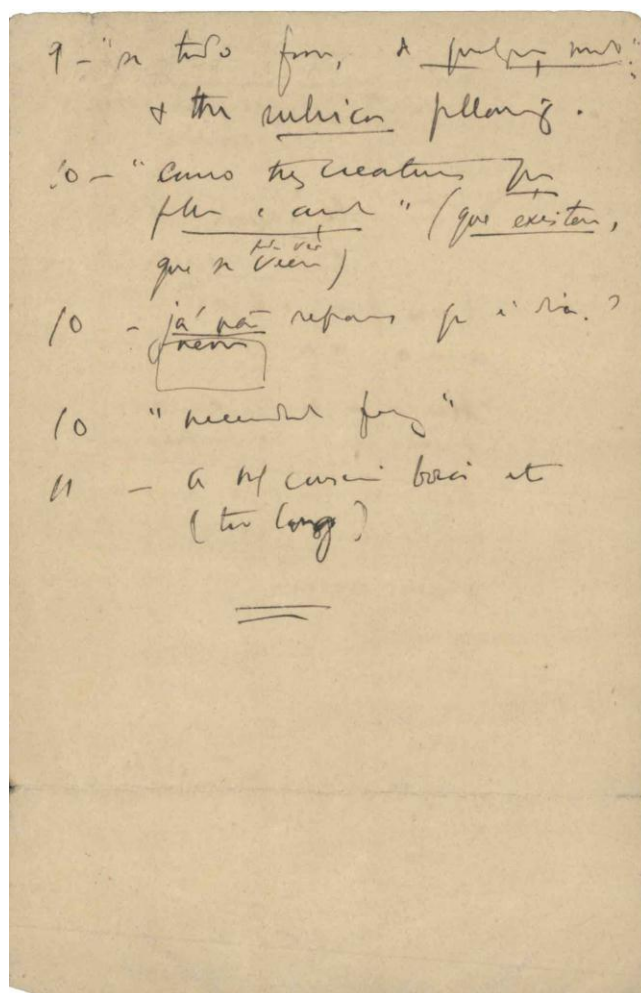
O Marinheiro

[desaparecido]

- p. 1 - "as horas teem corrido." <✓>/x\
- 4 "o presente parece-me que durmo" ✓
- 4 "Está mais frio etc." (?) ✓
- 5 "Pode ter sido assim" (?) ✓
- 5 - "e /que eu/ tenha esquecido que tinha pae e mãe..." ✓
- 6 "nunca raia" x
- 7 - "<u>/U\ma a uma as ruas..." (2nd. time: Pontuação?) ✓
- 7 - "idade viril" (consciencia

- viril –recordação viril? ... ?
- 7 – “mais incerto” – ✓
 - 7 – “/E/ elle viu...” ✓
-
- <7>/8\ –Depois é alguma cousa etc. –
all this speech
 - 8 – “E o que seria feito do M[arinheir]o?”
& *next speeches*.
 - 9 “Chorastes, com effeito, m[inha]
irmã.” –
 - 9 – “Não importa... Que frio é este.
O que é isto”

[22v]



9 – “se tudo fosse, de /qualquer modo/.”

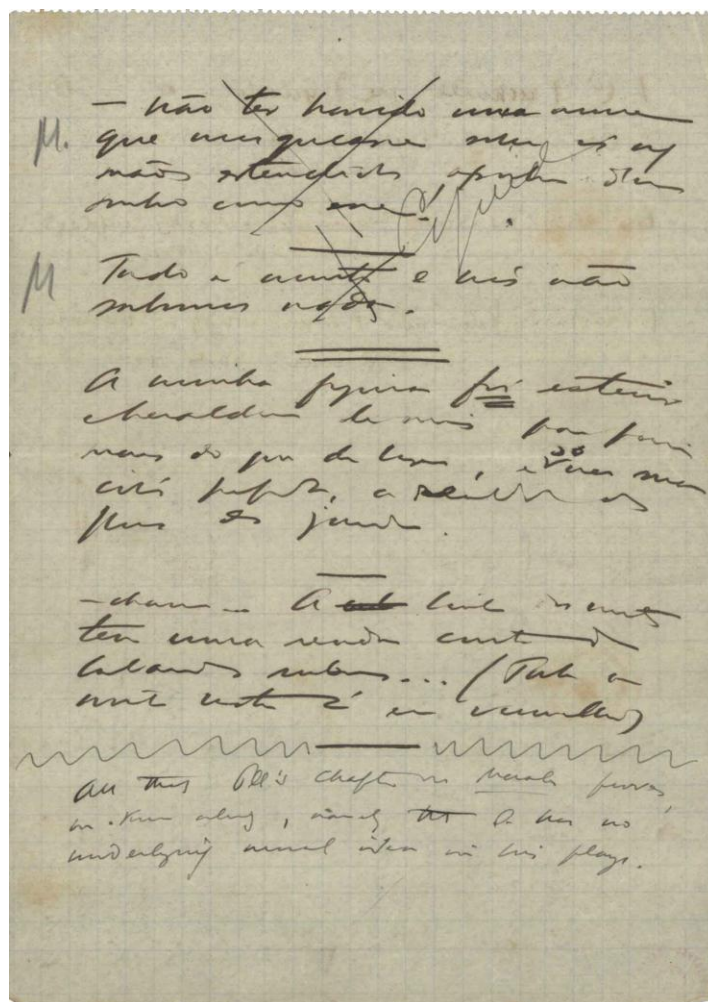
& the *rubrica* following.

10 – “como trez creaturas /que fallam e andam/ [↓ podem ver]” (*que existem, que se veem*)

10 – /já não/ [↓ nem] reparaes que é dia?

10 “necessidade feroz”

11 – a m[inha] consciencia boia etc.
(too long)

2. [BNP/E3, 14E-86v]⁵⁰

– não ter havido uma árvore que mosqueasse sobre as m[inhas] mãos estendidas a/sombra d’um sonho como esse!

Tudo é muito e nós não sabemos nada.

⁵⁰ Transcrevemos apenas os dois trechos no topo da folha e referentes ao “Marinheiro”. Encontram-se riscados, com indicação de já terem sido copiados (“copied”) e com a letra M a lápis na margem dos fragmentos. Agradecemos a localização deste documento a Pauly Ellen Bothe.

Transcrição dos outros trechos:

A minha figura foi exterior e heraldica de mais para possuir mais do que de longe, e [↑ só] na sua idéa profunda, a realidade das flores do jardim.

– chama.. A <arch> linha dos montes tem uma renda curta de balanceadas *sombras... (Toda a minha nota é em vermelho)

All that Pell[issier]’s chapter on *Macbeth* proves, we know already, namely that S[hakespeare] has no underlying moral idea in his plays.

Bibliografia

- ATTAR, Samar (2005). "Translating the exiled self. Reflections on translation and censorship", in *Intercultural Communication Studies*, XIV, 4, pp. 131-147.
- BASSNETT, Susan (2003). *Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTRO, Ivo (1996). "Parole d'auteur contre parole de dossier: sémiotique de l'archive chez Fernando Pessoa", in *Genesis*, 10, pp. 59-72.
- COELHO, Jacinto do Prado (1949). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Edição da Revista Ocidente.
- DASILVA, Xosé Manuel (2003). "La traducción según Fernando Pessoa (antología de textos críticos)", *Quaderns. Revista de traducció*, 9, pp. 137-153.
- EVREINOF, Nikolai (1915). *The Theatre of the Soul. A Monodrama in One Act*. London: Hendersons.
- FERRARI, Patricio [2012]. « Pour une édition critique des poèmes français de Fernando Pessoa et d'Alejandra Pizarnik », in *Bilinguisme, double culture, littératures*. Edition de Cristina Pirvu. Collection Thyrese. Paris: L'Harmattan. (no prelo).
- ____ (2009). "Pessoa e a língua grega: o 'murmurio humido das ondas'", in *Jornal i*, ano I, n.º 169, Lisboa, 19 de Novembro, p. 39.
- FISCHER, Claudia (2010). "Fernando Pessoa, leitor de Schiller", in *REAL - Revista de Estudos Alemães*, n.º1, Julho, <http://real.fl.ul.pt>, pp. 54-70.
- FORSTER, Leonard (1970). *The Poets Tongues: multilingualism in literature*. Cambridge: Cambridge University Press. "The de Carle Lectures at the University of Otago 1968".
- LEY, Charles David (1939). *A Inglaterra e os Escritores Portugueses*. Lisboa: Seara Nova.
- LIND, Georg (1962). "Biblioteca Fernandina", in *Diário de Notícias*, 18 de Janeiro, p. 7. (Artigo disponível online em <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/estudos.htm>)
- LOPES, Teresa Rita (org.) (1993). *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ____ (1990). *Pessoa por Conhecer – Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa. 2 tomos.
- ____ (1985). "Pessoa: 'O Marinheiro'", in *Estudos sobre Fernando Pessoa no Brasil. Revista Comunidades de Língua Portuguesa*, S. Paulo, pp. 52-55.
- ____ (1977). *Fernando Pessoa et le Drame Symboliste*. Paris: F. C. Gulbenkian.
- MAETERLINCK, Maurice (1908-1912). *Théâtre*. 3 vols. Bruxelles: Paul Lecomblez, éditeur.
- ____ (1896). *Le Trésor des Humbles*, Paris: Mercure de France, pp. 101-110.
- MIRAGLIA, Gianluca (2007). "'É um dos pontos negros da biografia que não tive': Reflexões acerca de um texto autobiográfico de Fernando Pessoa com uma digressão sobre um erro na *Ode Marítima* que as edições críticas não emendaram", in *Estudos Italianos em Portugal*, n.º, 2, pp. 325-339.
- MIRANDA, Suely Aparecida (2006). *O Marinheiro na Poesia de Fernando Pessoa: Porto ou Travessia?*, Araraquara: Universidade Estadual Paulista.
- PESSOA, Fernando (2011a). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição de José Barreto. Lisboa: Ática.
- ____ (2011). *Argumentos para Filmes*. Edição de Patricio Ferrari e Claudia J. Fischer. Lisboa: Ática.
- ____ (2010). *O Marinheiro*. Edição de Cláudia F. Souza, Lisboa: Ática.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM.
- ____ (2007). *Prosa Publicada em Vida*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2000). *Poemas de Fernando Pessoa. 1934-1935*. Edição de Luís Prista. Lisboa: INCM.
- ____ (1999). *Correspondência*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim. Tomo II, 1923-1935.
- ____ (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da presença*. Edição de Enrico Martines. Lisboa: INCM.
- ____ (1997). *Poemas Ingleses*. Edição de João Dionísio. Lisboa: INCM. Tomo II.

- ____ (1990). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: INCM.
- ____ (1988). *Fausto – Tragédia Subjectiva*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença.
- ____ (1986). *O Comércio e a Publicidade*. Edição de António Mega Ferreira. Lisboa: Cinevoz / Lusomedia.
- ____ (1967). *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. Edição de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- ____ (1952). *Poemas Dramáticos*. Edição de Eduardo Freitas da Costa. Lisboa: Ática.
- ____ (1931). “Hino a Pã”, in *presença*, n.º 33, Julho-Outubro, p. 11.
- ____ (1928). “Tábua bibliográfica. Fernando Pessoa”, in *presença* n.º 17, Dezembro, p. 10.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Lisboa: Dom Quixote. Acervo Casa Fernando Pessoa, vol. I.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio (2011). “Uma biblioteca em expansão: sobrecapas de livros de Fernando Pessoa / A Growing Library: dust jackets from Fernando Pessoa’s book collection”, in *Revista Pessoa*, n.º 3, Junho, pp. 58-96.
- POE, Edgar Allan (2011). *Principais Poemas de Edgar Allan Poe*. Edição de Margarida Vale de Gato; introdução de Fernando Pessoa; traduções de Fernando Pessoa e Margarida Vale de Gato. Lisboa: Guimarães.
- QUENTAL, Antero (2010). *Os Sonetos Completos de Antero de Quental*. Com tradução parcial em língua inglesa por Fernando Pessoa. Prefácio aos sonetos completos de Antero de Quental por J. P. Oliveira Martins. Nota prévia, transcrições e posfácio de Patricio Ferrari. Lisboa: Guimarães.
- RANSOME, Arthur (1913). *Oscar Wilde – A Critical Study*. London: Methuen Co. 4th ed.
- SARAIVA, Arnaldo (1996). *Fernando Pessoa: poeta-tradutor de poetas*. Porto: Lello Editores.
- ST-PIERRE, Paul (1996). “Translation as Writing Across Languages: Samuel Beckett and Fakir Mohan Senapati”, in *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 9, n° 1, pp. 233-257.
- ZENITH, Richard (1993). “Fernando Pessoa and the Theatre of His Self”, in *Performing Arts Journal*, vol. 15, n.º 2, pp. 47-49.

O mago e o louco:

Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Dias

José Barreto^{*}

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Cunha Dias, astrologia, horóscopos, bruxaria, loucura, psiquiatria, *Mensagem*

Resumo

Este artigo historia o relacionamento entre Fernando Pessoa e um dos seus amigos próximos, o advogado, jornalista e escritor Alberto da Cunha Dias, durante os últimos vinte e tantos anos de vida do poeta. Como astrólogo que também era, e não meramente como hobby, Pessoa em 1916 foi acusado de ser um “mago” ou “bruxo” por um jornal de Lisboa, na sequência de um caso que envolveu o seu amigo, considerado louco pelos seus familiares e internado num manicómio. A relação de amizade entre os dois manteve-se constante, apesar do recorrente desequilíbrio mental de Cunha Dias. Foi a conselho deste, que em 1934 se encontrava em tratamento num hospital psiquiátrico, que Pessoa declarou ter modificado o título do seu único livro de poesia publicado em português, *Mensagem*. A afeição do poeta pelo seu infeliz amigo, bem como pelo igualmente perturbado escritor esotérico Raul Leal, está aparentemente relacionada com a frequente alegação por Pessoa do seu próprio desequilíbrio mental e com as suas concepções sobre loucura e génio.

Keywords

Fernando Pessoa, Cunha Dias, astrology, horoscopes, sorcery, madness, psychiatry, *Mensagem*

Abstract

This article describes the relationship between Fernando Pessoa and one of his close friends, the lawyer, journalist and writer Alberto da Cunha Dias, during the last twenty-odd years of the poet's life. Pessoa practiced astrology, and not merely as a hobby. Because of that, in 1916 he was accused of being a “magician” or a “wizard” by a Lisbon newspaper, in the aftermath of an affair which involved his friend, Cunha Dias, who had been considered a madman by his relatives and confined into a mental hospital. The friendship between the two remained constant, despite the recurrent mental trouble of Cunha Dias. Pessoa claimed to have modified the title of *Mensagem*, his only book of poetry published in Portuguese, at Cunha Dias's advice, when in 1934 the latter was being treated in a psychiatric hospital. The poet's attachment for his unfortunate friend, as well as for the equally disturbed esoteric writer Raul Leal, is apparently related to Pessoa's frequent references to his own mental imbalance and to his conceptions of madness and genius.

^{*} Instituto de Ciências Sociais— Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Uma das amizades mais duradouras de Fernando Pessoa foi a que manteve durante mais de vinte anos com o advogado, jornalista, polemista político, escritor e editor Alberto da Cunha Dias (1886-1947). Este nome, quase esquecido pela posteridade, não tem despertado particular interesse por parte dos estudiosos, para além da menção de alguns factos que o associam a Fernando Pessoa.¹ É bastante conhecida uma carta de Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, de 4 de Setembro de 1916, apontando três acontecimentos recentes que o tinham mergulhado numa depressão: a grave doença da mãe (um acidente vascular ocorrido em Dezembro de 1915, em Pretória), o suicídio de Mário Sá Carneiro (em 26 de Abril de 1916, em Paris) e, mais recentemente, “a loucura do Cunha Dias”, referido este como “um rapaz meu antigo amigo, muito falador e vivo, que você várias vezes deve ter visto na Brasileira”.² Sabe-se que o poema “Gládio”, programado para o número 3 do *Orpheu*, foi dedicado por Pessoa a Alberto da Cunha Dias, assim aparecendo tanto nas provas tipográficas da revista³ como nos originais dactilografados.⁴ É igualmente conhecido o episódio da sugestão feita a Pessoa, cerca de 1934, por Cunha Dias, então internado num manicómio, para que alterasse o título do livro que inicialmente se intitulava *Portugal* e acabou por ser publicado como *Mensagem*.⁵

A documentação relativa ao relacionamento dos dois amigos não é propriamente abundante. No espólio de Pessoa há apenas duas cartas, um postal ilustrado e um telegrama de Cunha Dias, mas sabe-se que trocaram mais correspondência, nem toda conhecida ou localizável. Há alusões esparsas a Cunha Dias em várias notas de Pessoa, publicadas ou inéditas. O espólio conserva também, além de um número muito considerável de análises astrológicas elaboradas por Pessoa sobre Cunha Dias, um manuscrito do punho deste último, de cerca de 1929, contendo em duas páginas uma lista de acontecimentos da sua vida desde 1914.⁶ Por seu turno, há várias referências a Pessoa em livros de Cunha

¹ Dados sumários sobre Cunha Dias aparecem em notas a Fernando Pessoa, *Correspondência* (1999: 441) e *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (2003: 112). Pouco acrescenta a entrada “Dias, Alberto da Cunha”, de Manuela Parreira da Silva em *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (2008: 220).

² Publicada pela primeira vez em *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues* [1944]. Ver Pessoa (1999: 219-221). No momento em que Pessoa escrevia esta carta, Cunha Dias estava internado no Hospital do Conde de Ferreira, no Porto. A primeira carta deste para Pessoa tem o carimbo de correio de Lisboa de 4 de Setembro, ou seja, a data da carta de Pessoa para Côrtes-Rodrigues.

³ *Orpheu* 3, edição de Arnaldo Saraiva. Lisboa: Edições Ática, 1984.

⁴ BNP/E3 (Biblioteca Nacional de Portugal / Espólio de Fernando Pessoa), 121-1 e 2. Ver aqui os originais dactilografados do poema no dossier final (Imagens 1 e 2).

⁵ O episódio do conselho dado a Pessoa foi por este relatado numa nota dactilografada datável de 1934-1935 (BNP/E3, 125A-25), publicada pela primeira vez em Fernando Pessoa, *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional* (1979: 179).

⁶ BNP/E3, 90²-102. Ver aqui a transcrição no Apêndice 1 e o original no dossier Imagens (3.1 e 3.2).

Dias, incluindo transcrições de cartas por este enviadas ao amigo, cujos originais não se encontram no espólio do escritor.

Nascido em Sintra, em 1886, de uma família da classe média (o pai era notário), Cunha Dias entrou aos dez anos de idade para o Colégio Militar e aos vinte anos, em 1906, para a Universidade de Coimbra, onde o seu nome aparece ligado à greve estudantil de 1907. Datam de 1913 as mais antigas referências conhecidas de Pessoa a Cunha Dias, quando este era ainda estudante de Direito em Coimbra, facto que o não impedia de frequentar as tertúlias e cafés de Lisboa. O diário que Pessoa escreveu entre Fevereiro e Maio de 1913 regista um encontro dos dois na *Brasileira* do Rossio, em que Cunha Dias lhe anunciou uma conferência que ia realizar em breve. Dias depois, novo encontro, entregando Cunha Dias um bilhete a Pessoa para assistir à dita conferência, mas no dia seguinte há a notícia de que a conferência já não se realiza no dia marcado.⁷ Vinte e dois anos mais tarde, em Novembro de 1935, o último escrito publicado em vida por Fernando Pessoa foi a apresentação no suplemento literário do *Diário de Lisboa* de uns “poemas em prosa” de Cunha Dias, a quem se refere como “meu velho amigo”.⁸ Entre estes limites cronológicos, diversas fontes documentam um relacionamento mais ou menos constante. Notas manuscritas de Pessoa referem-se, por exemplo, a livros emprestados ao amigo.⁹ Um memorando de 1914 lembra uma carta a escrever a Cunha Dias, com a observação “– and about his mother” (a mãe do amigo tinha sido vítima de um acidente).¹⁰ Outra nota coeva regista o endereço (da família) de Cunha Dias: “Quinta da Fonte da Prata | Sintra”, possivelmente para lá se deslocar “depois de 4.^a Feira”.¹¹ Vários livros de Cunha Dias das décadas de 10, 20 e 30, com dedicatórias a Pessoa, se encontram na biblioteca particular do escritor (vd. Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 136 e 224). Num livro tardio, publicado na década de 40, Cunha Dias revela ter sido “acidental companheiro de casa, em 1917-1918, do astrólogo Fernando Pessoa” (1944: 30).¹² Esta alusão a Pessoa, já falecido, como *astrólogo*, e não como *poeta*, não será acidental, pois parece ter sido essa faceta do amigo aquela que maior importância tinha para Cunha Dias.¹³ Segundo vários

⁷ BNP/E3, 20-20^v e 20-28^{r-v}, páginas referentes a 20 de Fevereiro e 7 e 8 de Março. O diário de 1913 foi pela primeira vez publicado em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966: 32-60).

⁸ Fernando Pessoa, “Poesias de um prosador”, Suplemento Literário do *Diário de Lisboa* de 11 de Novembro de 1935, p. 2.

⁹ BNP/E3, 28A-9^r e 92J-2^r. Vd. Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa* (2010), nomeadamente as páginas 429 e 431.

¹⁰ BNP/E3, 16A-50^v. Ver aqui dossier Imagens (4).

¹¹ BNP/E3, 93-100^r. Agradeço estas duas últimas informações a Jerónimo Pizarro.

¹² No período indicado, Pessoa viveu na Rua Bernardim Ribeiro, 11, 1.^o

¹³ Cunha Dias tratava ironicamente Pessoa de “bruxo”, adiante se verá porquê. Isabel Murteira França, em *Fernando Pessoa na Intimidade*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1987, relata que “o Dr. Da Cunha Dias, quando ia ao Café Montanha, dizia que ia consultar o bruxo, que era o Fernando Pessoa”.

testemunhos contemporâneos, Cunha Dias frequentava as mesmas tertúlias de café que Fernando Pessoa durante as décadas de 10 a 30: além da *Brasileira*, o *Martinho da Arcada* e o *Café Montanha*, na Rua da Assunção.¹⁴ A amizade dos dois é sublinhada pelo facto, relatado por Cunha Dias após a morte de Pessoa, de durante mais de vinte anos terem sempre almoçado ou jantado juntos nos respectivos aniversários (1944: 80).¹⁵ Cunha Dias estava no pequeno grupo (“algumas pessoas de família e alguns amigos”) que acompanhou Fernando Pessoa ao cemitério (Almeida, 1985: 37).

Dois anos mais velho do que Pessoa, Cunha Dias – ou melhor, Da Cunha Dias, como sempre fazia questão de assinar o seu nome e passou a ser referido – relacionava-se também de perto com alguns dos amigos mais próximos do poeta, como o jornalista, escritor e astrólogo Augusto Ferreira Gomes e o engenheiro Geraldo Coelho de Jesus, que foram sócios de Pessoa em 1917-1918 e com ele animaram nos anos seguintes o jornal sidonista *Acção*. Para além de certos paralelismos genealógicos de Fernando Pessoa e Cunha Dias, como o facto de o primeiro também ter ascendência Cunha e de terem ambos, pelo lado paterno, ascendência algarvia em Tavira,¹⁶ há que destacar alguns interesses comuns e afinidades, sobretudo de ideário político. Com efeito, sendo os dois republicanos quando se conheceram (Cunha Dias desde 1906),¹⁷ evoluíram ambos no sentido de um nacionalismo conservador, crescentemente crítico da 1.^a República, com o sidonismo como referência comum. Muito interessado, tal como Pessoa, pela publicidade comercial, Cunha Dias fundou uma das primeiras firmas do ramo de que há registo em Portugal: a Companhia Portuguesa de Publicidade, com sede na Rua Augusta, 70, 1.^o, que estava em actividade em 1916.¹⁸ Outro traço comum a Pessoa e Cunha Dias era o fascínio pelo ocultismo. Cunha Dias acreditava piamente nos astros e, não sendo um especialista, tinha grande apreço pelo saber astrológico de Pessoa, a quem consultou frequentemente entre 1915 e 1935. Foi provavelmente Cunha Dias sobre quem Pessoa mais horóscopos e análises astrológicas elaborou, além dos que fez sobre si próprio e os seus heterónimos. O desequilíbrio mental do amigo, de que Pessoa só se terá compenetrado em 1916,

¹⁴ Ver, por exemplo, Luís Pedro Moitinho de Almeida, *Fernando Pessoa no Cinquentenário da sua Morte* (1985: 23-24 e 87).

¹⁵ O relato deste facto foi escrito em Fevereiro de 1936, pouco depois da morte de Pessoa.

¹⁶ O avô paterno de Pessoa, Joaquim António de Araújo Pessoa, e o pai de Cunha Dias, António Francisco Padinha Dias, eram ambos naturais de Tavira. Pessoa, pelo lado paterno, e Cunha Dias, pelo lado materno, tinham ascendência Cunha. Veja-se os mapas da ascendência de Pessoa em Richard Zenith, *Fernando Pessoa* (2008).

¹⁷ Cunha Dias filiou-se no Centro Académico Republicano, constituído em Coimbra em 1906. Depois da implantação da República, desinteressou-se da política partidária.

¹⁸ Vd. Henrique Pereira Ribeiro, *Factos e Não Palavras. O Sequestro do Dr. Da Cunha Dias* (1916: 39, nota 3). O advogado Henrique Pereira Ribeiro, ex-colega de Cunha Dias em Coimbra, foi seu defensor em 1916.

quando ele foi pela primeira vez internado, não contribuiu para os distanciar um do outro. Como é sabido, Pessoa, a quem os temas psiquiátricos desde muito cedo interessaram, diagnosticou-se repetidamente a si próprio e, ficcionalmente, a todos os seus heterónimos uma espécie de nevrose ou semi-loucura, que chegou a designar como “histero-neurastenia”,¹⁹ desequilíbrio que considerava apanágio de génios. Outro próximo de Pessoa, o esotérico Raul Leal, a quem Mário Cesariny chamou “o único verdadeiro louco do *Orpheu*”, bem como Ângelo Lima, louco internado de quem Pessoa elogiou e publicou poemas no *Orpheu* e na *Sudoeste*, pertenciam ao número dos amigos “loucos” que exerceram sobre Pessoa um insofismável fascínio e o levaram, inclusive, a exaltar a loucura, num texto de 1923 em que defendeu publicamente Raul Leal: “[...] é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.”²⁰

A primeira vez que o nome de Alberto da Cunha Dias esteve na ribalta foi em 1907, quando da célebre greve estudantil que fez tremer o governo então chefiado por João Franco. Depois de encerrada a Universidade de Coimbra pelas autoridades, centenas de estudantes grevistas deslocaram-se em 4 de Março a Lisboa, entre eles o primeiranista Cunha Dias, que viria a integrar a comissão, presidida pelo quintanista António Granjo, que foi entregar ao governo uma representação das reivindicações estudantis.²¹ Cunha Dias foi também um dos 160 “intransigentes” que, terminada a greve, recusaram inscrever-se nos exames desse ano lectivo (Xavier, 1962: 278). Após a expulsão, em Abril, de sete estudantes da Universidade de Coimbra, tidos como “cabeças de motim”, o protesto estudantil alastraria ao Porto, a Lisboa e a todo o país. A 15 de Abril, todos os estabelecimentos de ensino superior e técnico do país foram encerrados pelo governo. Pouco depois desses acontecimentos, o estudante lisboeta Fernando Pessoa abandonou definitivamente o Curso Superior de Letras, que tinha frequentado entre 1905 e 1907 sem nunca chegar a fazer um exame. Embora se relacione o seu abandono dos estudos com a agitação estudantil, nada se sabe ao certo sobre os verdadeiros motivos de Pessoa.²² Cunha Dias, pelo contrário,

¹⁹ “Sou, psychiatricamente considerado, o que se chama um hystero-neurasthenico” (BNP/E3, 28-11r). Publicado em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura* (2006: I, 456).

²⁰ Fernando Pessoa, *Sobre um Manifesto de Estudantes* [1923].

²¹ A comissão era formada por António Granjo, Alberto da Cunha Dias, Henrique Trindade Coelho, João de Bianchi, Ramada Curto, Carlos Olavo, Santiago Prezado, Aquiles Gonçalves e Isidro Aranha. Na sua representação, os estudantes pediam, entre outras coisas, a repetição da prova de doutoramento de José Eugénio Dias Ferreira, a criação de faculdades de Direito noutras cidades, designadamente em Lisboa e Porto, a instauração de cursos livres, a presidência dos júris de exames por estranhos ao corpo docente, a abolição da batina eclesiástica como traje académico e a extinção do foro académico. *Vd.* Alberto Xavier, *História da Greve Académica de 1907* (1962: 87 e segs).

²² Joel Serrão afirma na sua Introdução a Fernando Pessoa, *Da República*, que Pessoa teria mandado os estudos às urtigas “no contexto da greve estudantil de 1907, embora não necessariamente por

retomaria depois da greve os seus estudos em Coimbra, tendo-se matriculado nos dois anos lectivos seguintes (1907-1908 e 1908-1909).²³ Em 1908, porém, o pai, notário em Sintra, suspendeu-lhe a mesada e, em 1910, “depois de uma insignificante troca de palavras”, expulsou-o da casa paterna, recusando auxiliar monetariamente o filho nos seus estudos. Tendo iniciado o curso em 1906, Cunha Dias só o concluiu nove anos depois, em Julho de 1915, “através de dificuldades várias e mil contratempos” (Ribeiro, 1916: 166).

O relacionamento conflituoso com o pai, homem autoritário e violento, pode ter sido uma das causas do desequilíbrio mental de Alberto, que em 1916 contou ter sofrido frequentes “maus tratos” na infância (Ribeiro, 1916: 87 e 166). O seu irmão José da Cunha Dias, dois anos mais novo, tinha-se suicidado em 1906, com dezoito anos. Depois de ter sido agredido pelo pai, José tinha procurado refúgio em casa do tio, mas o pai enviou a polícia para o trazer de volta sob prisão. No dia seguinte José pôs termo à vida com um tiro (Ribeiro, 1916: 165-166). Em 1916, Alberto da Cunha Dias acusará o pai de ter sido o “assassino” de José (Ribeiro, 1916: 108).

Em Novembro de 1914, Cunha Dias, reconciliado com o pai após uma ruptura de cinco anos, casou com uma prima, Irene, filha do tio materno.²⁴ O namoro fora acidentado mas, depois de uma ruptura em 1913, seguida de tentativa de suicídio, devido a uma alegada “desilusão” quanto à virgindade da mulher, Alberto retomou a relação em 1914 e acedeu, enfim, a casar com Irene já grávida, que lhe daria um filho, Nuno, em 1915. Em 1916, porém, estando Irene novamente grávida, Cunha Dias acusou-a de infidelidade, convencido de que ela teria sido seduzida pelo mesmo homem que a teria alegadamente “violado” seis anos antes. Decidiu então abandonar o lar e divorciar-se, recusando a paternidade do segundo filho. Revelou também à mulher o propósito de matar o seu alegado “amante”, tentando mesmo envolvê-la na execução desse plano. Segundo Cunha Dias, Irene teria confessado por escrito a infidelidade e acordado o divórcio com o marido, concordando inclusivamente com o plano de matar o amante. Posteriormente, porém, Irene teria mudado de ideias e informado o seu pai e o sogro do projectado homicídio (Ribeiro, 1916: 75-76).

Na tentativa de “arrancar” uma confissão da mulher, Cunha Dias dissera-lhe que as suas indagações sobre ela se tinham fundado também em “processos

causa dela” (1979: 11). Um meio-irmão de Fernando Pessoa chegou a afirmar que ele teria sido um dos instigadores da greve em Lisboa, do que não há o menor indício. Facto é que Pessoa se sentia decepcionado com o “curso diplomático” do Curso Superior de Letras. Só a cadeira extra-curricular de Filosofia, em que se matriculou em 1906, é que verdadeiramente o interessava, como se depreende do seu diário desse ano. Sobre o abandono dos estudos por Pessoa, ver Luís Prista, “Pessoa e o Curso Superior de Letras” (2001: 157-185) e Zenith (2008: 62 e 70).

²³ *Annuario da Universidade de Coimbra* (1908 e 1909).

²⁴ Irene Moreira Rato da Cunha, filha de António Rodrigues da Cunha, irmão da mãe de Cunha Dias.

ocultos de descobrir tudo”, nomeadamente a astrologia (Ribeiro, 1916: 11 e 75), apontando o “astrólogo” Fernando Pessoa como uma das fontes dessas revelações²⁵ e, muito possivelmente, também o “magnetizador” Mariano Santana, a que mais adiante se voltará aqui. De facto, antes e depois de tomar a decisão de se divorciar, Cunha Dias consultou o astrólogo Fernando Pessoa, a quem forneceu os dados de nascimento da mulher, bem como os seus próprios, os do falecido irmão José e os do filho Nuno. Os respectivos horóscopos e outras análises astrológicas, datáveis de 1915 e 1916, encontram-se no espólio do escritor,²⁶ e deles se reproduzem aqui alguns no dossier *Imagens* (5 a 8). Não sabemos, porém, que interpretação terá feito Pessoa desses dados astrológicos, nem o que terá realmente dito a Cunha Dias.

Além dos mapas astrológicos, Pessoa elaborou também uma “curva de vida” (BNP/E3, 90²-40) e uma análise numerológica sobre Cunha Dias. Num manuscrito do espólio (BNP/E3, 90⁴-61), datável de 1915-1916, encontram-se as análises numerológicas de Mário de Sá-Carneiro, Alberto da Cunha Dias, Mário Nogueira de Freitas (primo de Pessoa) e, no verso, a do próprio Fernando Pessoa (ver aqui dossier *Imagens*, 9 e 10). No respeitante a Cunha Dias, os números prognosticam destinos muito contraditórios: “Victime de l’envie, succès, catastrophe. | Passion, ambition, ardeur. | Imperfections et douleurs, peines, attentes. | Vie heureuse et longue, exempte de soucis. | Cabale, complot, effondrement social.” Note-se, em particular, a *cabala* e o *complot*, susceptíveis de alimentar ideias paranóicas.

Quando, em Agosto de 1916, Alberto da Cunha Dias abandonou a mulher e a sua casa, em Sintra, mudando-se para Lisboa, o pai e o sogro, convictos de que ele teria enlouquecido, requereram o seu internamento psiquiátrico ao abrigo de um decreto de Maio de 1911. Entre as justificações apresentadas, referiram a intenção que Alberto teria de matar seis pessoas e de se ter baseado em revelações astrológicas ou “bruxarias” para acusar a mulher de infidelidade. Na presumível tentativa de ajudarem à sua localização em Lisboa, o pai e o sogro de Alberto forneceram à polícia uma lista de amigos do filho e genro, que incluía os nomes e moradas de Fernando Pessoa e Mariano Santana (Ribeiro, 1916: 153), este último

²⁵ Cunha Dias confessou a Fernando Pessoa ter feito essa inconfidência. *Vd.* carta transcrita em Henrique Pereira Ribeiro (1916: 39-41).

²⁶ BNP/E3, S6-14^{r-v} (os horóscopos de Alberto da Cunha Dias e do filho Nuno, datáveis de 1915), S6-22^r (análise astrológica, datável de 1915) e 90⁶-39 (o horóscopo de Irene, presumido pela data de nascimento e pela anotação junta “C. Dias”). O nome e as datas de nascimento e morte de José da Cunha Dias estão apontados num misterioso horóscopo relativo a “Delta” | 11-3-1916” (BNP/E3, 90²-26). Um caderno de Pessoa contém mais dois mapas astrológicos, coevos desses, sobre Cunha Dias, intitulado um “Rev[olução] solar 1915 C. Dias” e outro “Lunar revolution | ACD | July-August 1916” (BNP/E3, 144X-104^r e 144X-129^v). Existem no espólio vários outros horóscopos e análises numerológicas de Pessoa sobre Cunha Dias, elaborados até 1935.

um “ocultista e magnetizador”, amigo de Pessoa e de Cunha Dias, que também frequentava a *Brasileira* do Rossio.²⁷

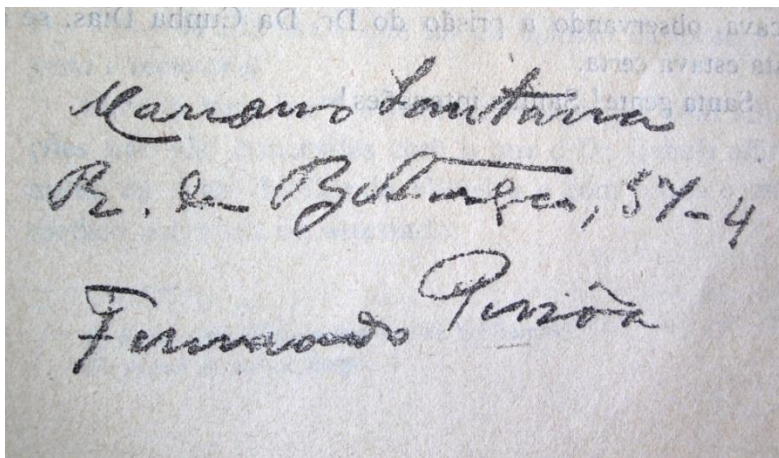


Fig. 1. Fragmento da lista de amigos de Cunha Dias, manuscrita pelo pai deste e entregue à polícia, com os nomes de Mariano Santana e Fernando Pessoa (reprod. em *Factos e Não Palavras...*, op. cit., p. 153).

A ambos o pai e o sogro de Cunha Dias responsabilizavam pelas pretensas revelações astrológicas que teriam perturbado o juízo do filho. Fernando Pessoa foi mesmo alvo, neste contexto, da ameaça de levar uma “sova”. Em carta datada de 2 de Setembro de 1916, Cunha Dias, já internado no Hospital Conde de Ferreira, no Porto, perguntava a Pessoa: “E você? Apanhou a sova? Suponho que deve ter-se salvo!” (BNP/E3, 115²-2a^v).²⁸ Em 21 do mesmo mês, já na posse da resposta de Pessoa a essa pergunta, Cunha Dias regozija-se de que, afinal, “lhe não partiram as costelas” (BNP/E3, 115²-5^v).²⁹

Cunha Dias foi detido pela polícia em 8 de Agosto de 1916 à porta da *Brasileira* do Rocio e internado no mesmo dia no Manicómio do Telhal, em Sintra. Ali seria examinado pelos psiquiatras Luís Cebola (poeta nas horas vagas e que conhecia Pessoa de uma tertúlia literária) e Júlio de Matos, director do Manicómio Miguel Bombarda e professor da Faculdade de Medicina, que tinha sido o autor ou principal inspirador do referido decreto de Maio de 1911, cujo capítulo IV regulava o internamento em manicómios.³⁰ Com base no parecer de Júlio de Matos, que lhe diagnosticou “delírio de ciúme” e “mania de perseguição”, dando-o também como louco “perigoso” e “incurável”, Cunha Dias foi transferido na noite de 23 para 24 de Agosto para o Hospital Conde de Ferreira, no Porto, sendo colocado numa cela de “furiosos” (Ribeiro, 1916: 7 e 11). O exame de Cunha Dias por Júlio de Matos

²⁷ Fernando Pessoa, numa carta de 24 de Junho de 1916 à sua tia Anica, assim se referia a Mariano Santana. Vd. Fernando Pessoa, *Correspondência* (1999: 214-219 e 441).

²⁸ Ver aqui o texto integral da carta em Imagens (11.1 a 11.3).

²⁹ Ver aqui o texto integral da carta em Imagens (12.1 a 12.8).

³⁰ Decreto com força de lei de 13 de Maio de 1911, sobre alienados e criação de manicómios.

tinha decorrido sob grande tensão, com o agressivo examinado a increpar o velho e consagrado psiquiatra de “vaidoso” e “petulante”, a ameaçar “puxar-lhe uma orelha” caso não lhe vestissem uma camisa-de-forças e, até, a acusá-lo de imoralidade na sua vida privada quando, no Porto, era director do Hospital Conde de Ferreira (Ribeiro, 1916: 9).

A 9 de Agosto de 1916, no dia imediato à detenção e internamento de Cunha Dias no Telhal, o jornalista Hermano Neves publicava com grande destaque, na primeira página do vespertino lisboeta *A Capital*, um artigo intitulado “Magos, bruxos e nigromantes”, sob a epígrafe “Em torno de uma tragédia” e com o subtítulo “Uma tremenda ameaça anti-social que às autoridades cumpre conjurar com violência”.

N.º 2159-7.º ANO

Direcção e propriedade de Manuel Barreto
Editor—Daniel Sousa e Almeida
Redacção—Alameda—R. de Santa Rita

LISBOA—Quarta-feira, 9 de Agosto de 1916

EM TORNO DE UMA TRAGEDIA

Heróis da paz

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

A guerra seguiu o seu curso, e a paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio. A paz, que se esperava, não veio.

Magos, bruxos e nigromantes

Uma tremenda ameaça anti-social que as autoridades cumpre conjurar com violência

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

O mago X... uma ameaça... uma ameaça... uma ameaça...

DIÁRIO REPUBLICANO DA NOITE

Telefones—2283—Endereço—CAPITAL

O escritório—Rua da Silva, 51

O preço de cada número—2 réis

Preço 2 réis

TERRAS DE PORTUGAL

As minas de ferro do Alvão

As suas "Córtes", as suas instalações, a sua produção

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

ALVÃO. 8.—Um grande barranco... uma ameaça... uma ameaça...

Fig. 2. Primeira página de A Capital de 9 de Agosto de 1916, com o artigo "Magos bruxos e nigromantes".

Hermano Neves era amigo e concunhado de Cunha Dias, sendo casado com uma irmã de Irene. Embora não o nomeasse, o artigo girava em torno de Cunha Dias, referindo-se-lhe como “o meu amigo X” e informando que, na véspera, ele tinha sido internado numa “casa de doidos” (note-se que Cunha Dias não tinha ainda sido observado pelos psiquiatras atrás citados). Hermano Neves descrevia o amigo X, “quase um irmão”, como “excepcionalmente vivo, profundamente perspicaz, raramente culto para os seus trinta anos”. Após novos elogios às suas qualidades intelectuais e estatura moral, Hermano Neves lembrava as “tempestades da adolescência” do amigo e os “longos dias sem pão e sem amigos”, seguidos, finalmente, da sua instalação na vida e da constituição de um lar. A mulher do amigo, “hoje mãe dos seus dois filhos” (*dois*, note-se), era descrita como “modelo das esposas” e como “a companheira ideal de todas as horas, a garantia da paz doméstica”. Mas eis que no espírito do amigo X, aliás “naturalmente supersticioso”, segundo Neves, se teria operado uma transformação maligna, começando a interessar-se “com desusado calor” pelas ciências ocultas. “Magnetismo animal, transmissão do pensamento e da vontade, quiromancia, astrologia, toda essa série de inépcias indignas da sua cultura lograram despertar-lhe a sério uma perigosa atenção”. Daí à “derrocada” do lar de Cunha Dias o caminho teria sido curto e rápido, embora o jornalista não entre em detalhes. Hermano Neves evocava por fim, comovidamente, os “filhinhos que a fatalidade lançou na mais horrível das orfandades” e a “dolorida esposa, a quem o sofrimento deu uma auréola de santa”. Relatado o caso, o jornalista lançava-se num requisitório contra a crescente praga de magos, bruxos e nigromantes que infestava Lisboa “sem que os atinja a lei”. O rol de profissionais de artes mágicas e ciências ocultas, por ele colectivamente rotulados de “bruxos”, incluía videntes, sonâmbulas, quiromantes, espíritas, mesmeristas, magnetizadores, bruxos propriamente ditos, astrólogos e grafólogos – uma “charlatanesca multidão” de exploradores da natural hesitação e inquietação das pessoas, numa hora grave e de crescente incerteza (Portugal encontrava-se envolvido na Grande Guerra desde Março de 1916). Esses alegados criminosos não se limitavam a extorquir dos crédulos o dinheiro que “a muitos desgraçados falta no dia seguinte para o pão”, pois que, “em muitos casos, roubam-lhes o juízo, despedaçam-lhes a existência, aniquilam-lhes a razão”. Hermano Neves exigia, pois, que se proibisse “com todos os rigores possíveis” o exercício de ciências ocultas e congéneres em Portugal, “enxotando de vez toda essa horda criminosa de traficantes que abraçaram a rendosa especulação da credulidade pública”.

O artigo de Hermano Neves, que teve grande repercussão junto do público, foi seguido na *Capital* dos dias e semanas seguintes por outras dez peças sobre o mesmo tema, todas sob a epígrafe “Magos, bruxos e nigromantes” (por vezes “bruxas”, no feminino). Um desses artigos era assinado por Virgínia Quaresma, a primeira repórter portuguesa, jornalista de *A Capital* e uma das grandes figuras do

feminismo português do princípio do século XX. A jornalista, que se notabilizou pela denúncia da violência sobre as mulheres, lembrava um caso ocorrido no Rio de Janeiro, que ela noticiara no começo da sua carreira de repórter no Brasil, em que um marido alegadamente desvairado por sessões de espiritismo matara a esposa, “uma mulher honesta e boa”.³¹ No inquérito de *A Capital* foram também relatadas, inclusive em cartas de leitores, outras desgraças familiares causadas não só por maridos, mas também por esposas que recorriam aos serviços de “bruxos” e “charlatães”. Num dos seus artigos, Hermano Neves relatou ter entretanto recebido o aplauso do psiquiatra Júlio de Matos, que lhe acentuou o aspecto de “verdadeiro perigo social que representa a existência de sonâmbulas, videntes, magnetizadores, etc.”.³²

Era evidente que Fernando Pessoa e Mariano Santana estavam entre os visados pelo protesto de Hermano Neves contra os “magos, bruxos e nigromantes”. Recorde-se, num parêntese, que no ano anterior, em Julho de 1915, se dera entre Fernando Pessoa e *A Capital* o célebre incidente da carta enviada ao director, assinada por Álvaro de Campos, que levava à classificação deste pelo jornal como “criatura vil e de baixos sentimentos”, pois se regozijara de forma “repugnante” com o grave acidente sofrido por Afonso Costa.³³ Pessoa, crescentemente hostil ao Partido Democrático, foi transformado num alvo da imprensa afonsista (*O Mundo*, *A Capital*), tal como o seu amigo Raul Leal o fora já. Não assim outros poetas do *Orpheu*, como Mário de Sá-Carneiro, que, tendo-se imediatamente demarcado da carta de Pessoa-Campos,³⁴ viria em Dezembro desse ano a ser convidado por Hermano Neves para colaborar num novo jornal.³⁵

Numa carta enviada a Pessoa em 24 de Setembro de 1916, Cunha Dias, ainda internado no manicómio portuense, escrevia: “Ainda bem que V. não se sensibilizou muito com os artiguinhos do Hermano na *Capital* e que nos eram dirigidos”. E mais adiante, penitenciando-se por ter nomeado o amigo como fonte das alegadas revelações astrológicas sobre a sua mulher: “V. Fernando perdoe-me, na defesa do meu lar, abusando um pouco da nossa camaradagem amiga, ter-lhe atribuído artes estranhas de magia. Mas V. tem óculos! Um astrólogo sem óculos não parece bem, um astrólogo sem óculos não é astrólogo, por consequência V. que tem óculos é astrólogo” (Ribeiro, 1916: 39 e 40). Segundo o testemunho do psiquiatra Luís Cebola (que adiante se transcreve), o sogro de Cunha Dias ter-se-ia

³¹ Virgínia Quaresma, “Nas minhas memórias e para avolumar o inquérito de Hermano Neves”, em *A Capital*, 20 de Agosto de 1916, p. 2.

³² Hermano Neves, “O charlatanismo profissional”, *A Capital*, 22 de Agosto de 1916, p. 1.

³³ “Antipático futurismo. Os poetas do *Orpheu* não passam, afinal, de criaturas de maus sentimentos”, *A Capital*, 6 de Julho de 1915, p. 1.

³⁴ Ver a carta de Sá-Carneiro ao director de *A Capital* inserta em “O caso do *Orpheu*”, *A Capital*, 7 de Julho de 1915, p. 2.

³⁵ Veja-se, a propósito, o diário de Pessoa de 1915, em Fernando Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009: 330).

referido aos amigos do género – plausivelmente Fernando Pessoa e Mariano Santana, se não também outros – como “esses amigos do Diabo”. A inclusão implícita de Pessoa no rol dos “magos, bruxos e nigromantes” deve ter sido comentada e glosada nos meios próximos do poeta do *Orpheu*. Marcelle Ferreira Gomes, mulher do amigo Augusto Ferreira Gomes, dirigir-se-á a Fernando Pessoa, num postal enviado de França em data incerta, como “Mon Cher Mage Rouge” (BNP/E3, 115²-63^r), não sendo de excluir que o *sobriquet* amistoso de “mago” se relacione com o episódio de 1916. A acusação de Hermano Neves deixou certamente uma marca no poeta astrólogo, pois que em 1935, quase vinte anos depois, num texto sobre Fátima em que polemizava com Alfredo Pimenta, Pessoa ainda ironizava a propósito dos supostos “magos e bruxos” da Maçonaria e da Associação do Registo Civil,³⁶ pouco depois de ter vindo a terreiro defender a Maçonaria com o célebre artigo “Associações Secretas”.³⁷

Nas cinco semanas em que esteve internado no Hospital Conde de Ferreira, Cunha Dias escreveu quatro cartas a Fernando Pessoa (em 2, 11, 21 e 24 de Setembro de 1916) e recebeu dele pelo menos uma, em 15 de Setembro, dia em que festejou, no manicómio, os seus 30 anos.³⁸ Nas suas cartas, contrabandeadas para fora do Hospital (embora pudesse receber correspondência), Cunha Dias dizia ao seu amigo esperar ansiosamente pelo fim do “equivoco” de que teria sido vítima e troçava dos médicos de Lisboa e, também, dos do Porto, sobretudo o neurologista José Fernandes de Magalhães, vice-director do Hospital Conde de Ferreira. O fatalismo astral continuava a obcecá-lo. Logo a 2 de Setembro, Cunha Dias pedira a Pessoa que consultasse os astros para saber “quando termina o tal trânsito” e “quando acaba, segundo o seu parecer astrológico, o meu cativeiro”, por outras palavras, “quando se vence a letra, percebe?” (BNP/E3, 115²-2 e 2^a; ver Imagens 11.1 e 11.2). Na carta de 21 de Setembro, Cunha Dias referia-se longamente ao amigo comum Mariano Santana, o amigo *magnetizador*, perguntando a Pessoa porque não responderia ele às suas cartas. Ter-se-ia Mariano zangado? Numa das cartas que lhe escrevera, Cunha Dias, brincando, chamara-lhe “S. Mariano dos... mal-casados” (BNP/E3, 115²-8a^v e 8^v; ver Imagem 12.6).

Na carta datada de 24 de Setembro, Cunha Dias contava a Pessoa o caso de um doente internado no Hospital Conde de Ferreira, rematando com uma ironia amarga:

³⁶ No manuscrito, a palavra “nigromantes” foi corrigida para “bruxos”. *Vd.* José Barreto, “Pessoa e Fátima (2009: 276).

³⁷ Sobre este artigo, ver Fernando Pessoa, *Associações Secretas e Outros Escritos* (2011).

³⁸ Duas das cartas enviadas por Cunha Dias a Pessoa encontram-se no espólio do escritor. As outras duas (de 11 e 24 de Setembro) são transcritas, a primeira só parcialmente, em Henrique Pereira Ribeiro (1916: 11-12 e 39-41), o que quer dizer que, se Pessoa não as recebeu, pelo menos leu-as no livro em questão, publicado em 1916, de que a biblioteca particular de Pessoa tem um exemplar (*Vd.* Pizarro, Ferrari e Cardillo, 2010: 398). O exacto conteúdo da carta de Fernando Pessoa para Cunha Dias, cuja recepção este assinala nas cartas de 21 e 24 de Setembro, não é conhecido.

Ontem uns criados estiveram contando a forma por que alguns doentes são internados. E contaram de um internado de uma maneira curiosa. É um melancólico e trouxeram-no de passeio ao Porto para se distrair. Ao chegarem aqui, dois amigos (dois polícias) apearam-se para mijar. E ele veio também ver o urinol, *coisa linda, o melhor do mundo*. Veio e ficou. Foi há seis anos que o trem partiu e ele ficou. Sempre que topa uma cara nova, o pobre homem enxuga as lágrimas e, devagar, aproxima-se. Faz sinais, puxa a manga do casaco ao parceiro e por fim, ao ouvido, baixinho, muito d'alma, diz: "Já mijei!"

Vista V., meu caro Fernando, a bata azul recamada de estrelas, ponha sobre o bestunto o barrete cónico e, no silêncio da noite, feitas as partes cabalísticas que tornam os astros propícios, diga lá ao Saturno adverso que eu, Da Cunha Dias, já mijei.

Certamente me liberto breve, diz V. na sua carta. Em relação ao infinito?

Ora diga lá ao Saturno que eu já mijei!

(Ribeiro, 1916: 40-41; ortografia e pontuação actualizadas)

A truculência literária de Cunha Dias revela-se plenamente noutra carta a Fernando Pessoa, enviada do Porto a 11 de Setembro, de que foi publicado um trecho no livro *Factos e Não Palavras*, que se tem vindo a citar, com um ataque em forma ao psiquiatra Luís Cebola:

Pois só aqui no Conde Ferreira e à custa de dois mil estratégias – nem V. o calcula, Fernando amigo – eu consegui saber dos meus graves padecimentos. Eu sofro de *delírio de ciúme* e da *mania de perseguição*, vendo nos médicos que me tratam os meus perseguidores. É piramidal o cinismo! Firmam o atestado o Júlio de Matos e o Cebolinhas.

O Cebolinhas! Como isto é delirante! E lembrar-se a gente que um pai Cebola, bufando e gemendo sob a dura ardência do sol, cuspiu com mais alma nas mãos e mais fundo cavou a regueira para que, numa maior abundância, o batatal desse mais batatas. E que, no correr dos tempos, essa batata, arrancada com amoroso esforço, se transformou – maravilhas do progresso! – num Cebolinhas, filho de seu pai Cebola, médico-cirurgião que, sem pudor próprio, sem dignidade profissional e sem respeito pelos esforços do pai, nem pelo cuspo, nem pelo suor, nem pelas batatas, vem afirmar atrevidamente, pela sua honra, que eu, Da Cunha Dias, sofro de *delírio* e de *mania*!

E de que delírio e de que mania eu sofro! Oh cuspo! Oh suor paterno! Oh Cebolinhas, cabeça d'alho chocho!

(Ribeiro, 1916: 11-12; ortografia e pontuação actualizadas)³⁹

Pessoa escreveu, como atrás se disse, pelo menos uma carta a Cunha Dias enquanto este esteve internado no Porto, dando-lhe parte da sua convicção de que seria libertado em breve e enviando-lhe, juntamente, o poema "Gládio", a ele dedicado. Do poema existem duas versões dactilografadas no espólio de Pessoa, atrás citadas, com muito pequenas variantes, ambas dedicadas a Alberto da Cunha Dias. Este acusou recepção da missiva e do poema em duas cartas a Pessoa (21 e 24

³⁹ Versões quase iguais do segundo e terceiro parágrafo repetem-se na carta de Cunha Dias a Pessoa de 21 de Setembro, que se encontra no espólio (ver *Imagens*, 12.3), talvez por Cunha Dias ter presumido que Pessoa não recebeu a sua carta de 11.

de Setembro), declarando já saber a poesia de cor e pedindo ao amigo que lhe enviasse mais. No verso de uma das versões dactilografadas de “Gládio” existentes no espólio (ambas dedicadas a Cunha Dias) encontram-se umas notas manuscritas a lápis por Pessoa, sem dúvida relacionadas com o caso do internamento do amigo (BNP/E3, 121-2^v).⁴⁰ São apontamentos tomados por Pessoa do livro de Júlio de Matos, *Elementos de Psiquiatria* (1.^a edição 1911, 2.^a edição 1923), sobre “delírio”, “paranóia” e “delírio de ciúme”, ou seja, as perturbações que foram diagnosticadas pelo dito psiquiatra a Cunha Dias. Essas notas (aqui transcritas no Apêndice 2) indiciam que Pessoa se quis informar das razões do internamento e da consistência do diagnóstico psiquiátrico, valendo-se da obra do próprio médico responsável pela decisão. A propósito de Júlio de Matos, recorde-se também que o diário *A Capital*, em Março de 1915, numa campanha de descrédito contra os poetas do *Orpheu*, fizera apelo a Júlio de Matos para que se pronunciasse sobre a “literatura de manicómio” daquela revista e a alegada paranóia de Mário Sá-Carneiro e Álvaro de Campos, entre outros.⁴¹ O redactor anónimo de *A Capital* rotulava-os ainda de “poetas de Rilhafoles”, citando um estudo psiquiátrico de Júlio Dantas (*Pintores e Poetas de Rilhafoles*, 1900), que na sua opinião se aplicaria ao grupo do *Orpheu*. Um mês depois, numa curta entrevista dada ao jornal *A Lucta*, Júlio de Matos pronunciar-se-ia realmente sobre os poetas do *Orpheu*, concluindo pela não loucura dos ditos, embora os não considerasse “absolutamente equilibrados”.⁴²

O “cativeiro” de Cunha Dias terminaria, numa primeira fase, a 1 de Outubro de 1916, com a sua fuga do Hospital Conde de Ferreira. Graças à cumplicidade de um enfermeiro, Cunha Dias desceu o muro do hospital por uma corda que, por demasiado fina, lhe feriu as mãos. Ao volante de um automóvel, Cunha Dias “voou” em direcção ao Sul do país, tornando inútil uma espera que dois enfermeiros do hospital, armados de cacetes, lhe tinham preparado à saída do Porto, na ponte D. Luís (Ribeiro, 1916: 65). Enquanto o Governo Civil do Porto emitia um mandado de captura contra Cunha Dias e os médicos do Hospital Conde de Ferreira alertavam as autoridades de Lisboa para o “perigosíssimo” fugitivo, ele vagueou durante três semanas pelo Centro do país, principalmente no distrito de Leiria, onde tinha amigos, nomeadamente o advogado e ex-colega Henrique Pereira Ribeiro, cuja família lhe deu refúgio na Quinta de Andrinos, nas imediações de Leiria. Ribeiro foi o defensor de Cunha Dias neste caso e o autor do

⁴⁰ Ver transcrição em Apêndice 2 e original em Imagens, 13.

⁴¹ “Literatura de manicómio. Os poetas do *Orpheu* foram já cientificamente estudados por Júlio Dantas, há 15 anos, ao ocupar-se dos ‘artistas’ de Rilhafoles. Casos de paranóia – Tem a palavra o sr. Júlio de Matos”, *A Capital*, 30 de Março de 1915, p. 1. O artigo, que muitas vezes tem sido erradamente tomado por um escrito de Júlio de Matos, terminava renovando o apelo do título: “Tem a palavra o sr. dr. Júlio de Matos”.

⁴² “Os poetas do ‘Orfeu’ e os alienistas”, *A Lucta*, 11 de Abril de 1915, pp. 1 e 2.

livro *Factos e Não Palavras. O sequestro do Dr. Da Cunha Dias*, publicado ainda em 1916, de que Pessoa possuía um exemplar.



Fig. 3. Alberto da Cunha Dias, em Outubro de 1916, quando andava fugido (reprod. em *Factos e Não Palavras*).

O médico lisboeta Luís Cebola (1876-1967), director clínico do Manicómio do Telhal (1911-1948) e o primeiro psiquiatra a observar Cunha Dias, daria mais tarde, num livro memorialístico publicado nos anos 50, uma versão algo surpreendente da fuga deste do Hospital Conde de Ferreira. Segundo Cebola, teria sido o próprio Fernando Pessoa que, deslocando-se ao Porto, teria subornado um enfermeiro do hospital e, depois, levado Cunha Dias consigo para Lisboa. Curiosamente, Luís Cebola refere *en passant*, no mesmo trecho, que Fernando Pessoa já teria estado a tratar-se de uma intoxicação alcoólica no Manicómio Miguel Bombarda, um dado até agora desconhecido dos seus biógrafos (a data desse facto seria anterior ao internamento de Cunha Dias em 1916). Não é todavia muito verosímil, no relato de Cebola, a alegada participação de Pessoa na fuga de Cunha Dias do hospital portuense. De facto, para além desta declaração de Cebola, que não refere a sua fonte, não há qualquer outro indício de que Fernando Pessoa

alguma vez se tenha deslocado ao Porto. A hipotética viagem em socorro do amigo teria, em todo o caso, de se revestir de secretismo, pelo que não se compreenderia que Pessoa a fosse confessar a um dos dois psiquiatras responsáveis pelo internamento de Cunha Dias. Enfim, contrariamente ao que Cebola sugere, o fugitivo não regressou de imediato a Lisboa, tendo andado a monte pelo Centro do país, deslocando-se sempre de automóvel, durante 21 dias (Ribeiro, 1916: 107). Transcreve-se abaixo o trecho em causa do livro de Cebola, que começa por aludir ao internamento de Cunha Dias, a 8 de Agosto de 1916 (na primeira linha, onde está *pai*, deveria estar *sogro*):

No meu consultório da Rua Augusta, o pai [sic] do dr. “Da Cunha Dias” (assim ele assinava o que escrevia) me veio participar:

– Internei, no Telhal, o meu genro, afectado de doença mental.

Fazendo parte de uma tertúlia literária com o poeta Fernando Pessoa, este me procurou a inquirir a minha opinião:

– É, sem dúvida, um paranóico.

Esforçou-se, debalde, por me convencer do contrário.

Voltando o sogro a informar-me que “esses amigos do Diabo” espalhavam calúnias contra ele e sua filha, me perguntou:

– Não será preferível transferi-lo para o Hospital Conde de Ferreira, no Porto?

– Sim, após uma conferência com o dr. Júlio de Matos.

Fernando Pessoa, que já estivera a tratar-se de toxémia alcoólica no Hospital Bombarda, subornando o enfermeiro, o trouxe para Lisboa.

Uma tarde, Fernando Pessoa volta, muito aflito, ao meu consultório, onde deu a mão à palmatória:

– O sr. dr. Luís Cebola tinha razão: o Cunha Dias é louco e louco perigoso.

– Porque só agora o afirma?

– Porque, batendo à porta do seu quarto, no Alto do Pina, abriu-a de pistola em punho. Aterrado, fugi pela escada abaixo.

(Cebola, [1957] 1958: 62-63)

Não parece, igualmente, muito plausível que Pessoa, acaso se convencesse de que Cunha Dias era um “louco perigoso”, tivesse continuado o seu relacionamento com ele e até residido, em 1917-1918, na mesma casa, ainda que “acidentalmente” (segundo Cunha Dias), como foi já aqui referido.

Regressado a Lisboa em 21 de Outubro de 1916, o fugitivo não receou mostrar-se em público e foi encontrar-se com os seus amigos na *Brasileira* do Rocio, fazendo questão de se sentar na mesma mesa em que estivera no dia em que fora detido. No dia imediato à sua chegada a Lisboa, 22 de Outubro, após ter sido denunciado por um enfermeiro do Manicómio Miguel Bombarda, Cunha Dias foi novamente detido pela polícia quando saía de um engraxador da Praça dos Restauradores (Ribeiro, 1916: 107). Seguiu-se uma luta de dez dias entre Cunha Dias e o seu pai junto do governo, polícia, funcionários judiciais e psiquiatras (cinco novos médicos foram envolvidos no caso, dois de Leiria e três de Lisboa). A

mãe de Cunha Dias terá entretanto conseguido persuadir o marido, que fora o requerente do internamento, a desistir e solicitar a libertação do filho, ao que ele formalmente acedeu, embora avisando por outra via as autoridades de que o estado do filho continuaria a ser “alarmante” (Ribeiro, 1916: 111). Perante tudo isto, o ministro do Interior, Brás Mousinho de Albuquerque, pessoalmente convicto da lucidez de Cunha Dias, acabou por contribuir para que lhe fosse concedida a liberdade, mas sob condição de primeiramente voltar ao Porto, onde fora emitido o mandado de captura. A 1 de Novembro Cunha Dias entrava no Governo Civil do Porto e, pouco depois, era libertado por ordem do governador. Apesar de continuar a ser perseguido na rua por enfermeiros do Hospital de Conde Ferreira, uma das primeiras coisas que Cunha Dias fez foi expedir um telegrama para Fernando Pessoa: “Livre. Abraça – Da Cunha Dias”. Nessa mesma noite, iludindo os seus perseguidores, Cunha Dias apanhou o comboio para Lisboa.

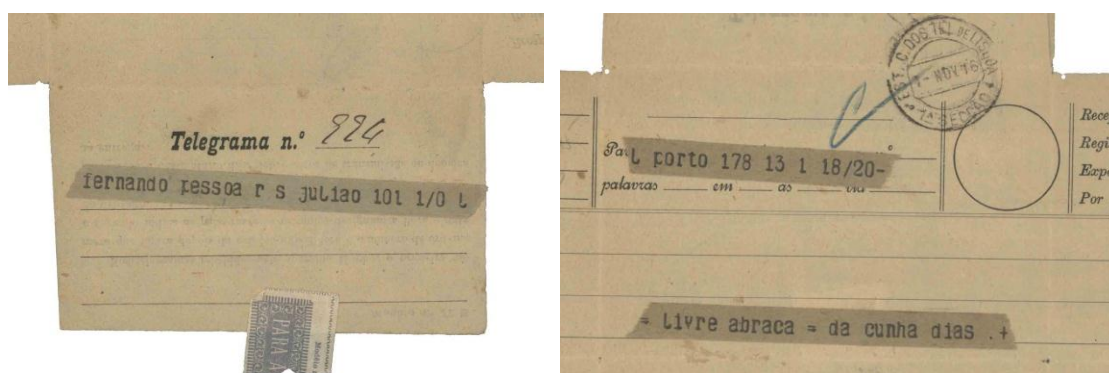


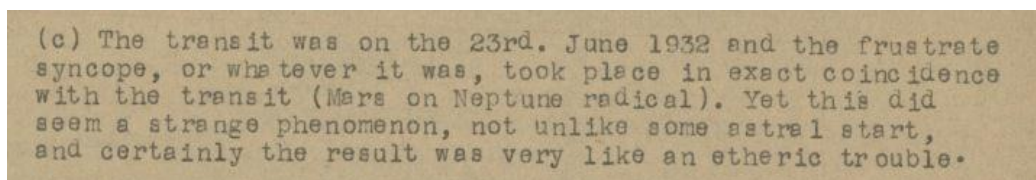
Fig. 4. BNP/E3, 115²-9 (pormenores)

Telegrama de Cunha Dias a Fernando Pessoa anunciando a sua libertação no Porto, em 1 de Novembro de 1916.

Novamente regressado à capital, Cunha Dias receava agora o seu reinternamento, dado o modo pouco ortodoxo como o mandado de captura fora suspenso por pressão do governo e decisão do governador civil do Porto, contra o parecer vinculativo dos psiquiatras das duas cidades. As ameaças de morte que tinham sido proferidas por Cunha Dias (uma reconhecida pelo próprio, as outras negadas) obrigavam as autoridades de Lisboa a mantê-lo sob vigilância. O pai, que vira as suas suspeitas de “loucura perigosa” do filho confirmadas pelos psiquiatras de Lisboa e Porto, não se conformava com a sua libertação, tanto mais que receava ser morto por ele (Ribeiro, 1916: 110-111 e 158). Nada obstava a que novo pedido de internamento fosse feito às autoridades, recomeçando o processo do início. Assim, pode não ser totalmente inverosímil o episódio, relatado por Luís Cebola, da visita de Pessoa ao quarto lisboeta de Cunha Dias, em que este teria aparecido à porta de pistola em punho, assustando o seu amigo. Tendo Luís Cebola estado pessoalmente envolvido nesta história e tendo sido repetidas vezes alvo de críticas

públicas agressivas por parte de Cunha Dias, este depoimento tardio, porventura exagerado e auto-justificativo, suscita naturais dúvidas.

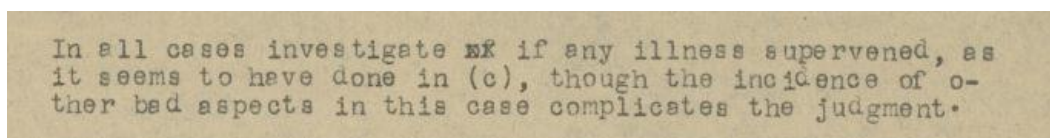
Pessoa, que não parecia admitir que Cunha Dias estivesse louco quando foi internado (veja-se o testemunho de Luís Cebola, embora Pessoa falasse da “loucura” do amigo numa carta coeva a Côrtes-Rodrigues, aqui já citada), passou a admiti-la sem reservas mais tarde, mas localizando-a cronologicamente *depois* da fuga do hospital. Autoriza esta conclusão um texto ainda desconhecido de Pessoa, de carácter astrológico, datável dos anos 30, sobre o qual é necessário dizer duas palavras (BNP/E3. 90¹-55 e 56).⁴³ Em fins de Junho de 1932, Fernando Pessoa adoecera com certa gravidade. Numa análise astrológica posteriormente elaborada, ele refere-se-lhe como uma “síncope frustrada, ou lá o que foi”, que teria ocorrido em “exacta coincidência”, no seu horóscopo, com “o trânsito de Marte sobre Neptuno radical”:



(c) The transit was on the 23rd. June 1932 and the frustrate syncope, or whatever it was, took place in exact coincidence with the transit (Mars on Neptune radical). Yet this did seem a strange phenomenon, not unlike some astral start, and certainly the result was very like an etheric trouble.

Fig. 6. BNP/E3, 90¹-55^r (pormenor)

(c) O trânsito ocorreu a 23 de Junho de 1932, e a síncope frustrada, ou lá o que foi, teve lugar em exacta coincidência com o trânsito (Marte sobre Neptuno radical). Aquilo pareceu mesmo um fenómeno estranho, não muito diferente de um começo astral, e o seu resultado teve certamente muito de uma perturbação etérica. [Trad. J.B.]



In all cases investigate ~~mk~~ if any illness supervened, as it seems to have done in (c), though the incidence of other bad aspects in this case complicates the judgment.

Fig. 7. BNP/E3, 90¹-56^r (pormenor)

Pesquisar, em todos os casos, se alguma doença sobreveio, como parece ter sucedido em (c), embora a incidência de outros aspectos negativos neste caso possa complicar o juízo sobre ele. [Trad. J.B.]

A doença de Pessoa, ocorrida por volta de 23 de Junho 1932, é confirmada pela sua correspondência, em que a descreve como “uma espécie de intoxicação geral”.⁴⁴ Na

⁴³ Aqui reproduzido na íntegra em Imagens, 14.1 e 14.2.

⁴⁴ Em 16 de Julho de 1932, Pessoa escreve a João Gaspar Simões: “Tenho estado doente e só agora tenho ocasião de lhe escrever”. Em 22 de Outubro do mesmo ano, Pessoa volta a falar a Gaspar Simões da doença que teve: “Não sei se lhe disse: tive uma especie de intoxicação geral, à qual se sobrepunha e sobrepõe [...] o que, se não é uma neurasthenia aguda, lhe copiou com exito as feições e as maneiras”. Vd. Fernando Pessoa, *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença* (1998: 194 e 205), ou *Correspondência* (1999: 267 e 275).

análise astrológica citada, datável de 1932-1935, Pessoa associa um outro facto da sua vida com idêntico trânsito planetário: foi o seu “acto impulsivo de escrever à *Capital* em 6 de Julho de 1915”, no próprio dia em que “Marte transitou sobre Neptuno”. Trata-se da aqui já citada carta à *Capital* em que Álvaro de Campos se regozijava com o acidente acontecido a Afonso Costa, atitude que Pessoa terá então tentado justificar junto dos amigos, segundo Almada Negreiros, com o seu “estado de embriaguez”.⁴⁵ Na mesma análise astrológica surge também uma referência a Cunha Dias (CD), em relação com uma “progressão de Mercúrio em semi-quadratura com Neptuno radical”, ocorrida no ano de 1916, em que Cunha Dias foi internado. De reter, nessa referência, é a convicção de Pessoa de que a “perturbação mental” de Cunha Dias teria sido *consequência* da sua fuga do hospital e das “complicações daí resultantes”.

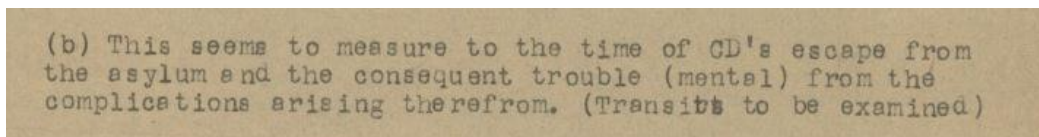


Fig. 8. BNP/E3, 90¹-55^r (pormenor)

(b) Isto parece corresponder ao período da fuga de CD do asilo psiquiátrico e à consequente perturbação (mental) originada pelas complicações daí resultantes. (Verificar os trânsitos). [Trad. J.B.]

Sabe-se que Cunha Dias foi, nos anos 20 ou 30, novamente internado (não se sabe quantas vezes, nem exactamente quando) e que, do final dos anos 20 até à sua morte, em 1947, o seu estado psíquico se foi deteriorando, como também o sugere o seu necrológio.⁴⁶ A partir de 1916, Pessoa e Cunha Dias mantiveram a sua amizade, como o comprova, desde logo, o facto já mencionado de terem residido na mesma casa em 1917-1918. Tentar-se-á aqui acompanhar, dessa data em diante, através da enumeração dos factos da vida de Cunha Dias, o seu relacionamento com Pessoa, que por vezes se pode apenas deduzir ou conjecturar, por escassez de dados. Utilizou-se também como guia o já referido manuscrito autógrafo de Cunha Dias, contendo uma relação dos factos da sua vida, existente no espólio de Pessoa (transcrição no Apêndice 1).

Entre 1917 e 1919, Cunha Dias, com a sua actividade de advogado suspensa, lançou duas campanhas jornalísticas em torno do seu caso, tentando “limpar o nome” e provar a irregularidade do seu internamento. A primeira campanha teve lugar em Março de 1917, consistindo numa série de artigos publicados na primeira página de sete diários lisboetas de variados quadrantes políticos (Cunha Dias

⁴⁵ Depoimento de Almada Negreiros na notícia intitulada “O caso do *Orpheu*”, *A Capital*, 7 de Julho de 1915, p. 2.

⁴⁶ “Da Cunha Dias”, na secção “De Luto” do *Diário de Lisboa* de 12 de Junho de 1947, p. 2.

considerava-se então ainda um republicano e um democrata), com o fim de provar a inconstitucionalidade do decreto de 11 de Maio de 1911, que regulava o internamento em manicómios, e de exigir a sua revogação. Ao mesmo tempo, Cunha Dias processava judicialmente (mas em vão) os médicos responsáveis pelo seu internamento. Esses 22 artigos de polémica jornalística, escritos num tom verrinoso contra os psiquiatras, foram todavia acolhidos, no ponto referente à inconstitucionalidade e “monstruosidade” da legislação sobre internamento psiquiátrico, por opiniões favoráveis de alguns dos juristas mais eminentes (Abranches Ferrão, Abel de Andrade, Rocha Saraiva e Fernando Emídio da Silva) e também de vários políticos e deputados. Os textos de Cunha Dias seriam depois reunidos no livro *Sobre um Decreto* (1918), a que a imprensa lisboeta deu grande publicidade. No entanto, novos e iniludíveis sinais de paranóia se podiam já assinalar no “Post-Scriptum” a esse livro, em que Cunha Dias acusava parentes seus de o terem tentado envenenar num jantar, no seu próprio aniversário, e denunciava uma outra maquinação obscura, provavelmente imaginária, no sentido de impedir a publicação do seu livro (1944: 111-112). A segunda campanha jornalística ocorreu em 1918, no prolongamento da primeira, capitalizando as repercussões da publicação do livro, que tivera sucesso junto do público (teve pelo menos três edições). Desta nova série de artigos, crescentemente truculentos, nascerá em 1919, com uma tiragem de 4.000 exemplares, o livro *Um Lance*. O autor oferecerá um exemplar a Fernando Pessoa, com esta dedicatória: “Ao Fernando Pessoa, estas páginas violentas do mais intempestivo dos seus amigos. 1919. XI | Da Cunha Dias”. Que terá pensado o destinatário da dedicatória ao ler a seguinte passagem do livro, em que o autor se refere ameaçadoramente ao psiquiatra Júlio de Matos, cuja biografia era, segundo acusava, “um rosário de crimes”:

Um dia aborreço-me e acabo-o de vez. A minha piedade tem seu fim. Ele anda cá por fora há trinta e tantos anos, à solta. Decido-me, e é de vez. Estendo o meu braço – escusa de se esconder!... – agarro-lhe com o meu gadanho forte por uma orelha, e nada lhe vale. Há 60 anos, ou mais, que ele anda cá por fora; há trinta, pelo menos, que anda a fazer asneiras. Basta! Pode espernear à vontade, que nada lhe vale. Agarro-lhe por uma orelha e meto-o no frasco. Vai para o álcool! O feto!...

(Dias, 1919: 26)⁴⁷

Em 1921 – ano também do seu regresso a Sintra e ao exercício da advocacia nos tribunais – Cunha Dias criou as Edições Delta. A editora publicou nesse mesmo ano, com prefácios do próprio Cunha Dias, a primeira edição portuguesa do romance *Ubirajara*, de José de Alencar, originalmente publicado em 1874, uma edição dos sonetos de Camões (*Sonetos. Do Amor, da Saudade, da Glória*), de que ofereceu um exemplar, com dedicatória de Fevereiro de 1921, ao “velho amigo”

⁴⁷ Cunha Dias chamava “feto” a Júlio de Matos por este ter alegadamente nascido prematuro, aos sete meses.

Fernando Pessoa (Vd. Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 362), e uma edição dos sonetos de Bocage (*Sonetos Escolhidos*), de que também ofereceu a Pessoa um exemplar, com dedicatória de Abril de 1921 (Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 421) – este o livrinho que, segundo José Paulo Cavalcanti (2011: 676 e segs.), Pessoa teria no bolso do pijama, no Hospital de São Luís, quando morreu. No prefácio aos *Sonetos*, Cunha Dias deixa entrever aspectos da sua identificação pessoal com Camões, de quem diz: “A sua vida trabalhosa foi sulcada por esse traço inconfundível do génio – a desgraça. Sofreu duros desenganos e a crueldade da desventura esse grande amoroso” (pp. 7-8).

Em 1923, a editora Delta lançou a colecção “Novelas & Contos”, uma série periódica de pequenas brochuras de cerca de 32 páginas, que incluía contos de Edgar Allan Poe (pelo menos três títulos), Mário Domingues, Reinaldo Ferreira (quatro títulos), Dickens, Tolstoi, Augusto Ferreira Gomes (*A Eterna Tragédia*), Adolfo Coelho e outros autores portugueses. Os contos de Poe publicados pela Delta – *William Wilson*, *O Baile das Chamas* e também *O Escaravelho de Ouro*, se não também *Ligeia* – são antecidos por uma nota sobre Edgar Poe, assinada por Fernando Pessoa, e a tradução é atribuída a Carlos Sequeira, alegado pseudónimo de Augusto Ferreira Gomes.⁴⁸ A colecção “Novelas & Contos” e a própria editora Delta não tiveram muito êxito e, em 1925, o livro de Cunha Dias *O Desfalque do Tesouro* já foi editado pela Livraria Bertrand. Nas décadas de 30-40, a Delta só publicará obras do próprio Cunha Dias. Refira-se que também em 1923 foi lançada em Lisboa, por outra editora, mas com maior êxito, a colecção “Novela Sucesso”, dirigida por Francisco Direitinho, na qual se publicaram, com periodicidade semanal, pelo menos 23 volumes de contos e novelas curtas de baixo preço, um deles da autoria de Augusto Ferreira Gomes (*Múmia Assassina?*). Acrescente-se que Fernando Pessoa teve vários projectos, nunca realizados, de edição de séries periódicas de pequenos livros: por volta de 1909-1910 (data dos projectos Íbis), a “Bibliotheca Portuguesa”, que deveria publicar semanalmente pequenos livros de autores portugueses, sobretudo poesia, a 20, 30 ou 40 réis o volume, colecção para

⁴⁸ Sobre a edição de *O Escaravelho de Ouro* pela Delta, na colecção Novelas & Contos, ca. 1923 (que, ao contrário dos dois outros títulos, não consta do catálogo da Biblioteca Nacional), lê-se num estudo recente: “Around 1923, *The Gold-Bug* was published for the first time in a separate volume. This extremely rare book is prefaced by Fernando Pessoa [...]. The translation is signed Carlos Sequeira, pseudonym of Augusto Ferreira Gomes, a writer of *novelas curtas* avowedly influenced by Poe. The translation itself, however, is a disappointment, for it follows, almost *verbatim*, Albuquerque’s version” (refere-se a Mência de Albuquerque, que fora a primeira tradutora do conto de Poe, em 1889). Vd. Margarida Vale de Gato, “Edgar Allan Poe in Portuguese: A Case-study of ‘Bugs’ in translated texts” (2005: 197). Outro estudo (Figueiredo, 2009), refere, sem dar contudo indicações bibliográficas precisas, dois outros títulos traduzidos por Sequeira, *Ligeia* e *Silêncio*, em 1923, o que corresponderia à data da colecção “Novelas & Contos” da Delta. *Silêncio* foi, de facto, publicado no *Notícias Ilustrado*, n.º 14, de 16 de Setembro de 1928, p. 15, antecedido da mesma nota biográfica de Poe por Fernando Pessoa.

que chegou a projectar 30 títulos; e, por volta de 1924, o projecto “Anthologia”, uma colecção de pequenos livros de poesia a publicar periodicamente, com volumes de 32 páginas, impressos em papel *vergé* e ao custo unitário de 2\$50, para que chegou a projectar 50 títulos de autores portugueses e estrangeiros (BNP/E3, 48B-18 e 48-12).

A 7 de Março de 1922, Cunha Dias casou em segundas núpcias com Palmira, de quem terá quatro filhos, nascidos entre 1923 e 1927: Lopo, Telo, Guida e Vasco.

Em 1923, Cunha Dias foi advogado de defesa, em Tribunal de Guerra, de um dos réus no processo dos morticínios de 19 de Outubro de 1921, a *noite sangrenta*, como ficou para a história. Durante o julgamento mandou calar um advogado que fizera acusações a Sidónio Pais. Noutra audiência do mesmo julgamento, perguntou enfaticamente ao juiz presidente porque não se encontravam ali sentados, junto com os réus, “os membros do Conselho da Ordem do Grande Oriente Lusitano...desunido” – insinuando assim que a Maçonaria, ou parte dela, estaria implicada nos assassinatos cometidos durante a *noite sangrenta*. Vários réus, entre os quais o famigerado Abel Olímpio, o *Dente de Ouro*, comprovado assassino de António Granjo (ex-primeiro ministro e antigo companheiro de Cunha Dias em Coimbra e durante a greve de 1907), foram no final cumprimentar o advogado, dizendo-lhe, em particular, o *Dente de Ouro*: “Defendeu-nos a todos!” – elogio que Cunha Dias cita com visível orgulho (1945: 39). Fernando Pessoa que, segundo Cunha Dias, tinha feito questão de assistir ao julgamento, observou-lhe depois que o tribunal ficara “petrificado” com a acusação que ele fizera à Maçonaria da autoria moral dos crimes (1945: 38). O jornalista monárquico Rocha Martins, ao tempo bastante adverso à Maçonaria, fez no seu semanário *Fantoches* um rasgado elogio da intervenção de Cunha Dias em tribunal, por ter feito frente aos alegados “insultos” dirigidos à memória de Sidónio Pais: “Foi um homem diante de eunucos”.⁴⁹

Nesse mesmo ano de 1923 ou data posterior, Pessoa elabora o que parece o plano de uma revista, de cujo índice consta um “discurso de Da Cunha Dias”:

1. Programma.
2. Protesto.
3. S[entido] d[o] S[idonismo] – Os artigos.
4. (Raul Leal).
5. Manifesto de Marinetti.
6. Carta do Mousinho.
7. Discurso de Da Cunha Dias.
8. (Antonio Botto).
9. (Almada).
10. (Chronica Financeira).

⁴⁹ *Fantoches*, n.º 21, de 26 de Maio de 1923, pp. 1-3.

Em 1923, Fernando Pessoa elaborou dois novos horóscopos de Cunha Dias, um deles com a menção expressa de “horóscopo rectificado” (BNP/E3, 90³-17).⁵¹ Em ambos, constata-se que a posição de vários planetas foi corrigida em relação aos cálculos que Pessoa fizera para os mapas de 1915-1916 relativos ao seu amigo. Cunha Dias ter-se-á deslocado ao Brasil em 1923 ou 1924 (*Vd.* Dias, 1944: 59-60), facto que pode ter dado azo a uma eventual consulta prévia do “astrólogo” Pessoa.

Se Cunha Dias pretendia ir fazer vida para o Brasil, foi mal sucedido, pois em 1924 já estava de volta a Lisboa. Pouco depois do seu regresso, Cunha Dias, aparentemente afastado da advocacia, começou a trabalhar como jornalista para o diário *A Batalha* (órgão da central sindical CGT, de tendência anarco-sindicalista), onde viria a distinguir-se com uma série de artigos sobre um escândalo financeiro e político. O visado por esses artigos era o recém-nomeado alto-comissário em Angola, Francisco Rego Chaves, antigo colega de Cunha Dias no Colégio Militar. Rego Chaves fora ministro das Finanças, em 1919, e, depois disso, administrador de empresas pertencentes a bancos. Em 1924, Rego Chaves estava já a ser alvo duma campanha da imprensa monárquica, que discordava da sua nomeação como alto-comissário, quando foi acusado por Cunha Dias em *A Batalha* de em 1919 ter perdoado a cinco bancos uma alegada dívida ao tesouro de meio milhão de libras e de ter sido “pago” com cargos oferecidos pelos ditos bancos. Cunha Dias exigiu, num dos seus artigos da *Batalha*, a prisão para Rego Chaves, em lugar do “prémio” da sua nomeação como alto-comissário em Angola. Rego Chaves acabou sendo demitido do cargo nas vésperas do Natal desse ano. Em 1925, Cunha Dias reuniu esses artigos da *Batalha*, juntamente com outros, no seu livro *O Desfalque do Tesouro*, de que oferecerá um exemplar a Fernando Pessoa.

Na conclusão desta obra, escrita em 1925, o autor fala da “torva e medíocre oligarquia financeira” que dominava em Portugal; dos “pseudo-partidos que entre si dividem o poder e a gamela dos empregos”; da “vala distante que separa governos e governados” e que, “dia a dia mais larga, [...] dentro em pouco será abismo”; do “sujo formigar da malta sôfrega que, jogando-se os últimos impropérios, disputa os empregos e os negócios”. Enaltece, depois, o passado histórico e os valores nacionais e diz que “Portugal está a despertar do letargo de uns séculos”, para de seguida declarar, num apelo que antecede de apenas meio ano o golpe de Estado de 28 de Maio: “Cumpre, somente, nesta hora que decorre, segurar com firmeza um cabo de vassoura e varrer”. E, num tom mais profético, termina: “Tudo quanto por aí se agita neste fétido charco é enxurro, que as águas potentes de duros invernos em breve arrastarão. E praza a Deus que não sejam de

⁵⁰ Manuscrito a lápis no verso de um panfleto de 1923 de Raul Leal. Agradeço a Jerónimo Pizarro a indicação deste documento.

⁵¹ Ver os dois horóscopos nas Imagens 15 e 16.

sangue e de lágrimas essas águas...” (Dias, 1925: 277-279). Em 1925, Cunha Dias pertence, pois, à aliás numerosa galeria dos críticos apocalípticos da democracia e dos profetas de um regime de força, crescentemente atraídos pelas ideias autoritárias e fascistas. Curiosamente, o seu ataque jornalístico a Rego Chaves, em 1924, tinha sido antecedido por um encontro entre os dois, em que Cunha Dias, exibindo uma carta de recomendação do chefe do Partido Democrático, José Domingues dos Santos, lhe pedira um emprego em Angola, para onde se dispunha ir trabalhar, deixando ao critério de Rego Chaves a escolha de qualquer cargo situado numa escala “entre preto e alto-comissário”. É o próprio Cunha Dias quem o relata, sustentando porém que, no dia imediato – posto entretanto ao corrente da “atmosfera de suspeições” que envolvia Rego Chaves e informado, também, de uma campanha jornalística que se preparava em Lisboa contra ele – lhe fora declarar que desistia do emprego pedido (Dias, 1925: 35-38). Atingido por essas campanhas, Rego Chaves foi demitido sem que chegasse a ir para África, mas em 1925 foi novamente eleito alto-comissário de Angola pelo Senado e desempenhou efectivamente essas funções até 1926 (Cunha Dias só publicou o livro em fins de 1925, segundo disse, pelo facto de Rego Chaves ter sido novamente nomeado). Em 18 de Abril de 1925 tinha-se registado uma primeira tentativa de derrube da República democrática. Quando o *Desfalque do Tesouro* foi publicado, caminhava-se já a passos largos para a instauração de uma ditadura, que triunfaria após novo golpe militar, em 28 de Maio de 1926.

A partir de 25 de Abril de 1927, Cunha Dias é, com o militar e dramaturgo Carlos Selvagem, um dos dois redactores principais do vespertino lisboeta *O Imparcial*, um diário republicano e pro-Ditadura, subsidiado pelo governo militar até entrar em conflito com ele. Cunha Dias abandona o lugar em 16 de Junho desse ano, sendo o seu nome substituído dias depois no cabeçalho do jornal pelo do tenente Henrique Galvão. No diário colaborou também Fernando Pessoa, com uma crítica literária, “Luiz de Montalvôr”.⁵² *O Imparcial* encerrou em Julho de 1927, pouco antes da intentona militar fascizante que ficou conhecida pelo “golpe dos Fifis” (18 de Agosto), de que o referido Galvão foi um dos militares conjurados.⁵³

Toda a vida apertado por dificuldades financeiras, a que a sua escassa actividade de advogado não conseguia obviar, e certamente desiludido com a política, talhada para outros temperamentos que não o seu, Cunha Dias partiu a 3 de Maio de 1928 para Angola, onde desde há muito planeava “forrar uns patacos” para a sua família. A 5 de Maio, já a caminho de África no paquete *Angola*, enviou da Madeira um postal ilustrado a Fernando Pessoa, com estes dizeres: “5-V-28 Funchal | E aqui vou, meu caro Fernando. Um abraço do Da Cunha”.

⁵² Publicada no *Imparcial* n.º 41, de 13 de Junho de 1927.

⁵³ Sobre *O Imparcial* (1927), ver Lemos, *Jornais Diários Portugueses do Século XX* (2006: 358-360).

Fig. 9. BNP/E3, 115^a-1

Postal ilustrado de Cunha Dias, do Funchal,
em 3 de Maio de 1928, para Pessoa.

A infelicidade parecia contudo perseguir Cunha Dias e, meses depois, teve de regressar subitamente à Metrópole (3 de Agosto), por morte da mulher, Palmira, ocorrida a 12 de Julho. Seguir-se-ia, a 15 de Dezembro do mesmo ano, a morte da filha Guida, de três anos de idade.

Em 2 de Abril de 1929, Cunha Dias começou a publicar no jornal católico e monárquico *A Voz* – no seguimento de um artigo anti-maçónico do director do jornal, Fernando de Sousa – uma série de artigos contra a Maçonaria, mais tarde recolhidos no seu livro *A Maçonaria em Portugal* (1930), publicado pela editora Delta. A 16 de Abril de 1929, em plena campanha de Cunha Dias na *Voz* contra a Maçonaria, a polícia invadiu o Grémio Lusitano (sede do Grande Oriente Lusitano) e prendeu um grupo de maçons ali reunidos. Destes, apenas os oficiais do Exército e da Marinha puderam sair em liberdade. Os outros maçons, levados sob prisão para o Governo Civil, foram identificados e, depois, libertados por ordem do chefe do governo e ministro do Interior, general Vicente de Freitas. Cunha Dias, considerando que o sucedido fora uma “inconsequente fraqueza” do governo, perguntava no seu livro de 1930: “Então para que os prenderam?”

Nesta fase, o posicionamento político de Cunha Dias, antigo republicano e democrata, parece evoluir no sentido do monarquismo católico e, depois, do Nacional-Sindicalismo, movimento monárquico e corporativista de características fascizantes, liderado por Francisco Rolão Preto, que tinha no diário *Revolução*, fundado em 1932, o seu órgão de imprensa. Um artigo de Cunha Dias intitulado “A cadeira do poder”, publicado na *Revolução* de 9 de Julho de 1932 – um mês depois da ascensão de Salazar à chefia do governo e à efectiva liderança do regime – aparecia plenamente sintonizado com os ideais nacional-sindicalistas e com o tipo de críticas que o fascista Rolão Preto fazia da figura do novo ditador. Nesse texto, que ainda pôde escapar à censura, Cunha Dias comparava a figura de César

(modelo político de Mussolini), que ascendera ao poder por “direito de conquista”, à figura de um político não nomeado, que trata simplesmente por tu (visivelmente, Salazar), a quem diz: “Ascendeste ao poder acomodando-te, transigindo, rastejando...”. O paralelo entre César-Mussolini e Salazar é sempre desfavorável a este último: “Tu serás escravo de ambições e interesses dos outros”. Mas se César tinha sido vítima de uma conjura sombria, originada na inveja e no ódio, Salazar, pelo contrário, já que ninguém o aclamaria nem o odiaria, podia estar sossegado: “Ninguém te fará mal!” (*in* Dias, 1934: 36-37). Desta evolução política de Cunha Dias, fez parte, como se disse, a aproximação à Monarquia. Num texto de 11 Julho de 1932, também destinado à *Revolução*, mas que foi cortado pela censura (talvez como represália pelo artigo atrás citado), Cunha Dias confessava que em 1908, jovem militante do Centro Académico Republicano, em Coimbra, tinha secretamente chorado, para não ser visto pelos colegas, quando da morte do príncipe herdeiro assassinado Luís Filipe, que conhecera pessoalmente (Dias, 1934: 38-40).

Cunha Dias continuará a publicar escritos obsessivamente anti-maçónicos, entre eles a *História da Velha Feia-Má* (1933), um insólito livrinho anti-maçónico e anti-feminista para crianças, dedicado “às Mães portuguesas”. Três dos filhos do autor – Lopo, Telo e Vasco – são também personagens do livro. A “Velha Feia-Má” é a Maçonaria, mãe dos “Filhos da Viúva” (designação habitual dos maçons) e das “Feministas”. Em 1934 reúne no livro *Palavras aos Hereges* (que oferece a Fernando Pessoa) crónicas místicas e patrióticas publicadas em 1929 e 1932 nos jornais *A Voz* e *Revolução*. Também em 1934, publica *Cartas de um Português*, contendo a “Carta de um português de lei a um mação internacional”, publicada em *A Voz* de 5 de Outubro de 1931, e outros três artigos. Em 1936, reúne mais crónicas anti-maçónicas em *A Maçonaria e o Exército*. Todos os livros são publicados pela sua editora Delta, caprichando num grafismo moderno e sui-generis que já em 1919 caracterizara o livro *Um Lance*.

Fernando Pessoa tinha, por esses anos, uma opinião bem diferente da de Cunha Dias acerca da Maçonaria, se não oposta, como o provam uma carta de Pessoa dirigida ao director de *A Voz* em 1934, que não foi publicada, e, sobretudo, o seu célebre artigo “Associações Secretas”, publicado no *Diário de Lisboa* de 4 de Fevereiro de 1935. De vários outros escritos impublicados, provenientes da arca do escritor o mesmo se pode concluir. Veja-se sobretudo os seus fragmentos sobre “Campanhas antimaçónicas”, em que dissecava e caustica o tipo de campanhas como as que Cunha Dias promoveu nos anos 20-30.⁵⁴ Francisco Peixoto Bourbon, jovem agrónomo monárquico das relações de Pessoa no final dos anos 20 e princípios dos anos 30, relata nas suas evocações pessoais, publicadas em 1973 no *Eco de Estremoz*, várias discussões e desavenças de Cunha Dias com o amigo Fernando

⁵⁴ Sobre os escritos de Pessoa acerca da Maçonaria, das campanhas antimaçónicas e da lei antimaçónica de 1935, ver: Fernando Pessoa, *Associações Secretas e Outros Escritos* (2011).

Pessoa na tertúlia do Café Montanha. Tal como Peixoto Bourbon, também Cunha Dias detestara a posição assumida por Pessoa sobre a questão maçónica. Apesar desses atritos e discordâncias políticas, Pessoa e Cunha Dias mantiveram a sua amizade, contrariamente a Peixoto Bourbon, que confessadamente se distanciou então do poeta.

O cortejo de amores infelizes, desgraças, desequilíbrios e insucessos da vida de Cunha Dias foi permeado por alguns momentos de êxito jornalístico, em que fez falar de si, e por raros momentos de felicidade familiar, fornecendo o conjunto matéria talvez ideal para a análise astrológica de Fernando Pessoa. Pode ser precisamente essa a explicação para a existência no espólio de Pessoa de um documento, acima já referido, com a lista dos acontecimentos e datas da vida de Cunha Dias, do seu próprio punho, abrangendo o período de 1914 a 1929. Pessoa deve ter sido repetidamente assediado por perguntas de Cunha Dias que, em momentos de incerteza e indecisão, desejava saber o que auguravam os astros e se o momento lhe era propício. Com efeito, no espólio pessoano existem, além das numerosas análises astrológicas que já foram citadas, três outros horóscopos referentes a Cunha Dias, mas de um tipo diferente – mapas de “astrologia horária”, mais caracteristicamente divinatória, que Pessoa designava por “questões horárias” (Q.H.). Um desses mapas data de Setembro de 1928 e os restantes de 1935 (Agosto e Outubro), todos elaborados para dar resposta àquele tipo de perguntas, em função da data e hora em que eram colocadas por Cunha Dias (BNP/E3, S7-40 e S5-1 e 4).⁵⁵ Em data que se pode conjecturar como sendo 3 de Novembro de 1935, semanas antes de morrer, Pessoa elaborava um último horóscopo sobre Cunha Dias (BNP/E3. S5-3).⁵⁶

Em 1934, foi Cunha Dias quem convenceu Pessoa a mudar o título do seu livro de poemas *Portugal*, depois publicado como *Mensagem*. Pessoa explicou que o fez “porque o meu velho amigo Da Cunha Dias me fez notar que o nome da nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua melhor Dinastia” – prováveis alusões à Sapataria Portugal (ou à fábrica de calçado A Portugal)⁵⁷ e ao Hotel Avis. Aceitando a crítica, Pessoa optou depois pelo título *Mensagem*. O episódio é relatado numa nota dactilografada em que Pessoa afirma, a propósito do conselho que Cunha Dias lhe deu, ter prazer em ser vencido “quando quem me vence é a Razão, seja quem for o seu procurador ocasional”, numa alusão ao desequilíbrio psíquico do seu amigo. A nota é rematada com a afirmação: “O lugar onde exercia a sua profissão de lembrador era uma enfermaria do manicómio distrital de □” (BNP/E3, 125A-25; cf. Pessoa, 1979a: 179).⁵⁸

⁵⁵ Aqui reproduzidos nas Imagens 17, 18 e 19. Sobre o que são “questões horárias”, ver Fernando Pessoa, *Cartas Astrológicas* (2011: 190-192).

⁵⁶ Reproduzido na Imagem 20.

⁵⁷ *Vd.* Pizarro, Ferrari e Cardillo (2010: 424).

⁵⁸ Ver aqui a Imagem 21.

Por volta de 1934-1935, Cunha Dias mostrou a Fernando Pessoa umas cartas de amor e uns textos esparsos ou “poemas em prosa” que o seu amigo, depois de os ler, lhe terá incitado a publicar. Cunha Dias diz em *Outono* que o autor desses textos e cartas foi um tal Lopo Pereira da Cunha, seu suposto amigo íntimo desde os tempos de estudante em Coimbra, onde teria sido um dos 160 “intransigentes” da greve académica de 1907. Não consta, porém, tal nome da lista dos “intransigentes”, nem sequer da lista dos alunos da Universidade de Coimbra naqueles anos, embora dela constem os de Alberto da Cunha Dias e Virgílio Correia, que, segundo o autor de *Outono*, foram colegas do hipotético Lopo e seus alegados co-locatários numa residência coimbrã. Não parece restar dúvida de que esses textos e cartas são do próprio Cunha Dias, que também usava o nome Pereira e tinha, aliás, um filho de nome Lopo. O imaginário Lopo Pereira da Cunha teria tido uma paixão por uma mulher casada e, para se afastar dela, teria partido para Angola em 1933, onde teria morrido em 1935. As referidas cartas e os esparsos em prosa poética teriam sido confiados por Lopo, à partida para África, ao seu amigo Cunha Dias (que, como atrás se disse, esteve em África em 1928, não se sabe se para fugir de alguma mulher). Fernando Pessoa insistiu em 1935 com Cunha Dias para que publicasse aqueles textos precedidos de uma apresentação. Para o incitar a adiantar a obra, Pessoa publicou, de facto, no suplemento literário do *Diário de Lisboa*, de 11 de Novembro de 1935, uma nota intitulada “Poesias de um prosador”, antecedendo a transcrição de alguns dos “esparsos” do suposto Lopo Pereira da Cunha, textos que, segundo diz, o seu amigo Da Cunha Dias lhe facultara. Tratava-se, segundo Pessoa, de “curiosos poemas em prosa”. Curiosos porque, escreve, “não simula a prosa o movimento do verso, como na chamada prosa ritmada” e também por se filiarem “a seu modo” na “mais antiga e mais portuguesa das nossas tradições literárias – o lirismo cavalheiresco, com a sua ternura viril e o seu desprendimento interessado”.

O livro em que esses textos deveriam ser incluídos, originalmente intitulado *Amor de Outono*, estaria para sair em Janeiro de 1936, segundo refere Fernando Pessoa. Diga-se que essa nota é, aparentemente, o último texto que Pessoa publicou em vida, se bem que no número 3 da revista *Sudoeste* (Novembro de 1935) foram publicados outros três textos de Pessoa, talvez anteriores a este. O livro *Outono* (e já não *Amor de Outono*), da autoria de Da Cunha Dias, apresentando e incluindo, na parte final, as cartas e os esparsos do suposto Lopo Pereira da Cunha, só foi publicado em 1944, com uma estrutura não totalmente conforme aos conselhos dados por Pessoa em 1935. A nota que Pessoa publicara no *Diário de Lisboa* vem também reproduzida no livro, como que apoiando a sua edição.

Outono, transparentemente baseado na vida, amores e desamores do próprio Cunha Dias é um livro confuso, com uma história de amor de trama incipiente e vulgar, inspirada aparentemente na “trapalhada que sempre foi a minha vida de família” (um desabafo do autor feito no próprio livro). A obra não é desprovida de

interesse memorialístico, contendo alusões a factos e pessoas do tempo do autor. Literariamente, a invenção do *alter-ego* Lopo Pereira da Cunha é talvez o aspecto mais curioso da obra, mas esse desdobramento da sua personalidade é inabilmente explorado na narrativa da suposta relação de amizade entre Cunha Dias e o seu duplo. A promoção por Pessoa dos “poemas em prosa” de Cunha Dias reflecte, porventura, alguma benevolência para com o seu velho amigo, desequilibrado e infeliz.

Deve aqui dizer-se que existe no espólio pessoano, sob a cota 94, um conjunto de textos dactilografados qualificáveis como poemas em prosa, usando uma ortografia diferente da usual em Pessoa, cuja autoria não foi até hoje estabelecida. São pelo menos 42 textos (BNP/E3, 94-5, 94-17 a 63 e 94-66 a 73), cerca de uma dúzia dos quais com traduções para inglês, feitas certamente por Fernando Pessoa (nas Imagens 22 a 26 reproduzem-se dois desses poemas em verso, com a respectiva tradução). Embora os estudiosos e editores da poesia de Pessoa tenham recusado, justificadamente, a autoria pessoana desse conjunto de textos, que um abismo separa temática e esteticamente da obra do poeta, permaneceu o mistério sobre a sua autoria. Comparando-os, todavia, com os “poemas em prosa” de Lopo Pereira da Cunha, aliás Alberto da Cunha Dias, publicados por Pessoa em 1935 no *Diário de Lisboa*, as semelhanças são tão flagrantes que, sem grande hesitação, se poderá atribuir a autoria desse núcleo a Cunha Dias.

Também no livro *Outono*, Cunha Dias transcreve a dado passo um soneto de Ângelo de Lima, um louco internado em Rilhafoles, de quem o *Orpheu* n.º 2 revelara já em 1915 alguns poemas inéditos. Um “belo soneto” em que “um louco descreve a própria loucura” – comenta Cunha Dias. Ora esse soneto tinha sido publicado por Fernando Pessoa em Novembro de 1935, no n.º 3 de *Sudoeste*, dizendo sobre ele na nota “Nós os de *Orpheu*”, publicada no mesmo número: “[...] aquele extraordinário soneto – dos maiores da língua portuguesa – em que o poeta descreve a sua entrada na loucura, em que longos anos viveu e em que morreu”.

Alberto da Cunha Dias morreu em 12 de Junho de 1947, com 61 anos. “Enfermo há bastante tempo, o último período da sua existência foi o desfecho de uma vida agitada e inquieta”, lê-se no necrológio que o vespertino *Diário de Lisboa* publicou no próprio dia da sua morte, salientando essencialmente, na vida de Cunha Dias, a sua actividade de polemista político e a exuberância da sua personalidade.

Pretendeu-se com este estudo sobre o relacionamento de Fernando Pessoa e Alberto Cunha Dias ir tão longe quanto o permitiam os dados disponíveis, produtos colaterais, algumas vezes, de outras pesquisas feitas ao longo de anos no espólio do escritor, inclusive por outros investigadores.⁵⁹ Apesar de esforços feitos junto de descendentes de Cunha Dias, não foi ainda possível angariar novas

⁵⁹ Deve mencionar-se aqui o nome de Jerónimo Pizarro, pelas informações cedidas a esta pesquisa.

informações sobre ele, nem localizar eventuais cartas de Fernando Pessoa (de uma há certeza de que foi escrita e enviada, de outras apenas indícios) que possam ter sido conservadas pelos herdeiros. Também o labiríntico espólio de Pessoa pode reservar, com tempo, novas descobertas a este respeito.

Não teve um efeito dissuasor deste estudo o facto de o nome de Alberto da Cunha Dias não se ter perpetuado na literatura ou em qualquer ramo da história portuguesa da primeira metade do século XX. Vagos ecos da sua luta pessoal, algo quixotesca, contra reais ou supostas arbitrariedades da instituição psiquiátrica, bem como algumas peças amarelecidas das suas obsessivas campanhas contra a Maçonaria e a corrupção na 1.^a República – é tudo quanto dele parece restar num recanto da memória dessa época. Mais do que a vida ou a obra de Cunha Dias, mais até do que o mero facto da amizade que o ligou ao maior escritor português seu contemporâneo, o que motivou esta pesquisa foi o que ela pudesse proporcionar de novos conhecimentos sobre Fernando Pessoa e o ambiente humano, social, cultural e político em que viveu.

Poesias dum prosador

O meu velho amigo Da Cunha Dias leu-me há uma semana—ou, melhor, em parte leu-me e em parte me narrou—o seu livro *Amor de Outono*, a sair, creio, em breve, em janeiro, sendo todavia precedido de um outro, no prelo, de índole oposta, intitulado *Jo Correr da Pena*.

Esse livro *Amor de Outono* é a narrativa—ou, antes, a exposição—de um episódio da vida de Lopo Pereira Da Cunha, que se dizia primo do Da Cunha Dias—parentesco que este não assegura,—que foi um dos espíritos mar-cantes da geração chamada «de 1907» (do ano da greve acadenica em que se definiu), que partiu há dois anos para o Cazengo e que ali morreu há meses. São desse Lopo Pereira Da Cunha as duas últimas partes do li-vro—umas *Cartas a Branca* que for-mam a segunda parte, e uns esparços, em prosa que deveria ser verso, que constituem a terceira. A primeira parte do livro é do Da Cunha Dias; narra isto mesmo desenvolvidamente, his-tória o encontro com Lopo Da Cunha, em vésperas de partida, quando este confiou a seu primo esses escritos, e explica que o em que tudo isto se fun-da (e de si o título do livro) foi um

caso passado no outono, poucos meses antes do janeiro em que Lopo da Cunha embarcou para África.

Estas considerações não servem mais que de moldura ao pequeno quadro constituído pelos trechos que hoje se publicam; eles, compreensíveis e apre-ciáveis em si mesmos, dispensam ex-plicação propriamente literaria. Es-ses trechos curiosos são extraídos—diga-se excusadamente—da terceira parte do livro a que me tenho referido.

São curiosos porque são poemas es-critos em prosa sem que a prosa si-mule o movimento do poema, como na chamada prosa ritmada. São es-critos, evidentemente, por alguém que ou era orador, ou o deveria ser, visto que, ao passo que a prosa ritmada trás em surdina um acompanhamento de música, nesta se sente a voz de-sacompanhada, vivendo da sua pró-pria vida.

São curiosos, ainda, porque apelam, em seu modo, para a mais antiga e a mais portuguesa das nossas tradições literarias—o lirismo cavalheiresco, com a sua ternura viril e o seu despren-dimento interessado.

FERNANDO PESSOA

Amor de outono

Triste sina esta minha, quero bem a quem me mata!...

Não eram os Céus propícios nessa hora em que nasci:

Foi-me triste a mocidade, traz-me a vida desfavor, tem sido vã a for-tuna...

E é-me a sorte tão mofoza, que para minha desventura quero bem a quem me mata!

■ ■ ■

Vai começado novembro. Uma ro-meira garrida viceja a um canto do jardim, junto ao muro, e as romãs carminam-se festivas.

Perpassa no ar frio um sopro agres-te do Norte, agitando a pequena ar-vore, e as romãs balouçam alegres.

No chão folhas mortas, que o vento remove sobre os vestalhos da terra seca; em volta troncos nus.

Floresce a romeira pelos fins do ve-rão, e frutifica no outono, e os bapos das romãs, sumarentos e frescos, tin-gem-se do rubro ardente das grana-das, quando a terra, esculpida pela estiagem, se fende, abrindo labios se-quiosos.

Também floriram no verão as es-peranças do meu amor, mas logo as desfolharam os ventos do outono, e são este saudoso desalento, esta an-gustiosa melancolia, que me entorpecê-a vontade, e me enleia e me domina.

Dize-me, romeira, como vicias na terra ressequida, como sorves a ceiva fresca dos bapos dos teus frutos na sede das raízes?

Romeira garrida!, despenda-me o mistério do segredo da frescura e da cor, e da vida, e da esperança...

■ ■ ■

Disseste-me, Amor, um dia, que não criavas bem alojada por causa da vi-cinhança.

Tenho here moradia, quatro salis espaciazas, que é grande o meu cora-ção.

—Porque não vens viver aqui?
E' casa bem afamada. Nela vivem um casal de gente moça, simpática—o Contentamento e a Alegria.

O rapaz composto e grave, mas a pequena viva, travessa, vinha muito á janela, mostrava-s eem demasia.

E a patija da Desgraça, essa velha alcoviteira, que nunca me olha a di-reito, desencantou a rapariga.

O rapaz ficou sózinho, um pouco triste, mais grave.

Arranjou novos amores, e há dias partiu, sem mais...

Está livre o meu coração. E' mora-dia capaz, resguardada no meu pei-to: (—Não tenhas medo aos ladrões!).

—Porque não vens viver aqui?

Não pagas renda nenhuma. Ofereço-te os meus serviços, e não peço ou-tra soldada, que não seja ver-te feliz.

—Por que não vens viver aqui, den-tro do meu coração?

■ ■ ■

Vento do Norte, que vens apressado, que novas me trazes do meu Amor?

—(Figura distinta, donaire no porte, gracil o andar, e tem cabelos loiros...)

Vento do Norte, que sopras violento, e espalhas um frio gelado, cortante.

Ela é franzina, delgada, mimosa...

Modera-te um pouco, não sopres as-sim!

Vento do Norte, que ralhas convul-so em noite tão escura!

E balouçam as arvores, ramalham plangeles os troncos robustos...

Ela é delicada, é leve o seu sono, e sonha, talvez!

Não a despertes, soc-ga, cuidado...

Modera-te um pouco, não ralhes as-sim!

DA CUNHA DIAS

Fig. 20. O último escrito de Fernando Pessoa publicado em vida, junto com as poesias em prosa de Da Cunha Dias (*D.L.*, 11 de Novembro de 1935).

Apêndices

1. BNP/ E3, 90²-102^{r-v}. [Folha de bloco manuscrita a tinta dos dois lados, do punho de Alberto da Cunha Dias, contendo uma lista de acontecimentos da sua vida, entre 1914 e 1929, presumivelmente destinada a tratamento astrológico por Fernando Pessoa. Curiosamente, não inclui a libertação do autor em 1 de Novembro de 1916. Não inclui o livro de 1930 *A Maçonaria em Portugal*. Data conjecturada: 1929.]

- Acto de D[irei]to Internacional	- Nov.º de 1914.
- Casamento	- 24 Nov.º 1914
- Nascimento Nuno	- 26 Março 1915
- Formatura	- Julho – 1915
- Sequestro	- 8 Agosto – 1916
- Fuga	- 1 de Outubro
- <i>Sobre um Decreto</i>	- Campanha - Março 1917
	- Livro - 1918
- <i>Um Lance</i>	- Campanha - Fev.º Março 1918
	- Livro - Nov.º 1919
- Edições Delta	- 1921 – Regresso a Sintra no Natal e ao Fôro
- Palmira	- 7 Março de 1922
- Lopo	- 4 Junho de 1923
- <i>Sobre um Decreto</i> ^a	- 18 de Setembro 1924
	- Nascimento do Telo
- 14 de Novembro de 1925	- Nasci[men]to Guida
- <i>Sobre um Decreto</i> ^b	- 1925
- Nascimento Vasco	- 15 Fev.º de 1927
- Morte de meu Pai	- Abril Maio
- <i>Imparcial</i>	- 1927
- Ida p[ar]a Africa	- 3 de Maio 1928
- Morte da Palmira	- 12 de Julho [19]28
- Regresso	- 3 de Agosto [19]28
- 1.ª ruptura com minha Mai	
- Morte da Guida	- 15 de Dezembro 1928
- Campanha Maçonaria	- 2 a 4 de Abril de 1929

Notas

^a Trata-se de um equívoco. O livro *Sobre um Decreto* é de Março de 1917; na data aqui indicada, 18 de Setembro de 1924, Cunha Dias publicou no diário *A Batalha* o primeiro dos seus artigos sobre o alegado “desfalque do tesouro”, intitulado “Rego Chaves – O desfalque de um milhão de libras do tesouro público – Palavras claras sobre um caso escuro”.

^b Novamente um equívoco. Em 1925 foi publicado o livro *O Desfalque do Tesouro*, com os artigos de 1924 publicados na *Batalha*.

2. BNP/E3, 121-2^v [Notas sobre delírio paranóico e delírio de ciúme, tomadas por Fernando Pessoa do livro de Júlio de Matos *Elementos de Psychiatria* (1911), manuscritas a lápis em duas colunas, no verso de uma cópia dactilografada do poema “Gladio”, dedicado a Alberto da Cunha Dias, datável de 1916. Publicado pela primeira vez em Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura*, op. cit., t. II, p. 652.]

Só são paranoicos os delirios com:

1. *Systematização progressiva*

aplicação das idéas delirantes como meio interpretativo.

2. *Egocentricidade dos conceitos.*

As idéas delirantes traduzem ou reflectem uma hypertrophia da personalidade.

3. *Primitividade dos conceitos.*

– As idéas delirantes são o 1^a symptoma.

4. *Contingencia e secundaridade das allucinações.*

– Podem faltar, e, quando existem, derivam de idéas delirantes.

5. *Ausencia de senso critico.*

6. *Não contraste entre o delirio e a anterior modalidade psychica do delirante.*

7. *Não terminação pela demencia.*

*Elementos*⁶⁰ de *Psychiatria* – J[ulio] de M[attos]

Delirio de ciúme – p. 582-584.

from p. 539 (Paranoia) em deante.

Demencia precoce

anesthesia affectiva

descontinuidade entre o pensamento e a acção

Cf. Almada Negreiros (myself?)

Yes

No

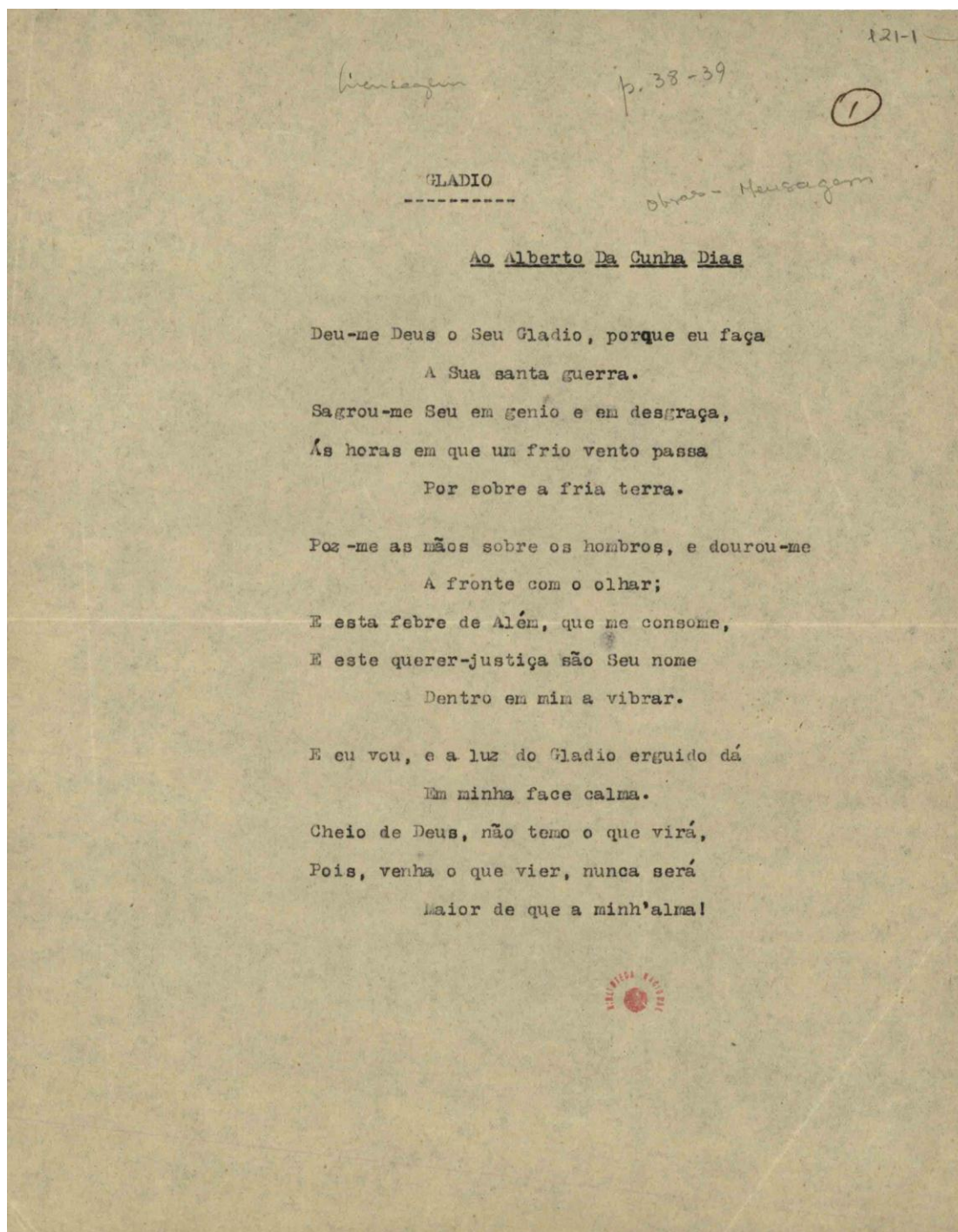
only *psychastenia*

⁶⁰ <Manual> [↑ *Elementos*]

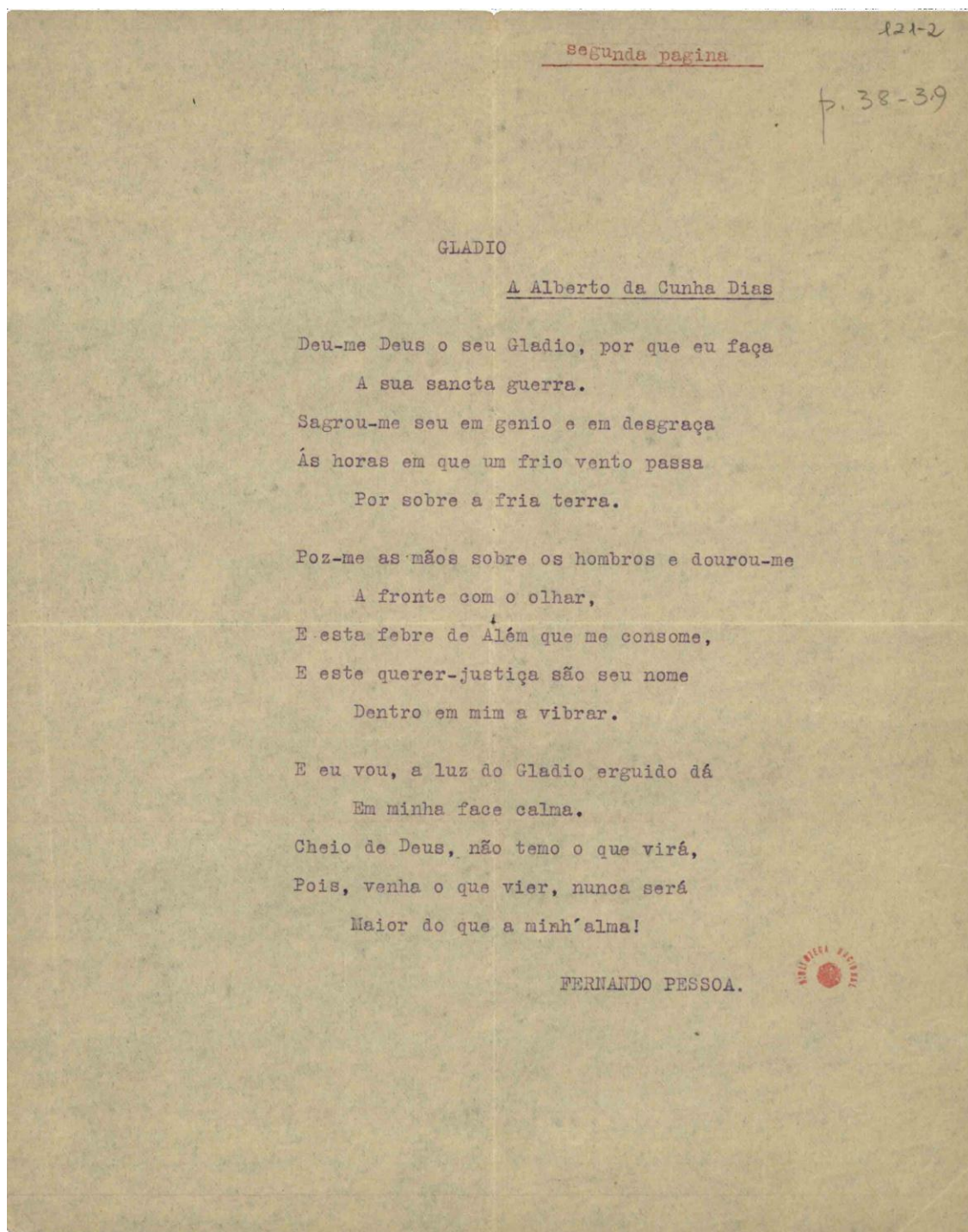
Bibliografia

- Anuario da Universidade de Coimbra* (1908-1909). Coimbra: Imprensa da Universidade. Anos lectivos de 1907-1908 e 1908-1909.
- ALMEIDA, Luís Pedro Moitinho de (1985). *Fernando Pessoa no Cinquentenário da sua Morte*. Coimbra: Coimbra Editora.
- BARRETO, José (2009). “Pessoa e Fátima: a propósito dos escritos pessoanos sobre catolicismo e política”, in *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*, Jerónimo Pizarro (org.). Alfragide: Texto Editores.
- CAVALCANTI, José Paulo (2011). *Fernando Pessoa: Uma Quase Autobiografia*. Rio de Janeiro: Record.
- CEBOLA, Luís (1958). *Memórias de Este e do Outro Mundo*. Lisboa: Gráfica Scarpa. 2.^a ed.; 1.^a ed. 1957.
- DIAS, [Alberto] Da Cunha (1945). *Cartas de um Português*. Lisboa: Pro Domo.
- ____ (1944). *Outono*. Lisboa: Delta.
- ____ (1941). *Nos Bastidores*. Lisboa: Delta.
- ____ (1941). *Páginas de Arquivo*. Lisboa: Delta.
- ____ (1939). *Racistas e Internacionais*. Lisboa: Delta.
- ____ (1936). *A Maçonaria e o Exército*. Lisboa: Delta.
- ____ (1936). *Nação, Família, Corporação*. Lisboa: Delta.
- ____ (1934). *Palavras aos Hereges*. Lisboa: Delta.
- ____ (1933). *História da Velha Feia-Má*. Lisboa: Delta.
- ____ (1932). *Conservas de Peixe: subsídios para o estudo de um problema nacional*. Lisboa: Delta.
- ____ (1930). *A Maçonaria em Portugal*. Lisboa: Delta.
- ____ (1925). *O Desfalque do Tesouro: factos e comentários à administração pública*. Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand.
- ____ (1920) (ed. lit.). *Memórias de Ruy Pereira*. Lisboa: Paulo Guedes & Saraiva.
- ____ (1919). *Um Lance*. Coimbra: França e Arménio (depositários).
- ____ (1918). *Sobre um Decreto: uma campanha jornalística*. Lisboa: Lamas, Motta e C.^a.
- FIGUEIREDO, Vivina C. (2009). “Fortuna literária de Edgar Allan Poe traduzido em Portugal”, in *Cadernos de Tradução*, vol. 2, n.º 24, UFSC.
- FRANÇA, Isabel Murteira (1987). *Fernando Pessoa na Intimidade*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- GATO, Margarida Vale de (2005). “Edgar Allan Poe in Portuguese: a case-study of ‘bugs’ in translated texts”, in Ana Luísa Amaral et alia, *Estudos em Homenagem a Margarida Losa*. Porto: FLUP.
- LEMONS, Mário Matos e (2006). *Jornais Diários Portugueses do Século XX – Um Dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora | CEIS20.
- MARTINS, Francisco Cabral (2008) (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho..
- Orpheu* 3 (1984). Edição de Arnaldo Saraiva. Lisboa: Edições Ática.
- PESSOA, Fernando (2011a). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição e posfácio de José Barreto. Lisboa: Ática.
- ____ (2011b). *Cartas Astrológicas*. Edição de Paulo Cardoso, em colaboração com Jerónimo Pizarro. Lisboa: Bertrand.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM.
- ____ (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM. 2 tomos.
- ____ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

- ____ (1998a). *Correspondência 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1998b). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Edição de Enrico Martines. Lisboa: INCM.
- ____ (1979a). *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- ____ (1979b). *Da República*. Organização de Joel Serrão, Lisboa: Ática.
- ____ (1923). *Sobre um Manifesto de Estudantes*. Folha volante, Typ. do Annuario Commercial.
- PIZARRO, Jerónimo (2009) (org). *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*. Alfragide: Texto Editores.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Alfragide: Dom Quixote. Acervo Casa Fernando Pessoa, vol. I.
- PRISTA, Luís (2001). "Pessoa e o Curso Superior de Letras", in *Memória dos Afectos: homenagem da cultura portuguesa ao Prof. Giuseppe Tavani*. Lisboa: Edições Colibri.
- RIBEIRO, Henrique Pereira (1916). *Factos e Não Palavras: o sequestro do Dr. Da Cunha Dias*. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial.
- XAVIER, Alberto (1962). *História da Greve Académica de 1907*. Coimbra: Coimbra Editora.



1. Dactiloscrito do poema "Gladio" dedicado a Alberto da Cunha Dias (BNP/E3, 121-1).



2. Outra versão do poema "Gladio", assinado e dedicado a Alberto da Cunha Dias (BNP/E3, 121-2).

E3/90² - 102

- Rio de Janeiro Internacional - Nov.^o 1914
- Casamento ————— 24 Nov.^o 1914
- Nascimento Nuno ————— 26 Junho 1915
- Formatura ————— Julho — 1915
- De parteiro ————— 8 agosto - 1916
- Fuga ————— 1 de outubro
- Sobre o Decreto — { Campanha - Março 1917
- { Livro - 1918
- In Luce — { ^{ferro mano} Campanha - 1918
- { Livro Nov.^o 1919
- Coisas Deltas - 1921 - { Repetição ajuizada
Votado ao Fôro
- Palmira - 7 Março de 1922
- Lopo — 4 Junho de 1923

3.1. O manuscrito de Cunha Dias existente no espólio de Pessoa, frente (BNP/E3, 90²-102²).


 - Sobre - Decreto - 18 de Setembro 1924
 - nascimento do Telo
 - 14 de Novembro de 1925 - unificação
 - Sobre - Decreto - 1925.
 - Nascimento Vano - 15 Fer.º de 1927
 - morte de meu Pai - Abril
4 Maio
 - Imperial - 1927
 - Loureiro Africa - 3 de Maio 1928
 - morte de Palmira - 12 de julho 28
 - Regresso - 3 de Agosto 28
 - 1.ª ruptura com minha mãe
 - morte de pai - 15 de Dezembro 1928
 - (amputação nascerona - 24 de Abril de 1929)

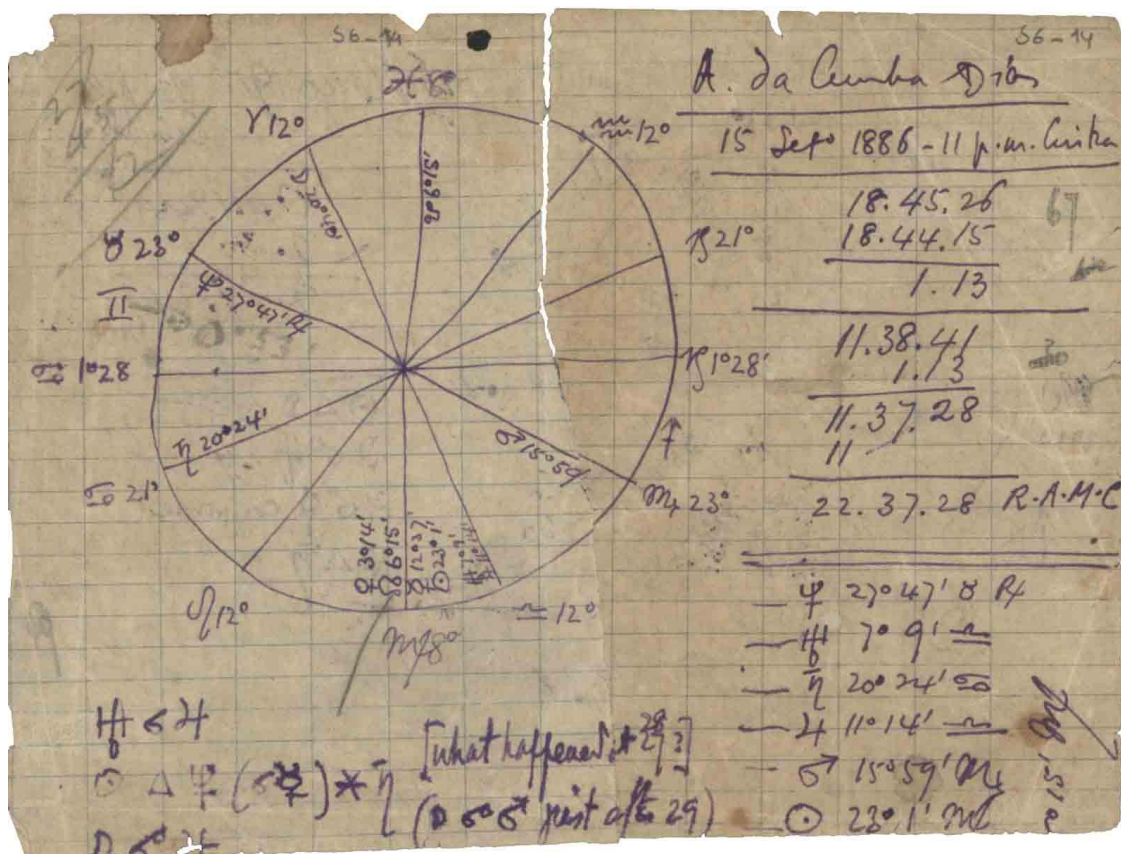
3.2. O manuscrito de Cunha Dias existente no espólio de Pessoa, verso (BNP/E3, 90²-102^v).

12 | 6 | 12

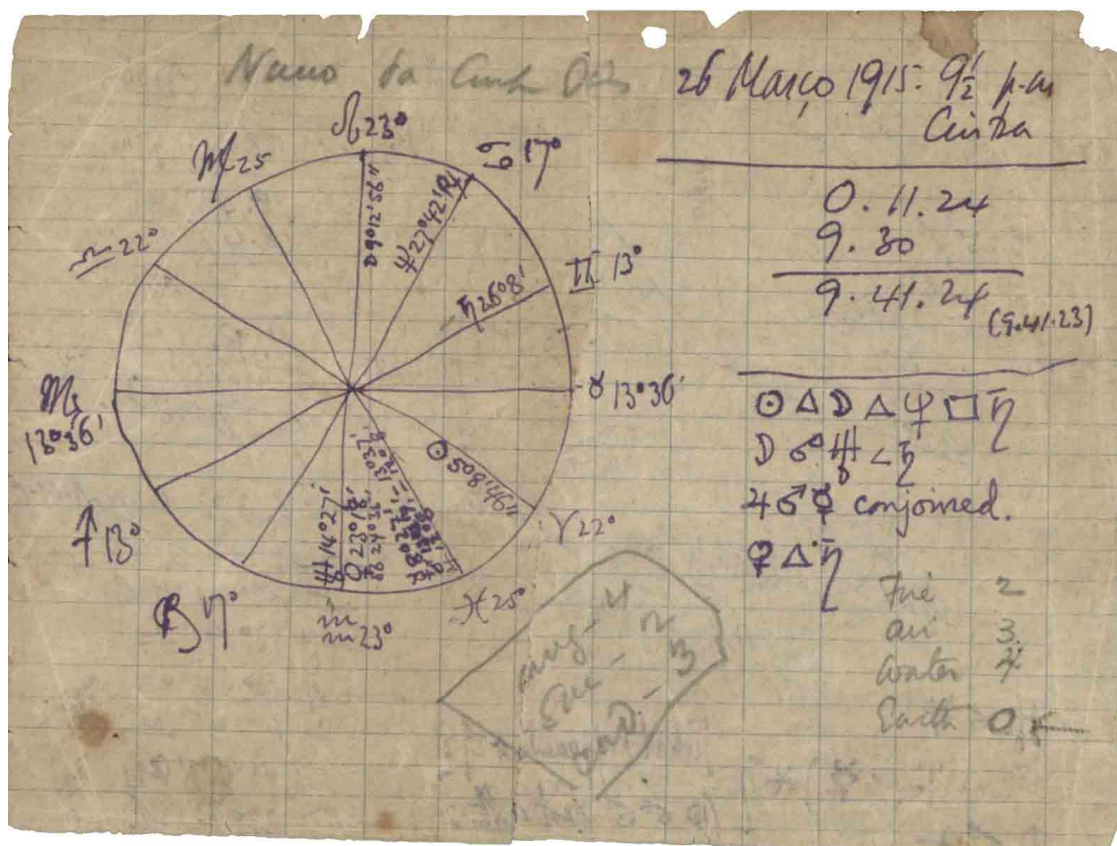
Cartas a escrever.

~~Petroni - suas lembranças~~
 Raul - Lansonne.
 Cunha Dias - and about his mother.
 Alvaro Pinto - e Mamiheis.
 Garcia Pulido - e his brother
 (Frank & Emil Palmer).

4. Excerto de um memorando de Pessoa, datável de 1914, com “cartas a escrever”, entre elas uma a “Cunha Dias – and about his mother” (BNP/E3, 16A-50^v).



5. Horóscopo de Alberto da Cunha Dias por Fernando Pessoa, datável de 1915 (BNP/E3, S6-14^r).



6. No verso do anterior, o horóscopo do primeiro filho de Cunha Dias, Nuno, nascido em Março de 1915 (BNP/E3, S6-14^v).

56-22

Prejeção Solar.

A. da Cunha Dias . Anos 29.

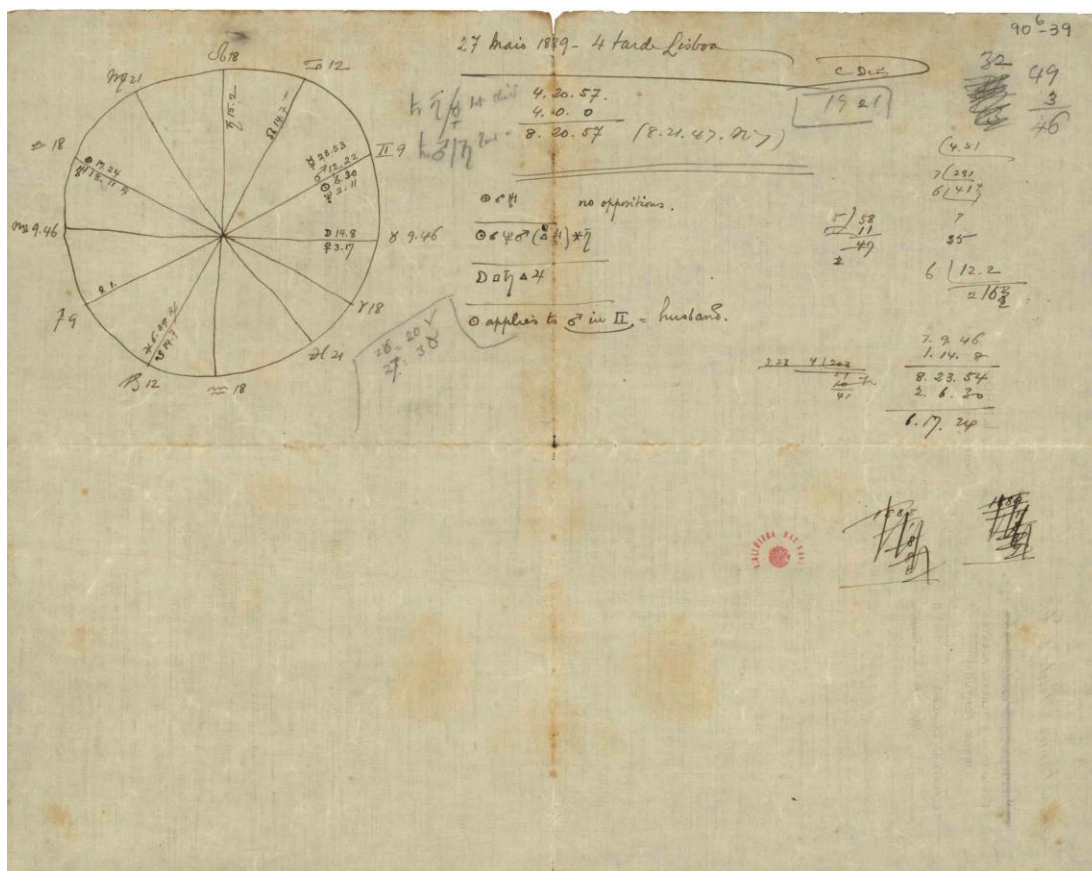
$\text{pro. } \odot \text{ } \delta \text{ } \text{rad} = 27. \}$ simultaneos. $\text{D mber } 1+2$
 $\text{pro. } \odot \text{ } \eta \text{ } \text{rad} = 27. \}$ $\eta \text{ " } 7+8$

pro. D approaching $\delta \delta$

A luação de Novembro 1915 cabe em 140^{ms}
 a pequena distancia de $\delta \text{ rad.}$, que está
 a $15059'$ de ms . Isto pode significar a
 realização de $\text{pro } \delta \text{ } \text{rad}$, ou pode signi-
 ficar a effectivação de $\eta \Delta \delta$, visto que
 o lugar de η acaba de ser transitado por δ ,
 que η está alli perto, e a conjuncção
 de η e δ , de 11 de setembro, não caberá
 longe do lugar radial de η .

Aos 29 a pro D $\delta \delta$ - 3^{m} antes $\Delta \delta$
 nos 7 meses depois $\Delta \odot$

7. Análise do mapa astrológico de Cunha Dias por Pessoa em 1915 (BNP/E3, S6-22r).



8. Horóscopo de Irene Rato da Cunha, presumido pela data de nascimento, “27 Maio 1889”, e pela anotação junta “C. Dias”, datável de 1915-1916 (BNP/E3, 90⁶-39^r).

90461

Mário de Sá-Carneiro.

30 80 9 50 170	9	90 1 91 170	3 1 80 40 5 9 80 50 268
----------------------------------	---	----------------------------	---

170 + 9 + 91 + 268 = 538 + 43 = 581

c { 500 = election, honneurs, status.
81 = Beaux-arts, culture intellectuelle.

a { 500 = election, etc.
38 = imperfection, avarice, envie.

b - 43 = cérémonie religieuse, apostolat

Alberto da Cunha Dias.

1 20 2 5 80 100 50 258	4 1 5	3 200 60 8 1 262	4 9 1 20 104	258 5 252 104 619
---	-------------	---------------------------------------	--------------------------------	-------------------------------------

a = 619 = Victime de l'envie, succès, catastrophe
1 - l'envie, l'ambition, l'orgueil.
9 - perfection et sagesse, peur, tristesse.

b = 47 = Vie heureuse et longue, exempt de soucis

c = 666 = cabale, complot, effondrement social.

Mário Freitas

170 6 80 5 9 100 1 291	24 2 19 45	170 291 461
---	---------------------------	-------------------------

a. 461 = 400 - art, amour, emportement.
60 - mariage

b. 45 = 1 - aile, pain, amour.

c. 506 = 500 = election, etc.
6 = 6 - perfection, etc.

9. Análise numerológica dos nomes de Mário de Sá-Carneiro, Alberto da Cunha Dias e Mário Freitas por Fernando Pessoa (BNP/E3, 90⁴-61¹).

$$\begin{array}{r} 2 \\ 4 \\ \hline 21 \\ 27 \end{array}$$

Fern: 226 1 40
 M: 290 40 50
 L: 292 100 7
 R: 296 50 200
 40 5
 9 9
 50 80,
 290 392

$$\left\{ \begin{array}{l} 1000 = \text{ambition} \\ 200 = \text{irrésolution} \\ 4 = \text{témérité, largeur, puissance} \end{array} \right.$$

16 44 =

(c) = 1248 = 1000 = (supr)
 200 = (sup)
 48 = tribunal,
 jugement, ruine.

$$\begin{array}{r} 461 \\ 392 \\ \hline 9 \\ 862 \\ 44 \\ \hline 906 \end{array}$$

Away, again to
 Brasileira

10. No verso da anterior, abaixo da linha separadora, a análise numerológica relativa a Fernando António Nogueira Pessoa: "ambition / irrésolution / témérité, largeur, puissance / tribunal, jugement, ruine."

1A/25 115²-2

Meu Caro Fernando Pessoa

Quando termina o tal jogo
 que aquele cavalheiro me atirou?
 Quando acaba ele lá os infinitos
 de me zurrir?

E v. ? Apanhou a tova?
 Serpento que deve ter o salto:
 Eu por aqui estou com a con-
 fiada fê de que todos os equi-
 vocos se desfazem, e tudo tem
 seu fim.

Mor quando termina o tal transi-
 to?

E que he de novo?

Qual é o plano do Mariano?

Eu não concordo!

Prosto justiça à honestidade



11.1. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 2 de Setembro de 1916, [p. 1] (BNP/E3, 115²-2^r).

115²-2a

HOSPITAL DO CONDE DE FERREIRA
PORTO

amiga das intenções, mas
não concordo.

1) e visto o Mariano é a única
pessoa que procede honestamente
te neste caso.

Meu Pai:

Estou aqui melhor do que antes.
Mas. Não me entendia com a
melhor velhacaria do Frade
Zurera! Eu aqui posso rece-
ber correspondência.

2) mande-me dizer qd. acabou,
agor. o seu parecer antropológico,
(q. se vence a letra, percebe?) o
meu capiteiro.

Diga-me como vai o Fr. Jones?
2) mande outra poesia do "Gla-
dio". O gladio é meu! V. deu-
ma: fôrto me não se lembra?

11.2. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 2 de Setembro de 1916, [p. 2] (BNP/E3, 115²-2a^r).

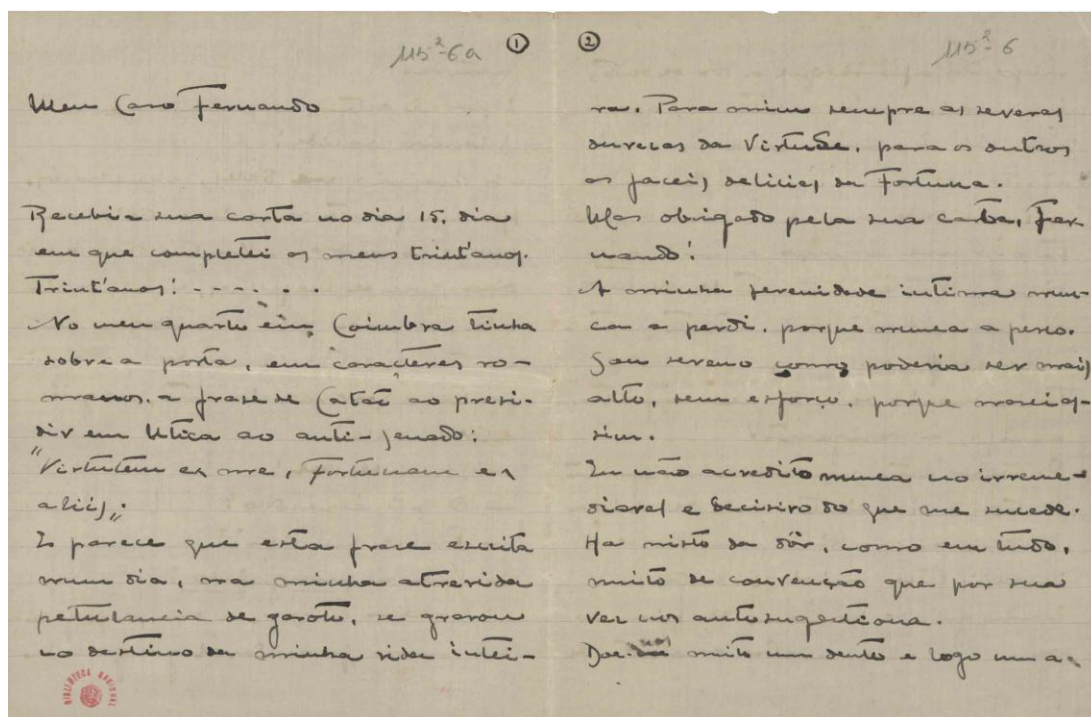
E não — enluta a minha — vai
 romper as barreiras do meu seque-
 stro.
 E ela, a minha:
 "Deu-me Deus o seu gladio
 porpe eu fazea.
 A sua Santa guerra:
 Sagrou-me seu eu juizo e

E um abraço
 do teu amigo

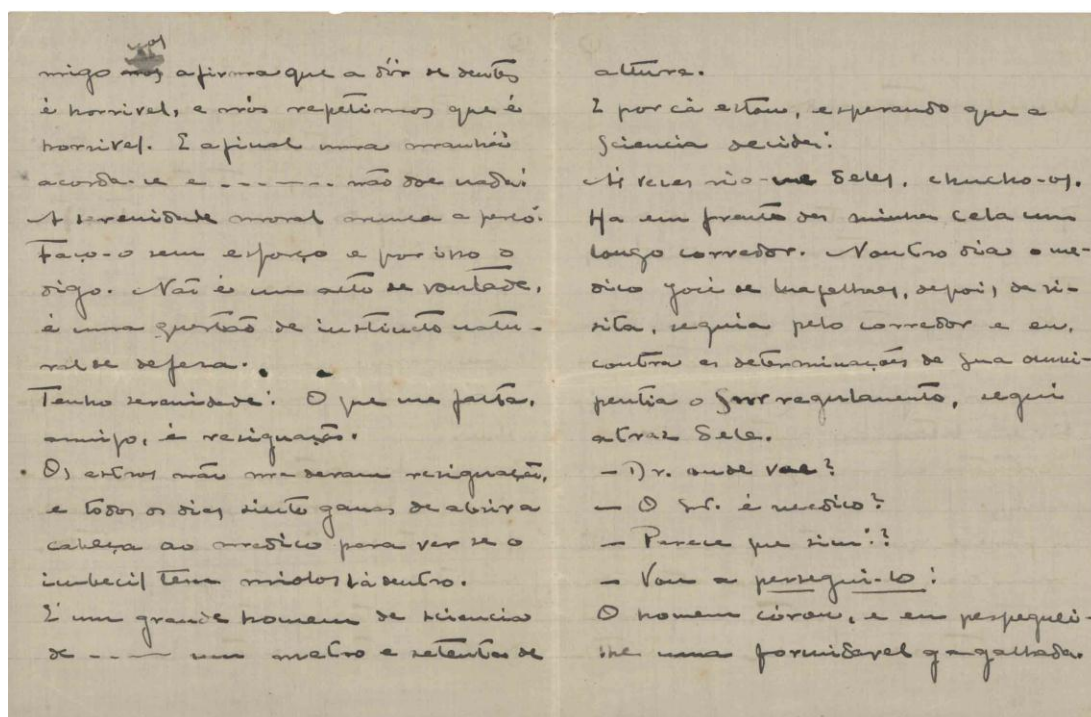
2-11-916
 Porto

De
 Cunha Dias

11.3. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 2 de Setembro de 1916, [p. 3] (BNP/E3, 115²-2a^v).



12.1. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, pp. n. 1 e 2 (BNP/E3, 115²-6a e 6).



12.2. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, verso das pp. n. 1 e 2 (BNP/E3, 115²-6a^v e 6^v).

115^{2-7a} ③

Porque não vi se V. sabe que o "aboli-
nhas", num atestado que para aqui
enviou a firma por "sua honra", e
em nome de "delírio de ciúme", e
de mania de perseguição, vendendo
medicinas que não tratam os meus
perseguidores. Ele não ouvida, afrouxa!
O "aboli-nhas",!

É lembrar-se a gente que um
pai (abola, soprando a fúria,
curvando sob a audácia do sol,
cuspindo como mais aboma nos
mãos e orais, fúria resolve a
requisa para que o batatado de-
se, ommas maior fartura, mais
batatado: É lembrar-se a gente,

115²⁻⁷

que essa batatado, colhida a mim
num grande esforço, se transfor-
mou — em umhas de civilização —
num (aboli-nhas, filho de seu pai
(abola, médico-cirurgião, que tem
respeito por si, e pelo suor do
pai, meu pelo latipício, nem
pelo esforço, vem oitav atre-
vidamente que eu der consideração
tanto a mania de perseguição:
oh corpo, oh meu paternus!
oh (aboli-nhas, cabeça Sálho chocho!
É o delírio!

V. meu caro Fernando, não calcula
como o (aboli-nhas é delirante!
Só V. o virá o (aboli-nhas é devoto de

12.3. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, frente da fl. n. 3
(BNP/E3, 115^{2-7a} e 7).

muito — mas se V. o virá em
pi no meu quanto (curvando so-
bre a cama) recebendo um ro-
to que me desliza "Pour mon
panache",!

Lá, meu caro Fernando, não tem
a honra, a subida honra, digamos,
— está lá muito boa gente —
de fazer parte da minha festa
galeria de parvos. Vá para o que-
dro do tempo.

(aboli-nhas não é parvo, não seio!
(aboli-nhas é modesto! É na sua
modestia não pretende desta vez,
fica-se no tempo.

(aboli-nhas é simplesmente tempo:
(aboli-nhas é tempo, e é pulha!

Só tempo e lá mais pulha, que ca-
beça a minha, Fernando!
(aboli-nhas não é só tempo, nem é
só pulha, é também médico-
cirurgião: É médico-cirurgião
e especialista em doenças men-
taes: "Em casa de ferro espeto
de pau!"

oh corpo, oh meu paternus!
V. meu caro Fernando, não com-
prende, talvez, a diferença que
segundo a minha complexa sig-
nificação distingue e se para um
parvo, de um tempo. É não é uma
nova preocupação de systemati-
zar o que me leva a distinguir.
O parvo pode não ser tempo, po-

12.4. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, verso da fl. n. 3
(BNP/E3, 115^{2-7a} e 7^v).

115²-8a ④

vêm o Canto é sempre parvo,
 um Canto é um parvo burro,
 e de uma burrice inferior.

2. falando por uma comparação:
 O Canto fica-a pela redondilha, o
 parvo pode ser satirizado em verso
 heroico, e alguns até, sem desdobra,
 merecem um bocado.

(Compreendo V. Fernando?)
 (Compreendo porque em aférrimo ser
 o (aboluto) - (colega do Silva Tavares
 no culto dos amos!) - Canto, o vel-
 for Canto!

2. não veja V. na minha última
 frase qual per ironia maliciosa para
 o Silva Tavares. É o meu feitiço, in-

115²-8

mente: Não foi muita intenção ter
 na frase despiantar para o Silva
 Tavares, embora o (aboluto) fique
 honrado da companhia:

2. por amigos. não me fala V. na
 sua carta do nome amigável a-
 amigo Luciano Sant'Anna?

2. o pobre do Silva Tavares Jones
 não arriva, de vel:

Mas o Luciano enviou ao Tálhal
 3 cartas por intermédio do (aboli-
 to), Sáqui, pelo menos, mas)
 umas três, e uade!

Tem V. visto o Luciano pelo "plano"
 de Nogueira?

Não houve retenção a por porquê

12.5. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, frente da fl. n. 4
 (BNP/E3, 115²-8a e 8).

passavam, como esta vez passar extra-
 legalmente as barreiras do meu in-
 terramento. Do Tálhal não sei:
 O (aboluto), pelo exposto, é ca-
 paz de tudo:

Geria o (aboluto) capaz de fi-
 car com as cartas e de, sangrando-
 se em fúria como fez no alvado
 ao declarar que eu vejo nos médi-
 os que me tratam perseguidores,
 de

Durido que se atravessa, além de
 que o Sant'Anna, conhecendo-me e
 sendo inteligente, não erio fidedei-
 fe, sem me ouvir, por qualquer a-
 firmiação do (abola).

Mas porque não escreve, o Sant'Anna?

Numa das cartas que lhe enviou dizia-lhe
 que estava sofrendo de megalomania.
 2. que nos minutos alucinados me via
 dictar a Portugal. E não me aquta-
 vau nem planos de reforma, nem
 muito patrióticos e nacionais am-
 bições de "ampliar". Que quiza a
 ansiosa dictadura para um gesto
 sério e firme chrisma a R. de Be-
 to, por um R. de J. Mariano dos
 exaltados. Seria por isto?

O Luciano sempre tão comido, ser
 tão próximo comigo, e depois

Dado-lhe muito e muito me pesou, por
 muito agradável lhe ser, esta extranho
 silêncio.

12.6. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, verso da fl. n. 4
 (BNP/E3, 115²-8a^v e 8^v).

(5)

É esta a terceira vez que retorno a esta
 carta de V. e tenho sempre pe-
 ga no papel a dorra.
 Mas, terminando, dê V. por mim abra-
 tos a bravo ao Ferreira Jones, e ao Julio
 de Vilhena, e ao paupe do Julio Teller e
 ao filva Tarare.
 E recomendo-me ao Montalvão.
 E, pelos orames, para o 49 Campo Gran-
 de, envie um apêlco abraço ao
 General.
 E como lhe não poderão os costels
 da via, a brevel dos espasos, lhe en-
 via um abraço que lhe estale os olhos.
 E ainda outro, mais humano e muito
 amigoso abraço do

21-IX-916
 Loude-Ferreira

Des. Cunha Dias

12.7. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, frente da fl. n. 5 (BNP/E3, 1152-5^v).

115²-5

P. S.

Revia a carta.

Sei o "gladio" de cor.

Queria dizer, somente, pe o gladio
 embora da tua autoria. é pro-
 priidade minha. 2º teu!

E então breve!

Breve é vago. Lá, oit. - parece na
 página dos anais, / coincidendo,
 aparência / ou então sente ou se
 finge.

Breve. mas é tu demora!

E outro abraço

Cunha Dias

115²-12

115²-26-5

115²-26-5

12.8. Carta de Cunha Dias a Fernando Pessoa, 21 de Setembro de 1916, verso da fl. n. 5
 (BNP/E3, 115²-5^r).

41A/43 90¹-55

Mercury and Neptune in semisquare by direction:
(they are radically in this aspect)

pro. Mercury semisq. pro. Neptune ... 28th. May 1915 (a)
 pro. Mercury semisq. rad. Neptune ... 3rd. Novr. 1916 (b)
 pro. Mercury semisq. rad. Neptune ... 27th. April 1932 (c)
 pro. Mercury semisq. pro. Neptune ... 26th. Novr. 1933 (d)
 pro. Neptune semisq. rad. Mercury ... 18th. April 1961 (e)

(a) This measures to somewhere bound "Orpheu" and the other complications which occurred about the same time. The exact effect, however, will be the impulsive act in 6th. July 1915, in writing to the "Capital", and its consequences, since on that day Mars transited Neptune. The meaning, taken together with others afterwards, seems to be a disturbance of the magnetic or etheric sphere.

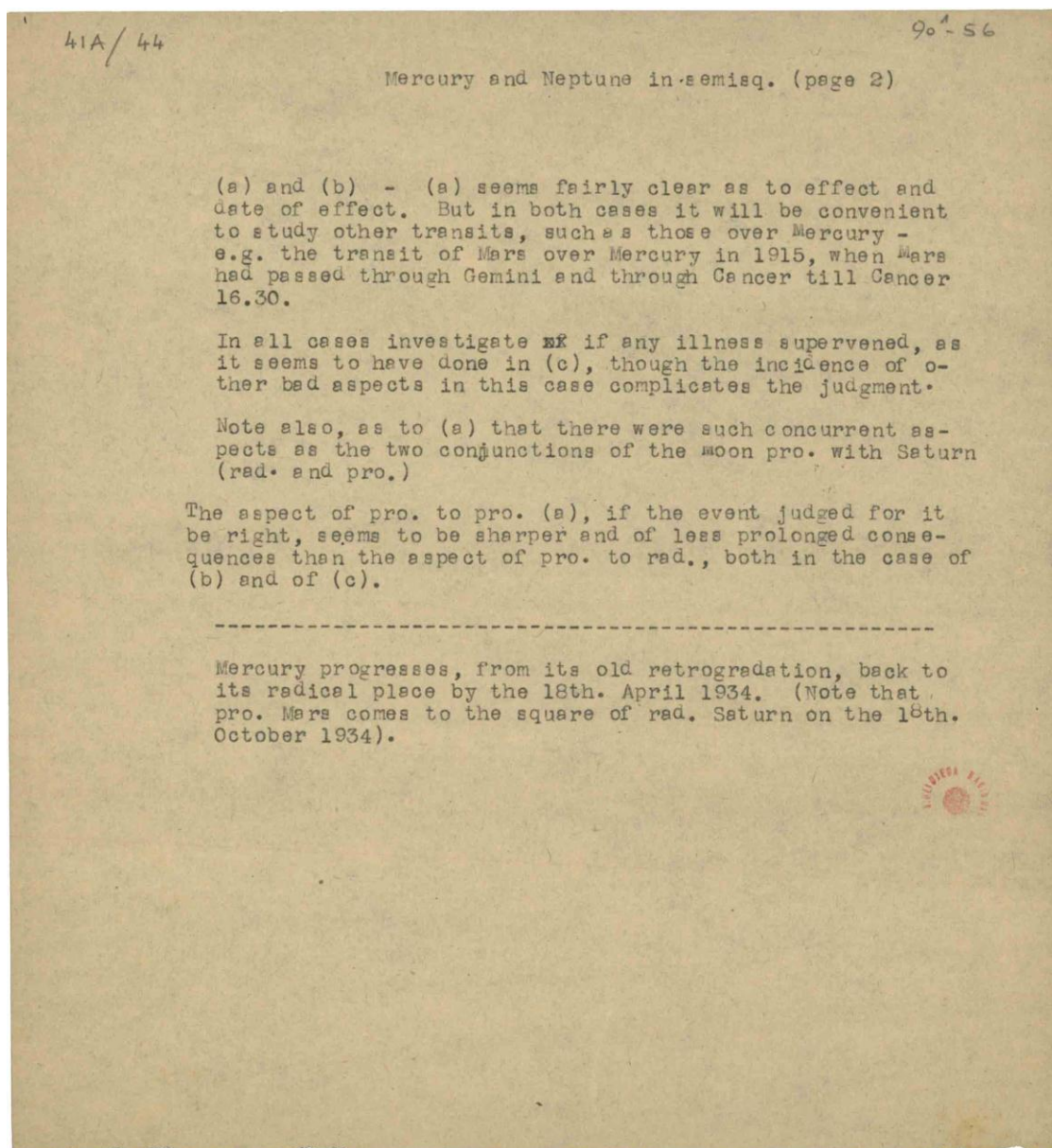
(b) This seems to measure to the time of CD's escape from the asylum and the consequent trouble (mental) from the complications arising therefrom. (Transits to be examined)

(c) The transit was on the 23rd. June 1932 and the frustrate syncope, or whatever it was, took place in exact coincidence with the transit (Mars on Neptune radical). Yet this did seem a strange phenomenon, not unlike some astral start, and certainly the result was very like an etheric trouble.

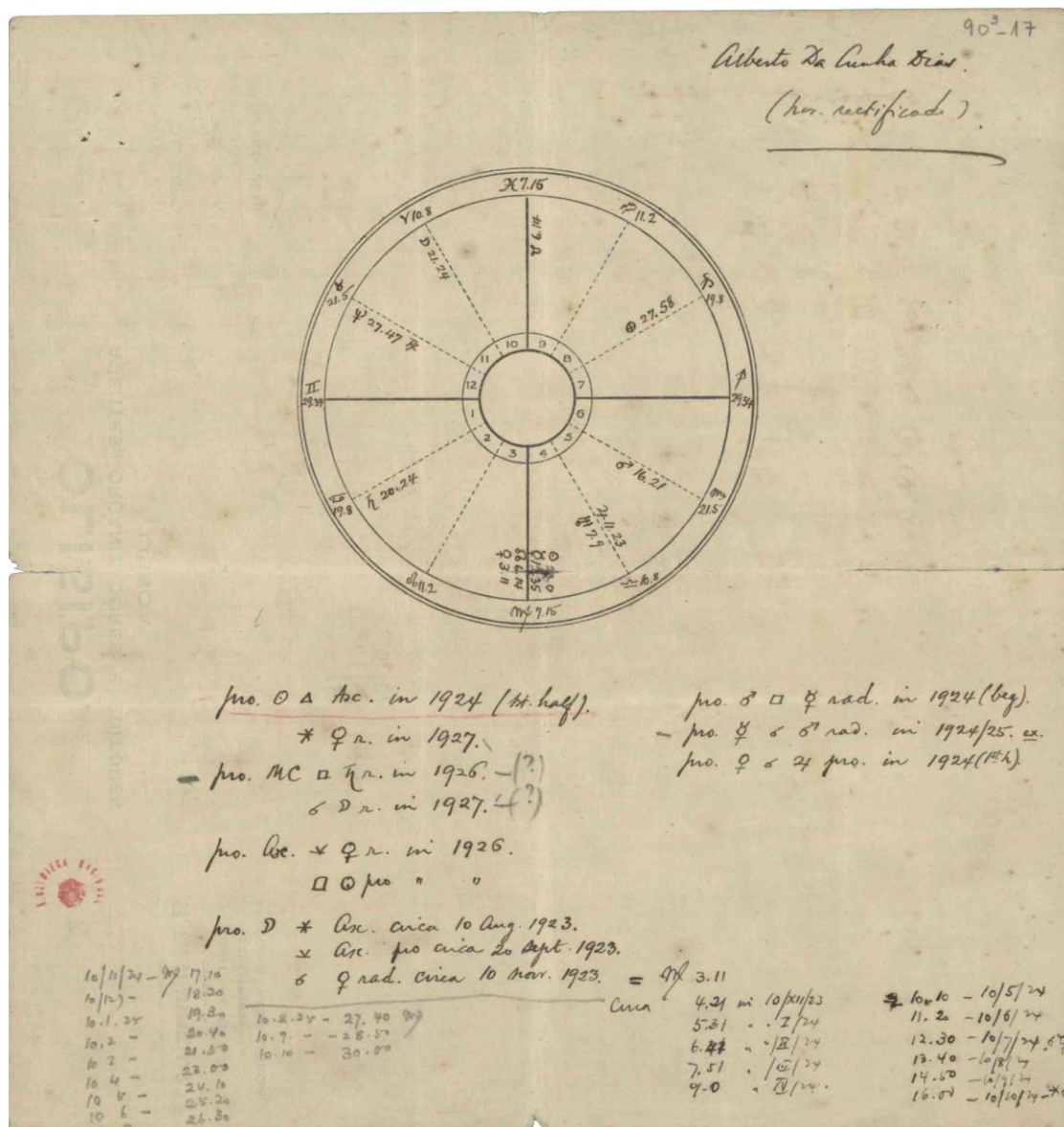
(d)

(e) This is if Mercury is in Cancer 17.18 and not 17.17. If the latter, then the aspect is three years earlier. But Neptune is so slow that, be one or other the exact position of Mercury, the aspect will surely only be located (so to speak), by transits.

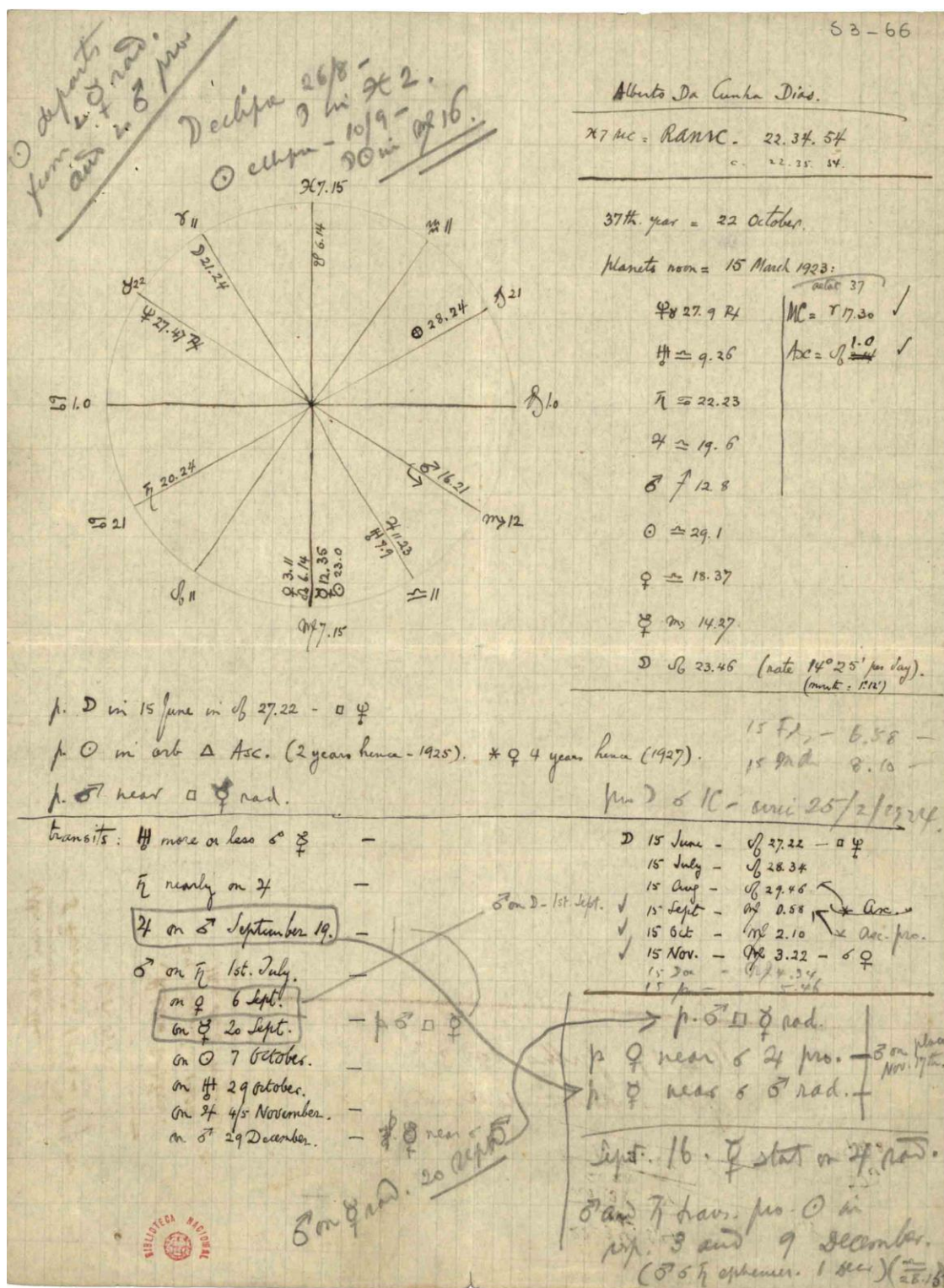
14.1. Análise astrológica por Fernando Pessoa, datável de 1932-1935, [p. 1] (BNP/E3, 90¹-55).



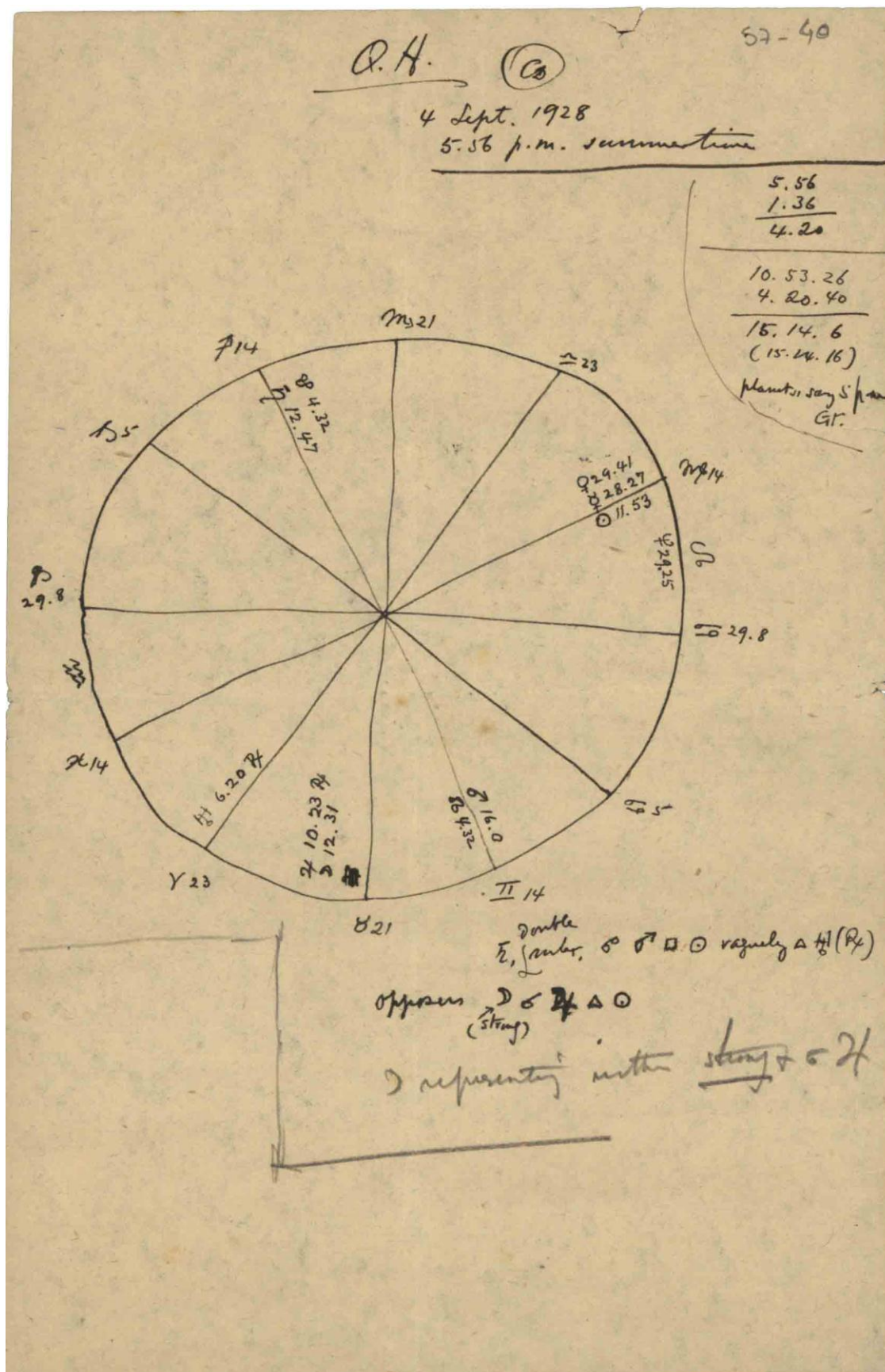
14.2. Análise astrológica por Fernando Pessoa, datável de 1932-1935, [p. 2] (BNP/E3, 90¹-56).



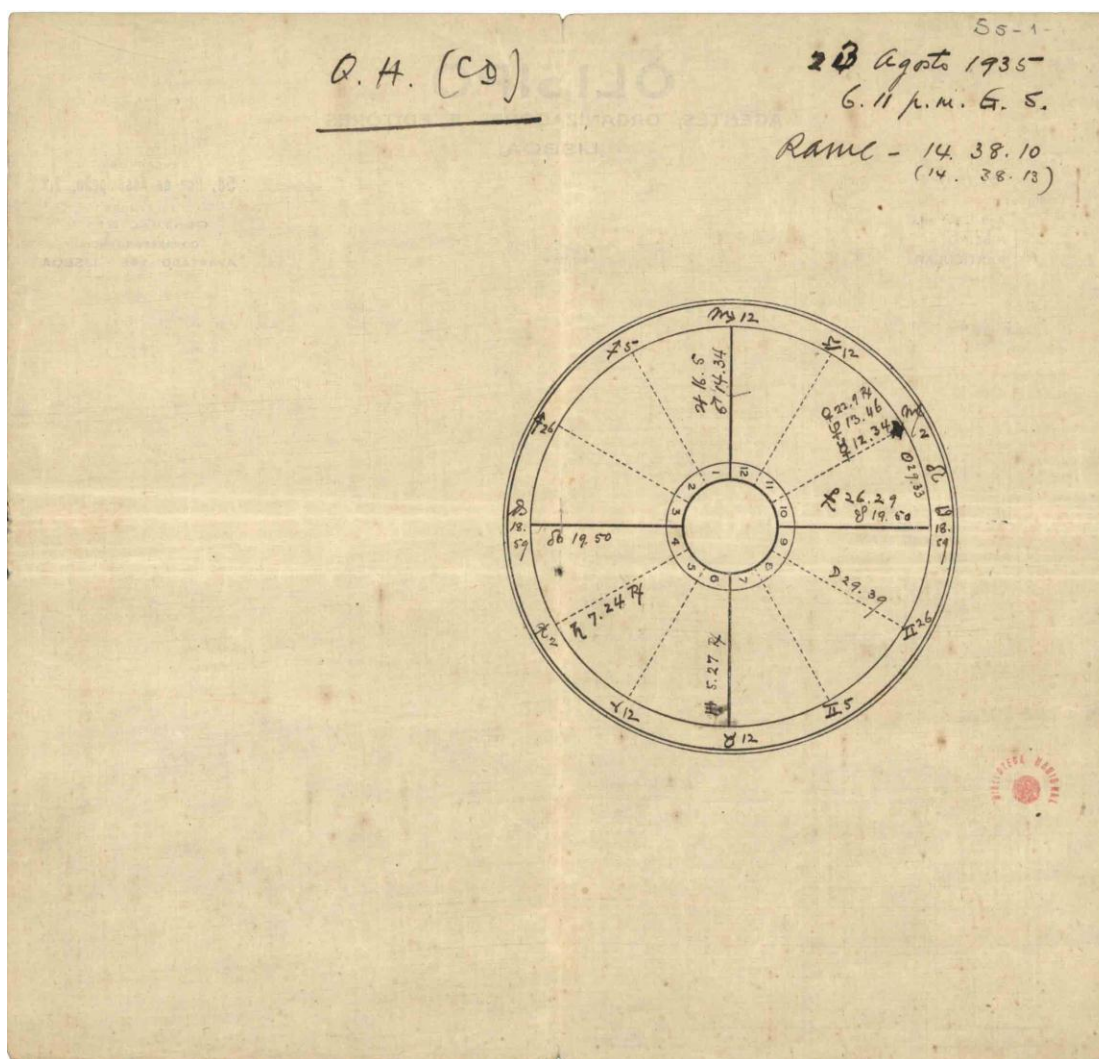
15. "Hor[oscopo] rectificado" de Alberto da Cunha Dias por Fernando Pessoa, datável de 1923, frente (BNP/E3, 90³-17^r).



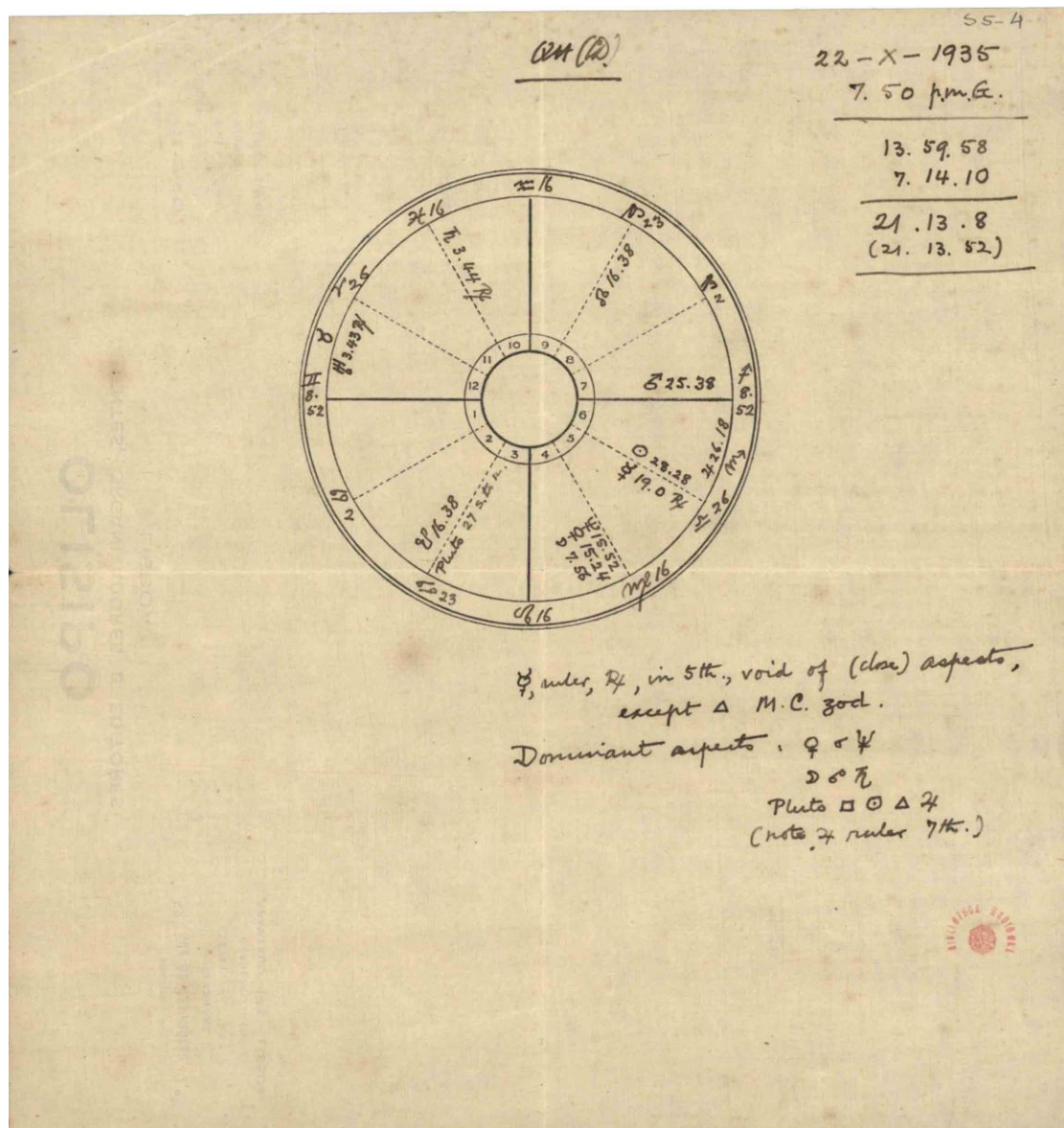
16. Outro horóscopo de Cunha Dias por Fernando Pessoa em 1923, com cálculos coincidentes com o “horóscopo rectificado” reproduzido na imagem 15 (BNP/E3, S3-66^r).



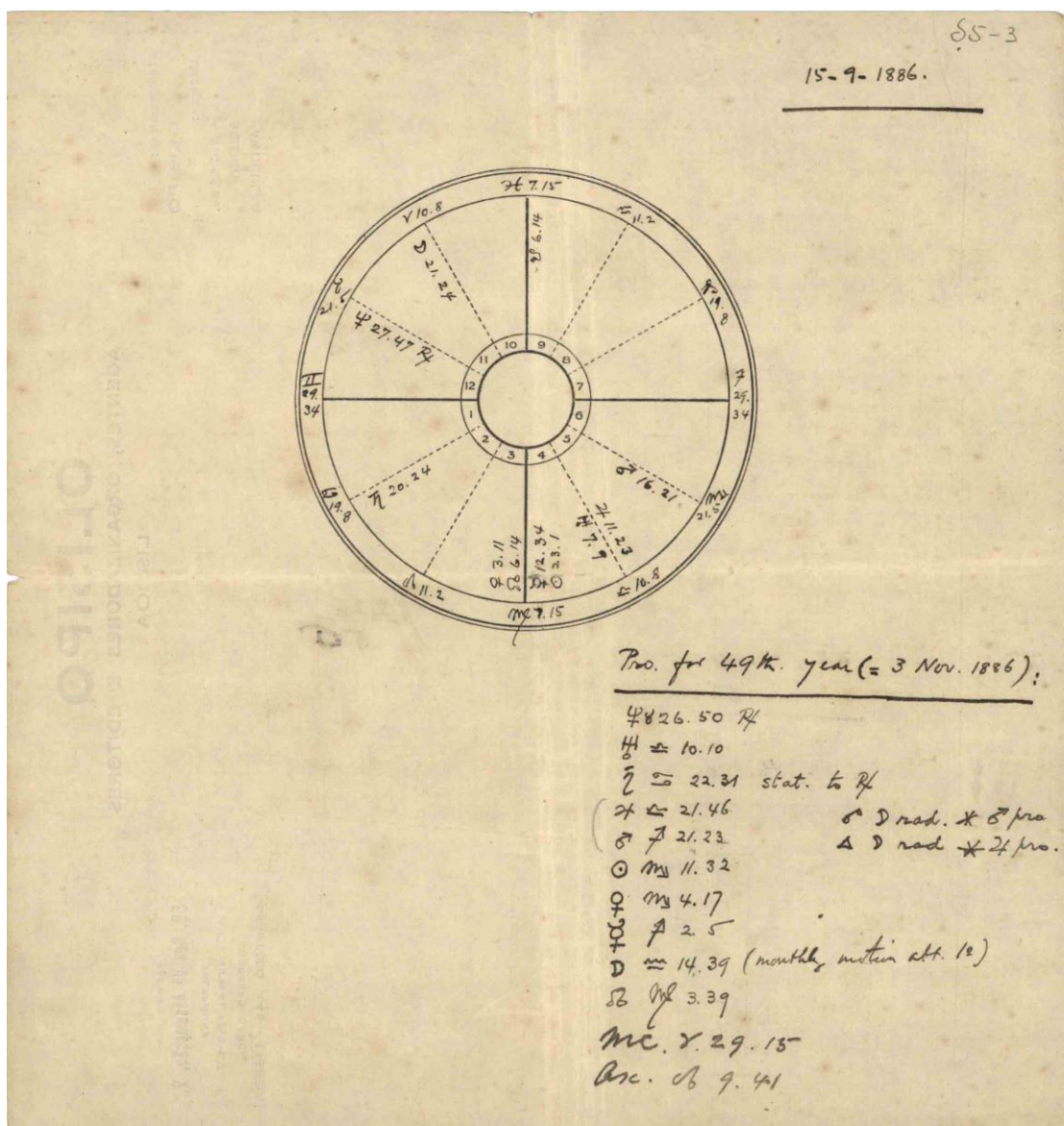
17. Q.H. (questão horária) de Cunha Dias às 5:56 p.m. de 4 de Setembro de 1928 (BNP/E3, S7-40^o).



18. Q.H. (questão horária) de Cunha Dias às 6:10 p.m. de 23 de Agosto de 1935, no verso de papel timbrado da empresa Olisipo (BNP/E3, S5-1^r).



19. Q.H. (questão horária) de Cunha Dias às 7:50 p.m. de 22 de Outubro de 1935, no verso de papel timbrado da empresa Olisipo (BNP/E3, S5-4r).



20. Horóscopo de Cunha Dias, presumido pela data de nascimento, com cálculo de progressão para o 49.º ano, aparentemente datável de 3 de Novembro de 1935, feito no verso de papel timbrado da empresa Olisipo (BNP/E3, S5-3*).

125A-25

O meu livro "Mensagem" chamava-se primitivamente "Portugal". Alterei o título porque o meu velho amigo Da Cunha Dias me fez notar - a observação era por igual patriótica e publicitaria - que o nome da nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua maior Dynastia. "Quer v. por o título do seu livro em analogia com "portugalize os seus pés?". E Concordei e cedi, como concordo e cedo sempre que me fallam com argumentos. Tenho prazer em ser vencido quando quem me vence é a Razão, seja quem for o seu procurador. (procurador ocasional)

Puz-lhe instinctivamente esse título abstracto. Substituí-o por um título concreto por uma razão ...

E o curioso é que o título Mensagem está mais certo - aparte a razão que me levou a pô-lo - de que o título primitivo.

Deus falla todas as linguas, e sabe bem que o melhor modo de fazer-se entender de um selvagem é um manipanso e não a metaphysica de Platão, base intellectual do christianismo.

Reservo-me porém o direito de pensar que tal fôrma da religião é uma forma inferior. E sem duvida necessario que haja quem descasque batatas, mas, reconhecendo a necessidade e a utilidade do acto descascador, ~~xxx~~ dispenso-me de o considerar comparavel ao de escrever a Iliada. Não me dispenso porém de me abster de dizer ao descascador que abandone a sua tarefa em proveito da de escrever hexametros gregos.

O lugar onde exercia a sua profissão de lembrador era ~~xxxxx~~ uma enfermaria do manicómio districtal de



21. Nota de Fernando Pessoa, relatando a alteração do título do livro *Mensagem* (BNP/E3, 125A-25).

Eu queria ser vento: então envolvia todo o teu corpo com a minha túnica transparente, brincando com os teus cabelos sedosos, beijando e afagando teu lindo rosto.

Cantava-te ao ouvido canções nostálgicas do oriente, cantadas por beduínos quando atravessam com as suas caravanas o deserto do Saará.

Canções de paixão ardente como o sol abrasador daquê-
le país, e cantava-te ainda hinos sagrados dos templos de
Himalaia da India misteriosa.

Eu queria ser orfão sem pai nem mãe, criança bonita e sadia, e tu minha mãe adoptiva.

Quando eu dormisse no meu berço, sonhando em minha felicidade, tu andarias nas pontas dos pés para não me acordar, e contemplavas-me como se eu fôsse um anjinho?

Quando eu acordasse, tu correrias alegre e radiante para mim. Tomavas-me nos teus braços, cobrias-me de beijos, ao apertar-me no teu peito, e eu abraçaria com as minhas mãos as tuas mãos e a tua cabeça, e eu abraçaria com as minhas mãos o teu rosto e o teu seio.

Eu queria ser pombo a quem tu amasses muito e o meu pombal seria um dos teus compartimentos.

Apenas acordasses, iam visitar-me, e eu, cheio de felicidade, voava para ti; sentava-me ~~na~~ na mão esquerda que tu me estendias, e com a direita me afagavas.

Aproximando-me da tua boca, eu introduzia meu bico entre teus lábios cêr de tubi oriental, e absorvia a tua saliva como a abelha absorve o nectar das flôres.

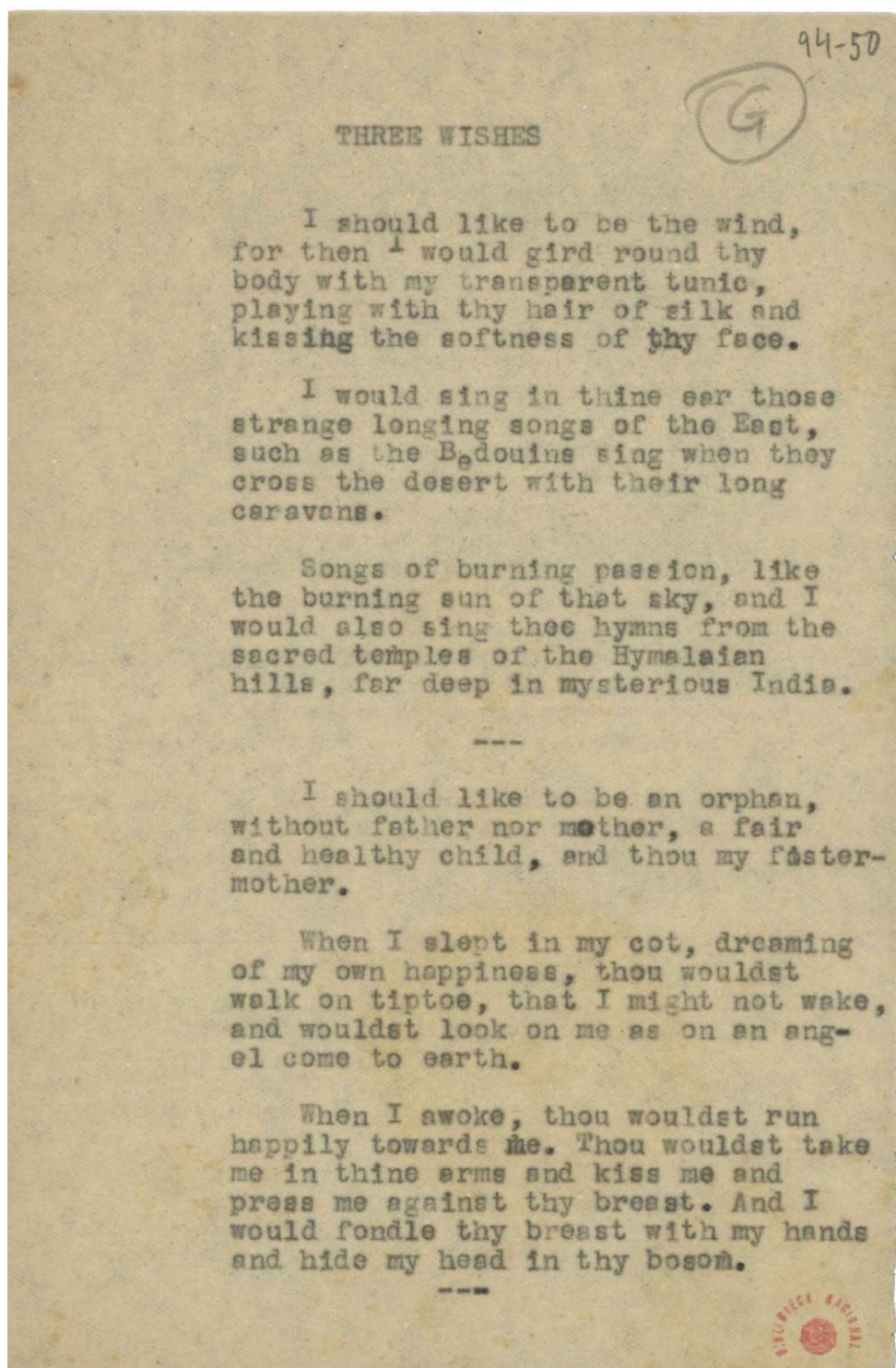
Hydrocortisone

E quando eu a mim mesmo pergunto no silencio e escuridão da noite, "Mas quem é esta mulher a quem eu amo tanto?", ouço alguém segredar-me no ouvido esquerdo, "É a visão da tua imaginação!", e outrem no ouvido direito, "É a mulher dos teus sonhos!"

Qual dos dois tem razão, nem eu mesmo sei...



22. Poema em prosa existente no espólio pessoal, da presumível autoria de Alberto da Cunha Dias (BNP/E3, 94-49^r).



23. Tradução do poema em prosa anterior, primeira parte (BNP/E3, 94-50^r).

(2)

I should like to be a dove whom
thou shouldst love deeply, and my dove-
cot would be one of ~~xxx~~ thy rooms.

As soon as thou wakedst, thou
wouldst come to me; I would settle on
thy left hand, stretched out to me
by thee, and thou wouldst caress me
with thy right hand.

Bringing me near to thy mouth, I
would put my beak between the Orient
ruby of thy lips, and I would drink
thy mouth's sweet water as the bee
drinks the nectar of the flowers.

And, when I ask myself in the si-
lence of the night, in the darkness
before the dawn, "Who is this woman I
love so much?", I hear a voice say to
me from the left, "It is the vision
of thine imagination", and a voice
from the right, "It is the woman of
thy dream". And I myself know not
which voice speaks the truth to me.

24. Tradução do poema em prosa anterior, segunda parte (BNP/E3, 94-50^v).

94-53

Ha uma ancia, uma loucura, em cruzar nos
aviões o mar.

Eu cruzo os mares e o mundo inteiro nas
leves asas do meu pensamento.

Vejo Neptuno, espumando de raiva, formar
altas montanhas e vales profundos, rugindo, solu-
gando como um leão ferido.

Vejo a Índia misteriosa, berço da civili-
zação humana - virgens florestas, tigres, leões,
elefantes, enormes giboias, e uma infinidade de ou-
tros animais ferozes.

Vejo grandes cidades do mundo inteiro,
com deboches, luxuria e orgias.

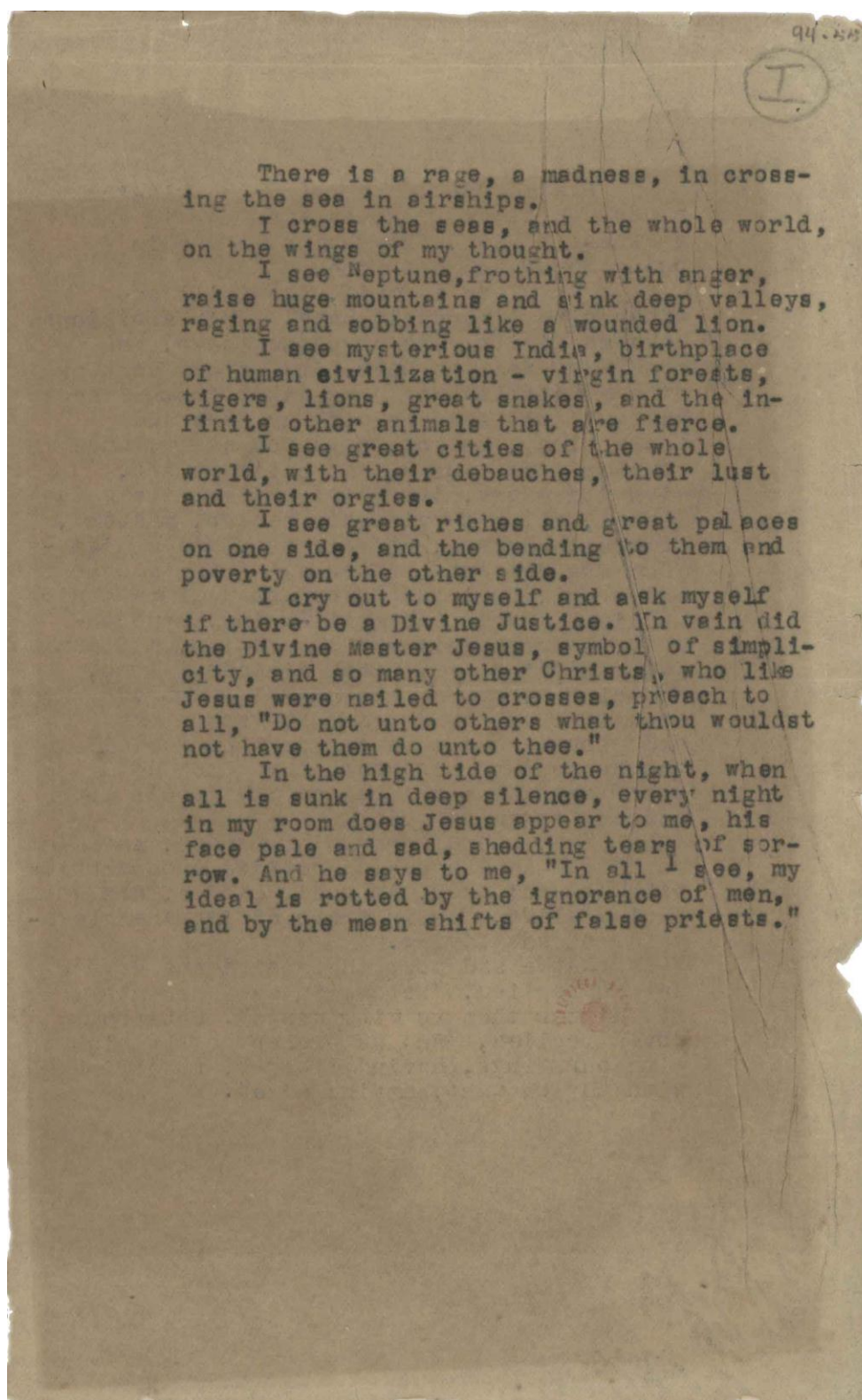
Vejo abundantes riquezas, e sumptuosos
palacios, dum lado, e infame exploração e extrema
miseria doutro.

mesmo
Exclamando, pergunto a mim/se ha justiça
divina. Em vão o divino Mestre Jesus, simbolo da
simplicidade, e outros tantos Cristos que, como
Jesus, fôram pregados na cruz, pregarão: "não faças
aos outros o que não queres que te façam a ti."

Alta hora da noite, quando tudo está imer-
so em profundo silêncio, todas as noites no meu
quarto escuro me aparece Jesus, com a face pálida
e triste, vertendo lágrimas de dor, exclamando:
"Ah, o que ~~ixam~~ vejo! O meu ideal está deturpado
pela ignorancia dos homens e a mesquinha explora-
ção de falsos sacerdotes."



25. Poema em prosa existente no espólio pessoano, da presumível autoria
de Alberto da Cunha Dias (BNP/E3, 94-53^r).



26. Tradução do poema em prosa anterior (BNP/E3, 94-55^r).

Sebastianismo e Quinto Império: o nacionalismo pessoano à luz de um novo *corpus*

Jorge Uribe* e Pedro Sepúlveda**

Palavras-chave

Nacionalismo Místico, Fernando Pessoa, Mito, Sebastianismo, Quinto Império, Edição

Resumo

Partindo dos materiais disponibilizados na recente edição *Sebastianismo e Quinto Império* (Ática, 2011), propõe-se uma leitura dos textos pessoanos que se debruçam sobre o autoproclamado «nacionalismo mystico» do autor de *Mensagem*. O trabalho no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal e na Biblioteca Particular do poeta à guarda Casa Fernando Pessoa permite novas abordagens deste assunto, frequentemente considerado marginal. A temática vê-se integrada nas questões centrais da obra, nomeadamente o fenómeno da proliferação da escrita através de autores ficcionais.

Tendo por base uma nova organização dos textos que toma em consideração as suas características materiais, o artigo apresenta um comentário sobre o modo como Pessoa abordou progressivamente o mito da identidade nacional. Esta abordagem revela paralelos com outros tipos de escrita pessoana, remetendo ainda que não necessariamente para uma unidade absoluta pelo menos para traços comuns que permitem entender melhor facetas vistas amiúde como incompatíveis.

Keywords

Mystical Nationalism, Fernando Pessoa, Myth, Sebastianism, Fifth Empire, Edition

Abstract

Based on the materials made available in the recently edited book *Sebastianismo e Quinto Império* (Ática, 2011), this article proposes a reading of Pessoa's texts concerning the self-proclaimed «mystical nationalism» of the author of *Mensagem*. The study of the archive at the Portuguese National Library and of the Private Library of the poet located in Casa Fernando Pessoa allows for new approaches on this subject, frequently considered as marginal. The topic is seen as integrated in the central issues of Pessoa's works, namely the phenomenon of a proliferation of writing through fictional authors.

Through a new organization of the texts that takes into account their material characteristics, the article presents a comment on Pessoa's progressive approach of the myth of national identity. This approach shows parallels with other types of writing in Pessoa's works, referring even if not necessarily to an absolute unity at least to common features that would allow better understanding of different facets often regarded as incompatible.

* Universidade de Lisboa.

** Universidade Nova de Lisboa.

Libertar a metaphysica da sua ambição de attingir a verdade, que, ou é inattingivel de todo, ou só attingivel pela sciencia, ou talvez só pela /religião/. Integrar, pois, a metaphysica na literatura, fazendo da construcção de mysterios philosophicos uma forma de arte, um entretenimento superior do espirito, do espirito literario sobretudo.

Fernando Pessoa, *Sebastianismo e Quinto Império*, t. 21¹

Em 1979, um cuidadoso levantamento de documentos do espólio de Fernando Pessoa (BNP/E3)² associados ao tema da nacionalidade portuguesa, realizado por Maria Isabel Rocheta e Paula Morão, adquiriu a forma de livro sob a coordenação de Joel Serrão. Este livro, intitulado *Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*, publicado pela Ática, foi o segundo tomo de uma tríade – constituída ainda por *Da República* (1978) e *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política* (1980) – e trouxe ao conhecimento do público uma noção mais ampla da escrita pessoana dedicada a Portugal, no âmbito da qual são tratados assuntos políticos, históricos, religiosos e também, ainda que não sempre de forma explícita, questões de índole estética. Estes três livros foram tanto uma importante contribuição para o discernimento do pensamento político de Pessoa, fortemente associado a uma reflexão de cariz nacional, como a maior fonte de conhecimento, na altura, de um tipo de prosa pessoana cuja necessidade de ingerência sobre o leitor é constitutiva da própria escrita. Em *Sobre Portugal*, se bem que o objectivo da edição seja mais abrangente, o interesse de Pessoa pelos mitos do sebastianismo e do Quinto Império apresenta-se não como assunto acessório à configuração de um pensamento nacional mas precisamente como o ponto de partida sobre o qual o poeta projecta o seu labor de transformador da nação. Após este primeiro acontecimento editorial, muitas outras páginas sobre o sebastianismo e o Quinto Império vieram a ser publicadas em diversas edições que, organizadas por critérios temáticos ou apresentando visões panorâmicas dos documentos inéditos do espólio, fizeram crescer o número de documentos editados nos quais Pessoa trabalhou as questões do sebastianismo e do Quinto Império como motivos fundamentais da sua mundividência.

A impossibilidade de fazer uma edição única à qual um texto pessoano, inacabado ou elaborado quase que espasmodicamente, *naturalmente* pertença, é uma condição com a qual tanto os editores como os leitores da obra têm de conviver, por este facto, em lugar de ter de ser tomado como uma dificuldade de leitura, ser um traço característico da obra, consequência directa da multiplicidade de registos nos quais Pessoa escrevia, tanto sob o seu nome, como sob os nomes

¹ Os textos que integram a edição *Sebastianismo e Quinto Império* serão referidos neste artigo com a abreviatura *t.* e o número do texto correspondente à organização do livro.

² Utilizamos a abreviatura BNP/E3 para referir o espólio número 3 da Biblioteca Nacional de Portugal, que contém a maior parte dos documentos deixados pelo poeta e CFP para referir os livros que constituem a sua Biblioteca Particular à guarda da Casa Fernando Pessoa.

dos autores criados por ele próprio ou ainda sem uma autoria definida. De aqui se depreende que muitos textos que foram editados em *Sobre Portugal* tenham sido reeditados em contextos diametralmente diferentes. Dizer que um texto é sobre sebastianismo e/ou o Quinto Império implica poder estabelecer relações entre textos que Pessoa designou explicitamente como dedicados a tais assuntos e outros que, embora pertençam a projectos de outra índole, tocam o assunto de um modo tangencial.

Trinta e dois anos após a publicação de *Sobre Portugal*, a Ática apresenta uma nova edição, desta vez dedicada exclusivamente ao sebastianismo e ao Quinto Império. Neste livro, *Sebastianismo e Quinto Império* (2011), são reeditados vinte e três dos textos que foram publicados pela primeira vez em 1979, outros trinta e cinco publicados de forma dispersa em diferentes edições,³ e são transcritos e organizados quarenta e três textos inéditos. Com base nas novas tecnologias, subsequentes à digitalização do espólio pessoano, são incluídas melhorias significativas na leitura dos documentos e na colação de materiais dispersos. A elaboração de uma edição dedicada ao sebastianismo e o Quinto Império passou pelo acto de, partindo de elementos que permitem situar os textos cronologicamente,⁴ historiar o percurso que estas temáticas tiveram no conhecimento público da obra de Pessoa, incluindo os textos que o próprio Pessoa publicou em vida em jornais e revistas, procurando dar uma visão tão completa quanto possível do conteúdo do espólio pessoano relacionado com essa parte que desde 1979 se vislumbrava para os leitores como fundamental no plano mais abrangente da obra, como aliás já indiciava o facto de *Mensagem* ter sido o único livro em português que Pessoa publicou.

A nova edição inclui dois anexos que visam apresentar uma visão mais completa da escrita pessoana, não por meio da intenção editorial de completar os textos inconclusos, mas pela concentração nos processos de escrita. O primeiro anexo é uma apresentação de materiais preparatórios de textos publicados por Pessoa em vida, que permitem ao leitor indagar sobre a forma como o poeta procedia e como chegava, ainda que não necessariamente a uma versão definitiva, à conclusão de que um texto estaria pronto para publicação. O segundo é dedicado

³ Em Anexo apresentamos a lista de referências da primeira publicação dos cinquenta e oito textos que já tinham sido editados anteriormente.

⁴ Datar um texto do espólio implica a possibilidade de estabelecer relações entre um documento e outros elementos constitutivos do mesmo espólio, entre os quais se destacam textos com características materiais semelhantes (tipo de papel, materiais de escrita, timbres e marcas de água, etc.) e reconstruir, pelo menos parcialmente, a história das intenções editoriais que o próprio Pessoa deixou inscritas abundantemente e em diversas épocas em múltiplas listas de projectos, planos de livros ou notas. O espólio é prolífico em datas, mas estas datas devem ser sempre consideradas criticamente e por esta razão cada nova edição de textos pessoanos deve trabalhar em estreita relação com as edições que a antecedem, aproveitando-se das hipóteses propostas pelos anteriores editores e instaurando um diálogo aberto com as mesmas.

a materiais bibliográficos, objecto e produto das pesquisas do próprio Pessoa, com a pretensão de integrar directamente os conhecimentos fornecidos por esse segundo espólio materializado na biblioteca particular do autor à guarda da Casa Fernando Pessoa (CFP).⁵ As leituras de Pessoa revelam-se nos seus textos sobre sebastianismo e o Quinto Império e a possibilidade de transportar o estudo da obra pessoana até às génese do próprio texto, precisamente a partir das leituras que o poeta realizava, conduz a uma proliferação de relações textuais que enriquece os dois pólos da relação, isto é, tanto os textos que Pessoa escreveu como os que leu. Através deste tipo de estudo, o propósito foi o de elaborar uma edição dos textos pessoanos sobre sebastianismo e Quinto Império que estivesse fortemente vinculada com o resto da obra do poeta, de modo a tornar evidente que a sua abordagem da nacionalidade não deve ser considerada um assunto marginal ou secundário, mas um exemplo nuclear da forma como Pessoa trabalhava sobre o que mais o interessava. O modo como Pessoa abordava estes dois mitos revela fortes paralelos com outros tipos de escrita pessoana, nomeadamente aquela que se funda na criação de autores ficcionais, remetendo ainda que não necessariamente para uma unidade pelo menos para traços comuns que permitem entender melhor facetas vistas amiúde como incompatíveis, desde logo pelos críticos da *presença* após a publicação de *Mensagem*. Sob estas considerações propomos uma reescrita da história dos textos de Pessoa sobre o tema, procurando que esta narrativa vá ao encontro de outras possíveis histórias da sua obra.

Um sebastianismo entre textos de intervenção e de estudo esotérico

Já em 1912, menos de uma década após o seu regresso a Lisboa, Fernando Pessoa começou a manifestar uma forte curiosidade pela possibilidade de discernir um conteúdo místico presente na noção de nacionalidade portuguesa. O rapaz criado em Durban, na África do Sul, de onde regressara definitivamente em 1905, deu início ao processo de se naturalizar português, tanto no que diz respeito à língua como no desenvolvimento de um sentimento de nacionalidade, isto é, na criação de uma noção de propriedade correspondente entre uma nação e um indivíduo. É datável de 1912 o primeiro plano de publicações que se encontra no espólio onde Pessoa refere o sapateiro profeta de Trancoso, Gonçalo Annes Bandarra, figura fundamental do imaginário sebastianista desde a morte de D. Sebastião.⁶ Do mesmo ano data a publicação dos seus três controversos artigos, na

⁵ A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, à guarda da Casa Fernando Pessoa, foi digitalizada entre 2008 e 2010 por uma equipa internacional e multidisciplinar coordenada por Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardiello. A maior parte do material digitalizado pode ser consultado no site <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt>

⁶ O projecto de escrever um livro sobre Bandarra e as suas trovas acompanhou Pessoa ao longo de um largo período de tempo, oscilando entre a ideia de uma edição das *Trovas do Bandarra* e de um *Comentário Maior às Profecias do Bandarra*, ambas documentadas em diversos planos e listas de

revista *A Águia*, núcleo da nova Renascença Portuguesa, sobre a nova poesia portuguesa.⁷ Nestes ensaios, Pessoa compara os desenvolvimentos literários da história de França e de Inglaterra, para concluir que é iminente a aparição em Portugal do primeiro autor que sem deixar de ser profundamente nacional seria irrevogavelmente universal. Pessoa chama a esta primeira personagem da sua obra publicada *supra-Camões* ou *Super-Camões*, seguindo uma noção de literatura que se define em termos de relação com a tradição que o iria acompanhar ao longo de toda a vida.⁸

Embora seja até 1912 que se pode remontar a pesquisa do interesse e das prováveis primeiras leituras que Pessoa realizou sobre o sebastianismo, o verdadeiro começo do exercício de escrita sobre o assunto tardaria ainda alguns anos. Um dos exemplos mais eloquentes sobre o estado de germinação deste interesse pessoano é a carta de 8 de Setembro de 1914 dirigida a José Pereira de Sampaio, mais conhecido como Sampaio Bruno e reputado erudito republicano, próximo da maçonaria. Pessoa escreve:

[...] sinto que me atrai o misterioso, e porventura importantíssimo, fenómeno nacional chamado o Sebastianismo.

Os livros de V. Ex.^a, – que conheço, são bússola que me manda a fazer de V. Ex.^a o meu norte nisto em perguntar em que livros poderei estudar esse fenómeno. Refiro-me não só à história do seu aparecimento e vida, como à sua íntima feição religiosa. Finalmente gostaria de saber se esse fenómeno tem análogos na história de outras nações.

(t. 1)

Nesta declaração, sincera ou aparente, de neófito que se apresenta perante o mestre, Pessoa aponta para duas características fundamentais do seu tratamento do tema sebastianista, que estariam na base dos seus futuros escritos: 1) a «íntima feição religiosa» e 2) a necessidade de estudar o assunto em termos transnacionais. O que estaria a manifestar-se nesta carta do jovem Pessoa é uma vontade de estudo da nação à qual pertencia por nascimento, da que foi afastado por casualidade, e à qual regressara com um sentimento de responsabilidade e pertença, como fica

projectos. Incluímos na edição alguns dos textos que estariam destinados a estes projectos, sempre nos casos em que é explícita a relação temática com o sebastianismo ou o Quinto Império (cf. t. 2, 12, 49 a 52, 75 e 76 e, sobre os projectos, “Introdução” em *Fernando Pessoa: Sebastianismo e Quinto Império*, 2011 e a nota ao t. 12).

⁷ Cf. “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” em *A Águia*, n.º 4, Abril de 1912, “Reincidindo” em *A Águia* n.º 5, Maio de 1912 e “A Nova Poesia Portuguesa No Seu Aspecto Psicológico” em *A Águia* n.º 9, Setembro de 1912.

⁸ Eduardo Lourenço relaciona estes termos com a ideia de superação, em moldes hegelianos, da tradição que remonta a Pascoaes e a Camões (cf. *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*, 2000, p. 105) Como o mesmo refere noutro lugar, esta «profecia megalomânica» está ainda associada a uma «disputa concreta com outra obra sobre que se apoia para a transcender ou lhe imprimir um desvio que inteiramente a desloca» (cf. “Pessoa e Camões”. In *Poesia e Metafísica*, 2002, p. 237).

fortemente vincado no artigo de *A Águia*, que o próprio Pessoa usa como apresentação pessoal na carta a Bruno. Quais poderiam ser os fins que motivariam Fernando Pessoa a abordar este estudo da nacionalidade portuguesa? Uma resposta a esta questão pode ser encontrada na carta a Armando Côrtes-Rodrigues, enviada a 19 de Janeiro de 1915, na qual Pessoa, que dois meses após a sua redacção seria uma figura comentada no cenário cultural de Lisboa pela sua colaboração na revista *Orpheu*, confessava ao seu amigo:

Passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e ess'outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insupportavel, de querer *épater*. [...] Porque a idéa patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propositos, avulta agora em mim; e não penso em fazer arte que não medite fazel-o para erguer alto o nome portuguez atravez do que eu consiga realizar. É uma consequencia de encarar a serio a arte e a vida. Outra attitude não pode ter para com a sua propria noção-do-dever quem olha religiosamente para o espectáculo triste e mysterioso do Mundo.⁹

Pessoa, que como director de *Orpheu* viria a fazer parte de um dos episódios mais chocantes da história cultural portuguesa, antecipava-se, numa consciência autocrítica, a qualquer acusação de querer simplesmente *épater*, apoiando-se numa reminiscência de um interesse nacional que, como o próprio afirma, teria sempre presente. Nesta carta, o mesmo aponta para a força da relação entre o indivíduo e a nação quando defende que as suas acções deveriam transformar e glorificar a pátria, aliando a estas um sentido de missão e encontrando nesta espécie de simbiose de identidades uma justificação para a sua obra literária. Este procedimento pode ser visto como possível explicação para a proximidade verificável entre a escrita pessoana sobre o sebastianismo e uma outra escrita à qual dedicara múltiplas páginas num período paralelo à agitação da primeira Grande Guerra, entre 1914 e 1918.

As primeiras descrições que Pessoa faz do sebastianismo quase que apontam para este no sentido de um *ismo*, isto é, de mais um entre o conjunto de planos de revoluções culturais fundadas em apreciações estéticas da realidade, que seriam expressas em manifestos e outros textos com carácter interventivo.¹⁰ Pessoa esboçou os planos para o paúlismo, o interseccionismo, o sensacionismo, o atlantismo e trabalhou intensamente num exercício de escrita semelhante com relação ao sebastianismo onde, em esboços, anunciou «A Renascença» deste (t. 3), fixou os seus «Princípios essenciaes» (t. 4) e explicou a sua «these» (t. 6). Pode, então, reconhecer-se um período que decorre entre 1914 e 1918, onde pelo menos três questões partilhavam o protagonismo na escrita pessoana e se enriqueciam de modo recíproco: 1) a criação dos *ismos* 2) a criação dos heterónimos e os múltiplos

⁹ *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009, p. 355.

¹⁰ Cf. t. 20 a 28 em *Sebastianismo e Quinto Império* e os múltiplos textos destinados a apresentar os *ismos* reunidos em *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009.

projectos de lançamento da obra de Alberto Caeiro e 3) o sebastianismo enquanto discurso messiânico nacional. Se os dois primeiros assuntos parecem manifestar o poder de dispersão que a obra de Fernando Pessoa inegavelmente tem, não é por um terceiro implicar uma concentração de forças que falaremos de uma unidade que se oponha à diversidade. Pelo contrário, o que se afigura como decisivo é entender como este movimento de concentração aparentemente contrário a uma dispersão acaba por contribuir para a configuração da obra como um todo, cuja história é possível traçar, ainda que neste procedimento nos tenhamos de confrontar com o desassossego das lacunas deixadas pelo autor ou pelo tempo.

Foram muitos os anos ao longo dos quais Pessoa escreveu sobre sebastianismo e D. Sebastião é um nome que aparece constantemente na sua obra, seja em poemas, seja como referência histórica ou simplesmente como *leitmotiv* de um tipo de escrita messiânica. Por esta razão, as repetições e o retorno, depois de vários anos, aos mesmos assuntos, poderiam parecer uma estagnação da criatividade pessoana, mas isto implicaria ignorar que é nas pequenas variantes na abordagem da temática que se desenha um desenvolvimento eloquente também com respeito a outras partes da obra. Pessoa reflecte constantemente sobre o sistema de categorização e hierarquização da sua obra, identificando os assuntos principais e subordinando a estes outros aspectos. Um destes movimentos de hierarquização pode ser reconhecido ao ver como o sebastianismo começa por ser um assunto que abrange o Quinto Império e acaba por estar subordinado a este último numa etapa de escrita cronologicamente posterior. Como objectivo necessário da nova edição da *Ática*, procurou-se ilustrar o passo da concentração na figura de D. Sebastião a um interesse crescente pelo mito do Quinto Império, isto é, esclarecer o modo como Pessoa cria uma inversão de hierarquias na relação entre os dois temas que estão, nos seus termos, naturalmente ligados.

Nos primeiros anos da escrita sebastianista, Pessoa refere o Quinto Império, o império definitivo e universal a ser alcançado após o regresso de D. Sebastião, apenas como resolução causal necessária e não como o objecto do seu discurso. Os textos de Pessoa de um primeiro período de escrita *sebástica* enfatizam figuras individuais, que desaparecem à medida que Pessoa se começa a concentrar na questão do Quinto Império. Nesta linha de ideias, pode referir-se o texto até agora inédito intitulado «*A Phase Mystica de Sidonio Paes*» (t. 30), associado a um conjunto de textos que Pessoa dedicou ao Presidente-Rei nos anos posteriores à sua morte:¹¹

[...] No terceiro periodo, que vae d'esse ponto vago á sua morte, elle não é já o Presidente Rei: é já, em esboço e adivinhamento, o preludio de qualquer outra cousa. Cahiu já sobre elle a antemanhã do Encoberto. Até alli elle fôra, primeiro, o concentrador das forças de reacção contra a tyrannia dos democraticos, forças, porém, nem sempre nobres, nem sempre altas, raras vezes patrioticas — mistura de indignação verdadeira, com baixa raiva, com germanophilia, com traição e insidia. [...]

¹¹ Cf. os textos reunidos em *Da República (1910-1935)*, 1978, pp. 229-267

A fase final, porém, por qualquer razão que não podemos medir, pol-o em contacto com cousas desconhecidas para o conhecimento exacto, cousas que pairam, indistinctas na alma da raça e são, na verdade, aquelle nevoeiro symbolico atravez do qual deve raiar o Encoberto.

(t. 30)

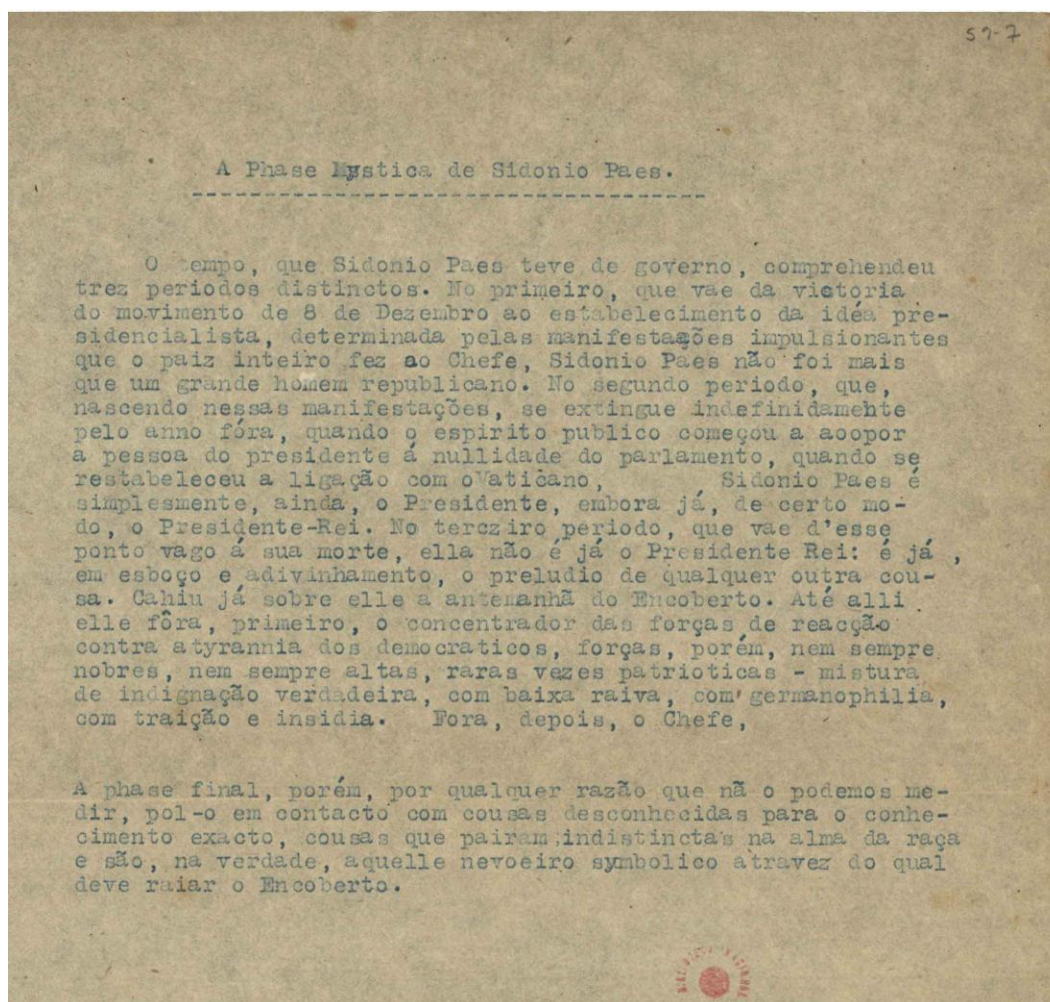


Fig. 1. BNP/E3, 59-7

Neste texto, Sidónio Pais é caracterizado como o «concentrador das forças», o indivíduo que materializa a vontade de um povo e incarna o mistério que lhe subjaz. É neste mesmo sentido que Pessoa descreve D. Sebastião, num texto que também é publicado na nova edição pela primeira vez:

É dentro de nós, em nós e por nosso esforço, que tem de vir, e virá, D. Sebastião. O Sebastianismo só é infecundo e estiolante quando o interpreto litteralmente, como a speranza da vinda exterior do Rei ido, vinda que, sem nosso exforço, milagrosamente nos haja de salvar. [...]

(t. 14)

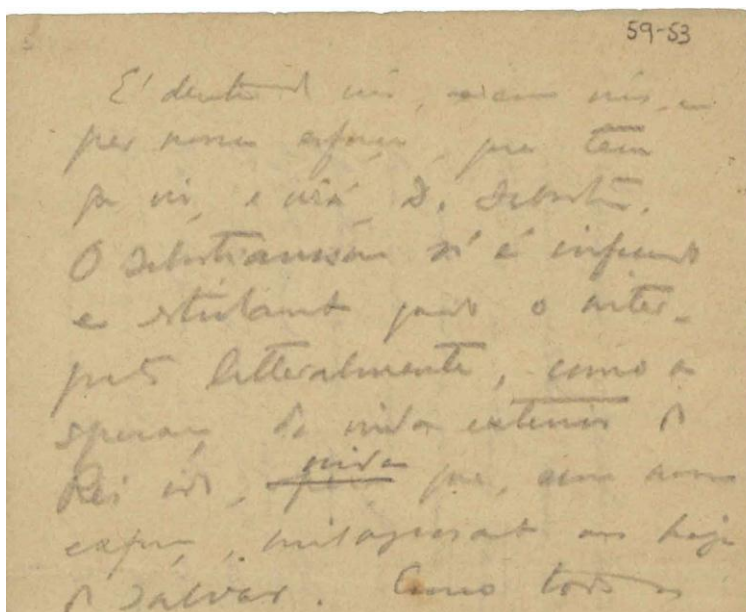


Fig. 2. BNP/E3, 59-53* (pormenor)

A preocupação em centralizar e concentrar as forças de uma época e de uma nação e sintetizar várias forças num só indivíduo a ser reincarnado é constante no discurso pessoano, nomeadamente em textos onde se defende que os *Homens de Génio*, apesar de naturalmente marginais ao seu tempo, seriam os melhores representantes da sua época¹². Pessoa esforça-se por caracterizar D. Sebastião enquanto sujeito que transcende a sua dimensão individual, adquirindo a posição de figura simbólica de uma história universal, num procedimento que vai ao encontro do seu crescente interesse pelo pensamento teosófico e esotérico, desde a segunda metade dos anos 10 até ao final da sua vida em 1935. Não surpreende, então, que o rei surja como membro de uma mesma família espiritual à qual pertencem Sócrates, Júlio César, Jesus de Nazaré e Jacques de Molay:

Socrates — 1. Denouncer 2. People 3. Justicers
 [Júlio] Caesar — 1. Friends 2. Popular enemies. 3. Executors
 [Jesus] of N[azareth] — 1. Judas 2. Jews 3. Romans
 [Jacques] de M[olay] — 1. Sq[ui]nn of Fl[oyran] 2. Clement 3. Philip
 D. Seb[astião] — 1. Ignorancia 2. Fanatis[mo] 3. Ambição

(t. 57)

¹² Cf. *Escritos sobre Génio e Loucura*, 2006, pp. 40-86 e, em especial, p. 63.

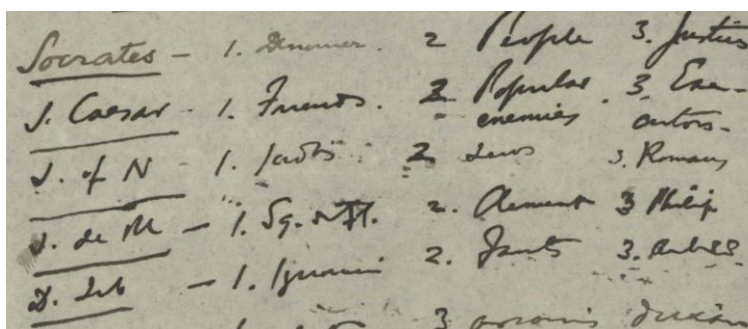


Fig. 3. BNP/E3, 125-85a^r (pormenor)

Pessoa cria assim um espectro de relações que se concentram no valor simbólico de figuras que habitam os cimentos da cultura europeia, inscrevendo o sebastianismo numa história universal com várias personagens.¹³ Numa reelaboração histórica com fins literários, figuras e factos históricos são relacionados com forças imateriais que os transcendem. É neste processo de mistificação de episódios históricos que Pessoa encontra sentido e material para a sua escrita, e vale a pena referir brevemente um caso particularmente expressivo, onde Pessoa constrói a história dos seus antecessores, elaborando uma versão mais ou menos privada da história portuguesa. Num texto onde é abordado o jesuitismo, a Companhia de Jesus (*Societatis Jesus*) é descrita como tendo nascido de uma acção directa de altas ordens e é apontada uma insuspeitada relação com outras associações secretas, às quais não se encontra associada numa visão oficial ou ortodoxa da história:

[Os mações] Reconhecem, de mais a mais, que, tendo a S[ocietatis] J[esus] sido fundada por uma Alta Ordem mais perfeita, tem uma organização mais perfeita, e uma outra disciplina superior ás da Maçonaria.

Fundados pela O[rden] [de] C[hristo] para a transmutação alchimica da Eg[reja] Catholica, os Jesuitas □

(t. 16)

¹³ Os nomes de personagens que habitam esta história universal que Pessoa constrói estão quase exclusivamente vinculados com o contexto europeu. Ainda assim, surgem esporadicamente algumas referências que parecem ampliar as fronteiras da noção de universal que Pessoa esboça, sendo comuns, nos textos de carácter esotérico, as referências a nomes de divindades da religião egípcia faraónica e à Índia budista, ainda que sob o espectro do colonialismo britânico (cf. as referências a Osíris, Hórus, Ísis e Buda em “Índice Onomástico”, *Sebastianismo e Quinto Império*, 2011). No âmbito da temática sebástica encontram-se ainda referências à cultura árabe. Em termos gerais, esta parece merecer a atenção de Pessoa por constituir um traço característico da Ibéria, contrastando com as outras potências europeias. Um exemplo que evidencia este tratamento da cultura árabe são os dois artigos publicados por Augusto Ferreira Gomes, naquele que parece ser um trabalho conjunto com Pessoa, dedicados ao rei-poeta de Al’Andalus Al’Mutamide (Cf. “Anexo I”, *Sebastianismo e Quinto Império*, 2011).

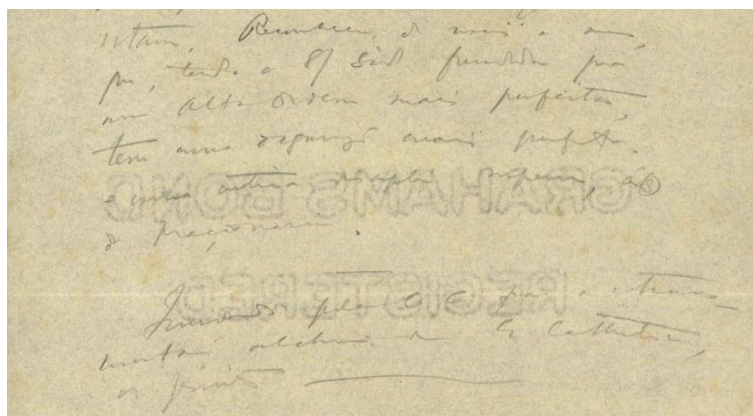


Fig. 4. BNP/E3, 53A-58^v (pormenor)

Se reflectirmos sobre o interesse que este tipo de afirmações pode ter para Pessoa, deve ser trazida a um primeiro plano a figura de António Vieira, pela qual Pessoa manifestou uma profunda admiração. Se foi a Ordem de Cristo que fundou a Companhia de Jesus – ainda que este procedimento não fique explicado no texto pessoano – e a Ordem de Cristo foi fundada pelo rei D. Dinis para proteger os membros da perseguida Ordem dos Templários em Portugal após a condenação do seu mestre Jacques de Molay, poderemos perceber mais claramente a designação que Pessoa atribui a António Vieira de um «Grão Mestre da Ordem Templaria de Portugal» (cf. t. 36). A partir destes dados, podemos igualmente entender melhor como Pessoa poderia afirmar, e com que implicações, num texto autobiográfico escrito no último ano da sua vida, que ele próprio teria sido «iniciado, por comunicação directa de Mestre a Discipulo, nos trez graus menores da (apparentemente extincta) Ordem Templaria de Portugal» (t. 37). Pessoa, como Vieira e Bandarra, assume a tarefa de profeta daquele Portugal idealizado ao qual quer pertencer:

Quando Antonio Vieira quiz basear em qualquer coisa a sua fé natural nos destinos superiores da Patria, que coisa foi o que encontrou? As prophcias desse sapateiro de Trancoso. Amou-as e as commentou o maior artista da nossa terra, o Grão Mestre, que foi, da Ordem Templaria de Portugal.

(t. 36)

Para elogiar Bandarra, Pessoa fala de Vieira, mas ao chamá-lo o Mestre da Ordem Templária aproveita para se referir a si próprio, enquanto iniciado na mesma ordem, e neste esquema de relações e de dinâmicas entre figuras históricas e mistificações das mesmas podemos também entender, ou pelo menos chamar com maior insistência a atenção sobre o facto de *Mensagem* ter uma parte intitulada *Os Avisos*, onde o primeiro poema possui o título *Bandarra*, o segundo *António Vieira* e o terceiro simplesmente *Terceiro*, referindo-se de maneira tácita à figura do autor do poema, isto é, ao próprio Fernando Pessoa, que pela sua escrita pretende refazer a história de Portugal em função dos seus próprios propósitos literários. É

deste modo que se pode constatar como a informação que estes textos albergam, ainda que sejam apenas esboços de livros e de ensaios nunca escritos, ou nunca concluídos, é parte integrante e activa dentro de uma concepção mais abrangente do que é a obra pessoana.¹⁴

O Quinto Império como lugar da resolução profética

Pessoa leitor de António Vieira herdaria muito mais do que o nome da ordem que o jesuíta supostamente liderava. Na forte relação que o poeta modernista queria construir com o seu pretendido antecessor pode também encontrar-se uma das razões que terão conduzido a uma mudança da concentração no sebastianismo para o mais abrangente mito do Quinto Império como objecto principal do discurso. Vieira não foi um sebastianista, de facto boa parte dos seus textos referem-se em termos negativos e displicentes a esse pensamento, que colocava em causa os interesses da casa de Bragança, protectora dos Jesuítas. Os seus dois textos sobre o destino de Portugal – *Esperanças de Portugal. Quinto Império do Mundo* e os esboços da *História do Futuro* – tratam amplamente a questão de como o rei D. João IV havia de ser fundamental para a concretização do Quinto Império, ainda que para fazê-lo tivesse de ser ressuscitado de entre os mortos.¹⁵ Não obstante não ser D. Sebastião o protagonista da história de Vieira, o objecto principal da sua erudição na *História do Futuro* consiste em expor como a progressão dos impérios que correspondem aos quatro anteriores (Babilónia/Assírio, Medo-Persa, Grécia e Roma) anuncia as razões pelas quais o Quinto só pode corresponder a Portugal e não a outro candidato, menos improvável, como por exemplo a Espanha de Filipe VI ou de Carlos II. Pessoa retoma esta tarefa de interpretação profética nos mesmos termos que Vieira, com a mudança substancial de não ser Espanha o seu concorrente directo na atribuição das glórias futuras mas o inegável Império Inglês, do qual ele próprio era testemunha directa e até certo ponto produto. Com este propósito, Pessoa escreveu múltiplos textos que têm permanecido inéditos até hoje, sendo o exemplo mais significativo um ensaio de vinte e uma páginas manuscritas onde aborda a questão

¹⁴ Numa linha argumentativa semelhante com a deste raciocínio, Richard Zenith apresentou alguns aspectos da relação literária que Pessoa desejou construir entre ele próprio e o Jesuíta: «António Vieira é o imperador do *Portugal* que Pessoa idealizou – um Portugal vocacionado para encabeçar o Quinto Império espiritual/poético/gramático – e também imperador do Portugal que Pessoa escreveu, mudando o título para Mensagem quando o livro já estava no prelo. De certa forma, os dois “Portugal” – o país inclinado à poesia e o livro-poema publicado em 1934 – são uma e a mesma entidade no pensamento de Pessoa» (“António Vieira, Imperador do Portugal pessoano”, em *Pessoa, Revista de Ideias*. Nº 3. Casa Fernando Pessoa, Junho de 2011, p. 40).

¹⁵ António Vieira, “*Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo. Primeira e segunda vida de El-Rei D. João IV, escritas por Gonçalo Eanes Bandarra*” em *Obras Escolhidas v. 6*. Edição de António Sérgio e Hernâni Cidade. Lisboa: Sá da Costa, 1952.

de forma detalhada, fazendo todas as interpretações do sonho de Nabucodonosor, descrito no livro de Daniel, que considera possíveis, e aceitando que o Quinto Império tem vários níveis de interpretação:

II.

Toda prophecia tem, por uma regra cujo fundamento não vem ao proposito indicar, trez interpretações diferentes, cada uma em seu nivel, e todas ellas verdadeiras, cada qual no nivel que é seu. É o que se representa simbolicamente pelos trez pés da tripeça.

No caso de uma prophecia ampla e profunda, como a que se contém no sonho de N[abuchadnezar], a tripla interpretação é — material, espiritual e divina. Segundo as trez principaes ordens do ser manifestado, ou, se se preferir, os trez planos do mundo manifesto.

A interpretação de Daniel é a material, e assim começa, directa e immediatamente, no mesmo rei que sonhara o sonho. Daniel, porém, não definiu o que seriam os quatro imperios que se seguiriam ao do rei, [64^r] que o era da Babylonia. Não fez mais que dizer que as quatro divisões da figura representavam imperios, e que o primeiro, o de ouro, a cabeça, significava o de N[abuchadnezar]. Dito isto, tudo mais segue /corollariamente/, salvo a indicação de que a pedra, que, extranha e opposta á figura, a destroe, é um imperio tambem — o Quinto Imperio.

(t. 61)

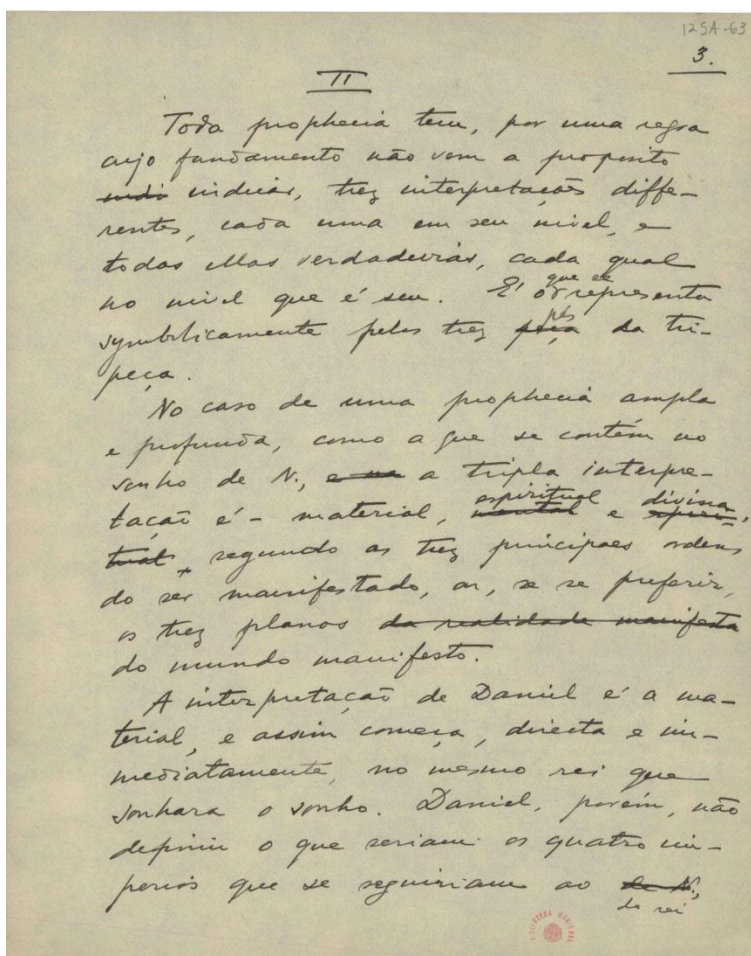


Fig. 5. BNP/E3, 125A-63^r

Pessoa faz um espantoso exercício de permutas históricas e de análises, mais ou menos rigorosas, sobre o que considera ser a evolução do pensamento europeu, apontando sempre para o seu interesse em erigir Portugal como a nação onde se consumará o Quinto Império. Para conseguir os seus fins deve actualizar a atribuição dos impérios que anteriormente fora adoptada por Vieira, Camões e por outras figuras de relevo da história intelectual portuguesa e justificar a sua atribuição. Pessoa distingue três planos de interpretação da profecia de Daniel e escolhe aquele que considera o mais pertinente para atingir os seus propósitos interpretativos:

No plano material, que é o que se tem supposto até agora ser o unico, os quatro Imperios que precedem o Quinto são os de □, de □, de Grecia, de Roma; o Quinto será o europeu, de sorte que nesta interpretação a prophesia está consummada. Estamos já, segundo ella, no Quinto Imperio.

No plano intellectual, como o reino da Intelligencia começa só com a Grecia, onde nasceu o espirito critico, que é o em que a intelligencia se define, os quatro imperios são o grego, o romano, o cristão ou medieval, o europeu, e ainda falta o quinto, que deverá ser o Universal.

Na ordem espiritual, como o dominio do espirito verdadeiramente começou com os egypcios, os trez primeiros imperios são o de Osiris, o de Baccho, e o de Christo, em que estamos, devendo notar-se que, entendidos em certo modo, estes trez Deuses são trez fórmulas do mesmo Deus. Faltam-nos ainda dois magnos imperios até á consummação dos tempos e cessação de ser necessario o mundo.

O sentido em que tomaremos particularmente as prophcias aqui expressas é o segundo, pois o primeiro está extincto, o terceiro muito longe na sua consummação.

(t. 56)

Dito isto, o passo seguinte está em mostrar como Portugal poderá encontrar o seu lugar dentro deste sistema. Neste procedimento, Pessoa concentra-se constantemente na descrição do que entende por Quinto Império e esboça várias definições do mesmo, sem que seja evidente que se decida por uma em particular, ainda que em todas seja possível reconhecer os traços fundamentais nos quais assenta uma relação directa entre a questão do Quinto Império, o problema da identidade e esse princípio poético que Pessoa expressou sob o nome de Álvaro de Campos: «Sentir tudo de todas as maneiras»:¹⁶

Assim temos que no Quinto Imperio haverá a reunião das duas forças separadas ha muito, mas de ha muito approximando-se: o lado esquerdo da sabedoria – ou seja a sciencia, o raciocinio, a speculação intellectual; e o seu lado direito – ou seja o conhecimento occulto, a intuição, a speculação mystica e kabbalistica.

(t. 51)

¹⁶ Cf. “A Passagem das Horas”. *Poemas de Álvaro de Campos*, 1990, pp. 94 a 113 e *Álvaro de Campos. Poesia*, 2002, pp. 191 a 215.

No Quinto Império que Pessoa pretende poderão reunir-se precisamente essas duas tendências aparentemente opostas, que já se manifestavam claramente nos seus textos sobre sebastianismo, onde a intervenção social se apoiava, ou pretendia pelo menos invocar como base uma linguagem sociológica que impregnara de cientismo a vontade de transformar a sociedade e se encontrava constantemente sobreposta a essa sedução hermética das múltiplas interpretações, na procura de um vínculo secreto que une todas as coisas. Pessoa fazia assim do seu Quinto Império, Portugal, a nação onde ele próprio teria lugar, ou, como já formulou Jacinto do Prado Coelho, quando em 1964 foram publicados os primeiros textos sobre esta questão: «Pessoa propõe a Portugal, sua criatura, a aventura espiritual em que ele próprio se empenhou», «o Quinto Império em que todos os Portugueses, segundo o poeta, deveriam colaborar assemelha-se estranhamente ao que ele próprio empreende pelo desdobramento nos heterónimos [...]».¹⁷ Se a criação de heterónimos pode ser entendida como resposta estética às limitações próprias das possibilidades expressivas de um indivíduo, criando um espaço de encontro entre posições divergentes que se tornam complementares, o Quinto Império é apresentado como resolução harmoniosa da história das oposições nacionais. A nação, pensada analogicamente como um indivíduo alargado¹⁸, ocupa o seu papel essencial numa escrita pessoana que pretende libertar-se da sua individualidade para se inscrever numa história universal por meio da linguagem profética:

A vida humana é feita de esperança, e porisso a vida das nações, que é a vida humana maior, é feita de prophcias.

(t. 59)

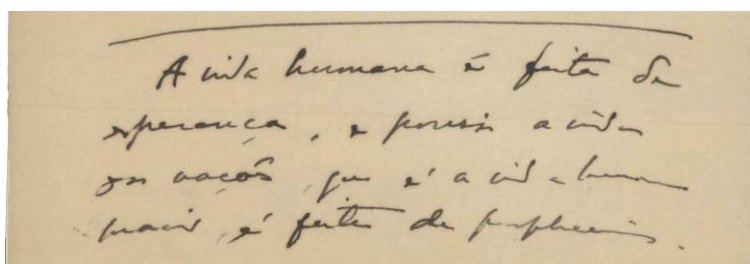


Fig. 6. BNP/E3, 125A-51^r (pormenor)

É precisamente neste sentido que numa última fase da prosa pessoana que aborda a questão do destino nacional o principal objectivo que parece reger os projectos de livros de Pessoa é o da criação das condições necessárias que

¹⁷ Cf. “O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa”, em *Colóquio Artes e Letras*, n.º 31. Lisboa: Dezembro de 1964, p. 56

¹⁸ A analogia entre as descrições de um indivíduo e da nação, ambos pensados enquanto organismo, e a caracterização dos heterónimos como individualidades autónomas foi analisada por Humberto Brito, tendo como ponto de partida os textos de Pessoa sobre a Ibéria (cf. “The Iberian Problem”, 2011, texto cedido pelo autor).

permitam a transformação do Portugal real nesse desejado Quinto Império. Esta seria pelo menos uma das consequências do processo de auto-proclamação por parte de Pessoa como homem de génio, pois se os seus objectivos fossem alcançados seria precisamente na medida em que as condições necessárias para a concretização do Quinto Império teriam sido cumpridas, sendo a sua função a de reconhecer estas condições e responder a elas:

Um volume: *O Quinto Império*.

Creação do sentido mystico da nacionalidade (isto os Homens de Genio é que podem fazer)

1. (a) Creação do sentido mystico da nacionalidade (directamente)
- (b) Creação do orgulho nacional (indirectamente)
- (c) Creação da Cultura propriamente portugueza (ambos)

(t. 60)

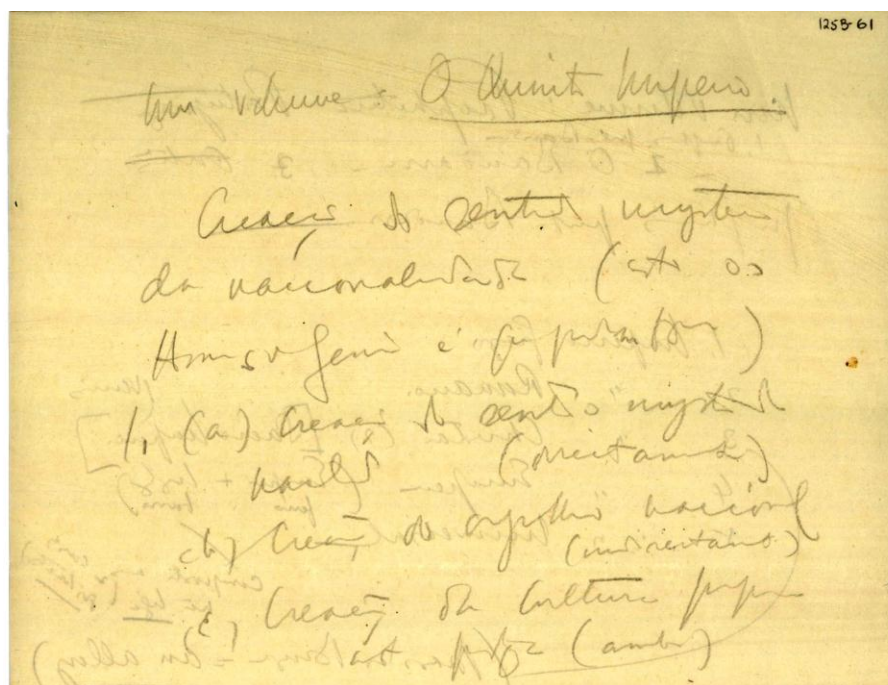


Fig. 7. BNP/E3, 125B-61' (pormenor)

Este propósito de estabelecer as condições necessárias para o desenvolvimento de Portugal, como nação definitiva de uma história sincrética das civilizações, pode ser reconhecido em vários períodos da escrita pessoana e ilumina a compreensão de múltiplos textos que, no final da sua vida, Pessoa pretendia finalmente organizar em forma de livro, reunindo e apresentando ao público alguns dos milhares de papéis que tinha armazenado na sua arca ou deixado dispersos em colaborações ocasionais em jornais e revistas. Um importante conjunto de textos deveria ser publicado, segundo um plano tardio, sob

o signo desse alto fim que o próprio reconhecia como a «criação do sentido mystico da nacionalidade»:

Quinto Imperio.

Primeiro Aviso.

1. Entrevista com Antonio Alves Martins.
2. Resposta ao Inquerito de Augusto da Costa.
3. Prefacio ao Q[uinto] I[mperio], de Ferreira Gomes.
4. O Quinto Imperio.
5. O Imperio Portuguez.

Com um breve prefacio
Publico neste livro cinco

Omitto neste os commentarios de Augusto da Costa, poisque são d'elle e não meus.

1. Resposta a um pequeno inquerito.
2. Resposta a um grande inquerito.
3. Prefacio a um livro prophetico.
4. O Quinto Imperio.
5. O Imperio Portuguez.

(t. 81)

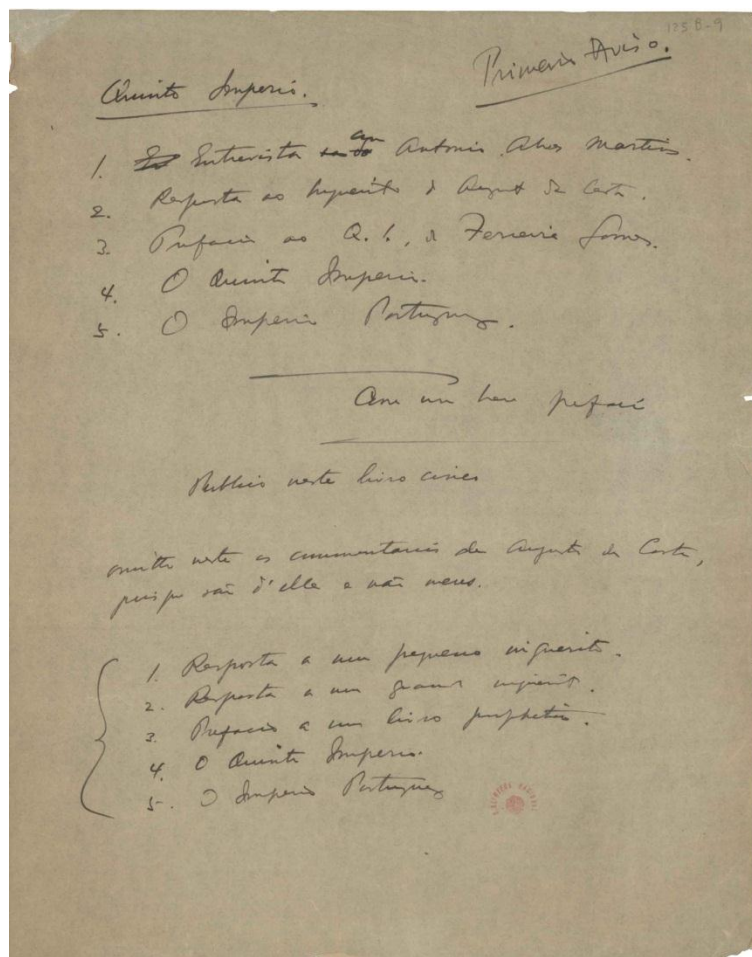


Fig. 8. BNP/E3, 125B-9^r

Neste plano de publicação, datável de 1934 ou 1935, Pessoa projecta um livro, sob o título de *Quinto Império*, que reúne três textos que tinha publicado dispersamente num espectro temporal de quase doze anos. O primeiro é a entrevista com António Alves Martins publicada em 1923 (t. 82), o segundo a resposta ao inquérito *Portugal, Vasto Império* publicada pela primeira vez em 1926 (t. 83) e o terceiro o prefácio ao livro de Augusto Ferreira Gomes, publicado em 1934 (t. 84). A estes textos, Pessoa acrescentaria mais dois conjuntos que com certeza seriam reelaborações dos esboços que durante anos tinha arquivado na sua arca. A este produto final acrescentaria o subtítulo *Primeiro Aviso*, possivelmente com a humildade de quem aceita que o seu sonho não viria a realizar-se em tempo de vida e se conforma em ter contribuído como arauto profético do que se empenhou em realizar. Numa interpretação mais ambiciosa, porém, diríamos que a palavra *aviso* deve ser interpretada à luz de um outro momento em que Pessoa a utiliza e que esta ocorrência é uma referência directa à sua própria obra, que não deixa de ser um modo de fortalecer os termos nos quais o próprio estabelece a relação entre si e a nação Portugal, no seu ambicionado percurso comum com vista à imortalidade.

*

Quando, em 1929, João Gaspar Simões escreveu a primeira análise publicada em livro da obra de Fernando Pessoa, sob o título *Temas*, Pessoa teve o gesto amável do criador que responde em carta de agradecimento ao crítico que o reconhecia como poeta de importância definitiva para as letras portuguesas. A carta que foi efectivamente enviada é simplesmente lacónica, poderia até dizer-se desinteressada. A verdade é que o espólio de Pessoa guarda um esboço da mesma carta, datada de 30 de Setembro de 1929, onde o breve agradecimento da versão que foi efectivamente enviada se encontra radicalmente modificado e passa por uma confessada comoção, como pode ler-se numa das passagens que Pessoa autocensurou na versão que Gaspar Simões chegou a ler: «o seu estudo foi o primeiro aviso, que me a Sorte concedeu, da vigilância dos Deuses por aqueles que os reconhecem com a substância da alma».¹⁹ O motivo da autocensura de Pessoa pode dar azo a muitas hipóteses, mas é difícil não reconhecer que se Pessoa tivesse enviado a carta a Gaspar Simões estaria igualmente a fazer-lhe um grande elogio, reconhecendo-o como o crítico adequado da grande obra que comenta. Este reconhecimento estaria em contraposição com as constantes correcções que Pessoa fez às interpretações de Simões, particularmente as de índole freudiana, nos anos seguintes, e ao constante trato sóbrio que o poeta manteve com os seus compatriotas da geração presencista. Dizer que Gaspar Simões é uma manifestação da vontade dos deuses e uma espécie de profeta da glória da obra pessoana parece

¹⁹ Cf. *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, 1998, p. 276

uma afirmação que não se espera de um estudioso contemporâneo da obra e que muito menos se esperaria que proviesse do próprio Fernando Pessoa. O que é interessante é ver como Pessoa não tem nenhum reparo em fixar essa mesma relação harmoniosa entre o crítico e o seu objecto quando este objecto é Portugal. É neste caso que Pessoa, ele sim, se figura como um «aviso» «da vigilância dos Deuses». Pessoa define-se não só como um promulgador do destino de glorioso de Portugal mas como uma prova concreta de que esse destino existe e se manifesta. *Mensagem* fixa esta relação, na sua secção intitulada *Os avisos*, e se bem que o seu caso não seja o primeiro, esse poeta anónimo a que alude o terceiro poema, continuador da acção inaugurada por Bandarra e prosseguida por Vieira, é a actualização de uma aliança entre a nação e a glória que lhe teria sido prometida.

Considerações Finais

A análise da história da escrita pessoana sobre sebastianismo e o Quinto Império mostra como ambos são aspectos ou facetas de uma mesma problemática, constituindo a dimensão mítica sobre a qual assenta essencialmente a sua escrita sobre nacionalidade. Seja tendo como objecto a figura messiânica do rei D. Sebastião ou a idealização do lugar onde se veria consumada a história de Portugal, Pessoa segue o mesmo preceito de um «creador de mythos», que seria «o mysterio mais alto que pode obrar alguém da humanidade».²⁰ É interessante verificar como os primeiros textos de Pessoa se centram na figura e os últimos no lugar onde se viriam consumadas as profecias, sendo que em ambos os casos estes visam uma temática global, não se ocupando exclusivamente de uma das suas facetas. A concentração dos últimos textos no Quinto Império implica a relação com uma tradição profética mais ampla, indo de encontro a um cosmopolitismo que Pessoa sempre reivindicou.

Na necessidade de justificar, perante Adolfo Casais Monteiro, o facto de *Mensagem* ter sido o seu primeiro livro publicado – para além dos *Poemas Ingleses*, aos quais confere o estatuto de meros «folhetos» – Pessoa define-se como um «nacionalista mystico» e um «sebastianista racional», ainda que seja «àparte isso, e até em contradicção com isso, muitas outras coisas».²¹ Esta necessidade de justificação perante o grupo da *presença*, que colocando em causa o valor de *Mensagem* se mostra mais interessado na obra dos heterónimos, como se a valorização de uma parte implicasse a sua oposição em relação à outra, terá pesado numa visão bastante difundida entre a crítica de que só uma radical heterogeneidade da obra de Pessoa poderia explicar a coexistência de facetas tão díspares como a escrita sobre sebastianismo e o Quinto Império e aquela que

²⁰ «Aspectos», em *Livro do Desasocego*, 2010, p. 446.

²¹ Cf. a carta a Adolfo Casais Monteiro de 13/1/1935, em *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, 1998, p. 251.

depende da criação de autores ficcionais. Esta visão vê-se frequentemente apoiada numa leitura muito precipitada desta e de outras passagens das cartas de Pessoa aos directores da *presença*. Vendo-se solicitado a justificar-se perante facetas da obra aparentemente tão diferentes – é em especial Casais Monteiro quem se confessa a este respeito surpreendido²² –, numa época de difusão de um nacionalismo político que Pessoa não apoiava, o seu emprego destas duas expressões definidoras confere-lhes, como notou José Augusto Seabra, «uma acepção que, pela sua própria contradição nos termos – pela sua *coincidentia oppositorum* –, transcende qualquer significação referencial, política ou histórica».²³ Centrando o seu pensamento sobre a nacionalidade no domínio do mito, Pessoa é plenamente consciente do seu cunho ficcional e que transcende uma factualidade histórica e sociopolítica.

Note-se como, segundo a citada definição de si próprio, Pessoa recorre a uma formulação a respeito do possível carácter contraditório da obra que aponta para o mesmo como possibilidade decorrente da diferença entre as obras, mas não como motivo fundador das mesmas. Analisando especificamente o caso de *Mensagem*, Onésimo Almeida defende que «[a] concepção do mito da greve geral exposta por [Georges Sorel] no seu *Réflexions sur la Violence* constituiria o pilar fundamental da visão que Fernando Pessoa possuía do papel do poeta e da poesia como mensageira do mito e mobilizadora do espírito das pessoas, único processo de actuação sobre a transformação da mentalidade portuguesa, da busca de saída do pessimismo inactivo [...] Era assim o “Sebastianismo racional” de que falava o próprio Fernando Pessoa, consciente do carácter de *fabricado* desse mito, mas ciente e convicto da operosidade do mesmo sobre as pessoas [...]».²⁴ Seguindo esta noção, Pessoa teria consciência da utilidade do mito criado *racionalmente*, para a qual aponta a aparentemente antitética asserção «sebastianista racional», e empreenderia a sua aplicação a partir de um certo tipo de afastamento, de despersonalização com carácter pragmático. Esta dimensão consciente e racional da sua concepção do mito não anula, no entanto, o cunho místico de certos textos, como o próprio aliás reconhece ao definir-se na mesma passagem citada como «nacionalista mystico». Estes dois momentos estão igualmente presentes tanto na criação dos heterónimos como no interesse de Pessoa por figuras míticas da história universal, com as quais frequentemente se identifica.²⁵ Se uma motivação para escrever a *Mensagem* do modo como o foi está associada ao processo

²² Cf. a carta escrita por Casais Monteiro a 10/1/1935, em *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, pp. 247-248

²³ José Augusto Seabra, *O Heterotexto Pessoaano*, 1985, p. 91.

²⁴ “Pessoa, *Mensagem* e o mito em Georges Sorel”, in *Actas. IV Congresso International de Estudos Pessoaanos*. Secção Brasileira, Vol. II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991, p. 215.

²⁵ Este propósito identificativo de Pessoa com figuras míticas da história, como nos casos de D. Sebastião ou do Rei Luís II da Baviera, foi sublinhado por Eduardo Lourenço (cf. nomeadamente “Fernando, Rei da Nossa Baviera”, em *Fernando Pessoa. Rei da Nossa Baviera*, 2008, pp. 7 a 26).

pragmático de adequação a uma ficção que visa ser apresentada perante uma sociedade com o fim de promover nela uma transformação, descrito por Onésimo Almeida, isto não deve ser visto como um afastamento de Pessoa da sua própria criação ou nos termos de uma auto-consciência absoluta dos seus próprios procedimentos autorais. Pessoa baseia-se numa noção de verdade a partir da qual esta surge inserida no campo da literatura, nos termos em que é expressa na epígrafe deste artigo:

Libertar a metaphysica da sua ambição de attingir a verdade, que, ou é inatingível de todo, ou só attingível pela sciencia, ou talvez só pela /religião/. Integrar, pois, a metaphysica na literatura, fazendo da construcção de mysterios philosophicos uma forma de arte, um entretenimento superior do espirito, do espirito literario sobretudo. (t. 21)

Se Pessoa usa o mito que *Mensagem* é, estando consciente de tê-lo «fabricado», torna-se, por outro lado e simultaneamente, de forma derivativa, ele próprio receptor daquele outro mito por ele expresso, segundo o qual «[...] ser um criador de mytos» é «o mysterio mais alto que pode obrar alguém da humanidade». Esta ideia viria ao encontro de uma expressa compreensão vocacional do que Pessoa entendia como o labor dos «Homens de Genio» ao qual corresponde a criação do «sentido mystico da nacionalidade»²⁶, abrindo assim espaço à convivência simultânea dos dois elementos da auto-descrição que o próprio fizera na carta a Casais Monteiro e que novamente citamos: «Sou, de facto, um nacionalista mystico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradicção com isso, muitas outras coisas».²⁷

Ao apontar para a sua data de nascimento como a do segundo regresso de D. Sebastião (cf. t. 41), Pessoa, baseando-se nas profecias de Bandarra, figura-se capaz de o encarnar. Como sublinha noutro texto, tratar-se-ia não de um regresso «carnal» do rei, mas «no seu alto sentido simbólico, que é o verdadeiro» (t. 42). O propósito pessoano de identificação com o rei regressado não é tão surpreendente se virmos como outros processos de identificação com figuras míticas da história são comuns no poeta, o mesmo se podendo dizer em relação às personagens que criou e concebeu como heterónimos. A intuição de Joel Serrão ao caracterizar D. Sebastião como um *heterónimo* de Pessoa baseia-se precisamente neste facto e sublinha a proximidade entre a escrita sobre sebastianismo e a heteronímia²⁸. No entanto, sublinhe-se como uma tal aproximação poderá ofuscar diferenças essenciais entre os dois procedimentos, ainda que ambos sejam claramente relacionáveis com a criação mítica e uma construção de si próprio enquanto mito.

²⁶ Cf. t 60.

²⁷ Cf. a carta a Adolfo Casais Monteiro de 13/1/1935, em *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, 1998, p. 251.

²⁸ Cf. Joel Serrão, “Introdução”, em *Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*, 1979, p. 55.

O paralelo com a heteronímia é não só evidente relativamente à escrita em torno da figura de D. Sebastião, mas também no que respeita ao lugar idealizado como Quinto Império. Se «na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são verdade» (t. 82), o Quinto Império seria o lugar de revelação desta mesma verdade. Pessoa concebe-o como reunião e harmonização de elementos divergentes, projectando no futuro uma ideia de totalidade que subjaz à própria concepção da sua obra como conjunto de expressões da realidade, que organiza segundo o princípio da atribuição a diferentes figuras ou personagens autorais²⁹. Colocando-se numa mesma linha com Bandarra e Vieira e identificando-se ainda com o próprio objecto da profecia, Pessoa posiciona-se simultaneamente como figura eleita da história e profeta do destino da nação.

²⁹ O texto que melhor explicita esta concepção é «Aspectos», elaborado por volta de 1917 ou 1918 como prefácio à publicação da obra (cf. *Livro do Desasociego*, pp. 446-451).

Anexo

Primeiras publicações dos materiais previamente editados incluídos em *Sebastianismo e Quinto Império*:

- MARTINS, Alves, “As nossas entrevistas, O escritor Fernando Pessoa expõe-nos as suas ideias sobre os varios aspectos da arte e da literatura portuguesas”, em *Revista Portuguesa*, Lisboa: 13 de Outubro de 1923.
- PESSOA, Fernando, “Portugal, Vasto Imperio”, em *Jornal de Commercio e das Colonias*, Lisboa: 28 e 29 de Maio de 1926.
- ____ “Afonso Lopes Vieira o Poeta Nacionalista”, em *O “Noticias” Ilustrado*, Edição Semanal do Diario de Noticias. Lisboa 3 de Junho de 1928.
- GOMES, Augusto Ferreira, “O Renascer de um Simbolo Al-Motamide, o iniciador”, em *O “Noticias” Ilustrado*, Edição Semanal do Diario de Noticias. Lisboa: 15 de Julho de 1928.
- ____ “As Causas Longinhas da Homenagem a Al-Motamide”, em *O “Noticias” Ilustrado*, Edição Semanal do Diario de Noticias. Lisboa: 22 de Julho de 1928.
- PESSOA, Fernando, “Grande Inquerito sobre O Fado”, em *O “Noticias” Ilustrado*, Edição Semanal do Diario de Noticias. Lisboa: 14 de Abril de 1929.
- ____ *À Memória do Presidente-Rei Sidónio Paes*, Edição de João Gaspar Simões. Lisboa: Império, 1940.
- SERRÃO, Joel, *Sampaio (Bruno). Sua Vida e sua Obra*. Lisboa: Inquérito, 1957.
- COELHO, Jacinto do Prado, “Textos inéditos de Fernando Pessoa”, em *Colóquio Letras*, nº 20, Julho de 1974.
- PESSOA, Fernando, *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão; Introdução e Organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1980.
- ____ *A Grande Alma Portuguesa: A Carta ao Conde Keyserling e Outros Dois Textos Inéditos*, Textos estabelecidos por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lencastre, 1988.
- CENTENO, Yvette K., *Fernando Pessoa: Os Trezentos e Outros Ensaios*. Lisboa: Presença, 1988.
- PESSOA, Fernando, *Rosea Cruz: Textos em Grande Parte Inéditos*. Estabelecidos, Coordenados e Apresentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lencastre, 1989.
- Pessoa Inédito*. Coordenação de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- TEIXEIRA, Luís Filipe. “A Mensagem ou o ‘Espírito da Utopia’ como Paradigma Pessoaano”, em *Mensagem: Poemas Esotéricos*. Edição crítica de José Augusto Seabra. Madrid [etc.]: Colecção Arquivos, 1993.
- PESSOA, Fernando, *Correspondência Inédita*, Organização e Notas de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1996.
- TEIXEIRA, Luís Filipe, *Pensar Pessoa*. Porto: Lello, 1997.
- CENTENO, Yvette K., *Fernando Pessoa: Magia e Fantasia*. Porto: Asa, 2004.
- PESSOA, Fernando, *Escritos sobre Génio e Loucura*, Edição Crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.
- BARRETO, José, “Pessoa e Fátima”, em *Fernando Pessoa: O Guardador de Papéis*. Organizador Jerónimo Pizarro. Lisboa: Texto Editora, 2009.
- PESSOA, Fernando, *Sensacionismo e Outros Ismos*, Edição Crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.
- Trovas do Bandarra*. Organização, notas e posfácio de Jorge Uribe. Lisboa: Guimarães, Colecção Pessoa Editor, 2010.

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo T, «*Mensagem* – uma revisitação à luz da interminável torrente do espólio pessoano», em Steffen Dix e Jerónimo Pizarro (org.), *A Arca de Pessoa, Novos Ensaios* _____ *Mensagem. Uma tentativa de reinterpretção*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1987.
- _____ “Pessoa, *Mensagem* e o mito em Georges Sorel”, in *Actas. IV Congresso International de Estudos Pessoaanos*. Secção Brasileira, Vol. II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991.
- COELHO, Jacinto do Prado, “O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa”, em *Colóquio Artes e Letras*, n.º 31. Lisboa: Dezembro de 1964.
- PESSOA, Fernando, “A Nova Poesia Portuguesa No Seu Aspecto Psicológico” em *A Águia* n.º 9, Setembro de 1912.
- _____ “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” em *A Águia*, n.º 4, Abril de 1912.
- _____ “A Passagem das Horas”. *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli, Série Menor. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- _____ “Reincidindo” em *A Águia* n.º 5, Maio de 1912.
- _____ *Álvaro de Campos, Poesia*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- _____ *Da República (1910-1935)*. , Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão; Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1978.
- _____ *Escritos sobre Génio e Loucura*, Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- _____ *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática, 2011.
- _____ *Livro do Desasocego*, Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, p. 446.
- _____ *Sensacionismo e Outros Ismos*, Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- LOURENÇO, Eduardo, “Fernando, Rei da Nossa Baviera”, em *Fernando Pessoa. Rei da Nossa Baviera*. Gradiva, 2008.
- _____ “Pessoa e Camões”. In *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Gradiva, 2002.
- _____ *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Gradiva, 2000.
- MARTINES, Enrico. *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- SEABRA, José Augusto, *O Heterotexto Pessoaano*, Lisboa: Dinalivro, 1985.
- SERRÃO, Joel, “Introdução”, em *Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*, 1979.
- VIEIRA, António, “Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo. Primeira e segunda vida de El-Rei D. João IV, escritas por Gonçalo Eanes Bandarra” em *Obras Escolhidas v. 6*. Edição de António Sérgio e Hernâni Cidade. Lisboa: Sá da Costa, 1952.
- ZENITH, Richard, “António Vieira, Imperador do Portugal pessoano”, em *Pessoa, Revista de Ideias*. Nº 3. Casa Fernando Pessoa, Junho de 2011.

Fernando Pessoa leitor de Theodor Nöldeke

Notas sobre a recepção do elemento arábico-islâmico em Pessoa

Fabrizio Boscaglia*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, biblioteca particular de Fernando Pessoa, Islão, António Mora, Theodor Nöldeke

Resumo

Os estudos sobre Fernando Pessoa concentram-se cada vez mais na análise do denso diálogo intertextual entre os documentos do espólio e da biblioteca particular do autor. Neste artigo é estudada em particular a relação entre alguns textos de Pessoa acerca da civilização arábico-islâmica e a leitura, por Pessoa, de um livro de Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* de 1892. São apresentadas notas de leitura sobre este livro, assim como as correspondências entre essas notas e textos pessoanos sobre sensacionismo e sobre neo-paganismo, datados por volta de 1916. É, deste modo, estudada a recepção do pensamento de Nöldeke na composição original de textos pessoanos sobre a civilização arábico-islâmica. São também apresentados e comentados outros documentos do espólio e da biblioteca particular de Fernando Pessoa, acerca do mesmo tema, e úteis na construção de um mapa intertextual que contribua para estudar a presença do elemento arábico-islâmico na obra e no pensamento de Pessoa.

Keywords

Fernando Pessoa, Fernando Pessoa's private library, Islam, António Mora, Theodor Nöldeke

Abstract

Studies on Fernando Pessoa tend increasingly to address the rich intertextual dialogue between the documents that comprise his estate and his private library. In this article particular attention is given to the connection between some of Pessoa's texts on the Arab-Islamic Civilization and a book by Theodore Nöldeke entitled *Sketches from Eastern History* (1892). Presented here are Pessoa's reading notes on that book, as well as the connection between those notes with Pessoa's texts on Sensacionism and Neo-Paganism, dated at around 1916. In this way, a study of the reception of Nöldeke's ideas in Fernando Pessoa's texts on Arab-Islamic Civilization is made. Other documents of the author's estate and private library on the same subject are also discussed, since they are useful in the creation of an intertextual index that can help to study the presence of Arab-Islamic elements in Pessoa's work and thought.

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Centro de Filosofia.

O interesse de Fernando Pessoa pelas civilizações “orientais” é cada vez mais evidente ao longo da análise do diálogo intertextual entre os *documentos* guardados no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal, e os *livros* que se encontram na Casa Fernando Pessoa,² pertencentes à biblioteca particular do autor (Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 148-185).

No que diz respeito à civilização arábico-islâmica, a atenção de Fernando Pessoa parece manifestar-se sobretudo na leitura e na produção de textos dedicados (1) à poesia árabe e persa, nomeadamente à de Omar Khayyām (Pessoa, 2008); (2) ao papel civilizacional dos “árabes” na península ibérica e na Europa;³ e (3) à ligação entre cultura arábico-islâmica e pensamento português, sobretudo em dois *ismos* pessoanos, o sensacionismo e o neo-paganismo (Pessoa, 2009: 222-229; Pessoa, 2002b: 151, 184-186; e Boscaglia, 2012).

Objectivo deste artigo é o de focar um *momento*, datável por volta de 1916, deste apaixonante diálogo intertextual, para apresentar um pequeno retrato de Pessoa enquanto *writing-reader* e *reading-writer*,⁴ durante a reflexão *plural* do poeta sobre a importância da cultura arábico-islâmica na constituição dos *ismos*. Pessoa, depois de 1915, terá entregado sobretudo a António Mora a tarefa de investigar e esclarecer a “emergência do espírito árabe” (BNP/E3, 88-24^v; Pessoa, 2009: 225) no sensacionismo e no neo-paganismo, tal como se evidencia a partir de textos

¹ Biblioteca Nacional de Portugal / Espólio 3 (BNP/E3), cota 88-24^r; cf. Pessoa, 2009: 225. Nas transcrições dos textos originais do espólio pessoano utilizam-se os mesmos símbolos utilizados na edição crítica do autor: □ espaço deixado em branco pelo autor, * leitura conjecturada, // lição duvidada pelo autor, † palavra ilegível, < > segmento autógrafo riscado, < / \ substituição por superposição, < [↑] substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior, [↑] acréscimo na entrelinha superior, [↓] acréscimo na entrelinha inferior, [→] acréscimo na margem direita, [←] acréscimo na margem esquerda, <†> riscado autógrafo ilegível.

² A biblioteca particular de Fernando Pessoa está digitalizada e catalogada por Pizarro, Ferrari e Cardiello e está em grande parte guardada na Casa Fernando Pessoa (CFP) de Lisboa. Na classificação dos volumes, o número que se segue à sigla CFP corresponde à entrada de um título na lista, e a sigla MN indica que o volume se encontra em posse de Manuela Nogueira Rosa Dias (Pizarro et al., 2010: 13-25; <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/>).

³ Uma parte dos textos sobre este assunto encontram-se editados (cf. Pessoa, 1978; 1980; 1996) enquanto outros estão ainda inéditos. Veja-se a afirmação seguinte: “Nós, ibericos, somos o cruzamento de duas civilizações – a romana e a árabe” (BNP/E3, 97-14^r; Pessoa, 1980: 166).

⁴ Cf. “For the semantics of a given marginal note in Pessoa’s plural library (along with their cross-literary implications – be it a poem or an aesthetic appreciation, among others) depend, as we shall observe, on our contextualization of both the reader who (eventually) writes (the writing-reader) and the writer using the material read for the creation of a new text (the reading-writer)” (Ferrari, 2011: 25-26); cf. “the writing-reader (i.e., a writer who reads to eventually create) finally matures into the reading-writer (i.e., a writer using the material read for the creation of a new text)” (Ferrari, 2011: 36).

(Pessoa, 2009: 222-227) cuja atribuição ao *corpus* de Mora é considerada como a mais provável por Jerónimo Pizarro (in Pessoa, 2009: 221). Estes textos do filósofo neo-pagão tratam sobretudo três temas fundamentais: (1) o estudo do carácter dos povos “arabes”,⁵ carácter que Mora chama de “*spirito arabe*”, “arabismo” ou “elemento arabe”, sendo esta última opção utilizada para indicar uma componente filosófica, cultural e civilizacional que participa, junto a outras, dum movimento estético-filosófico ou duma civilização (Pessoa, 2009: 223-226); (2) o conjunto de características da civilização e da religião arábico-islâmica; e (3) o estudo da recepção do “*spirito arabe*” na construção do sensacionismo e do neo-paganismo.

Neste artigo vou concentrar-me sobretudo na reflexão de Pessoa sobre o segundo tema, ou seja, sobre as características que tipificam a civilização e a religião arábico-islâmica. Esta reflexão, como tentarei mostrar, foi acompanhada pela atenta leitura de um livro de Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History*, de 1892 (CFP, 9-54).⁶

O exemplar que se encontra na biblioteca particular de Fernando Pessoa sob o título *Sketches from Eastern History* é a tradução inglesa – feita por John Sutherland Black⁷ e revista pelo autor – de alguns artigos do orientalista⁸ alemão Theodor Nöldeke (1836-1930), investigador de referência nos estudos orientais no século XIX relativamente à história do Sagrado Alcorão.⁹ O livro, publicado pela

⁵ A palavra “carácter” é aqui utilizada para indicar o conjunto de qualidades distintivas dum povo e/ou duma civilização. No que diz respeito ao termo “árabe”, o arabista Enrico Galoppini (2008: 52-53) sustém que a única aplicação coerente desta palavra é a que se utiliza em relação a povos e grupos humanos que se exprimem em língua árabe na sua vida quotidiana.

⁶ Curiosamente este livro – que trata de história *Oriental* – foi publicado em 1892, o mesmo ano mencionado no texto “A Tortura pela escuridão”, assinado por Vicente Guedes e citado por Pizarro, Ferrari e Cardillo num artigo sobre Pessoa e o *Oriente*: “Cheguei á Índia em Janeiro de mil oitocentos e noventa e dois” (BNP/E3, 27²⁰S^{3-6v}; Pizarro et al., 2011: 148). No conjunto de documentos reunidos sob o título “A Tortura pela escuridão” também aparece a palavra de origem árabe “*Fakir*” (BNP/E3, 27²⁰ S^{3-4r}).

⁷ John Sutherland Black (1846-1923) foi autor e editor escocês. Publicou vários artigos sobre religião na *Encyclopædia Britannica* e foi biógrafo do orientalista escocês William Robertson Smith (cf. CFP, 2-63; CFP, 8-521).

⁸ Orientalista com reservas; cf. “Nöldeke could declare in 1887 that the sum total of his work as an Orientalist was to confirm his ‘low opinion’ of the Eastern peoples” (Said, 1979: 209). Sobre a conotação do conceito de “Orientalismo” na obra de Said, cf. “[Orientalism is] a way of coming to terms with the Orient that is based on the Orient’s special place in European Western Experience”; “My contention is that Orientalism is fundamentally a political doctrine willed over the Orient because the Orient was weaker than the West, which elided the Orient’s difference with its weakness. [...] As a cultural apparatus Orientalism is all aggression, activity, judgment, will-to-truth, and knowledge”; “My whole point about this system is not that it is a misrepresentation of some Oriental essence — in which I do not for a moment believe — but that it operates as representations usually do, for a purpose, according to a tendency, in a specific historical, intellectual, and even economic setting” (Said, 1979: 1; 204; 273).

⁹ Theodor Nöldeke, *Geschichte des Qorans*. Göttingen: Verlag der Dieterichschen Buchhandlung, 1860.

editora Adam and Charles Black, é uma recolha de artigos sobre questões históricas e religiosas relativas ao Médio Oriente e, nomeadamente, à civilização arábico-islâmica. Considerando apenas os sinais a lápis deixados por Pessoa no exemplar (sublinhados, apontamentos, traços laterais), parece que o poeta tivesse interesse principalmente nos seguintes artigos: “Some Characteristics of the Semitic Race”, “The Koran” e “Islam”.¹⁰

Sendo que em 1916 Pessoa, através de António Mora, estava a reflectir sobre a “emergencia do spirito arabe” no pensamento português, seria interessante obter algumas informações úteis para determinar se Pessoa leu Nöldeke pouco antes ou no mesmo período. Para tentar estimar uma datação da leitura de *Sketches from Eastern History*, pode ser útil estudarmos a assinatura de Pessoa que se encontra no seu exemplar do livro (ver Fig. 1).



Fig. 1. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892)

Pessoa, por volta de 4 de Setembro de 1916, decidiu mudar a sua assinatura, tirando dela o acento circunflexo por este prejudicar o seu nome “cosmopolitamente”.¹¹ Isto permite supor que os livros onde é claramente visível o acento circunflexo foram lidos antes dessa data (ver Fig. 2) e que os livros onde o acento não está presente foram lidos num período posterior (ver Fig. 3).

¹⁰ Pessoa foi um leitor muito activo, tal como o revelam as suas *marginalia*: cf. “For, like Friedrich Nietzsche, [...] Pessoa’s enquiring and prehensile mind approached reading creatively. But books were not only sources; their margins, title and contents pages, flyleaves and dustcovers served as the physical space where Pessoa both reflected upon and wrote literature. This reminds us of that active approach to reading cultivated by many a romantic; Samuel Taylor Coleridge, for instance – who coined the word *marginalia* for writings in the margins of books – was one of those voracious readers who read with pen-in-hand, and was certainly introduced to Pessoa in his formative Durban days” (Ferrari, 2011: 24).

¹¹ Pessoa escreveu na carta a Armando Côrtes-Rodrigues de 4 de Setembro de 1916: “vou fazer uma grande alteração na minha vida: vou tirar o acento circunflexo do meu apelido. [...] [V]ou publicar umas cousas em inglês, acho melhor desadaptar-me do inútil ^, que prejudica o nome cosmopolitamente” (Côrtes-Rodrigues, 1945: 79).

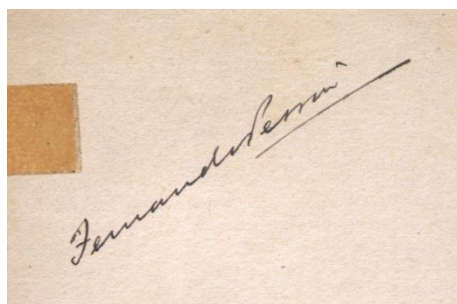


Fig. 2. CFP, 8-428

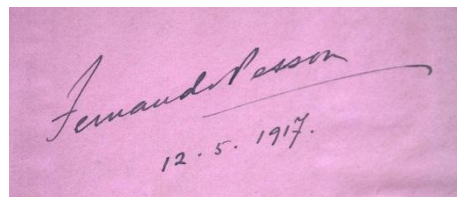
Georges Pellissier, *Shakespeare et la superstition shakespearienne* (1914)


Fig. 3. CFP, 1-48

Alfred Fouillée, *Esquisse psychologique des peuples européens* (1903)

Ora, na assinatura de Pessoa que se encontra no livro de Nöldeke (ver Fig. 1) o acento circunflexo existe ou não? A meu ver, não se pode dar uma resposta inequívoca, pois o eventual acento se “mimetiza” num sinuoso traço gráfico que se depreende quer desse acento, quer do “a” final. Uma assinatura semelhante encontra-se num livro de 1915 (ver Fig. 4), mas já não num livro de 1914 (ver Fig. 2), o que sugere que essa assinatura mas “ambigua” poderá ser de 1915-1916, embora faltem outros testemunhos para afinar esta conjectura.

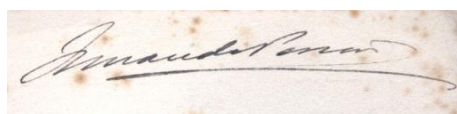
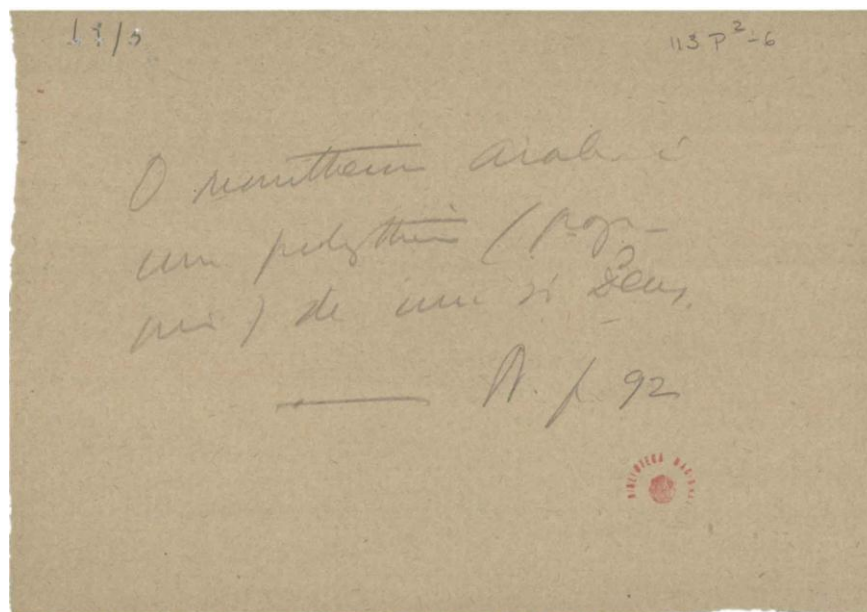


Fig. 4. CFP, 1-154

Evelyn Underhill, *Mysticism and War* (1915)

A minha hipótese é que Fernando Pessoa leu *Sketches from Eastern History* antes de 4 de Setembro de 1916 e talvez não antes de 1915, se o tipo de assinatura referido corresponder a uma fase *intermédia* entre o assinar *com* acento circunflexo e o assinar *sem* acento circunflexo. Mas é só uma hipótese. Seja como for, e para ter presentes outros elementos, Pessoa refere-se directamente ao livro de Nöldeke num pequeno fragmento de papel que muito bem pode ter sido manuscrito entre 1915-1916 (ver Fig. 5). Iniro uma imagem desse documento e uma transcrição do texto revista por Patricio Ferrari. Note-se que “paganismo” surge como variante de “polytheismo”, e “deus” de “Deus”:

Fig. 5. BNP/E3, 113P²-6^r

Eis a transcrição e, a seguir, o fac-símile da página 92 de *Sketches from Eastern History*:

O monothéisme Arabe é
um polythéisme (paganismo)
de um só D[↑d]eus.

—— N[öldeke] p 92

to the opposite doctrine then generally prevalent. So also his successors, down to Mutawakkil, who reversed the condition of matters, and caused it to be taught that the Koran is increate.—Another controversy had reference to the divine attributes. The Koran in its unsophisticated anthropomorphism attributes human qualities to God throughout, speaks also of His hands, of the throne on which He sits, and so forth. The original Moslems took this up simply as it was written; but, later, many were stumbled by it, and sought to put such a construction on the passages as would secure for the Koran a purer conception of God. Some denied all divine attributes whatever, inasmuch as, being eternal equally with Himself, they would, if granted, necessarily destroy the divine unity, and establish a real polytheism. Many conceded only certain abstract qualities. On the other hand, some positively maintained the corporeity of God,—in other words, an anthropomorphism of the crassest kind, which even Mohammed would have rejected. The Mutazila maintained their dialectical superiority until Ash'ari (in the first third of the tenth century), who had been educated in their schools, took the dialectic method into the service of orthodoxy. It was he who created the system of orthodox dogmatic. Of course the later dogmatists did not in all points agree with him, and by some of them, on account of some remains of rationalism in his teaching, he was even regarded as heterodox. Since Ash'ari's time the commonly accepted doctrine on the three controverted points just mentioned has been:—(1) God produces the good as well as the evil deeds of man, although the latter has a certain measure of independence in his appropriation of them. (2) The Koran is eternal and increate. Some maintain this, indeed, only with regard to the original of the sacred book in heaven, but others hold it also of the words and letters of the book as it

Fig. 6. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 92

Na página 92 (ver Fig. 6) Nöldeke aborda três aspectos da teologia islâmica: (1) A questão do determinismo e do livre arbítrio; (2) a questão do Sagrado Alcorão ser criado ou increado; e (3) o simbolismo antropomórfico no Sagrado Alcorão. Pessoa sublinhou três frases relacionadas com a primeira e com a terceira

questões.¹² O poeta foi atraído por duas características – o antropomorfismo e o determinismo – que chamam a atenção para elementos do neo-paganismo português, ou seja o objectivismo (do qual vem a tendência psíquica para o exterior,¹³ para os corpos, neste caso humanos¹⁴) e o fatalismo, elemento recorrente na produção poético-filosófica *plural* de Pessoa.¹⁵ Comentando a interpretação de Nöldeke relativamente à teologia islâmica, e encontrando nela alguns elementos próprios do paganismo, Pessoa considerava a religião islâmica uma forma do paganismo. A curiosa afirmação de Pessoa sobre o “polytheismo de um só deus” também dialoga com as palavras de Nöldeke na mesma página (CFP, 9-54: 92) do livro deste: “Some denied all divine attributes whatever, inasmuch as, being eternal equally with Himself, they would, if granted, necessarily destroy the divine unity, and establish a real polytheism”.

Na página seguinte (ver Fig. 7) Pessoa continuou a sublinhar uma frase relativa ao antropomorfismo,¹⁶ característica que António Mora atribuiu ao sistema

¹² “The Koran in its unsophisticated anthropomorphism attributes human qualities to God throughout”; “some positively maintained the corporeity of God”; “God produces the good as well as the evil deeds of man” (CFP, 9-54: 92; ver Fig. 6).

¹³ Cf. “Somos objectivistas, é claro, quando applicamos aquellas faculdades do espirito que nos relacionam com a realidade externa; somos subjectivistas quando não empregamos essas faculdades, o que dá, pois que a paragem cerebral não existe na vida, a concentração sobre o nosso proprio espirito. As faculdades que agem sobre o exterior são, observação, pela qual conhecemos esse mundo, a atenção, por cuja applicação o conhecemos competentemente, e a vontade, pela qual agimos sobre elle. As faculdades que trabalham interiormente só são a imaginação, pela qual substituímos o exterior por um falso-exterior, cousas suppostas a cousas reaes; a meditação, pela qual substituímos pensamentos a cousas na atenção; e a inibição, pela qual nos impedimos de tomar contacto com o exterior” (BNP/E3, 21-12v; cf. Pessoa, 2002b: 178).

¹⁴ Cf. “Suppõem alguns que o paganismo é mais alegre que o Christianismo, outros que elle é mais humano. Ambas as supposições são falsas: [...]. O erro nasce, talvez, da grande atenção que o paganismo presta ao corpo humano, por uma parte; e, por outra parte, da insistencia das sociedades pagãs na vida civica. Mas a atenção dada ao corpo humano é tamsòmente um criterio objectivo, a atenção dada á unica certeza exterior humana que se possue” (BNP/E3, 21-49r; Pessoa, 2002b: 191-192); cf. “A philosophia é um antropomorphismo em todos os systemas; attribuir á Natureza as qualidades que nós temos” (BNP/E3, 22-3v; cf. Pessoa, 2002b: 321).

¹⁵ Cf. “[...] acima de tudo, pessoa impassivel, causa immovel e convicta, paira o *Destino*, superior ao bem e ao mal, extranho á Belleza e à Fealdade, além da Verdade e da Mentira” (BNP/E3, 21-6r; Pessoa, 2002b: 145-146); “O determinismo é apenas a timidez do fatalismo. Todas as civilizações scientificas — que são duas, a grega e a arabe — foram profundamente fatalistas. [...] A Grecia e os Arabes foram os maiores astrologos (porque dos Egypcios e dos Chaldeus sabemos apenas que o foram). A sciencia culmina na Astrologia. O auge da sciencia é o reconhecimento de que nada existe fora da lei: que tudo vive no Destino” (BNP/E3, 55D-77r; cf. Pessoa, 1980: 327-328, texto datado “1918?” pelos editores); “Um fatalismo metafisico com os nervos de toda a gente vibra em mim a cada momento” (BNP/E3, 71-43v; cf. Pessoa, 2002a: 241).

¹⁶ “[I]t is a matter of faith that He has hands and feet, sits on His throne, and so on, but it is profane curiosity to inquire as to how these things can be” (CFP, 9-54: 93; ver figura 7)

religioso “arabe” onde o antropomorfismo manifestaria o materialismo subjacente aos monoteísmos arabe e judeu.¹⁷

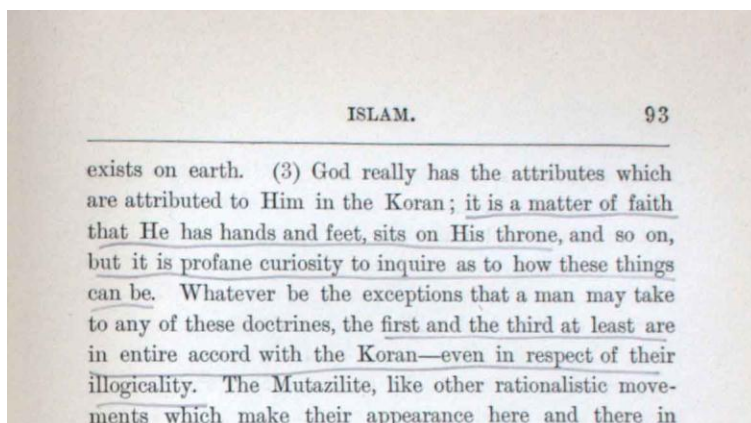


Fig. 7. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 93

Num texto de Mora de 1916, sobre a “emergencia do spirito arabe”, o monoteísmo “arabe” é implicitamente considerado como “elemento shemitico”, ou seja de matriz semítica antes do que judaica, cristã, árabe ou islâmica: “Não logrando absorver o elemento polytheista, presente nos santos, o mahometanismo limitou-se a carregar mais sombriamente o elemento shemitico. Passou, assim, para um segundo plano o elemento polytheista e o relativo objectivismo que trazia” (BNP/E3, 88-25^v; Pessoa, 2009: 225-226). O monoteísmo, segundo *este* António Mora, é então uma característica da religiosidade semítica. É significativo notar que esta é também a posição expressa por Nöldeke, numa passagem marcada, anotada e sublinhada por Pessoa em *Sketches from Eastern History* (ver Fig. 8).

The religion of the Semites is the first thing that demands our attention, and that not solely on account of the influence it has exerted on us in Europe. Renan is right in neglecting the beginnings of Semitic religion, and taking the results of their religious development and their tendency to monotheism as the really important thing. The complete victory of monotheism, it is true, was first achieved within historical times among the Israelites; but strong tendencies in the same direction appear also among the other Semitic peoples.

(CFP, 9-54: 5)

¹⁷ Cf. “O antropomorfismo exacto é um dos pilares do systema arabe” (BNP/E3, 26-3r; Pessoa, 2002b: 185); cf. “monotheismo materialista: judeus e arabes” (BNP/E3, 12B-6r; Pessoa, 2002b: 184).

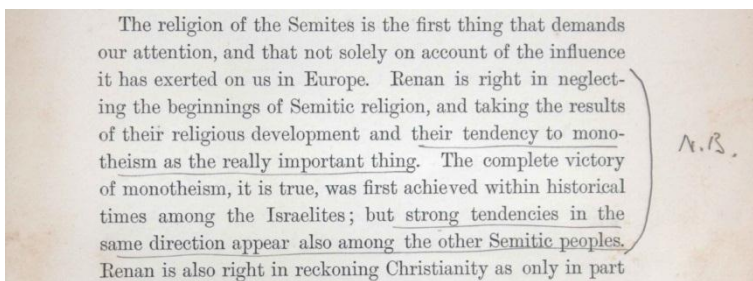


Fig. 8. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 5

Numa outra passagem, assinalada e sublinhada por Pessoa, Nöldeke descreve mais uma vez o monoteísmo islâmico como “genuine Semitic monotheism” (ver Fig. 9):

Everything is done and determined by God; man must submit himself blindly; whence the religion is called *Islām* (“surrender”), and its professor *Muslim* (“one who surrenders himself”). Mohammed had the strongest antipathy for the doctrines of the Trinity and the divine Sonship of Christ. True, his acquaintance with these dogmas was superficial, and even the clauses of the Creed that referred to them were not exactly known to him; but he rightly felt that it was quite impossible to bring them into harmony with simple genuine Semitic monotheism, and probably it was this consideration, alone that hindered him from embracing Christianity.

(CFP, 9-54: 62)

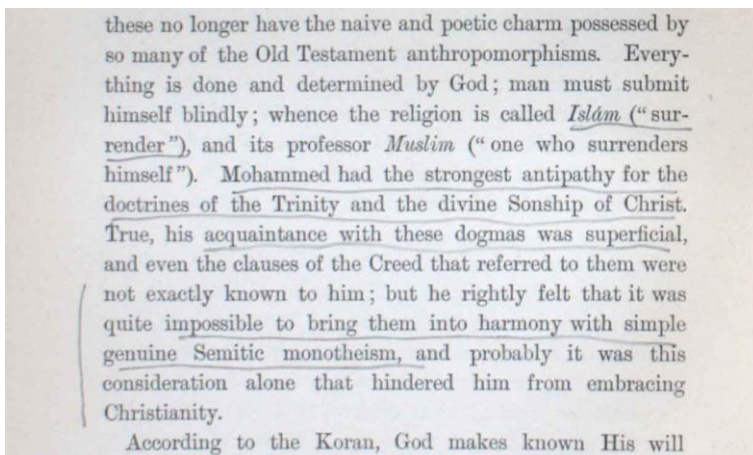


Fig. 9. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 62

Este último trecho é de muita importância para discutir outro elemento, também estritamente ligado ao *render-se* (“surrender”) perante o Divino, presente na interpretação de António Mora sobre a religiosidade arábico-islâmica. Trata-se do *fatalismo*, um elemento penetrante do pensamento pessoano (Cf. Pérez López, 2011) e nomeadamente da filosofia de Mora, que reconduz directamente o fatalismo neo-pagão ao pensamento grego: “O grego era essencialmente triste, como todos os grandes equilibrados, em quem é elemento psychico basilar a

consciencia da impermanencia, da fatalidade e da futilidade das cousas, [...] Procuremos ver as cousas claramente, não pondo ideias nossos adiante dos olhos, graves e tristes como convem a homens conscientes da fatalidade das cousas e da nossa transitoria pequenez dentro d'este grande e sereno Universo" (BNP/E3, 87-90^v e 91^v; cf. Pessoa, 2002b: 139-140; cf. Lopes, 1990: II, 347).

O fatalismo está também presente, segundo Mora, no "spirito arabe": "o arabe desenvolveu, a par de um subjectivismo ardente, um spirito de obediencia ao Destino, [...]. Levados assim a um conceito da vontade divina como *fatalidade*, os arabes introduziam no seu monotheismo um elemento de evidente origem objectivista" (BNP/E3, 88-24^v-25^r; Pessoa, 2009: 225).

Na opinião do filósofo neo-pagão, o fatalismo – cuja origem é o "objectivismo, base do spirito scientifico (grego)" – está ligado ao próprio "spirito scientifico grego, que foi missão dos arabes transmittir á Europa" (BNP/E3, 88-24^v e 24^r; Pessoa, 2009: 225). No neo-paganismo português então emergia novamente o spirito objectivista – cientista e fatalista – dos gregos, graças ao papel dos "arabes" enquanto transmissores da cultura grega para o ocidente (cf. Pessoa, 2009: 227). Num texto intitulado *Cinco Dialogos* revela-se ainda mais claramente a íntima ligação entre fatalismo e cientismo nas civilizações árabe e gregas: "Francisco: [...] O determinismo é apenas a timidez do fatalismo. Todas as civilizações scientificas – que são duas, a grega e a arabe – foram profundamente fatalistas. [...] A Grecia e os Arabes foram os maiores astrologos (porque dos Egypcios e dos Chaldeus sabemos apenas que o foram). A sciencia culmina na Astrologia. O auge da sciencia é o reconhecimento de que nada existe fora da lei: que tudo vive no Destino" (BNP/E3, 55D-76^r a 77^r; cf. Pessoa, 1980: 327-328; texto datado "1918?" pelos editores).

Se pesquisarmos este elemento fatalista na religião islâmica no *Sketches from Eastern History* de Nöldeke, veremos que na p. 90 Pessoa deixa um comentário lateral a uma passagem onde o orientalista alemão interpreta a doutrina islâmica como sendo *determinista*. Sendo que, em textos pessoanos, os árabes são considerados *fatalistas*, e que o determinismo é julgado ser "apenas a timidez do fatalismo", não surpreende que Pessoa tenha sublinhado este texto de Nöldeke, escrevendo "fatalism" na margem da folha: "The Koran, generally speaking, teaches a rather crass determinism. According to the Koran, God is the author of everything, including the dispositions of men; He guides whom He wills, and leads into error whom He wills" (ver Fig. 10).

fatalism

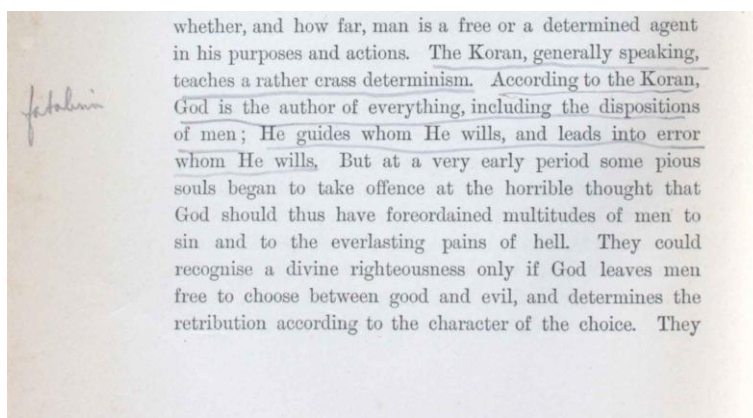


Fig. 10. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 90

As correspondências intertextuais entre os documentos mostrados são indícios que permitem colocar a hipótese segundo a qual a leitura de *Sketches from Eastern History* (CFP, 9-54) e a elaboração do texto de Mora sobre a “emergencia do espírito arabe” (BNP/E3, 88-24 a 27) de 1916 tenham ocorrido no mesmo período. Isto também iria confirmar a minha hipótese inicial relativa à datação da leitura de *Sketches from Eastern History* por Pessoa (ver *supra*). Neste sentido, é possível que o pequeno apontamento já citado (“O monoteísmo Árabe [...]”) também seja datável de cerca de 1916. Mesmo assim, duvido que o filósofo neo-pagão, António Mora, pudesse considerar um monoteísmo (semítico) também como forma de paganismo. Mora de facto considera a religião “arabe” como uma mistura entre subjectivismo e objectivismo (cf. BNP/E3, 88-24 e 25^v; Pessoa, 2009: 225-226) e portanto dificilmente poderia considerá-la uma forma de paganismo e até de politeísmo, sendo que segundo Mora o politeísmo pagão (grego) é a “origem verdadeira do objectivismo” (BNP/E3, 88-27^v; Pessoa, 2009: 227) (portanto do paganismo) e que no monoteísmo “mahometano” tenha passado “para um segundo plano o elemento polytheista e o relativo objectivismo que trazia” (BNP/E3, 88-25^v; Pessoa, 2009: 226).

Evidencia-se, nas palavras de Mora, que o aspecto do *Islão* que mais poderia ser comparado com o fatalismo (e provavelmente com o fatalismo pessoano)¹⁸ é sem dúvida a *submissão a Deus* e à Sua vontade, pois um dos pilares da fé islâmica é precisamente a “crença na predestinação de todas as coisas e acontecimentos (*qada*) e no mandamento de Deus” (Saeed, 2007: 16). De facto, quando Mora fala nos árabes e no seu espírito de “obediência ao Destino” e de “absoluta subordinação ao divino”, o autor provavelmente está a dar uma sua interpretação da palavra ‘*islām*’ (‘Islão’) que, como mostrei antes, Nöldeke traduz assim num fragmento parcialmente sublinhado por Pessoa: “*Islām* (‘surrender’), and its professor *Muslim* (‘one who surrenders himself’)” (CFP, 9-54: 62). De facto ‘*islām*’ quer dizer *rendição*

18 Cf. “[...] O dado e o feito, ambos os dá o Fado. [...] / [...] / Suposto, o Fado que chamamos Deus [...]” (BNP/E3, 119-29^r; Pessoa, 2001: 89; texto de 14/08/1925).

e submissão a Deus (cf. Perego, 1998: 114-115). Pessoa seguramente se interessou-se no significado desta palavra, que dificilmente se encontra nos textos pessoanos.

Numa folha inventariada entre os documentos que preservam os textos dedicados à questão ibérica, Pessoa menciona a palavra “Islam” (ver Fig. 11) pouco depois de se referir à “despersonalização da Iberia. (sobretudo pelo catholicismo)” (BNP/E3, 97-8^r a 9^v):

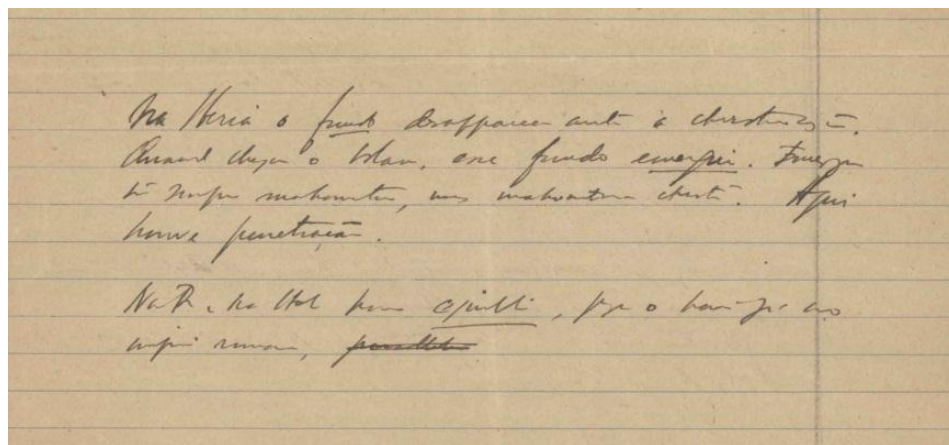


Fig. 11. BNP/E3, 97-9^v (pormenor)

Na Iberia o *fundo* desapareceu ante a christianisação. Quando chegou o Islam, esse fundo *emergeu*. Emergiu não sempre mahometano, mas mahometano-christão. Aqui houve penetração.

Na Fr[ança] e na Ital[ia] houve *equilibrio*, porque o havia já no imperio romano, □

Talvez aqui Pessoa fale do *fundo* psíquico e civilizacional comum aos povos ibéricos, e da inter-*penetração* cultural entre os povos da península sob a influência arábico-islâmica? Estes temas, de facto, são recorrentes quer nos textos ortónimos sobre o grupo civilizacional ibérico quer nas passagens de Mora sobre o “*spirito arabe*”.¹⁹ Seja como for, Pessoa provavelmente reflectiu sobre o significado da palavra ‘*islām*’ também lendo outros livros, além da obra de Nöldeke, tal como por exemplo *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History* de Thomas Carlyle (ver Fig. 12).

‘*Allah akbar, God is great;*’ – and then also ‘*Islam,*’ That we must submit to God. That our whole strength lies in resigned submission to Him, whatsoever He do to us. For this world,

19 Cf. por exemplo: “Dissemos que a *synthese* cultural iberica devia nascer da conjugação de trez elementos, ou attitudes. Baseia-se no nosso comum character iberico, e esse é o fundo ibero-romano-arabe da nossa personalidade *psychica* comum” (BNP/E3, 97-25^r, Pessoa, 1980: 178); cf. “O primeiro período da nossa historia comum, de ibericos, é aquella em que a fusão conserva presentes os dois elementos componentes. Assim, ao conjuncto subjectivismo catholico-arabe se ligava o objectivismo arabe, sendo o unico elemento postergado o do polytheismo immanente na parte pagan do christismo catholico. Foi o periodo das descobertas, onde o impulso scientifico, nado da ingerencia arabe, orientou a alma do Infante” (BNP/E3, 88-25^v-26^r; Pessoa, 2009: 226).

and for the other! The thing He sends to us, were it death and worse than death, shall be good, shall be best; we resign ourselves to God. – ‘If this be *Islam*,’ says Goethe, ‘do we not all live in *Islam*?’ Yes, all of us that have any moral life; we all live so. It has ever been held the highest wisdom for a man not merely to submit to Necessity, – Necessity will make him submit, – but to know and believe well that the stern thing which Necessity had ordered was the wisest, the best, the thing wanted there.

(CFP, 8-89: 52)

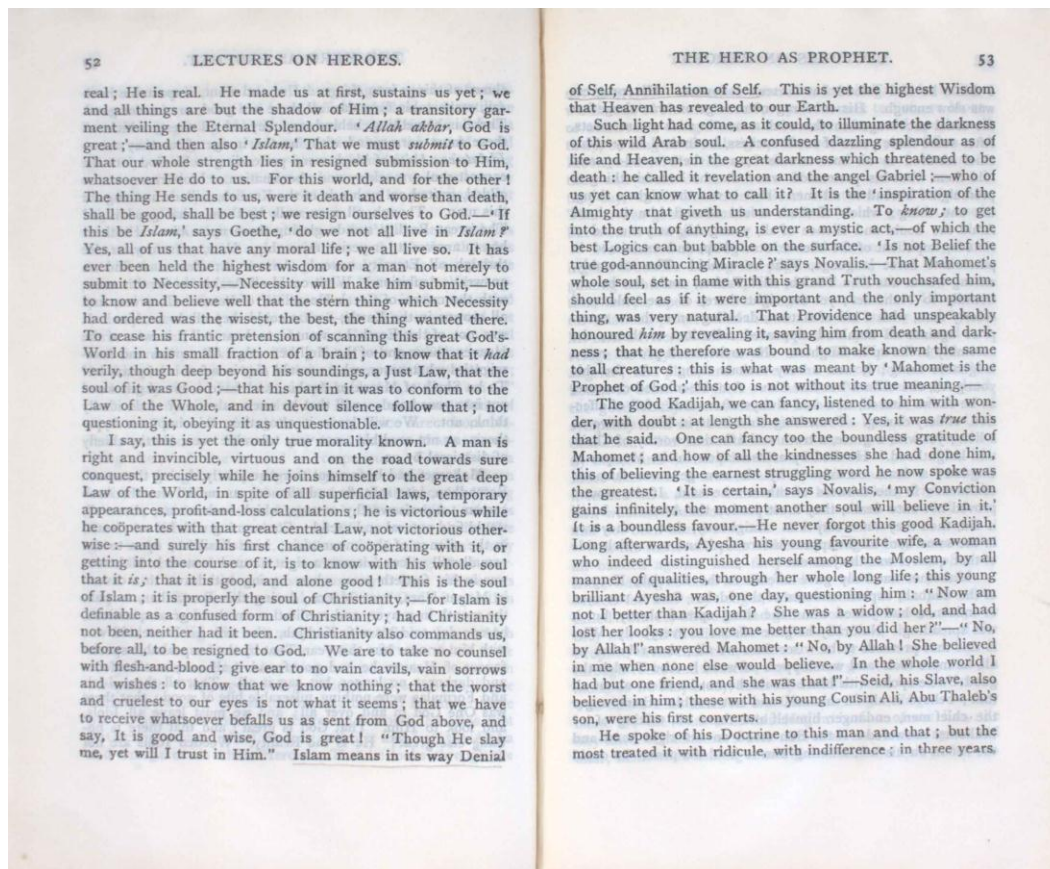


Fig. 12. CFP, 8-89

Thomas Carlyle, *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History* (1903), pp. 52-53

A atenção de Carlyle pela *Necessidade* – termo ligado à filosofia do determinismo e do fatalismo – esclarece o interesse de Pessoa por este texto, onde foi sublinhada a frase “Islam means in its way Denial of Self, Annihilation of Self” (ver Fig. 12), afirmação que lembra os textos dos Sufis sobre a experiência do *fanā*, (‘extinção’, ou *fanā’ fī Allāh*, ‘extinção em Deus’), tal como uma prece escrita por Pessoa e datada “1912?” pelos editores: “Senhor, protege-me e ampara-me. Dá-me que eu me sinta teu. Senhor, livra-me de mim” (BNP/E3, 20-48^v; Pessoa, 1996: 62).²⁰

20 Cf. “You will experience *fana* (annihilation). You will vanish, and He will appear in you. Those are the people about who the Prophet said, “When you look to them, you look to Allah”, (Nazim Adil Al-Haqqani, 2004: 78).

Mais uma passagem de Nöldeke, ao lado da qual Pessoa deixou um traço a lápis, remete para o interesse do poeta pelo fatalismo e pela “absoluta subordinação ao divino” dos “arabes”: “There is nothing in this at variance with Mohammed's idea of God. God is to him an absolute despot, who declares a thing right or wrong from no inherent necessity, but by His arbitrary fiat” (ver Fig. 13).

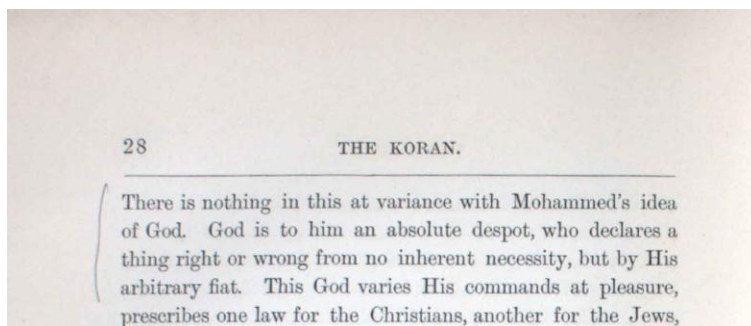


Fig. 13. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 28

Um dos intelectuais islâmicos que tentaram reflectir sobre a posição do homem perante a predestinação e a Onnipotência Divina é Omar Khayyām, o sábio persa ao qual Fernando Pessoa dedicou muita atenção e interesse ao longo de décadas. Por exemplo, a relação entre fatalismo e simbolismo antropomórfico que atraiu Pessoa no livro Nöldeke (por volta de 1916), reaparece nas traduções inglesas das *Rubā'īyyāt* de Khayyām, uma obra que tanto atraiu Pessoa sobretudo a partir de 1926 (cf. Pessoa, 2008):

The Moving Finger writes; and, having writ,
Moves on: nor all your Piety nor Wit
Shall lure it back to cancel half a Line,
Nor all your Tears wash out a Word of it.

(CFP, 8-296: 210)

Pessoa traduziu para português este poema:

O dedo mobil escreve, e, tendo scripto,
O que escreve prossegue, nem ha grito
De fé ou dor que o faça dar emenda
Nem volta atraz a ver o que foi dicto

(Pessoa, 2008: 66)

Este poema de Khayyām também aparece na epígrafe do livro *The "Reason Why" in Astrology or Philosophy and First Principles* de H. S. Green (ver Fig. 14), volume lido com uma certa atenção por Pessoa, dados os muitos sublinhados deixados por ele no exemplar. Encontra-se aqui uma ligação directa entre Khayyām, o fatalismo, o antropomorfismo e a astrologia, ciência na qual os

“arabes” e os gregos terão sido “os maiores” conhecedores, enquanto povos profundamente fatalistas, segundo uma personagem literária que aparece num texto pessoano intitulado *Cinco Dialogos* (cf. *supra*).

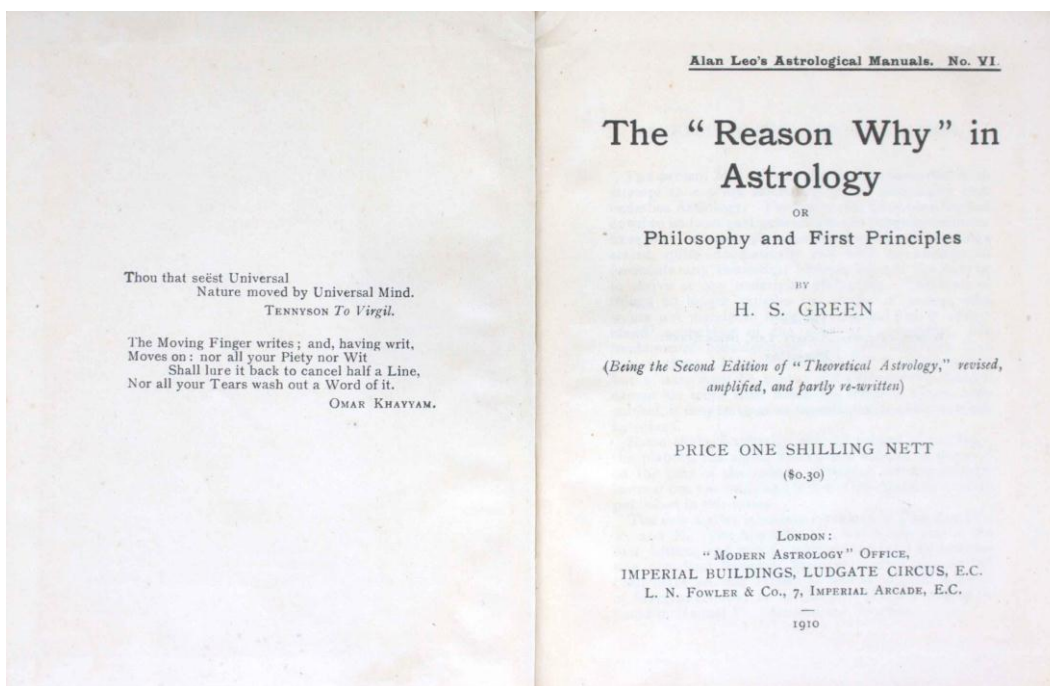


Fig. 14. CFP, 1-63:

H. S. Green, *The "Reason Why" in Astrology or Philosophy and First Principles* (1910)

Outro povo, o da Índia, é caracterizado segundo Mora por uma religiosidade diferente: “o arabe desenvolveu, a par de um subjectivismo ardente, um spirito de obediencia ao Destino, um sentimento, não de absorção no divino, como na India, mas de absoluta subordinação ao divino. Neste fragmento Mora fala no “sentimento de absorção no divino” (BNP/E3, 88-24^v-25^r; Pessoa, 2009: 225) como sendo característico da espiritualidade e da religiosidade da Índia. O filósofo descreve as espiritualidades “na India” e “arabe”, como se tivessem peculiaridades opostas. Sendo a espiritualidade “arabe” caracterizada pelo sentimento fatalista, portanto objectivista, de “obediencia ao Destino”, é necessário considerar que a espiritualidade indiana seja, segundo Mora, subjectivista. Isto seria coerente com alguns apontamentos pessoanos onde o “Hinduismo” está associado ao “Sensacionismo puro” (BNP/E3, 48D-12^r, Pessoa, 2009: 150). De facto o sensacionismo, segundo Mora, é uma corrente subjectivista, porque rejeita o “elemento pagão”, ou seja “o objectivismo portador do espirito hellenico” (BNP/E3, 88-19^r; Pessoa, 2009: 222). Voltamos agora ao diálogo entre *Pessoa-leitor* e *Pessoa-escriptor*. É interessante notar que Pessoa deixou um traço lateral a lápis ao lado duma frase onde Nöldeke fala de “dreamy Hindoos” (CFP, 8-54: 16), pois segundo Mora a imaginação (o sonho) é parte do subjectivismo que anima tanto o

“espírito árabe” tal como o sencianismo, aliás baptizado de “arabismo” pelo filósofo neo-pagão (BNP/E3, 88-20^r; Pessoa, 2009: 222).

Além disso, convém concentrar-se sobre o “sentimento de absorção no divino” dos povos da Índia, que Pessoa terá encontrado em *Sketches from Eastern History*, deixando um traço lateral na página 96, numa passagem onde Nöldeke fala da influência indiana e persa no misticismo islâmico (Sufismo): “But subsequently Persian and Indian ideas became associated with this mysticism. The Sufis sought to submerge themselves in God, and arrived at the Indian conception of the All-One, which is irreconcilable with Islam” (ver Fig. 15).

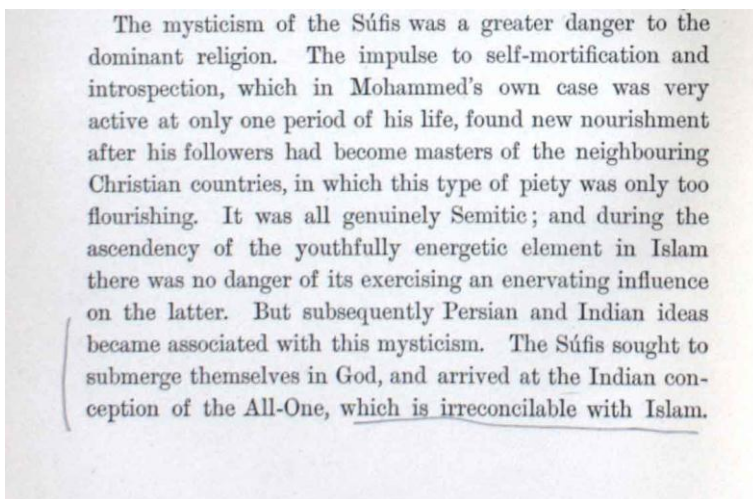


Fig. 15. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 96

Nöldeke julga que o Sufismo contém ideias indianas, como a intenção do místico para se submergir em Deus, sendo Deus aqui – pelos Indianos tal como pelos Sufis – a Absoluta Unidade. Parece-me muito provável que, em relação à religiosidade da “Índia”, a expressão “submerge themselves in God” de Nöldeke ecoe na “absorção no Divino” da qual fala António Mora. Este tema chama novamente a atenção sobre o tema do *fanā’* no Sufismo e também sobre outras leituras de Pessoa, além da óbvia referência ao livro de Carlyle do que já me ocupei antes, como por exemplo *Les Littératures de l’Inde: sanscrit, pâli, prâcrit* de Victor Henry, de 1904, onde Pessoa leu e sublinhou “Rien n’est; l’Un est Tout” (ver Fig. 16).

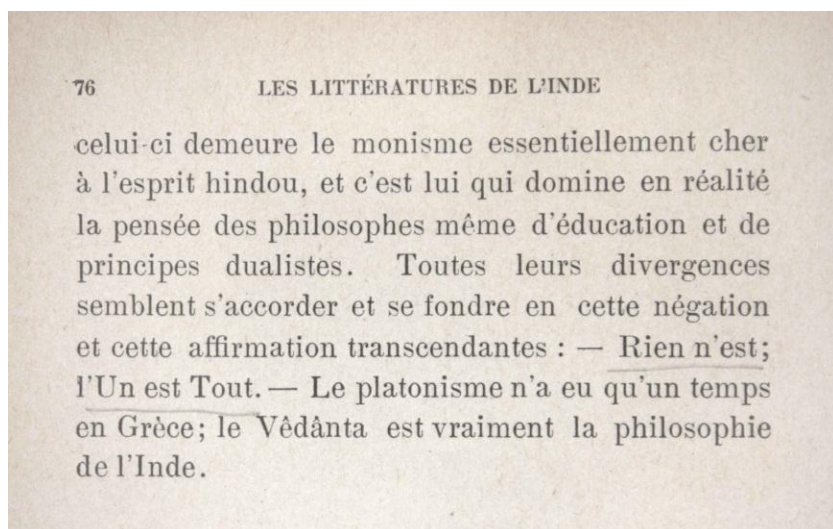


Fig. 16. CFP, 8-250

Victor Henry, *Les Littératures de l'Inde: sanscrit, pâli, prâcrit* (1904), p. 76

No que diz respeito ao misticismo islâmico (ou Sufismo), é interessante notar que Nöldeke, na sua interpretação, separe o Sufismo do Islão, ideia esta criticada pelos Sufis, sobretudo acerca da atitude destes ante os “Orientalistas Ocidentais”,²¹ categoria à qual, segundo Said (1979: 209), pertence Nöldeke. Até hoje não consta que Mora ou Pessoa falem explicitamente de Sufismo, todavia parece que a poesia Sufi fosse um interesse bibliográfico de Pessoa provavelmente entre 1926 e 1935, quando a leitura de Rūmī e Hāfiz, entre outros poetas sufis da Pérsia, acompanhava os estudos de Pessoa sobre Omar Khayyām, cuja relação com o Sufismo é debatida em livros lidos por Pessoa (*cf.* CFP, 8-296: 179, 187; CFP, 8-662 MN: 33).²²

Voltando ao tema principal do presente artigo, a última parte deste breve estudo é dedicada às correspondências intertextuais entre Pessoa e Nöldeke relativamente a tema relacionados com o sensacionismo. Segundo Mora, as características do *sensacionismo-arabismo* que “revelam a psyche arabe” são: “O entusiasmo de imaginação, a sensualidade intelectual da meditação e do misticismo, o esmiuçamento de sensações e de idéas” junto à “vantagem typica do spirito arabe: a universal curiosidade activa, com que acceitam as influencias de todas as bandas, lhes aprofundam o sentido, lhes reúnem os resultados e finalmente as transformam na substancia do seu proprio spirito” (BNP/E3, 88-20; Pessoa, 2009: 223). Esta última característica remete para um elemento central da

21 Cf. “There are people amongst Muslims who give due importance to Sufism while there are also Muslims who condemn it outright as a foreign importation into Islam. In this connection there have been two contributory causes. One cause is due to the works of Western Orientalists and some modern Islamic scholars whose role has been and is even now to misguide the muslims with their flair for scholarship” ([Kabbani], [s.d.]: 2).

22 A ligação entre Pérsia, Índia e cultura islâmica reaparece também num trecho onde Pessoa compara as figuras de Khayyām e de Buda (BNP/E3, 14C-42r; Pessoa, 2008: 76).

estética e do pensamento sensacionista: a capacidade de síntese universalista entre elementos literários, filosóficos, culturais.²³ Como escreve Jerónimo Pizarro: “Pessoa não precisava de romper com a tradição; visava a síntese, não a ruptura” (Pessoa, 2009: 141). De facto Mora está a comentar uma característica do sensacionismo que alguns autores atribuem à civilização arábico-islâmica, ou seja a capacidade de síntese entre diferentes culturas e diferentes saberes (cf. Jevolella, 2005: 53-54; Aruffo, 2007: 22). A revelação islâmica segundo alguns comentadores caracteriza-se por ser sintética e integrante em relação às revelações anteriores, reconhecidas dentro de uma Mensagem única e coerente (cf. Nasr, 1972: 130; cf. Jevolella, 2005: 53-54). Em particular é possível que na península ibérica, durante a Idade Média, a presença islâmica tenha permitido a instauração de um clima de diálogo inter-religioso e inter-cultural²⁴ que Fernando Pessoa celebrava recordando a “nossa grande tradição arabe — de tolerancia e de livre civilização. E é na proporção em que formos os mantenedores do spirito arabe na Europa que teremos uma individualidade à parte” (BNP/E3, 97-13^r; cf. Pessoa, 1980: 164-165).²⁵

Segundo Pessoa a originalidade está na capacidade de síntese, e provavelmente mesmo por isto o poeta-pensador sublinhou, lendo o comentário de Nöldeke à tradução do primeiro capítulo (*sūrah*) do Sagrado Alcorão (*al-Fâtihah*):²⁶ “there is not a single original idea of Mohammed's in it” (ver Fig. 17).

23 “The Portuguese Sensacionists are original and interesting because, being strictly Portuguese, they are cosmopolitan and universal. The Portuguese temperament is universal: that is its magnificent superiority. The one great act of Portuguese history – that long, cautious, scientific period of the Discoveries – is the great cosmopolitan act in history. The whole people stamp themselves there. [...] Because the great fact about the Portuguese is that they are the most civilised people in Europe. They are born civilised, because they are born acceptors of all. [...] they have a positive love of novelty and change. [...] “Orpheu” is the sum and synthesis of all modern literary movements; [...]. Each number adds a new interests to this marvellous synthetic movement” (Pessoa, 2009: 218-220).

24 Cf. “Não é por acaso que o rei Alfonso o Sábio baseou no Alcorão a sua política de tolerância religiosa”. A tradução para português é minha, a partir de: “Non a caso, il sovrano Alfonso il Saggio (XII secolo) fondò sul Corano la sua politica di tolleranza religiosa” (Aruffo, 2007: 26).

25 Cf. “Vinguemos a derrota que os do Norte infligiram aos arabes nossos maiores. Expiemos o crime que commetemos, expulsando da península [peninsular *no original*] os arabes que a civilizaram” (BNP/E3, 97-15^r e 16^r; cf. Pessoa, 1980: 167); cf. “Judeus e Mouros, raças inteligentes, industriosas, a quem a indústria e o pensamento peninsulares tanto deveram, e cuja expulsão tem quase as proporções duma calamidade nacional” (Quental, 2001: 34). Neste discurso dado por Antero de Quental em 1871, os “Mouros” são considerados “uma das glórias da península” (Quental, 2001: p. 18). J. Pizarro chamou a atenção sobre este texto (Pessoa, 2009: 222), sugerindo de lê-lo “produtivamente em diálogo” com outros textos de Pessoa que tratam da civilização arábico-islâmica.

26 Eis uma tradução (/interpretação) de *al-Fâtihah* ('A Abertura') para português: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso / Louvado seja Deus, o Senhor dos mundos, / O Clemente, o Misericordioso, / O Soberano do Dia do Julgamento. / A Ti somente adoramos. Somente de Ti imploramos socorro. / Guia-nos na senda da retidão, / A senda dos que favoreceste, não dos que incorrem na Tua ira, nem dos que estão desencaminhados” (*O Alcorão. Livro Sagrado do Islã*: 29).

Pessoa, desta forma, provavelmente encontrava uma confirmação do carácter sintético da revelação e da civilização arábico-islâmica. Aliás, numa outra página Pessoa sublinhou também: “In the several heads of Mohammed's doctrine there is practically nothing original” (CFP, 9-54: 61).

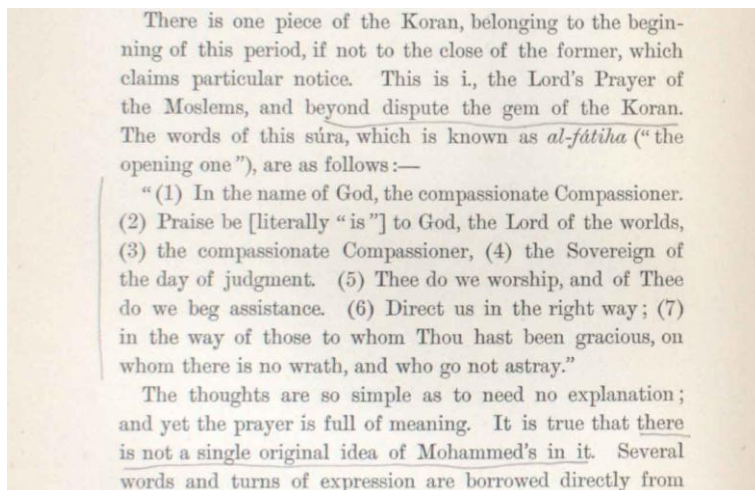


Fig. 17. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 44

No que diz respeito à característica do “entusiasmo de imaginação”, presente no *sensacionismo-arabismo*, Pessoa deixou um traço a lápis ao lado duma passagem onde Nöldeke escreve que a imaginação tem um papel específico na revelação islâmica: “An unprejudiced and critical reader will certainly find very few passages where his aesthetic susceptibilities are thoroughly satisfied. But he will often be struck, especially in the older pieces, by a wild force of passion, and a vigorous, if not rich, imagination” (CFP, 9-54: 32; ver figura 18).

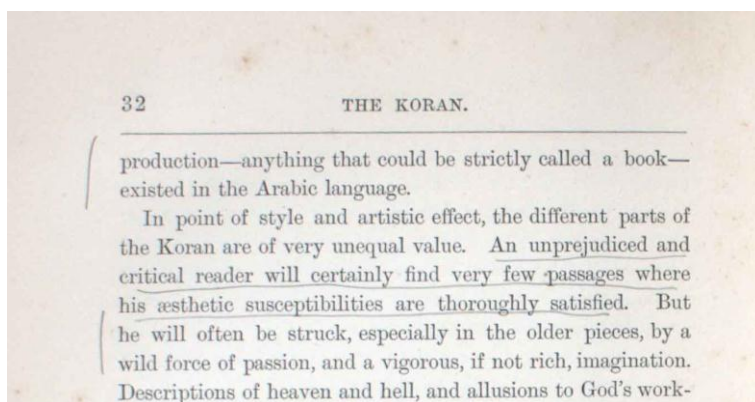


Fig. 18. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 32

Ecoam aqui as palavras de Mora enquanto fala em “subjectivismo ardente” dos “arabes” e na sua tendência para o “sonho excessivo” (BNP/E3, 88-24^v; Pessoa, 2009: 225). Outro texto de Pessoa contém estas considerações: “A synthese iberica é

inimiga da cultura franceza porque a lucidez superficial do francez se não pode casar com os elementos arabes, profundos e intensos, da nossa personalidade psychica, com o elemento sonhador, colorido, incendiado, do nosso arabismo nativo hoje” (BNP/E3, 97-25^r; cf. Pessoa, 1980: 178).

A correspondência intertextual parece clara também e sobretudo num outro texto onde Mora escreve que no psiquismo árabe “as qualidades de imaginação /pre/dominam soberanas” (BNP/E3, 88-22^v; cf. Pessoa, 2009: 224). Neste escrito encontra-se uma consideração sobre a religiosidade árabe pré-islâmica: “Os arabes tinham, [...], uma extensa e complicada mythologia do maravilhoso, [...], onde os genios, e as presenças menores □ tinham parte predominante” (BNP/E3, 88-22^r; cf. Pessoa, 2009: 224). É possível que Pessoa aqui dialogue intencionalmente com uma passagem onde Nöldeke fala na religiosidade popular árabe pré-islâmica, pois o poeta de facto sublinhou: “The Koran has, of course, much to say of angels and devils. Alongside of these figure also demons or jinn, taken from Arab popular belief, but connected also with late Jewish notions” (ver Fig. 19).

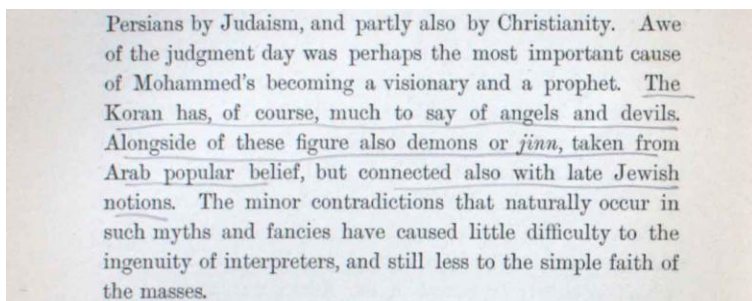


Fig. 19. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 64

Conclusões

À luz dos documentos aqui mostrados e lidos numa proposta de diálogo intertextual, é muito provável que a leitura de Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History*, tenha acompanhado a produção de vários textos pessoanos, do ortónimo tal como de António Mora, sobre a civilização arábico-islâmica. Nalguns casos esta leitura parece ter sido uma directa fonte de inspiração – ou pelo menos uma referência crítica – na escrita plural pessoana sobre sensacionismo e neo-paganismo, mas é também possível que, por vezes, tenha sido a escrita a orientar e influenciar a leitura e a reflexão do leitor.

A expressão *reading-writer*, utilizada por Ferrari (2011: 25-26) para indicar “the writer using the material read for the creation of a new text”, parece mais uma vez apropriada para descrever Pessoa na sua actividade de escritor que alimentou a sua reflexão através da íntima relação com os livros da sua biblioteca particular. Longe de ser uma mera questão de influências recebidas passivamente pelo autor, esta atitude é uma complexa aventura *poietica* plural, um diálogo entre leitura e

escrita que surge frequentemente ao longo do espólio como elemento constitutivo da obra e da vida de Pessoa. Na complexidade deste diálogo, leitura e escrita provavelmente influenciaram-se reciprocamente ao longo do tempo.

Enfim, o caso de *Pessoa-leitor-de-Nöldeke*, considerada a presença de *marginalia* e explícitos comentários relativos a filosofia e religião, parece confirmar que a ligação entre *Pessoa-leitor* e *Pessoa-escritor* constitui um tema cujo estudo é útil para investigar criticamente a literatura de Pessoa, os percursos da sua inspiração filosófica e ainda a posição biográfico-intelectual do autor dentro do contexto histórico-cultural. Estas poderão ser, eventualmente, macro áreas de desenvolvimento deste estudo.

Bibliografia

- Aruffo, Alessandro (2007). *L'Europa e le sue radici islamiche*. Roma: Datanews.
- Boscaglia, Fabrizio (2012). *Considerações sobre a Presença do Elemento Árabe-islâmico no Sensacionismo e no Neo-paganismo de Fernando Pessoa*. Vale d'Infante: Al-Barzakh.
- Côrtes-Rodrigues, Armando (1945). *Cartas de Fernando Pessoa a Côrtes-Rodrigues*. Lisboa: Confluência.
- Ferrari, Patricio (2011). "On the Margins of Fernando Pessoa's Private Library. A Reassessment of the Role of Marginalia in the Creation and Development of the Pre-heteronyms and in Caeiro's Literary Production", in *Luso-Brazilian Review*, vol. 48, n.º 2, pp. 23-71.
- Galoppini, Enrico (2008). *Islamofobia. Attori, Tattiche, Finalità*. Parma: All'insegna del Veltro.
- Jevolella, Massimo (2005). *Le Radici Islamiche dell'Europa*. Milano: Boroli.
- [Kabbani, Sheikh Adnan] [s.d.]. *Haqiqat ul Haqqani. Realisation of Reality*. [sem informações editoriais].
- Lopes, Teresa Rita (1990). *Pessoa por Conhecer, II. Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.
- Nasr, Seyyed Hossein (1972). *Sufi Essays*. New York: State University of New York Press.
- Nazim Adil Al-Haqqani, Shaykh Muhammad (2004). *The Path to Spiritual Excellence*. Foreword by Shaykh Muhammad Hisham Kabbani. Fenton: Islamic Supreme Council of America. "Sufi Wisdom Series".
- Nöldeke, Theodor (1860). *Geschichte des Qorans*. Göttingen: Verlag der Dieterichschen Buchhandlung.
- Perego, Marcello (1998). *Le Parole del Sufismo. Dizionario della Spiritualità Islamica*. Milano: Mimesis.
- Pérez López, Pablo Javier (2011). "Historia y Destino: el fatalismo como identidad nacional lusa", in *Diacronie, Studi di Storia Contemporanea*, n.º 8, <http://www.studistorici.com>.
- Pessoa, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jeronimo Pizarro. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. X. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2008). *Rubaiyat*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2002a). *Álvaro de Campos – Poesia*. Edição Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2002b). *Obras de António Mora*. Edição de Luís Filipe B. Texeira. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2001). *Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930*. Edição de Ivo Castro. Edição Crítica de Fernando Pessoa, série maior, vol. I, t. III. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1996). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- ____ (1980). *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*. Recolha de textos de Isabel Rocheta e Paula Morão; introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- ____ (1978). *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional*. Recolha de textos de Isabel Rocheta e Paula Morão; introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- O Alcorão. Livro Sagrado do Islã*. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- Pizarro, Jerónimo, Ferrari, Patricio e Cardillo, Antonio (2011). "Os Orientes de Fernando Pessoa", in *Revista Cultura Entre Culturas*, n.º 3, pp. 148-185.
- ____ (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa. Fernando Pessoa's Private Library*. Lisboa: D. Quixote. "Acervo Casa Fernando Pessoa / House of Fernando Pessoa's Collection", vol. I.
- Quental, Antero de (2001). *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Lisboa: Ulmeiro.
- Saeed, Abdullah (2007). *Introdução ao Pensamento Islâmico*. Tradução de Marcelo Felix. Lisboa: 70.
- Said, Edward W. (1979). *Orientalism*. New York: Vintage Books.

Livros pertencentes à Biblioteca particular de Fernando Pessoa (CFP)

- Browne, Edward [1925]. *Edward G. Browne (Poems from the Persian)*. London: Ernest Benn. "The Augustan Books of English Poetry, second series, number ten". (CFP, 8-71).
- Carlyle, Thomas (1903). *Sartor Resartus; On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History; Past and present*, London: Chapman & Hall, Ltd (CFP, 8-89).
- Green, H. S. (1910). *The "Reason Why" in Astrology or Philosophy and First Principles*. London: "Modern Astrology" Office. 2nd ed. of Theoretical Astrology, revised, amplified, and partly re-written. "Alan Leo's astrological manuals, n.º 6" (CFP, 1-63).
- Henry, Victor (1904). *Les Littératures de l'Inde: sanscrit, pâli, prâcrit*. Paris: Librairie Hachette & Cie (CFP, 8-250).
- Khayyám, Omar (1910). *Rubáiyát of Omar Khayyám*. The astronomer poet of Persia rendered into English verse by Edward Fitzgerald. Leipzig: Bernhard Tauchnitz. "Collection of British and American Authors, n.º 4231" (CFP, 8-296).
- Nöldeke, Theodor (1892). *Sketches from Eastern History*. Translated by John Sutherland Black. London and Edinburgh: Adam and Charles Black (CFP, 9-54).
- Weir, Thomas Hunter (1926). *Omar Khayyám The Poet (The Wisdom of the East Series)*. London: John Murray (CFP, 8-662 MN).

Dos poetas venezolanos lectores de Pessoa: Rafael Cadenas y Eugenio Montejo

Ana Lucía De Bastos*

Palabras clave

Fernando Pessoa, Poesía venezolana, Influencia, Intertextualidad, Heteronimia

Resumen

En este artículo estudiamos la presencia de Fernando Pessoa en dos poetas venezolanos, Rafael Cadenas y Eugenio Montejo, quienes han afirmado en entrevistas y ensayos ser sus lectores. En las obras poéticas de ambos podemos encontrar vestigios intertextuales o alusiones directas al poeta portugués. Aunque de distinta manera, la lectura y el ejemplo de Pessoa parecen haber sido significativos para el desarrollo de ambas poéticas.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Poesia venezuelana, Influência, Intertextualidade, Heteronímia

Resumo

Neste artigo estudamos a presença de Fernando Pessoa em dois poetas venezuelanos, Rafael Cadenas e Eugenio Montejo, que têm afirmado em entrevistas e ensaios serem os seus leitores. Nas obras poéticas de ambos podemos encontrar vestígios intertextuais ou alusões directas ao poeta português. Ainda que de maneiras diferentes, a leitura e o exemplo de Pessoa parece ter sido significativo para o desenvolvimento de ambas poéticas.

Keywords

Fernando Pessoa, Venezuelan Poetry, Influence, Intertextuality, Heteronomy

Abstract

In this article we study the presence of Fernando Pessoa in two Venezuelan poets, Rafael Cadenas and Eugenio Montejo, who have stated in interviews and essays that they are readers of Pessoa. In their works we can find intertextual vestiges and direct allusions to the Portuguese poet. Though in distinct manners, the reading and example of Pessoa seems to have been significant for both poets.

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Los primeros poemas de Fernando Pessoa traducidos al español son publicados en 1957. La edición, a cargo de la editorial Rialp, con traducción de Ángel Crespo, contiene únicamente poemas de Alberto Caeiro. Tres años después, la editorial argentina Fabril publica la primera antología en español de Fernando Pessoa, con poemas de los tres heterónimos más conocidos. Sin embargo, es la traducción de Octavio Paz, de 1962, por la Universidad Autónoma de México, la que consigue la definitiva difusión del poeta en el mundo hispano. El libro de Paz, titulado *Antología de Fernando Pessoa*, además de una selección de poemas, contiene un estudio llamado “El desconocido de sí mismo” en donde describe el contexto histórico y literario de Portugal a principios de siglo XX, para subrayar el carácter innovador del grupo de *Orpheu*, resaltando el papel de Fernando Pessoa (*apud* Paz, 1962: 5).

A partir de entonces, y por medio de distintas vías, han sido muchos los lectores hispanoamericanos que se han acercado a la poesía de Fernando Pessoa, como también muchos los poetas y escritores de habla española que han reconocido la influencia que esta lectura ha tenido en sus obras. En este artículo nos centraremos en la presencia de Pessoa en dos poetas, Rafael Cadenas y Eugenio Montejo, quienes han afirmado en entrevistas y ensayos ser lectores de Pessoa y en cuyas obras podemos encontrar vestigios intertextuales o alusiones directas al poeta portugués.

La marcha de la Derrota

Rafael Cadenas nace en Lara, Venezuela, en 1931. Publica a los dieciséis años su primer libro, *Cantos Iniciales* y a lo largo de su vida, siete libros de poesía, de los cuales transcribimos al final de este artículo, en Anexos, algunos poemas emblemáticos. Además de esta vasta obra poética, ha publicado ocho libros de ensayo y uno de traducción.

En 1963, en el intervalo entre la publicación de *Cuadernos del destierro* (1960) y *Falsas Maniobras* (1966) aparece en el periódico literario *Clarín de los Viernes* el famoso poema “Derrota”, que copiamos íntegramente por haber sido leído y comparado a la luz de la obra de Pessoa:

Yo que no he tenido nunca un oficio
que ante todo competidor me he sentido débil
que perdí los mejores títulos para la vida
que apenas llego a un sitio ya quiero irme (creyendo que mudarme es una solución)
que he sido negado anticipadamente y escarnecido por los más aptos
que me arrimo a las paredes para no caer del todo
que soy objeto de risa para mí mismo
que creí que mi padre era eterno
que he sido humillado por profesores de literatura
que un día pregunté en qué podía ayudar y la respuesta fue una risotada

que no podré nunca formar un hogar, ni ser brillante, ni triunfar en la vida
 que he sido abandonado por muchas personas porque casi no hablo
 que tengo vergüenza por actos que no he cometido
 que poco me ha faltado para echar a correr por la calle
 que he perdido un centro que nunca tuve
 que me he vuelto el hazmerreír de mucha gente por vivir en el limbo
 que no encontraré nunca quién me soporte
 que fui preterido en aras de personas más miserables que yo
 que seguiré toda la vida así y que el año entrante seré muchas veces más burlado en mi
 ridícula ambición
 que estoy cansado de recibir consejos de otros más aletargados que yo
 ("Ud. es muy quedado, avísese despierte")
 que nunca podré viajar a la India
 que he recibido favores sin dar nada a cambio
 que ando por la ciudad de un lado a otro como una pluma
 que me dejó llevar por los otros
 que no tengo personalidad ni quiero tenerla
 que todo el día tapo mi rebelión
 que no me he ido a las guerrillas
 que no he hecho nada por mi pueblo
 que no soy de las FALN¹ y me desespero por todas esas cosas y por otras cuya enumeración
 sería interminable
 que no puedo salir de mi prisión
 que he sido dado de baja en todas partes por inútil
 que en realidad no he podido casarme ni ir a París ni tener un día sereno
 que me niego a reconocer los hechos
 que siempre babeo sobre mi historia
 que soy imbécil y más que imbécil de nacimiento
 que perdí el hilo del discurso que se ejecutaba en mí y no he podido encontrarlo
 que no lloro cuando siento deseos de hacerlo
 que llego tarde a todo
 que he sido arruinado por tantas marchas y contramarchas
 que ansío la inmovilidad perfecta y la prisa impecable
 que no soy lo que soy ni lo que no soy
 que a pesar de todo tengo un orgullo satánico aunque a ciertas horas
 haya sido humilde hasta igualarme a las piedras
 que he vivido quince años en el mismo círculo
 que me creí predestinado para algo fuera de lo común y nada he logrado
 que nunca usaré corbata
 que no encuentro mi cuerpo
 que he percibido por relámpagos mi falsedad y no he podido derribarme,
 barrer todo y crear de mi indolencia, mi flotación,
 mi extravío una frescura nueva, y obstinadamente
 me suicido al alcance de la mano
 me levantaré del suelo más ridículo todavía para seguir burlándome de los otros
 y de mí hasta el día del juicio final.

(Cadenas, 2000: 137)

¹ Siglas de "Fuerzas Armadas de Liberación Nacional", grupo guerrillero creado por el Partido Comunista de Venezuela en 1962 y disuelto en 1969.

El poema “Derrota” fue publicado poco después de las primeras ediciones de Pessoa en español. Tenemos constancia de que Cadenas ya lo conocía entonces y también de la importancia que le había dado a aquella lectura.² Dentro de la obra de Cadenas este poema marca un viraje de su quehacer poético, pasando de una poesía más bien oscura, elaborada, llena de imágenes complejas, para llegar a una poesía cuyas formas se acercan a la prosa, regida además por un tono confesional. El crítico Rafael Arráiz Lucca describe “Derrota” como un “poema bisagra” entre su libro anterior y el siguiente, añadiendo que en éste “el lenguaje directo se impone con una claridad exenta de metáforas y símbolos que recuerda mucho a ciertas líneas de trabajo que desarrolló un hombre que abrigaba una multitud: Fernando Pessoa” (Arráiz Lucca, 2004: 234). Es importante señalar que si “Derrota” se puede considera como un “poema bisagra” – y creemos que así es –, entonces también se puede aseverar que el conocimiento de la obra de Pessoa fue decisivo para la mudanza de registro que vivió la poesía de Rafael Cadenas, ya que el conocimiento de las primeras ediciones de Pessoa en español es anterior a la escritura de ese poema emblemático.

En su libro *El coro de las voces solitarias*, Arráiz Lucca apunta también el parecido de “Derrota” con un poema de Campos: “pienso”, escribe, “en ‘Tabaquería’, tan asombrosamente emparentado con el ‘Derrota’ de Cadenas” (*ibídem*). A favor de esta comparación pesa el hecho de que “Tabacaria” tuviera el título inicial de “Marcha da Derrota” (BNP/E3, 70-27^r), como lo atestigua un documento del archivo de Fernando Pessoa (cf. Fig. 1), si bien es improbable que en 1963 Cadenas pudiera conocer este dato. ¿Lo intuyó? No sabemos. Lo cierto es que muchos poemas modernos le dan la voz al marginado y al fracasado, y que un buen lector y un buen poeta descubre de inmediato el tema de la derrota en “Tabacaria”.

Las afinidades entre “Tabacaria” y “Derrota” son parciales y a Cadenas lo habrán influenciado muchos poemas de Pessoa y no sólo éste. “Tabacaria” es un poema narrativo y, de cierta forma, tridimensional, ya que Álvaro de Campos es, a la vez, el sujeto poético, el protagonista y el narrador de una puesta en escena en miniatura. Desde la ventana de su cuarto, Campos observa la tabaquería del otro lado de la calle, enciende un cigarro, se reclina en su silla. En “Derrota”, en cambio, no hay un escenario, y el protagonista no se perfila con rasgos diferenciales que lo caractericen. En “Tabacaria” existe un proceso de individualización, incluso de los personajes secundarios del enredo que reciben un nombre, como un tal Esteves, que aparece casi al final del poema y tiene un papel especial: saludar al protagonista.

² En una entrevista reciente, Rafael Cadenas nos dijo: “Yo leí a Pessoa en los sesenta [...] en la Fabril, a través de esa editorial yo conocí a Pessoa, Ungaretti, Oscar Milosz. Y para mí fue un descubrimiento, el leer a Pessoa” (De Bastos, 2010: 121).

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
 Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
 (O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
 Acenou-me adeus gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.
 (Pessoa, 2002: 326)

En ese gesto final del poema "Tabacaria", en ese saludo, los dos personajes contrarios se aproximan; ese acercamiento, esa comunión, no se da en el poema de Cadenas, donde incluso al final la separación entre el sujeto poético y los otros parece definitiva. En "Derrota" se lee: "me levantaré del suelo más ridículo todavía para seguir burlándome de los otros".

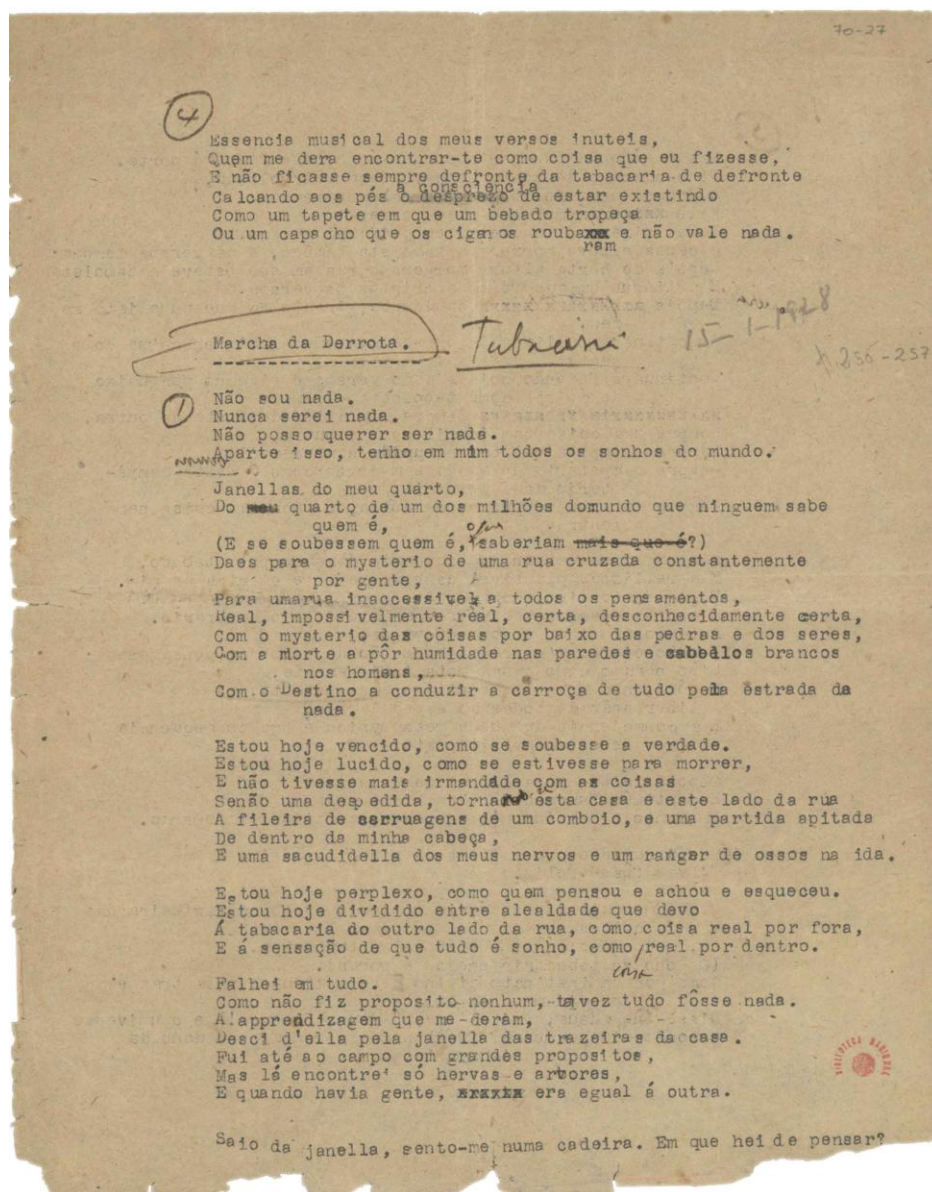


Fig. 1. BNP/E3, 70-27

"Marcha de la Derrota" pasó a llamarse "Tabacaria"

En “Tabacaria” la comunión entre Campos y los otros sucede desde el principio. El poema no relata solamente la derrota o el fracaso de un destino particular, como lo hace “Derrota”, sino, sobre todo, la insignificancia de cualquier acontecimiento, la inutilidad de lo que conocemos, por su carácter temporal, finito e intrascendente. En esto, Campos no hace distinción entre su destino personal y el de cualquier otro, incluido el del vendedor de la tabaquería: “Ele morrerá e eu morrerei. | Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei os versos também. | Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a tabuleta, | E a língua em que foram escritos os versos” (Pessoa, 2002: 326). Fundamentalmente, aquí está cifrado el sentido del poema de Campos, para quien hacer o soñar son dos actos igualmente fútiles ante la inminencia de la muerte, ya que ningún acto ni ningún sueño los redimirá ni a él, ni a Esteves, ni al vendedor de la tabaquería.

Teniendo en cuenta estos aspectos, creemos que Carmen Virginia Carrillo es más certera al establecer un paralelo entre Cadenas y Pessoa cuando señala las semejanzas formales y temáticas entre el poema “Derrota” y el “Poema em linha recta”. Carrillo afirma que en “Derrota” se advierte “el diálogo intertextual con el poema de Fernando Pessoa”, cuyos sujetos poéticos, según la ensayista, tienen “una visión pesimista del mundo que pareciera cerrar todas las posibilidades de integración al hablante, quien se representa en una completa y total disyunción con el entorno social” (Carrillo, 2005: 28).

“Poema em linha recta” fue publicado por primera vez en 1944, de manera póstuma por la editorial Ática. Como “Tabacaria”, es un poema atribuido a Álvaro de Campos por Fernando Pessoa, y un poema seleccionado por Rodolfo Alonso para la antología de la editorial Fabril que Cadenas leyó. Como “Tabacaria”, “Poema em linha recta” tampoco sigue cánones clásicos de metro y rima. Mientras el primero tiene ciento y cincuenta y siete versos, el segundo está constituido por treinta y seis versos libres que recrean meticulosamente la sensación de ridículo de Campos.

Con un estilo propio de la oralidad, “Poema em linha recta” comienza con una afirmación determinante: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada | Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo” (Pessoa, 2002: 262), versos que dictan el tono irónico del texto y la constante comparación de Campos con estos “campeones”. El poema se sirve de la repetición anafórica de la conjunción “que” para describir al sujeto, tal y como en una letanía o en una enumeración de la infamia:

Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda

(Pessoa, 2002: 262)

Del mismo modo, la repetición anafórica le servirá a Cadenas en el poema “Derrota” para presentarnos a un sujeto poético de índole abyecta:

Yo que no he tenido nunca un oficio
que ante todo competidor me he sentido débil
que perdí los mejores títulos para la vida
que apenas llego a un sitio ya quiero irme (creyendo que mudarme es solución)
que he sido negado anticipadamente y escarnecido por los más aptos
que me arrimo a las paredes para no caer del todo

(Cadenas, 2000: 137)

La similitud formal es innegable, como lo es también, hasta cierto punto, el contenido: en ambos poemas, el sujeto poético se describe en contraste con un *otro* plural, y siempre en términos siempre de inferioridad. En ninguno de los dos hay una puesta en escena. Todo lo que conocemos, en ambos, es una incomodidad o desasosiego, mediante una serie de confesiones que se acercan a la diatriba. “Poema em linha recta” y “Derrota” son dos poemas afines y su acercamiento por parte de la crítica venezolana nos parece plenamente comprensible.

Pero si hay semejanzas, también hay diferencias. Campos se vale de la descripción detallada de su ridiculez para evidenciar la impostura de los otros. En estos versos que siguen apela a la humanidad de los otros y lo hace, irónicamente, llamándolos semidioses:

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semi-deuses!
Onde é que há gente no mundo?

(Pessoa, 2002: 263)

De este modo, Campos deja constancia de cómo ellos, “los otros”, tampoco podrían rehuir el ridículo ni ser ajenos a muchos defectos.

El sujeto poético de “Derrota” no introduce esta inversión. Por un lado, parece dispuesto a querer convencernos de su inferioridad, que hace que sea no sólo “escarnecido por los más aptos”, sino además, “preterido en aras de personas más miserables”. Por otro lado, así haya individuos peores que él, parece que él siempre está de último por poseer esta condición marginal, casi deapestado.

De hecho, el sujeto poético de Cadenas no se describe solamente como un individuo ridículo, sino, sobre todo, como un ser incapaz, como alguien que no es capaz de actuar:

que todo el día tapo mi rebelión
 que no he ido a las guerrillas
 que no he hecho nada por mi pueblo
 que no soy de las FALN y me desespero por todas estas cosas y por otras cuya
 enumeración sería interminable
 que no puedo salir de mi prisión
 que he sido dado de baja en todas partes por inútil

(Cadenas, 2000: 138)

Y es en esta falta de acción lo que le frustra, desespera. El alter ego imaginado por Cadenas, aparece como un hombre más acá de los hechos, un hombre pasivo, que no tiene un lugar en el mundo, a no ser el de observador; ese hombre termina, sobre todo, observándose a sí mismo. No sólo es un *outsider*, sino que está por debajo de los otros, fuera de muchos sistemas, si bien lamenta no pertenecer a ninguno. Es un hombre que no consigue estar adentro, pero tampoco se siente en paz estando afuera. En “Poema em linha recta”, Campos sabe, por el contrario, que los demás son como él, pero que hacen más por disimularlo.

En suma, y en sintonía con Carmen Virginia Carrillo, podemos reafirmar la similitud de estos dos poemas, “Poema em linha recta” y “Derrota”, así como de sus sujetos poéticos, ya que en ambos casos se proyecta un antihéroe, un hombre sin importancia, un recluso de sus limitaciones y un inadaptado social. Pero, mientras Campos denuncia, de manera irónica y hasta jocosa, la falsedad de los otros – que buscan ocultar su lado ridículo –, el sujeto poético de “Derrota” se penaliza exclusivamente a sí mismo, ya sea por su falta de participación, ya sea por su inacción.

En varias ocasiones y en distintas entrevistas Rafael Cadenas ha sido interrogado acerca de la presencia de Pessoa en su poesía y, concretamente, en su poema “Derrota”. En una entrevista publicada por el periódico español *El País*, Cadenas declara: “A Pessoa lo leí bastante. Es posible que los primeros versos de ese poema [“Poema em linha recta”] hayan quedado en mi subconsciente”; pero inmediatamente agrega y aclara: “‘Derrota’ es un poema absolutamente distinto, que escribí en un estado de gran depresión. Mejor dicho, lo escribió un joven de 32 años que no soy yo” (López-Vega, 2008: 1). Así, declarando de modo borgeano que otro Cadenas escribió “Derrota”, Cadenas trata de conjurar la presencia de Pessoa. No descarta su probable influencia, pero se afianza en las diferencias.

Tanto, que en otra entrevista, Cadenas minimiza aún más la proximidad de ambos poemas: “siempre se asocia el poema ‘Derrota’ con otro poema de Pessoa; y tal vez fue como el punto de partida, yo no recuerdo muy bien”; en todo caso, afirma, “todo el poema tiene otro sentido” y “esa forma no tiene por qué proceder de Pessoa [...] en español [el uso anafórico del “que”] es una expresión muy corriente” (De Bastos, 2010: 116). En nuestra opinión, es posible suscribir las palabras de Cadenas y prescindir de la lectura del poema de Campos para

comprender plenamente “Derrota”; pero así estemos ante un poema independiente y significativo por sí mismo, también es cierto que un poema ilumina al otro. Cadenas no debe temer que el poema portugués eclipse el suyo. No creemos que esto sea posible y la resistencia de ambos al paso del tiempo lo demuestra.

En fin, recordemos que la escritura de “Derrota” coincide con el descubrimiento y la lectura de la obra de Pessoa, y enfatizamos la importancia de este encuentro. Al fin y al cabo, “Poema em linha recta” le habría revelado a Cadenas, a un nivel consciente o no, nuevas posibilidades formales para un creciente sentimiento de marginalización. Es virtud de Cadenas la expresión que le dio a esos sentimientos.

La experiencia de mirar

La obra de Cadenas se suele aproximar, por la similitud de los poemas comentados, a la de Pessoa, a través de la de su “intermediario”, Álvaro de Campos. Pero si nos ciñéramos a lo que propone el propio autor en una entrevista, tendríamos que recordar también a una segunda persona interpuesta: Alberto Caeiro. Según Cadenas, “de todos los heterónimos de Pessoa el que más me ha interesado es Alberto Caeiro, por afinidad digamos” (De Bastos, 2010: 116). ¿En qué consiste esta “afinidad” o cercanía?

A finales de los años sesenta, Cadenas habría comenzado a leer libros sobre taoísmo y zen, cuyas ideas habrían ido permeando sus poemas. Las marcas de esas lecturas se vuelven evidentes sobre todo a partir del libro *Memorial* (1977). Este hecho es notable, porque en “esa cierta relación entre Caeiro y Oriente” (De Bastos, 2010: 116) es que Cadenas fundamenta, precisamente, la proximidad entre su obra y la del heterónimo pessoano, y porque a partir de *Memorial* (1977) la voz poética de Cadenas se vuelve mucho menos pesimista y autodestructiva. Hay un vuelco importante a la contemplación, y los ojos, como medio para comprender el mundo, son preteridos frente a la razón como único mecanismo para comprender el mundo.

A este respecto, comencemos por citar un poema de Alberto Caeiro – el II de *O Guardador de Rebanhos* –, donde al acto de mirar se le otorga la supremacía en la percepción del mundo:

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,

Reparasse que nascera deveras...
 Sinto-me nascido a cada momento
 Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
 Porque o vejo. Mas não penso nele
 Porque pensar é não compreender...
 O Mundo não se fez para pensarmos nele
 (Pensar é estar doente dos olhos)
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...
 Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
 Mas porque a amo, e amo-a por isso
 Porque quem ama nunca sabe o que ama
 Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
 E a única inocência não pensar...

(Pessoa, 2001: 10)

Como afirma Maria Helena Nery Garcez en *Alberto Caeiro, Descobridos da Natureza?* (1985): “Caeiro, nos seus poemas, faz a fenomenologia de si mesmo e, porque quer ser paradigma para os demais, surpreende-se nas mais variadas situações” (1985: 181). De hecho, en este poema, Caeiro resume su filosofía en dos palabras: “tenho sentidos”. Su afirmación pretende estar libre de razonamientos, ya que “pensar é não compreender”, y, en teoría, libre de asociaciones vinculadas al conocimiento adquirido y la memoria: “E o que vejo a cada momento | É aquilo que nunca antes eu tinha visto, | E eu sei dar por isso muito bem...”. Caeiro se vuelve, así, un símbolo – de “especie complicada” – de la eterna inocencia.

Para Luzilá Ferreira, al hablar de los niños y de Caeiro, la “relação da criança com a coisa é isenta de cargas adicionais, [...] o objecto que a criança percebe não é o objecto pensado, recriado pela memória, arquitectado pela imaginação que o adulto crê observar no mundo sensível” (Ferreira, 1989: 21). En sus poemas, Caeiro surge como la personificación de un deseo: el de ver el mundo exterior sin la “sombra” de aprendizajes previos. Y para que ese deseo se cumpla, es necesario volver a ganar el asombro natural de los niños: “Sei ter o pasmo essencial”, dice, y ese “pasmo” corresponde al que tendría un niño si, al nacer, se diera cuenta que de verdad nació... Caeiro representa, en fin, una invitación a redescubrir el mundo, a volver a verlo, a reencontrar el propio *ser*.

Por su lado, Rafael Cadenas, aunque de un modo menos radical, también propone una aproximación al mundo a través de los sentidos, especialmente de la vista, y se despoja de un “vestuario” más argumentativo o intelectual. Esto resulta claro en varios poemas cortos (a veces de un verso), que el poeta reunió bajo el

título de “Recuento”. Veamos algunos, sin olvidar que cada uno es independiente de los otros):

Antes, sólo tocábamos días sabidos, toda primera vez llevaba un peso que no era suyo.
 Hay una isla que sólo ven los ojos nuevos.
 Un día, de tanto verte, te vi.
 Esto te debo: haber restablecido el instante en mis ojos.
 Júbilo que no puede morir porque no tiene nombre.
 El extraviado sólo quiere ojos limpios, espejos simples para vivir.

(Cadenas, 2000: 188)

Hay en los versos de Cadenas un elemento que a primera vista se puede distinguir de las afirmaciones de Caeiro. El sujeto poético es alguien que se ha encontrado consigo mismo; como si Caeiro volviera a ser Caeiro después de haber sido el “pastor amoroso”. Palabras como “extraviado” y “restablecido” testimonian que alguien estuvo perdido, pero que, en cierto momento, se volvió a encontrar.

En “Recuento” el sujeto poético advierte la novedad del mundo exterior tras sufrir un cambio y volver a mirar con “ojos nuevos”. Son sus ojos los que se renovaron; no el mundo. Por medio de la contemplación llega a poseer el “instante”, como una liberación del pasado como memoria y del futuro en cuanto deseo. De alguna forma, ese sujeto, como Caeiro, ha desaprendido para aprender a ver.

Pessoa (bajo la máscara de Caeiro) y Cadenas (bajo la del sujeto de su poema) coinciden también en la manera como entienden la realidad física, el mundo natural y el tiempo presente. Evoquemos la “religión personal” de Caeiro, descrita así:

Mas se Deus é as flores e as árvores
 E os montes e sol e o luar,
 Então acredito nele,
 Então acredito nele a toda hora,
 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
 E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos

(Pessoa, 2001: 40)

Estos versos evocan algunas sentencias y pensamientos de Rafael Cadenas, quien, en su libro *Dichos*, escribe: “Casi todas las místicas se fundan en la negación de lo que existe. ¿No es posible una ‘espiritualidad’ terrena? Yo me niego a aceptar que la ‘creación’ sea mala o simple peldaño hacia otro mundo o lugar de purgación. Este presente es todo” (Cadenas, 2000: 666). Tanto Cadenas como Caeiro transforman el presente y la actualidad en una especie de absoluto, y se oponen a las místicas negativas; su paganismo es afirmativo.

Por lo demás, es posible que Cadenas tome otros derroteros cuando propone una unidad metafísica totalizadora: “Dios (*Brahman*) y el alma (*Atman*) son los mismos. Sankara, el gran pensador de esta corriente, sostiene que no hay dos realidades básicas, sino una sola: *Brahman*, presente en todo; también en nosotros, naturalmente” (Cadenas, 2000: 685). Caeiro no imagina una unidad mayor, pues advierte que hay partes sin un todo, lo cual impide unificar la realidad. Véanse algunos de los versos del poema “XLVII”:

Entrevi, como uma estrada entre às árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas idéias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam

(Pessoa
a, 2001: 84)

Pero ¿Caeiro sí está en armonía con un universo natural? ¿No se corre el riesgo de tomar al pie de la letra su discurso? José Martins García, en el ensayo “Caeiro *traditore*?” sustenta que el “maestro” de Pessoa piensa constantemente en no pensar, lo cual pondría en tela de juicio “a seriedade com que encara os ensinamentos do zen” (García, 1985: 50). A este respecto, conviene recordar que Eduardo Lourenço describe a Caeiro como un ser “puramente verbal”, y algo ciego, porque “o que ele vê nas coisas é a palavra coisas”, no lo que ellas son, que sería redundante (Lourenço, 1986: 53).

Lo que aquí nos interesa apuntar es que Caeiro, “una creación mucho más libre” en palabras de Cadenas (*in* De Bastos, 2010: 116), personifica un ideal que se aproxima al que hizo suyo el poeta venezolano. Cadenas tiene afinidades electivas con Caeiro, en la medida en que sus poemas se pueden leer teniendo presente algunos principios de la escuela zen que se apartan del conocimiento teórico o intelectual.

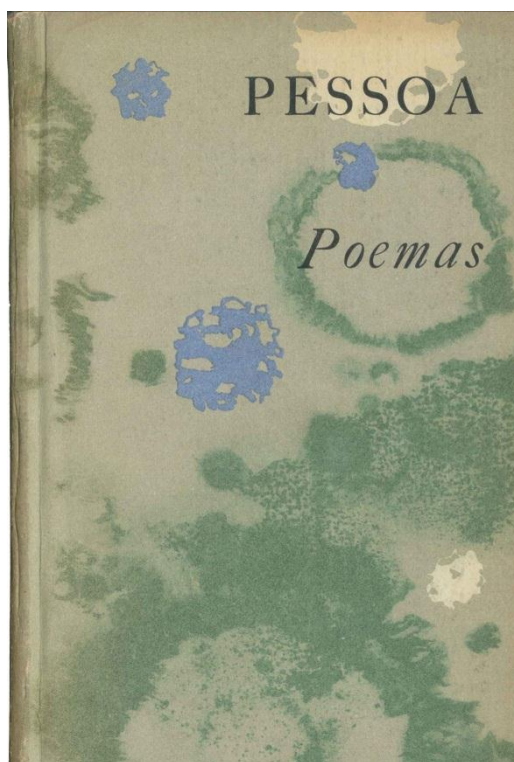


Fig. 2. Portada del libro *Poemas* de Fernando Pessoa (1961), de la editorial Fabril, Buenos Aires. Fue a través de esta edición que Cadenas conoció la poesía de Pessoa y sus heterónimos.

Eugenio Montejo y la estatua de Pessoa

Eugenio Montejo nació en Caracas en 1938, pero pasó la mayor parte de su vida en Valencia, Venezuela, donde murió en 2008. Durante tres décadas – tras *Élegos* (1967) – publicó nueve libros de poesía bajo este nombre de autor. Transcribimos en Anexo algunos de estos poemas, tomando como muestra al menos uno de cada libro. En los años ochenta, durante el tiempo de su estadía en Lisboa como Agregado Cultural de la Embajada de Venezuela, comenzó a desarrollar una nueva línea de creación a la que le dio el nombre de “escritura oblicua” o “heteronímica”, glosando el término “heterónimo” reinventado por Fernando Pessoa.

La relación de Montejo y Pessoa es más evidente o explícita que la de Cadenas y Pessoa, ya que Montejo desarrolla una técnica pessoana (la creación de heterónimos), y a diferencia de Cadenas, publicó un poema en el cual alude directamente al poeta portugués. El poema es “La estatua de Pessoa” y se encuentra en su libro *Alfabeto del Mundo* (1986). Notablemente, el poema está dedicado a Cadenas, como si Montejo quisiera filiarse en la tradición de la poesía venezolana que reconoce el lugar de Pessoa en la poesía moderna, que, probablemente, tuvo inicio con Cadenas. En el poema, Pessoa es invocado a través de la famosa escultura del poeta erguida al pie del café *A Brasileira* por el artista portugués Antonio Augusto Lagoa Henriques:

La estatua de Pessoa

A Rafael Cadenas

La estatua de Pessoa nos pesa mucho,
hay que llevarla despacio.
Descansemos un poco aquí a la vuelta
mientras vienen más gentes en ayuda.
Tenemos tiempo de tomar un trago.

Son tantas sombras en un mismo cuerpo
y debemos subirlas a la cumbre del Chiado.
A cada paso se intercambian idiomas,
anteojos, sombreros, soledades.

Démosle vino ahora. Pessoa siempre bebía
en estos bares de borrosos espejos
que el Tajo cruza en un tranvía sonámbulo.
¿Por qué no va a beber su estatua?

Con todo el siglo dentro de sus huesos
vueltos ya piedras llenas de saudades,
casi nos dobla los hombros
bajo el silencio de su risa pagana.

No hay que apurarse. Llegaremos.
Lo que más cuesta no es la altura de su cuerpo
ni el largo abrigo que lo envuelve
sino las horas del misterio
que se repliegan pétreas en el mármol.

Cuanto a diario soñó por estas calles
y desoñó y volvió a soñar y desoñar;
el tiempo refractado en voces y antífonas
y los horóscopos oscuros
que lo han cubierto como una gruesa pátina.
Alzar sólo su cuerpo sería fácil.
Aunque se embriague no pesa más que un pájaro.

(Montejo, 2007: 76)

En este poema, Montejo sustituye la primera persona del singular, el llamado “yo lírico”, que normalmente utiliza, por el plural “nosotros”, abarcando a todos aquellos que cargan en sus hombros la estatua. Al igual que en “Tabacaria”, aquí el poema construye una pequeña escena, una representación imaginaria que coincide con el momento en el cual la estatua de Pessoa es llevada en hombros hasta el sitio donde hoy descansa en el barrio de Chiado. Montejo, como Cadenas,

formaría parte de una comunidad imaginaria que comparte el destino y la dificultad de elevar el peso de la estatua de Pessoa.

Ese grupo de personas, siente la necesidad de hacer un alto y esperar un momento: “Descansemos un poco aquí a la vuelta | mientras vienen más gentes en ayuda”. ¿Más gentes? ¿Quiénes? Esa comunidad creciente bien podría ser la de los lectores de Pessoa y, también, la de sus herederos poéticos: los poetas posteriores que necesitarían repartirse la carga de la estatua para atenuar su peso; tal sería no el peso del cuerpo, que era ligero (“no pesa más que un pájaro”), sino, metafóricamente, del peso de sus palabras, la envergadura de su propuesta creativa, que necesitaría ser repartida entre muchos. Estos versos nos llevan al encuentro de la teoría de Harold Bloom, en *The Anxiety of Influences*, según la cual cada nuevo talento debe apropiarse de la tradición literaria, pero “nothing is got for nothing, and self-appropriation involves the immense anxieties of indebtedness, for what strong maker desires the realization that he has failed to create himself?” (Bloom, 1973: 5). Aquellos que lo cargan, deben primero saber medir el peso de sus palabras; es decir, de la tradición creada por él. En el poema de Montejo, la estatua es la imagen ideal para sugerir un peso casi insostenible para solo un hombre, o poeta.

La fecha del libro que contiene el poema en cuestión, *Alfabeto del Mundo* (1986), también es significativa, porque fue en 1985 que se comenzó a consolidar la consagración de Pessoa, con una serie de homenajes y publicaciones alrededor de la celebración de los cincuenta años de su muerte (y, casi en seguida, alrededor de los cien años de su nacimiento, en 1988). En 1985, escribe Eduardo Lourenço que Pessoa ya conocía una “glória verdaderamente universal” y se había convertido en “o eixo em volta do qual se articula a cena crítica e, para além dela, a cena cultural do nosso país” (Lourenço, 1986: 27). Montejo estuvo en Lisboa, precisamente, en estos años, en los que además su cuerpo fue desenterrado del Cementerio de los Placeres y transportado al Monasterio de los Jerónimos. Traslado que, de alguna forma, marca la institucionalización de Pessoa como un bien nacional, y así, su petrificación icónica.

Al finalizar el poema, todo este peso señalado se vuelve liviano: “Alzar solo su cuerpo sería fácil | Aunque se embriague no pesa más que un pájaro”, escribe Montejo. Es significativo que Montejo escoja el sustantivo “cuerpo” para señalar al Pessoa más medular. De este modo, lo hace partícipe de su propia *ars poética*, insertado dentro de esta concepción del mundo. Eugenio Montejo, creyente de lo terreno, material y finito, resume su religiosidad panteísta en aquello que bautizó como “terredad”: la sacralización de lo que se conoce como limitado, sean los árboles, los pájaros, las piedras, las personas. Todos estos entes, nos dice, son de por sí misteriosos y en su finitud, infinitos. Curiosamente, es en la materialidad de Pessoa, en su cuerpo, donde Montejo cifra al hombre: “aunque se embriague no pesa más que un pájaro”.

Para ilustrar mejor estas ideas de Montejo vale la pena leer, además de los poemas en Anexos “Creo en la vida” y “Otra amapola”, el poema “Terredad”, que copiamos a continuación:

Terredad

Estar aquí por años en la tierra,
con las nubes que lleguen, con los pájaros,
suspensos de horas frágiles.
Abordo, casi a la deriva,
más cerca de Saturno, más lejanos,
mientras el sol da vuelta y nos arrastra
y la sangre recorre su profundo universo
más sagrado que todos los astros.

Estar aquí en la tierra: no más lejos
que un árbol, no más inexplicables;
livianos en otoño, henchidos en verano,
con lo que somos o no somos, con la sombra,
la memoria, el deseo hasta el fin
(si hay un fin) voz a voz,
casa por casa,
sea quien lleve la tierra, si la llevan,
o quien la espere, si la aguardan,
partiendo juntos cada vez el pan
en dos, en tres, en cuatro,
sin olvidar las sobras de la hormiga
que siempre viaja de remotas estrellas
para estar a la hora en nuestra cena
aunque las migas sean amargas.

(Montejo, 2007:

54)

Para Montejo, el misterio está en lo conocido; no hace falta el más allá: “Estar aquí en la tierra: no más lejos | que un árbol”. En lo tangible estaría, *es*, lo grandioso. El fin, es decir, la muerte, es puesta en duda “(si hay un fin)” y, lo mínimo y lo inmenso se corresponde: las hormigas y las estrellas, la sangre y los astros.

Esta “terrenalidad” tal vez lleva a Montejo, al final del poema anterior, a rescatar y darle una cierta materialidad al cuerpo de Pessoa. Este gesto nos parece interesante, porque no fue Pessoa quien más “peso” le dio a su cuerpo. Según Isabel Allegro Magalhães, en el ensayo “O gesto e não as mãos”, Pessoa prefiere “o abstracto em lugar do concreto, a forma e não a substância, ou se quisermos, por metonímia, o sonho e não a realidade” (Magalhães, 1996: 18).

Pero no por ello podemos decir que Montejo ignorase las características de la obra y vida de Pessoa. Al contrario, su poema es de corte intertextual: se

construye en relación con el “texto” múltiple y anónimo que la tradición ha creado en torno a Pessoa. Un lector que desconozca la obra pessoana, y todo lo que se ha tejido en torno a él, que además tenga pocas noticias de su biografía, leerá menos de la mitad del poema. En este caso, es incluso más dependiente que el poema “Derrota” frente a “Poema em linha recta”.

El poema “La estatua de Pessoa” parece querer liberar y aligerar un poco al Pessoa de bronce, ahora público y un poco impúdico, que ya no posee ni sus propios huesos. Este Pessoa icónico es pesado, está endurecido y yace en el Chiado. Su cuerpo, y en el sentido que denota esta palabra en Montejo, su *ser*, no está ahí solidificado; es siempre más leve y libre.

De la heteronimia a los colígrafos

Eugenio Montejo encaró la heteronimia como una herramienta expresiva y le adjudicó nuevas propuestas estéticas a nuevos nombres de autor, a los cuales denominó colígrafos. Esta fue una opción relativamente tardía dentro de su obra, que le permitió una renovación personal y artística. Esa renovación comenzó con la publicación del libro *El cuaderno de Blas Coll*, en 1981. En este libro, de índole narrativa, se cuentan las vicisitudes de un tipógrafo, llamado Blas Coll, que vive en un lugar ficticio llamado “Puerto Malo”, un espacio “malo” donde Montejo imaginó la vida de todos los personajes que, como Coll, eran autores de obras verídicamente propias.

El Cuaderno de Blas Coll está compuesto por los textos que, supuestamente, habrían sobrevivido de la gran obra ensayística de Coll. Estos textos son presentados y comentados por Eugenio Montejo, quien se presta a sí mismo como interlocutor y personaje del libro-escenario de Coll. En el prólogo, Montejo afirma haber dedicado más de cinco años de su vida a la investigación de este extraño hombre – Blas Coll – que consagrara su vida a la creación de una nueva lengua.

Según los textos del *Cuaderno*, la intención de Coll era conseguir, a través de la transformación del lenguaje, la equivalencia definitiva entre palabra y realidad. Su primera pretensión era la de modificar el castellano hablado en la costa oriental venezolana para que éste representara mejor a esta zona del continente americano. “La vieja lengua materna”, explica Coll, “ya no sirve en estos tórridos climas, y han de ayudarme a desnudarla para que todo pueda ser dicho más naturalmente” (Montejo, 2006: 20). Habría, pues, que *puertomalizar* el castellano, y crear la nueva lengua, el “colly”, donde las palabras sufrirían múltiples variaciones: “ningún discurso, por interesante que se suponga, debe sobrepasar los ocho minutos, pues tal es el tiempo que tarda la luz en llegar del sol a la tierra. Después de ocho minutos todo lo estamos viendo bajo una luz diferente” (Montejo, 2006: 61).

Así como los heterónimos de Pessoa – Ricardo Reis y Álvaro de Campos – discuten y se posicionan ante las ideas de Alberto Caeiro, de forma semejante, los

colígrafos de Montejó – Lino Cervantes, Sergio Sandoval, Tomás Linden y Eduardo Polo³ – parten de las ideas de Blas Coll para crear su universo literario. En ambos casos, como en un sistema planetario, existe una figura central (Caeiro-Coll) y varios discípulos a su alrededor. Sólo que la independencia textual de los colígrafos de Montejó se ve mucho más mellada que la de los heterónimos de Pessoa, por las constantes intervenciones de Montejó, que surge permanentemente como un comentador.

Pero señalemos otros puntos de contacto: así como Álvaro de Campos se declara deudor de un verso de Caeiro, “E os meus pensamentos são todos sensações”, y declara, en las *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, que “espontaneamente formei a minha filosofia daquela parte da insinuação de Caeiro de que Reis não tirou nada” (Pessoa, 1997: 37), así mismo, Lino Cervantes, autor de *La Caza del Relámpago*, reconoce su deuda en relación con una afirmación de Coll: “La palabra del hombre tiende en secreto una extensión máxima de dos sílabas, aunque su ideal expresivo sea siempre la unidad monosilábica” (Montejó, 2006: 13). Así, en su intento de condensación, Cervantes creará poemas, *coligramas*, como el que sigue:

Y al final de mi nada sólo un grito de gallo
 Finalia nadal grete gal
 Falia nagre gal
 Falinagre Gal
 Grifal
 Grial

(Montejó, 2006:100)

En los coligramas de Cervantes, Montejó experimenta la abreviación de frases o versos enteros en palabras de dos, o menos, sílabas. Crea una especie de diccionario propio, en donde al leer “Grial” se debe leer el verso del inicio.

El segundo colígrafo ya mencionado, Sergio Sandoval, también recurre a la brevedad, pero se decanta por los moldes de la copla, de la que Coll había escrito: “si hemos de elogiar una forma similar [al *haiku*] en nuestra lengua, un buen pareado puede servirnos, a lo más una coplita de esas que el pueblo devotamente repite” (Montejó, 2006: 52). El libro *Guitarra del Horizonte*, atribuido a Sergio Sandoval, está constituido por cincuenta coplas, cada una acompañada por un breve comentario del propio Sandoval, a manera de estudio, lo que contraría el tono puramente popular de éstas. Transcribimos, como ejemplo, una de estas coplas con el comentario correspondiente del mismo colígrafo:

³ Además de estos colígrafos publicados, hay quienes señalen como tales a Jorge Silvestre – del que sólo se conoce un párrafo en donde comenta el libro de Cervantes – y a Felipe Terrán, sobre el que Montejó hizo una breve alusión adjudicándole el papel de mecenas de los colígrafos. Por la insuficiencia de textos bajo su nombre, no los tomaremos en cuenta en este estudio.

Pregúntale al campanero
por qué las horas que toca
cuando te vas son tan largas
y cuando vienes tan cortas.

¿Qué puede decir el campanero, sino que él también escucha las horas largas y cortas, según la esperanza vaya y venga? ¿Acaso no ha amado él también, como todos, y sabe por experiencia lo que el tiempo hace con el amor?...Y la campana silenciosa en la tensión de sus siete metales, menos sabrá de lo que el badajo hace con quienes la escuchan. También a ella, sin embargo, debe el tiempo acortarle y alargarle las horas, pero de estos otros inaudibles sonidos no nos enteraremos. El sereno poeta Teófilo Tortolero algo ha entrevisto de todo ello cuando, con su extraño *stil nuevo*, nos confiesa: “Me canto solo como se canta la campana desierta”. Lástima que no prefiera, para vestir su soledad, el humilde paño de la copla popular.

(Montejo, 1991: 24)

Montejo, que prologa el libro, considera que los comentarios de Sandoval “constituyen la parte más trabajada de su cuaderno”, puesto que por su misma sencillez y falta de erudición “prolongan el espíritu de la copla” (Montejo, 1991: 19). Pero también, ve en sus páginas “cierta inclinación provocadora, resuelta a privilegiar los logros de la tradición folclórica en un tiempo en que la mayoría de los autores reclama como punto de honor las innovaciones más inéditas” (Montejo, 1991: 19).

Tomás Linden, otro de los colígrafos del poeta venezolano, habría nacido en 1935 en Puerto Cabello y sería hijo de un ingeniero sueco. En 1996 apareció su libro *El Hacha de Seda*, compuesto únicamente por sonetos, una forma poética caída en un relativo desuso como las odas de Ricardo Reis. Linden toma como modelos a Quevedo y a Góngora. Mientras Ricardo Reis dialoga con las raíces latinas de la poesía europea, Linden lo hace con el siglo de oro español. Otros modelos son los primeros poetas castellanos del Nuevo Mundo, como Sor Juana Inés de la Cruz y Carlos Sigüenza y Góngora. Según Montejo, en el prólogo a *El Hacha de Seda*, “tal vez haya sido la necesidad de una mayor justeza formal para vérselas con nuestro idioma lo que pudo haber fomentado su afición [la de Linden] al soneto” (Montejo, 1996: 6). Citemos uno muy célebre:

Setiembre

Ya está el viejo setiembre ante la puerta,
pidiéndonos las hojas que han caído,
con su morral de andante distraído,
el alma vaga y a pisada cierta.

Ya trae el corno de su voz alerta
un pregón otoñal a cada oído,
que según la distancia de su ruido
más temprano o más tarde nos despierta.

Hojas está pidiendo a la arboleda
y a los hombres las horas sin lamento
donde el tiempo afiló su hacha de seda.

A setiembre le basta, como al viento,
lo que cae, lo que parte, lo que rueda,
nada más busca para estar contento.

(Montejo, 1996: 16)

Eduardo Polo, el último de los colígrafos que ya mencionamos, describe la poesía de Linden de este modo: “Linden halló en nuestra solar claridad la rectificadora sorpresa de la forma apolínea. Volvemos, pues, a la sabia observación del viejo Coll, para quien el sol era perfectamente clásico” (Montejo, 1996: 4). Como Pessoa a sus heterónimos, Montejo hace dialogar a sus colígrafos entre sí, entrelazando pequeños apuntes y comentarios en los libros de los otros.

Eduardo Polo, también conocido como “el Mago”, es el autor de un libro de poesía para niños publicado en 2004. El libro se titula *Chamario*, jugando con un hecho local: a saber, que en Venezuela el sustantivo “chamo” designa popularmente a un “niño” o a un “muchacho”. Esa palabra, “chamo”, hace visible la intencionalidad “venezolanista”, común a Coll y a Polo. En uno de sus poemas de *Chamario* leemos estos versos:

Los loros

Dos loros cantando en coro
que estaban en un maizal,
con plumaje verde y oro
y pintas de loro real,
llamaron a un compañero
para agrandar la coral.
Uno tocaba tamboro,
otro tocaba timbal,
y el tercero o el terzoro
un pianito musical.
Sudando por cada poro
cantaron hasta el final
y cuando se despidieron
volaron a Portugal.

(Montejo, 2004: 16)

Según explica Montejo en el prólogo, Polo, en *Chamario*, habría pretendido otorgarle a la literatura infantil en español el estatuto que ésta tiene en otras lenguas, asumiendo la responsabilidad de comenzar una tradición donde los niños sean los protagonistas del universo literario. Así, Polo se habría propuesto hacer poemas sencillos y divertidos, donde la musicalidad aventajara al sentido.

Pessoa no escribió un libro para niños, pero sí algunos poemas que se pueden leer en clave infantil, así como *quadras populares* y *rubaiyat* que habría podido atribuirle a una figura inventada, aunque no lo hizo. Pero si los paralelos no son exactos, lo cierto es que la creación de heterónimos es un antecedente inequívoco de la creación de colígrafos, y que el ejemplo de los heterónimos le sirve a Montejo para renovar y dilatar su obra. De acuerdo con Harry Almela, Eugenio Montejo “echa mano de los heterónimos para así darle rienda suelta a sus preocupaciones [...] mientras en paralelo continúa cultivando la poesía firmada con su verdadero nombre” y pone “a salvo a su ortónimo” (Almela, 2008: 4). Montejo resguardó la poesía que venía desarrollando desde finales de los años sesenta, mientras experimentaba, en paralelo, nuevas sendas y posibilidades creativas. Ahora bien: Montejo resguarda una obra propia, pero no un nombre propio, pues Eugenio Montejo es un pseudónimo que Eugenio Hernández adopta desde la juventud y esconde muy bien durante años, según explica Francisco Rivera en *Ulises y el laberinto*. En este sentido, Miguel Gomes sostiene que Montejo fue “receptivo a los avatares de la otredad desde temprano” (2007: 20), pensando en el uso de un pseudónimo personal.

Los colígrafos de Montejo fueron menos prolíficos que los personajes-autores creados por Fernando Pessoa, mucho más vastos y autónomos; pero le sirvieron al poeta venezolano para crear libremente textos breves y divergentes. A través del ejemplo de Pessoa, Montejo consigue utilizar ese recurso de la multiplicidad autoral reinventándolo de una manera lúdica y lúcida.

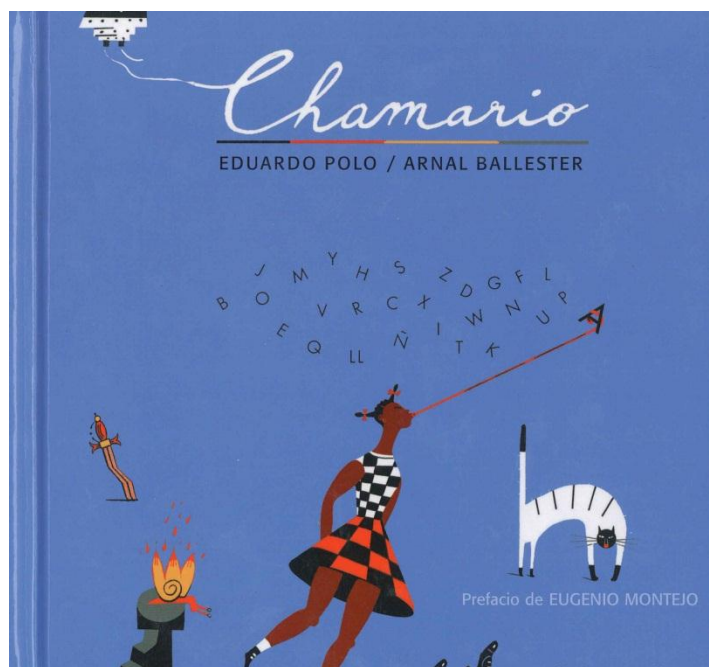


Fig. 3. Portada del libro *Chamario* del colígrafo Eduardo Polo con ilustraciones de Arnal Ballester.

Pessoa, trópico y cordel

Si, como escribe Karlheinz Stierle, la literatura es “un universo de textos” donde cada nueva obra debe “encontrar um espaço vazio no sistema textual” (Stierle, 2008: 41), es interesante constatar cómo la obra de Pessoa ha conseguido un espacio en el sistema textual venezolano, distante y distinto, incluso en el idioma, al universo literario donde se desarrollara.

Actualmente, obras de otros escritores, como Alexis Romero, Manuel Llorens y Miguel Gomes, dialogan con la figura o la obra de Pessoa, comprobando aún más lo fértil de su intervención.

Rafael Cadenas y Eugenio Montejo son los precursores de este sistema textual pessoano en la literatura venezolana y, como tales, cumplen funciones de intermediarios. Después de su introducción, la figura de Pessoa se ha vuelto más próxima, por lo que los poetas contemporáneos se muestran más arrojados a la hora de tomarle la mano: como Manuel Llorens, en el poema “Pessoa en Chacao”, en el que traslada a Pessoa hasta Chacao, una zona del este de Caracas.

A Llorens no le basta, como a Montejo, pasear con él por un sitio que le era conocido, como el Chiado lisboeta, sino que lo invita a vivir en su territorio: “Fernando Pessoa apareció un día en Chacao | tan resucitado | tan sin Ofelia | vino a Caracas | a conocer a la Sonora Ponceña | el mondongo a la manera de Oporto” (Llorens, 2006: 23), en un poema que mantiene un diálogo intertextual con “Dobrada à moda do Porto” de Álvaro de Campos. Llorens intercala versos de este poema, para luego “venezolanizarlos”: “sé que en la infancia de todos | hubo una ciudad como Caracas”, y también: “llena de jaurías | llena de infiernos | sé que al jugar era su dueño | y la tristeza es de hoy” (Llorens, 2006: 24).

Aunque no queremos extendernos con estos ejemplos recientes, por tratarse de un tema que correspondería a un estudio posterior, también apuntamos brevemente la presencia de Pessoa en el principal discípulo de Montejo, el poeta Alexis Romero, quien publica el mismo año de la muerte de su maestro, en 2008, el poema “pessoa ha muerto de trópico”. Copiamos la última estrofa del poema:

[...]
 pessoa murió de trópico
 también lo hará lisboa cuando llegue el barco
 y descendan los niños y las niñas con antiguas fantasías
 en sus diarios y cuadernos de pintar garabatos
 como presintiendo que sólo los muertos hablan de la vida
 que lo hacen y nunca lo sabrán

(Romero, 2008: 77)

Con esta muerte tropical de Pessoa, Romero indica, quizá, la antítesis entre la ensoñación pessoana y la profusa naturaleza de esta geografía. Mas, es a través

de su muerte, según dice, que puede hablar de la vida. Y como vemos, ha sido así: Pessoa nos habla con Montejó más allá de su estatua y, gracias a Llorens, resucitado entre el ruido y la humedad del trópico caraqueño.

Esta inmersión de Pessoa en la literatura venezolana redefine y redimensiona su obra y figura. Como nos explica, en “Kafka y sus precursores”, Jorge Luis Borges: “[cada escritor] modifica nuestra concepción del pasado como ha de modificar el futuro” (Borges, 1952: 22). Pessoa continua siendo re-creado y modificado por poetas contemporáneos venezolanos y a partir de estas variaciones su obra se nos muestra de modos diferentes.

Este Pessoa, introducido por Cadenas y del que se apropiara Montejó, ya no se pertenece: está en el trópico, expuesto y extendido como un fuerte cordel de donde penden estas obras. Como todo poeta mayor, su poesía está destinada a continuar despertando en lectores y escritores nuevas respuestas, por lo que este cordel se seguirá extendiendo, como cosa viva que se enriquece de cada texto. De la estatua entumecida, pasamos al cordel donde sólo aquellos que alcancen su altura, podrán posarse.

Bibliografía

- ALMELA, Harry (2008). "Blas Coll y la crítica a la modernidad literaria", in *El Nacional, Papel Literario*, pp. 3-5.
- ARRÁIZ LUCCA, Rafael (2004). *El coro de las voces solitarias, una historia de la poesía venezolana*. Caracas: Editorial Sentido.
- BORGES, Jorge Luis (1952). "Kafka y sus precursores", in *Otras Inquisiciones*. Buenos Aires: Sur.
- CADENAS, Rafael (2000). *Obra Entera, poesía y prosa (1958-1995)*. México: Fondo de Cultura Económica. [1.ª ed.: Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 1963].
- PESSOA, Fernando (2002). *Álvaro de Campos – Poesia*. Edición de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2001). *Alberto Caeiro – Poesia*. Edición de Fernando Cabral Martins y Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1997). *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*. Edición de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa.
- CARRILLO, Carmen Virginia (2005). "Palabra, mundos e imaginario en la poética de Rafael Cadenas", in *Ensayo y error*, 28, Caracas, pp. 27-41.
- DE BASTOS, Ana Lucía (2010). "Entrevista a Rafael Cadenas. Dezembro de 2008", in *A Tradição Pessoaana*. Tesis de maestría. Porto: FLUP. Consulta en línea (16-04-2012): <http://hdl.handle.net/10216/55328>
- FERRARI, Américo (1986). *Alfabeto del Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves (1989). *A Antipoesia de Alberto Caeiro: uma leitura de "O guardador de rebanhos"*. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano.
- GARCEZ, Maria Helena Nery (1985). *Alberto Caeiro, "Descobridor da Natureza"?* Porto: Centro de Estudos Pessoaanos.
- GARCÍA, José Martins (1985). "Caeiro traditore?", in *Colóquio/Letras*, 88, Lisboa, pp. 48-56.
- GOMES, Miguel (2007). "Prólogo", in *El cuaderno de Blas Coll y dos colígrafos de Puerto Malo de Eugenio Montejo*. Valencia: Pre-Textos, pp. 11-24.
- LLORENS, Manuel (2006). "Pessoa en Chacao", in *Poema Para un Lunes Bancario*. Caracas: Premio Fernando Paz Castillo.
- LÓPEZ-VEGA, Martín (2008). "El asombro combate a la costumbre" [entrevista a Rafael Cadenas], in *El País*, 12 abril. Consulta en línea (16-04-2012): http://elpais.com/diario/2008/04/12/babelia/1207957818_850215.html
- LOURENÇO, Eduardo (1986). *Fernando, Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MONTEJO, Eugenio (2007). *La terredad de todo – una lección antológica*. Mérida: El otro, el mismo.
- ____ (2006). *El Cuaderno de Blas Coll / La caza del relámpago (treinta colígrafos)* [Lino Cervantes]. Caracas: Bid & Co. [1.ª ed.: Valencia: Pre-textos, 1981].
- ____ (2003). *Chamarío* [Eduardo Polo]. Caracas: Ekaré.
- ____ (1996). *El Hacha de Seda*. Caracas: Exlibris.
- ____ (1991). *Guitarra del Horizonte* [Sergio Sandoval]. Caracas: Alfadil.
- PAZ, Octavio (1962). "El desconocido de sí mismo", in *Antología de Fernando Pessoa*. Edición de Octavio Paz. México: Universidad Autónoma de México, pp. 5-9.
- RIVERA, Francisco (1983). *Ulises y el laberinto*. Caracas: Fundarte.
- ROMERO, Alexis (2008). "Pessoa ha muerto de trópico", in *Demolición de los Días*. Caracas: Fundación para la Cultura Urbana.
- STIERLE, Karlheinz (2008). *Existe uma Linguagem Poética? Seguido de Obra e Intertextualidade*. Vila Nova de Famalicão: Quasi.

Anexos**I. Poemas de Rafael Cadenas****De Los Cuadernos Del Destierro (1960)**

He entrado a región delgada.
Todo lo que canta se reúne a mis pies como banderas que el tiempo inclina.
Aquí el mundo es una estación amanecida sobre corales.
Ésta es la morada donde se depositan los signos de las aguas, el légamo de los navíos,
los mendrugos cargados de relámpagos.
Éste es el huerto de las especias clamorosas, la temporada de arcilla que el océano erige.
Ésta es la fruta de un piélago muerto, la columna desesperada del hambre.
Ésta es la salobre campana de verdor que el fuego crucifica, la tierra donde una tribu
oscura
embalsama un clavel.
Ésta es la tinta trémula del día, la rosa al rojo vivo inscrita en los anales de la selva.

De Falsas Maniobras (1966)*“Rutina”*

Me fustigo.
Me abro la carne.
Me exhibo sobre un escenario.
Allí no ofrezco el número decisivo.
Devorarme ¡mi gran milicia!, pero soy también un armador tenaz.
Sé reunirme pacientemente, usando rudos métodos de ensamblaje.
Conozco mil fórmulas de reparación. Reajustes, atornillamientos, tirones, las manejo todas.
A golpes junto las piezas.
Siempre regreso a mi tamaño natural.
Me deshago, me suprimo, displicente, me borro de un plumazo y vuelvo a montar,
montar al carafresca.
(No se trata de rearmar un monstruo, eso es fácil, sino de devolverle a alguien
las proporciones.)
Planto mi casa en medio de la locuacidad.
Me reconstruyo con un plano inefable.
Calma. Ya está. Entro a la horma.

De Intemperie (1977)

"Ars poética"

Que cada palabra lleve lo que dice.
Que sea como el temblor que la sostiene.
Que se mantenga como un latido.

No he de proferir adornada falsedad ni poner tinta dudosa ni añadir
brillos a lo que es.
Esto me obliga a oírme. Pero estamos aquí para decir verdad.
Seamos reales.
Quiero exactitudes aterradoras.
Tiemblo cuando creo que me falsifico. Debo llevar en peso mis
palabras. Me poseen tanto como yo a ellas.

Si no veo bien, dime tú, tú que me conoces, mi mentira, señálame
la impostura, restriégame la estafa.
Te lo agradeceré, en serio.
Enloquezco por corresponderme.
Sé mi ojo, espérame en la noche y divísame, escrúrame, sacúdeme.

De Memorial (1977)

"Recuento"

Fuego erigido por nuestras manos que habían conocido el largo invierno de los círculos.
Antes, sólo tocábamos días sabidos, toda primera vez llevaba un peso que no era suyo.
Hay una isla que sólo ven los ojos nuevos.
Tenías que retomar el hilo oscuro; sentías como una necesidad de devolverte.
De esta aridez responde el huésped que me solicita para su noche.
Te alimentas de tu inútil gestión, luz bastante para no ser derribado, pero insuficiente para
existir.
Al trasluz de tu silencio la cárcel esa.
Un día, de tanto verte, te vi.
Esto te debo: haber restablecido el instante en mis ojos.
Júbilo que no puede morir porque no tiene nombre.
El extraviado sólo quiere ojos limpios, espejos simples para vivir.
Como el salto de la luz en una hoja.
El extraviado sólo quiere ojos limpios, espejos simples para vivir.
La fuente nunca titubeó: éramos nosotros los que le dábamos la espalda.
Resplandor que se desprende sólo para manos vacías.
¿Dónde estabas tú a mi lado?
No dilapidaré tu imagen en el raso donde bebí tantas veces un sordo anís de aplazado.

De Memorial (1977) [algunos poemas sin título]

Rostros,
colores de los trajes,
tonos de piel ¡tan inmediatos!
en los ojos
cansados de ser míos.

El que enseñó a leer a los ojos
borró el paraíso.

El dueño tiene miedo
los ojos tienen realidad.

Qué pretensión: darle lecciones a los ojos,
maestros.

Si otro mundo nos es dable
debe ser éste
desde unos ojos
que la diafanidad ha subyugado.
Plasmación ilegible,
herencia escondida,
dominio hierático.

De Amante (1983) [algunos poemas sin título]

Ella, el amante, el anotador
(ningún calígrafo,
un artesano)
se dan
al juego
perenne.

Sólo porque ella
lo nutre
con su boca
él insiste
en transcribir
–recordando
y olvidando sus letras–
sigilos.

Eludías
el encuentro
con el tú
magnífico,
el que te toma
y te anula como tempestad
y de ti arranca al que busca.

¿Cómo pudiste vivir
de la idea
que la ocultaba,
con un sabor
que no era el de ella,
huyendo
de su aparecer
que era también el tuyo?

Después de abandonar el Valle de Desaliento
–nigredo cruel–
su decir
se hizo
ofrenda.

El amante custodia tu ara
con las palabras que le concedes,
las de todos los días, pero a otra luz.
(No pueden venir sino de ti,
en él adentrada.)
Y te oye,
o eso cree,
y sabe que tu anillo no se extingue
ni pierde su sonido,
boca
que le da
en su boca el alimento.

No sé quién es
el que ama
o el que escribe
o el que observa.
A veces
entre ellos
se establece, al borde,
un comercio extraño

que los hace indistinguibles.
 Conversación de sombras
 que se intercambian.
 Cuchichean,
 riñen,
 se reconcilian,
 y cuando cesa el murmullo
 se juntan,
 se vacían,
 se apagan.
 Entonces toda afirmación
 termina.
 Tal vez
 al más pobre
 le esté destinado
 el don excelente: permitir.

De *Gestiones* (1992)

"Iniciación"

El que cruza el vestíbulo asignado
 se encuentra consigo
 por primera vez;

nunca
 había visto
 su rostro
 –la nueva espiga.

"Conjunto residencial"

Aquí se vuelve a oír el viento.

Pasa entre los edificios, mece
 los pinos, huela el autocine.

Morador de ninguna parte,
 no puedo decirte: *Sé tú, fiero espíritu,*
mi espíritu.
 Sólo hay una espera
 en la noche,
 pero nadie tiene el ímpetu para hablarte
 como en los tiempos del entusiasmo.

Eres lo que eres, una voz solitaria
 que resuena en los alrededores de las ciudades.

Las palabras que te dirigían también pasaron
como las alucinantes hojas.
Éste es otro mundo, no hay dirección.

El viento, cuando azota,
golpea el caos.

II. Poemas de Eugenio Montejo

De *Élegos* (1967)

“Elegía a la muerte de mi hermano Ricardo”

Mi hermano ha muerto, sus huesos yacen
caídos en el polvo. Sin ojos con qué llorar
me habla triste, se sienta en su muerte
y me abraza con su llanto sepultado.

Mi hermano, el rey Ricardo, murió una mañana
en un hospital de ciudad, víctima
de su corazón que trajo a la vida
fatales dolencias de familia.

Mi madre estuvo una semana muerta junto a él
y regresó con sus ojos apaleados
para mirarme de frente. Aún hay tierra
y llanto de Ricardo en sus ojos.

Perdía voz - dejo mi hermana-, tenía febricitancia
de elegido y nos miraba con tanta compasión
que lloramos hasta su última madrugada.
Mamá es más pobre ahora, mucho más pobre.

Mi familia lo cercó. Él nos amaba
con la nariz taponada de algodones.
Todos éramos piedras y mirábamos
un río que comenzaba a pasar.

Lo llevaron alzado como un ave de augurios
y lo sembraron en la tierra amorosa
donde la muerte cuida a los jóvenes.
Cuando bajó, sollozaba profundo.

El rey Ricardo está muerto. Sus pasos
de oro amargo resuenan en mi sangre
donde caminan con fragor de tormenta.
su nombre estalla en mi boca como la luz.

Todos lo amamos, mi madre más que todos.
y en su vientre nos reunimos en un llanto compacto:
desde allí conversamos, como las piedras,
con un río que comienza a pasar.

De Muerte y memoria (1972)

“Levitación”

No sé a quién silva mi padre,
en esas tardes tan ausentes,
cuando recuesta su silla de cuero
al frente de la casa.
No sé en qué vuelta de esa silla
llega a otro tiempo, ni en cuál hora
se fuga de nosotros
para hablar a sus muertos.
Pero hay un sobreritmo
entre signo y silencio
donde se evade; una gran puerta
con que accede al misterio.
De repente se muda
sigiloso y nos deja
su alma en media sombra
atada a fríos silencios.
Nosotros siempre levitamos
bajo ese silvo tan funesto
que en sus adormideras
nos hunde y nos repliega.

De Algunas palabras (1977)

“Islandia”

Islandia y lo lejos que nos queda,
con sus brumas heladas y sus fiordos
donde se hablan dialectos de hielo.

Islandia tan próxima del polo,
purificada por las noches
en que amamantan las ballenas.

Islandia dibujada en mi cuaderno,
la ilusión y la pena (o viceversa).

¿Habrà algo más fatal que este deseo

de irme a Islandia y recitar sus sagas,
de recorrer sus nieblas?

Es este sol de mi país
que tanto quema
el que me hace soñar con sus inviernos.
Esta contradicción ecuatorial
de buscar una nieve
que preserve en el fondo su calor,
que no borre las hojas de los cedros.

Nunca iré a Islandia. Está muy lejos.
A muchos grados bajo cero.
Voy a plegar el mapa para acercarla.
Voy a cubrir sus fiordos con bosques de palmeras.

De Terredad (1978)

“Creo en la vida”

Creo en la vida bajo la forma terrestre,
tangible, vagamente redonda,
menos esferica en sus polos,
por todas partes llena de horizontes

Creo en las nubes, en sus páginas
nitidamente escritas,
y en los árboles, sobre todo en el otoño
(A veces creo que soy un árbol)

Creo en la vida como terredad,
como gracia o desgracia.
- Mi mayor deseo fue nacer,
y cada vez aumenta

Creo en la duda agónica de Dios,
es decir, creo que no creo,
aunque de noche, solo,
interrogo a las piedras,
pero no soy ateo de nada
salvo la muerte.

“Güigüe 1918”

Esta es la tierra de los míos, que duermen, que no duermen,
largo valle de cañas frente a un lago,
con campanas cubiertas de siglos y polvo

que repiten de noche los gallos fantasmas.
 Estoy a veinte años de mi vida,
 no voy a nacer ahora que hay peste en el pueblo,
 las carretas se cargan de cuerpos y parten;
 son pocas las zanjas abiertas;
 las campanas cansadas de doblar
 bajan y cavan.
 Puedo aguardar, voy a nacer muy lejos de este lago,
 de sus miasmas;
 mi padre partirá con los que queden,
 los esperaré más adelante.
 Ahora soy esta luz que duerme, que no duerme;
 atisbo por el hueco de los muros;
 los caballos se atascan en el fango y prosiguen;
 miro la tinta que anota los nombres,
 la caligrafía salvaje que imita los pastos.
 La peste pasará. Los libros en el tiempo amarillo
 seguirán tras las hojas de los árboles.
 Palpo el temblor de llamas en las velas
 cuando las procesiones recorren las calles.
 No he de nacer aquí,
 hay cruces de zábila en las puertas
 que no quieren que nazca;
 queda mucho dolor en las casas de barro.
 Puedo aguardar, estoy a veinte años de mi vida,
 soy el futuro que duerme, que no duerme;
 la peste me privará de voces que son mías,
 tendré que reinventar cada ademán, cada palabra.
 Ahora soy esta luz al fondo de sus ojos;
 ya naceré después, llevo escrita mi fecha;
 sin que puedan mirarme me detengo:
 quiero cerrarles suavemente los párpados.

De Trópico Absoluto (1982)

“Manoa”

No vi a Manoa, no hallé sus torres en el aire,
 ningún indicio de sus piedras.

Seguí el cortejo de sombras ilusorias
 que dibujan sus mapas.
 Crucé el río de los tigres
 y el hervor del silencio en los pantanos.
 Nada vi parecido a Manoa
 ni a su leyenda.

Anduve absorto detrás del arco iris

que se curva hacia el sur y no se alcanza.
Manoa no estaba allí, quedaba a leguas de esos mundos,
-siempre más lejos.

Ya fatigado de buscarla me detengo,
¿qué me importa el hallazgo de sus torres?
Manoa no fue cantada como Troya
ni cayó en sitio
ni grabó sus paredes con hexámetros.
Manoa no es un lugar
sino un sentimiento.

A veces en un rostro, un paisaje, una calle
su sol de pronto resplandece.
Toda mujer que amamos se vuelve Manoa
sin darnos cuenta.
Manoa es la otra luz del horizonte,
quien sueña puede divisarla, va en camino,
pero quien ama ya llegó, ya vive en ella.

De Alfabeto del mundo (1986)

De padre a hijo la vida se acumula
y la sangre que dimos se devuelve
y nos recorre en estremecimiento.

Caen ahogados murmullos de vidrio
esta noche en el mundo
todavía tan negro.
Y la inocencia en su reposo
que en lentas ondas fluye
mientras velo a su lado me atormenta.

Allí en su sueño, tras las nieblas
que nos separan, crece el árbol
por donde torna hacia otro día
mi sangre que aún en él es verde.

Despacio la noche me reintegra
al áspero silencio
que esparcen atónitas estrellas
mientras mi hijo duerme.

“Tiempo transfigurado”

A António Ramos Rosa

La casa donde mi padre va a nacer
no está concluida,
le falta una pared que no han hecho mis manos.

Sus pasos, que ahora me buscan por la tierra,
vienen hacia esta calle.
No logro oírlos, todavía no me alcanzan.

Detrás de aquella puerta se oyen ecos
y voces que a leguas reconozco,
pero son dichas por los retratos.
El rostro que no se ve en ningún espejo
porque tarda en nacer o ya no existe,
puede ser de cualquiera de nosotros,
—a todos se parece.

En esa tumba no están mis huesos
sino los del bisnieto Zacarías,
que usaba bastón y seudónimo.
Mis restos ya se perdieron.

Este poema fue escrito en otro siglo,
por mí, por otro, no recuerdo,
alguna noche junto a un cabo de vela.
El tiempo dio cuenta de la llama
y entre mis manos quedó a oscuras
sin haberlo leído.
Cuando vuelva a alumbrar ya estaré ausente.

De Adiós al siglo XX (1992)

“Adiós al siglo XX”

Cruzo la calle Marx, la calle Freud;
ando por una orilla de este siglo,
despacio, insomne, caviloso,
espía ad honorem de algún reino gótico,
recogiendo vocales caídas, pequeños guijarros
tatuados de rumor infinito.
La línea de Mondrian frente a mis ojos
va cortando la noche en sombras rectas
ahora que ya no cabe más soledad
en las paredes de vidrio.
Cruzo la calle Mao, la calle Stalin;
miro el instante donde muere un milenio

y otro despunta su terrestre dominio.
Mi siglo vertical y lleno de teorías...
Mi siglo con sus guerras, sus posguerras
y su tambor de Hitler allá lejos,
entre sangre y abismo.
Prosigo entre las piedras de los viejos suburbios
por un trago, por un poco de jazz,
contemplando los dioses que duermen disueltos
en el serrín de los bares,
mientras descifro sus nombres al paso
y sigo mi camino.

“Lisboa”

También de ti se irá Lisboa,
es decir ya se fue, ya va muy lejos,
con sus colinas de casas blancas,
los celajes de Ulises sobre sus piedras
y la niebla que va y viene entre sus barcos.
Lisboa se fue por esos rumbos del camino
por donde huyó la juventud,
sin que retengas la huella de un guijarro.
Hoy es memoria, ausencia, sueño,
pero palpaste su suelo antes de verla,
su viejo río era esa raya honda
que cruza la palma de tu mano.
Y tal vez si te apresuras la divises,
puede encontrarse tras el muro de ti mismo
donde se expande el horizonte.
Es decir, has de esperarla a cada instante,
suele enunciarse de improviso ante los ojos,
Lisboa se oculta, retorna, va contigo:
hay un jirón de su crepúsculo en la sombra
de quien cruzó una vez sus calles
que lo va acompañando por el mundo
y se aleja con pasos desconocidos.

De Partitura de la cigarra (1999)

“Tal vez”

Tal vez sea todo culpa de la nieve
que prefiere otras tierras más polares,
lejos de estos trópicos.

Culpa de la nieve, de su falta,
—la falta que nos hace

cuando oculta sus copos y no cae,
cuando pospone, sin abrirlas, nuestras cartas.

Tal vez sea culpa de su olvido,
de nunca verla en estas calles
ni en los ojos, los gestos, las palabras.
Tantas cosas dependen noche y día
de su silencio táctil.

Nuestro viejo ateísmo caluroso
y su divagación impráctica
quizá provengan de su ausencia,
de que no caiga y sin embargo se acumule
en apiladas capas de vacío
hasta borrarlos de pronto los caminos.

Sí, tal vez la nieve,
tal vez la nieve al fin tenga la culpa...

Ella y los paisajes que no la han conocido,
ella y los abrigos que nunca descolgamos,
ella y los poemas que aguardan su página blanca.

De Papiros Amorosos (2002)

"Otra amapola"

Dentro de tu cuerpo, debajo de sus pétalos,
huidizo, esquivo hasta en la sombra,
hay otro cuerpo que amo.
Otra amapola que abre su perfume
en la red de tus venas, con tus voces
y las palabras de más aire.

Otro cuerpo que ocultas en tu noche
con su luna sonámbula
de senos crecientes y menguantes.
Sólo yo sé escucharlo en sus susurros,
al fondo de su ávida corola
Sólo yo puedo seguirlo entre sus pasos,
palpando a ciegas el tacto de su eclipse
cuando duerme detrás de tus pestañas.

Es tuyo y mío y de la niebla
que lo lleva y lo trae de un tiempo a otro,
la amarga niebla que a veces me lo entrega
o lo esconde en tu carne.

De Partitura de la cigarra (2006)

“Pavana de Lisboa”

El Tajo al fondo, azul e inmenso,
mudando a cada instante de horizontes.
El Tajo, casi mar, casi recuerdo,
según la luz que ondula sobre el agua.
Y a bordo, en cualquiera de sus barcos,
va o viene todavía para llevarlo al África
la parte de mi vida más errante.

Desde el castillo de San Jorge,
en la colina de almenas medievales,
hace ahora más siglos que memorias,
me vi una vez muy lejos de este mundo,
a muchas leguas de mi vida,
en una Lisboa de otra galaxia,
idéntica a sí misma, pero nómada,
con el sólido grito de sus piedras
que gravitaba en un ocaso blanco...

Esta misma Lisboa conmigo a la intemperie,
rodeada de calles en declive
y el humo etéreo de sus barcos;
esta misma Lisboa, pero un Tajo distinto,
incapaz de arrancarnos lo que amamos
para llevarlo a África.
Un Tajo que siempre vuelve de retorno
y nos espera entre uno y otro muelle
y nunca parte.

Mussolini é um louco: uma entrevista desconhecida de Fernando Pessoa com um antifascista italiano

José Barreto*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Ditadura Militar, Benito Mussolini, Fascismo, Giovanni B. Angioletti, Celestino Soares, *Diário Sol*, Paulo Osório, Philéas Lebesgue, António Ferro

Resumo

O autor revela um texto desconhecido de Fernando Pessoa, uma entrevista com um imaginário intelectual antifascista italiano, Giovanni B. Angioletti, alegadamente refugiado em Portugal nos anos 1920. O intelectual homónimo que por esses anos vivia realmente em Itália não corresponde à descrição feita do hipotético entrevistado. A entrevista, não assinada, foi publicada no recém-criado diário lisboeta *Sol* em Novembro de 1926, seis meses depois da instauração em Portugal de uma regime autoritário militar. Interrogado pelo jornalista anónimo a propósito da presença em Lisboa de um alto dirigente fascista italiano, o imaginário interlocutor teceu duras considerações sobre o fascismo, acusando Mussolini de loucura e de traição à missão civilizadora e universalista de Itália. Pessoa colocou, de facto, as suas próprias ideias sobre esses e outros temas na boca do seu personagem Angioletti. O diário *Sol* deixou de se publicar poucos dias depois da entrevista.

Keywords

Fernando Pessoa, Military Dictatorship, Benito Mussolini, Fascism, Giovanni B. Angioletti, Celestino Soares, *Sol* daily newspaper, Paulo Osório, Philéas Lebesgue, António Ferro

Abstract

The author reveals an unknown writing by Fernando Pessoa, an interview with an imaginary Italian intellectual and antifascist, Giovanni B. Angioletti, who had allegedly took refuge in Portugal during the 1920s. The homonymous intellectual who in those years really lived in Italy does not correspond to the description of the supposedly interviewed person. The unsigned interview was published in the recently established Lisbon daily newspaper *Sol* in November 1926, six months after the establishment of an authoritarian military regime in Portugal. Asked by the anonymous reporter about a high ranking Italian fascist then staying in Lisbon, the imaginary interlocutor made some severe remarks about fascism, accusing Mussolini of madness and of having betrayed Italy's civilizational and universalist mission. In fact, Pessoa put his own ideas about those and other matters in the mouth of his character Angioletti. A few days after the interview, the newspaper *Sol* stopped its publication.

* Instituto de Ciências Sociais — Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Em 20 de Novembro de 1926, quase seis meses depois da instauração da Ditadura Militar, o diário lisboeta *Sol*, dirigido por Celestino Soares, publicou na primeira página um artigo não assinado intitulado “O ‘Duce’ Mussolini é um louco... afirma-o ao *Sol* um italiano culto que ama sinceramente a Itália”, contendo uma entrevista com um italiano de nome Giovanni B. Angioletti. Este era identificado como um elemento da “parte não oficial (chamemos-lhe assim) da colónia italiana”, sugerindo tratar-se de um exilado, que “há anos” residiria em Portugal. O entrevistado era descrito como um intelectual de relevo, “bem conhecido colaborador do *Mercure de France*”. Mas o que chamaria mais a atenção do leitor era o facto de o entrevistado ser também rotulado como um dos “inimigos de mais estatura” do regime fascista. Na entrevista propriamente dita, o italiano radicado em Portugal descrevia Mussolini como um “louco paranóico”, um “primitivo cerebral” que traía a missão civilizadora e universalista de Itália, guiado apenas pelo “ideal morto” da “grandeza nacional”. Quanto ao fascismo, seria um caso de “loucura contagiosa” e era comparado à “loucura dançante da Idade Média” (um célebre caso de loucura colectiva em 1518, na cidade de Estrasburgo). No prólogo da entrevista, o repórter do *Sol* elogiava a inteligência e lucidez do entrevistado. Dois dias depois, a 22 de Novembro, o *Sol* publicou novo artigo de primeira página, intitulado “Fascistas italianos em Lisboa”, relatando reacções à entrevista por parte da imprensa portuguesa e do cônsul italiano em Lisboa, o qual declarara ao *Diário de Notícias* que o nome do entrevistado do *Sol* não constava dos registos do consulado. O articulista do *Sol* transcrevia, em seguida, uma carta entretanto enviada ao jornal, datável da véspera e assinada por “G. B. Angioletti”. Nesta, o italiano confirmava plenamente o teor das suas anteriores declarações, mas negava ser um colaborador do *Mercure de France*, alertando para o facto de poder existir em Itália um outro Angioletti, eventualmente colaborador daquela revista literária francesa, o que talvez tivesse originado a confusão do *Sol*. Acrescentava o autor da carta não desejar expor esse hipotético homónimo a “represálias criminais” e “violências sinistras” por parte das autoridades fascistas italianas. O redactor do *Sol*, porém, reafirmava o que dissera: o entrevistado “denominou-se Giovanni B. Angioletti” e “inculcou-se colaborador do *Mercure de France*.” Sobre a declaração do cônsul italiano, o autor da carta deixava entender que o seu nome não constaria dos registos consulares porque era um exilado.

Como tentaremos demonstrar, estamos perante uma ficção da autoria de Fernando Pessoa que, segundo todos os indícios, não só forjou a entrevista com um imaginário personagem denominado Giovanni B. Angioletti, como redigiu posteriormente o texto da carta que este teria enviado ao jornal *Sol*. Foi plausivelmente Pessoa o redactor de ambos os artigos do jornal, contando eventualmente no segundo deles com a colaboração (e, nos dois, com a cumplicidade) do director do jornal, Celestino Soares. Aparentemente, esta ficção

terá servido a Pessoa para exprimir as suas próprias ideias sobre Mussolini, o fascismo e outros temas, atribuindo-as a um hipotético grande intelectual italiano (“uma das maiores figuras de Itália”) perseguido por Mussolini e residente em Portugal. Não era a primeira vez nem a última que Pessoa assumia uma identidade fictícia e escrevia um texto de conteúdo igualmente ficcional. Também não seria a última vez que Pessoa redigia integralmente uma entrevista, com as perguntas, as respostas e os comentários do entrevistador. Veja-se o caso da entrevista que Fernando Pessoa deu ao semanário *Girasol* em Dezembro de 1930, “which I myself wrote out in full”, segundo afirmou a Aleister Crowley, em carta de 13 de Fevereiro de 1931 (BNP/E3, 289^r). No caso da entrevista do *Sol*, o obstáculo da censura à imprensa instaurada meses antes pela Ditadura Militar, a aposta no sensacionalismo da entrevista com uma grande figura italiana, o desejo de anonimato de Pessoa e o seu iniludível gosto pela provocação, senão mesmo pela *blague*, tê-lo-ão feito optar por uma ficção. Adiante se fará referência a outras possíveis motivações do autor neste caso.

Começando pela questão da identidade do suposto entrevistado, o nome correspondente à inicial B. de “Giovanni B. Angioletti” nunca foi revelado pelo jornal *Sol*. Acontece, porém, que vivia então em Itália um escritor e jornalista de nome Giovanni Battista Angioletti (Milão 1896-Nápoles 1961), colaborador desde o primeiro número da revista *La Fiera Letteraria*, fundada em Milão em 1925, e seu futuro co-director (com Curzio Malaparte, então ainda não desligado do fascismo), tendo a revista, publicada em Roma a partir de 1928, mudado de nome em 1929 para *L'Italia Letteraria*. Giovanni Battista Angioletti tinha começado por ser jornalista do órgão do partido fascista da cidade de Piacenza, *La Scure*, de que chegou a ser co-director em 1923. Residiu depois em Milão e Roma até 1932, abandonando nesse ano a direcção da revista *L'Italia Letteraria* e deixando, só então, o seu país, mas para ir dirigir em Praga o Istituto di Cultura Italiana. Deixou este cargo em 1935, continuando até ao fim do regime fascista a trabalhar no estrangeiro como professor, mas sempre a colaborar na imprensa italiana. Estes dados biográficos são, por múltiplas razões, incompatíveis com a descrição que o redactor-entrevistador do jornal *Sol* fez do seu entrevistado, que alegadamente se encontrava “há anos” refugiado em Portugal. Vivendo sempre em Itália até 1932, o verdadeiro Giovanni Battista Angioletti não se destacou nem nesse período, nem depois, por quaisquer posições públicas antifascistas. Se as tivesse tomado, não poderia ter sido co-director (1928-1932) de uma importante revista literária, e muito menos nomeado director, em 1932, de um instituto cultural do Estado italiano no estrangeiro. O verdadeiro Angioletti poderia, eventualmente, ter passado por Lisboa em 1926, mas não é de todo crível que, identificando-se com o nome real, tivesse dado uma entrevista daquele teor, pois que, regressando a Itália, seria fatalmente alvo de duras retaliações. Note-se que um dos objectivos declarados da carta posteriormente enviada ao *Sol* pelo suposto Angioletti exilado

em Lisboa era, justamente, prevenir que o verdadeiro Angioletti que vivia em Itália (de cuja existência Pessoa certamente sabia) fosse alvo da tortura do “óleo de rícino” e das “violências sinistras” dos fascistas.

Passemos às provas, a nosso ver decisivas, existentes no espólio de Fernando Pessoa. O enigmático nome “G. B. Angioletti” tinha já sido detectado por Jerónimo Pizarro em dois escritos do espólio pessoano, dos quais deu conta em António Botto, *Canções* (edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro, Lisboa: Guimarães, 2010), reproduzindo e transcrevendo um deles (pp. 165-169). No primeiro (BNP/E3, 189, ver aqui Apêndice, imagem 1), um rascunho da conhecida “Tábua Bibliográfica” que a revista *Presença* publicaria, sem nomeação do autor, em 1928, Pessoa acrescentou à mão, no final dessa lista de obras suas publicadas até 1926, o misterioso nome “G. B. Angioletti”, sem mais detalhes (tal referência não aparece, contudo, na “Tábua Bibliográfica” publicada pela *Presença*). Este rascunho indica, pois, que Pessoa associava uma sua *publicação* àquele nome italiano. O segundo escrito referenciado por Jerónimo Pizarro (BNP/E3, 114¹-4 a 5, ver aqui Apêndice, imagens 2 e 3) é a cópia dactilografada de uma carta assinada “G. B. Angioletti” a um jornal português não nomeado, redigida em francês e seguidamente traduzida para português. Sabemos agora que se trata exactamente da carta que foi publicada, nas duas línguas, pelo jornal *Sol* na edição de 22 de Novembro de 1926. Este segundo documento do espólio liga, pois, directamente Pessoa ao episódio da entrevista e da carta ao *Sol*. Note-se que não é uma mera *tradução* da carta, pois inclui um parágrafo inicial de apresentação aos leitores do diário, bem como o original da carta em francês. Para além destes dois testemunhos do espólio, já bastante elucidativos, Jerónimo Pizarro chamou-nos recentemente a atenção para um terceiro documento, inédito, do espólio de Fernando Pessoa (BNP/E3, 169, ver aqui Apêndice, imagem 4), o projecto de uma colectânea sua, intitulada *Episódios*, em cujo sumário Pessoa incluía uma misteriosa “Entrevista publicada em SOL” (a palavra *com* foi riscada a seguir a *Entrevista*). Não era, até agora, conhecida qualquer entrevista *dada* pelo próprio Pessoa a esse jornal. O exame aturado da colecção completa do *Sol* na Biblioteca Nacional veio confirmar essa inexistência, mas permitiu-nos descobrir a entrevista publicada pelo jornal com um enigmático, mas para nós já algo familiar, “Giovanni B. Angioletti”. Este terceiro documento reforça decisivamente a convicção de que a entrevista com o hipotético Angioletti é da autoria de Fernando Pessoa, que não só a juntou à referida bibliografia (datável de 1928), como também a projectava incluir na dita recolha de textos já publicados, sob o título *Episódios*, que reuniria estudos, prefácios, críticas, entrevistas e outros escritos da sua autoria, mas elaborados por “solicitação externa”, conforme o autor explica numa outra nota (BNP/E3, 14⁴-38, cuja indicação igualmente aqui se agradece a Jerónimo Pizarro). O projecto de colectânea é datável dos anos 30, pois já incluía os prefácios para os livros *Acronios*, de L. P. Moitinho de Almeida (1931) e *Alma Errante*, de Eliezer Kamenetzky (1932).

Por fim, a análise do conteúdo da suposta entrevista de Giovanni B. Angioletti permitiu afastar a possibilidade de o texto publicado no *Sol* ter constituído uma entrevista real com qualquer outro personagem, italiano ou não, residente ou de passagem por Lisboa. Com efeito, as ideias expressas pelo imaginário entrevistado coincidem flagrantemente com o pensamento coevo de Pessoa, nomeadamente sobre o fascismo, a Itália, a sua história e o seu papel cultural e civilizacional na Europa e no mundo. Por exemplo, o conceito de “Império, no sentido mais alto do termo”, como “um foco de expansão de ideias e de melhorias que beneficiem todo o mundo”, em confronto com o “conceito bárbaro e primitivo” da nação ou Estado que existe “simplesmente para criar e manter a sua própria grandeza” – são ideias expressas pelo entrevistado que são caracteristicamente pessoanas, expostas por Pessoa naquele mesmo período em diversos escritos políticos, sociológicos ou proféticos, nomeadamente em textos sobre o “Quinto Império” e, em especial, na sua resposta ao inquérito “Portugal, Vasto Império”, publicada meses antes deste episódio no *Jornal do Comércio e das Colónias* (28 de Maio e 5 de Junho de 1926). Por outro lado, a convicção expressa pelo hipotético entrevistado de que o mundo seria dirigido por ocultas “forças especiais” remete-nos de imediato para os escritos coevos de Pessoa sobre os “300”. Igualmente nos remete para os escritos de Pessoa sobre génio e loucura a análise que o suposto Angioletti faz da loucura e do génio de Mussolini – e fá-lo reclamando-se de conhecimentos psiquiátricos que Pessoa realmente tinha. Tudo visto e considerado, o personagem Angioletti parece-nos, pois, configurar uma nova máscara ou desdobramento de personalidade de Fernando Pessoa.

Oito dias antes de o *Sol* publicar a sua entrevista com o “antifascista” Angioletti, um facto sucedeu que visivelmente contribuiu com vários elementos para que Pessoa ficcionasse a sua peça. Na primeira página do *Diário de Notícias* de 12 de Novembro de 1926, o correspondente parisiense Jorge Guerner – pseudónimo do jornalista e escritor Paulo Osório (1882-1965), que residia em França desde 1911 e era adido de imprensa na embaixada portuguesa – publicou uma “Carta de Paris”, datada de 6 de Novembro e intitulada “As declarações de um anti-fascista”. Nela, Guerner dava conta de uma conversa havida na capital francesa com um “italiano anti-fascista”, de que não revelava o nome por uma alegada questão de segurança. O anónimo traçara a Guerner um quadro bastante negro da repressão em Itália, evocando as perseguições odiosas contra qualquer pessoa que esboçasse uma crítica, mesmo que benigna, da situação política, relatando o facto de os fascistas terem elaborado uma lista secreta de adversários do regime, que pagariam com a vida qualquer atentado que vitimasse o Duce. O anónimo alertara, ao mesmo tempo, para o facto de que a supressão pessoal de Mussolini não interessava, naquele momento, nem à Itália nem à França: “Suprimir hoje Mussolini seria criar na Itália uma situação mil vezes mais terrível que a actual” e “se amanhã um doido matasse Mussolini, seria na Itália toda uma nova S.

Barthélemy”. O antifascista anónimo, desenvolvendo uma curiosa argumentação quase apologética de Mussolini, apontara o perigo de, em caso de morte do Duce ou de revolução, estalar uma guerra civil às portas da França, com a consequente anarquia generalizada em Itália, um país ainda recentemente reunificado. No fascismo italiano, supostamente dilacerado por facções e rivalidades internas, Mussolini seria, segundo o antifascista anónimo, “o elemento moderador, o único homem de Estado”. Chegara paradoxalmente a dizer: “Mussolini é, no fascismo, o menor dos males...”. Note-se que o correspondente Jorge Guerner, aliás Paulo Osório, era bem conhecido de Pessoa, que lhe escrevera dois anos antes, em 15 de Novembro de 1924, para lhe agradecer as referências elogiosas que em *Les Annales* ele fizera à *Athena* (revista de arte e literatura de Fernando Pessoa e Ruy Vaz, lançada em Outubro daquele ano) e que foram reproduzidas depois pelo *Diário de Notícias*. Pessoa prontificava-se a enviar para Paris os exemplares de *Athena* que Osório pedisse. Curiosamente, Pessoa dizia também, respondendo a uma sugestão de Osório de inserir na revista portuguesa uma crónica de Paris, que a *Athena* não procurava (ainda) ser uma revista do tipo de *Mercure de France* (F. Pessoa, 1999, 56-58). Em relação com a *Mercure de France* há que dizer também que o assíduo colaborador desta, Philéas Lebesgue, que em França divulgava há anos a literatura contemporânea portuguesa, era um velho amigo de Paulo Osório, de quem traduzira para francês a *História d’um Morto* (*L’Histoire d’un mort*, Paris: E. Sansot, 1904). Grande erudito, bom conhecedor do português e de Portugal bem como de outros países europeus, Lebesgue era, porém, um crítico conservador, o que o fazia taxar os principais romances de Eça de Queirós de “obra perigosa, por causa do espírito demolidor que a anima”, acusando-o ainda de barbarizar a língua e de rebaixar Portugal (Lebesgue, 1926, 477). No *Mercure*, Lebesgue não fez em 1924-1926 qualquer referência à *Athena*, embora esta tivesse durado apenas cinco meses, mas enaltecia ali a obra de Afonso Lopes Vieira, António Correia d’Oliveira, Teixeira de Pascoaes, António Ferro e uma série de nomes menores das letras portuguesas. Num rascunho de carta (não enviada) a Teixeira de Pascoaes datável da década de 10 (BNP/E3, 14D-8, que Jerónimo Pizarro gentilmente nos assinalou), Pessoa censura-lhe a sua generosidade crítica para com alguns autores, entre eles Lebesgue: “E o que a sua amizade e patriotismo grato tem dito de Philéas Lebesgue?” Note-se, a encerrar este assunto, que é difícil imaginar o que terá levado Pessoa a distribuir ao seu imaginário Angioletti o papel de colaborador do *Mercure de France*, já que o verdadeiro Angioletti nunca lá tinha colaborado, tanto quanto pudemos apurar. Em anos sucessivos da revista francesa, na década de 20, não se descortina, aliás, um único nome de colaborador italiano. Sabemos, porém, que o verdadeiro G. B. Angioletti foi colaborador, precisamente a partir de Junho de 1926, da revista literária inglesa *The Criterion*, dirigida por T. S. Eliot, na qual publicou anualmente, até 1933, uma “Italian Chronicle” (Fortunato, 2004, 12 e segs). Terá sido na *Criterion* que Pessoa descobriu o nome de Angioletti?

No momento preciso escolhido pelo jornal *Sol* para publicar a entrevista com um suposto intelectual antifascista exilado em Portugal, há que registar várias outras circunstâncias que lhe conferiam singular oportunidade. Acima de tudo, a presença em Portugal de um alto dirigente fascista italiano, o coronel Ezio Maria Gray, que chegara alguns dias antes à capital portuguesa para fundar o *fascio* da colónia italiana de Lisboa, acontecimento largamente noticiado pelo *Diário de Notícias* (vd. adiante as nossas notas aos textos publicados no *Sol*). O título do artigo do *Sol* de 22 de Novembro, “Fascistas em Lisboa”, aludia justamente a essa presença, que círculos oposicionistas viram como uma tentativa de ingerência na política interna portuguesa. Por outro lado, o *Diário de Notícias*, jornal plenamente sintonizado com a Ditadura Militar, começou a publicar em Novembro de 1926 uma série de entrevistas realizadas nesse mês pelo seu repórter António Ferro, primeiro em França (com o fascista francês Georges Valois e o antifascista italiano Luigi Campolonghi), e depois com um conjunto de personalidades da Itália fascista, incluindo Mussolini (que Ferro entrevistara pela primeira vez em 1923), o ministro das Colónias Luigi Federzoni e o ministro da Justiça Alfredo Rocco. Algumas dessas entrevistas de Novembro de 1926 seriam reeditadas pelo autor em *Viagem à Volta das Ditaduras* (Ferro, 1927). O jornalista António Ferro, ao contrário do jornal *Sol* e de Fernando Pessoa, era então um entusiasta do fascismo e de Mussolini. Refira-se, num parêntese, que por volta de 1925-1926 Pessoa escreveu uma crítica arrasadora, que não chegaria a publicar, ao livro de contos de Ferro *A Amadora dos Fenómenos* (Ferro, 1925), obra que qualificou de “abjecta”, sugerindo mesmo ao seu autor a possibilidade de internamento psiquiátrico por imbecilidade (BNP/E3, 14²-94^r, texto revelado por Pauly Ellen Bothe em Fernando Pessoa, *Apreciações Literárias*, no prelo). Esta opinião, possivelmente sincera, mas algo exagerada e demasiado veemente na sua expressão, é reveladora da antipatia, por vezes incontida, que Pessoa nutria então por Ferro, o antigo amigo do tempo do *Orpheu*, com quem manteria de 1915 até ao fim da vida um relacionamento distante, ainda que cortês (Barreto, 2010).

O diário *Sol*, dirigido por Celestino Soares, publicou-se entre 30 de Outubro e 1 de Dezembro de 1926, ou seja, durante 33 dias (as colecções do diário *Sol* de 1926 na BNP e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra cobrem exactamente esse período). O *Sol* era um jornal de tendência republicana e antifascista, que se publicou no ambiente político hostil da Ditadura Militar, instaurada em 28 de Maio do mesmo ano, e sujeito ao regime de censura prévia à imprensa recentemente instaurado. O diário *Sol* sucedera a um “bissemanário republicano” do mesmo nome, também dirigido por Celestino Soares, que se publicou entre Julho e Agosto de 1926 (seis números), em “edição da grande revista *Contemporânea*”, e do qual Augusto Ferreira Gomes, íntimo de Pessoa, foi secretário de redacção a partir do n.º 3. Desde o seu lançamento, em 30 de Outubro, que o diário *Sol* foi atacado pela imprensa apoiante da Ditadura, nomeadamente

monárquica, mas nada fazia prever o seu desaparecimento súbito no começo de Dezembro. O último número do jornal, saído no dia 1.º de Dezembro, apenas anunciava que no dia seguinte o jornal não se publicaria por motivo do feriado. Nada conseguimos apurar ao certo sobre a causa directa da extinção do jornal *Sol*, mas a proximidade de publicação da entrevista “O ‘Duce’ Mussolini é um louco...” e do artigo “Fascistas italianos em Lisboa” e o facto da chegada a Lisboa, em 22 de Novembro, do novo ministro de Itália (até então representada por um encarregado de negócios) permite pensar que o desaparecimento do *Sol* pode ter tido a ver com a indignação da colónia italiana, do cônsul e do ministro de Itália pelo teor das afirmações sobre a “loucura paranóica” de Mussolini. A 2 de Dezembro, dia em que o *Sol* não se publicava em razão do feriado da véspera, o novo ministro de Itália, Carlo Galli, apresentou credenciais ao chefe de Estado português. No dia seguinte, 3 de Dezembro, o *Sol* deveria ter sido publicado, mas não o foi – nem nesse dia, nem nunca mais. Terá o *Sol* sido assunto de conversa entre Galli e o general Carmona? De qualquer modo, as autoridades da Ditadura Militar franziem o sobrolho ao jornal desde o seu aparecimento. A propósito, o n.º 6 do bissemanário *Sol*, de 4 de Agosto desse ano, incluía um artigo contra a censura à imprensa. Coincidência ou não, foi o seu último número.

O director de ambas as versões do *Sol*, Celestino Soares (1898-?) era um jornalista, escritor, diplomata (em 1922 era adido à legação de Portugal em Washington) e empresário. Na revista *Contemporânea* publicou vários textos: “A Universidade Nova” (n.º 5, Novembro de 1922) e dois artigos sobre as relações ibero-americanas (n.ºs 1 e 2 da 3.ª série, Maio e Junho de 1926). No n.º 9 da *Contemporânea* (Março de 1923) era anunciado para breve “um grande magazine semanal sob a direcção de Celestino Soares”, que não chegou a ver a luz do dia. Com José Pacheco, Leitão de Barros e outros, Celestino Soares esteve envolvido na questão da Sociedade Nacional de Belas Artes, ocorrida em 1921, a propósito da qual escreveu “O Triunfo dos Novos” (*Contemporânea* - 1.º Suplemento, Março de 1925). Em 28 de Maio de 1926, quando foi instaurada a Ditadura Militar, Celestino Soares, membro do Partido Republicano Português, exercia desde Fevereiro as funções de governador civil de Portalegre. Em 1946 e 1947, Celestino Soares participará destacadamente em duas tentativas de derrubar o regime de Salazar (o golpe da Mealhada, em 10 de Outubro de 1946, e a “Abrilada”, de 10 de Abril de 1947), tendo sido condenado a pena de prisão.

Celestino Soares, além de se relacionar, entre outros, com José Pacheco, Almada Negreiros e Augusto Ferreira Gomes, era também das relações de Fernando Pessoa, tendo sido por este listado, por volta de 1921, como possível subscritor do capital da Olisipo, juntamente com um quase homónimo, José Celestino Soares (144G-42^v). No espólio de Pessoa, os dados de nascimento de Celestino Soares, certamente para fins astrológicos, encontraram-se em 90⁴-76^r, um cartão-de-visita pessoal, e 90⁶-64^r, um cartão-de-visita de *A Emprêza do Teatro Nôvo*

(o “Teatro Novo” foi uma iniciativa de António Ferro e José Pacheco em 1925). Dois horóscopos de Celestino Soares encontram-se (sem nome, mas com a data e a hora identificadoras) em 90⁶-46, aparentemente elaborados em 27 de Agosto de 1926. Anotações a lápis no fundo da página, registam a data do seu casamento (29 de Outubro de 1921) e do nascimento de três filhos entre 1923 e 1926. Nas mesmas anotações, o período de 22 de Março a 15 de Agosto de 1919 tem a menção de “Prisão”.

Fernando Pessoa publicou em 1926, tanto no bissemanário como no diário *Sol*, diversas colaborações assinadas: no n.º 6 e último do bissemanário *Sol* (4 de Agosto), o artigo “Organizar”, não assinado, mas reproduzido da *Revista de Comércio e Contabilidade*, e ainda, possivelmente, o texto também não assinado da p. 2, intitulado “Senhores reformadores! O individuo é que é gente”, um texto caracteristicamente pessoano tanto na forma como no conteúdo (ver aqui Apêndice, imagens 5 e 6); no n.º 1 do diário *Sol* (30 de Outubro), Pessoa assinou o artigo “Um grande português”, com a sua versão da história do *conto do vigário*; no n.º 12 (10 de Novembro), o poema “Gazetilha”, de Álvaro de Campos (vd. neste número de *Pessoa Plural* a apresentação por Jerónimo Pizarro das publicações deste poema); no n.º 15 (13 de Novembro), o poema “Anti-Gazetilha”. Não foi possível encontrar, nem no bissemanário nem no diário *Sol*, o texto “Uma das palavras que mais maltratadas têm sido...”, que Clara Rocha (1996, 528) afirmou ter sido publicado no quarto número do “*Sol* (bi-semanário republicano)”. O diário *Sol* publicou também, com tradução de Fernando Pessoa, o folhetim policial “O Caso da 5.^a Avenida”, de Anna Katharine Green (*The Leavenworth Case*, 1878), interrompido no 28.º fascículo por o jornal ter deixado de se publicar. O último número distribuído do jornal, alusivo ao 1.º de Dezembro, rematava o título principal da primeira página com uma citação do “Mar Português” de Fernando Pessoa: “E outra vez conquistemos a Distancia – // Do Mar, ou outra, mas que seja nossa...”.

Transcrevem-se abaixo os dois artigos publicados pelo diário *Sol*, seguidos das respectivas imagens. A transcrição é acompanhada de algumas notas contextuais alfabéticas, reunidas no final. Em apêndice, por fim, reproduzem-se imagens dos textos do espólio pessoano aqui referidos e do bissemanário *Sol*.

Renove-se aqui um agradecimento pela preciosa colaboração prestada a este trabalho por Jerónimo Pizarro, que foi também o primeiro a assinalar o nome de Angioletti no espólio pessoano e a abrir, assim, esta pista de investigação. Um agradecimento também a Steffen Dix, pela sua informação sobre a carta de Fernando Pessoa a Aleister Crowley e a entrevista do primeiro ao semanário *Girasol*.

Textos publicados no jornal Sol

I. *Sol*, n.º 22, de 20 de Novembro de 1926, pp. 1-2 (não assinado):

UM “CAMISA BRANCA”**O “Duce” Mussolini é um louco...**

afirma-o ao “SOL” um italiano culto que ama sinceramente a Italia

A vinda do coronel Gray ^a, delegado fascista, a Portugal, e os reparos, de varia ordem, que essa vinda levantou, levaram-nos a investigar se haveria em Lisboa, entre a parte extra-oficial (chamemos-lhe assim) da colonia italiana, algum representante dos principios contrarios com autoridade moral, e, sobretudo, relevo intelectual, para nos dizer sobre o fascismo duas palavras dignas de imprimir.

Aquele caso propicio que está sempre, devemos crê-lo, á espreita das pessoas bem intencionadas, trouxe inesperadamente ao nosso conhecimento a existencia insuspeita, nesta capital atlantica, de uma das maiores figuras da Italia, e um dos inimigos de mais estatura das teorias e da pratica (as teorias são varias e a pratica uma) do regime do Fascio, o sr. Giovanni B. Angioletti, o bem conhecido colaborador do «*Mercure de France*» ^b e que ha anos habita entre nós.

Conseguimos que nos levassem á sua presença, e pudemos trocar com ele as palavras precisas para reconhecer, primeiro, que estavamos diante de uma das inteligencias mais lucidas e mais precisas que nos tem sido dado encontrar; segundo, que era esse, em verdade, o homem que procuravamos.

Mal fizemos a pergunta. Não poderemos dizer ao certo se chegámos a pronunciar o nome do coronel Gray. A resposta surgiu, mais em relação com o muito que pensavamos que com o pouco que chegámos a dizer.

Os italianos não são ridiculos...^c

Nós, os italianos, temos – permita-me que o diga – grandes qualidades, mas o sentimento do ridiculo não se inclue entre elas, nem nenhum dos numerosos amigos, que a Italia tem sempre tido no estrangeiro, alguma vez nos atribuiu um humorismo de inglez ou uma graça de francez. Isto lhe explica, sem mais nada, missões como esta, que o paranoico genial que hoje impera atravez de escravos audaciosos, na minha pobre Patria, arremessa, para uso de caricaturistas sem assunto, sobre um mundo que, devo dizer-lhe, o admira por o que conhece dele, e porque não o conhece a ele, nem á Italia.

– V. Ex.^a disse «o paranoico genial»?

– Sim – genial como paranoico. Isso não exclue que se lhe possa chamar um grande homem. A toda a gente que se destaca do rebanho humano se pode chamar grande, porisso mesmo que se destacou... Mussolini é um louco – desafio qualquer psiquiatra a negá-lo – mas a loucura, como muita gente não sabe, é contagiosa em muitas das suas formas, e é-o precisamente naquelas formas que mais perigo pode haver em se contagiar. O fascismo é um caso como o da loucura dansante da Idade Media, que atacou colectividades. No meu livro... – aqui o nosso entrevistado equilibrou, rapida, uma hesitação, e, ocultando o titulo da sua obra, reatou: – no meu proximo livro, eu explicarei...

E aqui pairou outra vez um pequeno silencio...

O peor mal do fascismo...

O anti-fascista continuou, respondendo, com uma intuição quasi de bruxedo, a qualquer coisa que não haviamos perguntado:

– Tem-se dito muito contra o fascismo. Mas o que se tem dito contra o fascismo é o que de menos importante se pode dizer contra ele. Violencias? É o que ha de menos importancia real no fascismo. Todos os partidos esforçadamente politicos as exercem desde que as circunstancias sociais lhes garantam a facilidade de as exercer e a impunidade depois de as ter exercido. Não: as violencias do fascismo não teem importancia verdadeira. Iguais violencias, ou quasi iguais, praticaram os seus adversarios; iguais violencias, se não maiores, praticariam amanhã, se o Destino os bafejasse com a ilusão chamada poder. O que ha de verdadeiramente grave no fascismo não está nas suas violencias...

– Compreendo. Está nas suas doutrinas?...

– Não, não está nas suas doutrinas. Está, essencialmente, na sua exaltação da Italia.

– ?

– Não me compreendeu? Eu não esperava que me compreendesse... Eu lhe explico, sem lhe tomar muito tempo; e, se quere saber o pior contra o regime fascista, vai agora ouvir o pior.

Da Renascença para cá o conceito das funções externas do Estado evoluiu, e essa evolução é o fenomeno mais caracteristicamente determinante da evolução geral da humanidade. A Renascença, ao mesmo tempo que fechou a Idade Media, sintetizou a sua experiencia; e o nosso sublime Dante é o exemplo disso em carne, osso e alma...Ora na Renascença, como na Idade Media, o conceito do Estado, barbaro e primitivo, era de que o Estado, ou a Nação, existia simplesmente para criar e manter a sua propria grandeza. O progresso humano – pense-se¹ o que se quizer dele – destruiu este preconceito provinciano. Chegámos hoje a um novo conceito de Estado. Nenhuma nação tem direito a existir se não contribui qualquer

¹ No original: *pensa-se*.

coisa para o progresso geral da humanidade, se não é um Imperio no sentido mais alto do termo – um foco de expansão de ideias e de melhorias que beneficiem todo o mundo. É este o destino que a Renascença talhou para a Italia – a Italia martir, dividida, mas grande. A Italia unificada tem falhado a esta missão. Podemos até pensar que a unificação foi um erro... Que tem a Italia unificada dado ao mundo? Nada. O que deu ao mundo a Italia dividida? Tudo. Ora o mal do fascismo é que é a ultima consequencia da Italia unificada.^d Mussolini é, como todos os loucos, um primitivo cerebral. Reverte, por instinto nervoso, aos conceitos já extintos na humanidade civilizada. Não consegue elevar-se acima do ideal morto da «grandeza nacional». A Italia para ele é tudo, mas como Italia só, e não como mestra e aperfeiçoadora do mundo. Mussolini traiu a Italia, e com isso traiu a civilização, porque a Italia e a civilização são sinónimos...

...O Mundo é dirigido por forças especiaes...

Qualquer coisa no tom do nosso entrevistado – uma hesitação subtil, uma vaga indecisão – prende-nos de repente. E de repente perguntámos:

– Mas Mussolini será tão louco como isso? Mussolini fará isso tudo por engano, inconscientemente?

Pela face do anti-fascista passa qualquer coisa que foi quasi um sorriso. Passa... e fica uma expressão que é mais de preocupação que de tristeza. Ergue um pouco a cabeça, que descaíra, e diz:

– *O mundo é dirigido por forças especiais – muito especiais mesmo* – de que o fascismo é apenas uma manifestação particular.^e Entre o que se passa hoje na China e o que se passa hoje na Italia ha uma relação íntima, que, no fundo, e nos elementos verdadeiramente dirigentes – não me refiro agora ao pobre Duce – é perfeitamente consciente. Peço a sua atenção para o que lhe estou dizendo, e a sua recordação, de aqui a dez anos, de que hoje lho disse... V. é novo; não poderá deixar de ser vivo nessa altura.

– Não percebo...

O antifascista abriu uma gaveta, tirou de lá uma pasta, e, de entre os papeis que nela estavam, escolheu um recorte de jornal. Logo á primeira vista nos pareceu que era dum jornal português. Á segunda vista vimos que efectivamente era. O recorte era de *A Informação*, jornal do sr. Homem Cristo Filho, da secção intitulada *Ecos*, e é, textualmente, assim:

O grande livro de Mussolini

A «Entente Internationale contre la 3.^{eme} Internationale», prestimosa organização anti-bolchevista, expediu agora, do seu Secretariado Espanhol – Calle de Gaztambyde, 29, Madrid – a curiosissima nota de que damos em seguida uma tradução rigorosamente literal:

«Está despertando uma grande curiosidade, na intimidade dos círculos diplomaticos europeus o livro que, a par das suas memorias, se diz estar escrevendo o sr. Benito Mussolini, primeiro ministro da Italia, como uma nova «Monita Secreta» para os sub-chefes do movimento fascista. Intitula-se esse livro, segundo as melhores informações, «O Futuro da Anarquia», e destina-se, ao que por elas consta, a provar que o Grande Ditador italiano não pretende, no fundo, senão criar uma sociedade nova em moldes que diferem dos sovieticos apenas em dois pontos: 1.º, aquilo a que ele chama a «temporalidade do principio autoritario», que consiste em criar autoridade em qualquer coisa ficticia, para assim destacar a autoridade do organismo social; e 2.º, o que ele designa «a dissociação do elemento coercitivo», isto é, a criação duma «força publica» distinta do exercito e da armada, de modo a estabelecer, segundo as palavras textuais, «uma dualidade na essencia coerciva do Estado». Estes espantosos e novissimos principios, que, mesmo enunciados assim em resumo, mostram a altura e a originalidade do altissimo espirito do «Duce», são, ao que parece, os que têm norteado seguramente a notabilissima politica do maior chefe do nosso tempo. Pergunta-se apenas se não seria mais conveniente, e mais util para todos, que o sr. Mussolini, em vez de conservar quasi secretos estes principios, os publicasse francamente, abrindo assim uma nova era na politica europeia, já tão cansada de formulas e de falsas interpretações.»^f

Uma noticia que não foi desmentida...

– Mas, perguntámos nós, o que quer isto dizer? Esta noticia foi desmentida?

O anti-fascista encolheu os ombros.

– Não foi, nem poderia ser, desmentida. E não foi desmentida precisamente porque o não poderia ser...

– Mas V. Ex.^a diz que Mussolini...

– Faça de conta que eu não disse nada... Ou melhor, faça de conta que lhe disse apenas aquilo que lhe vou repetir: O mundo é dirigido por forças especiais, de que o fascismo é apenas uma manifestação particular.

– E a Italia?

– A Italia é eterna. É a mãe sublime das artes e a fecundadora das sciencias. O seu esforço arrancou a Europa da baixeza de si mesma e ungiu-a com o oleo sacro que dá o conhecimento da beleza e a luxuria da compreensão. A Italia está acima dos Cesares que saem das alfurjas, dos Gracos de pifaro e tambor... A Italia foi grande, e a Italia tornará a ser grande... Deixe acabar o intervalo...

SOL

Director: CELESTINO SOARES

SABADO, 20 DE NOVEMBRO DE 1926

EDITOR—E
Redacção, Ad. e

UM "CAMISA BRANCA"

O "Duce" Mussolini é um louco...

**afirma-o ao "SOL" um italiano culto que ama
sinceramente a Italia**

A vinda do coronel Gray, delegado fascista, a Portugal, e os reparos, de varia ordem, que essa vinda levantou, levaram-nos a investigar se haveria em Lisboa, entre a parte extra-oficial (chamemos-lhe assim) da colonia italiana, algum representante dos principios contrarios com autoridade moral, e, sobretudo, relevo intelectual, para nos dizer sobre o fascismo duas palavras dignas de imprimi.

Aquele caso propicio que está sempre, devemos crê-lo, á espreita das pessoas bem intencionadas, trouxe inesperadamente ao nosso conhecimento a existencia inuspeita, nesta capital atlantica, de uma das maiores figuras da Italia, e um dos inimigos de mais estatura das teorias e da pratica (as teorias são varias e a pratica uma) do regime do Fascio, o sr. Giovanni B. Angioletti, o bem conhecido colaborador do «Mercur de France» e que ha anos habita entre nós.

Conseguiu que nos levassem á sua presença, e pudemos trocar com ele as palavras precisas para reconhecer, primeiro, que estavamos diante de uma das inteligencias mais lucidas e mais preciosas que nos tem sido dado encontrar: segundo, que era esse, em verdade, o homem que procuravamos.

Mal fizemos a pergunta. Não poderemos dizer ao certo se chegámos a pronunciar o nome do coronel Gray. A resposta surgiu, mais em relação com o muito que pensavamos que com o pouco que chegámos a dizer.

**Os italianos não são
ridiculos...**

Nós, os italianos, temos—permita-me que o diga—grandes qualidades, mas o sentimento do ridiculo não se inclue entre elas, nem nenhum dos numerosos amigos, que a Italia tem sempre tido no estrangeiro, alguma vez nos atribuiu um humorismo de inglez ou uma graça de francez. Isto lhe explica, sem mais nada, missões como esta, que o paranoico genial que hoje impera, através de escravos audaciosos, na minha pobre Patria, arretrada, para uso de caricaturistas sem assunto, sobre um mundo que, devo dizer-lhe, o admira por o que conhece dele, e porque não o conhece a ele, nem á Italia.

—V. Ex.^a disse «o paranoico genial»?

—Sim—genial como paranoico.

Isso não exclue que se lhe possa chamar um grande homem. A toda a gente que se destaca do rebanho humano se pode chamar grande, porisso mesmo que se destacou... Mussolini é um louco—desafio qualquer psiquiatra a negá-lo—mas a loucura, como muita gente não sabe, é contagiosa em muitas das suas formas, e é-o precisamente naquelas formas que mais perigo pode haver em se contagiar. O fascismo é um caso como o da loucura dançante da Idade Media, que atacou colectividades. No meu livro... —aqui o nosso entrevistado equilibrou, rapida, uma hesitação, e, ocultando o titulo da sua obra, reatou:—no meu proximo livro, eu explicarei...

E aqui pairou outra vez um pequeno silencio...

O peor mal do fascismo...

O anti-fascista continuou, respondendo, com uma intuição quasi de bruxedo, a qualquer coisa que não havíamos perguntado:

—Tem-se dito muito contra o fascismo. Mas o que se tem dito contra o fascismo é o que de menos importante se pode dizer contra ele. Violencia? E' o que ha de menos importancia real ao fascismo. Todos os partidos reforçadamente politicos as exercem desde que as circunstancias sociais lhes garantam a facilidade de as exercer e a impunidade depois de as ter exercido. Não: as violencias do fascismo não tem importancia verdadeira. Iguais violencias, ou quasi iguais, praticaram os seus adversarios: iguais violencias, se não maiores, praticariam amanhã, se o Destino se bafejasse com a ilusão chamada poder. O que ha de verdadeiramente grave no fascismo não está nas suas violencias...

—Compreendo. Está nas suas doutrinas?

—Não, não está nas suas doutrinas. Está, essencialmente, na sua exaltação da Italia.

—? —Não me compreendeu? Eu não esperava que me compreendesse... Eu lhe explico, sem lhe tomar muito tempo; e, se quere saber o pior contra o regime fascista, vai agora ouvir o pior.

«Da Renascença para cá o conceito das funções externas do Estado evoluiu, e essa evolução é o fenómeno mais caracteristicamente determinante da evolução geral da humanidade. A Renascença, ao mesmo tempo que fechou a Idade Media, sintetizou a sua experiencia; e o nosso sublime Dante é o exemplo disso em carne, osso e alma... Ora na Renascença, como na Idade Media, o conceito do Estado, barbaro e primitivo, era de que o Estado, ou a Nação, existia simplesmente para criar e manter a sua propria grandeza. O progresso humano—pensa-se o que se quizer dele—destruiu este preconceito provinciano. Chegámos hoje a um novo conceito do Estado. Nenhuma nação tem direito a existir se não contribui qualquer coisa para o progresso geral da humanidade; se não é um Imperio no sentido mais alto do termo—um foco de expansão de ideias e de melhorias que beneficiem todo o mundo. E' este o destino que a Renascença talhou para a Italia—a Italia martir, dividida, mas grande. A Italia unificada tem falhado a esta missão. Podemos até pensar que a unificação foi um erro... Que tem a Italia unificada dado ao mundo? Nada. O que deu ao mundo a Italia dividida? Tudo. Ora o mal do fascismo é que é a ultima consequencia da Italia unificada. Mussolini é, como todos os loucos, um primitivo cerebral. Reverte, por instinto nervoso, aos conceitos já extintos na humanidade civilisada. Não consegue elevar-se acima do ideal morto da «grandeza nacional». A Italia para ele é tudo, mas como Italia so, e não como mostra e impelcondora do mundo. Mussolini traiu a Italia, e com isso traiu a civilização, porque a Italia e a civilização são sinonimos...

**...O Mundo é dirigido por
forças especiaes...**

Qualquer coisa no tom do nosso entrevistado—uma hesitação subtil, uma vaga indecisão—prende-nos de repente. E de repente perguntamos:

(Continua na 2.^a pagina)

ASTROLOGIA E GRAFOLOGIA

Por falta de espaço não
publicamos hoje as respostas
às consultas referentes
a esta secção.

Sol, 20 de Novembro de 1926, p.1

A LOUCURA DE MUSSOLINI

(Continuação da 1.ª página)

—Mas Mussolini será tão louco como isso? Mussolini fará isso tudo por engano, inconscientemente?

Pela face do anti-fascista passa qualquer coisa que foi quasi um sorriso. Passa... e fica uma expressão que é mais de preocupação que de tristeza. Ergue um pouco a cabeça, que descaira, e diz:

—O mundo é dirigido por forças especiais—muito especiais mesmo—de que o fascismo é apenas uma manifestação particular. Entre o que se passa hoje na China e o que se passa hoje na Italia ha uma relação íntima, que, no fundo, e nos elementos verdadeiramente dirigentes—não me refiro agora ao pobre Duce—é perfeitamente consciente. Peço a sua atenção para o que lhe estou dizendo, e a sua recordação, de aqui a dez anos, de que hoje lho disse... V. é novo; não poderá deixar de ser vivo nessa altura.

—Não percebo...

O anti-fascista abriu uma gaveta, tirou de lá uma pasta, e, de entre os papéis que nela estavam, escolheu um recorte de jornal. Logo á primeira vista nos pareceu que era de um jornal português. A' segunda vista vimos que efectivamente era. O recorte era de *A Informação*, jornal do sr. Homem Cristo Filho, da secção intitulada *Ecos*, e é, textualmente, assim:

O grande livro de Mussolini

A «Entente Internationale contre la 3.^{ème} Internationale», prestimosa organização anti-bolchevista, expediu agora, do seu Secretariado Espanhol — Calle de Gaztambyde, 29, Madrid—a curiosissima nota de que damos em seguida uma tradução rigorosamente literal:

«Está despertando uma grande curiosidade, na intimidade dos circulos diplomaticos europeus o livro que, a par das suas memorias, se diz estar escrevendo o sr. Benito Mussolini, primeiro ministro da Italia, como uma nova especie de «Monita Secreta» para os sub-chefes do movimento fascista. Intitula-se esse livro, segundo as melhores informações, «O Futuro da Anarquia», e destina-se, ao que por elas consta, a provar que o Grande Ditador italiano não pretende, no fundo, senão criar uma sociedade nova em moldes que diferem dos sovieticos apenas

em dois pontos: 1.º, aquilo a que ele chama a «temporalidade do principio autoritario», que consiste em criar autoridade em qualquer coisa ficticia, para assim destacar a autoridade do organismo social; e 2.º, o que ele designa «a dissociação do elemento coercitivo», isto é, a criação duma «força publica» distinta do exercito e da armada, de modo a estabelecer, segundo as palavras textuais, «uma dualidade na essencia coerciva do Estado». Estes espantosos e novissimos principios, que, mesmo enunciados assim em resumo, mostram a altura e a originalidade do altissimo espirito do «Duce», são, ao que parece, os que têm norteado seguramente a notabilissima politica do maior chefe do nosso tempo. Pergunta-se apenas se não seria mais conveniente, e mais util para todos, que o sr. Mussolini, em vez de conservar quasi secretos estes principios, os publicasse francamente, abrindo assim uma nova era na politica europeia, já tão cansada de formulas e de falsas interpretações.»

Uma noticia que não foi desmentida...

—Mas, perguntámos nós, o que quere isto dizer? Esta noticia foi desmentida?

O anti-fascista encolheu os hombros.

—Não foi, nem poderia ser, desmentida. E não foi desmentida precisamente porque o não poderia ser...

—Mas V. Ex.^a diz que Mussolini...

—Faça de conta que eu não disse nada... Ou, melhor, faça de conta que lhe disse apenas aquilo que lhe vou repetir: O mundo é dirigido por forças especiais, de que o fascismo é apenas uma manifestação particular.

—E a Italia?

—A Italia é eterna. E' a mãe sublime das artes e a fecundadora das sciencias. O seu esforço arrancou a Europa da baixeza de si mesma e ungiu-a com o oleo sacro que dá o conhecimento da beleza e a luxuria da compreensão. A Italia está acima dos Cesares que saem das alfurjas, dos Gracos de pifaro e tambor... A Italia foi grande, e a Italia tornará a ser grande... Deixe acabar o intervalo...

Sol, 20 de Novembro de 1926, p.2

II. *Sol*, n.º 24, de 22 de Novembro de 1926, p. 1 (não assinado):

A LOUCURA DO “DUCE”

Fascistas italianos em Lisboa

Um desmentido no ar – Os privilégios de certa
Imprensa – De noite todas as camisas... são negras...

Lemos no *Diário de Noticias* de ontem, em 4.^a página, a propósito da saída para Madrid do fascista italiano (sic) Edgio Maria Gray² (oh! o nacionalismo romano dos Grays!...), o seguinte:

Do consulado de Italia em Lisboa escrevem-nos dizendo não existir nos seus registos nenhum italiano com o nome daquele que concedeu uma entrevista a um nosso colega da manhã, sobre fascismo.^g

O «nosso colega» – somos nós. A entrevista intitulava-se *O «Duce» Mussolini é um louco...* O entrevistado denominou-se Giovanni B. Angioletti; inculcou-se colaborador do *Mercure de France*.

Temos uma civilidade tradicional que nunca negou guarida ou réplica a quem a solicitar; temos uma Lei de Imprensa que dá o direito de resposta no próprio local onde o facto contestável se publicou. É isto ignorado no Consulado de Italia? Não teve o sr. consul ainda a oportunidade de conhecer os nossos costumes e as nossas leis?

No Consulado nunca se leu o *Mercure de France*.^h

Não nos compete a nós delatar aos agentes do «fascio» italiano a presença civil dos perseguidos do «Duce». Não será por via do nosso jornal que os «camisas brancas» se macularão de negro nem que o óleo de ricino se ministrará como ridícula arma a adversários que se acolheram á tradicional hospitalidade portuguesa.

Esteve em Lisboa o sr. Gray. Deu-se o estranho facto de vir a Portugal em propaganda da politica interna do seu país e de escolher para local dessa campanha o edificio onde se vai instalar a Legação de Italia.ⁱ

Anunciou-se essa conferencia só para italianos; mas a ela assistiram, reportando o facto, os representantes da imprensa que merecia a confiança ou a consideração dos «camisas negras».

Na entrevista por nós publicada o que valia á contestação do representante italiano não era o nome nem sequer a personalidade do entrevistado. As afirmações subsistem incontestadas e sem discussão.

Movam-se os prélos. Está concedido o direito de resposta.

² O verdadeiro nome do dirigente fascista italiano era Ezio Maria Gray.

Uma Carta do dr. Angioletti

Já depois de composto o artigo acima, recebemos do sr. dr. Giovanni B. Angioletti a seguinte carta, a que damos imediata publicidade, no original e na tradução literal que dela fizemos:

Monsieur: – Revenu d'un de ces petits voyages que j'ai l'habitude de faire au Nord de votre beau pays, ce n'est que ce moment même que je viens de lire l'interview qu'un de vos rédacteurs m'a fait l'honneur de me demander. Je vous remercie vivement, tant des éloges, vraiment excessifs, dont vous avez entouré mon nom encore obscur, que de l'exactitude absolue – verbale même – qui est le trait saillant de la reproduction de ce que je vous ai dit.

Je vous prie, toutefois, de rectifier une petite erreur, dont je ne m'explique pas l'origine. Je n'ai jamais collaboré au Mercure de France ; je le lis même très rarement. Je me hâte de vous signaler cette erreur et de vous en demander la correction, parce qu'il peut se faire qu'il y ait en effet un Angioletti, ou quelque chose de semblable, qui soit collaborateur du Mercure. C'est peut-être là l'origine de la fausse identification qui s'est établie dans l'esprit de votre rédacteur. Et ce serait faire un assez mauvais service à cet homonyme inconnu que de l'exposer – peut-être vit-il en Italie – aux représailles criminelles, aux violences sinistres dont se compose la logique essentielle des serfs du Cesar Borgia.

Je viens de lire aussi, dans un journal qui n'est pas le vôtre, que le Consulat d'Italie a déclaré qu'il ne porte pas mon nom sur ces registres.³ Le Consul dit vrai, mais vous l'aviez déjà dit dans les tous premiers mots de votre article...

Agréez, Monsieur, avec la réitération de mes remerciements, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

(a) G. B. ANGIOLETTI

Eis a tradução :

...Sr. – De regresso de uma daquelas pequenas viagens que tenho por hábito fazer ao Norte do vosso belo país, é só neste momento que acabo de ler a entrevista que um dos vossos redactores me fez a honra de me pedir. Agradeço-lhe calorosamente não só os elogios, em verdade excessivos, com que cercou meu nome ainda obscuro, mas ainda a exactidão absoluta – verbal mesmo – que é o traço saliente da reprodução do que eu vos disse.

Peço-vos, comtudo, que rectifiqueis um pequeno êrro, cuja origem não sei qual fôsse. Nunca colaborei no Mercure de France; raras vezes, mesmo, o leio. Apresso-me, porém,

³ Correctamente, deveria estar escrito, atendendo à tradução: *ses registres*. O jornal reproduz, porém, fielmente o original dactilografado, cuja cópia se encontra no espólio de Pessoa.

em vos indicar este êrro, e em vos pedir que o corrijaís, porque pode dar-se o caso de haver, de facto, um Angioletti, ou qualquer coisa parecida, que seja colaborador do Mercure. Está nisso, talvez, a origem da falsa identificação que se estabeleceu no espirito do vosso redactor. E seria prestar um serviço bastante mau a esse homónimo desconhecido o expô-lo – talvez ele viva em Italia – ás represálias criminaís, ás violencias sinistras, de que se compõe a lógica essencial dos servos do Cesar Borgia.

Acabo de ler também, num jornal que não é o vosso, que o Consulado de Italia declarou que o meu nome não existe nos seus registos. O Consul diz a verdade, mas já V. a havia dito logo nas primeiras palavras do vosso artigo.

Com a reiteração dos meus agradecimentos, aceite a afirmação da minha maior consideração.

(a) G. B. ANGIOLETTI

"SOL" é um jornal independente que mesmo antes de surgir incomodou pela sua liberdade de pensamento e de acção aquelle que a soldo põem suas penas e suas consciencias. O publico que o leia e que o julgue.

ANO I — N.º 24

PROPRIEDADE da Empresa Editora do SOL

A LOUCURA DO "DUCE"

Fascistas italianos em Lisboa

Um desmentido no ar — Os privilégios de certa Imprensa — De noite todas as camisas... são negras...

Temos no *Diário de Notícias* de ontem, em 4.ª pagina, a proposta da saída para Madrid do fascista italiano (sic) Edoardo Maria Gray (ou o nacionalismo romano dos grayst...), o seguinte:

Do consulado de Italia em Lisboa escreveram-nos dizendo não existir nos seus registos nenhum italiano com o nome daquelle que concedeu uma entrevista a um nosso colega da manhã, sobre fascismo.

O «nosso colega» — somos nós. A entrevista intitulava-se O «Duce» Mussolini é um louco... O entrevistado denominou-se Giovanni B. Angioletti; inculcou-se colaborador do *Mercurio de France*.

Temos uma civilidade tradicional que nunca negou guarda ou réplica a quem a solicitar; temos uma Lei de Imprensa que dá o direito de resposta no próprio local onde o facto contestável se publicou. E' isto ignorado no Consulado de Italia? Não teve o sr. consul ainda a oportunidade de conhecer os nossos costumes e as nossas leis?

No Consulado nunca se leu o *Mercurio de France*.

Não nos compete a nós delatar aos agentes do «fascio» italiano a presença civil dos perseguidos do «Duce». Não será por via do nosso jornal que os «camisas brancas» se macularem de negro, nem que o ódio de ricino se ministrará como rufecula arma a adversários que se acalheram a tradicional hospitalidade portuguesa.

Esteve em Lisboa o sr. Gray. Deu-se o estranho facto de vir a Portugal em propaganda da politica interna do seu país e de escolher para local dessa campanha o edificio onde se vai instalar a Legação de Italia.

Anunciou-se essa conferencia eó para italianos; mas a ela assistiram, reportando o facto, os representantes da imprensa que merecia a confiança ou a consideração dos «camisas negras».

Na entrevista por nós publicada o que valia á contestação do representante italiano não era o nome, bem sequer a personalidade do entrevistado. As afirmações subsistem incontestadas e sem discussão.

Movam-se os preços. Está concedido o direito de resposta.

Uma carta do dr. Angioletti

Ja depois de composto o artigo acima, recebemos do sr. dr. Giovanni B. Angioletti a seguinte carta, a que damos immediata publicação, no original e na tradução literal que deia fizemos:

Monsieur: — Revenu d'un de ces petits voyages que j'ai l'habitude de faire au Nord de votre beau pays, je n'est que ce moment même que je viens de lire l'interview qu'un de vos rédacteurs m'a fait l'honneur de me demander. Je vous remercie vivement, tant des éloges, vraiment bons, non encore obscurs, que de l'exactitude absolue — verbale même — qui est le trait saillant de la reproduction de ce que je vous ai dit.

Je vous prie, toutefois, de rectifier une petite erreur, dont je ne m'explique pas l'origine. Je n'ai jamais collaboré au *Mercurio de France*; je le lis même très rarement.

Je me hâte de vous signaler cette erreur et de vous en demander la correction, parce qu'il peut se faire qu'il y ait en effet un Angioletti, ou quelque chose de semblable, qui soit collaborateur du *Mercurio*. C'est peut-être la l'origine de la fautive identification qui s'est établie dans l'esprit de votre rédacteur. Et ce serait faire un assez mauvais service à cet homonyme inconnu que de l'exposer — peut-être visité en Italie — aux représailles criminelles, aux violences sinistres dont se compose la logique essentielle des serfs du Cesar Borgia.

Je viens de lire aussi, dans un journal qui n'est pas le votre, que le Consulat d'Italie a déclaré qu'il ne porte pas son nom sur ses registres. Le Consul dit vrai, mais vous l'avez déjà dit dans les tous premiers mots de votre article.

Agitez, Monsieur, avec la réiteration de mes remerciements, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

(a) G. B. ANGIOLETTI

Eis a tradução:

Sr. — De regresso de uma daquelas pequenas viagens que tenho por habito fazer ao Norte do vosso belo país, é só neste momento que acabo de ler a entrevista que um dos vossos redactores me fez a honra de me pedir. Agradeço-lhe calorosamente não só os elogios, em verdade excessivos, com que cercou meu nome ainda obscuro, mas ainda a exactidão absoluta — verbal mesmo — que é o traço saliente da reprodução do que eu vos disse.

Pecoroso, contudo, que rectifiqueis um pequeno erro, cujo origem não sei qual fosse. Nunca collaboro no *Mercurio de France*; raras vezes, mesmo, o leio. Expresso-me, porém, em vos indicar este erro, e em vos pedir que o corrigis, porque pode dar-se o caso de haver, de facto, um Angioletti, ou qualquer coisa parecida, que seja colaborador do *Mercurio*. Está nisso, talvez, a origem da falsa identificação que se estabeleceu no espirito do vosso redactor. E seria prestar um serviço bastante mau a esse homônimo desconhecido o expô-lo — talvez ele viva em Italia — ás represálias criminaes, ás violências sinistras, de que se compõe a lógica essencial dos serfs do Cesar Borgia.

Acabo de ler também, num jornal que não é o vosso, que o Consulado de Italia declarou que o meu nome não existe nos seus registos. O Consul diz a verdade, mas já v. a havia dito logo nas primeiras palavras do vosso artigo.

Com a reiteration dos meus agradecimentos, aceite a affirmacão da minha maior consideração.

(a) G. B. ANGIOLETTI

Assinaturas condicionais

Preço das assinaturas

3 meses.....	27\$000
6 meses.....	54\$000
1 ano.....	108\$000

Pagamento adiantado

A cobrança faz-se no domicílio, caso o assinante não prefira remeter directamente á administração a importância da assinatura em vale do correio.

"Fascistas Italianos em Lisboa", *Sol*, 22 de Novembro de 1926, p.1

Outras notas

^a O coronel Ezio Maria Gray, deputado fascista italiano, membro do directório nacional do partido (1924) e do Grande Conselho do Fascismo (1924-25), deslocou-se a Lisboa em meados de Novembro de 1926 com a incumbência de proceder à criação de um *fascio* local, isto é, um núcleo dos fascistas italianos residentes em Portugal. O *Diário de Notícias* noticiou os passos por ele dados na capital portuguesa, conseguindo entrevistá-lo em 17 de Novembro. A entrevista decorreu, curiosamente, no *foyer* do Teatro Trindade, no intervalo de uma revista da companhia parisiense Ba-Ta-Clan, que se encontrava então em Lisboa, espectáculo que o jornalista descreve como exibindo “girls” bailando “desenfreadamente” (vd. “Vamos ter ‘camisas negras’ em Portugal”, *Diário de Notícias* de 18 de Novembro de 1926, p. 1). No dia 19, o mesmo jornal publicava uma reportagem sobre a sessão de propaganda que o coronel Gray fizera na véspera no Palácio Pombeiro, futuras instalações da legação italiana (vd. “A propaganda política fascista pelo coronel italiano sr. Ezio M. Gray”, *Diário de Notícias* de 19 de Novembro de 1926, p. 1). Nessa sessão de propaganda, a que assistiram numerosos membros da colónia italiana e jornalistas seleccionados da imprensa portuguesa, o coronel Gray tentou tranquilizar o público português dizendo que ninguém se deveria alarmar com a constituição dum ‘fascio’ em Portugal” e prometendo que os fascistas italianos não se imiscuiriam na política interna de Portugal. A 21 de Novembro, o mesmo jornal noticiava (p. 4) a partida de Gray, na véspera, dia 20, para Madrid. A “entrevista” com um antifascista italiano publicada pelo *Sol* no dia 20 enquadra-se obviamente nestes acontecimentos, constituindo uma espécie de réplica às reportagens do *Diário de Notícias* dos dias imediatamente anteriores. Como se conclui do artigo que contém a entrevista com Angioletti, a primeira pergunta do entrevistador seria sobre a presença de Gray em Lisboa, ou seja, era esse o assunto imediato.

^b Em mais de 50 números consultados da revista *Mercure de France* de 1924-1926, não há qualquer colaboração assinada pelo nome Angioletti (a revista está disponível online na biblioteca digital Gallica da BnF). A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa conserva quatro exemplares desta revista francesa, embora de datas muito anteriores: 1911 e 1912. Nos anos 20, a *Mercure de France* publicava regularmente recensões sobre obras literárias de vários países europeus, entre os quais Portugal, neste caso na crónica “Lettres portugaises”, assinada por Philéas Lebesgue. Diga-se que a revista terá tido, ao longo de décadas, raríssimos colaboradores italianos, embora possuísse uma crónica periódica de “Lettres italiennes”, assinada pelo francês Paul Guiton.

^c Este subtítulo não é, certamente, da autoria de Pessoa, pois interpreta mal o texto. Com efeito, o entrevistado não diz que “os italianos não são ridículos”, mas sim que os italianos não tinham “sentimento do ridículo”.

^d Esta tese parece rebater um argumento exposto pelo “antifascista italiano” entrevistado por Jorge Guerner, aliás Paulo Osório, na referida “Carta de Paris”, publicada pelo *Diário de Notícias* de 12 de Novembro. Com efeito, o anónimo italiano ponderava as consequências nefastas que poderiam ter o desaparecimento de Mussolini e uma subsequente guerra civil para a Itália, “uma nação cuja unidade é bem recente e assente em bases que o tempo não consolidou”. Ora o “entrevistado” do *Sol* tinha uma opinião bem diferente sobre os supostos benefícios da unificação italiana.

^e Pessoa, nos seus escritos sobre os “300” – de que Yvette Centeno publicou uma selecção em Fernando Pessoa, “Os Trezentos”, *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 3, n.º 3, Setembro-Dezembro de 1988, pp. 25-42 –, refere-se a um grupo internacional de trezentas pessoas poderosas que ocultamente comandaria os destinos da Europa, crença baseada numa frase dita pelo grande industrial e político alemão Walther Rathenau em 1921. Pessoa alude várias vezes, nesses textos, a

uma relação de aliança objectiva dos fascistas e dos bolchevistas com esse grupo. Embora directamente “alheios ao jogo dos Trezentos”, fascistas e comunistas favoreceriam e animariam o seu jogo, mesmo quando pretendiam opor-se-lhes (BNP/E3,53B-57, já citado em Centeno, op. cit., p. 31). Noutro trecho sobre os “300”, Pessoa acrescenta: “O fascismo [...] é a tal ponto semelhante, por um lado, ao bolchevismo, e, por outro lado, ao espírito syndicalista (corporativo lhe chamam os fascistas) que tende para desorganizar e deshellenizar Europa, que se ajusta, nesse sentido, muito mais às próprias ideias exteriores dos Trezentos do que á substancia da civilização europeia. O fascismo é uma reacção excessiva e falsa – faite à souhait para os Trezentos. Como todas as reacções falsas, tem os característicos intimos d’aquillo contra que reage.” (BNP/E3, 53B-66, cit. por Centeno, op. cit., p. 39). Ainda noutro trecho sobre os “300”, fascistas e comunistas (ou anarquistas) são descritos por Pessoa, note-se bem, como “dois bandos de loucos” que aparentemente se digladiavam, mas que na realidade estariam obscuramente combinados para a ruína da civilização: “Uns minam o nacionalismo pelo internacionalismo, outros o minam pelo regionalismo. Uns oppõem ao racionalismo individualista o irracionalismo individualista, ou anarchismo, outros o racionalismo anti-individualista, ou corporativismo (atheu). □ Perdido todo sentimento de harmonia, o europeu não sabe como ha de agir sobre dois bandos de loucos, oppondo-se furiosamente, mas falsamente, e parecendo obscuramente combinados para a ruina da civilização.” (BNP/E3, 53B-67, cit. por Centeno, op. cit., pp. 39-40).

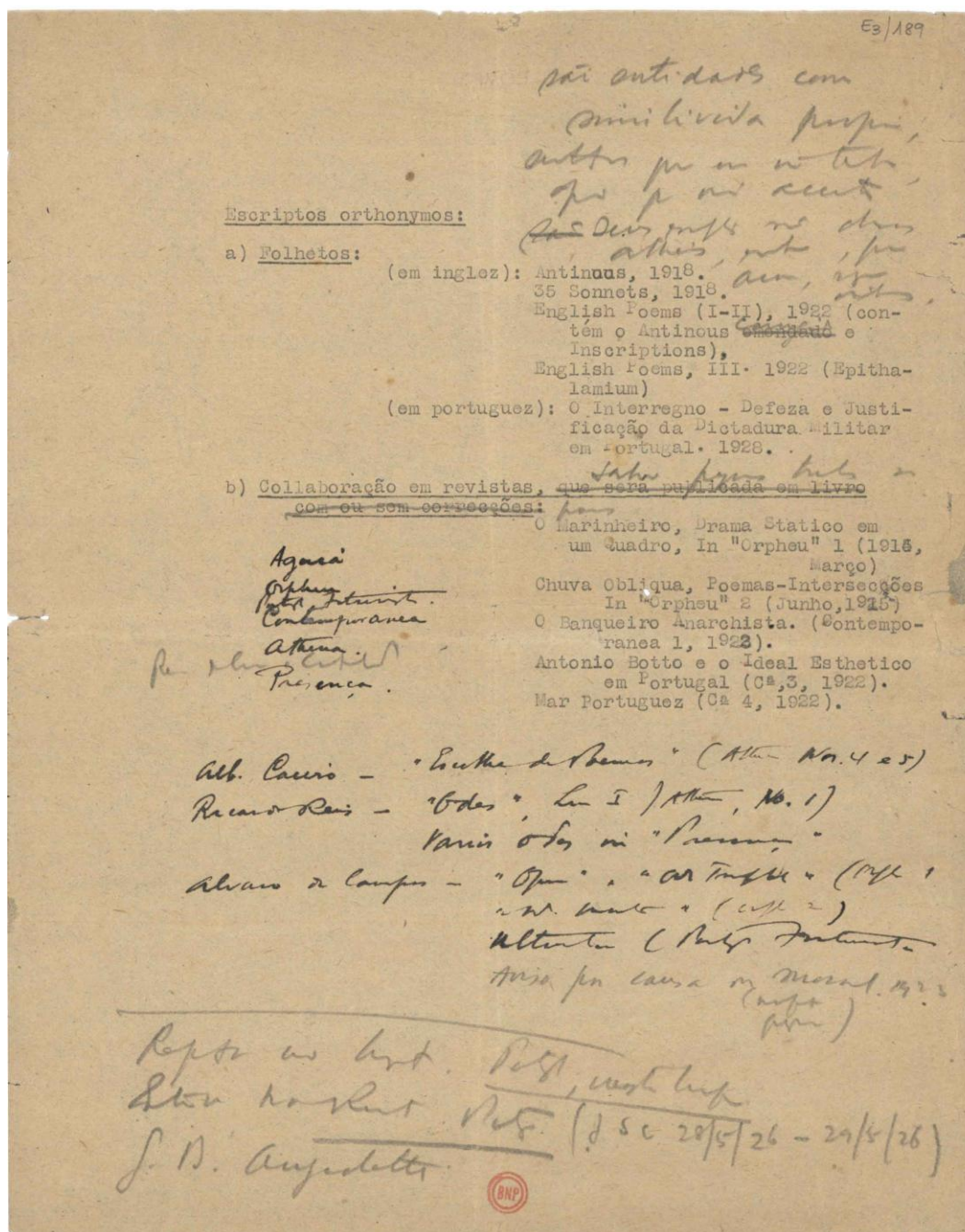
^f Esta notícia, recortada pelo suposto Angioletti do jornal lisboeta *A Informação*, dirigido pelo entusiasta de Mussolini e do fascismo Francisco Homem Cristo Filho, é citada na entrevista como prova da tese (pessoana) das semelhanças do fascismo com o comunismo, de que se falou na nota anterior, a propósito dos “300”.

^g A referida notícia do *Diário de Notícias* de 21 de Novembro intitulava-se “Fascistas italianos em Lisboa”, tal como a do *Sol* no dia seguinte.

^h A afirmação displicente “No Consulado nunca se leu o *Mercure de France*” encerra um bluff extraordinário, pois que se no consulado italiano conhecessem bem a revista, saberiam que nenhum Angioletti era seu colaborador.

ⁱ O edifício onde se iria instalar a legação italiana é o Palácio Pombeiro, onde desde então se localiza a Embaixada de Itália. Até à chegada a Lisboa, no dia 22 de Novembro de 1926, do novo ministro italiano, Carlo Galli, a Itália era representada em Lisboa pelo encarregado de negócios Porta e pelo cônsul Trabucco, daí ter sido este último a ser contactado pelo *Diário de Notícias* quando o *Sol* publicou a entrevista com o suposto Angioletti.

Apêndice



1. Rascunho da “Tábua Bibliográfica” de Fernando Pessoa, contendo na última linha, a lápis, o nome G. B. Angioletti (BNP/E3, 189r).

11414

Do sr. dr. Giovanni B. Angioletti recebemos a seguinte carta, a que damos imediata publicidade, no original e na tradução literal que dela fizemos:

Monsieur:

Revenu d'un de ces petits voyages que j'ai l'habitude de faire au Nord de votre beau pays, ce n'est que ce moment même que je viens de lire l'interview qu'un de vos rédacteurs m'a fait l'honneur de me demander. Je vous remercie vivement, tant des éloges, vraiment excessifs, dont vous avez entouré mon nom encore obscur, que de l'exactitude absolue - verbale même - qui est le trait saillant de la reproduction de ce que je vous ai dit.

Je vous prie, toutefois, de rectifier une petite erreur, dont je ne m'explique pas l'origine. Je n'ai jamais collaboré au Mercur de France; je le lis même très rarement. Je me hâte de vous signaler cette erreur et de vous en demander la correction, parce qu'il peut se faire qu'il y ait en effet un Angioletti, ou quelque chose de semblable, qui soit ~~un collaborateur~~ collaborateur du Mercur. C'est peut-être là l'origine de la fausse identification qui s'est établie dans l'esprit de votre rédacteur. Et ce serait faire un assez mauvais service à cet homonyme inconnu que de l'exposer - peut-être vit-il en Italie aux représailles ~~criminelles~~ criminelles, aux violences sinistres dont se compose la logique essentielle des serfs du Cesare Borgia des bas-fonds.

Je viens de lire aussi, dans un journal qui n'est pas le vôtre, que le Consulat d'Italie a déclaré qu'il ne porte pas mon nom sur ces registres. Le Consul dit vrai, mais vous l'aviez déjà dit dans les tous premiers mots de votre article...

Agréez, Monsieur, avec la réitération de mes remerciements, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

(a) G. B. Angioletti.

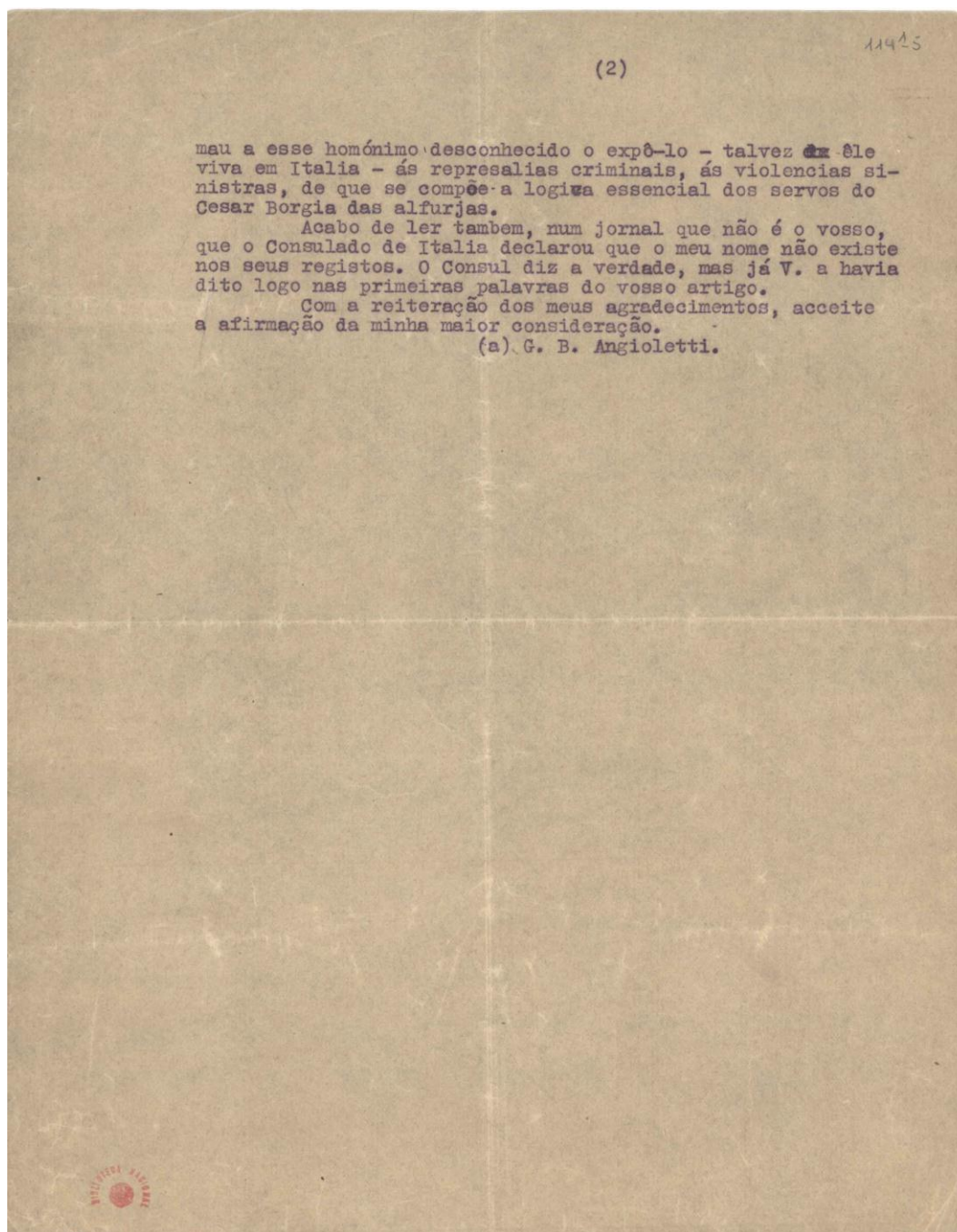
Eis a tradução:

... Sr.

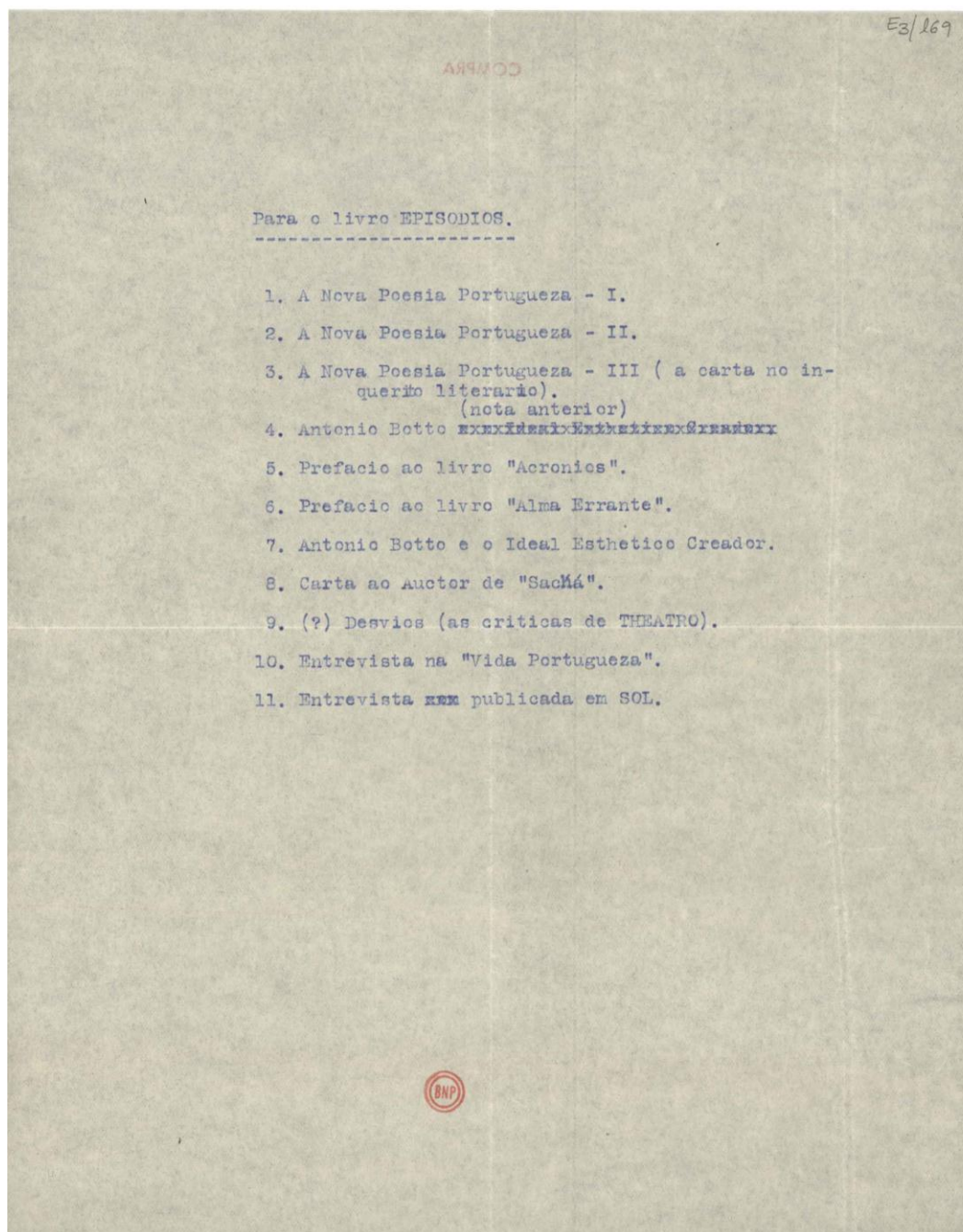
De regresso de uma daquelas pequenas viagens que tenho por habito fazer ao Norte do vosso bello paiz, é só neste momento que acabo de ler a entrevista que um dos vossos redactores me fez a honra de me pedir. Agradeço-lhe ~~seus~~ calorosamente não só os elogios, em verdade excessivos, com que cercou meu nome ainda obscuro, mas ainda a exactidão absoluta - verbal mesmo - que éo traço saliente da reprodução do que eu vos disse.

Peço-vos, contudo, que rectifiqueis um pequeno erro, cuja origem não sei qual fôsse. Nunca colaborei no Mercur de France; raras vezes, mesmo, o leio. Apresso-me, porém, em vos indicar este erro, e em vos pedir que o corrijaes, porque pode dar-se o caso de haver de facto um Angioletti, ~~esta pessoa~~ esta pessoa, coisa parecida, que ~~seja colaborador do Mercur~~ estabeleceu talvez a origem da ~~esta pessoa~~ esta pessoa, e seria prestar um serviço bastante espirito do vosso redactor. E seria prestar um serviço bastante

2. Cópia da carta de G. B. Angioletti ao jornal *Sol*, p. 1 (BNP/E3, 1141-4r).



3. Cópia da carta de G. B. Angioletti ao jornal *Sol*, p. 2 (BNP/E3, 1141-5r).



4. Sumário do projectado livro *Episodios*, contendo na última linha a "Entrevista publicada em SOL" (BNP/E3, 169^r).

■ SOL ■

BI-SEMANÁRIO REPUBLICANO

Edição da Grande Revista Mensal CONTEMPORANEA

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: CELESTINO SOARES

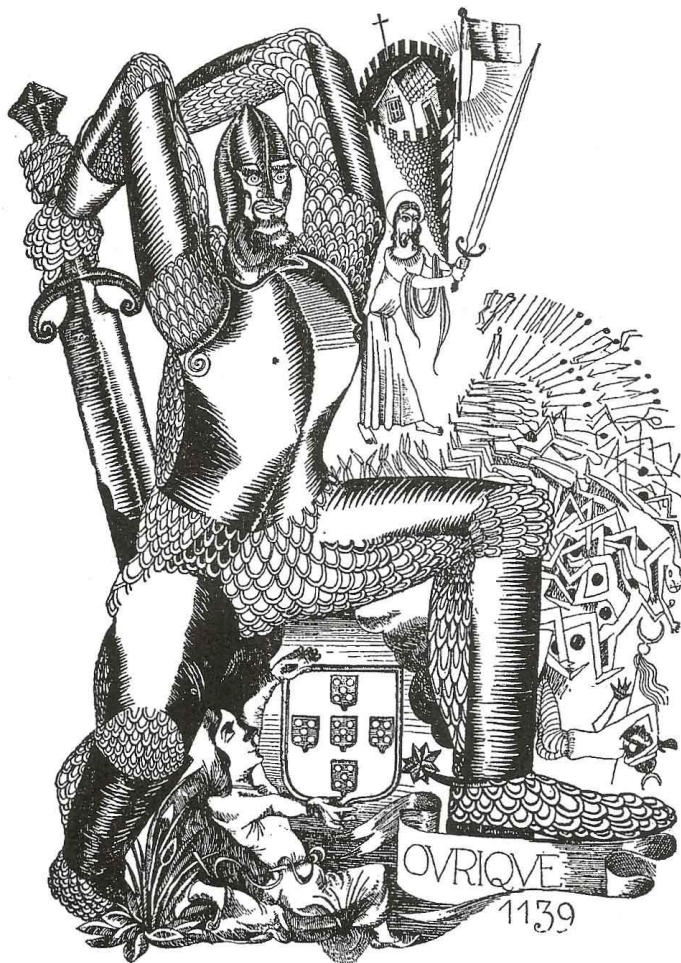
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e COMPOSIÇÃO: Rua do Mundo, 116, 1.º

IMPRESSÃO: Rua da Rosa, 90 — LISBOA

LISBOA, 4-8-926

ANO 1 — NÚMERO 6

PREÇO 50 CENTAVOS



5. Capa do n.º 6 e último do bissemanário *Sol*, de 4 de Agosto de 1926, com ilustração de Almada Negreiros.

SENHORES REFORMADORES!**O INDIVIDUO É QUE É GENTE**

Para reformar um paiz o principal é reformar os individuos que compõem esse paiz. De nada serve reformar a administração, as finanças, o magisterio se não se reformam, antes de mais nada, as pessoas que hão de orientar a administração, dirigir as finanças e exercer o magisterio. Toda a reforma é futil se não atinge o individuo, unica verdadeira realidade social. Toda a reforma é inutil se não parte do individuo que atinge. Fortalecer um Estado é crear homens que fortaleçam esse Estado.

6. Página 2 do bissemanário *Sol*, n.º 6, de 4 de Agosto de 1926, contendo um texto não assinado, mas de conteúdo e forma bem pessoanos.

Bibliografia

- BARRETO, José (2010), “Fernando Pessoa e António Ferro: do espírito do *Orpheu* à ‘Política do Espírito’”. Comunicação ao II Congresso Internacional Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa/Câmara Municipal de Lisboa, 23-25 de Novembro.
- BOTTO, António (2010). *Canções*. Edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro. Lisboa: Guimarães.
- FERRO, António (1927). *Viagem à Volta das Ditaduras*. Lisboa: Empresa do “Diário de Notícias”.
- ____ (1925). *A Amadora dos Fenómenos*. Porto: Civilização.
- FORTUNATO, Andrea (2004). *La letteratura italiana sulle pagine di The Criterion 1922-1939*. Tesi di laurea, Facoltà di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Milano.
- LEBESGUE, Philéas (1926). “Lettres portugaises”, in *Mercure de France*, n.º 680, Paris, 15 de Outubro, pp. 477 e segs.
- PESSOA, Fernando [2012]. *Apreciações Literárias*. Edição de Pauly Ellen Bothe. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (no prelo).
- ____ (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1988). “Os Trezentos”, apresentação de Yvette Centeno, in *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 3, n.º 3, Lisboa, Setembro-Dezembro, pp. 25-42.
- ____ (1928). “Tábua bibliográfica. Fernando Pessoa”, in *Presença*, n.º 17, Janeiro, Coimbra, p. 10.
- ROCHA, Clara (1996). “Fernando Pessoa colaborador de revistas e jornais”, in Fernando Pessoa, *Mensagem – Poemas Esotéricos*. José Augusto Seabra, coordenador. Madrid: ALLCA XX, 2.^a ed., pp. 521 e segs.
- STRAPPINI, Lucia (1988). “Angioletti, Giovanni Battista”, in *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 34. Acedido em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-battista-angioletti_\(Dizionario-Biografico\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-battista-angioletti_(Dizionario-Biografico))

Outras fontes impressas: jornais e revistas

- Contemporânea* (1922-1926).
- Diário de Notícias* (1926).
- Girasol*, semanário (1930).
- Sol*, diário (1926).
- Sol*, bissemanário (1926).

September 1930, Lisbon: Aleister Crowley's lost diary of his Portuguese trip

Marco Pasi^{*1}

Keywords

Fernando Pessoa, Aleister Crowley, Hanni Jaeger, Raul Leal, Kenneth Grant, Yorke Collection, Gerald Yorke, Pessoa "Magick" Collection, Boca do Inferno affair

Abstract

Aleister Crowley's diary for the period of his travel to Portugal and his meeting with Fernando Pessoa has long been considered lost or inaccessible. However, a copy has been finally found and is here presented and published for the first time. The analysis of the diary allows us to have a fuller knowledge of Crowley's movements and activities while in Portugal and especially of his meetings with Fernando Pessoa. It also clarifies some aspects of the famous Boca do Inferno suicide stunt in which Pessoa was directly involved and brings some new clues concerning a possible initiation of Pessoa in one of Crowley's magical orders.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Aleister Crowley, Hanni Jaeger, Raul Leal, Kenneth Grant, Yorke Collection, Gerald Yorke, Coleção "Magick", caso da Boca do Inferno

Resumo

O diário de Aleister Crowley referente ao período da sua viagem a Portugal e ao seu encontro com Fernando Pessoa considerava-se, há muito tempo, perdido ou inacessível. Porém, uma cópia do mesmo foi finalmente localizada e é aqui apresentada e publicada pela primeira vez. A análise do diário permite-nos ter um conhecimento mais completo dos movimentos e das actividades de Crowley aquando da sua estadia em Portugal e, nomeadamente, do seu encontro com Fernando Pessoa. Também esclarece certos aspectos da famosa encenação do suicídio de Crowley na Boca do Inferno, encenação na qual Pessoa esteve directamente envolvido, e fornece algumas novas pistas relativas a possível iniciação de Pessoa numa das ordens mágicas de Crowley.

^{*} Universiteit van Amsterdam.

¹ I would like to thank Martin P. Starr, William Breeze, Philip Young, and Jerónimo Pizarro, for their invaluable help and advice. This article was supported by a Grant from the Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences (NIAS).

The meeting between Fernando Pessoa and Aleister Crowley in Portugal in September 1930 is an episode that has attracted a lot of attention from Pessoa's biographers and scholars. A bibliography of publications focusing on it would now include quite a few titles.² And it is not only scholars who have been intrigued by this strange encounter. For example, no less than four novels have presented a fictionalized account of the events (Dell'Aira, 1993; Soares, 2007; Rico Gongora, 2009; Salgueiro, 2012), and it was only inevitable that a film would sooner or later follow them.³ Most Crowley biographers have also devoted some space to the affair (Symonds, 1989: 445-447, 452-456; Kaczynski, 2010: 449-452; Sutin, 2000: 354-355).⁴ One of the biggest problems in the study of this episode and its implications, is that very rarely researchers have tried to compare data and findings coming from the archives of both authors at the same time. Specialists of Pessoa would rely mostly on the documents preserved in Pessoa's Archive in Lisbon, whereas Crowley specialists would rely mostly on the documents preserved in the Yorke Collection (YC) at the Warburg Institute in London.⁵ In most cases they would ignore, or pretend to ignore, even the existence of other archives. The most glaring example of this strange virtual barrier between Pessoa's and Crowley's archives can be seen in the publication, by Miguel Roza, of the documents from the Pessoa "Magick" Collection (Pessoa and Crowley, 2001; Pessoa and Crowley, 2010).⁶ Roza's two editions of the papers from this collection can be considered as a real turning point in the study of the Crowley-Pessoa affair, because the collection includes a large number of documents, originally collected and preserved by Pessoa himself, that are essential for understanding what happened before, during, and after the encounter of the two men. However, apart from being regrettably amateurish, both editions fail to even mention documents from the Yorke Collection that were closely related to those included in the Magick Collection and that had already been published even in Portugal (Belém, 1995).

In some of my previous works, I have tried to bridge this research gap, by studying and comparing documents coming from various collections, based both

² See references in Pasi, 2006, 193-234. See also the bibliography in Dix, 2009.

³ The release of a docudrama film based on the Crowley-Pessoa encounter, directed by António Cunha and titled "Hino a Pã. O último Sortilégio," has been announced for November 2012.

⁴ Both because Symonds was the only biographer who had access to Crowley's diary for that period, and because of lack of familiarity with Portuguese sources, most Crowley biographers just content themselves with following more or less closely Symonds's version of the events, without really bringing any new details in.

⁵ It should be noted that the Yorke Collection is not the only collection of Crowley papers, but is the one that preserves most of the material related to Crowley's Portuguese trip and his relationship with Pessoa.

⁶ "Miguel Roza" is the pseudonym of Pessoa's nephew Luis Miguel Rosa Dias. See also the article by Patricio Ferrari and myself in the present issue of *Pessoa Plural* (Pasi and Ferrari, 2012), where some aspects of the history of the Magick Collection, its contents, and Roza's editions are discussed.

on Pessoa's and Crowley's personal papers (Pasi, 1999 and 2006; Pasi, 2001). The present contribution goes in the same direction and intends to add a most important piece to the knowledge we have of the affair.

One of the puzzling aspects of research on Crowley's papers from the Yorke Collection was the unavailability of certain documents concerning his relationship with Pessoa that were known to have existed at some point, but seemed to have vanished. Among them, there were the books of English poems that Pessoa had sent Crowley in December 1929, and whose re-discovery is described in another contribution by Patricio Ferrari and myself for the present issue of this journal (Pasi and Ferrari, 2012). But there was at least another document that was potentially even more interesting and was eluding all my efforts to locate it: Crowley's personal diary for September 1930, corresponding roughly to the period he spent in Portugal (Pasi, 1999: 153, n. 65). There was no doubt that this portion of Crowley's diary existed. Not only because John Symonds quoted from it in his biography of Crowley,⁷ but also because there were traces of its past presence in the Yorke Collection itself. In order to understand this point, it is now necessary to make a digression both into Crowley's use of his diaries and into the history of the Yorke Collection.

Aleister Crowley kept a diary for the most part of his life. The regular writing of a diary clearly had for him a magical purpose and was part of his system of spiritual realization (Asprem, 2008: 151-154; Pasi, 2004: 376-379; Wasserman, 2006).⁸ Depending on circumstances, his diaries would also fulfill more secular tasks such as writing down personal reflections about the most disparate subjects or simply keeping a record of significant daily events. Together with Crowley's own autobiography (Crowley, 1989), his diaries offer the largest amount of biographical material for most periods of his life, and have in fact been freely used by his biographers, starting with John Symonds.

Precisely because of the magical significance of his diaries, Crowley himself began to publish portions of them, especially in his own periodical *The Equinox*, whose first series appeared between 1909 and 1913. Their publication could serve as a model for his disciples, who were also required to keep a regular diary recording their spiritual progress. A significant example of Crowley's publication of his own diary is "John St. John," describing a spiritual "retreat" in the city of Paris and published in the very first issue of *The Equinox* (Crowley, 1909; see also

⁷ Symonds quotes several passages from Crowley's diary related to his Portuguese trip already in the first edition of his book (Symonds, 1951: 273-275), and leaves them practically unchanged in the subsequent editions (Symonds, 1971: 368-370; Symonds, 1989: 452-455; Symonds, 1997: 456-459).

⁸ It is also noteworthy that one of the two novels he published during his life was titled *The Diary of Drug Fiend* (Crowley, 1922). In the novel the regular practice of the diary is emphasized for its spiritual value and is part of the teaching system of the community on which the plot centers (loosely based on the Thelemite community Crowley created in Cefalù, Sicily, in 1920).

Wasserman, 2006: 1-103). However, the largest part of Crowley's diaries remained unpublished during his life. In the 1970s there were two important editions of these unpublished parts, corresponding to the years 1914-1920 and 1923 (Crowley, 1972; Crowley, 1979). Later, other unpublished portions were edited as small booklets (Crowley, 1992) or as part of larger collections of documents (Crowley, 1998).

The Yorke Collection of the Warburg Institute preserves copies of most of Crowley's diaries. The Collection was created by Gerald Yorke (1901-1983), who had been a disciple of Crowley's since 1928 and had remained interested in his work even after the two had become estranged in 1932 (Richmond, 2011: xxxv-xxxvii).⁹ It includes books and papers by or related to Crowley. Yorke donated a first part of his collection to the Warburg Institute, probably in several installments, between the 1960s and the 1970s.¹⁰ This part is usually referred to now as the "Old Series" (OS). A second part, the "New Series" (NS), was bequeathed by him to the same Institute and joined the first part in 1984, after he died. One important point to keep in mind about the Collection is that some of the documents preserved in it, especially diaries and correspondence, are not available in their original version, but only in typewritten transcripts. During a certain period of time after Crowley's death in 1947, Yorke had a large number of Crowley papers at his disposal which did not belong to him, but were meant to be part of the official archive of Crowley's occultist organization, the Ordo Templi Orientis (OTO). These documents would eventually have to be given to Karl Germer (1885-1962), Crowley's successor as international head of the OTO. Yorke decided therefore to have typewritten transcripts made of those documents, so that he could keep at least a copy. For that purpose, around 1950 Yorke employed Kenneth Grant (1924-2011), former Crowley student and secretary, as typist (Richmond, 2011: lii, lvi; Tibet, 2011: 221-222).¹¹ Once the copies were made, the originals were sent to Germer, who had moved to the United States during the war. However in September 1967, five years after his death, they were stolen from his widow Sascha

⁹ Later the two resumed a relatively friendly relationship, even if Yorke did not consider Crowley as his spiritual master or guru anymore.

¹⁰ There is a certain degree of uncertainty about when exactly single parts of the Collection reached the Warburg Institute, and only further research in the archives of the Institute will allow to clarify this point. Keith Richmond, in an otherwise remarkably well researched and thoroughly informative biographical study of Gerald Yorke, states that the "majority of his [i.e., Yorke's] collection was placed [in the library of the Warburg Institute] in 1973, with the remainder delivered in batches in the years that followed." (Richmond, 2011: lxxi). However, there is evidence that Yorke began to donate items from his collection to the Warburg Institute at least as early as 1963/1964 (personal email from Philip Young, Assistant Librarian at the Warburg Institute, 27 March 2012).

¹¹ Grant would later become a prominent figure in the Thelemic world as leader of another splinter OTO group, usually referred to as "Typhonian OTO" (later taking the name of "Typhonian Order"), and as author of several books on occult subjects.

by some members of a spin-off OTO group, the Solar Lodge, and in May 1969 they were accidentally destroyed in a fire while they were still in their possession (Shiva, 2012: 124-128, 183-186; Richmond, 2011: lxvii-lxviii; Starr, 2006: 104-108). This was an irreparable loss, only mitigated by the fact that, thanks to Yorke's typewritten transcripts, the content of these papers would still survive in his collection. It is important therefore to realize that the Yorke Collection transcripts are the only copies we have of some of Crowley's papers.

Crowley's diaries preserved in the Yorke Collection are partly in their original handwritten version, partly in the typewritten version. The original handwritten diaries are of course those that were, for one reason or another, personally owned by Yorke and were for that reason never sent to Germer. As far as I have been able to determine, and apart from smaller excerpts scattered here and there, the original versions of the diaries go from January 1901 (YC, OS, 22.a) to April 1925 (YC, OS, A15). The typewritten transcripts, on the other hand, are available for diaries going from June 1916 (YC, NS, 19) to the last months of 1947, when Crowley died (YC, NS, 23). It is therefore evident that for the years after 1925 the only available copy of the diaries is the typewritten version. This would also include the part for September 1930, corresponding to the Portuguese trip.

Crowley's diary for 1930 is in binder YC, NS, 20, which contains transcripts of diaries from 1927 to 1934. From an analysis of the file it becomes immediately clear that, when the transcript was made, Crowley's entries for September 1930 were there. In fact the pages of the transcript are numbered, but the numbering for 1930 jumps from p. 11 (ending with 30 August) directly to p. 18 (beginning with 30 September). Six pages therefore appear to be missing, and they correspond almost exactly to the time Crowley spent in Portugal with his lover Hanni Jaeger (1910-1933 ca.). What is interesting is that, at the top left of the page, a note in Yorke's hand says "? September". This can only mean that the pages for September 1930 had originally been part of the transcript, but had already been missing even before they reached the Warburg Institute after Yorke's death. The only logical explanation is that Yorke, browsing the file on a given moment, noticed the gap and penned the brief note to record it. There can be no doubt that the missing part was precisely the one from which Symonds was quoting when describing Crowley's trip to Portugal and his meeting with Fernando Pessoa.

But why was that part missing? And would it be possible to retrieve it? Seven years ago I received via email from a trusted source a pdf file containing what appears to be the missing part of Crowley's 1930 diary. It consists of a scan of six pages of typewritten text, which would match exactly the gap in the Yorke Collection file. An inspection of both the content and the layout of the text makes it clear that it is in fact the missing part, which is here made integrally available for the first time, both with an edited transcription of the text and a facsimile

reproduction of the document.¹² The same source informed me later about the latter's provenance.¹³ As I have said, after Crowley's death Gerald Yorke asked Kenneth Grant to type the documents he had at his disposal before dispatching them to Karl Germer. Yorke did not pay Grant for this service, but allowed him to keep one of the carbon copies that were being made in the process (Tibet, 2011: 221-222). Grant had therefore a mirror copy of all the transcripts that were so prepared. While he would normally keep only one copy for himself, it appears that for that particular portion of the diary – maybe simply by an oversight, or maybe for other reasons that would now be difficult to ascertain – he retained all the copies.¹⁴ Thus, after the original handwritten version was destroyed in the 1969 fire, no one but Grant could have access to that part anymore. According to my informant, the scan I received was made from one of Grant's copies.¹⁵

I would like now to focus on the points that make this portion of Crowley's diary particularly interesting and important. A first aspect needs hardly to be mentioned, and it is the obvious fact that these pages allow us to follow Crowley's activities, encounters, and thoughts during his Portuguese trip practically day by day. Especially by comparing the diary entries with the documentary material of the Pessoa "Magick" Collection published by Miguel Roza, it is now possible to know with sufficient precision where and when Crowley went and what he did during his stay.¹⁶ Especially concerning the Boca do Inferno affair, and Crowley's own departure from Portugal, this portion of the diary allows us to establish a more reliable and detailed chronology of events than it was possible before.

Another point worth mentioning concerns the quotations of this part of the diary made by Symonds in his biography of Crowley. All the quotations can easily

¹² For the sake of completeness, the facsimile reproduction will also include pp. 11 and 18 of Crowley's 1930 diary from the Yorke Collection (YC, NS, 20), that is, the pages immediately preceding and following the missing document. This will allow to place the document back in its original textual sequence.

¹³ Personal email dated 6 May 2012.

¹⁴ Already in 2002 William Breeze had come to the same conclusion, even if at that time he did not have access to the missing document. In a preliminary copy of a projected revised version of the Yorke Collection catalogue, he noted: "The missing pages were never in the Yorke Collection. Yorke had employed Kenneth Grant to transcribe the Royal Court diaries c. 1950. Grant's personal copy of 1930 has the original and all carbons for the missing pages through a collation error." (Breeze, 2002: 135).

¹⁵ Personal email dated 6 May 2012.

¹⁶ One significant example of an error in chronology that can be corrected through the analysis of the diary is the date of a letter from Crowley to Pessoa which Miguel Roza gives as 15 September 1930 (Pessoa and Crowley, 2010: 104), and which in fact is 3 September 1930. Dix, in his thorough study of the encounter between the two men based on the "Magick" Collection, also follows Roza in his mistake (Dix, 2009: 54, 69-70). This correction is particularly important, because it places this letter *before* the initiation that took place on 9 September at Raul Leal's apartment, about which see below.

be traced in the diary, with one interesting exception. According to Symonds, on September 21 Crowley wrote: "I decide to do a suicide stunt to annoy Hanni. Arrange details with Pessoa." (Symonds, 1989: 455). A quick comparison with the actual entry for the same day in the diary shows that the quotation is simply not there. Was Symonds deliberately trying to manipulate his sources? Or was the quotation taken from another source (perhaps a letter?) and then inserted there with a wrong reference by a simple oversight? It is difficult to have a definite answer to the question, but this small discovery slightly modifies our understanding of the events. Without this quotation, it becomes in fact less evident that the fake suicide affair was mainly the result of Crowley's strained relationship with Hanni. The fact that Crowley had this publicity stunt on his mind for a while even before going to Portugal, and independently from his relationship with Hanni, becomes indeed more likely.¹⁷

The diary contains also quite a few "colourful" notes about Lisbon and Portugal that appear to be rather depreciative and scathing. Symonds had quoted a couple of them in his biography, but now it is possible to see that there were more. They are an intriguing read, but it seems likely that Crowley was rather discreet about his impressions with Pessoa. Judging from the piqued response Pessoa wrote to the lecture held by esotericist and philosopher Hermann Keyserling (1880-1947) in Lisbon in April 1930 (only a few months before Crowley's trip), there are reasons to believe that he would have hardly found Crowley's remarks amusing (Pessoa, 1988).

An interesting detail is the presence in the diary of a horoscope of Hanni prepared on the day of her birthday, when she turned twenty (4 September).¹⁸ This horoscope might be compared with the horary question prepared by Pessoa during Crowley's stay in Portugal, where Hanni's astral data are also included in the chart, and with Hanni's own horoscope, also prepared by Pessoa (Pessoa, 2011: 266-274).

References to Crowley's dealings with Pessoa are of course the most interesting aspect of the diary. They confirm that the two men met at least three times. The first was when Pessoa welcomed Crowley and Hanni Jaeger (the German-American girlfriend who was accompanying him) at their arrival in

¹⁷ There is indeed ample evidence that Crowley thought about setting up a suicide stunt at least twice before his Portuguese escapade. Interestingly enough, both instances are from periods of extreme stress in his life. In August 1923, while he was in Tunis after his expulsion from Italy, he had the idea of a organizing a fake suicide modeled on the myth of Empedocles, with the intent of drawing public attention to the 'unjust' measures taken against him by the Italian government and protesting against the attacks of the British yellow press (Crowley, 1979: 113, n. 66). In March 1929, while he was in the process of being expelled from France, he had another plan for a suicide stunt, which he proposed to journalist Francis Dickie (1890-1976). The latter, however, refused (Sutin, 2000: 354).

¹⁸ About Hanni's birthday, see the discussion by Paulo Cardoso in Pessoa, 2011: 270.

Lisbon on the vessel Alcantara, on 2 September. On the other two occasions, 7 and 18 September, Crowley and Pessoa spent the whole afternoon together. Unfortunately, Crowley does not offer any detail in the diary about the subject of their conversations. It is very likely however that the third meeting was spent particularly talking about the preparations for the suicide stunt, in which, as it is known, Pessoa played a very important role.

In my view, however, the single most interesting piece of information provided by the diary is Crowley's meeting with Pessoa's friend and fellow esotericist Raul Leal (1886-1964). As I have pointed out elsewhere, Leal, who had already developed an esoteric doctrine of his own, was deeply fascinated by Crowley and considered him as a real master of magic (Pasi, 2006: 226-231). Like Pessoa, Leal had also corresponded with Crowley before the latter's visit to Portugal. In a letter to Crowley dated 15 January 1930 Leal described his esoteric doctrine, and finally expressed the wish of being initiated by the English occultist:

I hope that our relations may become more and more fraternal and intense: so that if one day you have the desire to carry out my initiation, which up to the present has only been in a sketchy form, I will promptly follow your esoteric indications. You will thus be the Master of the High Initiation of the holy Prophet of God and Death.¹⁹

According to Leal, Crowley responded to his letter expressing his desire to meet him personally as soon as the opportunity presented itself.²⁰ When Crowley came to Lisbon, Leal asked Pessoa to arrange a meeting with him. The meeting took place on 9 September at Leal's apartment, in rua das Salgadeiras, in the Bairro Alto. And this is where Crowley's diary entry for that day becomes intriguing: "Met Leal: don't like him. There's something very definitely wrong about him. At night Initiation."²¹ Apart from Crowley's negative opinion of Leal (which contrasts with the very positive one he had of Pessoa), the interesting point is that we here have a confirmation that at least one initiation took place during Crowley's stay in

¹⁹ The original text of the letter is in French: "J'espère que nos relations puissent devenir de plus en plus fraternelles et intenses: alors si un jour vous auriez le désir d'achever mon initiation, jusqu'à présent seulement esquissée, je suivrais avec promptitude vos indications ésotériques. Vous serez ainsi le Maître de la Haute Initiation du Prophète sacré de Dieu et de la Mort". The letter is in the Yorke Collection: YC, OS, EE2. Significantly, a carbon copy is also extant in Pessoa's archive: BNP/E3, 113F-62/66. That Pessoa was aware of Leal's letter is made evident in Pessoa's letter to Crowley dated 6 January 1930, where he writes: "[Leal] now tells me, on my return to Lisbon, that he has received a letter from you, and is going to write to you a long one 'on occult matters'." (see Pasi and Ferrari, 2012).

²⁰ The source is a letter Leal wrote in 1950 to João Gaspar Simões, shortly after the first publication of Simões's biography of Pessoa (Leal, 1982: 55). Unfortunately, Crowley's response to Leal does not seem to be extant in the Yorke Collection.

²¹ On the same night Crowley also carried out a sexual magical operation with Hanni.

Portugal. The question is: was Pessoa present during this ritual? Crowley's diary does not mention him explicitly, but Leal later claimed that Pessoa was present during his meeting with Crowley (Leal, 1982: 55).²² According to Leal, Pessoa came to his apartment to accompany Crowley and introduce the two men to each other. Did Pessoa stay also during Leal's initiation? Was he initiated together with Leal? And if so, into which of Crowley's occultist organizations: the OTO or the A.:A.:?²³ Whatever the case, it is interesting to consider that the astrological horary question prepared by Pessoa only two days before the initiation concerned a situation in which four persons were involved: Crowley, Jaeger, Pessoa, and Leal (Pessoa, 2011: 270-271). Paulo Cardoso, who has investigated this document, has not been able to determine the exact purpose of Pessoa's horary question, but it is of course tempting to link it up with what took place in Leal's apartment two days later. It should also not be forgotten that Pessoa wrote his famous erotic poem inspired by Hanni ("Dá a surpresa de ser") the day after the initiation in Leal's apartment (Pessoa, 2011: 273-274). Due to lack of decisive evidence, we will probably never know for sure what happened exactly on the night of 9 September, but we clearly have at least a series of interesting clues that I hope will serve as a basis for further explorations and discoveries, especially as new documentary material will emerge.

Note on the edition of the text

The edition of this text posed a certain number of problems that could not be so easily solved. The biggest problem resides in the multi-layered character of the text itself. In fact, what we have here is (a) the electronic file of a scan of (b) a typewritten transcript of (c) an original that is irreparably lost. The implications of this situation can easily be seen: when we encounter a spelling error or any other inconsistency or problem in the text, it is not immediately clear where is its origin. Is it in Crowley's original handwritten text? Or is it in the typist's transcript? In most cases we can only guess. For my transcription I have chosen to have an interpretive approach, trying to reconstruct Crowley's original text where I can reasonably infer that errors have been introduced with Grant's typing. It seems in fact relatively clear that in some cases Grant, not being familiar with some of the subjects mentioned in the diary, is just unable to read Crowley's handwriting correctly, especially when it concerns Portuguese terms (proper names, localities, etc.). All these emendations, which are to some extent hypothetical, are reported in

²² It should also be noted however that Leal, in his letter to Simões written twenty years after the events, remained silent about the initiation.

²³ Concerning the complex issue of Pessoa's possible initiation, see also my discussion in Pasi, 2006: 212-216. Further considerations will be presented in the forthcoming English edition of the same book.

the genetic notes. Abbreviations have been solved wherever possible and solutions are indicated with square brackets. Abbreviations such as "&" for "and", "&c." for "etc.", "½" for "half", "¼" for "quarter" have been silently expanded, with the exception of time indications. Planetary and other such symbols have been left, but their name is added within square brackets. For the rest, I will follow the conventions of the new series of Pessoa's works published by Ática, largely modelled on Pessoa's critical editions in the *Serie Maior*. Footnotes about content and context will be indicated with letters, genetic endnotes will be indicated with numbers. For any uncertainty, I encourage the reader to compare my transcription with the facsimile reproduction of the document.

In the annexes I have included the facsimile reproduction of the document, together with a facsimile of the pages immediately preceding and following the missing portion from the copy of the diary preserved in the Yorke Collection (YC, NS, 20).

Aleister Crowley's Diary (August, Sunday 31, September, Monday 29)

Sun[day] 31. (Copyist note^a: The diary has printed: 11th S[unday] after Trinity – under which A.C. has penned the following:)

“Masses will be at¹ ...t. and p.” I did this – and was caught by the priest.

Weight 14st.4lb^b 20lb^c over normal.

1.30 – 4.0 $\oplus \frac{59}{2} = 27$
P.M.

Off Vigo 4.10 P.M. a very normal bay and town. Some bumboats selling shawls, but very dull on the whole. Sunset and half ☾ [Moon]: at the moment of starting down came the sea-fog. Still here 11.30 P.M. and likely to stay!

◆^{16d} G[reat] W[ork] cont[inue]d from 4.0 P.M. oh!

Picnic parties lost in bay ask us the way home!

SEPTEMBER

Mon[day] 1. On Saturday Aug[ust] 30 we got this idea to go round the world. Should we adopt this? Would it bring success? LXI Kung Fu.^e The best hexagram in the Yi [King]! Note the Boat symbol! Only shag line 6: moral, don't try to do *too* much.

8.30 Still stuck in Vigo with fog. Shall have cold albatross for brekker.^f Trapped behind reef where Highland Piper^g was ripped last year.

2.0 P.M. Got off.

5.0 P.M. Still dangerously crawling between reefs off Vigo. Fog v[ery] thick: horn^{h2} still going on at 2 A.M. ♂ [Tuesday].

◆¹⁷ with active conscious help. To go round world together.^a

^a The copyist is obviously Kenneth Grant.

^b Roughly 90,7 kg.

^c Roughly 9 kg.

^d The symbol “◆” indicates sexual magical operations, which Crowley differentiates from normal sexual intercourse. The progressive numbering indicates the number of times the operation has been conducted with a particular partner. This means that Crowley had already performed sexual magic fifteen times with Hanni Jaeger before.

^e Crowley is here using the Chinese divinatory system of the Yi King (or I Ching), as he did on a regular basis for a large part of his life.

^f Breakfast.

^g A passenger and cargo liner, operating for the Nelson Line company until 1929.

^h This probably refers to an acoustic signal used as safety measure in case of fog, in order to avoid collision with other vessels.

Tues[day] 2. Still much fog, but crept on. Cleared about 2 P.M. Tied up in Lisbon 3.45. Pessoa met us: a *very* nice man. Hotel de l'Europe.

Lisbon, to judge by the noise, is a Greater London. Like a boiler factory with all the workmen caught in the machinery. Squalid, ill-paved, dirty, narrow, dull. Super-radio in cafe: a literal hell of noise. Good food in hotel.

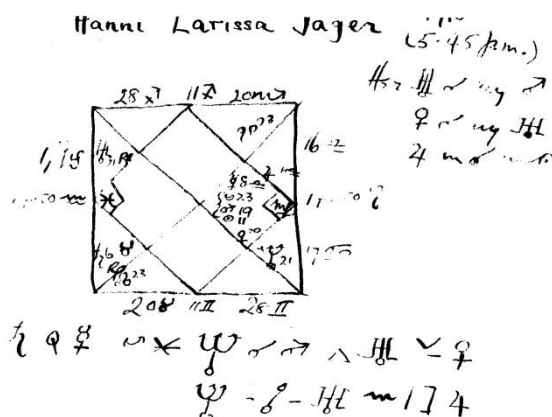
Professor Spooner^b died – on the very day that Monster^c said “If you want to lock my cunt, you’d better lick the door”.

Wed[nesday] 3. ♦¹⁸ Au[rum].^d Called at Cook’s:^e heard³ Au[rum]⁴ on way. Moved to Hotel de Paris Estoril⁵ 17 m[etres] on sea. A perfect plage^f: French, but dignified. The climate seems to be what the Riviera pretends to have, and hasn’t.

A very heavy day’s work.

God once tried to wake up Lisbon – with an earthquake; he gave it up as a bad job. Portugese would be bad Spanish if they could only get up the energy to articulate the words.

Thurs[day] 4^g



^a This indicates the goal or purpose of the sexual magical operation.

^b William A. Spooner (1844-1930) was a professor at New College, Oxford, and a priest of the Church of England. His name is linked to the linguistic phenomenon of “spoonerism,” i.e. the transposition of parts of words (letters or syllables) within a sentence, so that the sentence acquires a totally different meaning. Crowley’s subsequent quotation of Hanni offers an interesting example of spoonerism, although it can be doubted that Reverend Spooner would have found it amusing. He had died a few days before, on 29 August.

^c One of the nicknames Crowley uses for Hanni.

^d Latin: “gold,” i.e., money. This was the purpose of this particular operation.

^e This refers to Thomas Cook and Son, the famous traveller’s agency with offices all around the world. It offered travellers various kinds of services, including poste restante, which Crowley used while in Portugal. It still exists today under the name of Thomas Cook Group.

^f French: “beach.”

^g Hanni Jaeger’s birthday.

Started diet properly.

Swam and walked. ♠¹⁹ Love.

.375% albumin.^a ⁶

Fri[day] 5. Swimming etc. Got very tired and burnt.⁷ Monster very weak in the knees.

(It appears later Saturday that she had a touch of the Sun from being too long on the beach the first day.)

.6% This probably due to the strain caused by Sun etc.

Sat[urday] 6. .25% Took it very easy with Sun and Water (symbols).^b

♠²⁰ Began in A.M. an Op[us]^c for health and strength for the Jade Princess^d; but she wanted it for me. So we agreed; it went on till late.⁸

Note: "People who read poetry" are (by definition almost) congenital idiots. Hence they can only digest tripe. The ideas of great men naturally horrify them. So, poetry having got this reputation of emasculate tosh, fewer and fewer decent people read it. And so on.

Sun[day] 7. Pessoa⁹ lunched and spent P.M. My little blue flower of the Wood^e very drooping all P.M. – and too much energy¹⁰ after dinner. Practically all Portugese have Jewish blood. See history.

Mon. 8. Syrx with fit of the blues in P.M.

♠²¹ Health and strength.

Long küsseln^f at night.

Dream. We were on "Megantic" immense liner.^a It left sea, and went up [on a] railroad through woods (30 degree steep I should say) and landed on a ...

^a Crowley carried with himself a device to test the level of albumin in his blood, probably through urine. Other similar annotations from this point on show that he was testing the level of albumin almost on a daily basis, comparing it with his general physical condition. Normal levels of albumin in blood range from 3.5 to 5 g/dL.

^b The note within parenthesis is Grant's, and shows that Crowley here used astrological symbols as a shorthand device instead of the related words, as he often did.

^c Latin: "Work," i.e., a sexual magical operation.

^d Another nickname for Hanni.

^e Another nickname for Hanni.

^f The term occurs several times in the diary with variable spelling (*küsseln* and *kusseln*). The term probably derives from German sexual slang and indicates oral sex.

(Illegible)^b which was in the position of Fort Augustus^c, for by following the r[ight] h[and] bank of the loch one would pass Boleskine. Sullivan^{d 11} and I agreed to go that way alone, in case the ship took other bank. Then¹² man and I met in [a] small inner room, and he told me the news. "By the way, the King died yesterday." I stood, and answered "long live the King!" very solemnly. He said that the papers called it an "accession militaire¹³". I woke.

Tues[day] 9. .35% 7 P.M.

First cloudy morning; rain-clouds over East.

To Lisbon: lunch¹⁴ with 4000 scudos.¹⁵ Met Leal: don't like him. There's something very definitely wrong about him. At night Initiation.

✧²² p[er] v[as] n[efandum]^e to start אמת [emet]^f (So)

Wed[nesday] 10 .6% after heavy day in Lisbon.

Rested up. We were both very tired, and did nothing but küßeln, and go to the Palace Hotel, and walk around rather feebly.

S.: ANU^{g 16} first astral vision. She sees easily, clearly and correctly, but does not hear¹⁷, or know how to deal with the visions yet. But she saw her own astral as Our Lady Nuit¹⁸ – the Body of Stars.

Thur[sday] 11. .25% after quiet day.

Another quiet day. Painting in P.M. I did a watercolour of Her in her glory – in the Fujiyama district.

- n [tau] with ' [yod]^h in A.M. She will learn this Art.

We seem to be discovering the Asanas!^{i 19}

✧²³ The third opus for Health Strength and Energy.

Friday 12. 12.2 A.M. Op[us] of Sept 11. 2½ hours, woke us up completely: to paint etc.

^a The "Megantic", launched in 1908, was a liner operated by White Star, one of the most important sea line companies in the early twentieth century. It was taken out of service in 1931.

^b Grant's note.

^c A village on the south end of Loch Ness, Scotland, not far from Crowley's former estate, Boleskine.

^d John Wilson Navin Sullivan (1886-1937), mathematician and populariser of scientific subjects. Crowley met him in 1921 and the two became friends. It was through Sullivan that Crowley later made the acquaintance of Aldous Huxley (1894-1963).

^e Latin: "Through the foul vessel." This indicates a sexual magical operation carried out through anal intercourse.

^f Hebrew: "truth."

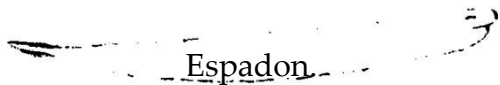
^g Another nickname for Hanni.

^h This probably refers to anal intercourse.

ⁱ Bodily postures in yoga.

Walked to Cascaes and Boca do Inferno.^{a 20} I wish the W[est] coast of Scotland could see it: it hasn't had a good laugh for a long while. Cascaes v[ery] interesting. Fort, market etc. Very tired at night, and she had a melancholy fit. Drank a little brandy and went off to sleep.

The diarrhoea-tree



Fish at Cascaes: common. Flat. V[ery] silvery (Called so ∴ [because] whole fish looks like a broad sword blade).²¹

Sat[urday] 13. .475% from j [Thursday] late Kusseln cleared things up.

Meditation: to write a Book for Her of Instruction in Magick.

Question²² and answer method.

We drank quite a lot of Brandy.

◆²⁴ To bring out her Art.

This was the best Op[us] I remember at all in my whole life. She looked²³ like Clapham Junction. Later she broke down into a very long fit of hysterical sobbing, which I think cleared up her trouble of mind. "I want to be of some use in the world."

Sun[day] 14. .15% S [Saturday] early.

Dream again of huge liner, but this time (bound for Rio) leaving port; down steep mountain torrents, into very narrow canals etc. etc.

Painting, bathing, etc. Crazy mail.

It seems as if the Gods were forcing me into an ordeal. We are up against it, and the only practical way out is intensely repulsive to my human side – as it would not be were I not so insanely in love for the first time! And the last!

I appeal to Her purity: should we adopt the plan proposed in jest for several days past?^b

She arranges the sticks.^c XLVI. Shang. Kteis of Air (Symbols)^d

This is one of the best hexagrams in the Yi [King] – God damn it!

Mon[day] 15. P[ost] S[criptum]. But see Nov. 6.

7.2% but after much Brandy.

^a I leave here the misspelling of "Boca do Inferno," which is more likely to be Crowley's than Grant's. It occurs in fact also in Crowley's "suicide" note.

^b This might be a first implicit reference to the suicide stunt.

^c Another consultation of the I Ching. See above, note e.

^d See above, p. 266, note b.



Success to this plan.
“Shang”

I loathe this type of Opus: it does not even arouse ecstasy of the lowest type; and it seems to cut off the true Currents²⁴ of Electro-Magnetic Energy. It is (in a word) pure cold-drawn²⁵ Magick. Probably, then, easier to get results of the type possible. Half h[ou]r in Lisbon. “Bad” news from Yorke.

Bathing. First Anu²⁶ and then I playing with the sand found coins; she one scudo I fifty centimes. I take this as a message that the Gods can send us cash from the most improbable sources.

She had a sudden transient fit at night. “a deaf and dumb spirit”.

Tues[day] 16. .3% after worry.

Began the Great Op[eratio]n – very well indeed.

Her fits of melancholy are usually connected with the wish to make a mystery of some nothing-in-particular. They are capricious as sea-fog, and as dense. It is almost as hard to get through to her as it is to a genuine melancholic. They seem harmless, but are not; for if the habit grows, it might become truly morbid if it coincided with serious depression at time of stress.

Sun very hot in A.M. and we stayed later than usual. She had a fit of worry which developed into a general hysterical attack – very severe. The whole hotel in turmoil.

Note her pathological fear and lying. For latter, all her “magic” stories. For former, her locking her suit-case a dozen times in a couple of hours, though she doesn’t leave the room, and there is nothing of value in it. But she has lived in the underworld too long.

Wed[nesday] 17. .3%

She was perfectly all right in A.M. but I thought it better to leave,²⁷ so went to Hotel Miramar Monte Estoril and booked rooms. Here²⁸ much better than the Paris [Hotel]. She, however, went to Lisbon; and there is no news of her yet – 6 P.M. Selah.

Went to Casino. I never realized so fully what utter idiocy gambling is. The dullness of it is unspeakable. Is it connected with masochism? It seems to produce pangs with rare spasms of pleasure. But these last are usually tame.

Thur[sday] 18. .25% Then a fuss does no harm.

To Lisbon: H[otel] de l’Europe (Avenida Palace is *too* bloody awful).

With Pessoa²⁹ all P.M. Saw Second Comm[anda]nte POL[ICIA] (Gr)

Explored Lisbon by night: found out all necessary details.

Worrying like the devil.

Fri[day] 19. 7.8%.

Worrying like the devil.

I am not going to get over this – unless *she comes back*.

Good: about 6 P.M. she came back. But insists she must leave for Bremen tomorrow. I am getting to know her.

A is the supreme Virgin-Harlot. B is a creature of pathological fear. She fooled the most wooden idiot (and cad) I have met for years, one Armstrong^a, U.S.A. battery dude³⁰ to the top of his bent.

✦ Reconsecration of Love.³¹

Sat[urday] 20. She left by Lloyd Bremen – And I get on with the Job.

7.7%.

To Cintra Hotel Europe by 1.48.

“Armstrong” Amer[ican] Consul: she said the most wooden headed idiot,³² even for a consul (USA) she had ever known. I agree, and add “the kind of bastard that cheats at cards even when he has a winning hand, and no stake in the game”.

Cintra perfectly gorgeous. Long starlight walk.

Two games with Pellen.^b Lost first through trying to win a drawn position. Won second easily, but lost Q[ueen] for two pieces and had to win again. This came quick, by his oversight.

Wrote Marie re[garding] divorce.

Sun[day] 21. Still > .8.

Beat Pellen easily enough now I have his measure.

Hotel Central good, clean, cheap and speaks English. Developed plan to utilize local scenery – see 12 Sept[ember]. Even the tree: on Hanni!

Wrote: I cannot live without you.

The other “Boca do Inferno” will get me – it will not be as hot as yours.

Hjsos!

Tu
Li
Yu

9. P.M. I solemnly divested myself of all my dignities and authority in the Order – in the Word³³ Ylalu. Let us celebrate the Festival of the Equinox of Autumn!

^a Lawrence S. Armstrong (1895-1952) was the American consul in Lisbon between 1930 and 1934. A visiting card of “Lawrence Sheppard Armstrong” is preserved in Pessoa’s Archive (BNP/E3, 115-12).

^b Eduardo M. Pellen was an engineer particularly active in the local chess scene. In 1936 he became the President of the Portuguese Chess Federation.

Mon[day] 22. Yi Luna of Luna (Symbols) (29) with ANU & Oracle: means secret reconstruction of Work in great affliction.

Went with Hotel porter, an intelligent and travelled Swiss from St Gall, round the highest (= the lowest) quarter.^a

Tried honestly: absurd! 11.30 ☉ [Sunday]: to bed!

9.00 A.M. She radios: 93/93/93 ANU.

I accordingly accept ANU as the Word of the Equinox, and resume my dignities and authority in the Order.

The Oracle: Here is nothing etc. – Liber XXVII.

The Oracle of AL explains this: “Nothing is a secret key of this Law” etc. Al.I.46.

Tues[day] 23. < .1!! after worry went?

Sol in 0° Libra 6.36 P.M. 18.42.

(Zodiacal chart then occupies page – copyist).^b

Word at 9. A.M.

Shall I risk Sund[ay]-Express? ... I think I ought to do it.

(I did).

Lisbon 11.30. Frontier 7 P.M.

Wed[nesday] 24. Hendaye³⁴ 8.40 – 9.10 Summertime. Paris – Austerlitz 7.25 P.M. (I got off here to avoid possible flics^{c35} at [Gare] d’Orsay). Drove to Laperouse – as he was a great and daring navigator and as I hadn’t been there since the war but once!^d Yet they all recognized me with joy! I was very sad ∴ [because] Alex Harrison^e moribund. The recognition made me nervous about the Gare du Nord; but all went well. I left Paris 10.55 P.M.

Thurs[day] 25. Aachen 7 A.M. I have 700 francs left. Problem: to reach Berlin at 6.10 to-night. Went into second class – as did the Cynocephalus I had seen at the Gare du Nord.

(Copyist note: There here follows two small pen sketches of an anthropoidal type of woman, beside which is written:)^f This is too big:³⁶ she is a mean type. See my big drawing. Anna – wife of N[ew] Y[ork] lawyer.

^a Probably the Bairro Alto.

^b Grant’s note.

^c French, for “cops.”

^d Lapérouse is a renowned Paris restaurant, which still exists today. The reference is also to Jean-François de La Pérouse (1741-1788), famous French explorer and navigator.

^e Thomas Alexander Harrison (1853-1930), American painter. He lived for a long time in France.

^f Grant’s note.

Fri[day] 26. > .1% after that long journey and a most difficult and meaning³⁷ talk with Pertinax^{a 38} – even some anxiety about Anu³⁹. Called on Amexco^{b 40} and left note for Anu.⁴¹ She was there and saw me: and I didn't see her! Yet I was actually looking for her! She rang up till 12.30 and we talked. She came to the flat at 2. Squared the money⁴² problem; collected our luggage and went to Pension Mederwaldt. 40-41 Kurfürstendamm – Küsseln 3.30-5.30.

✦²⁸ Love-feast. Gen[era]l symbol for renewed Love. Pi VIII.

This is the perfect harmony of union: The Fixation of the Infinite Desire. L[ine] 6 may mean that we should get married p[retty] d[amn] q[uick].

Sat[urday] 27. H[anni] J[aeger] to Armstrong "Sir, it is my intention to forward to Washington a formal complaint of your conduct towards me on the 17th-20th instant y[ou]rs f[aith]f[ul]ly. H[anni] L[arissa] J[aeger]." Sent by registered post.

.4%.

Kusseln-Mixen^{c 43} 2.30-4.15. Anu⁴⁴ shows Cora^d her back: we all go to the Mikado^e, a free fight of drunks, but not much Panic Comedy. Cora the life and soul of the party –...

We got back and started again – we have quite lost our minds.

Sun[day] 28 ✦²⁹ Love about 3 A.M. Well, we can't *think* at all.

9.30 Saw Adler^f at Savoy. He is really a great man on A.: A.: lines.

An evening off – (illegible)^g at Karl's.

Mon[day] 29. .2% some "blood" spots. Probably urethral irritation from this continuous fucking.

The great Opus for Anu.⁴⁴ Done with considerable ceremonial accessories. The consecration of a \$5 goldpiece.^h

✦³⁰

^a One of the magical names of Karl Germer.

^b American Express Company.

^c Mixen: lit. "dunghill," i.e. anal sex.

^d Cora Eaton Germer, wife of Karl Germer.

^e A restaurant and night club in Berlin, notorious haunt for gays and transvestites.

^f Alfred Adler (1870-1937), Austrian psychologist, among the early collaborators of Sigmund Freud in the development of psychoanalysis.

^g Grant's note.

^h The coin was consecrated as a talisman.

Materials

Digital scan of typewritten document.

Genetic Notes

- 1 Masses will be <said> at
- 2 ... (illegible) [↓ horn (?)] *the copyist wrote both "illegible" and "horn (?)", with a question mark.*
- 3 heard <(?)>] *the copyist crossed out his doubt.*
- 4 Au <(? Av)>] *the copyist crossed out his doubt.*
- 5 Estoile] *in the original.*
- 6 albumen] *in the original.*
- 7 burnt <(?)>.] *the copyist crossed out his doubt.*
- 7 it went on till <al> late.
- 9 Pesson] *in the original.*
- 10 <E>/e\nergy
- 11 Sullivan (?)] *the copyist left a doubt.*
- 12 Then (?)] *the copyist left a doubt.*
- 13 militare] *in the original.*
- 14 back (lunch?)] *the copyist wrote both "back" and "(lunch?)", with a question mark.*
- 15 scndrs. (?).] *the copyist left a doubt.*
- 16 ANU (?)] *the copyist left a doubt.*
- 17 hear (?)] *the copyist left a doubt.*
- 18 Nuith] *in the original.*
- 19 Asanas! (?)] *the copyist left a doubt.*
- 20 Boca do Inferno (?)] *the copyist left a doubt; I added a punctuation mark – a period – that was missing.*
- 21 a broad sword <baled> blade).
- 22 Qy:?] *in the original.*
- 23 She <loo> looked
- 24 <c>/C\urrents
- 25 cold-drawn (?)] *the copyist left a doubt.*
- 26 Ann(?)] *the copyist left a doubt; cf. ANU.*
- 27 to <lea> leave,
- 28 Here (?)] *the copyist left a doubt.*
- 29 Pesso<n>
- 30 <n>/d\ude (?)] *the copyist left a doubt; there is a handwritten correction.*
- 31 A symbol resembling the one used for sexual magical operations seems to appear in the background with number 21. It is possible that the typist wrote it and then deleted it. In any case the numbering is not consistent with the sequence of earlier and later operations.
- 32 wooden <hended> [↑ headed] idiot,
- 33 Wor<l>d
- 34 Hendage] *in the original.*
- 35 f<o>/l\ies] *in the original.*
- 36 big (?):] *the copyist left a doubt.*
- 37 meaning (?)] *the copyist left a doubt.*
- 38 Pertinax (?)] *the copyist left a doubt.*
- 39 Anna] *in the original.*
- 40 Amexco <(?)>
- 41 Ann.] *in the original.*

42 money <(?)>

43 Kusseln-Muxen (?)] *the copyist left a doubt.*

44 Ann] *in the original.*

45 Ann.] *in the original.*

ANNEX 1. FACSIMILE OF ALEISTER CROWLEY'S DIARY IN THE TRANSCRIPT VERSION OF KENNETH GRANT, MISSING FROM THE YORKE COLLECTION (AUGUST, SUNDAY 31, SEPTEMBER, MONDAY 29)

Sun.31. (Copyist note: The diary has printed: 11th S. after Trinity - under which A.C. has penned the following:)
 "Masses will be said att.& p" I did this - & was caught by the priest.
 Weight 14st.4lb 20lb over normal.

1.30 - 4.0 $\oplus \frac{59}{2} = 27$
 P.M.

Off Vigo 4.10 P.M. a very normal bay & town. Some bumboats selling shawls, but very dull on the whole. Sunset $\& \frac{1}{2} \text{C}$: at the moment of starting down came the sea-fog. Still here 11.30 P.M.
 & likely to stay!
 $\oplus \frac{1}{2} \text{G.} \cdot \text{W.} \cdot$ cont- from 4.0 P.M. oh!
 Picnic parties lost in bay ask us The way home!

S E P T E M B E R

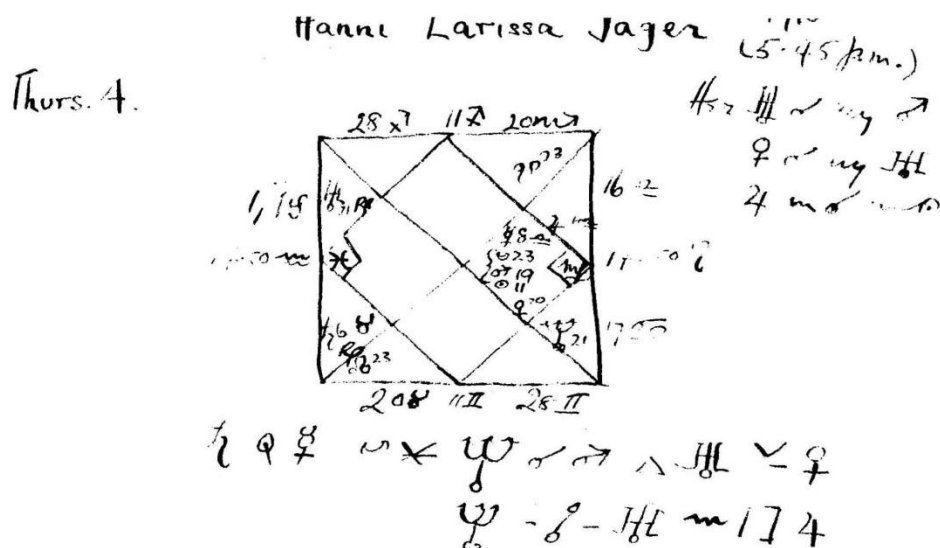
Mon.1. On Saturday Aug 30 we got the idea to go round the world. Should we adopt this? Would it bring success?
 LXI Kung Fu. The best hexagram in the Yi! Note the Boat symbol! Only shag line 6: moral, don't try to do too much.

8.30 Still stuck in Vigo with fog. Shall have cold albatross for brekker. Trapped behind reef where Highland Piper was ripped last year. 2.0 P.M. Got off.
 5.0 P.M. Still dangerously crawling between reefs off Vigo.
 Fog v. thick: ... (illegible) still going at 2 A.M. $O^?$.
 horn (?)

$\oplus^{17}$ with active conscious help. To go round world together.

Tues.2. Still much fog, but crept on. Cleared about 2 P.M.
 Tied up in Lisbon 3.45. Pessoa met us: a very nice man. Hotel de L'Europe.
 Lisbon, to judge by the noise, is a Greater London. Like a boiler factory with all the workmen caught in the machinery. Squalid, ill-paved, dirty, narrow, dull. Super-radio in cafe: a literal hell of noise. Good food in hotel.
 Professor Spooner died - on the very day that Monster said "If you want to lock ~~any~~ cunt, you'd better lick the door".
 my

Wed.3. $\oplus^{18}$ Au. Called at Cook's: heard(?) Au (2Av) on way. Moved to Hotel de Paris Estoiile 17 m. on sea. a perfect place: French, but dignified. The climate seems to be what the Riviera pretends to have, & hasn't.
 A very heavy day's work.
 God once tried to wake up Lisbon - with an earthquake; he gave it up as a bad job.
 Portugese would be bad Spanish if they could only get up the energy to articulate the words.



Started diet properly.

Swam ~~enough~~ & walked.
 .375% albumen.

Φ¹⁷ Love.

Fri. 5. Swimming &c. Got very tired & burnt (27). Monster very weak in the knees.
 (It appears later Saturday that she had a touch of the Sun from being too long on the beach the first day.)
 .6% This probably due to the strain caused by Sun &c.

Sat. 6. .25% Took it very easy with Sun & Water (symbols).

Φ²⁰ Began in A.M. an Op. for health & strength for the Jade Princess; but she wanted it for me. So we agreed; it went on till ~~11~~ late.

Note: "People who read poetry" are (by definition almost) congenital idiots. Hence they can only digest tripe. The ideas of great men naturally horrify them. So, poetry having got this reputation of emasculate tosh, fewer & fewer decent people read it. And so on.

Sun. 7. Pessoa lunched & spent P.M. My little blue flower of the Wood very drooping all P.M. - & too much Energy after dinner. Practically all Portugese have Jewish blood. See history.

Mon. 8. Syrinx with fit of the blues in P.M.

Φ²¹ Health & strength.

Long küsseln at night.

Dream. We were on "Megantic" immense liner. It left sea, & went up railroad through woods (30° steep I should say) & landed on a (Illegible) which was in the position of Fort Augustus, for by following the r.h. bank of the loch one would

pass Boleskine. Sullivan (?) & I agreed to go that way alone, in case the ship took other bank. Then (?) man & I met in small inner room, & he told me the news. "By the way, the King died yesterday". I stood, & answered "long live the King!" very solemnly. He said that the papers called it an "accession militaire". I woke.

Tues.9. .35% 7.P.M.

First cloudy morning; rain-clouds over East.

To Lisbon: back (lunch?) with 4000 scndrs.(?). Met Leal: don't like him. There's something very definitely wrong about him.

At night Initiation²¹

⊕ p.v.n. to start *NY*(So)

Wed.10. .6% after heavy day in Lisbon.

Rested up. We were both very tired, & did nothing but küsseln, & go to the Palace Hotel, & walk around rather feebly.

S. ANU(?) first astral vision. She sees easily, clearly & correctly, but does not hear(?), or know how to deal with the visions yet. But she saw her own astral as Our Lady Nuith - the Body of Stars.

Thur.11. .25% after quiet day.

Another quiet day. Painting in P.M. I did a watercolour of Her in her glory - in the Fujiyama district.

- *will* in A.M. She will learn this Art.

We seem to be discovering the Asanas!(?)

²³ ⊕ The third opus for Health Strength & Energy.

Fri.12. 12.2.A.M. Op of Sept 11. 2½ hours, woke us up completely: to paint &c.

Walked to Cascaes & Boca do Inferno(?) I wish the W. coast of Scotland could see it: it hasn't had a good laugh for a long while. Cascaes v. interesting. Fort, market &c. Very tired at night, & She had a melancholy fit. Drank a little brandy & went off to sleep.

The diarrhoea-tree

Espadon.

Fish at Cascaes: common. Flat. V. silvery (Called so. whole fish looks like a broad sword ~~blade~~ blade).

Sat.13. .475% from ⁴ late Kusseln cleared things up.

Meditation: to write a Book for Her of Instruction in Magick.

Qy: ? & answer method.

We drank quite a lot of Brandy.

²⁴ ⊕ To bring out her Art.

This was the best Op. I remember at all in my whole life. She ~~166~~ looked like Clapham Junction. Later she broke down into a very long fit of hysterical sobbing, which I think cleared up her trouble of mind. "I want to be of some use in the world".

Sun.14. .15% ^h early.

Dream again of huge liner, but this time (bound for Rio) leaving port; down steep mountain torrents, into very narrow canals &c &c.

Painting, bathing, &c. Crazy mail.

15

It seems as if the Gods were forcing me into an ordeal. We are up against it, & the only practical way out is intensely repulsive to my human side - as it would not be were I not so insanely in love for the first time! And the last!

I appeal to Her purity: should we adopt the plan proposed in jest for several days past?

She arranges the sticks.

XLVI. Shang. Kteis of Air (Symbols)

This is one of the best hexagrams in the Yi - God damn it!

Mon. 15. P.S. But see Nov. 6.

7.2% after much Brandy.



Success to this plan.

"Shang"

I loathe this type of Opus: it does not even arouse ecstasy of the lowest type; & it seems to cut off the true currents of Electro-Magnetic Energy. It is (in a word) pure cold-drawn(?) Magick. Probably, then, easier to get results of the type possible.

2hr. in Lisbon. "Bad" news from Yorke.

Bathing. First Ann(?) & then I playing with the sand found coins; she 1 scudo I 50 centimes. I take this as a message that the Gods can send us cash from the most improbable sources. She had a sudden transient fit at night. "a deaf & dumb spirit".

Tues. 16. .3% after worry.

Began the Great Op- -- very well indeed.

Her fits of melancholy are usually connected with the wish to make a mystery of some nothing-in-particular. They are capricious as sea-fog, & as dense. It is almost as hard to get through to her as it is to a genuine melancholic. They seem harmless, but are not; for if the habit grows, it might become truly morbid if it coincided with serious depression at time of stress.

Sun very hot in A.M. & we stayed later than usual. She had a fit of worry which developed into a general hysterical attack - very severe. The whole hotel in turmoil.

Note her pathological fear & lying. For latter, all her "magic" stories. For former, her locking her suit-case a dozen times in a couple of hours, though she doesn't leave the room, & there is nothing of value in it. But she has lived in the underworld too long.

Wed. 17. .3%.

She was perfectly all right in A.M. but I thought it better to ~~16~~ leave, so went to Hotel Miramar Monte Estoril & booked rooms. Here(?) much better than the Paris. She, however, went to Lisbon; & there is no news of her yet - 6 P.M.. Selah. Went to Casino. I never realized so fully what utter idiocy gambling is. The dullness of it is unspeakable. Is it connected with masochism? It seems to produce pangs with rare spasms of pleasure. But these last are usually tame.

Thur. 18. .25% Then a fuss does no harm.
 To Lisbon: H. de l'Europe. (Anevida Palace is too bloody awful).
 With Pessoa all P.M. Saw 2nd. Comm^{nts} -- POL (Gr)
 Explored Lisbon by night: found out all necessary details.
 Worrying like the devil.

Fri. 19. 7.8%.

Worrying like the devil.

I am not going to get over this - unless she comes back

Good: about 6.P.M. she came back. But insists she must leave
 for Bremen to-morrow. I am getting to know her.

A is the supreme Virgin-Madlot. B is a creature of pathological
 fear. She fooled the most wooden idiot (& cad) I have met for
 years, one Armstrong, U.S.A. battery dude(?) to the top of his
 bent.

4. 1/2. Recandescence of Love. - 2/

Sat. 20. She left by Lloyd Bremen - And I get on with the Job.
 7.7%.

To Cintra Hotel Europe by 1.48.

headed

"Armstrong" Amer Consul: she said the most wooden ~~hand~~ idiot,
 even for a consul (USA) she had ever known. I agree, & add "the
 kind of bastard that cheats at cards even when he has a winning
 hand, & no stake in the game".

Cintra perfectly gorgeous. Long starlight walk.

2 games with Pellen. Lost first through trying to win a drawn
 position. Won second easily, but lost Q for two pieces & had to
 win again. This came quick, by his oversight.

Wrote Marie re divorce.

Sun. 21. Still 7.8.

Beat Pellen easily enough now I have his measure.

Hotel Central good, clean, cheap & speaks English. Developed
 plan to utilize local scenery - see 12 Sept. Even the tree: on
 Hanni!

Wrote: I cannot live without you.

The other "Boca do Inferno" will get me - it will not be as hot
 as yours.

Hissos!

to
Li
you

9.P.M. I solemnly divested myself of all my dignities & authority
 in the Order - in the World Ylalu. Let us celebrate the Festival
 of the Equinox of Autumn!

Mon. 22. Yi Luna of Luna (Symbols) (29) with ANU & Oracle: means
 secret reconstruction of Work in great affliction.

Went with Hotel Porter, an intelligent & travelled Swiss from
 St Gall, round the highest (= the lowest) 7 1/2.

Tried honestly: absurd! 11.30 ☉ : to bed!

9.00 A.M. She radios: 93/93/93 ANU.

I accordingly accept ANU as the Word of the Equinox, & resume my
 dignities & authority in the Order.

The Oracle: Here is Nothing & C. - Liber XXVII.

The Oracle of AL explains this: "Nothing is a secret key of this
 Law" & C. AL. I. 46.

Tues. 23. <. I!! after worry went?
 Sol in 0° Libra 6.36 P.M. 18.42.
 (Zodiacal chart then occupies page - copyist).
 Word at 9.A.M.
 Shall I risk Sund-Express?. I think I ought to do it.
 (I did).
 Lisbon 11.30. Frontier 7 P.M.

Wed. 24. Handage 8.40 - 9.10 Summertime. Paris - Austerlitz 7.26
 P.M. (I got off here to avoid possible fâies at d'Orsay). Drove
 to Imperouse - as he was a great & daring navigator & as I hadn't
 been there since the war but once! Yet they all recognized me
 with joy! I was very sad "... Alex Harrison moribund. The recog-
 nition made me nervous about the Gare du Nord; but all went well.
 I left Paris 10.55 P.M.

Thurs. 25. Aachen 7 A.M. I have 700 francs left. Problem: to
 reach Berlin at 6.10 to-night. Went into 2nd. class - as did the
 Cynocephalus I had seen at the Gare du Nord.
 (Copyist note: There here follows two small pen sketches of an
 anthropoidal type of woman, beside which is written:) This is
 too big(?): she is a mean type. See my big drawing. Anna --
 wife of N.Y. lawyer.

Fri. 26. >. I! after that long journey & a most difficult &
 meaning(?) talk with Pertinax(?) - even some anxiety about Anna.
 Called on Amexco(?) & left note for Ann. She was there & saw me:
 & I didn't see her! Yet I was actually looking for her! She rang
 up till about 12½ & we talked. She came to the flat at 2. Squared
 the money(?) problem; collected our luggage & went to Pension
 Mederwaldt. 40-41 Kurfurstendamm-Küsseln 3.30-5.30.
 Love-feast. Genl. symbol for renewed love. Pi VIII.
 This is the perfect harmony of union: The Fixation of the Infinite
 Desire. L 6 may mean that we should get married p.d.q.

Sat. 27. H.J. to Armstrong "Sir, it is my intention to forward to
 Washington a formal complaint of your conduct towards me on the
 17th-20th instant yrs. ffly. H.L.J" Sent by registered post.
 .4%.

Küsseln-Muxen (?) 2.30 - 4.15. Ann shows Cora her back: we all
 go to the Mikado. a free fight of drunks, but not much Panic
 Comedy. Cora the life & soul of the party -
 We got back & started again - we have quite lost our minds.

Sun. 28. ²⁹ Love about 3 A.M. Well, we can't think at all.
 9.30 Saw Adler at Savoy. He is a really great man on A..A..
 lines.
 An evening off - (illegible) at Karl's.

Mon. 29. .2% some "blood" spots. Probably urethral irritation
 from this continuous fucking.
 The great Opus for Ann. Done with considerable ceremonial
 accessories. The consecration of a goldpiece. 30.

ANNEX 2. ALEISTER CROWLEY'S DIARY FROM THE YORKE COLLECTION: PAGE PRECEDING THE MISSING PORTION FOR SEPTEMBER 1930 (YC, NS, 20; AUGUST, MONDAY 25, AUGUST, SATURDAY 30)

11.

25 - 29 Aug 30

after a long while into a symbolic vision of a type quite new to me. It was almost dream-like, with some baroque elements.

Mon. 25. Brit. Mus. Discovered ^{Stephenson} Sarcophagus of Ank-f-n-Khonsu!!! London is hellish. Every one as dead as when I left. M E 2 back from Paris, feeling worse. Thyme evidently avoiding me. Yorke & Hoggs still away. Inky (~~is~~) hysterical, vomiting accusations against Thyme. M Allan. Watson Turner very glum, stern, & embarrassed. Badcock pale but smiling. Foreman desperate, hating it all, but pursuing. Gorman the only cheerful voice I've heard so far.

Inclined to push for going to Portugal on 29th.
 13 The G. W. - with something of this idea. I can't work in this abyss.

Tue. 26. Lunch M.E.2 & Gorman. Hear Yorke has packed Marie "somewhere in Hampstead". Mary Butts prematurely aged & rotten. Haggard & half crazy. Frightfully hot day. Fever at night.

Wed. 27. 14 G. W. Yorke lunch and Thyme (He is very distressed, & acting all wrong. Obsessed about "Capital"). Missed Ammont (~~is~~). Some people I admire wholeheartedly. It might have occurred to me to stick needles into people all over, & rub in an irritating oil to produce pus. But I should never have thought of calling the process a "Nature-Cure!" Decided to go to Lisbon.

Thur. 28. Rushing madly all over London to raise funds for the journey. Did so. Ammont turned up: he is a very good man. Yorke dreadfully nervous & weak. Invented the Jade Princess; she was a miracle of beauty, & won every one's heart.

✓ Fri. 29. To sleep 2.0.A.M. - 6.30. Left London 9.20. with £14.10.10½. S'hampton 12 arr Chabry(?) 6. The Alcantara. Left ditto 8.30

I said "Roll on, thou deep & dark blue ocean, roll!" It did so. "What manner of man is this, that even the winds & the waves obey him?"

15 a successful voyage. (a.l. no longer expresses it).

Sat. 30. Monster started ^{Monday} (Sign for Luna) ^{Hanni Jaeger} Sea-fog all last night & till near noon. Another patch of it about 6. at 7.30 it looks like more. P.S. 11 P.M. It was so. Note. Dancing seems a diluted exhibitionism. So-called "harmless" pleasures are merely emasculated pleasures. This applies to all tame sports, games &c. What should be our main objective after reaching Lisbon? Kieh. LX. "Regulations". Make careful plans according to circumstances, & stick to them. Don't compromise yourselves by too inelastic a decision.

ANNEX 3. ALEISTER CROWLEY'S DIARY FROM THE YORKE COLLECTION: PAGE FOLLOWING THE MISSING PORTION FOR SEPTEMBER 1930 (YC, NS, 20; SEPTEMBER, TUESDAY 30, OCTOBER, SATURDAY 4)

2 September 18.

Tues. 30. .15% 10 a.m. Very exhausted, both of us. Had given the last ounce to the Talisman.

Karl made a good scheme for a Societe d'Etude \$5000.

September Esbach(?). 6.2.3.6.2.4.1.2.3.3.2.8.7.8.1.1.4.2. 1.3 = 89.3 divided by 19 = 3.7. Omitting the 4 bad days - for wh. clear reason is known: 40 divided by 15 = 2.6.

Early to bed & to sleep.

Nierendoff OCTOBER

Wed. 1. .4 2.30 P.M.

Germer depressed again.

Saw Nierendoff(?) a very nice man, who suggested (without being told) that the thing to do was to put me over as a Personality.

Wire from Pessoa. "Letter cigarette case identified Crowley's discovered evening 25th place coast Mouth(?) Hell police investigating doubt suicide through nothing definite ascertained"

10.15 P.M. ~~Op.~~ Op. contd. from Sept 29.

The flame went vigorously widdershins!

(Opn. possibly distracted by thoughts Pessoa's telegram.)

Thur. 2. Letter from Sullivan - who arrives tonight with Aldous Huxley. *from* *cora*

Drove with ~~H~~ & the Nag to Freienwalde. Demuth's Hotel v. good food & cheap. The Oder & its locks - beautiful scenery.

.3 7 P.M.

Fri. 3. Can't find Sullivan - wired Einstein for him. Later --- found him through Schrodinger. Germer dreadfully nervous - drove right into a standing car by sidewalk!

Saw studio of incarnation of Mozart - un vieux maniaque. But he made Hanni blush! *Amv**

Dinner & Mikado &c with Sullivan & Huxley. Latter exceptionally charming - & I roused him from his normal apathy.

Amv was a miracle of loveliness, & made them both wonder.

Wrote Thyme re medium(?) &c. Wired: Master Therion's suicide confirmed stop Urgently request you obtain message from him through medium who contacted Doyle stop Utmost distress Hanni Jaeger.

.1 4 30 P.M.

~~Sat.~~ Sat. 4. Wire Thyme: Please act instantly energetically on Jaeger telegram Germer. *(w. Hall?)*

Yorke wires: Tell 666 there are two of them They both bounce.

Reply "Go ahead. Plan is to expose fraud". Spent most of morning conjugating(?). 7.5. ?hour. (x)

"Mixer" as usual. (x) ? Is semen mixed from urethral irritation, on some occasions.

Spent evening with Huxley & Sullivan at Muenchner Hofbraeu one of those large mediocre places which delight the grossness of Sullivan. He was gloomy drunk on iced beer, & sick after a vast goulash & more iced beer. Huxley improves on acquaintance. We left him, very tired, at 1 A.M. Sunday.

Spent 1930

Bibliography

- ASPREM, Egil (2008). "Magic Naturalized? Negotiating Science and Occult Experience in Aleister Crowley's Scientific Illuminism," *Aries. Journal for the Study of Western Esotericism*, 8:2, pp. 139-166.
- BELÉM, Victor (1995). *O Mistério da Boca-do-Inferno: o encontro entre o Poeta Fernando Pessoa e o Mago Aleister Crowley*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa.
- BREEZE, William, ed. (2002). "Catalogue of the Yorke Collection", unpublished pdf document.
- CROWLEY, Aleister (1998). *The Vision & the Voice. With Commentaries and Other Papers. The Equinox Volume IV Number 2*. Ed. by V.V. [William Breeze]. Boston: Red Wheel - Weiser.
- ____ (1992). *Liber TzBA. Vel NIKH. Sub Figura 28. The Fountain of Hyacinth*. Ed. by Steve Wilson. London: Iemanja Press.
- ____ (1989). *The Confessions of Aleister Crowley. An Autohagiography*. London: Arkana.
- ____ (1979). *The Magical Diaries of Aleister Crowley. 1923*. Ed. by Stephen Skinner. Jersey: Neville Spearman.
- ____ (1972). *The Magical Record of the Beast 666. The Diaries of Aleister Crowley 1914-1920*. Ed. by John Symonds and Kenneth Grant. London: Duckworth.
- ____ (1922). *The Diary of a Drug Fiend*. London: W. Collins and Co.
- ____ (1909). "John St. John. The Record of the Magical Retirement of G.H. Frater, O.:M.:", in *The Equinox*, 1, 1 (Spring), supplement: pp. 1-139.
- DELL'AIRA, Alessandro (1993). *O Mocho e o Mago*. Porto: Edições Afrontamento.
- DIX, Steffen (2009). "Um encontro impossível e um sucídio possível: Fernando Pessoa e Aleister Crowley", in Jerónimo Pizarro (org.), *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*. Alfragide: Texto Editores, pp. 39-81.
- KACZYNSKI, Richard (2010). *Perdurabo. The Life of Aleister Crowley*. Berkeley: North Atlantic Books.
- LEAL, Raul (1982), "Carta de Raul Leal a João Gaspar Simões a propósito de Vida e Obra de Fernando Pessoa e de Aleister Crowley", in *Persona*, 7 (Aug.), pp. 54-57.
- PASI, Marco (2006). *Aleister Crowley und die Versuchung der Politik*. Graz: Stocker Verlag.
- ____ (2004). "La notion de magie dans le courant occultiste en Angleterre (1875-1947)". Ph.D. dissertation. Paris: Ecole Pratique des Hautes Etudes.
- ____ (2001). "The Influence of Aleister Crowley on Fernando Pessoa's Esoteric Writings", in Richard Caron, Joscelyn Godwin, Wouter J. Hanegraaff, et Jean-Louis Vieillard-Baron (eds.), *Esotérisme, gnosés & imaginaire symbolique. Mélanges offerts à Antoine Faivre*. Peeters: Louvain, pp. 693-711.
- ____ (1999). *Aleister Crowley e la Tentazione della Politica*. Milano: FrancoAngeli.
- PASI, Marco, and Patricio FERRARI (2012). "Fernando Pessoa and Aleister Crowley: New Discoveries and a New Analysis of the Documents in the Gerald Yorke Collection," *Pessoa Plural. A Journal of Fernando Pessoa Studies*, 1.
- PESSOA, Fernando (2011). *Cartas Astrológicas*. Edição de Paulo Cardoso com a colaboração de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Bertrand Editora.
- ____ (1988). *A Grande Alma Portuguesa. A carta ao Conde de Keyserling e outros dois textos*. Edição de Pedro T. da Mota. Lisboa: Edições Manuel Lencastre.
- PESSOA, Fernando, and Aleister CROWLEY (2010). *Encontro Magick, seguido de A Boca do Inferno (novela policiária)*. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2001). *Encontro "Magick" de Fernando Pessoa e Aleister Crowley*. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Hugin Editores.
- RICHMOND, Keith (2011). "Introduction", in: Keith Richmond (ed.), in *Aleister Crowley, The Golden Dawn and Buddhism. Reminiscences and Writings of Gerald Yorke*. York Beach: The Teitan Press, pp. ix-lxxxiv.

- RICO GONGORA, Montserrat (2009). *Pasajeros de la niebla*. Barcelona: Ediciones B.
- SALGUEIRO, Francisco (2012). *O Anjo que Queria Pecar*. Alfragide: Oficina do Livro.
- SHIVA, Frater (2012). *Inside Solar Lodge. Behind the Veil. True Tales of Initiation and Inner Adventure*. Los Lunas: Desert Star Temple.
- SOARES, David (2007). *A Conspiração dos Antepassados*. Parede: Edições Saída de Emergência.
- STARR, Martin (2006). "Chaos from Order: Cohesion and Conflict in the Post-Crowley Occult Continuum", *The Pomegranate. The International Journal of Pagan Studies*, 8:1, pp. 84-117.
- SUTIN, Lawrence (2000). *Do What Thou Wilt. A Life of Aleister Crowley*. London: St. Martin's Press.
- SYMONDS, John (1997) *The Beast 666. The Life of Aleister Crowley*, London: Pindar Press.
- ____ (1989). *The King of the Shadow Realm. Aleister Crowley: His Life and Magic*. London: Duckworth.
- ____ (1971). *The Great Beast. The Life and Magick of Aleister Crowley*. London: Macdonald.
- ____ (1951). *The Great Beast. The Life of Aleister Crowley*. London: Rider and Company.
- TIBET, David (2011). "David Tibet interviews Gerald Yorke", in: Keith Richmond (ed.), *Aleister Crowley, The Golden Dawn and Buddhism. Reminiscences and Writings of Gerald Yorke*. York Beach: The Teitan Press, pp. 208-241.
- WASSERMAN, James, ed. (2006). *Aleister Crowley and the Practice of the Magical Diary*. San Francisco – Newburyport: Weiser Books.

Fernando Pessoa and Aleister Crowley:

New discoveries and a new analysis of the documents in the Gerald Yorke Collection

Marco Pasi* and Patricio Ferrari**¹

Keywords

Fernando Pessoa, Aleister Crowley, Yorke Collection, National Library of Portugal [Archive 3], Pessoa "Magick" Collection, Correspondence, Edouard Roditi

Abstract

The documents concerning the relationship between Fernando Pessoa and Aleister Crowley preserved in the Yorke Collection at the Warburg Institute (London) have been known for some time. However, recent new findings have prompted a new analysis of the dossier. The purpose of this article is to have a new look at the documents that were already known and introduce the documents that have been recently found. The analysis will also be based on a comparison with the related documents from the "Magick" collection, now part of Pessoa's Archive at the Biblioteca Nacional de Portugal in Lisbon. Photographic images of the documents, together with a new edition of the texts, are also included.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Aleister Crowley, Yorke Collection, Biblioteca Nacional de Portugal [Espólio 3], Coleção "Magick", Correspondência, Edouard Roditi

Resumo

Os documentos relacionados com a relação entre Fernando Pessoa e Aleister Crowley guardados na Yorke Collection do Instituto Warburg em Londres são conhecidos desde há algum tempo. Contudo, descobertas recentes exigem uma nova análise deste arquivo. Pretende-se com este artigo regressar com um olhar renovado ao material já conhecido e apresentar os documentos recentemente encontrados. A análise será complementada com uma comparação destes com os documentos da colecção "Magick", actualmente pertencente ao espólio de Pessoa à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal. Serão incluídas imagens fotográficas dos documentos, bem como uma nova edição dos textos em questão.

* Universiteit van Amsterdam.

** Universidade de Lisboa.

¹ The authors would like to thank Jill Kraye, Philip Young, François Quiviger, and Will F. Ryan (respectively Librarian, Assistant Librarian, Curator of Digital Resources, and former Librarian of the Warburg Institute) for their assistance during our researches on the documents preserved in the Yorke Collection. We would also like to thank William Breeze, Jerónimo Pizarro, and Wim Van-Mierlo for their invaluable help and advice. This article was supported by a Grant from the Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences (NIAS).

The documents concerning Fernando Pessoa's relationship with Aleister Crowley are preserved in two major collections. One represents Pessoa's side, and it remained in the hands of his family until recently. It seems likely that originally Pessoa's family – and particularly his step-sister Henriqueta Madalena Nogueira Rosa Dias – considered these documents as being too sensitive, because of Crowley's dubious morality and his reputation as a black magician.² Probably, and mostly for this reason, they were kept unpublished and remained virtually unknown for many years. Consequently, they were not included in the main collection of documents that was acquired by the Portuguese State in 1979, and which would become Pessoa's Archive. Between the late 1980s and early 1990s the family decided that the time had come to publish this material and that one of the heirs, Pessoa's nephew Luis Miguel Rosa Dias (writing under the pseudonym of "Miguel Roza") would be directly in charge of preparing the book for publication. The project took longer than expected, but it finally materialized in 2001, when a first edition of the documents was published (Pessoa and Crowley, 2001). In 2010 a second, improved and expanded edition was published (Pessoa and Crowley, 2010).³ In the meanwhile, in November 2008, the original documents belonging to this collection were put on sale by the family through a public auction (P4 Live Auctions, 2008).⁴ The collection was purchased by the Portuguese company Redes Energéticas Nacionais and donated to the Biblioteca Nacional de Portugal, where it joined the rest of Pessoa's papers. Although this smaller collection has now merged, for all intents and purposes, into the larger one, it is still both useful and historically sound to consider it as a separate set with its own specific identity.⁵

The other collection represents Crowley's side and is the Yorke Collection (YC) held at the Warburg Institute in London.⁶ Although the Pessoa "Magick" Collection (PMC) is by far, with respect to the Crowley-Pessoa relationship, the most complete of the two, the Yorke Collection does include some important documents as well, such as the originals of some of the letters Pessoa sent to Crowley and some of the carbon copies of the letters Crowley sent to Pessoa.

² In the preface of an edition of these documents, Pessoa's nephew, Luis Miguel Rosa Dias noted that "as cartas de Aleister Crowley e as cópias da correspondência de Fernando Pessoa [...] não foram publicadas há mais tempo porque a irmã do poeta (minha Mãe) [i.e., Henriqueta Rosa Dias] se opôs a tal, enquanto fosse viva" (Pessoa and Crowley, 2010: 16).

³ The first edition was anything but rigorous from a philological point of view, and contained a large number of mistakes and problems, which have been only partly solved in the second edition. The lack of expertise of the editor remains however evident in both editions.

⁴ The stormy debate raised by the auction in Portugal, with echoes in the international press, lies beyond the scope of the present article.

⁵ It should be noted that the collection sold through the auction in 2008 included not only the documents concerning Pessoa's relationship with Crowley but also other unrelated Pessoa documents still held by the family. The Crowley-related documents were all included in lot n. 39 (P4 Live Auctions, 2008). Since the lot is now part of Pessoa's Archive without any particular qualification and is divided into several folders (with call numbers going from 190 to 389), the catalogue of the auction still offers a precious testimony of its contents and specific identity, further supported by the two editions of Miguel Roza's *Encontro Magick* (Pessoa and Crowley, 2001 and 2010). We can refer to it as the Pessoa "Magick" Collection.

⁶ Concerning the Yorke Collection and its history, see Pasi's other article in the present issue.

Marco Pasi included these letters first in his Laurea dissertation (Pasi, 1994) and then in the book stemming from it (Pasi, 1999).⁷ Other interesting documents that had until now eluded Pasi's researches were the three books of English poetry that Pessoa had sent Crowley in December 1929, and which were known to have been part of the Yorke Collection at one point. During a recent visit to the Warburg Institute, Patricio Ferrari has been finally able to locate these books and inspect them. On the same occasion, he has also taken the opportunity to further inspect and take photographs of the Pessoa letters in the Collection, whose reproduction is here presented for the first time.

The purpose of this brief note is not to engage in a deep analysis of the whole Crowley-Pessoa affair, based on a detailed comparison of the documents from the two collections, but rather to have a new look at the documents that were already known (i.e., the letters), and introduce the documents that were thought to be missing (i.e., the books). In both cases, the inspection will provide some interesting new elements for a better assessment of the Pessoa-Crowley relationship. Pasi's edition of Crowley's diary for his Portuguese trip (also in the present issue of *Pessoa Plural*) will offer further elements in the same direction.

As it is known, on 18 November 1929 Fernando Pessoa contacted The Mandrake Press, the London-based publishing house that had just put out Aleister Crowley's *Confessions* (1929).⁸ Shortly afterwards a correspondence between the two men began.⁹ By the time the British occultist set for Lisbon in the company of Hanni Jaeger to meet Pessoa, in September 1930, they had exchanged a total of seven letters and a telegram. Two of the three letters that Pessoa addressed personally to Crowley before his Portuguese trip (dated 6 January and 25 February 1930)¹⁰ are found in the Yorke Collection (see Letters II and III). As for the letters Pessoa sent to The Mandrake Press only the one dated 4 December 1929 is extant in

⁷ These documents were made available to Portuguese readers even before the publication of Pasi's book, when Victor Belém included significant parts of Pasi's dissertation in his booklet *O Mistério da Boca-do-Inferno* (Belém, 1995: 11-17, and 60-64). Pasi's book has also been published in an expanded, updated German edition (Pasi, 2006). An English and a Portuguese edition are now in preparation.

⁸ As Marco Pasi has noted elsewhere (Pasi, 2001: 698-699), this was not the first time that Pessoa had bought a book by Crowley. We know in fact that, already in 1917, Pessoa had ordered 777, the dictionary of occult correspondences that Crowley had published a few years before (Crowley, 1909). Pessoa ordered the book through Frank Hollings, a London bookseller then specializing in the occult, and one of the main distributors of Crowley's works. See Pessoa's letter to Hollings, dated 6 March 1917 (Pessoa, 1999b: 245). It should be noted, however, that 777 was published by Crowley anonymously, so Pessoa was not aware of who the author was when he ordered the book. Apparently, he remained in the dark about Crowley's authorship until 1929, as he makes clear in his letter to The Mandrake Press of 18 November (Pessoa and Crowley, 2010: 307). Curiously, he found out about it in the same prospectus of The Mandrake Press which informed him of the release of *The Confessions*. Pessoa mentions Crowley in relation to 777 in at least one fragment from the Archive (BNP/E3, 54A-43; see also Dix, 2009: 73). According to Jerónimo Pizarro (personal communication to the authors, 1 May 2012) the fragment probably dates from around 1931, so from after Crowley's trip to Portugal.

⁹ See Annex 1 for a general timeline of the correspondence between Pessoa and Crowley.

¹⁰ A typewritten version of the letter to Crowley dated 29 May 1930, originally part of the PMC, is now in Pessoa's Archive (BNP/E3, 207). The autograph version of this letter has not been found in the Yorke Collection.

the London archive (see Letter I).¹¹ Interestingly enough, all the documents related to Pessoa in the Yorke Collection date from the period before Crowley's trip to Portugal. As far as we can tell, after carefully searching the Collection, no letters to or from Pessoa after this period are preserved in it, and if they have survived at all, their present location is unknown.

The first personal letter from Pessoa to Crowley was published by John Symonds, who had access to the material preserved in the YC, in the third edition of his Crowley biography (Symonds, 1989: 445-47).¹² Later, Marco Pasi published the other documents from the YC, including the letter from Pessoa to Crowley dated 25 February 1930 and other still unpublished letters from Crowley to Pessoa (1999: 192-96).¹³ Thus, by 1999 all of the Pessoa-Crowley letters in the YC had been published.

Around that time, things began to move also with the publication of the documents in the Portuguese collection. Two letters from the PMC were included in the catalogue for the year 1997 of the Portuguese publishing house Assírio & Alvim, which then had an exclusive copyright agreement with Pessoa's family for the publication of Pessoa's works.¹⁴ Both these letters were from Pessoa to Crowley. Of these two, one (dated 29 May 1930) was a letter that Pessoa wrote to Crowley before his trip and which, as we noted, is missing from the YC. The other one (dated 10 February 1931) was the first letter to be published from the period after Crowley's trip to Portugal. These two letters were later included in the second volume of Pessoa's correspondence edited by Manuela Parreira da Silva (Pessoa, 1999: 205-06, 232-33). In this same volume, a letter from Crowley to Pessoa, dated 19 May 1930, was published for the first time (Pessoa, 1999: 410-11). Finally, in 2010, Miguel Roza published all the letters and related documents preserved in the PMC in a single volume (Pessoa and Crowley, 2010: 307-316) (see Annex 2).¹⁵

When we compare the three Pessoa letters held in the YC with the copies held in the PMC, we notice that the testimonies do not differ significantly in content. However, we can at least point to a couple of material differences that seem to disclose subtle, yet eloquent gestures. Unlike the testimonies held in

¹¹ Before Crowley's arrival to Lisbon, Pessoa sent three other letters to The Mandrake Press, dated 18 November 1929, 15 December 1929, and 6 January 1930. All of them were extant as carbon copies in the PMC, and are now in Pessoa's Archive (BNP/E3, 190; 197; and 200).

¹² The two previous editions (Symonds, 1951; Symonds 1971) did cover Crowley's trip to Portugal and his meeting with Pessoa, but did not quote the letters.

¹³ Pasi also published a letter from Crowley to Pessoa, dated 14 January 1930, that had been photographically reproduced as illustration in a book by Isabel Murteira França (França, 1987). The provenance of the letter was the PMC, to which França, as Pessoa's grandniece, then had access.

¹⁴ Non vidimus. The catalogue was especially prepared for Assírio & Alvim's participation in the Frankfurt book fair in the same year. This is referred to, without bibliographic details in Parreira da Silva's edition of Pessoa's correspondence (Pessoa, 1999: 410, 418).

¹⁵ It should be noted that the first edition of Roza's book (Pessoa and Crowley, 2001) only contained Portuguese translations of the documents, not the original texts in English, which were only published in the second edition (Pessoa and Crowley, 2010). The facsimiles of some documents were presented as illustrations, but not transcribed, and, curiously enough, no facsimiles of Pessoa's own letters were included.

Lisbon, the two Pessoa-Crowley letters found in the Yorke Collection are handwritten; the second one on a paper with a unique watermark (see description of materials in Letters). Pessoa seems to have written the handwritten one first, which was destined to Crowley, and then the typewritten copy for his own record.¹⁶ Now, the fact that Pessoa took this extra care (at least with these two letters),¹⁷ together with the choice of such a special kind of paper is an indicator of the importance Pessoa attached to his correspondence with Crowley from the very beginning. This indirectly confirms a point already made by Pasi, namely that Pessoa took a genuine interest in Crowley's work and persona, and was deeply affected by the encounter with him (Pasi, 1999: 152; and Pasi, 2001).

However, even more interesting is the discovery of the three books of English poems that Pessoa had sent to Crowley in December 1929 (Pessoa, 1918; Pessoa, 1921a; and Pessoa, 1921b).¹⁸ Pessoa had informed Crowley, through The Mandrake Press, of their expedition in his letter dated 15 December 1929, and Crowley had immediately acknowledged their reception in his letter dated 22 December 1929.¹⁹ During several extended periods of research at the Warburg Institute, between 1993 and 2001, Pasi had repeatedly searched for these books in vain. That they had been part of the Yorke Collection at one moment was certain, because they were included in an old catalogue.²⁰ Further evidence of their previous presence was a letter by the British publisher Derek Verschoyle (1911-1973) to Gerald Yorke (YC, NS 49 [d]). In this letter, dated 7 May 1954, Verschoyle expressed his wish to borrow Pessoa's booklets, perhaps with the idea of considering them for a reissue. In spite of this evidence, by the time Pasi was carrying out his researches at the Warburg Institute the books seemed to have vanished. They were not mentioned either in the card catalogue or in the new digital catalogue of the library of the Institute, and even a thorough inspection of the shelves did not yield any result. Together with Crowley's diary for September 1930, they seemed to be yet another document from the Crowley-Pessoa relationship that had disappeared from the Collection. However, during a recent visit to the Warburg Institute (March 2012) Patricio Ferrari has been finally able to

¹⁶ For instance, in the handwritten version of the letter dated 25 February 1930 Pessoa initially writes "horoscope," then strikes the word and substitutes it with "nativity." In the typewritten version, the correction has already been assimilated into the text and we only find the word "nativity." See the two versions below in Letter III; and Annex 2, Letter III bis.

¹⁷ Since the only testimony of the third letter (dated 29 May 1930) is the typewritten copy in the PMC, it is difficult to tell whether this letter had also been first handwritten.

¹⁸ Pasi mentioned these books, and the fact that they seemed to be missing from the Yorke Collection, in his paper "Nouveaux éléments sur l'affaire Crowley-Pessoa," presented at the conference "Fernando Pessoa, o esoterismo e Aleister Crowley," organized by the Câmara Municipal de Cascais in June 2000.

¹⁹ In his letter Pessoa announces that he is actually sending the books twice in two separate parcels: one to The Mandrake Press, the other personally to Crowley. Only Crowley's copies seem to have survived and are, in all likelihood, the ones presently held in the Yorke Collection.

²⁰ "Catalogue of Books and Pamphlets [...]. All in possession of G.J. Yorke." (YC, NS, 50 [g]). Listed as item no. 22 is Pessoa's 35 *Sonnets*; at no. 38 we find *English Poems I-II*, and *English Poems III*. The catalogue is unfortunately undated but is probably from the early 1950s (the most recent book in the list is from 1949).

locate the books and to have direct access to them. It turns out that the books were found by a librarian of the Warburg Institute on a shelf of the Yorke Collection in 2002, during a process of revision and retroconversion of the catalogue of the Library, in which they were then included.²¹ Apparently, the books had been accessioned by the Institute in 1984, which seems to indicate that they belonged to the last batch of documents from the Collection that reached the Warburg Institute, after Yorke's death in 1983.

The three booklets show no marginalia in Crowley's hand, but one of them has a very interesting note in Yorke's hand.²² It is an excerpt of a letter sent by Crowley to Gerald Hamilton (1890-1970) on 20 January 1936.²³ Yorke's inscription reads thus:

When A[leister] C[rowley] went to Portugal with the Monster [i.e., Hanni Jaeger] in 1932 [sic, but it should be 1930] he stayed with Fernando Pessoa.

A[leister] C[rowley] to Gerald Hamilton 20 Jan[uary] [19]36

"But if you can find Don [sic] Fernando Pessoa you will find him a really good poet. The only man who has ever written Shakespearean Sonnets in the manner of Shakespeare. It is about the most remarkable literary phenomenon in my experience". (see Annex 3)

It should be noted that this excerpt was not previously unknown. It was in fact first quoted in print by the poet and literary critic Edouard Roditi (1910-1992), who has played an important role in introducing Pessoa to readers in the United States.²⁴ Roditi quoted exactly the same passage of the letter by Crowley in an essay on Pessoa published in the *Literary Review* in 1963 (Roditi, 1963: 380).²⁵ Unfortunately, Roditi did not quote his sources, so we do not know how he could have had access to Crowley's letter, which was then still unpublished and unknown, and whose original we have been unable to locate either in the Yorke Collection or elsewhere. We can only speculate that Gerald Yorke had either the original or a copy of the letter in his collection at the time, and that, supposing he was acquainted with Roditi, he showed it or lent it to him when the latter was writing his essay.²⁶

²¹ Information kindly provided by Philip Young, Assistant Librarian at the Warburg Institute, in an email dated 3 April 2012.

²² The note is on the reverse side of the front cover of *35 Sonnets* (Pessoa, 1918).

²³ On Crowley's relationship with Hamilton, see Pasi, 1999: 120-127.

²⁴ On Roditi and Pessoa see Monteiro, 1998: 28-40.

²⁵ The only difference between Roditi's and Yorke's transcription is the word "phenomenon", which Roditi reads (apparently incorrectly) as "phenomena". This seems however too slight a piece of evidence for determining the relationship between Roditi's quotation and Yorke's. It cannot be entirely excluded, in fact, that Yorke transcribed the excerpt not from an original in his possession, but from a reading of Roditi's essay. This possibility appears unlikely only in so far as it leaves open the question of where Roditi could have had access to such a letter by Crowley, if the source was not Yorke's collection.

²⁶ There is some evidence that Yorke, Roditi, and even Crowley himself had at least one acquaintance in common: the heiress, publisher, and political activist Nancy Cunard (1896-1965). The collection of her papers at the Henry Ransom Center, University of Texas (Austin), includes Cunard's correspondence with all three of them. See the inventory available online at:

<http://research.hrc.utexas.edu:8080/hrcxtf/view?docId=ead/00031.xml> (accessed 2 May 2012).

The importance of this excerpt lies in the fact that it confirms Crowley's appreciation of Pessoa's literary gifts. Crowley had of course expressed his appreciation directly to Pessoa when he had acknowledged the reception of the books, but this could be interpreted as little more than a polite gesture towards him after receiving the unexpected present:

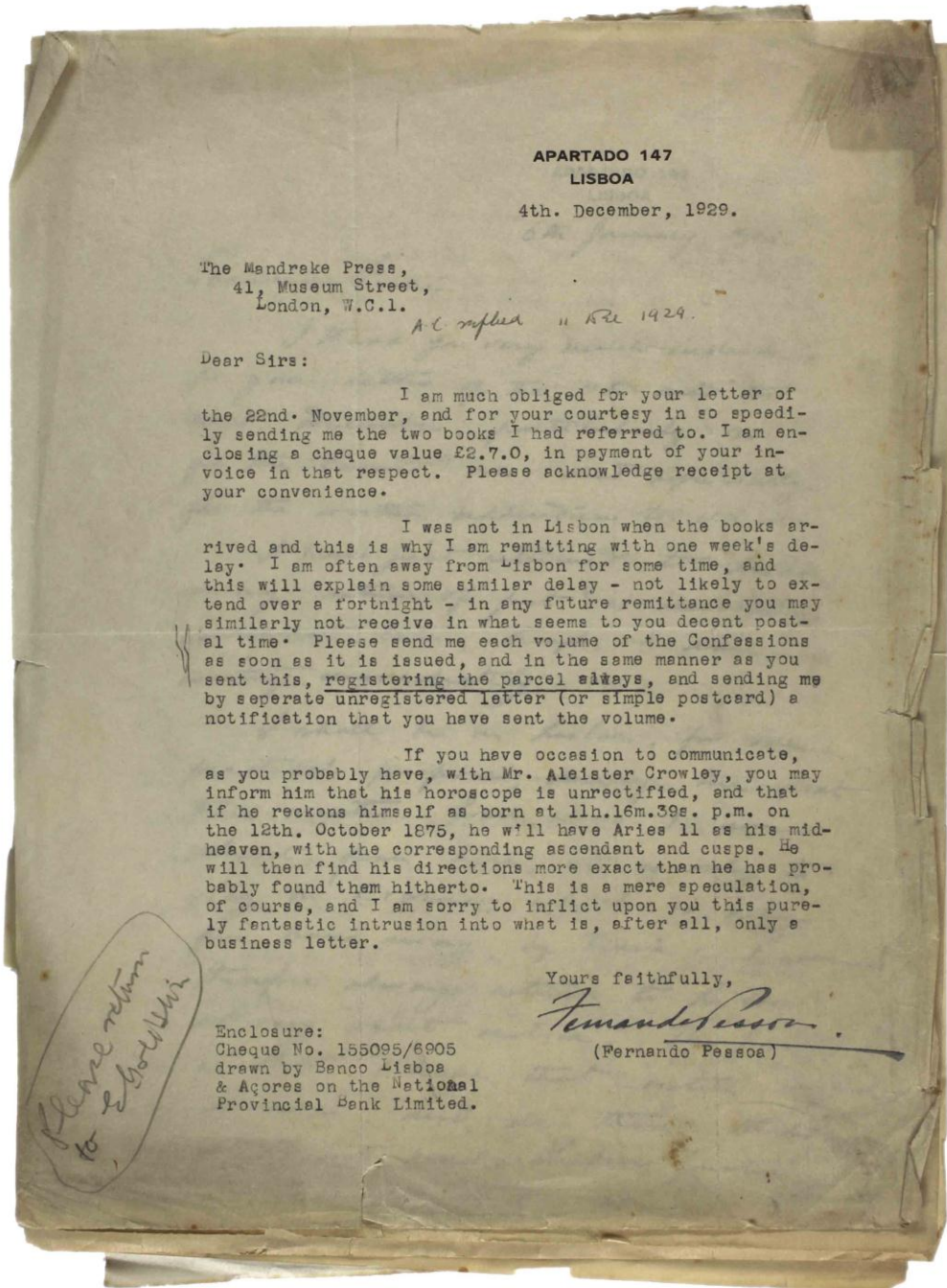
Thank you very much for the three little books. I think they are really very remarkable for excellence. In the Sonnets, or rather Quatorzaines, you seem to have recaptured the original Elizabethan impulse – which is magnificent. I like the other poems, too, very much indeed. (Pasi, 1999: 193)

The fact that Crowley's appreciation of Pessoa's poems was still so intense even several years since his last contact with the Portuguese poet, and that it was mentioned in a letter to a friend who was not acquainted with Pessoa at all, seems to vouchsafe for the sincerity of his judgment.

One final element that can be gathered from the excerpt is rather obvious and not really surprising, but we think it should be mentioned nevertheless. It is the clear fact that Crowley, at least for some time, remained unaware of Pessoa's death, which occurred on 30 November 1935. Only by ignoring this detail could he suggest to Hamilton, almost two months later, to get in contact with his Portuguese friend in case he would pass by Lisbon.

Pessoa's letters in the Gerald Yorke Collection

Letter I. From Fernando Pessoa to The Mandrake Press, dated 4 December 1929.
YC, OS, E21.



APARTADO 147
LISBOA
4th. December, 1929.

The Mandrake Press,
41, Museum Street,
London, W.C.I.

Dear Sirs:

I am much obliged for your letter of the 22nd. November, and for your courtesy in so speedily sending me the two books I had referred to. I am enclosing a cheque value £2.7.0, in payment of your invoice in that respect. Please acknowledge receipt at your convenience.

I was not in Lisbon when the books arrived and this is why I am remitting with one week's delay. I am often away from Lisbon for some time, and this will explain some similar delay – not likely to extend over a fortnight – in any future remittance you may similarly not receive in what seems to you decent postal time. Please send me each volume of the Confessions as soon as it is issued, and in the same manner as you sent this, *registering the parcel always*, and sending me by separate unregistered letter (or simple postcard) a notification that you have sent the volume.

If you have occasion to communicate, as you probably have, with Mr. Aleister Crowley, you may inform him that his horoscope is unrectified, and that if he reckons himself as born at 11h.16m.39s. p.m. on the 12th. October 1875, he will have Aries 11 as his midheaven, with the corresponding ascendant and cusps. He will then find his directions more exact than he has probably found them hitherto. This is a mere speculation, of course, and I am sorry to inflict upon you this purely fantastic intrusion into what is, after all, only a business letter.

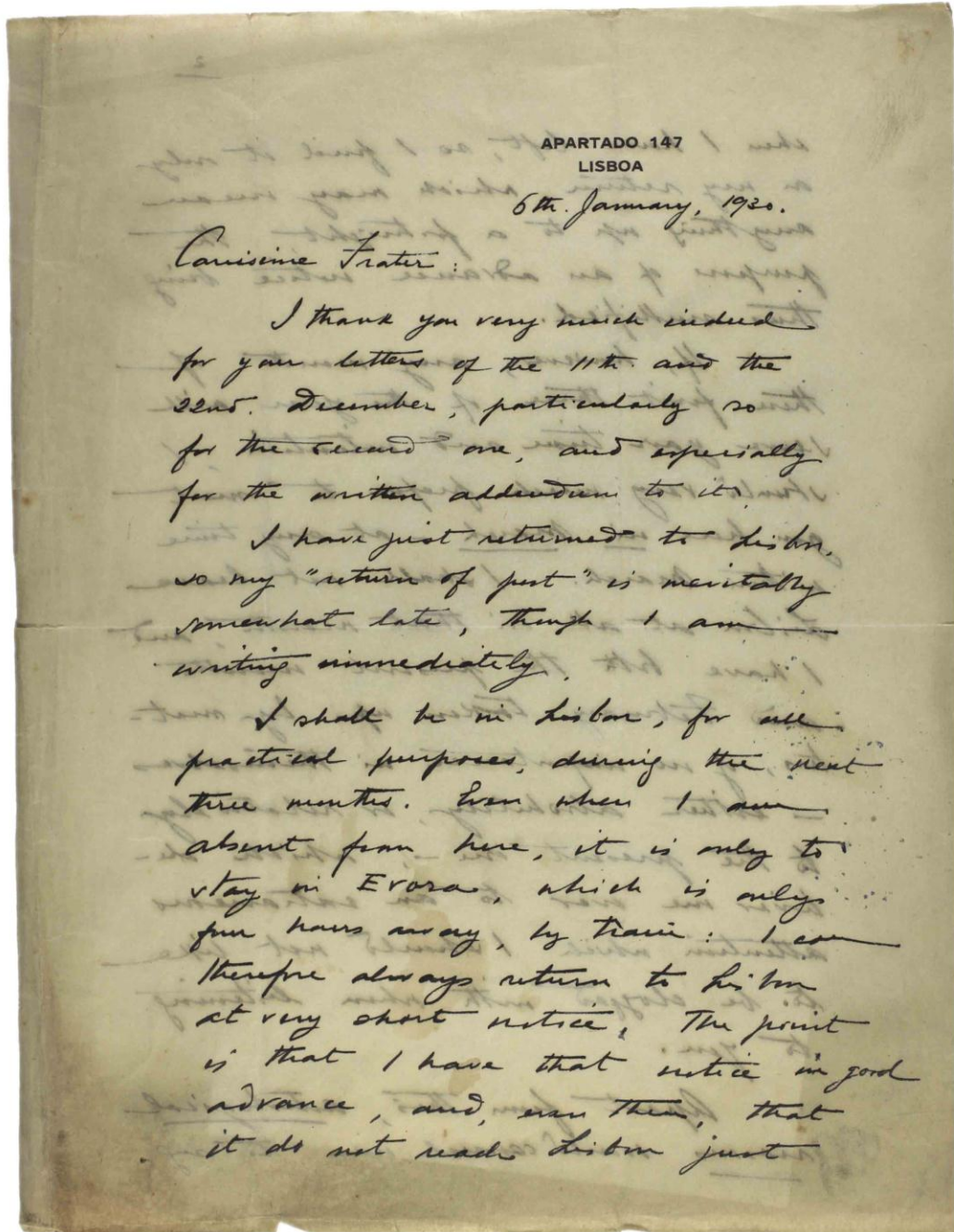
Yours faithfully,
[Signature]
(Fernando Pessoa)

Enclosure:
Cheque No. 155095/6905
drawn by Banco Lisboa
& Açores on the National
Provincial Bank Limited.

Materials

One sheet of thin paper, with letterhead Apartado 147 | Lisboa, typewritten in black ink. The signature is handwritten in black ink. The handwritten note in the upper part of the letter is in Gerald Yorke's hand: "A[leister] C[rowley] replied 11 Dec 1929". The handwritten note in the lower left part of the letter says: "Please return to E[dward] Goldston", and is in Goldston's own hand. Edward Goldston (1892-1953) was one of the two directors and owners of The Mandrake Press, together with Percy Reginald Stephensen (1901-1965). His note must have been written after receiving the letter from Pessoa and before forwarding it to Crowley. Yorke's note, on the other hand, must have been written at the time he got in possession of the document as part of his collection, probably after Crowley's death, and as he was putting the various items in order. The sheet has been folded both horizontally and vertically. The letter was first published by Symonds (1989: 445), and then by Pasi (1999: 192). The facsimile of Pessoa's carbon copy (BNP/E3, 193) was included by Roza in the first edition of his book (Pessoa and Crowley, 2001: 65), and then transcribed in the second (Pessoa and Crowley, 2010: 308-309). On the history of The Mandrake Press, see Munro, 1984.

Letter II. From Fernando Pessoa to Aleister Crowley, dated 6 January 1930. YC, OS, E21.



when I have left, so I find it only
on my return, which may mean
anything up to a fortnight, the
purpose of an advance notice being
thus multiplied.

If, however, any month of
these first three of the year will
serve your time and intention, I
should very much prefer to meet
you here in March - at any time
in this March. I shall not leave
Lisbon at all in that month, and
I have both the present month
and February taken up by mat-
ters, of no importance in themselves
- either absolutely, or relatively
to the present one - which de-
liver me over to an extraneous
attention which I should not like
to be clogged with when listening
to you.

Apart from this, astrological
reasons would counsel me to say.

just March; and it is indeed
 the very lapsing of the direction,
~~which~~ ~~that~~ ~~will~~ makes January and
 February impeding months, that
 will make March a propitious
 one, especially to meet you,
 the underlying solar direction
 (pro. $O * \Psi$) being remarkably
 attuned to the circumstances.

Furthermore, there is a vague
 possibility that I may have
 to go to England in the end
 of February. If so, I would
 inform you in full advance
 and (unless there be some
 reason I cannot foresee for
 the place of meeting to be
 Lisbon) you would be spared the
 trouble of coming to Portugal.

By the middle of February
 I shall be able fully to inform
 you about all this.

4.

I shall, of course, tell no one at all about your visit. Was your warning connected with the receipt by you of a booklet (in French) by Raul Leal? He is a friend of mine (so to speak, for I am altogether apart from any sort of friendship and from every sort of intimacy); I translated to him some pages, here and there, of the first volume of your "Confessions", and he asked me for the address of the publisher, so as to send you ~~his~~ ^{his} book to their postal care. He now tells me, on my return to Lisbon, that he has received a letter from you and is going to write you a long one "on occult matters". With this, of course, I have no connection, or I have no connection with anything. Please do not take this as a reflection of any kind on Leal, whom I

5

nally like and whose ^{splendidly} ~~metaphysical~~ intense
metaphysical ability I appreciate.
This is a mere statement of fact
and, so to speak, a non-juror's note.

I hope to send you in the
course of the present month the
rectified nativity and the di-
rections reckoned from it for
the present time. When away
from Lisbon I had no ephemerides
or data.

I am registering this letter only
that I may be the surer that
it will not be likely to go astray.

Yours fraternally,

Fernando Pessoa

APARTADO 147

LISBOA

6th. January, 1930.

Carissime Frater:

I thank you very much indeed for your letters of the 11th. and the 22nd. December, particularly so for the second one, and especially for the written addendum to it.

I have just returned to Lisbon, so my "return of post" is inevitably somewhat late, though I am writing immediately.

I shall be in Lisbon, for all practical purposes, during the next three months. Even when I am absent from here, it is only to stay in Evora, which is only four hours away, by train: I can therefore always return to Lisbon at very short notice. The point is that I have that notice in good advance,¹ and, even then, that it do not reach Lisbon just [page 2] when I have left, so I find it only on my return, which may mean anything up to a fortnight, the purpose of an advance notice being thus nullified.

If, however, any month of these first three of the year will serve your time and intention, I should very much prefer to meet you here *in March* – at any time within March. I shall not leave Lisbon at all in that month, and I have both the present month and February taken up by matters, of no importance in themselves – either absolutely, or relatively to the present one –, which deliver me over to an extraneous attention which I should not like to be clogged² with when listening to you.

Apart from this, *astrological reasons* would counsel me to sug-[page 3]gest March; and it is indeed the very lapsing of the direction, which makes³ January and February impeding months, that will make March a propitious one, especially to meet you, the underlying solar direction (pro. ☉ [Sun] ✱ [Sextile] ♃ [Neptune])⁴ being remarkably attuned to the circumstance⁵.

Furthermore, there is a vague possibility that I may have to go to England in the end of February. If so, I would inform you in full advance and (unless there be some reason I cannot foresee for the place of meeting to be Lisbon) you would be spared the trouble of coming to Portugal.

By the middle of February I shall be able fully to inform you about all this⁶.

[Page 4]

I shall, of course, tell no one at all about your visit. Was your warning connected with the receipt by you of a booklet (in French) by Raul Leal? He is a friend of mine (so to speak, for I am altogether apart from any sort of friendship and from every sort of intimacy); I translated to him some pages, here and there, of the first volume of your "Confessions", and he asked me for the address of the publisher, so as to send you his⁷ book to their postal care. He now tells me, on my

return to Lisbon, that he has received a letter from you, and is going to write to you a long one “on occult matters”. With this, of course, I have no connection, as I have no connection with anything. Please do not take this as a reflection of any kind on Leal, whom I [page 5] really like and whose splendidly⁸ intense metaphysical ability I appreciate. This is a mere statement of fact and, so to speak, a non-juror’s note.

I hope to send you in the course of the present month the rectified nativity and the directions reckoned from it for the present time. When away from Lisbon I had no ephemerides or data⁹.

I am registering the letter only that I may be the surer that it will not be likely to go astray.

Yours fraternally,
Fernando Pessoa

Materials

Three sheets of thin letterhead paper (only the first) Apartado 147 | Lisboa with watermark Graham’s Bond | Registered handwritten in black ink. The sheets have been folded both horizontally and vertically (twice). Initially published by Symonds (1989: 446-47), and then by Pasi (1999: 194-95). The typewritten copy in the PMC (BNP/E3, 199) has been published by Roza (Pessoa and Crowley, 2010: 312-313).

Genetic Notes

- 1 In the typewritten letter (see Annex 2, letter II bis) Pessoa added good by hand.
- 2 clogged] in Pasi (1999: 194): “dogged”.
- 3 <that which> [↑ which makes]] in the typewritten letter (see Annex 2, letter II bis) Pessoa wrote by hand which over that.
- 4 In the typewritten letter in the BNP collection (see Annex 2, letter II bis) Pessoa added the astrological symbols by hand.
♄] Pessoa (2010: 312), which is based on the typewritten version, erroneously has the symbol of Saturn: “♄”.
- pro. ☉ * ♄] in Pasi (199: 194): “Sun, Sextile, Neptune”.
- 5 circumstance] in Pasi (199: 194): “circumstances”.
- 6 about all this] in Pasi (199: 194): “about this”.
- 7 <that> [↑ his].
- 8 <really> [↑ splendidly]] in the typewritten letter (see Annex 2, letter II bis) Pessoa wrote by hand splendidly over really.
- 9 data] in Pasi (199: 194): “date”.

Letter III. From Fernando Pessoa to Aleister Crowley, dated 25 February 1930. YC, OS, E21.

Apartado 147,
Lisbon, 25th. February 1930.

Caro Frater:

My writing you so late implies only that not till the very verge of yesterday was it certain to me that I would not go to England.

I shall not leave Lisbon - unless for an occasional short voyage to Evora, from which four hours can recall me - until the middle of the year, and even then I may not leave.

If, therefore, you wish to come over, or think it within fate to do so, you have but to give me a slight advance notice and I shall be here to see and hear you.

My astrology is in slight means, but I hope to have your ^{intrinsic} ~~corroborate~~ rectified in no more than a few days.

Yours fraternally,
Fernando Pessoa

Lisbon, 25th. February 1930.

Care Frater:

My writing you so late implies only that not till the very verge of yesterday was it certain to me that I would not go to England.

I shall not leave Lisbon – unless for an occasional short voyage to Evora, from which four hours can recall me – until the middle of the year, and even then I may not leave.

If, therefore, you wish to come over, or think it within Fate to do so, you have but to give me a slight advance notice and I shall be here to see and hear you.

My astrology is in slight arrears, but I hope to have your nativity¹ rectified in no more than a few days.

Yours fraternally,
Fernando Pessoa

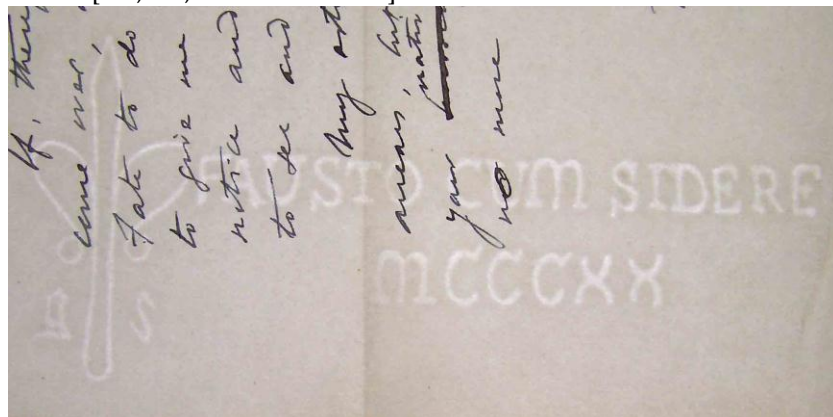
Materials

One sheet of paper with watermark Fausto Cum Sidere | MCCCXX, preceded by a symbol with the initials g. and s.; see Annex below) handwritten in black ink. The sheet has been folded twice horizontally and once vertically in the middle. On the verso, in pencil, we read the following allograph note: 71 Harley st | Wel 404. This letter was first published by Pasi (1999: 195-96). Pessoa's typewritten copy (BNP/E3, 204) has been published by Roza (Pessoa and Crowley, 2010: 315). The motto "Fausto cum sidere" is in all likelihood taken from Catullus's poem LXIV (line 329): "... adveniet fausto cum sidere coniunx" ("soon your wife will come with a happy star").

Genetic Notes

1 <horoscope> [↑ nativity]

Detail of letter III [YC, OS, E21- watermark]



Annex 1. Timeline of the Pessoa-Crowley correspondence

This list offers a chronological overview of the Pessoa-Crowley correspondence, including not only the personal correspondence between the two authors, but also Pessoa's correspondence with other persons related to Crowley, or for the purpose of ordering books by Crowley. All documents that were originally preserved in the Pessoa "Magick" Collection (PMC) are now part of Pessoa's Archive at the Biblioteca Nacional in Lisbon (BNP/E3).

<i>Date</i>	<i>Sender</i>	<i>Receiver</i>	<i>First publication</i>	<i>Location</i>	<i>Notes</i>
6 March 1917	Fernando Pessoa	Frank Hollings	Pessoa, 1996: 147-148	BNP/E3	First order by Pessoa of a book by Crowley.
18 November 1929	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Pessoa and Crowley, 2010: 307	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 58.
22 November 1929	The Mandrake Press	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 308	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 61.
4 December 1929	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Symonds, 1989: 445-46	YC, PMC	Facsimile of PMC copy in Pessoa and Crowley, 2001: 65.
9 December 1929	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Pessoa and Crowley, 2010: 309	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 69.
11 December 1929	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pasi, 1999: 195-96 [earlier in: Pasi, 1994: 328]	YC, PMC	First letter from Crowley to Pessoa. Facsimile of PMC copy in Pessoa and Crowley, 2001: 72.
15 December 1929	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Pessoa and Crowley, 2010: 310-11	PMC	Pessoa announces the expedition of his books of English poems to Crowley. Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 75.
22 December 1929	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pasi, 1999: 193 [earlier in: Pasi, 1994: 328-29]	YC, PMC	Crowley acknowledges the reception of Pessoa's books. The PMC copy has a handwritten addendum in Crowley's hand that is lacking in the carbon copy of the YC. Facsimile of PMC copy in Pessoa and Crowley, 2001: 78.
6 January 1930	Fernando Pessoa	Aleister Crowley	Symonds, 1989: 446-47	YC, PMC	First personal letter from Pessoa to Crowley.
6 January 1930	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Pessoa and Crowley, 2010: 313	PMC	
14 January 1930	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pasi, 1999: 195 [earlier in: Pasi, 1994: 332-33]	PMC	Facsimile in França, 1987: no p. number.
14 January 1930	The Mandrake Press	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 314	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 87.
25 February 1930	Fernando Pessoa	Aleister Crowley	Pasi, 1999: 195-96 [earlier in: Pasi, 1994: 333-34]	YC, PMC	
9 April 1930	Israel Regardie	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 315	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 94.
19 May 1930	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa, 1999b: 410-11	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 97.

29 May 1930	Fernando Pessoa	Aleister Crowley	Catalogue of Assírio & Alvim, 1997; then Pessoa, 1999b: 205-06	PMC	
28 August 1930	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 317	PMC	Telegram. Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 102.
3 September 1930	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 321	PMC	Erroneously dated by Roza as 15 Sept. 1930 (Pessoa and Crowley, 2010: 104). Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 122.
11 September 1930	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 321	PMC	Erroneously dated by Roza as 16 Sept. 1930 (Pessoa and Crowley, 2010: 109). Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 126.
12 September 1930	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Pessoa and Crowley, 2010: 317-19	PMC	
13 September 1930	Fernando Pessoa	Aleister Crowley	Pessoa and Crowley, 2010: 319-20	PMC	
14 September 1930	Hanni Jaeger	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 320	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 117.
17 September 1930	Fernando Pessoa	Aleister Crowley	Pessoa and Crowley, 2010: 322	PMC	
17 September 1930	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 323	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 132.
18 September 1930	The Mandrake Press	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 323-25	PMC	
21 September 1930	Aleister Crowley	Hanni Jaeger	Pessoa and Crowley, 2010: 325	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 145.
25 September 1930	Karl Germer	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 326	PMC	
29 September 1930	Karl Germer	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 329	PMC	Telegram. Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 159.
30 September 1930	Israel Regardie	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 329	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 160.
1 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 330	PMC	Telegram. Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 163.
1 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 332	PMC	
2 October 1930	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Pessoa and Crowley, 2010: 332-33	PMC	
3 October 1930	Karl Germer	Fernando Pessoa		PMC	Telegram. Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 173.
5 October 1930	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 333-34	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 175.
7 October 1930	The Mandrake Press	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 334-35	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 192-93.

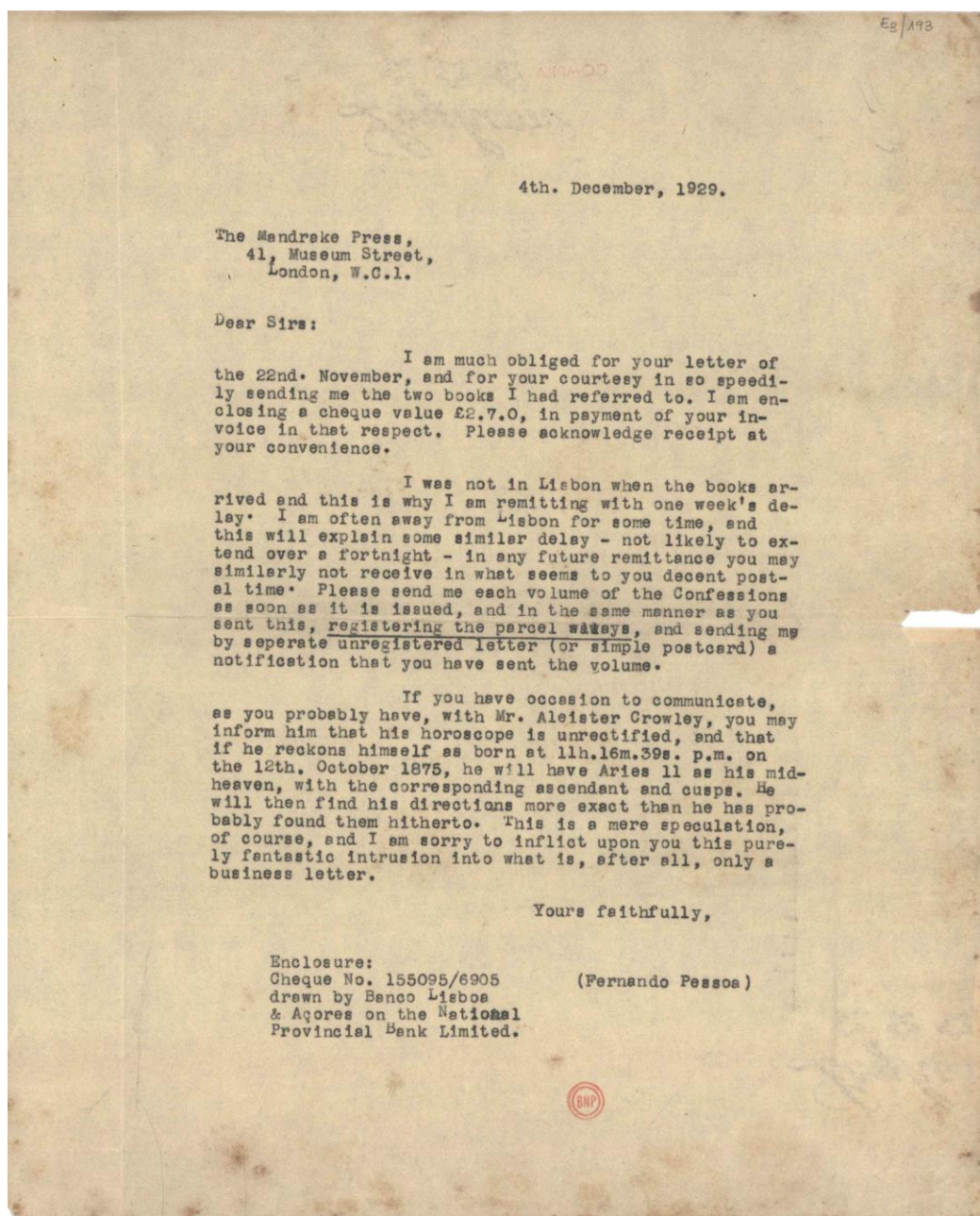
7 October 1930	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Pessoa and Crowley, 2010: 335	PMC	
7 October 1930	Fernando Pessoa	Israel Regardie	Pessoa and Crowley, 2010: 336	PMC	
8 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 337-38	PMC	
11 October 1930	The Mandrake Press	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 339	PMC	
12 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 339-344	PMC	
13 October 1930	Fernando Pessoa	The Mandrake Press	Pessoa and Crowley, 2010: 352-53	PMC	
13 October 1930	Fernando Pessoa	Israel Regardie	Pessoa and Crowley, 2010: 353	PMC	
13 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 353-54	PMC	
13 October 1930	Karl Germer	Fernando Pessoa		PMC	Telegram. Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 242.
14 October 1930	Hanni Jaeger	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 354-55	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 254.
17 October 1930	Israel Regardie	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 355	PMC	
18 October 1930	The Mandrake Press	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 356	PMC	
20 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 356-360	PMC	
21 October 1930	Israel Regardie	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 361	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 284.
22 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 361-62	PMC	
24 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 362-63	PMC	
24 October 1930	Karl Germer	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 363-64	PMC	
26 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 364-65	PMC	
27 October 1930	Israel Regardie	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 365-66	PMC	
30 October 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 366	PMC	
30 October 1930	Fernando Pessoa	Israel Regardie	Pessoa and Crowley, 2010: 366-68	PMC	
30 October 1930	Hanni Jaeger	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 368-69	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 321.
18 November 1930	Israel Regardie	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 369	PMC	
18 November 1930	Karl Germer	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 370	PMC	
3 December 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 370-74	PMC	Facsimile of one page in Pessoa and Crowley, 2001: 341.
3 December 1930	Fernando Pessoa	Karl Germer	Pessoa and Crowley, 2010: 375-77	PMC	
3 December 1930	Fernando Pessoa	Israel Regardie	Pessoa and Crowley, 2010: 377	PMC	

14 December 1930	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 378	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 353-54.
1 February 1931	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 379	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 357.
10 February 1931	Fernando Pessoa	Aleister Crowley	Catalogue of Assírio & Alvim, 1997; then Pessoa, 1999b: 232- 33	PMC	
13 February 1931	Fernando Pessoa	Aleister Crowley	Pessoa and Crowley, 2010: 380-81	PMC	
22 February 1931	Aleister Crowley and Hanni Jaeger	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 381-82	PMC	Erroneously dated by Roza as 25 Febr. 1931 (Pessoa and Crowley, 2010: 284). Facsimile in Pessoa 2001: 372-373.
18 September 1931	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 382	PMC	Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 376-77.
18 September 1931	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 383	PMC	Postcard. Probably sent together with the letter dated 18 September 1931. Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 379.
5 October 1931	Fernando Pessoa	Aleister Crowley	Pessoa and Crowley, 2010: 383-84	PMC	Last letter from Pessoa to Crowley.
29 November 1931	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 384	PMC	Last personal letter from Crowley to Pessoa. Facsimile in Pessoa and Crowley, 2001: 384-85.
21 March 1932	Aleister Crowley	Fernando Pessoa	Pessoa and Crowley, 2010: 385	PMC	A.: A.: circular and last document. Facsimile in Pessoa 2001: 390.

Annex 2. Copies of Fernando Pessoa's letters in the Archive

The original text of the PMC copies of these three letters has been first published by Miguel Roza (see timeline in Annex 1), but their facsimile has never been published before and is here presented for the first time.

Letter I bis. Pessoa's carbon copy of his letter to The Mandrake Press, dated 4 December 1929. BNP/E3, 193.



Letter II bis. Pessoa's typewritten version of his letter to Crowley, dated 6 January 1930. BNP/E3, 199.

53/199

489MOD

Apertado 147, Lisbon/ 8th. January, 1930.

Carissime Preter:

I thank you very much indeed for your letters of the 11th. and the 22nd. December, particularly so for the second one, and especially for the written addendum to it.

I have just returned to Lisbon, so my "return of post" is inevitably somewhat late, though I am writing immediately.

I shall be in Lisbon, for all practical purposes, during the next three months. Even when I am absent from here, it is only to stay in Avora, which is only four hours away, by train: I can therefore always return to Lisbon at a very short notice. The point is that I have that notice in advance, and, even then, that it do not reach Lisbon just when I have left, so I find it only on my return, which may mean anything up to a fortnight, the purpose of advance notice being thus nullified.

If, however, any month of these first three of the year will serve your time and intention, I should very much prefer to meet you here in March - at any time within March. I shall not leave Lisbon at all in that month, and I have both the present month and February taken up by matters, of no importance in themselves - either absolutely, or relatively to the present one -, which deliver me over to an extraneous attention which I should not like to be clogged with when listening to you.

Apart from this, astrological reasons would counsel me to suggest March; and it is indeed the very lapsing of the direction, ~~which~~ makes January and February impending months, that will make March a propitious one, especially to meet you, the underlying solar direction (pro. $\odot * \varphi$) being remarkably attuned to the circumstance.

Furthermore, there is a vague possibility that I may have to go to England in the end of February. If so, I would inform you in full advance and (unless there be some reason I cannot foresee for the place of meeting to be Lisbon) you would be spared the trouble of coming to Portugal.

By the middle of February I shall be able fully to inform you about all this.

I shall, of course, tell no one at all about your visit. Was your warning connected with the receipt by you of a booklet (in French) by Raul Leal? He is a friend of mine (so to speak, for I am altogether apart from any sort of friendship and from every sort of intimacy); I translated to him some pages, here and there, of the first volume of your "Confessions", and he asked me for the address of the publisher, so as to send you his book to their postal care. He now tells me, on my return to Lisbon, that he has received a letter from you and is

(BNP)

(2)

E3/199

going to write you a long one "on occult matters". With this, of course, I have no connection, as I have no connection with anything. Please do not take this as a reflection of any kind on Leal, whom I really like and whose ~~intense~~ intense metaphysical ability I appreciate. This is a mere statement of fact and, so to speak, a non-juror's note.

I hope to send you in the course of the present month the rectified nativity and the directions reckoned from it for the present time. When away from Lisbon I had no ephemerides or data.

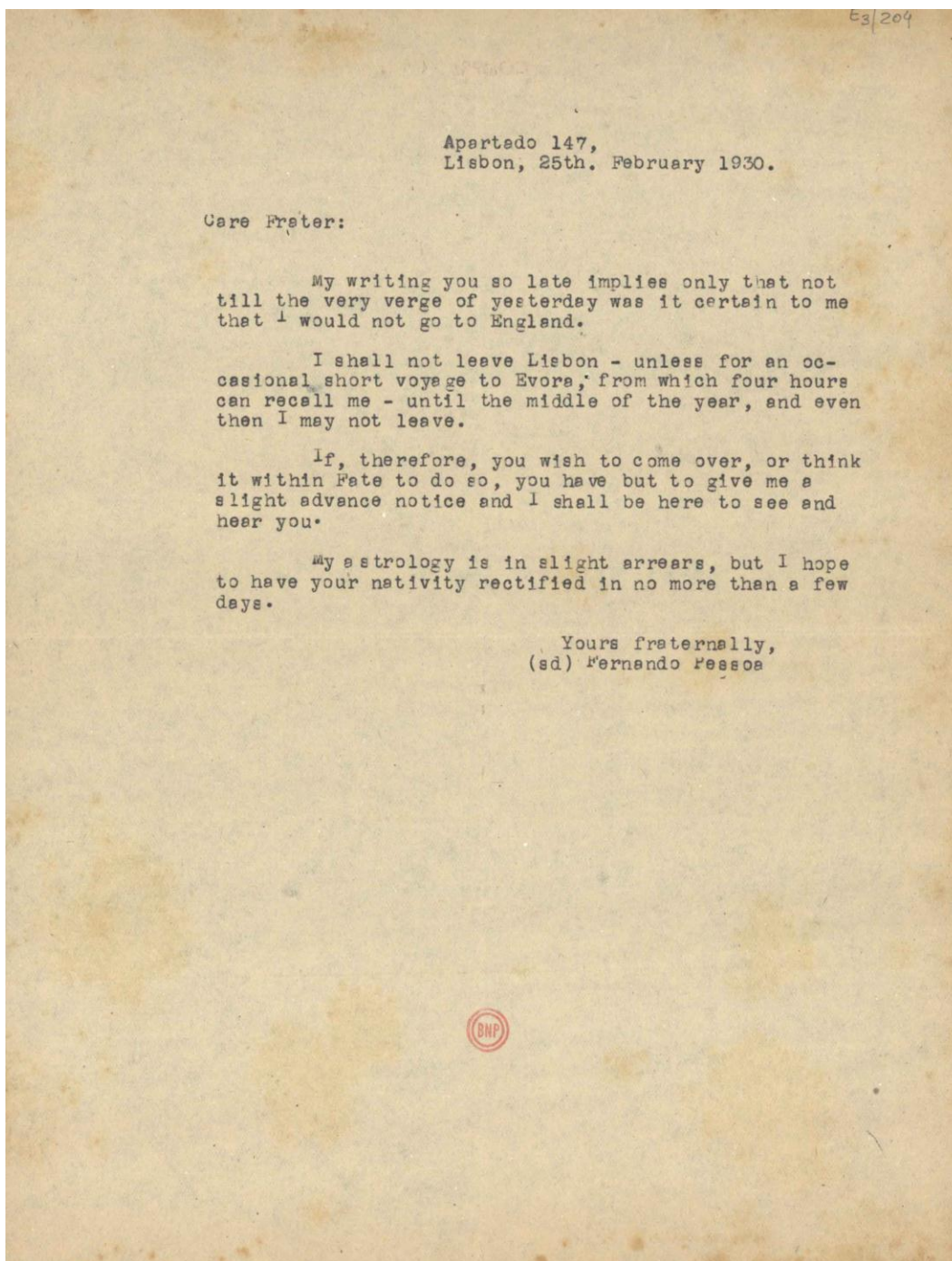
I am registering this letter only that I may be the surer that it will not be likely to go astray.

Yours fraternally,

(ed) Fernando Pessoa.

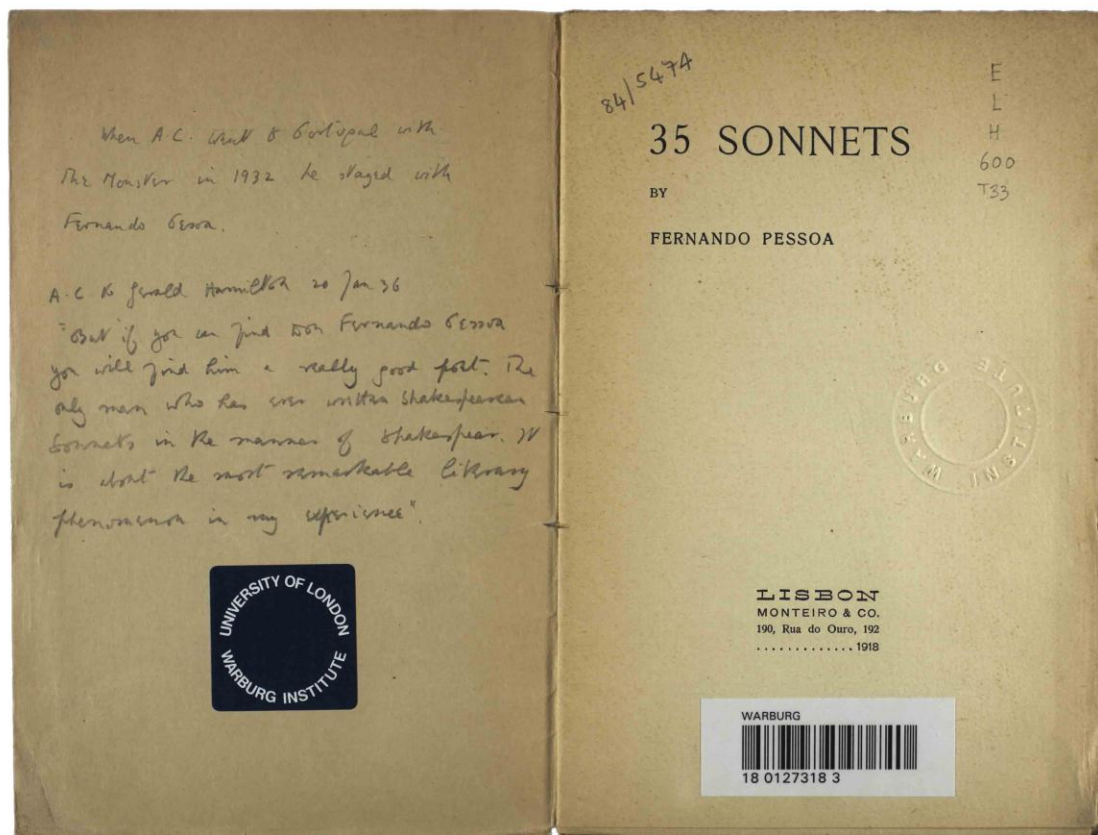


Letter III bis. Pessoa's typewritten version of his letter to Crowley, dated 25 February 1930. BNP/E3, 204.



Annex 3. Yorke's Annotation in Crowley's Copy of Pessoa's *35 Sonnets* (YC, ELH 600.T33)

In the copy of *35 Sonnets* that Pessoa sent to Crowley in December 1929, Gerald Yorke transcribed an extract of a letter from Crowley to Gerald Hamilton, dated 20 January 1936. The annotation is on the reverse side of the front cover.



Bibliography

I. Fernando Pessoa's Books in the Yorke Collection, Warburg Institute, London

Pessoa, Fernando (1918). *35 Sonnets*. Lisbon: Ed. Monteiro & Co. (YC, ELH 600.T33).

____ (1921a). *English Poems I-II*. Lisbon: Olisipo. (YC, ELH 600).

____ (1921b). *English Poems III*. Lisbon: Olisipo. (YC, ELH 600).

II. Fernando Pessoa's Private Library, Casa Fernando Pessoa, Lisbon

[Crowley, Aleister] (1909). *777 Vel Prolegomena Symbolica ad Systemam Sceptico-Mysticae Viae Explicandae, Fundamentum Hieroglyphicum Sanctissimorum Scientiae Summae*, London and Felling-on-Tyne: The Walter Scott Publishing Co. (CFP, 2-1)

____ (1929). *The Confessions of Aleister Crowley. The Spirit of Solitude. An Autohagiography subsequently Re-Antichristened*. London: The Mandrake Press. 2 vols. (CFP, 8-131).

III. Other

Belém, Victor (1995). *O Mistério da Boca-do-Inferno. O encontro entre o Poeta Fernando Pessoa e o Mago Aleister Crowley*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa.

Dix, Steffen (2009). "Um encontro impossível e um sucídio possível: Fernando Pessoa e Aleister Crowley", in: J. Pizarro, org., *Fernando Pessoa: O Guardador de Papéis*. Alfragide: Texto Editores, pp. 39-81.

França, Isabel Murteira (1987). *Fernando Pessoa na Intimidade*. Lisboa: Editorial Presença.

Monteiro, George (1998). *The Presence of Pessoa. English, American, and Southern African Literary Responses*. Lexington: The University Press of Kentucky.

Munro, Craig (1984). *Wild Man of Letters. The Story of P. R. Stephensen*. Carlton: Melbourne University Press.

Pasi, Marco (2006). *Aleister Crowley und die Versuchung der Politik*. Graz: Stocker Verlag.

____ (2001). "The Influence of Aleister Crowley on Fernando Pessoa's Esoteric Writings", in: Richard Caron, Joscelyn Godwin, Wouter J. Hanegraaff, et Jean-Louis Vieillard-Baron (eds.), *Esotérisme, gnosés & imaginaire symbolique. Mélanges offerts à Antoine Faivre*. Peeters: Louvain, pp. 693-711.

____ (1999). *Aleister Crowley e la Tentazione della Politica*. Milano: FrancoAngeli.

____ (1994). "Aleister Crowley. Tra trasgressione e tentazione politica". Laurea dissertation, Facoltà di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Milano.

Pessoa, Fernando (2011). *Cartas Astrológicas*. Edição de Paulo Cardoso com a colaboração de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Bertrand Editora.

____ (1999a). *Correspondência. 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

____ (1999b). *Correspondência. 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

____ (1996). *Correspondência Inédita*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte.

Pessoa, Fernando, and Aleister Crowley (2010). *Encontro Magick, seguido de A Boca do Inferno (novela policiária)*. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Assírio & Alvim.

____ (2001). *Encontro "Magick" de Fernando Pessoa e Aleister Crowley*. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Hugin Editores.

- Roditi, Edouard (1963). "Fernando Pessoa, Outsider Among English Poets", *The Literary Review*, 6:3 (Spring), pp. 372-85.
- Symonds, John (1951). *The Great Beast. The Life of Aleister Crowley*. London: Rider and Company.
- ____ (1971). *The Great Beast. The Life and Magick of Aleister Crowley*. London: Macdonald.
- ____ (1989). *The King of the Shadow Realm. Aleister Crowley: His Life and Magic*. London: Duckworth.
- P4 Live Auctions (2008). *The Fernando Pessoa Auction. Handwritten and Typewritten Manuscripts, Books, Art and Literary Magazines, Photographs and other Personal Items from His Estate*. Lisbon: P4 Live Auctions.

Rebelo de Bettencourt e Fernando Pessoa:

Dois poemas publicados no *Diário dos Açores*

Vasco Rosa*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Rebelo de Bettencourt, poesia, *Diário dos Açores*, Névoa, Minuete invisível

Resumo

Este texto apresenta o poema “Névoa” de Fernando Pessoa, publicado pela primeira vez no *Diário dos Açores*.

Keywords

Fernando Pessoa, Rebelo de Bettencourt, poetry, *Diário dos Açores*, Névoa, Minuete invisível

Abstract

This text presents the poem “Névoa” by Fernando Pessoa, published for the first time in the *Diário dos Açores*.

* Editor e investigador independente.

Jornalista açoriano (1894-1969), Rebello de Bettencourt participou no *Portugal Futurista* escrevendo sobre o seu amigo Santa-Rita Pintor; e na revista-magazine *Lisboa Galante*, de que foi redactor-principal, defendendo, contra Sousa Lopes, que os pintores modernistas fossem representados no Museu de Arte Contemporânea de Lisboa; isto em 1929, oito anos depois da célebre polémica dos Novos, sobre a apresentação destes na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Do convívio lisboeta dessas vanguardas, na companhia presumível do seu conterrâneo Armando Cortês-Rodrigues, Rebello haveria de dar testemunho no livro *O Mundo das Imagens: Crónicas*, saído pela editora Ressurgimento em Maio de 1928, onde se refere a Almada Negreiros (páginas que merecem ser lidas) e a outros, entre os quais, como não podia deixar de ser, Fernando Pessoa (pp. 75-78).

Na sua *Pessoana – Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática*, José Blanco (2008: 131) identifica esta publicação, mas a sua sonda (6214 entradas, 924 páginas) não alcançou a página “Letras” do *Diário dos Açores* de 17 de Julho de 1930, onde Rebello Bettencourt replicou o seu texto, juntando-lhe dois poemas de Fernando Pessoa, um dos quais, “Névoa”, nunca recuperado. Agradeço a Jerónimo Pizarro a bondade de os dar também aqui.¹

Bibliografia

Blanco, José (2008). *Pessoana – Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Cabral Martins, Fernando (2010), “Bettencourt, Rebello de (1894-1969)”, in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins, coordenação. Lisboa: Caminho, 2010, p. 86.

¹ Rebello de Bettencourt também publicara, em 1920, pela Livraria Editora Andrade, de Angra do Heroísmo, *Os Novos Escritores – Ensaio de Crítica Nacionalista sobre a Arte e as Ideias da Nova Geração*. Fernando Cabral Martins (2010: 86) não se lhe refere no seu verbete sobre o açoriano no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*.

Fernando Pessoa

É uma obra fragmentaria a obra de Fernando Pessoa, uma obra dispersa, mas que, pelo poder da sua originalidade, pela vida intensa da sua emoção, existe e permanece inconfundível e viva.

Santa Rita Pintôr tinha a faculdade de ver as coisas d'outra maneira, exatamente como elas deveriam ser; José d'Almada Negreiros tem o poder de transformar o impossível numa realidade palpável, mas Fernando Pessoa tem o dom de pensar, de reduzir a ideias todas as suas sensações. As suas imagens são ainda pensamentos, e o proprio ritmo dos seus versos é também uma serie de ideias—ideias postas em musica.

É por isso que se nem todos entendem inteiramente o pensamento intimo dos seus poemas, ninguém se pode forçar á afável sedução das suas rimas.

É preciso lê-lo com intelligencia e com sensibilidade—porque os seus versos não são como os versos de muitos outros poetas.

Quasi todos os poetas fazem-nos sentir as suas emoções e só elas, e o nosso coração, alheando-se de si mesmo—só estremece com o sentimento alheio. Fernando Pessoa, pelo contrario, faz-nos acordar ao mesmo tempo um novo mundo de imagens, que não são dele somente, mas são nossas também.

É tão complexa ou tão completa a sua personalidade—que teve que se desdobrar em Alvaro de Campos, nesse extraordinario engenheiro Alvaro de Campos, que ficou existindo só porque ele o imaginou.

Santa Rita Pintôr admirava-o como um dos mais interessantes espiritos da sua geração, como a melhor e mais forte intelligencia da nova literatura. E Santa Rita não se enganava, como não se enganou nunca nas suas apreciações, porque as fazia sempre mais com a intelligencia do que com a sensibilidade—embora nele a sensibilidade fosse uma intelligencia também.

Esparsa e fragmentaria é a sua obra quasi esquecida

no Orfeu, no Portugal Futurista, no Centauro e na Atena, mas o seu espirito original e creador, a subtiliza do seu pensamento, não hão de morrer tam cedo, antes estarão sempre, como amparo e guia, ao lado de todos quantos, sentindo na sua intelligencia a necessidade quasi fisica de ser uma outra coisa, mais completa e perfeita, nela hão de sentir o precursor dum grande movimento e a origem duma nova vida.

Fernando Pessoa sentiu também a exigente necessidade de se crear um novo homem, com um novo cerebro, vivendo e agindo num mundo novo. A velhice do mundo apavorava-o—era absolutamente necessario que uma nova juventude viesse renovar a Europa envelhecida. E Fernando Pessoa, ou melhor, o Alvaro de Campos, exclamava:

«A Europa está farta de não existir ainda! Está farta de ser apenas o arrabalde da si propria!»

Nela ardia pois o desejo firme de se descobrir um novo mundo, porque o que existia, era, quando muito, estrume e só estrume para o futuro.

Que faz Fernando Pessoa? Não sei. Mas quero crer que ele não precisa fazer mais nada, porque a sua obra já está feita—e se esta d'alguuma coisa carece é de ser compreendida e depois da comprehendida, continuada.

É digna de ser comprehendida e continuada a sua obra porque um lirismo indito nela palpita, um lirismo feito de sentimento português e de intelligencia europeia.

A nossa literatura definhasse no limite estricto das nossas fronteiras, e não comove o mundo, exatamente porque lhe falta um sentido europeu, que, se o tivesse, lhe daria um caracter internacional, embora fosse, ao mesmo tempo, enraizadamente nacionalista.

É a obra dum português europeu a obra lirica de Fernando Pessoa.

Rebello de Bettencourt

(Do Livro: O mundo das Imagens)

Versos de Fernando Pessoa

Minuete invisível

*Elas são vaporosas,
Palidas sombras, as rosas
Nadas da hora lunar...*

*Vêm, aéreas, dançar
Como perfumes soltos
Entre os canteiros e os buxos...
Chora no som dos repuxos
O ritmo que há nos seus vultos...*

*Passam e agitam a brisa...
Pálida, a pompa indecisa
Da sua flêbil demora
Pára em auréola a hora...*

*Passam nos ritmos da sombra...
Ora é uma folha que tomba,
Ora uma brisa que treme
Sua leveza solene...*

*E assim vão tudo, delirando
Seu perfil único e lindo,
Seu vulto feito de todas,
Nas alamedas, em rodas
No jardim livido e frio...*

*Passam sósinhas, a fio,
Como um fumo bido, a rarear,
Pelo ar longínquo e vazio,
Sob o disperso pelo ar,
Pálido palio lunar...*

Névoa

*A névoa envolve a montanha,
Húmido, um frio desce,
O que é esta máguia estranha
Que o coração me prendeu?*

*Parece ser a tristeza
De alguém de quem sou actor,
Com fantasiada viveza
Torna-la lá minha dor.*

*Mas, não sei porquê, me doi
Qual se fora eu a ilusão;
E há névoa em tudo o que foi
É frio em meu coração.*

Anexo: *Diário dos Açores*, 17 de Julho de 1930.

Nota: Foi transcrito actualizando a ortografia. “Pessoa” está com acento circunflexo na publicação impressa.

Fernando Pessoa

É uma obra fragmentária a obra de Fernando Pessoa, uma obra dispersa, mas que, pelo poder da sua originalidade, pela vida intensa da sua emoção, existe e permanece inconfundível e viva.

Santa-Rita Pintor [-1919] tinha a faculdade de ver as coisas doutra maneira, exactamente como elas deveriam ser; José de Almada Negreiros tem o poder de transformar o impossível numa realidade palpável, mas Fernando Pessoa tem o dom de pensar, de reduzir a ideias todas as suas sensações. As suas imagens são ainda pensamentos, e o próprio ritmo dos seus versos é também uma série de ideias – ideias postas em música.

E é por isso que se nem todos entendem inteiramente o pensamento íntimo dos seus poemas, ninguém se pode furtar à afável sedução das suas rimas.

E é preciso lê-lo com inteligência e com sensibilidade – porque os seus versos não são como os versos de muitos outros poetas.

Quase todos os poetas fazem-nos sentir as suas emoções e só elas, e o nosso coração, alheando-se de si mesmo – só estremece com o sentimento alheio. Fernando Pessoa, pelo contrário, faz-nos acordar ao mesmo tempo um novo mundo de imagens, que não são dele somente, mas são nossas também.

E é tão complexa ou tão completa a sua personalidade – que teve que se desdobrar em Álvaro de Campos, nesse extraordinário engenheiro Álvaro de Campos, que ficou existindo só porque ele o imaginou.

Santa-Rita Pintor admirava-o como um dos mais interessantes espíritos da sua geração, como a melhor e mais forte inteligência da nova literatura. E Santa-Rita não se enganava, como não se enganou nunca nas suas apreciações, porque as fazia sempre mais com a inteligência do que com a sensibilidade – embora nele a sensibilidade fosse uma inteligência também.

Esparsa e fragmentária é a sua obra, quase esquecida no *Orpheu*, no Portugal Futurista, no *Centauro* e na *Athena*, mas o seu espírito original e criador, a subtilidade do seu pensamento, não hão-de morrer tão cedo, antes estarão sempre, como amparo e guia, ao lado de todos quantos, sentindo na sua inteligência a necessidade quase física de ser uma outra coisa, mais completa e perfeita, nele hão-de sentir o precursor dum grande movimento e a origem duma nova vida.

Fernando Pessoa sentiu também a exigente necessidade de se criar um novo homem, com um novo cérebro, vivendo e agindo num mundo novo. A velhice do mundo apavorava-o – e era absolutamente necessário que uma nova juventude

viesses renovar a Europa envelhecida. E Fernando Pessoa, ou melhor, o Álvaro de Campos exclamava: “A Europa está farta de não existir ainda! Está farta de ser apenas o arrabalde de si própria!”

Nele ardia pois o desejo firme de se descobrir um novo mundo, porque o que existia era, quando muito, estrume e só estrume para o futuro.

Que faz Fernando Pessoa? Não sei. Mas quero crer que ele não precisa fazer mais nada, porque a sua obra já está feita – e se esta de alguma coisa carece é de ser compreendida e depois de compreendida, continuada.

E é digna de ser compreendida e continuada a sua obra – porque um lirismo inédito nela palpita, um lirismo feito de sentimento português e de inteligência europeia.

A nossa literatura definha-se no limite estreito das nossas fronteiras, e não commove o mundo, exactamente porque lhe falta um sentido europeu, que, se o tivesse, lhe daria um carácter internacional, embora fosse ao mesmo tempo enraizadamente nacionalista.

E é a obra dum português europeu a obra lírica de Fernando Pessoa.

Minuete invisível

Elas são vaporosas,
Pálidas sombras, as rosas
Nadas da hora lunar...

Vêm, aéreas, dançar
Como perfumes soltos
Entre os canteiros e os buxos...
Chora no som dos repuxos
O ritmo que há nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...
Pálida, a pompa indecisa
Da sua fébil demora
Paira em auréola a hora...

Passam nos ritmos da sombra...
Ora é uma folha que tomba,
Ora uma brisa que treme
Sua leveza solene...

E assim vão indo, delindo
Seu perfil único e lindo,
Seu de todas,
Nas alamedas, em rodas
No jardim lúcido e frio...

Passam sozinhas, a fio,
Como um fumo indo, a rarear,
Pelo ar longínquo e vazio,
Sob o disperso pelo ar,
Pálido pálio lunar...

Névoa

A névoa envolve a montanha,
Húmido, um frio desceu.
O que é esta mágoa estranha
Que o coração me prendeu?

Parece ser a tristeza
De alguém de quem sou actor,
Com fantasiada viveza
Tornada já minha dor.

Mas, não sei porquê, me dói
Qual se fora eu a ilusão;
E há névoa em tudo o que foi
E frio em meu coração.

Sobre a primeira gazetilha de Álvaro de Campos

Jerónimo Pizarro^{*}

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, poesia, Diário Sol, Gazetilha, Anti-Gazetilha, Poemas para Lili

Resumo

Este texto esclarece quando o poema “Gazetilha”, atribuído por Fernando Pessoa ao seu heterónimo Álvaro de Campos, foi publicado pela primeira vez, e refere-se ao poema “Anti-Gazetilha”, assinado por Fernando Pessoa, que foi publicado pelo mesmo diário, o *Sol*, três dias mais tarde na mesma secção literária.

Keywords

Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, poetry, *Sol* daily newspaper, Gazetilha, Anti-Gazetilha, Poems for Lili

Abstract

This text clarifies when the poem “Gazetilha” attributed, by Fernando Pessoa to his heteronym Álvaro de Campos, was published for the first time, and makes reference to the poem “Anti-Gazetilha”, signed by Fernando Pessoa, that was published by the same daily newspaper, the *Sol*, three days later in the same literary section.

^{*} Universidad de los Andes

Todos os editores do poema “Gazetilha”, atribuído a Álvaro de Campos, tal como todas as bibliografias especializadas – nomeadamente, *Fontes Impressas da Obra de Fernando Pessoa* (1968), *Esboço de uma Bibliografia* (1983), e *Fotobibliografia* (1988) –, indicam que o poema “Gazetilha” foi publicado pela primeira vez na revista *presença*, n.º 18, em Janeiro de 1929. José Galvão lembra que a capa desse número da revista coimbrã tinha “um desenho verdadeiramente típico [...] quatro beberões dispostos da seguinte forma: dois, à mesa, já abstractos, dando, pelo jogo fisionómico, a impressão do soluçar característico dos etilizados; outro em pé, a tocar num violino, e finalmente o outro, já no terceiro grau do sono, sobre a cama” (1968: 67-68). Logo a seguir, depois do desenho de Júlio (leia-se Julio Maria dos Reis Pereira), ainda na capa da revista, vinha o poema de Campos. Mas foi essa a primeira publicação do poema, “cuja data de produção não se conhece”, segundo anota Cleonice Berardinelli na edição crítica (Pessoa, 1990: 23; 1992: 12)? Hoje podemos corrigir essa informação e indicar que o poema foi publicado inicialmente no jornal diário *Sol* de 10 de Novembro de 1926, que tinha uma secção intitulada “Gazetilha” – e daí o título “Gazetilha”, ou “Gazetilha Futurista” no dactiloscrito BNP/E3, 70-42^r – onde eram publicados pequenos poemas de vários autores, incluindo um de Fernando Pessoa, intitulado “Anti-Gazetilha” e publicado pela primeira vez no *Sol* a 13 de Novembro de 1926, isto é, três dias depois do poema assinado por Álvaro de Campos. Isto quer dizer que talvez o poema de Campos tenha sido publicado no *Sol* e republicado na *presença* sem o título certo – “Gazetilha Futurista” –, que este poema talvez seja datável de 1926 e que o poema contemporâneo de Pessoa, “Anti-Gazetilha”, deve ou pode ler-se como um poema que também dialoga com o título dessa secção literária do *Sol*.

Dito isto, só resta reproduzir os dois poemas – o de Campos e o de Pessoa –, acompanhados de outros documentos, e deixar alguns avisos prévios à navegação: (1) no poema de Campos publicado no diário *Sol* faltam letras na apresentação do poema, na margem direita, mas é por deficiência de impressão do jornal; (2) no dactiloscrito BNP/E3, 70-42^r o nome de Campos aparece riscado, mas não foi Pessoa quem riscou esse nome, mas o responsável de enviar à tipografia da editora Ática, nos anos 40, o original do poema, com uma série de indicações que hoje se podem considerar “invasivas”; (3) tal como se lê na *Fotobibliografia*, o poema de Pessoa foi mais tarde incluído no volume *Quadras ao Gosto Popular* (1965), editado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, “numa espécie de apêndice e numa sequência de três poemas designada por ‘Poemas para Lili’” (Sousa, 1988: 145; cf. Pessoa, 1965, p. 14: Lili era “uma boneca que os pais tinham trazido da África para a sua filha [Manuela Nogueira]”).¹ Como explicar que a “Anti-

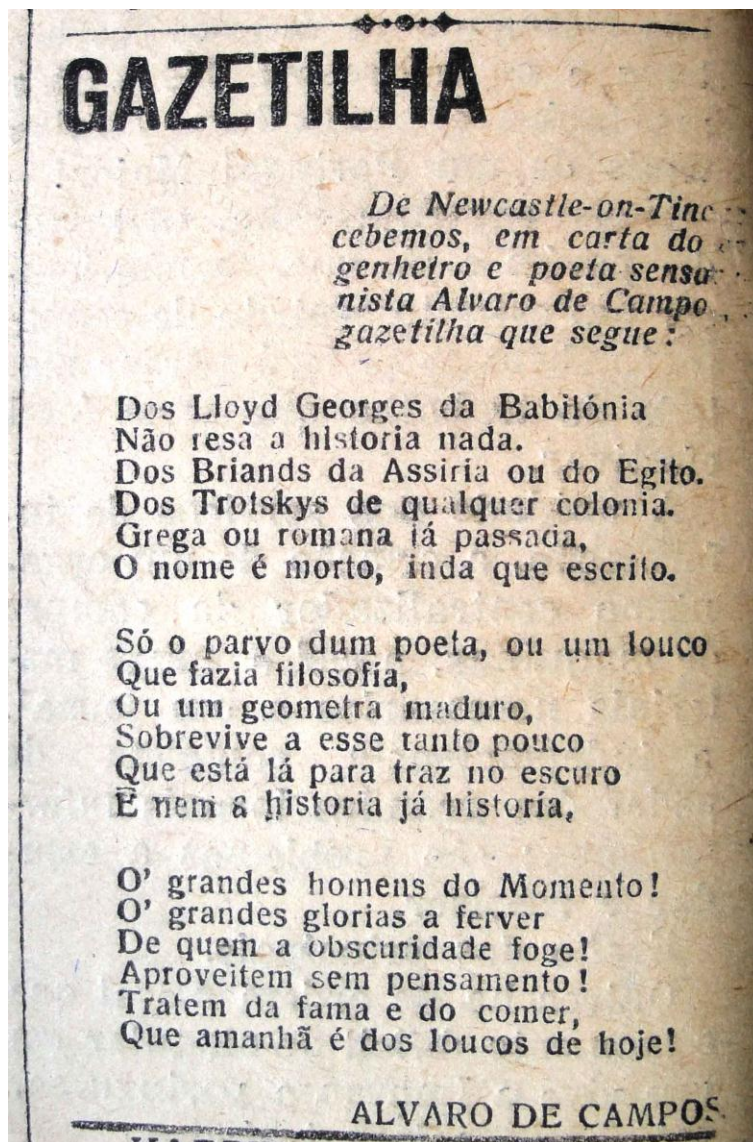
¹ Veja-se também este testemunho: “Lili era uma linda boneca com rosto de porcelana que a irmã Teca sempre conservou trazendo-a da África do Sul para Portugal. Mais tarde pertenceu a sua filha Manuela (Mimi)” (Nogueira, 1998: 29, n. 1). Parece-me plausível que “Lili” tivesse sido nome de boneca e, depois, nome de brincadeira, ocasional, da sobrinha de Fernando Pessoa, “Mimi” ou Manuela Nogueira. Agradeço a Luís Prista esta referência.

Gazetilha” tenha migrado para essa sequência de “Poemas para Lili”? Penso ter encontrado uma explicação depois de ter procurado as “cópias dactilografadas” que se encontram referidas na *Fotobibliografia*, onde se lê (acrescento as cotas): “no espólio do poeta estão patentes diversas cópias dactilografadas deste texto [‘Anti-Gazetilha’]: umas sem título [BNP/E3, 17-59^r e 17-63^r], outras sob os títulos de [‘No Comboio Descendente’ [BNP/E3, 17-60^r], ‘Viagem’ [BNP/E3, 17-61^r] ou ‘Anti-gazetilha» [BNP/E3, 17-62^r], esta realmente conforme com a versão publicada pelo *Sol*” (Sousa, 1988: 145). Das cópias referidas, “Anti-Gazetilha” é, pois, a que “esta realmente conforme com a versão publicada pelo *Sol*”, já que é a cópia que Pessoa terá guardado do original que enviou ao diário. Mas o interessante é que Pessoa terá alterado o título de um poema que carecia de título ou se intitulava “No Comboio Descendente” ou “Viagem”, e que um testemunho desse poema cujo título modificou se encontra na mesma folha dos outros dois poemas para Lili: “Pia, pia pia” e “Levava eu um jarrinho” (BNP/E3, 17-59^r), sendo que de “Pia, pia, pia” existe um testemunho datado de “9/XI/[19]24” (BNP/E3, 48E-36^v). Estes factos sugerem que a “Anti-Gazetilha” de Fernando Pessoa talvez seja datável de 1924 e que Pessoa a modificou em 1926 para a remeter ao *Sol* depois de ter enviado a “Gazetilha Futurista” de Álvaro de Campos. De facto, os suportes em que ambos poemas se encontram – as cópias a químico BNP/E3, 70-42^r e 17-62^r, respectivamente – são idênticos.

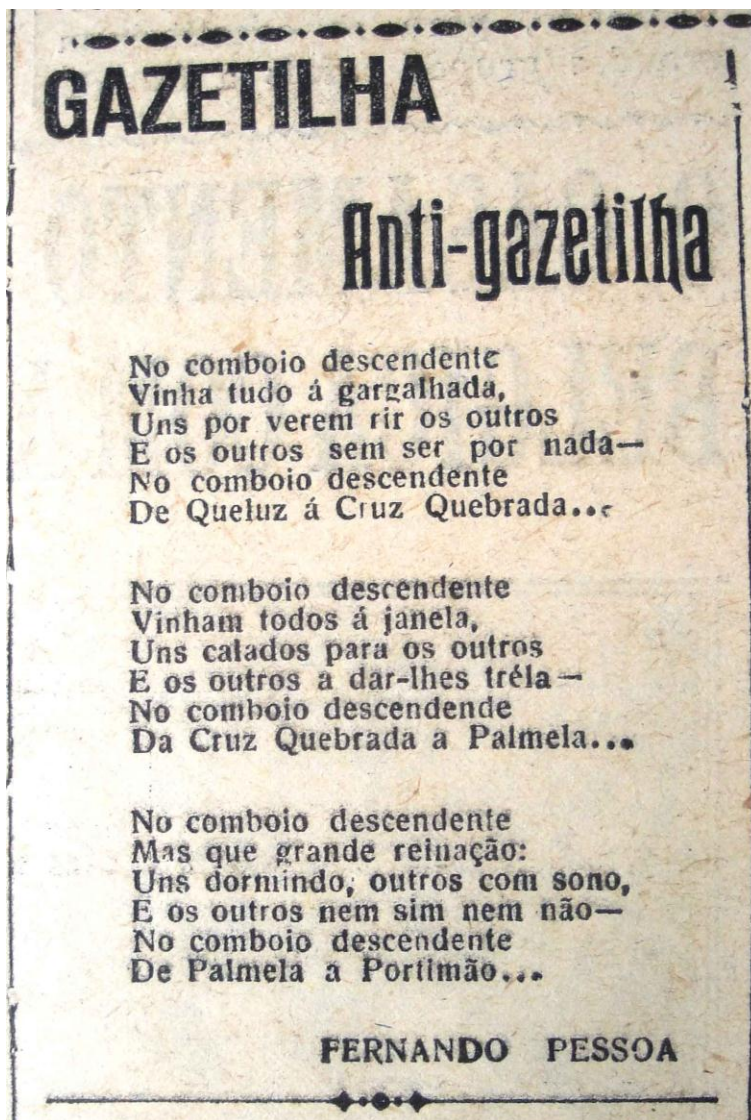
Agradeço a José Barreto – que percorreu o *Sol* e redescobriu a gazetilha de Campos – o envio das fotografias que fez do jornal, duas das quais integram o conjunto de imagens seguintes. Agradeço também, no nome dos dois, o apoio da Biblioteca Nacional de Portugal.

Bibliografia

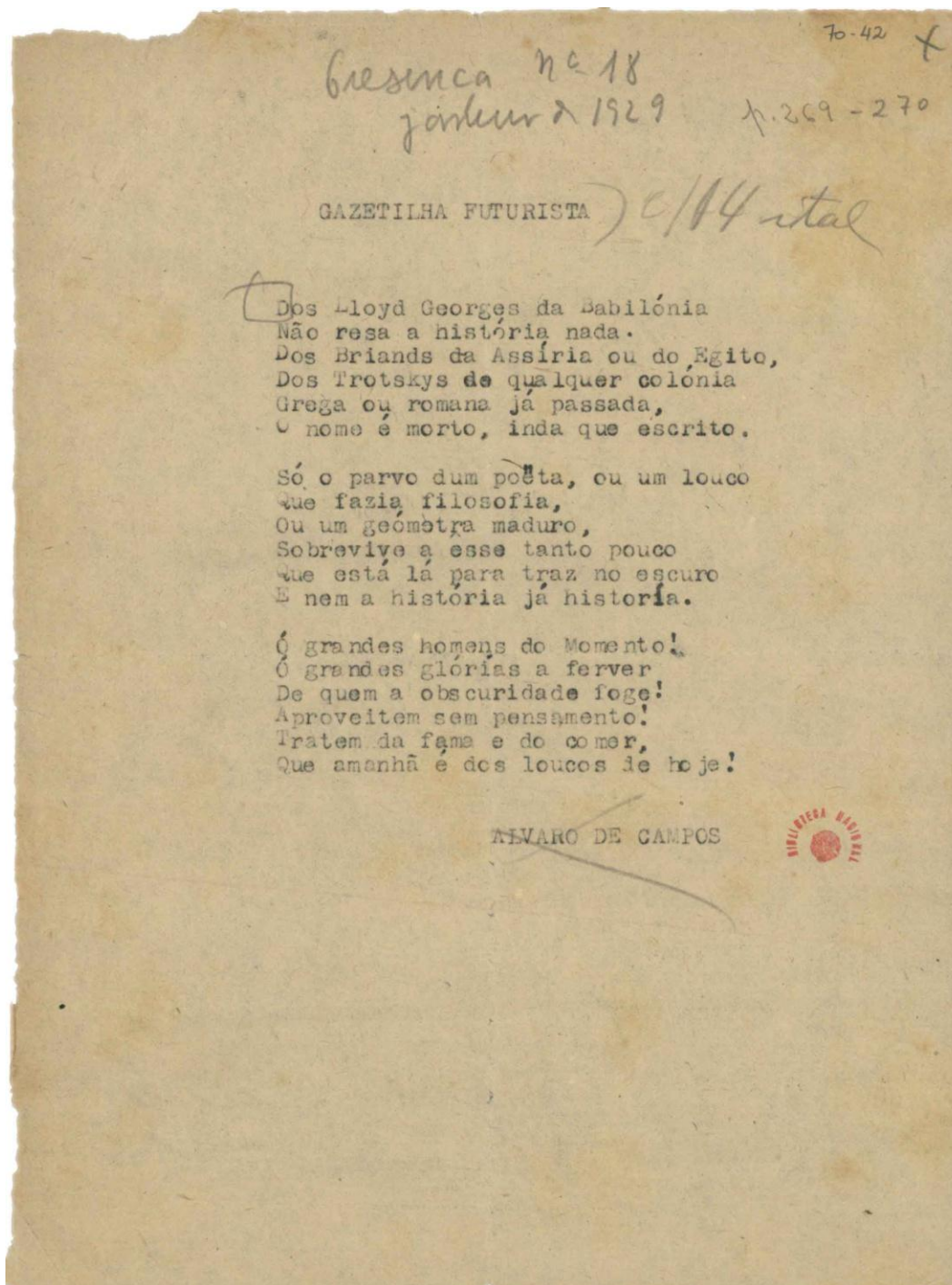
- Blanco, José (1983). *Fernando Pessoa – Esboço de uma Bibliografia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Centro de Estudos Pessoaanos.
- Galvão, José (1968). *Fontes Impressas da Obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: [s.n.].
- Nogueira, Manuela (1998). *O Melhor do Mundo são as Crianças: antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Pessoa, Fernando (2007). *Poesia dos Outros Eus*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim. Obra Essencial de Fernando Pessoa; 4.
- ____ (2002). *Álvaro de Campos – Poesia*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1993). *Álvaro de Campos – Livro de Versos*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa.
- ____ (1992). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Menor. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1990). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. II. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1965). *Quadras ao Gosto Popular*. Edição de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- Sousa, João Rui de (1988). *Fotobibliografia de Fernando Pessoa*. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Biblioteca Nacional de Portugal, 1988.



[Sol, 10 de Novembro de 1926]



[Sol, 13 de Novembro de 1926]



[BNP/E3, 70-42]

17-62

ANTI-GAZETILHA

No comboio descendente
Vinha tudo á gargalhada,
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada -
No comboio descendente
De Queluz á Cruz Quebrada...

No comboio descendente
Vinhão todos á janela,
Uns calados para os outros
E os outros a dar-lhes tréla -
No comboio descendente
Da Cruz Quebrada a Palmela...

No comboio descendente
Mas que grande reinação:
Uns dormindo, outros com sono,
E os outros nem sim nem não -
No comboio descendente
De Palmela a Portimão...

FERNANDO PESSOA



[BNP/E3, 17-62']

17-61

VIAGEM

No comboio descendente
Vinha tudo à gargalhada,
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada -
No comboio descendente
De Queluz à Cruz Quebrada...

No comboio descendente
Vinhão todos à janela,
Uns calados para os outros
E os outros a dar-lhes tréla -
No comboio descendente
Da Cruz Quebrada a Palmela...

No comboio descendente,
Mas que grande reinação!...
Uns dormindo, outros com sono,
E os outros nem sim nem não -
No comboio descendente
De Palmela a Portimão...

FERNANDO PESSOA



[BNP/E3, 17-61r]

17-63

No comboio descendente
Vinha tudo á gargalhada,
Uns por verem rir os outros,
E os outros sem ser por nada -
No comboio descendente
De Queluz á Cruz Quebrada.

No comboio descendente
Vinham todos á janella,
Uns calados para os outros
E os outros a dar-lhes tréla -
No comboio descendente
Da Cruz Quebrada a Palmella.

No comboio descendente
Mas que grande reinação!
Uns dormindo, outros com sono,
E os outros nem sim nem não -
No comboio descendente
De Palmella a Portimão.



[BNP/E3, 17-63r]

17-60

NO COMBOIO DESCENDENTE...

No comboio descendente
 Vinha tudo á gargalhada,
 Uns por verem rir os outros
 E os outros sem ser por nada -
 No comboio descendente
 De Queluz á Cruz-Quebrada.

)
) bis
)

No comboio descendente
 Vinham todos á janella,
 Uns celados para os outros
 E os outros a dar-lhes tréla.
 No comboio descendente
 Da Cruz-Quebrada a Palmella.

)
) bis
)

No comboio descendente
 Mas que grande reinação!
 Uns dormindo, outros com somno,
 E os outros nem sim nem não -
 No comboio descendente
 De Palmella a Portimão.

)
) bis
)



[BNP/E3, 17-60r]

17-59

No comboio descendente
 Vinha tudo a gargalhada,
 Uns por verem rir os outros
 E os outros sem ser por nada -
 No comboio descendente
 De Queluz à Cruz Quebrada...

No comboio descendente
 Vinham todos à janella,
 Uns calados para os outros
 E os outros a dar-lhes trela -
 No comboio descendente
 Da Cruz Quebrada a Palmella...

No comboio descendente
 Mas que grande reinação!
 Uns dormindo, outros com sono,
 E os outros nem sim nem não -
 No comboio descendente
 De Palmella a Portimão...

Pia, pia, pia
 O mocho,
 Que pertencia
 A um coxo.

Zangou-se o coxo
 Um dia,
 E metten o mocho
 Na pia, pia, pia...

Levava eu um jarvinho
 P'ra ir buscar vinho;
 Levava um tostão
 P'ra comprar um pão;
 E levava uma fita
 Para ir bonita.

Correu atrás
 De mim um rapaz:
 Foi o jarro p'ra o chão,
 Perdi o tostão,
 Rasgou-se-me a fita...
 Vejam que desditã!

Se eu não levasse um jarvinho,
 Nem fôsse buscar vinho,
 Nem trouxesse uma fita
 Para ir bonita,

Nem corresse atrás
 De mim um rapaz
 Para ver o que eu fazia,
 Nada d'isto acontecia.

Fernando Pessoa.



[BNP/E3, 17-59]

27. Como a noite é longa... 5. 05.

28. Como a noite é longa...

Maravilhosa pra
 Se luz ou um verso!
 Sino, apaga, pra quem
 Que after me depois?
 Que noite apacienta
 Me distrai um momento
 Afofoa o coração?
 (Muito bom, mas
 não me convence.)

9/11/24

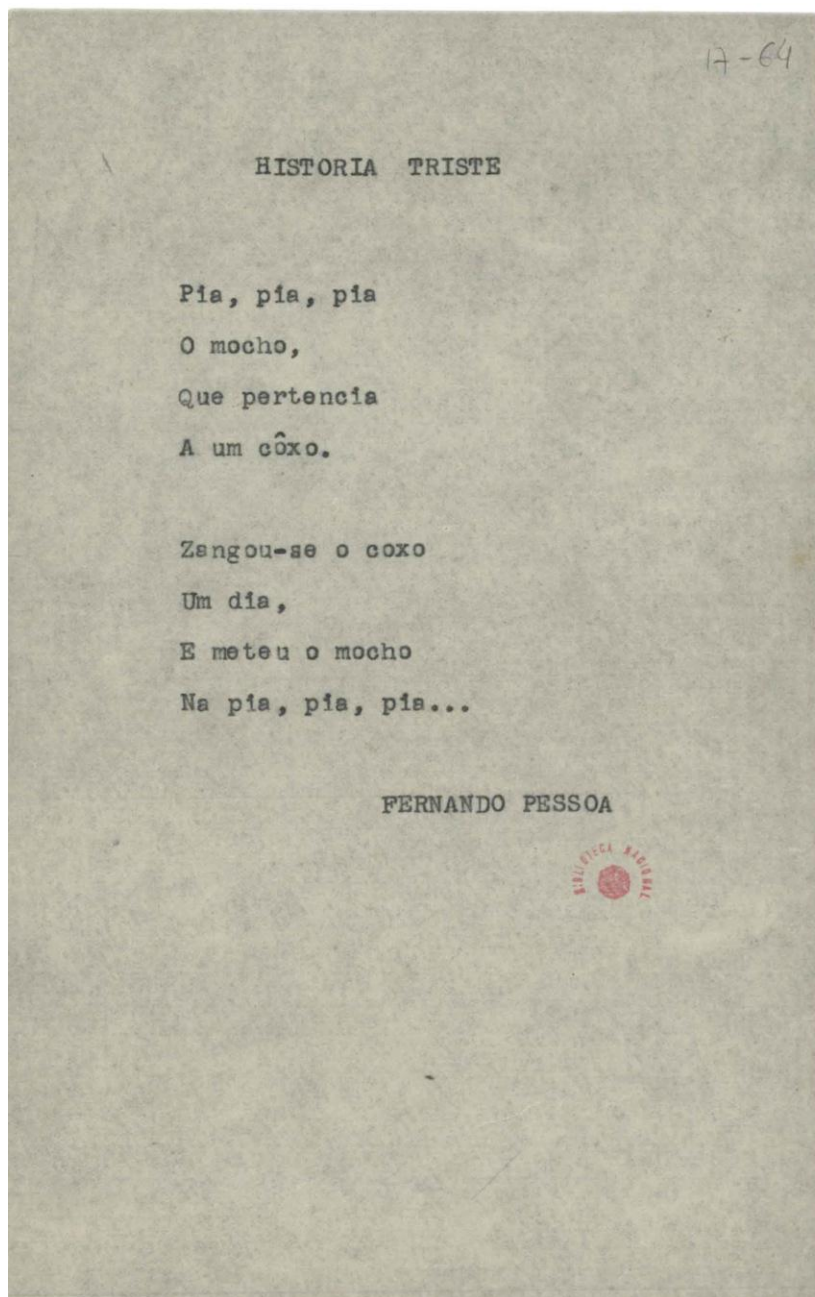
Rã, pia, pia
 o ruído
 em pertença
 Alvo.

Logo Baga no coxo
 e a via
 Baga no coxo
 na pia, pia, pia.

Em cima dos arbustos de jasmim
 e das flores arbóreas.

Diferente de tudo como tudo
 Caído.

[BNP/E3, 48E-36v]



[BNP/E3, 17-64^r]



[Presença, 18, Janeiro de 1929]

Film Fragments

Paulo de Medeiros*

Pessoa, Fernando (2011). *Argumentos para Filmes*. Edição, introdução e tradução de Patrício Ferrari and Cláudia J. Fischer. Posfácio de Fernando Guerreiro. Lisboa: Ática.

The publication in 2007 of a small book edited by Patrick Quillier with the title *Courts métrages* and attributed to Fernando Pessoa (Paris: Chandeigne), should have caused some commotion. In it Quillier brought to light four little fragments of film scripts written by Pessoa that should signal that the critical emphasis on Pessoa solely as a great wordsmith with a dislike for the visual arts could not be maintained. Joana Matos Frias, in her otherwise excellent entry on “Cinema” in the *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (Lisboa: Caminho, 2008), best reflects that attitude when she does not hesitate to say that, in spite of a few known texts where Pessoa, in his various guises, mentions cinema, “Pessoa nunca se interessou pelo cinema” (124). Granted, the texts published by Quillier are fragmentary and no one would say that they constitute a great intervention on cinema on the part of Pessoa. Still, the interest was not just a passing one and in the recently published *Argumentos para Filmes*, edited by Patrício Ferrari and Cláudia J. Fischer, one can see that, besides writing those brief fragmentary scripts, Pessoa also collected newspaper and magazine pieces on film, and that he sketched plans for his own film company a number of times. As such, *Argumentos para Filmes* provides a solid argument for a rethinking of Pessoa’s engagement with cinema and with the visual arts in general. In his edition Quillier had included a brief preface where he already highlights the importance of those script fragments in terms of the way they both problematize questions of identity in relation to social class and essay a form of cinema that, either by privileging confined and close spaces, or rapidly moving from scene to scene, could be said to have elements of surrealism. In their own introduction to *Argumentos para Filmes* Ferrari and Fischer also call attention to the importance of space in those fragments and explain how they have searched Pessoa’s archives so as to include in this edition all the materials that could be found relating specifically to cinema. The book is an important contribution to anyone engaged with Pessoa and Modernism studies not only by making those texts easily accessible but also by including detailed notations about them and a number of *fac-simile* reproductions that, their small size notwithstanding, are very welcome.

* Universiteit Utrecht - Opleiding Portugese Taal en Cultuur.

Fernando Guerreiro's essay that comes at the end of the book is also especially welcome as a first move to interpret the fragments in their historical context and theoretical interest. The tension between holding on to the former view of Pessoa as uninterested in cinema and the necessary revision occasioned by the publication of these materials is still visible in his essay. And one could argue that at least half of the essay is still devoted to refer to the beginning of cinema in Portugal and the relationship (or lack of it) that Portuguese intellectuals held to it, with António Ferro being the one most vocal on the qualities of the new art form. Yet, Guerreiro's contribution is a very clear and finely balanced essay that both provides the necessary contextualization and, without falling into a misplaced eulogy of Pessoa, subtly recalls some key aspects the fragments and other texts by Pessoa relating to cinema that ask for a problematization in theoretical terms, be it in reference to the concept of the aura or the simulacrum. Like other volumes previously published in this new series of Ática's *Obras de Fernando Pessoa*, this is a significant contribution to Pessoa studies that is also very appealing from a graphic perspective, emulating the look of the old publications but having a very clear and legible print. Today's technology, enabling the inclusion of high quality scanned images of the originals certainly contributes to the value of the book as a whole, but ultimately it is the careful and detailed research of the editors in the archives, whether personal ones or at the Casa Pessoa and at the Biblioteca Nacional, that make it possible for a broad public to have easy access to these documents. This book brings to the fore important questions concerning Pessoa's aesthetics and will be certainly very welcome by scholars and students alike.